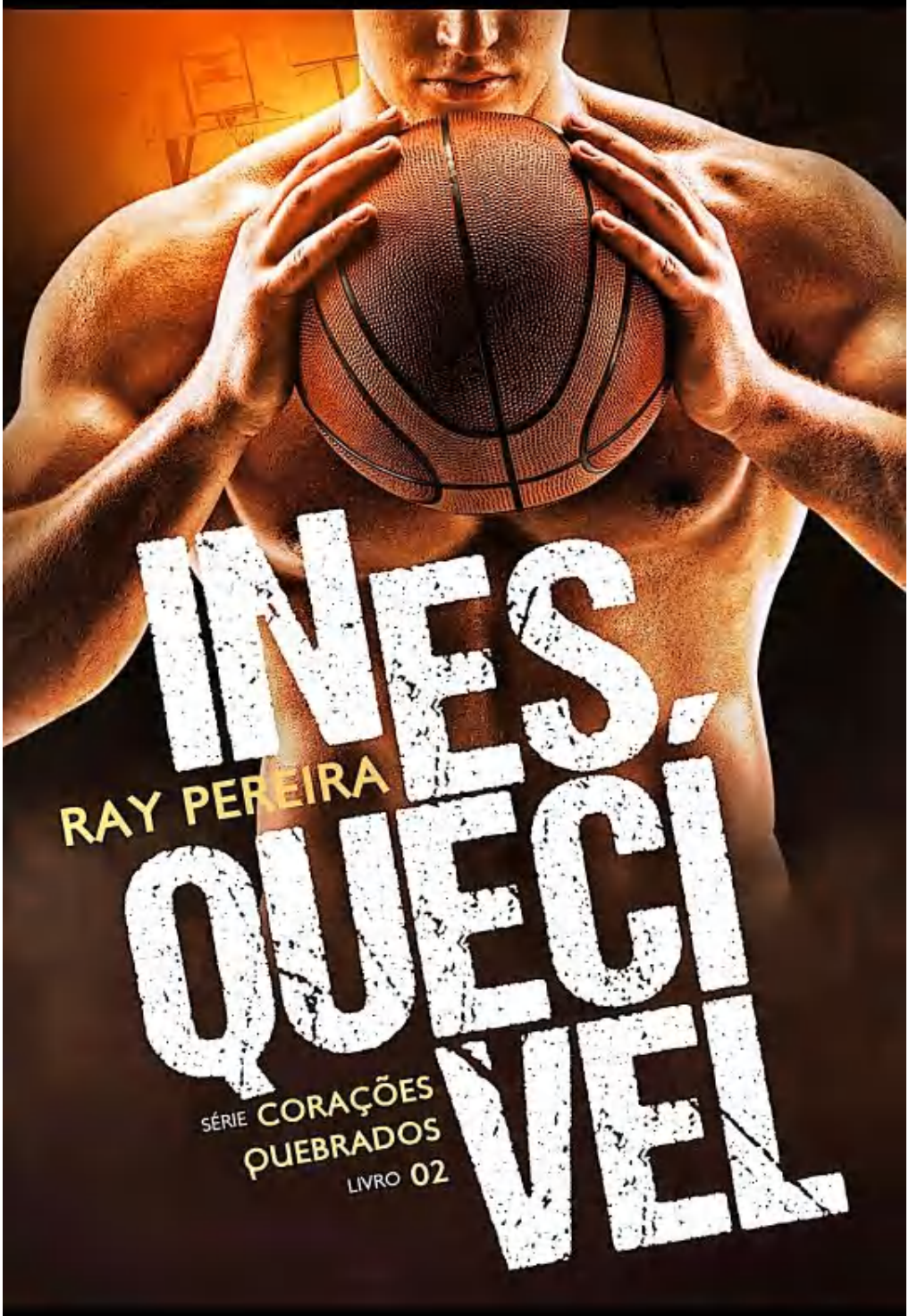

RAY PEREIRA
INESQUECÍVEL
SÉRIE CORAÇÕES QUEBRADOS
LIVRO 02



Sinopse

Até onde estamos dispostos a renunciar às coisas que mais queremos, por pessoas que amamos?

Benjamin Davis é o jogador mais popular do time de basquete.

O típico cara que sorri e te faz querer entregar o coração - e a calcinha - em qualquer lugar. Leve, divertido, carismático, é capaz de conseguir quase qualquer coisa com seus olhos brilhantes e sorriso sedutor.

Menos o que ele mais deseja: paz.

Por trás da máscara de bom moço, existe um segredo que pode destruir seus sonhos mais importantes, tornando seu futuro incerto e decepcionando as pessoas que mais ama.

Chiara Roosevelt é uma promissora estudante de medicina.

Inteligente, desde cedo a garota precisou aprender a conviver com a dor em suas mais distintas formas. E, especialmente, viu na prática que nem sempre é possível ter o que mais deseja.

Entretanto, quando o garoto que representa seus sonhos adolescentes jamais vividos

a beija no meio de uma festa, Chiara compreende que o jogador popular que vinha se esforçando para tê-la como amiga, podia facilmente encontrar um caminho para seu coração.

Determinada a não permitir que essa tragédia acontecesse, a garota reclusa decide entrar em seu jogo e dar uma chance a uma relação casual onde facilmente enjoariam um do outro.

Porém, quando isso não acontece, a proximidade a leva a perceber que de todos os corações que podiam se partir, Benjamin Davis seria aquele que acabaria destroçado.

O que ninguém a ensinou, foi que não importava o quanto alguém era treinada para tomar decisões racionais, o coração sempre encontraria um jeito de mudar seu destino de uma maneira inesquecível.

Quer isso fosse bom, ou algo completamente destrutivo

Inesquecível – 1º edição

Copyright © 2023 Ray Pereira

Revisão: Lidiane Correa

Capa: Will Capas

Diagramação: Ray Pereira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou situações não correspondem à realidade.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, sem permissão dos detentores dos direitos autorais.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido por através da lei 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Texto revisado de acordo com as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Aviso de gatilho

Este livro não é recomendado para menores de 18 anos. Contém linguagem adulta, conteúdo sexual descritivo, ataque terrorista, alcoolismo e uso de substâncias ilegais. Os temas abordados não são romantizados, porém podem gerar gatilho emocional.

Se você é sensível aos temas abordados, sugiro a não continuidade da leitura.

Dedico esse livro a você que esconde
suas cicatrizes.

Aquelas que podemos ver, mas também
as que se estão em nossa alma.

Agradecimentos 

Agradecimentos

Não me restam dúvidas de que se eu tenho personagens capazes de me deixar doidinha, esses são os Davis. A cada livro uma emoção nova, incontáveis coisas que dão errado e já bate a certeza de que eu não vou conseguir.

Mas, mais uma vez, eu estou aqui!

E consegui graças a muitas pessoas que não soltam a minha mão, independente de quão caóticas estejam as situações.

Então, gostaria de agradecer às minhas amigas: Ari Fonseca, Dani Barreto, Crys Carvalho, Taiane Bastos, Elida E Fabi Dias. Sem vocês esse livro não teria saído, porque desistiria dele antes mesmo de chegar à metade. Obrigada por ouvirem meus surtos, por todas as vezes em que eu quis jogar o livro na lixeira e vocês me impediram, por aturarem minhas súbitas ideias que me faziam voltar para acrescentar coisas e por me acalmarem quando eu tinha certeza de que seria impossível. Vocês são incríveis e eu amo vocês. Obrigada por serem a minha Found Family.

Agradeço IMENSAMENTE a CADA UM DE VOCÊS que leram Imbatível, que me mandaram mensagens de encorajamento, que desabafaram, agradeceram pela história e me fizeram chorar. Se hoje nós temos um Benjamin, é por vocês.

As minhas meninas lindas do grupo do whatsapp Amores da Ray! Obrigada por serem as melhores leitoras e amigas que eu poderia ter.

Minha família, que sinceramente, atura a cada vez que eu digo que *não posso*: Sair, ficar na porta de casa conversando, beber uma cervejinha gelada naquele dia, mas que sempre me apoiam, curtem meus posts, vibram com minhas conquistas. Vocês são maravilhosos e eu amo vocês! (e a minha tia que vem arrumar meu guarda-roupa e meu escritório, pra eu me concentrar em escrever já que todos sabem que eu sou a pior virginiana do mundo quando o assunto é faxina).

As meninas da Fox Assessoria, que nesses quarenta e cinco do segundo tempo seguraram e muito a minha mão.

A Drica e equipe e Jane e equipe. Vocês são incríveis!

A Ó2 que está trabalhando para deixar meu feed bem bonito. Meu muito obrigada

por, além do serviço, paciência e por estarem na torcida por mim sempre.

E, claro, a todos vocês pela paciência.

Inesquecível foi um livro em que eu precisei parar várias vezes para lidar com processos emocionais/familiares. Demorou muito. Benjamin e Chiara mudaram tudo que eu havia planejado (TUDO MESMO), mas eles chegaram, e eu estou torcendo para que vocês se apaixonem por eles.

Agradeço a todo mundo que está me ajudando a divulgar Inesquecível. A cada mensagem de apoio que recebi quando me perguntavam quais as expectativas, e eu dizia que abaixo de zero. Vamos que vamos, e só vamos porque eu posso contar com vocês.

E agradeço a você, que chegou até aqui.

Seja por indicação, por gostar da capa, por estar ansiosa aguardando esses dois (desculpa, eu juro que não demoro mais tanto)

Desejo que como o Benjamin quer fazer com a Chi, eles dois também se tornem inesquecíveis para vocês.

Ah, e não deixa de me gritar lá na DM ou no whats, vou amar saber o que achou/está achando!

Muito obrigada, amores!



Nota da autora

Nota da autora

Antes que vocês comecem a leitura, peço, encarecidamente, que me deem dois minutos da sua atenção. Precisamos falar a respeito de algumas coisas.

Primeiramente, gostaria de pedir desculpas pela quantidade de páginas. Eu JURO que na minha cabeça ele seria bem menor, porém Benjamin e Chiara simplesmente NÃO PARAVAM DE FALAR UM SÓ SEGUNDO (inclusive, tive que reler e apagar algumas cenas). Eles mudaram muitas coisas das quais eu havia organizado e se recusavam a conversar comigo, a não ser que eu fizesse as coisas do modo deles. Às vezes eu odeio meus personagens, sério.

Em segundo lugar, gostaria de lembrar que a vida é um processo. A história do Ben e Chiara é diferente em todos os sentidos do Andrew e da Leigh. Seus processos são diferentes, e o ritmo do livro é outro. Um bem diferente também.

Os plots do livro foram decididos no ano passado. Infelizmente (e para meu total surto) muitas coisas aconteceram esse ano e

eu pensei mil vezes em mudar um dos plots, entretanto, já em processo de loucura para finalizar, eu não teria como. Então, existem capítulos com sinalização de tema sensível, como foi feito em Imbatível.

Equilíbrio é tudo – que eu não tenho.

Vocês vão encontrar capítulos de seis mil palavras e alguns outros com menos de dois mil. Desculpa por isso, sério.

Por fim, e não menos importante, eu espero que vocês se divirtam. Que vocês compreendam os motivos da Chiara para fazer todas as coisas que faz. Que vocês amem o Benjamin, o maior cadelinha dos Davis, e que não queiram me matar.

Ah, a Chiara é estudante de medicina. Quando surgiu a ideia para o projeto dela, nem eu sabia que era possível. Até então seria um devaneio da minha mente, mas, pesquisando, descobri que ele existe. Choque total para mim.

Me esforcei para retratar da maneira mais real possível o projeto que ela estava desenvolvendo. Lembrando que a Walker é uma universidade que nasceu em minha mente, justamente para que eu pudesse usar as regras que eu quisesse, sem me ater aos conceitos das demais universidades. Em uma vida

normal, sem dúvida, Chiara, estudante do primeiro ano, não poderia participar do projeto de forma tão ativa.

Se você é mediciner (primeiramente, parabéns. Estudei um tiquinho e quase fiquei doida) e quiser dar alguma sugestão – ou puxar minha orelha, me chama lá na DM ou no whats.

Ah, as ilustrações estão espalhadas aí no meio dos capítulos.

Meu privado está completamente disponível a surtos!

Espero que gostem desses dois.

Beijos, Ray

Sumário

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20

Capítulo 45

Epílogo

Bônus 1

Bônus 2

Epígrafe

Às vezes, você consegue
o que sempre desejou
E, na maioria das vezes, não é
no prazo esperado, mas tudo bem
Eu estava exausta e cansada
de tentar o amor das pessoas
Mas você se encaixa tão bem

Quando eles perguntam o
motivo, eu nunca consigo explicar
Mas uma sinfonia tocou
quando você me disse seu nome
E eu considerei isso um sinal

Você será meu começo,
meu meio, meu fim?
Você será meu começo,
meu meio, meu fim?

Você será meu começo,
meu meio, meu fim?
Você será meu?

Às vezes, é difícil ver o
que o futuro reserva
E, na maioria das vezes, parece
uma subida íngreme, e está tudo bem
Há magia nos detalhes, nos
pequenos e ternos gestos de amor
E na forma como todos eles se somam

Beginning Middle End – Leah Nobel



Prólogo

6 anos antes

Eu mal podia acreditar nisso!

Primeiro dia de aula.

Não para as pessoas normais, claro. Para mim, que estava chegando bem no meio do ano letivo.

Mas eu não me importava.

Finalmente eu poderia interagir com pessoas da minha idade, ter amigos de verdade, beijar na boca como todas as meninas já tinham feito.

Não foi fácil conseguir estar aqui.

Mamãe queria que eu continuasse a estudar em casa como tínhamos feito desde sempre. Meu pai e o doutor Harris conseguiram fazê-la entender que era desnecessário me fazer estudar no sistema Homeschooling como uma prisioneira. Que um dia, eu acabaria enlouquecendo.

E, para ser sincera, não estava muito longe desse dia chegar.

Mas eles conseguiriam, e agora eu sentia que outras vitórias estavam por vir. Quem

sabe eu não poderia, apesar de tudo, ter uma visa minimamente normal, dormindo na casa das amigas que eu faria, ou podendo ir ao shopping fazer compras enquanto tomava uma casquinha de sorvete.

Um passo de cada vez.

Suspirei, olhando ao redor. Agora eu estava aqui.

Em uma escola nova. A única novidade em minha vida desde que nós havíamos saído da Dakota do Sul e ido para o Tennessee por causa do Dr. Harris. Eu estava animada.

Aqui eu poderia construir boas memórias, fazer amigos e, quem sabe, ser a rainha do baile com um cara tão lindo quanto o Chris Evans.

Sorri para o nada. Para o tudo. Para o enorme corredor repleto de pessoas que eu nunca tinha visto na vida. Ver estranhos nunca foi tão bom. Eu mal pisava os pés fora de casa, então ver rostos era... magnífico.

A sensação de felicidade era entorpecente. A brisa que batia no meu rosto tentando balançar meu cabelo perfeitamente preso em um rabo de cavalo, era gelado e refrescante.

Nada, absolutamente nada, podia fazer com que esse fosse um dia ruim. Finalmente, depois de tantos anos, eu podia ser uma garota quase normal. E esse era um dos motivos pelos quais eu continuaria me dedicando à ciência. Para que eu pudesse riscar esse *quase*.

Outra vez, sorri, enquanto olhava ao redor, para o mar de adolescentes com os quais eu já estava ansiosa para interagir, mesmo sen-

tindo um enorme embrulho no estômago ao pensar sobre isso.

Será que eles seriam cordiais e se aproximariam de mim? Será que eu conseguiria me sentir à vontade para conversar com eles? Será que eu seria boa em fazer amigos? Papai achava que sim, que eu seria boa em qualquer coisa que quisesse fazer, então me sentia um pouco mais confiante. Acreditava nele, e gostava que ele acreditava em mim.

Mamãe havia escolhido para mim uma blusa de mangas compridas, até o pulso e uma calça jeans folgada. Por mais que meu pai achasse que eu já devia poder me vestir sozinha, mamãe prezava, acima de tudo, pelo meu conforto e para que eu quase não tivesse pele exposta. Ela era um pouco neurótica com essas coisas, mas eu também a compreendia, afinal, seria eu a lidar com as consequências de qualquer coisa.

As outras meninas usavam vestidos coloridos e coisas mais leves. O tipo de roupa que minha mãe jamais permitiria que eu usasse. O que era uma pena, gostaria de saber como vestidos ficavam em mim.

Mas uma vitória era uma vitória. Eu não podia reclamar.

Então, mesmo nervosa, mal podia esperar para sentar-me na minha cadeira e sorrir para a pessoa que ficaria ao meu lado. Torcia para que, quem quer que fosse, gostasse de mim.

— Ih, olha só! — um garoto de cabelo escuro e sardas no rosto gritou, apontando para mim. Três outros meninos se aproxima-

ram, formando um semicírculo ao redor dele, todos olhando em minha direção. Meu coração deu um pulo no peito com o susto. Ele estava falando comigo? — O quatro olhos balofo voltou. — Ele riu. — Pensei que você nunca mais fosse aparecer depois de ter saído chorando que nem uma menininha ontem.

— Quero ver quanto tempo você vai aguentar antes de ir embora chorando novamente, seu bebezão — outro garoto, um de cachos ruivos, gritou.

Depois, todos começaram a imitar um bebê chorando, usando as mãos, mantendo os punhos fechados em frente aos olhos, como em um choro infantil. Eles deviam ter uns dezesseis anos, mas se comportavam como idiotas.

Olhei para trás tentando ver com quem eles falavam. Quase dez passos atrás, um garoto de óculos vinha com uma expressão séria, como se fingisse não prestar atenção no que diziam. As mãos estavam esticadas ao lado do corpo. Os punhos cerrados com tanta força que eu tinha certeza de que a mão dele poderia começar a sangrar a qualquer momento. Estava tenso.

Fiquei com pena dele.

Era ruim ter as pessoas te olhando e rindo de você. Especialmente quando ninguém fazia nada para as pessoas pararem de rir.

Mordi a boca, parando em seguida ao me lembrar que devia evitar me machucar a todo custo. Mamãe podia surtar se encontrasse nem que fosse um pequeno arranhão

em mim, e isso faria com que eu nunca mais pusesse os pés para fora de casa.

Passei pelos garotos apertando mais os livros que carregava contra meu corpo, como se isso fosse me tornar invisível para eles. Os garotos continuaram a imitar um bebê chorando.

Minha respiração foi ficando mais rápida. O garoto, àquela altura, já tinha passado por eles. O som foi, aos poucos, ficando mais para trás. Inspirei, aliviada, quando, por fim, não conseguia mais ouvi-los.

Dei mais alguns passos pelo corredor até chegar ao meu armário. Eu já sabia qual era. Mamãe fez questão de vir aqui comigo na sexta, enquanto os alunos estavam nas salas. Queria ter certeza de que da minha sala para a direção não seria longe demais, caso eu precisasse me retirar, ou que a enfermeira seria capaz de me auxiliar até que ela viesse me buscar.

A diretora, depois de esclarecer todas as mil dúvidas de mamãe, nos levou para um passeio de reconhecimento pela escola e eu tinha certeza de que meus olhos estavam brilhando.

Apertei os olhos, assustada, quando a porta ao meu lado se abriu com força fazendo um barulho inesperado. Pus a mão sobre o coração como se isso fosse ajudar, de alguma maneira, o desaceleramento das batidas.

— Desculpa. — A voz ao meu lado soou irritada demais. — Não quis te assustar.

Abri os olhos depois de contar mentalmente até cinco, tentando fazer com que meu

coração batesse em um ritmo normal e encontrei um par de óculos que escondiam íris fumegantes de raiva. Suas pupilas estavam dilatadas, mas dava para enxergar o verde bonito dos olhos.

Eu sorri para ele, tentando ser gentil.

— Tudo bem, não tem problema — respondi.

O garoto tentou sorrir também, mas os gritos de zoação ficaram mais altos. Ele ficou tenso novamente enquanto os garotos idiotas passaram por nós falando coisas horríveis outra vez. E continuaram até que não pudessem mais nos ver.

— Eu sinto muito por isso — falei, sincera. — Ninguém devia ser tratado assim. Eles são assim sempre?

— Desde que aprenderam a falar. Mas não tem problema. Eles vão se arrepender. E não vai demorar.

Ignorei o tom sombrio em sua voz.

Ele era só um garoto que estava sendo machucado por um bando de idiotas que se achavam melhores que os outros.

Peguei o livro de Geografia e de História para que não precisasse voltar aqui no próximo tempo. Quanto mais eu evitasse andar, menos eu me cansaria. Menos eu sentiria dor.

— Meu nome é.... — O garoto estendeu a mão em minha direção.

O sinal tocou, indicando que devíamos ir para a sala. Não consegui ouvir o que ele disse, mas sorri, constrangida demais para pedir que repetisse seu nome.

— Prazer — repliquei, sorrindo outra vez. Eu queria que ele soubesse que existiam pessoas gentis no mundo, mesmo quando algumas babacas andavam por aí. — Meu nome é Chiara.

Ali, eu tinha certeza de que começaria uma amizade duradoura.

Uma pena que aquele primeiro dia de aula, foi o meu último.

E não foi apenas o último dia para mim.

Infelizmente.



Capítulo 1 – Benjamin

Puxei as mangas cinzas do casaco da Walker que vestia, mirando a cesta do outro lado da quadra em que praticava, cerca de cinco quarteirões de distância da universidade. Costumava jogar aqui às vezes, mas claro que teria sido muito melhor utilizar a da universidade.

O senhor Chester, nosso treinador, queria garantir que nós, mesmo os que permanecessem aqui no campus para as festas de final de ano, íamos relaxar, e não ficar obcecados em enterrar a bola na cesta.

Segundo ele, havia muito trabalho para ser feito quando estivéssemos de volta, e devíamos aproveitar as férias para comemorar as vitórias do primeiro dos três períodos dos campeonatos.

Como se a minha mente pudesse entrar de férias.

Nós tínhamos ido muito bem nos primeiros jogos, que funcionam como amistosos. Eles aconteceram entre novembro e dezembro. Esses jogos são muito importantes e é quando começam a analisar os times que merecem índices técnicos para o *March Madnes*.

Levando em conta nossa campanha, esperávamos ser convidados.

Agora começaríamos a segunda fase, a *fase doméstica*. O que significava que apenas times da mesma conferência se enfrentam e todos os times devem se enfrentar ao menos uma vez.

As maiores rivalidades costumam acontecer nessa fase. E nosso maior rival, o time que nos venceu no ano passado, tinha um bom time também. Tão bom quanto o nosso.

Mas a verdade é que nós estávamos mesmo ansiosos para a terceira e última fase. Ela é dividida em duas partes: Torneios conferenciais e o Nacional March Madness. Os torneios conferencionais funcionam como mata-mata e todas as equipes da liga podem participar.

Já no período do nacional, além das 32 equipes campeãs da conferência, 36 outras universidades são convidadas a disputar. O comitê da liga é quem escolhe quais os convidados, levando em conta índices técnicos. Depois, os 68 times são ranqueados e as disputas têm início no estilo mata-mata.

Os treinos ficariam mais pesados. Já tínhamos feito bons jogos na Non-conference e, sem dúvida, nosso convite para participar dos famosos jogos de março, conhecido como *March Madness* seria feito, mas não anulava o fato de que tínhamos que manter um ótimo nível na segunda fase também.

O problema era que, sem treinos oficiais, se eu continuasse aqui, sozinho, sem poder fazer *porra* nenhuma, acabaria surtando.

E eu não queria passar por tudo aquilo outra vez.

As noites já acabavam comigo por si só, não precisava de mais ajuda.

Apertei os olhos com força movendo a cabeça em negativa, tentando esquecer aqueles fantasmas. Eu não podia permitir que eles me dominassem.

Respira, Benjamin.

Foca.

Pensei, batendo com a bola no chão e pouco me fodendo se as regras diziam que não podia. Este jogo era entre mim e a minha mente fodida.

Corri, driblando adversários imaginários, enquanto tentava fazer uma cesta. Segurei a bola com as duas mãos, o joelho direito estava quinze centímetros à frente, como deveria ser. Flexionei-os corretamente para pegar impulso, mirei nos ganchos virados para mim que mostravam, mais ou menos, a largura da bola, o que tecnicamente falando garantiria que ela entraria no aro, e a soltei ainda da linha lateral, dando um pequeno salto e levando o punho para frente ao chegar à parte mais elevada do salto.

A bola circundou o aro e caiu no chão.

— Caralho! — reclamei, dando um soco no ar, vendo a porra da bola quicar algumas vezes no chão antes de parar, por fim. — Porra!

Joguei a cabeça para trás, frustrado, enquanto sentia a brisa brincar com alguns fios da minha nuca. Eu preferia quando o tempo estava frio, mas os últimos dias tem tido uma temperatura amena.

Contrastando com a dor que esmagava meu peito.

Sempre.

Todos os dias.

A cada segundo.

A cada batida do meu coração.

Respirei fundo, caminhando lentamente até o canto da quadra onde a bola havia parado. A área era rodeada por arames já velhos e partidos em alguns pontos, mas o que realmente importava, era que eu podia jogar.

Mesmo sozinho.

Eu odiava estar sozinho.

Segurei a bola com as duas mãos, jogando-a no chão em seguida e dando um tapinha nela ao subir em minha direção outra vez.

— Vamos lá, parceira. Não me decepciona, por favor — pedi à bola marrom e bastante gasta, como se a culpa de não conseguir fazer uma cesta sequer fosse dela, não minha.

Não da minha mente fodida.

Corri pela quadra um pouco, parando na linha de três pontos, repetindo o processo anterior e esperando, ansioso, enquanto a bola seguia o trajeto que eu havia estabelecido. Ela bateu no aro e caiu no chão.

Outra vez.

— PORRA! — gritei para o nada, esfregando minha mão pelo rosto.

Eu tinha que relaxar. Sabia disso.

Como poderia ser um bom jogador se perdia a cabeça por qualquer besteira? Se dei-

xasse com que meus fantasmas me atacassem? Se meu coração continuasse a atacar nesses momentos? Como poderia ajudar o time e me destacar o bastante para que, quando me formasse, fosse convidado para integrar o time dos Lakers?

Esse era o único momento em que eu conseguia esquecer todo o resto. Menos nessas circunstâncias. Quando estava só. E eu odiava isso.

Precisava dar mais de mim para conquistar tudo.

O sonho de todo e qualquer jogador de basquete.

O meu sonho.

A chance que o destino me daria para que pudesse devolver ao meu irmão, com juros, tudo que ele fez por mim.

Andrew era o meu irmão mais velho. Pelo menos, era isso que ele devia ser, mas quando a nossa mãe morreu naquele maldito acidente, ele se tornou muito mais que isso, já que nosso pai morreu um pouco também.

Morreu completamente, na verdade.

A única coisa na qual ele pensava, a única coisa que se tornou importante para ele, eram as garrafas de cachaça.

Dúzias de garrafas.

Litros e mais litros de bebida.

Eu tinha poucas memórias desse período. Infelizmente, tinha todas as do acidente. Jamais conseguiria esquecer as horas que passei naquele carro. A maneira como nossa mãe...

Meu coração comprimiu.

Joguei a bola no chão, tentando me concentrar.

Não pensar no passado.

Não pensar no passado.

Era difícil.

Era difícil para mim., para nós todos, na verdade, ver como a nossa vida havia se encaminhado. Andrew perdeu muito, abriu mão de ser um grande jogador de hóquei em Harvard para cuidar de nós sem jamais nos cobrar nada.

Eu, Jackson e Olívia, nossa caçula, devíamos nossas vidas estáveis a ele, que mesmo sofrendo com a perda da nossa mãe, nunca descuidou de nenhum de nós, muito pelo contrário: ele foi nosso maior motivador, melhor técnico, o torcedor mais animado.

Mesmo quando perdeu seus maiores sonhos.

Ele quem me levou para a minha primeira festa e me ensinou a ter limites com bebida, depois repetiu o processo com Jackson. Andrew Davis nos ensinou sobre quase tudo. E me sentia na responsabilidade de retribuir, de alguma maneira, tudo que ele havia feito por nós.

Por mim, em especial.

Então, eu precisava disso.

Eu me esforçava, mesmo nos meus piores dias.

Aquele dia mudou tudo para nós de uma maneira irreversível, e mesmo que agora

ele tenha conseguido realizar o sonho de entrar para o time de hóquei, eu ainda me sentia na obrigação de fazer tudo que estivesse ao meu alcance para dar o melhor por ele.

Inspirei fundo, sentindo meu coração bater forte no peito. Abri e fechei minha mão esquerda, tentando me controlar.

Eu estava nervoso, e a culpa era do caralho das noites insones.

E de tudo que vinha com elas.

Odiava-as.

E isso fazia com que se tornasse difícil, ou quase impossível, manter a parte mais obscura de mim escondido. Todas as partes que eu queria manter em segredo.

A parte que odiava a felicidade.

A parte que eu escondia usando a máscara de cara legal e divertido. Eu gostava muito mais de ser aquele cara.

Era exatamente por isso que eu estava aqui.

Hoje eu não me sentia bem para lidar com pessoas sorrindo quando a única coisa que eu queria era estar em qualquer outro lugar.

Não conseguia lidar com a felicidade que emanava de todas as pessoas que moravam em meu apartamento naquele instante. Os pais da Leighton estavam lá para o feriado de Natal, e eu estava contente por eles, especialmente por toda comida caseira que tínhamos em casa desde que eles chegaram.

Meu irmão estava feliz de uma maneira que eu nunca tinha visto. Andrew, que tanto

dizia que não se deixaria levar por uma boceta, se apaixonou de verdade, e eu não poderia estar mais feliz por ele. Olívia também tinha vindo passar uns dias conosco e estava na rua fazendo compras com o Jackson.

E eu?

Estava enfrentando o meu maior pesadelo.

Apertei os olhos outra vez, mas com mais força.

Eu tinha que me concentrar. Precisava parar de pensar. Inspirei fundo, indo até a bola outra vez. Voltei ao fundo da quadra e, concentrado, voltei a correr pela quadra batendo com a bola no chão. Dessa vez, eu tentaria uma enterrada ao invés do arremesso. Corri, batendo a bola no chão e, quando julguei ter encontrado a posição perfeita, saltei, errando a posição do pé de força, o que não ajudou o impulsionamento.

Resultado: Caí de bunda no chão.

— Merda — gritei, dando um tapa na coxa.

Joguei meu corpo para trás, tentando controlar a respiração outra vez, enquanto sentia o chão gelado aliviar o calor causado pelos movimentos.

Senti o suor escorrer pelo meu rosto, pousando o braço sobre meus olhos para evitar que alguma gota salgada encontrasse meus olhos.

Aquilo era um inferno.

Eu precisava, sei lá, realinhar a porcaria dos meus chacras, encontrar o meu superpo-

der outra vez e voltar a ser o melhor jogador do time antes que nosso técnico me visse errando coisas que eu costumava fazer com os olhos fechados.

— Não consegue mais acertar um buraco, Davis? — Eu nem precisava vê-lo para reconhecer o tom de deboche.

Jonh, era meu parceiro de time. Podia ouvir sua risada, como se meu fiasco fosse o caralho de uma comédia estrelada pelo Adam Sandler com roteiro ruim, mas que não conseguimos parar de ver.

— Vem aqui pra você ver se não acerto o seu, filho da puta. — Ele gargalhou, o que me irritou ainda mais. Levantei o braço que estava sobre meus olhos mostrando o dedo do meio para ele.

— Tá mais fácil eu acertar o seu — retrucou.

Por mais que me doesse admitir, ele estava certo.

Minha concentração e desempenho estavam péssimos esses dias. E, novamente, eu culpava o caralho do recesso que fez com que o campus ficasse vazio. Logo, minhas opções para parceiras sexuais estavam reduzidas, fazendo com que um alto nível de tensão se estabelecesse em meu corpo. Eu precisava, muito, foder. Muito mesmo!

Maldito recesso.

— Pega — Jonh falou, jogando a bola em minha direção sem dar tempo para que eu pudesse levantar. Por alguns poucos segundos, a bola não acertou diretamente o meu nariz, mas a segurei de uma maneira meio estranha.

Animado por ter agora uma companhia, levantei-me, batendo a bola duas vezes no chão e olhando para Jonh enquanto tentava descobrir qual seria a sua tática para arrancar a bola de mim.

Dei um passo, batendo a bola no chão uma vez. Ele ergueu o canto do lábio, em provocação. Repeti meu movimento, observando-o se aproximar. Corri em direção à cesta, sentindo seu corpo tombando contra o meu. Fixei o pé esquerdo no chão, impedindo-me de cair, e fingindo que ia atirar a bola por seu lado esquerdo, prendi sua atenção por alguns segundos quando ele achou que conseguiria pegar a bola, mas mudei a tática e corri por seu lado direito, deixando-o a uma distância de três segundos atrás. O que era suficiente.

Peguei impulso no exato instante em que senti sua aproximação e ergui o braço esquerdo como forma de proteção, atirando a bola com o direito.

Nós dois paramos analisando a bola que girou, girou, girou e, enfim, caiu dentro do aro.

— Isso, porra! — comemorei, dando outro soco no ar. Mas dessa vez, de felicidade.

— Você é um filho da puta sortudo, isso sim — falou, dando uma cotovelada em meu braço e seguindo atrás da bola. — Tenho certeza de que eu ganho de você.

— Eu não contaria com isso — disse, jogando a bola em sua mão.



— Melhor? — Jonh perguntou, com a voz entrecortada, tirando a camisa e se sen-

tando no chão, com as costas apoiadas no alambrado.

— Ganharia de você mais cem vezes — respondi, sentindo meu coração bater rápido demais devido ao esforço misturado com a adrenalina de finalmente fazer bem o que eu sabia fazer de melhor.

Ficamos em silêncio enquanto eu abria a mochila que havia jogado por lá mais cedo. Tirei uma garrafa de água, dando um gole como se fosse a primeira vez que pude sentir a bebida em minha boca após anos caminhando pelo deserto. Depois, dei uma cotovelada em Jonh oferecendo a água. Ele que aceitou de bom grado.

— Você tá com uma cara péssima — falou, devolvendo-me a garrafa de água.

— Quem tem um amigo como você não precisa de mais ninguém na vida. — Rolei os olhos para o comentário.

Jonh riu.

— Tá precisando de alguma coisa? — Ele deu dois tapas no bolso da bermuda preta que vestia.

— Não — neguei, balançando a cabeça. — Tô de boa.

Peguei a garrafa de sua mão, abrindo a tampa e jogando o conteúdo que restou em minha cabeça. Eu precisava me refrescar.

— Tem certeza? Você não parece muito legal esses dias.

— Tenho sim. Quero aproveitar o recesso pra dar um tempo, e vai ter teste antes dos jogos retornarem.

— Já me passaram a tabela de toda forma. — Deu de ombros. — Se mudar de ideia, só avisa.

Assenti.

Eu tinha uma enorme noção do que acontecia com dependentes: Eles perdiam tudo. E independentemente do que quer que causasse a dependência, isso podia foder com tudo.

Não queria dar esse desgosto ao meu irmão.

Jamais faria isso.

— Você quem sabe. — Podia apostar que deu de ombros. — Cigarro, quer?

Anuí com um movimento de cabeça.

Abri os olhos, bem no instante em que ele virou a carteira em minha direção. Peguei um, tomando seu isqueiro e acendendo-o.

Traguei o cigarro, sentindo aquele incômodo horrível na garganta.

— Pensei que fosse passar o Natal com a família — comentei, tentando quebrar o silêncio.

— Ia. Mas fiz uma chamada de vídeo com minha mãe na segunda parada de ônibus para tranquilizá-la. Ela estava com o olho roxo, e quando eu perguntei o que tinha acontecido, tentou me convencer que havia se machucado quando foi abrir a porta do armário. — Ele fez um som de quem sabia que não era verdade. Eu também sabia. Nunca era. — Quando ela começou a defender aquele filho da puta, decidi que eu voltaria. Não adiantaria o quanto eu tentasse alertá-la, ou tirá-la daquela casa.

Ele sempre volta. Ela sempre aceita. Se eu fosse para lá e encontrasse com ele, ia matá-lo. Não quero acabar a minha vida no fundo do poço da porra de uma cela de cadeia.

— Sinto muito por você. — De verdade, eu sentia. Dei um aperto de camaradagem em seu ombro. — Espero que ela abra os olhos logo.

— Eu também — concordou.

Ficamos em silêncio depois disso.

Eu queria ser como Jonh. Falar exatamente o que sentia. O que acontecia. O que passava em sua mente.

A psicóloga que me atendeu quando eu era criança disse que isso me ajudaria muito. No entanto, toda vez que eu pensava em contar a alguém sobre aquele dia. Sobre meus medos, sobre toda a merda que ficava em minha cabeça, eu sentia como se tivesse engolido a porra de uma bola de baseball, e ela estivesse sufocando cada uma de minhas palavras.

Então eu simplesmente ignorava e decidia passar por cima.

— Sei de um lugar que vai te animar. — Bateu com o cotovelo em meu braço. — Vai animar nós dois, na verdade.

Sorri.

Jonh sempre tinha os melhores esquemas. Não importava de qual maneira eu queria aplacar minha aflição, ele teria a opção certeira.

E eu precisava disso hoje.



Capítulo 2
Chiara

Capítulo 2 – Chiara

Abri a porta do quarto com cuidado tentando descobrir como me esgueirar para dentro evitando as perguntas constantes sempre que eu precisava sumir por algumas horas.

Estava vazio.

Respirei aliviada.

Nada de perguntas, muito menos de mentiras.

Eu detestava não contar a verdade para as meninas.

Quando eu fui aprovada na Walker, eu quase morri de felicidade. Pela primeira vez eu teria a oportunidade de me virar sozinha. Minha mãe bem quis deixar tudo para trás e me acompanhar, mas meu pai foi meu parceiro e com firmeza deixou claro que eu já podia me cuidar sozinha.

Em contrapartida, nunca duvidei de que seria uma jornada solitária. Depois de anos tendo pouco contato com pessoas da minha idade e de ter aprendido a soletrar com palavras complexas demais até mesmo para a minha fase universitária, não era de se esperar que fazer amigos fosse ser fácil para mim. E, sendo sincera, quando adentrei os portões do campus jurei para mim mesma

que a minha única prioridade seria o meu projeto.

E tudo saiu exatamente ao contrário do que eu havia planejado. E foi ficando mais inesperado a todo momento.

Leighton, minha colega de quarto, era maravilhosa. Teria sido impossível não gostar tanto dela. Nós tínhamos muito em comum. Priorizávamos os estudos e não éramos as pessoas mais dispostas a socialização. Entretanto, a Leigh era um daqueles combos: compre um leve dois. E junto com ela, tinha a Mad, meu completo oposto.

Mad era reluzente como o sol, e isso não tinha nada a ver com os cabelos loiros. Ela era tempestuosa, divertida era impossível não notar quando ela entrava em qualquer ambiente. Um show à parte. Ao mesmo tempo conseguia ser o tipo de garota que eu esperava conhecer aqui e, ainda assim, completamente oposto do estereotipo da Barbie milionária e esnobe.

Provavelmente, a Madison era a pessoa mais rica com a qual eu vou conviver a vida inteira. Apesar de não fazer a menor ideia do ramo de trabalho dos seus pais, não restavam dúvidas de que conseguiria comprar metade de Nova Iorque e agindo como se estivesse dando um troco a um garçom.

Mad era meio que uma versão da Elle Woods em Legalmente Loira. Linda, popular, rica e inteligente — mesmo que muitas vezes duvidasse de sua capacidade.

Eu gostei delas e foi assim que meus planos de não fazer amigos foi por água abaixo.

Mas não parou por aí.

Leighton começou a namorar com o Andrew, que era o maior bad boy da universidade e conhecido por não ter vocação para relacionamentos. Isso ficou no passado. Andrew acabou se tornando o namorado mais zeloso e apaixonado que eu já tinha visto — ele era o único, no caso.

Andrew tinha dois irmãos que estudavam aqui, o Jackson, que era do time de futebol americano e o Benjamin, do time de basquete. Eles também eram populares, e também andavam conosco. Havia a Olívia, irmã dos meninos, que ainda estava no high school e por motivos óbvios se juntava a nós também quando estava na cidade, assim como Malcon, capitão do time de hóquei e melhor amigo do Andrew.

E eu, que sempre quis ter muitos amigos na escola, agora andava com tantas pessoas que às vezes se tornava difícil manter as aparências.

A única parte boa de ter crescido reclusa, era justamente não precisar mentir para as pessoas.

Especialmente para as que eu amava.

E eu amava aquelas garotas.

Muito.

Costumávamos nos reunir com frequência, mas agora Madison estava em Paris com os pais, caso contrário estaria

aqui, me esperando e enchendo de perguntas a respeito do meu paradeiro, ou teria me pedido muito para que fôssemos ao shopping fazer compras. Não poderia usar a desculpa de grupo de estudos como sempre, já que havia poucos alunos por conta do feriado. Então, Paris veio muito a calhar.

Leigh devia estar aproveitando os últimos momentos com os pais que voltariam para casa amanhã. Eles tinham feito questão de passar o feriado de Natal conosco para garantir que tivéssemos um jantar apropriado e para que Andrew pudesse conhecer pessoalmente o sogro. Quem via a maneira como ele estava nervoso, jamais imaginaria que Andrew era o maior lutador clandestino da região.

No fim das contas, minha vida universitária tinha fugido demais de todos os meus planos. E, de certa forma, isso me preocupava muito. Eu tinha prioridades e não podia me afastar delas.

De maneira alguma.

Usando os próprios pés, tirei os tênis *all star* segurando a barra do casaco azul largo, confortável e quentinho, exatamente como eu gostava, passando-o por cima da minha cabeça.

A verdade era que eu tinha dado muita sorte mesmo. Era raro que nos quartos universitários tivessem banheiros, mas uma obra do destino, ou sei lá o que, nos colocou no único prédio em que a maior parte dos quartinhos tinham um. Sair me esgueirando de toalha por aí seria um tormento para mim. Eu simples-

mente odiava que as pessoas me vissem sem minhas roupas largas, elas eram uma espécie de armadura. Faziam com que eu me sentisse bem.

Parei em frente ao enorme espelho que Madison fez questão que tivéssemos em nosso quarto, passando o dedo pela cicatriz alguns dedos abaixo da linha do meu sutiã. Nós, eu e minha cicatriz, sempre tivemos uma relação complexa. Quando a adquiri, eu a odiava. Ela era um lembrete constante da minha iminente morte. Depois, eu passei a ter vergonha dela. Pelo que representava. Mais tarde, vergonha, pelo que as pessoas pensariam ao ver uma coisa tão grotesca em meu corpo. Do que os garotos iam pensar ao vê-la. Aos poucos, eu fui começando a entendê-la como parte da minha história.

Da minha longa, louca e mortal história.

Eu era uma sobrevivente.

Todos os dias.

E o único garoto que a viu, bem, ele tinha coisas mais importantes para se preocupar, o que a tornava insignificante demais.

Mordi o canto da boca, tentando não pensar muito a respeito do meu passado. Eu estava ali, e era o que importava.

Precisava me concentrar para estudar, ainda que as pesquisas e testes para o projeto estivessem adiantados e seguindo conforme as expectativas.

Apesar de ainda estar no primeiro ano, o reitor havia conseguido uma bolsa para um projeto que poderia mudar a vida das

pessoas através da terapia gênica. Foi aberto aqui na universidade um departamento para o estudo e por causa disso que eu havia garantido uma bolsa de estudos integral em uma das melhores universidades do país.

Eu sempre soube que seria uma garota da ciência.

E estava no caminho certo.

Olhando pela última vez a marca proeminente sobre a minha pele, afastei-me do espelho, desfazendo o laço na calça de moletom.

Peguei o casaco do chão, seguindo em direção ao cesto de roupa suja que estava acumulando itens. As últimas semanas foram repletas de emoção. Entre todas as coisas que jamais havia imaginado ao ser aprovada na Walker, meio que participar de uma operação com o FBI nunca sequer havia passado pela minha mente.

Pisquei, notando que minha visão começou a ficar turva, com alguns pontinhos brilhantes dançando diante dos meus olhos. Fechei-os, tateando a cama, sendo dominada pela costumeira sensação de náusea. Agachei-me devagar até que estivesse sentada no chão evitando contaminar a cama com as roupas de hospital.

Inspirei e expirei fundo, mantendo os olhos fechados tentando conter aquela vontade de pôr tudo — ou quase nada, no caso — que tinha no meu estômago para fora. Joguei a cabeça para trás, encostando-a na madeira da cama, respirando com o máximo de tranquilidade que eu conseguia.

Eu conseguiria.

Tinha certeza de que conseguiria.

Mais uma vez.

Eu era uma sobrevivente.

Todos os dias.



Senti o celular vibrar em cima da cama bem ao lado da minha perna.

Mãe: Você está bem?

Rolei os olhos para a mensagem.

Eu: Sim, mãe. Exatamente como estava a trinta minutos atrás quando a senhora me perguntou a mesma coisa.

Sorri, vendo seu status mudar para digitando.

Mãe: Se você tivesse vindo para casa no Natal, não precisaria mandar mensagem toda hora.

Suspirei, sentindo-me mal por não ter ido passar o Natal em casa como nós havíamos combinado no início do ano. Muitas coisas tinham mudado desde então. E eu não estava segura de que mamãe facilitaria a minha volta. Sair de casa uma vez havia sido um martírio. Não sei se conseguiria passar por toda a choradeira e chantagem emocional outra vez.

Eu: Eu sei, mãe. Desculpa. A senhora não imagina a correria que está aqui por conta do projeto.

Não era completamente uma mentira, no final das contas. Eu precisava que as coi-

sas fluíssem bem. Queria muito que meu estudo progredisse de estudo para testes. Dar o melhor de mim faria toda a diferença, sem dúvida.

Mãe: Tudo bem, querida. É que sem você aqui eu me sinto um pouco solitária.

Eu: Já disse que a senhora devia voltar a fazer as coisas que gostava quando era mais jovem. Por que não aproveita que não tem mais uma filha que utiliza todo o seu tempo para voltar a desenhar? Seria uma boa hora para usar a mesa que o papai te deu de presente.

Minha mãe gostava de criar histórias em quadrinhos para mim quando eu era pequena. Não havia muita coisa para fazermos dentro dos limites de nossas paredes, e ela foi realmente se aperfeiçoando, mas sempre viu isso como uma maneira de me entreter, agora podia virar uma profissão séria, e queria que ela focasse nisso.

Ela precisava de uma vida.

Mãe: Eu tento, mas me preocupo que você não esteja bem e escondendo da gente, depois não consigo mais me concentrar nas coisas.

Eu sei, mãe. E era exatamente isso que sempre me deixa preocupada.

Eu: Estou bem, mãe. Eu prometo.

O digitando apareceu algumas vezes, parando em seguida, para recomeçar novamente. Sem dúvidas ela queria me encher de perguntas.

Mãe: Tá bom, filha. Não vou mais interromper seus estudos, querida. Eu te amo.

Sorri para a tela do aparelho.

Eu: Também te amo, mãe.

Bloqueei a tela do meu celular, pondo o fone no ouvido e voltando para o começo de *You Belong With Me* enquanto me concentrava outra vez no livro de biologia que estava aberto sobre a minha pele. Madison era fã da Taylor – rainha, em suas palavras – e conseguiu me viciar em algumas de suas músicas.

Eu não fazia a menor ideia de quanto tempo tinha se passado desde que me concentrei outra vez, mas me assustei quando um dedo se estalou na frente do meu rosto.

— O que você está fazendo? — Leighton perguntou, afastado o fone do meu ouvido.

Já era fim da tarde, e, felizmente, eu tinha conseguido me estabelecer bem durante o resto do dia sem mal-estar, pressão baixa, enjoo, nada. Com livro de biologia aberto sobre meu colo, estava absorta no estudo a respeito das células tronco, a ponto de nem ao menos ouvir o que ela tinha dito.

— Eu, estudando. Pela sua cara de felicidade, você conseguiu dar uma escapada com o namorado. — Apertei os olhos em direção à minha amiga que se recusava a transar debaixo do mesmo teto em que o pai estivesse. O Andrew seria capaz de construir, com as próprias mãos, um quarto para os dois.

— Consegui — confessou, sentando-se ao meu lado na cama e deixando a bolsa

colorida que carregava no fim do colchão, alargando o sorriso. — Vamos sair com meus pais agora. Amanhã eles precisam voltar, e eu acho que seria ótimo se a senhorita tirasse um pouquinho a cara dos livros e se divertisse. Estamos em recesso, amiga.

— Eu sei. — Fiz uma careta em sua direção. — Mas eu ainda tenho muita coisa para fazer. E você me arrastou para muitos jogos esse ano, inclusive, um com altas emoções. Acho que a minha cota de diversão foi alcançada com sucesso. Sem falar que vocês duas me obrigaram a confirmar presença na festa de Ano Novo. Eu ainda espero que eu pegue sei lá, uma monocleose e possa escapar disso.

Minha amiga riu.

— Para você pegar isso, teria que beijar alguém — apontou. — Posso não ser uma gênia das ciências, mas assisti a Crepúsculo.

— Au! Agora você conseguiu me ofender — brinquei, fingindo-me de ofendida. — E quem sabe eu não estou beijando alguém sem você saber?

Leighton olhou para mim, apertando os olhos por alguns segundos.

— Eu não sou a Madison, tá? Você não está beijando ninguém, não tenta isso comigo.

Soltei o ar, dando-me por vencida.

— Sempre soube que preferiria a Mad. — Rolei os olhos de maneira dramática. — Prefiro focar no meu futuro — retruquei, apontando para o livro que estava a ponto de cair do meu colo. Mexi na gola do blusão que

vestia, tentando desviar do seu olhar inquiridor.

— Eu te amo, mas olha, você consegue ser mais fissurada que eu.

— Obrigada pelo elogio — devolvi, e pisquei em sua direção.

Óbvio que ela não considerava isso algo bom, o que era engraçado. Em especial, porque, segundo a Mad, minha colega de quarto só foi para a primeira festa da universidade quase arrastada pelos cabelos. Eu não poderia duvidar disso, seria o tipo de coisa que a Madison faria, sem dúvida. Leighton soltou um suspiro levantando-se e dando um beijo em minha bochecha em seguida.

— Vou direto para meu turno no *Women's*, quer que eu traga alguma coisa para você?

— Leighton, sabia que você é simplesmente a melhor pessoa que existe no mundo? — respondi, animada.

— Se não estou enganada, dois segundos atrás a Mad era a sua pessoa preferida. Quando você se tornou tão volúvel, Chiara?

— É que eu amo muito as duas. — Soltei um beijo para Leigh, que riu da minha cara de pau. — Quero um donut e café expresso duplo. Preciso ficar acordada.

— Deixa eu adivinhar: Pra estudar. — Rolei os olhos.

— Sim. Pra estudar. Não é todo mundo que tem um namorado gostoso e jogador de hóquei, pra sair transando por aí.

— Se você quiser, o Andrew pode fazer uma lista de caras. Ou na nossa mesa você poderia escolher qualquer um, sabe? É meio surreal dizer isso, mas os caras mais lindos da universidade são nossos amigos, ou, no mínimo, amigos do Andrew.

Sim. A Leigh estava certa.

Devia existir algum tratado de beleza ou algo assim, que determinasse que os caras bonitos se atraíssem como ímãs, levando-os a andarem sempre juntos.

Se eu pudesse conversar com a minha versão de dez anos, ela jamais acreditaria que costumávamos nos sentar com os caras mais gatos e populares da universidade. Especialmente depois de uma vida inteira lanchando sozinha na mesa de madeira da cozinha. Hoje, literalmente o cara mais lindo do time de basquete sentava comigo e dizia que eu era sua amiga.

A M I G A!

No começo, eu gostava quando Ben sempre mandava uma ou outra mensagem para mim com reportagens ou informações sobre os jogos das temporadas. E eu gostava do fato de que ele realmente me ouvia. Minha opinião não era invalidada por eu ser uma garota. Porém, o fato de gostar era o maior indicativo de que eu não devia continuar a manter tanto contato com ele fora das minhas da Walker.

Eu não podia me distrair.

Tinha um único objetivo e não podia me dar ao luxo de ficar toda sorrisos só porque um cara bonito queria ser meu amigo.

Mesmo que ele fosse um dos mais gostosos da universidade.

— Você poderia ter um namorado gostoso se quisesse. — Pisquei, meio atônita e com medo de ter verbalizado meus pensamentos. — De repente, pode até conhecer alguém hoje se for comigo.

Rolei os olhos, sentindo um enorme alívio ao me dar conta de que não havia feito isso.

— Eu sei o que você está tentando fazer, Leighton. E não vai colar. — Minha amiga me encarou como se eu fosse maluca. — Eu já assisti a esse filme antes. A garota começa a namorar com o cara gostosão e depois quer arrumar um dos amigos dele para ela.

— Nós seríamos da mesma família e podíamos fazer passeios de casal. — A entonação deixava claro que sim, já havia pensado muito sobre o assunto.

Bufei.

— Não seja boba, Leighton. Isso não vai acontecer.

— Ué, por que não? — perguntou, aproximando-se novamente, e cruzando os braços em frente a blusa verde e soltinha que vestia. Depois ergueu a mão, levantando o indicador, como se quisesse enumerar algo. — Você é linda, inteligente, divertida, gentil e uma das pessoas que mais vale a pena conhecer nesse campus inteiro. — A cada qualidade, ela erguia um dedo. Ao final, todos os dedos da mão direita estavam erguidos.

— É. Eu sei, sou maravilhosa. Mas não tenho a intenção de sair com ninguém. —

Arqueei uma sobrancelha, de maneira desafiadora, em sua direção.

Eu não podia sair com ninguém.

Não podia me apaixonar por ninguém.

Muito menos podia permitir que alguém se apaixonasse por mim.

Leighton torceu o lábio, como se não acreditasse, mas antes que pudesse retrucar, pegou o celular no bolso, fazendo uma careta na direção do aparelho, digitando algo rapidamente em seguida.

— Você é maravilhosa, Chi — voltou ao assunto, se aproximando e rodeando meu corpo com os braços para me abraçar. — É incrível, e eu espero que saiba mesmo disso.

Leigh plantou um beijo na minha têmpora.

— Obrigada — agradeci, pondo uma das mãos na dobra do seu braço e apertando-o de leve. — Agora vai. Senão vai se atrasar e eu não quero problemas com o seu bonitão.

— Andrew sabe que eu o amo, mas que minhas amigas sempre serão prioridade também. — Ela se afastou, batendo o indicador em meu nariz. — Se mudar de ideia, pode ir me encontrar no *Women's*.

— Certo. Mas não vou mudar — garanti.

Leigh soltou um barulho indignado, agarrando a bolsa que tinha deixado na minha cama, instantes antes.

— Bom, não custa tentar. — Ela pegou o celular do bolso da calça jeans que vestia. — E o Benjamin vai estar lá. Sei que ele gosta de conversar com você, se te interessa.

— Não me interessa — falei, tentando parecer casual e arrumando o livro em meu colo novamente.

— Tudo bem, então. Jackson, Malcon, e mais garotos estarão lá também. Garotas também, caso prefira.

Dei risada.

— Eu também estarei acompanhada. — Apontei para o livro. — Você vai se atrasar — avisei, vendo-a pegar o celular e sorrir para a tela antes de digitar alguma coisa, sem dúvida, para o namorado.

— Ao menos eu tentei. — Fez um biquinho.

Leigh soltou um beijo em minha direção, antes de afastar em definitivo e passar pela porta.

Parte de mim queria sair com eles.

Aproveitar. Viver.

De repente, ter uma chance de ser a protagonista da minha vida.

Mas uma outra parte sabia que não devia.

Eu tinha escolhido a Walker por um motivo, e eu precisava conquistá-lo.

Capítulo 3
Benjamin



Capítulo 3 – Benjamin

Abri a porta da cafeteria onde havíamos marcado de nos encontrar. A noite foi exatamente como eu precisava passar: acompanhado. E uma companhia das melhores, a garota era intensa. Exatamente como eu precisava. Acordei com um boquete caprichado e isso era tudo que um cara podia querer antes de sair da cama com um enorme sorriso no rosto.

— Olha só, o filho da puta que resolveu nos brindar com a sua ilustre presença — Andrew falou, alto demais, fazendo com que os vários pares de olhos presentes na mesa em que estava se virassem para me encarar.

Sorri, fechando a porta do *Women's*, abrindo os braços de uma maneira exibicionista e exagerada.

— Sempre soube que era uma companhia indispensável em sua vida, mas pensei que com sua namorada ia sentir menos a minha falta, bonitão.

Andrew revirou os olhos, me mostrando o dedo do meio e ganhou um beliscão da namorada.

— O que, Afrodite? Ele é um babaca convencido. Ainda precisa ser educado constantemente — retrucou, no momento exato em que eu me aproximava da mesa puxando uma cadeira.

Tinham alguns livros em cima, que Leighton com certeza havia levado para estudar em seu turno, então transferi para a cadeira vazia ao meu lado, para não deixar um espaço vago entre mim e o resto da mesa, embora meus irmãos merecessem um pouco de distância às vezes.

— Eu não costumo ter isso como hábito, mas concordo com o Andrew. O Benjamin é um convencido que nunca pensa com a cabeça certa. Aposto que veio direto da cama de alguma pobre coitada — Olívia se intrometeu.

— Fica na sua, tampinha — respondi, mostrando o dedo do meio para ela, ao mesmo tempo em Andrew falou com a namorada.

— Viu só? A Oly concorda comigo. — Meu irmão ergueu a sobrancelha em direção à namorada, como se isso validasse o seu argumento.

Leighton falou alguma coisa, e ele segurou seu queixo dando um beijo rápido nos lábios da namorada, fazendo Jackson coçar a garganta em um lembrete de que não estávamos sozinhos e os pais da garota estavam bem à sua frente.

— Ai que nojo, Andrew. Dá pra você respeitar o meu café da manhã?

— Olívia, você é assim desagradável de nascença, ou, sei lá, é alguma matéria nova na creche? — impliquei.

— Aprendi com você. — Sorriu, de maneira diabólica.

— Como eu amo o clima familiar quando estamos juntos — nosso irmão mais velho comentou, irônico, dando uma mordida no donut.

— Senhor e senhora Westerwood, desculpem a falta de modos do meu irmão. Eu juro que tentei educá-lo melhor, mas sabem como são as crianças de hoje em dia. — Pisquei para a senhora, que achou graça. Diferente do Andrew que me lançou um olhar puto. Nada que eu já não estivesse acostumado antes.

— Eu sei, eles não são fáceis — brincou, ganhando uma revirada de olhos da filha.

— Quanto a mim, pelo menos, a senhora não tem motivos para se queixar.

— Isso é o que você pensa, filha... — Deixou a frase morrer, levando Leigh a abrir a boca em choque.

— Quer dizer que a minha namorada perfeita era uma criança difícil, hein? — Andrew perguntou à sogra, muito interessado.

— E como estão os preparativos para os campeonatos? Acham que os times da Walker têm muitas chances? — o senhor Westerwood indagou ao Jackson. Meu irmão não era muito dado a conversas, mas gostava de falar sobre as coisas que amava. E bem, ele adorava o futebol.

Parei de prestar atenção na alegria ao meu redor.

Eu amava a minha família. E, mesmo com todas as implicâncias, em especial quando a Olívia estava presente. Eu gostava da maneira como Andrew nos protegia,

da forma como Jackson sempre tinha algo impactante para falar quando necessário e como Olívia aprendeu a ser forte e irritantemente independente, mas ao mesmo tempo, ciumenta e cuidadosa ao seu próprio modo com todos nós, mesmo que, às vezes, fosse exasperante.

E era engraçado pensar sobre isso. Eu ainda era pequeno quando o Jackson nasceu, mas nossa mãe costumava contar que eu não queria um irmão. Eu consigo lembrar da Oly. Continuei detestando a ideia de mais uma pessoa na nossa família. Porém, depois que a conheci... Oly era quase um anjo. Um brinquedo humano.

Mamãe deixava que eu ajudasse a escolher suas roupas, a dar mamadeira. No fim das contas, eu passei a amar minha irmã mais nova. E, claro, esse era o objetivo da nossa mãe ao me incluir em sua rotina.

Eu ainda a amava. Mesmo nos momentos em que eu gostaria de agarrar seu pescoço, seria capaz de esganar qualquer um por ela.

E eu sentia falta da nossa mãe, todos os dias.

Senti meu celular vibrando no bolso e, ao pegá-lo, encontrei uma mensagem da garota com quem estava alguns minutos atrás reafirmando que se eu quisesse, podíamos nos ver essa noite novamente.

Eu estava considerando o assunto. Meus ombros estavam machucados, mas acordar da maneira que fui acordado hoje contava muitos pontos a favor dela.

— Ei, bom dia! — Assustei-me com a voz ao meu lado, e sorri de maneira genuína ao erguer a cabeça e encontrar um par de olhos escuros me encarando.

Chiara perecia meio sem graça, sorriu de maneira tímida.

E, porra, eu meio que perdi o ar com a sua visão.

Os cabelos estavam soltos e com cachos bem formados, de maneira que emolduravam bem seu rosto. Sua roupa, de quem havia acordado e pegado a primeira coisa que achou pela frente, refletia que, assim como eu, preferia estar na cama, confortável.

Chiara era muito bonita, mas parecia se esforçar para não transparecer isso.

— Olha só se não é a minha garota sabichona esportiva preferida — falei, ao vê-la parada atrás do encosto da cadeira ao meu lado. Chiara ergueu um pouco os cantos dos lábios evidenciando o sorriso meio sem graça e pondo uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Você estava sentada aqui? — perguntei, vendo-a levar as mãos em direção aos livros para pegá-los.

— Sim, mas não tem problema. — Sendo mais rápido, segurei as toneladas de livros, pondo-os em minha perna para que ela ficasse mais confortável. A inversão de lugares seria boa para mim.

Chiara e eu costumávamos nos falar através de mensagens com certa frequência. Compartilhávamos memes bobos e falávamos sobre os jogos que assistíamos e chega-

mos a ver alguns juntos, nada demais, mas era legal.

Eu gostava dela, de verdade. De alguma forma, ela conseguia calar a inquietação que eu sentia em muitos momentos quando estava comigo. E ela nem sequer imaginava o bem que acabava me fazendo.

— Nem parece que estudamos o mesmo campus, ou que pertencemos a um mesmo grupo, muito menos que somos amigos. Tem uns dias que não te vejo — comentei, depois que ela se acomodou na cadeira.

— Ficaria difícil nos vermos já que estamos em recesso — devolveu, com uma expressão neutra. — E você sabe, com todos os seus compromissos de jogador gostoso popular, e eu com meus livros, fica meio difícil mesmo.

Ergui o canto esquerdo dos lábios, em um sorriso descarado, que costumava fazer as pernas das garotas bambearem.

— Você me acha gostoso então? — quis saber.

— É o que *as garotas* dizem. — Semicerrou os olhos para mim.

— Bom, elas eu sei. Mas o que *você* diz? — pressionei, imitando-a ao apertar os olhos em sua direção.

— Eu digo que ela não é idiota o bastante para cair em seu papinho, Benjamin — Olívia interrompeu, sendo a mesma chata de sempre.

— Olívia, quando você tiver dezoito pode opinar na conversa dos adultos, en-

quanto isso, fica com sua galera que ainda toma mamadeira, por favor — retruquei, revirando os olhos para ela.

— Eu vou te dizer a mamadeira que você vai tomar, seu idiota...

— Olívia, você pode pelo menos hoje fingir que é educada? — Andrew ralhou, mas sem conseguir esconder a ponta de sorriso em seu rosto.

— Se eu não sou educada, foi você quem falhou na minha educação. — Oly deu de ombros, como se fosse a coisa mais lógica do mundo. — E foi você quem me ensinou que não devia baixar minha cabeça pra babaca algum.

— Usando o sistema contra o sistema desde sempre — Jackson comentou, apertando a bochecha da nossa irmã mais nova com orgulho antes de voltar a atenção ao pai da Leighton.

Andrew bufou, decidido a ignorar.

O senhor Westerwood voltou ao assunto dos esportes, dessa vez conquistando a atenção do Andrew também.

— Tô falando sério, ele tem esse sorriso bonito, palavras encantadoras, mas é diabólico — Olívia sussurrou na direção da Chiara. — Você merece alguém melhor.

— Quem precisa de inimigos quando se tem irmãos? — Bufei, pegando o celular para procurar rapidamente o aplicativo de mensagem, ao mesmo tempo em que me virava formando, com meu corpo, uma barreira entre Chiara e Oly.

na direção da minha cunhada rapidamente antes de voltar a atenção a Chiara.

— E por qual motivo uma garota exemplar precisa estudar tanto no primeiro ano? — Chiara tentou responder, mas Leighton a impediu outra vez.

— Porque ela faz parte de um projeto importante e do qual ela quase nunca fala nada. — Leigh ergueu a sobrancelha para a amiga como se a desafiasse a não falar sobre isso agora.

O que só me deixou ainda mais interessado.

— Projeto secreto? — Apertei os olhos para ela. — Me interesso.

— É bobagem. — Chiara arrumou a gola do suéter cinza que vestia, nervosa. O que a contradizia por completo. Era sim algo importante. Continuei olhando para ela com interesse, até que falasse. — Só um estudo por enquanto. Pode dar certo, e pode não dar.

— Uma projeto científico importante, e do qual ela não compartilha informação alguma — Leighton fez questão de responder novamente.

— Se o seu medo é que roubemos suas ideias, saiba que eu não sou inteligente o bastante para a medicina, sou péssimo em biologia e tudo que você falar vai ser o bastante apenas para me impressionar, não vou entender nada mesmo. Então, não precisamos ter segredos aqui. — Ergui uma sobrancelha, como se quisesse defender o meu ponto. — Isso é tipo uma descoberta científica inovadora daquelas onde um pedaço

verde de gosma pode se infiltrar em nosso sistema nos tornando um herói mutante?

Fomos interrompidos por Ania que veio pegar meus pedidos, pedi um hambúrguer grande com Coca-Cola ganhando uma careta de reprovação da Chiara que escolheu um waffle com café grande. Assim que ela se retirou da mesa, encarei Chiara outra vez, deixando claro que queria a resposta.

— Não é nada demais — repetiu, como se quisesse nos convencer disso. — É um estudo chamado terapia gênica. Uma maneira de tentar alterar cargas genéticas com algum defeito nas pessoas. — Chiara enrolou uma ponta do cabelo no indicador, como se estivesse nervosa.

— Uau, porra! Isso é demais! Bonita, entende de esportes e é mega inteligente.

— O mais incrível é que pra gente, ela nunca contou uma única palavra sobre o projeto, mas bastou o bonitão perguntar... — Leighton comentou, encarando a amiga com os olhos semicerrados.

— Prioridades, Leigh. Você é a amiga, eu, o deus da Walker — Dei de ombros como se fosse uma explicação óbvia, e ela riu. Alguém chamou a atenção da Leigh, e minha cunhada retornou a conversa com meu irmão e os pais. — Tenho certeza de que seus colegas de classe vão para a aula e fazem fila pra chamar sua atenção.

Ela revirou os olhos.

— Até parece.

— Tô falando sério — garanti. — E tenho certeza de que tem ao menos uma legião de

apaixonados por você inseguros por saber que você faz parte do nosso grupo, e eles sabem que não são páreos para nós. Nem pra mim, porque eu já disse que você vai ser minha garota, não é? — Abri os braços, pondo o esquerdo sobre seus ombros. — Afinal, como você disse...

— Como as *meninas* dizem... — ela interrompeu.

— Nós somos os gostosões, os astros, os deuses da Walker — continuei —, mas, só para registro de informações, eu tenho que me preocupar com alguém em especial, Chiara?

Ela fez um gesto de incredulidade e mordeu um pedaço de seu waffle, como se quisesse me torturar com a resposta.

— Enquanto os deuses dos esportes estão transando por aí... — Apontou para mim. Depois virou o indicador em sua direção. — Pessoas como eu se ocupam com livros.

— E com pesquisas inovadoras que vão salvar vidas. E isso é bom, porque quando você tiver ganhado seus prêmios importantes, e eu os meus, você vai me dar uma chance — brinquei.

— Não adianta tentar flertar comigo, Benjamin Davis. Sou imune ao seu charme. — Apesar da resposta fria, as pupilas pareceram dilatar um pouco.

— Então além de gostoso, eu sou charmoso?

— E um deus da Walker, não esqueça. — Chiara piscou para mim. — Agora vai

comer, Davis. Eu espero que você traga o troféu do campeonato, eu não gasto meu precioso tempo e conhecimentos esportivos com você à toa.

— Comigo, um jogador *gostoso* e popular — frisei, batendo com o cotovelo em sua cintura, para provocá-la.

— Novamente, não fui eu quem disse isso. — Chiara ostentava uma expressão mais leve. Uma que mal conseguíamos ver em dias normais.

— Mas pensa, mesmo que não admita. É o que importa — apontei. Chiara apenas rolou os olhos, como se decretasse que aquela discussão havia sido encerrada. — Uma hora você vai assumir. — Sorri.

Eu realmente gostava dela, e de conversar com ela. Chiara era meio séria às vezes, mas também divertida e inteligente. E ela não ficava tímida com meus flertes bobos, agindo sempre como se não se importasse com isso, o que fazia com que eu sentisse ainda mais vontade de continuar. Não sabia explicar essa necessidade, mas eu a seguia, sempre.

Seu aparelho celular acendeu, mostrando uma chamada de vídeo.

Prontamente Chiara atendeu a Madison que estava animada mostrando a Torre Eiffel da varanda do seu quarto, enquanto sentava à mesa para tomar café da manhã conosco.

Jackson e Chiara se pareciam muito. Os dois eram ótimos com as poucas pessoas com as quais conviviam enquanto se fechavam como uma ostra com todo o resto.

Por mais preocupante que fosse, também era reconfortante saber que ainda em meio ao nosso estranho grupo, Chiara havia escolhido se mostrar um pouco mais pra mim.

Fazia com que, de certa maneira, eu me sentisse especial.

Ainda que, lá no fundo, apenas eu soubesse o tamanho da merda que eu era. E eu rezava para que ela não descobrisse nunca.



Capítulo 4
Chiara

Capítulo 4 – Chiara

Umas das coisas que eu mais amava sobre a medicina, eram as possibilidades. A de mudar vidas, especialmente. Era por isso que eu passava a maior parte do meu tempo — livre ou não — aqui, no centro de pesquisas na Walker.

Decididamente, o lugar que eu mais amava no mundo.

Onde a ciência acontecia.

Onde trabalhávamos para buscar melhorias para as pessoas.

Onde buscávamos a cura dos mais variados tipos de doenças.

Onde pensávamos no futuro.

E o futuro, ele podia estar à minha frente neste mesmo instante.

Cruzei os braços, baixando um pouco o rosto para que pudesse analisar melhor o roedor em sua caixinha transparente. Sorri para ele, vendo-o se arrastar de uma maneira bem menos descoordenada que quase uma semana atrás.

— Você viu? — comentou Lauren, uma garota do penúltimo ano de medicina, completamente animada.

— Sim. Ele está apresentando avanços. — Sorri para ela, compartilhando seu momento de felicidade.

Era gratificante ver o resultado de quase uma vida inteira de estudos — ou fixação como alguns costumavam chamar — dando resultados. Mesmo que ainda não fossem os meus resultados.

— Mas isso não quer dizer nada — a senhora Ball interrompeu os cinco segundos de animação. — Ainda temos muito trabalho pela frente e não quero vocês esperançosos demais.

Assentimos.

Lauren começou a digitar algo através do tablet que a universidade disponibilizava para nós. Fazíamos as anotações de avanços nos estudos de maneira que todos que compartilhassem a sala pudessem acompanhar os resultados.

Cada qual com seu tablet, sua própria pasta e senha. Contudo, sempre compartilhando as conquistas para que pudéssemos nos inspirar.

A sala de pesquisas com terapia gênica era grande e dividida por especialidades. Lauren utilizava os estudos buscando resultados para paraplegia, Simon em células cancerígenas. Eu havia começado o estudo com a hemofilia, mas acabei conseguindo me inserir na área onde realmente tinha interesse. A senhora Ball era a professora que nos instruía. Foi ela quem, alguns anos atrás, sugeriu que a universidade tivesse um centro de estudos voltado para esse campo. Ela não foi atendida na época, mas dois anos atrás foi contemplada pela universidade, levando em conta a diferença real que, se fun-

cional, o estudo poderia trazer na vida das pessoas.

Depois de passar boa parte da minha vida em hospitais, passei a me interessar de verdade pela medicina. O doutor Harris acreditou em meus sonhos, mesmo com seus colegas o chamando de louco. Ele podia ter perdido muito por me ajudar, mas ele confiou em mim. Eu devia tudo que havia conquistado, minha vida, e, inclusive, minha bolsa, a ele.

Meu primeiro dia no laboratório foi terrível. Eu já tinha chegado na faculdade com semanas de atraso, então não sabia o que esperar. Tinha medo de que meus colegas de pesquisa fossem pessoas terríveis e mal olhassem na minha cara, mas também tinha medo de que fossem amigáveis demais. Tinha medo de que eles me achassem nova demais para participar do projeto e que me odiassem por isso. A senhora Ball conversou comigo um pouco antes, e eu lembro que secava minhas mãos o tempo inteiro na calça que vestia enquanto esperava meus novos colegas entrarem na sala.

No fim, Lauren e Simon foram superlegais comigo. Trocaram experiências e quiseram saber por qual motivo eu tinha escolhido a minha linha de pesquisa. Eu menti, e me senti muito mal por isso. Ainda me sentia, mas eles não precisavam saber a verdade. Ninguém precisava. Na verdade, quanto menos pessoas soubessem ao meu respeito melhor.

Para todos.

Foi difícil chegar até aqui. Especialmente por ser nova demais, além, claro, da discriminação por ser mulher. Infelizmente a vida de uma mulher pesquisadora não era tão fácil como as pessoas podiam querer nos fazer acreditar. Historicamente os trabalhos foram separados entre trabalho produtivo para o homem e reprodutivo para a mulher, isso quer dizer que as pessoas ainda, pleno século XXI, acreditavam que os homens possuíam uma inteligência diferenciada para certos aspectos enquanto as mulheres deviam cuidar da casa e da família. Inclusive, muitos se achavam melhores como cientistas que as mulheres. Assédio moral e sexual encabeçavam a lista de problemas que enfrentamos no meio.

Para mim, foi ainda mais difícil. As pessoas não acreditavam que eu poderia levar a sério uma pesquisa tão importante com tão pouca idade. Mas eu havia conseguido, e seguia provando, dia após dia, o que era prioridade para mim.

Não descansaria enquanto não houvesse uma resposta positiva para o estudo e uma mudança significativa na vida das pessoas.

Depois de pôr comida no pote em todos os cubinhos transparentes onde os ratinhos viviam aqui no laboratório, peguei o meu preferido, levando-o até o balcão branco, sentando-me na cadeira giratória enquanto Lauren seguia com as anotações.

— Em breve você estará melhor, Jacob — sussurrei para o pequeno ratinho cinza da Lauren que se arrastava para o potinho de

comida que eu tinha acabado de colocar pra ele. — Prometo que daqui a alguns dias, você vai voltar a andar.

Os ratos eram utilizados em pesquisas por conta de sua fisiologia ser parecida com a dos humanos, segundo análises genômicas comparativas, humanos e os ratos possuíram um ancestral em comum há, mais ou menos, 75 milhões de anos atrás, fazendo com que exista essa similaridade dos genes. O fato da sua gestação ser curta — apenas 21 dias — também contava muito, já que assim os resultados das experiências podiam ser conferidos mais rapidamente, se nós quisermos analisar o efeito em seus descendentes.

— Eu acho que o nosso estudo vai dar certo. Que o nosso departamento vai ser um sucesso — falei, abrindo a caixa e passando o indicador em suas costas, em um carinho. — E você, meu amor? O que acha?

Ele não respondeu.

Infelizmente.

Eu acho que as pesquisas seriam bem mais fáceis se eles mesmos pudessem nos dizer se estavam melhorando, como se estivéssemos em um filme do Eddie Murphy[1]. Era mais fácil do que ficar aqui, com a cara pressionada na caixa transparente, tentando identificar os sinais.

A senhora Ball avisou que estava indo embora e não demorou para que Lauren se despedisse de mim também. Peguei meu tablet, abrindo os arquivos para analisá-los outra vez. Em breve, seria a minha vez de

abandonar a parte teórica e partir, enfim, para a prática.

— Se bem me lembro, você não devia estar aqui. — Simon, meu colega de laboratório, interrompeu meus pensamentos, assustando-me.

— Oi! — Virei-me, assustada, olhando em direção à porta onde ele havia acabado de passar. — Não ouvi o barulho.

Ele fechou a porta caminhando em minha direção, plantou um beijo no topo da minha cabeça e parou ao meu lado, batendo a ponta do indicador duas vezes no retângulo transparente, assustando meu pobre ratinho.

— Se você prestasse mais atenção ao que acontece à sua volta e não depositasse todas as suas energias neles, teria me ouvido.

Bufei.

— Eles — apontei para a caixinha à minha frente — farão parte de descobertas que mudarão a vida das pessoas. Então possuem toda a minha atenção.

Simon me ignorou, tirando o casaco preto e pesado que usava, revelando um suéter de tricô verde com renas desenhadas. O dia tinha amanhecido nublado e esfriado um pouco.

— Não ri, tá? — pediu, ao me observar analisando sua roupa. — Minha avó fez pra mim e me ligou por vídeo pouco antes que eu saísse de casa sugerindo que eu vestisse o casaco lindo. Segundo ela, eu ia parecer mais amigável.

— Bom, o que vale é a intenção, e isso foi fofo.

— Eu sei — ele fez uma careta —, mas não foge da pergunta não. — Apertou os olhos em minha direção. Simon era um cara lindo. Preto, alto, com corpo bem definido e lábios carnudos sensuais, mas o que mais chamava atenção eram os seus olhos. Ele possuía heterocromia, ou seja, tinha uma íris de cada cor. Em seu caso, um azul e outro castanho. — Você não devia estar se arrumando com para sair com seus amigos populares?

Peguei o celular que repousava na bancada, ao lado da caixinha do rato. Eu ficaria atrasada caso não fosse embora logo.

— Devia — falei, desanimada. — Sinceramente? Queria mesmo era ficar aqui.

— Deus me livre ficar entre você e os jogadores mais influentes do campus. Não me negaria a entrar em uma briga, mas só nas quais eu tenha certeza de que posso ganhar.

Sorri para ele, lembrando que Benjamin havia dito algo similar alguns dias atrás.

— Além das meninas, acho que ninguém mais sentiria minha falta. Aliás, se eu não fosse amiga das meninas, eles nem saberiam da minha existência. — Dei de ombros.

— Mas graças a Deus eles sabem, assim você pode sair daqui um pouco e deixar esse oxigênio todo para mim. — Simon andou até a sua bancada pegando alguns livros. — Você tem o melhor dos dois mundos, Chiara.

Na verdade, eu tinha o pior dos dois mundos. Mas as pessoas jamais saberiam disso.

— Você vai ficar? — perguntei, confusa, assistindo enquanto ele se direcionava para a mesa mais no fundo da sala onde gostava de ficar. — Pensei que ia sair com a sua namorada.

Simon pôs os livros sobre a bancada com mais força que o necessário.

— Ex-namorada — interrompeu, fechando os olhos e mantendo a cabeça baixa por alguns segundos. Depois os abriu, encarando-me. — E, bem, pelo visto ela prefere os jogadores aos nerds. Pouco importa se namoramos desde o ensino médio. Os jogadores sarados da Brow são mais interessantes que um cara que vive pensando em descobertas científicas.

— Sinto muito.

Era difícil para algumas pessoas compreenderem o motivo de ficarmos tantas horas dedicados aos estudos, às pesquisas, mas só quem consegue ver tudo aquilo que, em teoria, era impossível, se tornado real na prática, entende a satisfação que há em todas as nossas horas de estudo.

Em mudar destinos.

— Não tem problema. Nós, cientistas, fomos feitos para sermos casados com as nossas responsabilidades — comentou, sentando-se na cadeira que estava à sua frente. Girei a minha, de maneira que ficasse de frente para ele, observando-o. Apenas uma mesa enorme nos separava. Ele ergueu o

olhar alguns segundos depois. — Agora vai, ou chegará atrasada.

— Tem certeza de que não quer companhia? Ninguém merece virar o ano sozinho. Posso ficar com você.

— Tenho sim. Vai ser melhor assim — afirmou.

— Tá. — Mordi o lábio, pensando se realmente queria ir embora.

— Vai logo, Chiara. Eu vou ficar bem, e você merece uma noite de diversão.

Soltei um gemido de frustração.

Não era exatamente assim que eu pensava a respeito dessa noite, mas Simon estava certo. Eu tinha que ir. Havia me comprometido com as meninas e a Mad seria capaz de invadir o laboratório e me arrastar daqui. Ou pior, de explodir esse lugar para garantir que eu estivesse fora dele essa noite.

Essa sim era uma situação que devia ser evitada.

— Tá bom — concordei, com um suspiro. — Amanhã eu volto.

— Podia dizer que era desnecessário, mas ainda que eu o faça, você virá.

— Essa é a parte boa de sermos apaixonados pelo que fazemos. Você sabe exatamente o que não funciona comigo. — Dei mais uma olhada em meu colega que tinha uma expressão meio depressiva no rosto, e folheava um artigo sobre seu estudo.

— Vai logo, Chiara — falou, ainda olhando para o livro à sua frente.

— Tá bom! — Virei-me novamente, pegando o meu ratinho e levando-o até a estante onde eles ficavam. — Feliz Ano Novo, amiguinho. Eu tenho certeza de que esse será o nosso ano — sussurrei.

Caminhei até onde nossos casacos ficavam estendidos, vestindo o meu. Olhei para Simon outra vez.

— Ei! — Ele me encarou. — Feliz Ano Novo.

— Feliz Ano Novo. Aproveita a noite, Chi.

Sorri, abrindo a porta para ir embora.

Aproveitar a noite seria mais fácil se eu não fosse eu.



— Sinceramente, ainda não acredito que você está nos obrigando a fazer isso, Madison — Malcon reclamou, começando a entrar na carroceria da picape chique dele, entregando uma cerveja para Jackson que estava ao seu lado. Uma sacola com as bebidas começou a circular para que cada uma retirasse a sua.

Madison havia inventado uma reunião com a *equipe*, no fundo do carro, porque, segundo ela, tinha uma última coisa importante para fazermos antes do final do ano.

Nós tínhamos vindo para um lugar que Madison apelidava de chalé, mas eu acreditava que mansão cabia melhor. Era uma casa antiga dos pais que, segundo ela, era mal utilizada. Ser amiga de Madison era meio que se sentir vivendo como a Emily Thorne, de Re-

venge. Cada casa mais parecia com as mansões dos Hamptons.

— Não estou obrigando ninguém a nada — retrucou, passando pedaços de papel para cada um de nós. — A ideia é ótima. No final do ano que vem nós estaremos aqui novamente lendo nossos desejos e vendo como conseguimos – ou não, realizar nossos planos para o ano novo.

Andrew bufou, levando uma cotovelada da namorada.

Madison havia retornado da casa dos pais com um humor do cão, e a ideia fixa de que nós devíamos fazer uma cápsula do tempo com uma carta para nosso eu do futuro.

— Na sua carta eu posso fazer um adendo? Talvez dizer que você deveria dar atenção para um pobre jogador de basquete com um enorme coração que talvez esteja mais maduro e merecedor de, talvez, uma gota de atenção da cientista mais linda da universidade? — Benjamin falou perto do meu ouvido, dando uma risada no final e me entregando a sacola para que eu retirasse a minha bebida.

Meu corpo acabou se arrepiando por completo, mesmo usando um enorme suéter cinza para me manter aquecida, com uma calça branca. Foi um dos presentes da minha mãe, assim como todas as roupas que estavam em minha mala insípida.

Peguei uma garrafa para mim, passando a sacola para o lado e olhando para o garoto que estava sentado próximo a mim

com um sorriso de fazer tremer qualquer coração nos lábios.

Benjamin era bonito. Bem bonito, na verdade.

Era alto e loiro como Andrew. Os músculos do braço estavam bem torneados pela camisa de manga comprida preta. Era impossível não reparar na protuberância formada em seu bíceps, ou nas veias que saltavam dos ombros largos. Eu entendia o porquê as garotas ficavam doidas por ele.

— Passo. Gostaria de evitar problemas com as suas muitas admiradoras — respondi, dando um sorriso falso. — Não posso ser egoísta e deixá-las sem você, sabe? Daqui a um ano, inclusive, o número de garotas querendo cair na sua cama vai ser ainda maior — apontei o óbvio.

— A visão que você tem de mim me mágoa, gata. — Ele pôs a mão no peito, como se quisesse mostrar que realmente havia doído. — Quem sabe o que eu preciso não é de uma gata centrada como você em minha vida?

Benjamin tinha um olhar confiante, e eu tinha certeza de que era exatamente assim que ele convencia qualquer pessoa a fazer qualquer coisa com ele. Flertes inocentes que acabavam se tornando em algo mais.

A diferença é que comigo isso não aconteceria.

E não por não o achar, de fato, como ele mesmo se intitulava, o deus da Walker, mas por saber que eu não devia me envolver com ele ou com qualquer outra pessoa.

Ninguém merecia estar em minha vida para sofrer.

— Não seja bobo, Davis. — Rolei os olhos, ignorando o leve tremor em meu peito, aproveitando para dar um gole na bebida.

— Tudo bem, gata. Um dia você vai me dar valor e eu... Bem eu estarei aqui, porque eu não tenho um pingo de vergonha na cara mesmo — ele disse, piscando para mim e me fazendo rir.

Eu teria acreditado se ele não fosse Benjamin Davis, o garoto por quem todas as garotas da universidade se estapeavam

Existem pessoas e pessoas no mundo.

Benjamin era uma daquelas pessoas que haviam nascido para chamar atenção. Mesmo com o rosto um pouco contorcido, ainda conseguia ser incrivelmente bonito.

Os lábios bem desenhados e finos, a barba por fazer deixava o rosto jovem com uma expressão ainda mais máscula, sobrancelhas grossas e olhos tão bonitos que tornava difícil a missão de se concentrar em algo além das íris esverdeadas.

— Pelo menos nós concordamos em alguma coisa. — Benjamin bufou, e eu achei graça.

Era divertido vê-lo tentar flertar comigo.

E eu não era idiota o bastante para sequer cogitar que podia ser verdade. Era uma brincadeira que ele havia arrumado para

poder conseguir a minha atenção. E ele conseguia, sempre.

Madison terminou de explicar como devíamos escrever a carta, entregando uma caneta para cada.

Ficou estabelecido, por fim, que cada carta para nossos *nós do futuro* nós devíamos:

1. Mandar uma mensagem para nós mesmos.
2. Escrever um sonho maluco.
3. Algo que queríamos realizar durante o ano. Tipo um desafio.

Dei mais um gole na bebida, pegando o meu papel e encarando-o sem saber o que fazer. Será que a eu do futuro estaria aqui para ler isso com eles? Eu esperava muito que sim, porque contra todas as probabilidades eu realmente amava essas pessoas.

Apoiei o papel sobre o chão da picape, começando a minha carta.

"Querida eu do futuro,

Eu sei que a vida nem sempre foi bacana conosco, mas temos que convir que nosso primeiro ano como universitárias foi muito melhor do que podíamos imaginar. Quer dizer, fizemos amigos e estivemos em uma missão de resgate com o FBI!

Uau!!!

Não sei bem o que escrever, na verdade. Nós compreendemos a nossa necessidade de pensar em um dia após o outro apenas. Em agradecer por dias em que não sentíamos como se estivéssemos ardendo até a morte, a obses-

são maluca com nossa pesquisa e a importância que ela pode ter na ciência.

Nós podemos trazer resultados positivos para o mundo, e sempre foi isso que quisemos.

Eu espero que você esteja feliz pelas coisas que podem parecer pequenas a muitos olhos, mas que, para nós, são enormes conquistas. Pelas pessoas, no caso. Juro, elas são incríveis. Cada uma ao seu modo.

E, uau! Nós andamos com os caras mais gatos da universidade, Chiara! Isso não é louco? Meus dedos estão cruzados aqui. De todo meu coração, espero que você continue ao lado deles. Você é feliz aqui, Chiara. Muito feliz.

Quando a Madison falou sobre escrevermos para nós mesmos no futuro, eu senti um gelo no peito, sabe? Em um ano tantas coisas podem mudar. Nós, podemos mudar. A gente pode, sei lá, ter um infarto, ou cair e bater a cabeça em uma pedra e morrer.

A vida é imprevisível.

Especialmente para nós.

Mas se estivermos bem, eu espero, de todo meu coração, que tenhamos conseguido realizar a MAIOR DE TODAS AS CONQUISTAS: A aprovação do nosso projeto. Tudo tem ido bem aqui no presente. É isso! Mesmo quando duvido da nossa capacidade, ainda acredito que vamos conseguir. Vai ser a nossa conquista do ano, garota!

Eu espero que, enquanto você estiver segurando essa carta entre seus dedos, tendo o resultado da aprovação, nós possamos estar com os olhos marejados e que possa se lembrar

de tudo o que passamos para chegar até aqui — até aí, no caso. Cada ida ao hospital em que pensamos que não voltaríamos para casa. Todos os dias em que mal pudemos respirar sentindo que íamos derreter de tanta dor.

Nós convivemos com isso a vida inteira. Nós vivemos sempre um dia após o outro. Nós sabíamos dos nossos desafios e mesmo nos piores dias, não sucumbimos. Eu tenho orgulho de nós, e espero que você aí no futuro possa ter também.

Obrigada por não desistir.

Nossos sonhos nos trouxeram até aqui — e aí.

E sabe o que é o mais louco? A Madison ter pedido que realizássemos um sonho maluco.

Não é engraçado nós sermos as campeãs nessa modalidade?

Quando éramos crianças, costumávamos sonhar, olhando através da janela do nosso quarto, que eu éramos uma criança diferente, lembra disso?

Sonhava que éramos livres, como todas as outras. Que podíamos subir em árvores. Sonhávamos que éramos intrépidas como as mocinhas dos livros que líamos, capazes de sermos fortes. Que podíamos voar, praticar esportes, ser quem quiséssemos ser.

Eu queria poder voltar no tempo, Chiara do futuro. Queria poder viver todas as coisas que não pudemos ter. Queria ter tido nosso primeiro encontro romântico, a primeira vez dos sonhos, queria que tivéssemos ido ao baile de formatura... Nosso primeiro amor.

Quis ser tantas coisas das quais nunca pudemos.

Nunca poderemos ser.

Talvez o meu sonho mais louco seja estar no futuro com as nossas conquistas e ao mesmo tempo poder voltar no tempo. Ter sido a rainha do baile e beijado aquele jogador popular que todas as garotas sonhavam em ter.

Eu queria poder viver o meu clichê, sem deixar um rastro de corações partidos. Sem magoar ninguém.

Queria desesperadamente poder voltar no tempo e simplesmente ter tudo o que não pudemos.

Eu queria que pudéssemos ter tido a chance de viver.

Só viver.

Sem medo.

Mas a nossa vida sempre foi mais como uma luta contra um mar de areia movediça. Tentar vencê-la só tornava tudo mais cansativo, até que a única coisa que nos restava era esperar ser engolida. Sentir a última gota de ar se esvair dos nossos pulmões.

Mas chegamos aqui.

É isso.

Acho que o meu sonho louco é poder voltar no tempo. Será que conseguiremos esse feito maluco? Não vejo como, para ser bem sincera. Quem sabe você, cara Chiara do futuro, mais madura e inteligente, consiga resolver a fórmula dessa equação.

Enfim, de todo meu coração, espero que aí, daqui a um ano, nós estejamos felizes e realizados. Espero que estejamos aí e bem.

Com amor, Chiara.

Sua eu do passado."

Terminei minha carta passando os olhos pelas letras mais uma vez. Acho que consegui transmitir tudo que a Mad pediu.

Soltei um suspiro triste enquanto dobrava o papel e escrevia meu nome para colocar no pote. Nós íamos enterrá-lo em algum lugar por aqui e só abrir no final do ano que, em instantes, começaria.

Desejei internamente, apertando minha carta na mão antes de guardá-la, que meus sonhos se tornassem reais, mesmo sabendo que jamais seria possível. Mas, bem, eu cumpri a missão.

Infelizmente, nem todo sonho podia se tornar realidade.



Capítulo 5 – Benjamin

Afundei os dedos na cintura da ruiva que instantaneamente curvou o corpo um pouco para frente, fazendo com que a bunda roçasse no meu pau.

— Obrigada pela ajuda, eu realmente não sei como fazer isso — a garota falou, com o rosto virado em minha direção e a boca tão próxima à minha que poderia ter me beijado se quisesse.

E ela queria, claro. Mas queria que eu tomasse a iniciativa.

— Não tem problema — devolvi, passando a minha mão direita por sua silhueta. — Eu adoro ajudar.

— Então acho que vamos nos dar muito bem, gato. — A garota piscou em minha direção.

— Será que podemos começar o jogo, ou tá difícil? — Jonh reclamou do outro lado da mesa, rolando os olhos para o flerte descarado.

— Larga de ser pau no cu, filho da puta. Nunca aprendeu a respeitar as dúvidas de uma dama?

Jonh passou as mãos em frente ao rosto, dando risada da situação.

— Aqui, gata. — Peguei a raquete de ping pong, colocando na sua palma. Minha mão cobriu a sua e, juntos, fechamos as mãos em torno do cabo. — Você precisa segurar firme.

— Da mesma maneira que posso segurar uma outra coisa essa noite? — A pergunta sugestiva foi acompanhada de um balançar de quadril, deixando meu amigo animado para a noite.

— Ainda tem pessoas por aqui, se quiser tirar as roupas, só achar um quarto ou algo assim. — Jonh bateu com sua raquete na base da mesa, chamando atenção de alguns de nossos colegas.

Retirando a mão, que estava na cintura da garota, mostrei o dedo do meio para Jonh, voltando os dedos para suas curvas acentuadas.

— Agora — falei, aproximando minha boca do seu ouvido —, você precisa ficar de olho na bola. O tempo inteiro.

A garota mordiscou o lábio, soltando um gemido contido quando pressionei meu corpo contra o seu.

— Mais alguma coisa? — perguntou, provocante.

— Seu punho — expliquei, levando a mão com a qual ainda segurávamos a raquete, ao seu punho. — Ele deve ser maleável. É assim que se coloca efeito na bola. Movimentando o punho pra cima e pra baixo, pra um lado e para o outro. — A cada movimento citado, reproduzia com nossas mãos unidas.

— Isso me dá muitas ideias de movimentos que posso fazer a partir do punho — sussurrou, virando um pouco o rosto, o que levou nossas bocas a estarem muito próximas outra vez.

— Agora nós só precisamos saber se você realmente é boa nisso.

— E você vai me ajudar, ou me deixar sozinha? — Mais uma vez, uma rebolada contra a minha virilha.

— Estarei aqui para te auxiliar no que precisar, gata.

— Isso também me dá muitas ideias.

Acenei para meu amigo, que lançou a bola na direção da garota. Ela se inclinou um pouco para frente, fingindo interesse em acertar a bola. E conseguiu. Mas não as bolas da mesa.

Eu gostava da minha vida.

A universidade era fascinante. Sexo. Sexo. Sexo.

Sinceramente, para mim havia decidido me desvencilhar de qualquer coisa que pudesse foder comigo, como meus vícios, era absolutamente tudo que eu precisava para me distrair. Tudo que funcionava para que eu não me tornasse a porra do meu pai.

Se eu não me desse bem com a ruiva que estava se esfregando em mim, o que eu duvidava muito, podia escolher qualquer outra garota e funcionaria muito bem. A casa estava mais cheia do que eu havia imaginado inicialmente quando a Mad garantiu que era uma pequena reunião entre amigos. Vindo dela, de-

víamos ter imaginado que não seria mesmo algo pequeno. A loira gostava mesmo de coisas chamativas. Acho que era algo de gente rica, já que o Malcon sempre reclamava que a mãe vivia fazendo esse tipo de coisa pra chamar atenção.

A verdade era que eu nem tinha a intenção de estar aqui hoje. Meu corpo pedia cama, mesmo quando sabia que não dormiria. Quinze malditos dias que eu não cedia. Duas malditas semanas tendo que me esconder ainda mais em mim mesmo. Tendo que pender para o outro lado da balança a fim de não sucumbir de vez.

Olhei ao redor, vendo as pessoas dançarem de maneira sensual. Alguns quase de maneira explícita, como se estivessem transando ali mesmo, na sala chique da família da, segundo nossa recém-descoberta, princesinha da Escócia. Leigh e Andrew estavam na área externa com a Chiara, que bebia alguma coisa em seu copo vermelho. Madison estava subindo as escadas que a levaria para o andar superior, com o telefone colado ao ouvido e, pela expressão no rosto, não era uma conversa amigável.

Foi por eles que eu decidi participar da festa. Sem contar que a vossa majestade infernizaria meus ouvidos todos os dias do ano. Não. Todos os dias do resto das nossas vidas.

— Ponto! — A garota que agora praticamente conduzia o jogo por nós dois gritou animada, virando-se de frente para mim enquanto passava os braços ao redor do meu pescoço em um abraço desengonçado.

Se as coisas continuassem assim, essa noite seria de muitos pontos.



O flerte da noite acabou em um boquete muito empolgado no banheiro, seguido da promessa de que a primeira noite do ano seria intensa.

E essa não era o tipo de promessa que eu recusava.

Não existia nada melhor, para mim, que passar a noite acompanhado de batidas ritmadas no coração e uma respiração cálida em meu pescoço.

Enquanto isso não acontecia, nós havíamos nos separado. A garota tinha ido contar às amigas sobre tudo que protagonizamos, sem dúvida. Eu havia pegado uma bebida e sentado com alguns dos caras para jogar papo fora até que toda a palhaçada da virada terminasse.

Gostava de festas, sempre gostei. Mas não era um grande entusiasta das festas de final de ano. A memória da nossa primeira comemoração sem a nossa mãe sempre esteve forte demais em minha mente, e em algum momento minha mente acabava por retornar àquele período.

— Soube que o treinador tirou o George do time por tempo indeterminado? — Sioux, colega de time do meu irmão, perguntou, aproximando-se e sentando na mesa de centro que estava à minha frente.

Cherokee estava sentado no chão à minha frente, Jonh ao meu lado enquanto Will

estava no braço do sofá com Marie, estudante de artes que veio transferida da França estava perto demais dele, no seu colo. Ava e Lily, gêmeas da turma do segundo ano de psicologia estavam ao lado de Jonh e Libby que estudava ciências da computação no outro braço do sofá, o que ficava mais próximo a mim.

— Fiquei sabendo.

Isso seria muito bom para meu irmão. Depois de tudo que aconteceu entre ele e Andrew, o filho do treinador não tem estado muito bem, começando a rebelar-se no campo, contra o próprio pai, e, especialmente, implicando com Jackson.

Para sorte de George, nosso caçula não era tão temperamental quanto Andrew. Caso contrário, seu nariz não estaria em perfeito estado e ambas as bolsas em risco.

Assim como o mês de março era o mais importante para o basquete, janeiro era o período decisivo para o futebol americano e abril para o hóquei. Nossa vida, nos próximos meses, seria uma maratona.

Sentindo o cansaço tomar meu corpo só de pensar em como sobreviveríamos à agitação, mas sempre contando com o apoio uns dos outros.

Passei os olhos pela sala já mais vazia. A maioria das pessoas tinham ido para o lado de fora da casa próximo ao lago iluminado pelos varais de luz que foram instalados para a noite. Alguns estavam sentados ao final do deck de madeira que se estendia até quase metade do lago.

Observei novamente as paredes da casa. A maior parte de madeira, enquanto algumas, as que davam para o lago, eram de vidro. Durante o dia deve ser incrível ficar observando a paisagem. Reconfortante, talvez.

Do sofá onde estávamos, podíamos ver uma varanda enorme. Algumas pessoas estavam encostadas na mureta de madeira observando os demais que havia escolhido ficar mais próximo à água.

— Ouvi dizer que o treinador está pensando seriamente em pôr o Jackson como quarterback. — Voltei a olhar Sioux.

— Quem te disse isso? — perguntei, animado. Tinha certeza de que a mudança de posição seria maravilhosa para meu irmão.

— Um cara que faz aula comigo, comentou que ouviu o treinador e a senhora Hughes discutindo sobre isso. Ela disse que era inaceitável que ele tirasse o filho do time para privilegiar outra pessoa, especialmente quando a outra pessoa era o irmão do cara com quem o filho brigou.

Mais interessado na conversa, me movi no sofá ficando numa posição em que eu pudesse escutá-lo melhor.

— E o que ele respondeu? — Ava, como uma boa fofoqueira, saiu do sofá, sentando-se ao lado de Sioux à mesa, prendendo o braço dela ao dele, que estremeceu um pouco.

Ele não era muito dado ao contato com as garotas, o Sioux foi criado em uma comunidade Amish, fugiu de lá depois de uma tragédia na comunidade e acabou se tornando uma espécie de transgressor da lei, renegado pela

comunidade. Ele não falava muito sobre isso, mas não aparentava interesse em retornar ao convívio da família. Corria um boato de que ele ainda era virgem. Nunca foi confirmado, entretanto, nunca foi negado também.

Tentando desvencilhar seu corpo do da garota, ele levou a mão aos fios de cabelo escuro, passando os dedos lentamente até pousar a mão na perna. Novamente Ava grudou seu braço ao dele, dessa vez parando a mão em um lugar estratégico. Mais alguns centímetros e ela conseguiria pegar o pau dele. Quis rir quando ele soltou o ar com força, dando-se como vencido.

— Só disse que se ela pensasse no filho, não sairia abrindo as pernas para outro aluno. Não adiantava querer dar uma de supermãe agora.

— Então ele sabia dos casos dela? — Marie firmou o cotovelo na coxa do Will, jogando o corpo um pouco mais para frente, querendo ouvir melhor a conversa.

— Pelo visto, sim. — Jonh riu. — Imagina como não deve ser pra ele e pro George saberem que a senhora Hughes anda pegando alunos por aí?

— Isso é hipócrita da parte dele. Aliás, de todo mundo que julgar. Quantos professores, por mais que seja contra as regras, transam com alunas? — Ava ergueu a sobrancelha, desafiando-nos a negar. — Só esse ano, dois já deixaram claro que queriam ir pra cama comigo. Há boatos sobre um professor que alterou a nota de uma aluna em troca de um

boquete. Mas só porque ela é mulher vão transformá-la em uma vadia?

— Sem contar que a senhora Hughes é divorciada. Ela pode transar com quem quiser e quando quiser — Lily completou o discurso da irmã, dando um olhar enviesado ao meu amigo. — O George sempre foi um idiota mesmo.

— É, você não está errada, gata. — Meu amigo passou a mão pelos ombros de Lily, que, chateada, a removeu sem pensar duas vezes. Eles tinham uma relação estranha de se pegar quando quisessem, e continuar saindo com outras pessoas também. Uma espécie de relacionamento aberto que eu jamais entenderia. — O quê? Eu tô concordando com você! Viva ao matriarcado!

Jonh ergueu a garrafa de cerveja que carregava, recebendo reviradas de olhos das garotas.

— O que importa é que seu irmão vai se dar bem nessa — Cherokees concluiu, dando uma golada em seu copo. — Esse destaque vai ser importante, e se ele for bem, os olheiros, mesmo que não possam fazer ofertas, já estarão com o nome dele na mira. Já vi seu irmão jogando, sei que ele vai fazer história no futebol americano.

Sorri, assentindo.

Era verdade. Meu irmão faria mesmo história. O futebol foi a maneira como Jackson encontrou de colocar a raiva que ele sente do mundo para fora. E, bem, ele podia passar a vida sendo agressivo em campo e o cara mais tranquilo do mundo fora dele.

Peguei o celular rapidamente, ansioso para passar adiante a fofoca para meus irmãos. Abri o grupo que tínhamos, intitulado de "Davis&Furiosos" em homenagem à fixação do Andrew pela franquia.

Benjamin: Onde vocês estão?

Enviei a mensagem, esperando algum tempo pela resposta.

Que não chegava.

A única resposta que obtive foi de Olívia que havia mandado uma foto sentada no capô de um carro com um boné velho ao lado de uma de suas amigas da escola e de Brad, um dos nossos antigos vizinhos. Oly nutria uma paixonite por ele desde que descobriu que o coração podia bater diferente por alguém.

Benjamin: Não era exatamente com você que eu estava falando, mas por favor, Olívia, cuidado. Não bebe muito e não aceita nada que ninguém te dê a menos que esteja lacrado e seja aberto na sua frente.

Assim que eu enviei, o status dela apareceu para digitando. Conhecendo minha irmã, a resposta passaria longe de ser algo como "obrigada pela preocupação, irmãozinho".

Olívia: Ben, haverá um dia em que você vai descobrir que eu tenho mais maturidade que você com essa cabecinha de vento. Vai curtir a noite e amolar as pobres coitadas que você vai tentar levar pra cama.

Ben: E por falar em cama, vá cedo para a SUA e SOZINHA.

Enviei.

Dois segundos depois, tudo que recebi de volta foi uma foto dela mostrando o dedo do meio. Eu ri, bloqueando a tela do meu celular. Por mais que tentasse mascarar meu medo com implicância, me preocupava de verdade com Olívia. Minha irmã era jovem e tinha uma vida inteira repleta de boas experiências para viver. Não queria que ela acabasse ficando com um cara que a magoasse, ou que se apaixonasse tão perdidamente por alguém que seria capaz de desistir dos seus sonhos pela pessoa.

Nós todos tínhamos um pacto silencioso: Olívia era nossa prioridade.

Depois do acidente, quando enfim eu consegui dar pequenos passos em direção à reação, foi ela também quem não permitiu que eu me afundasse. Tê-la enchendo meu saco para ajudar a arrumar seu cabelo, ou brincar de boneca, ou qualquer dessas besteiras que as crianças gostam de fazer me ajudou a, pouco a pouco, me reencontrar também. E a ser um suporte para Andrew, mesmo quando ele decidia resolver tudo sozinho.

Era mais fácil para ele sair de casa, sabendo que eu conseguiria cuidar dela e do Jackson caso algo acontecesse. Meus irmãos foram a boia na qual eu me agarrei para não afogar no mar de tristeza onde naufraguei por muito tempo.

Sentindo minha garganta começar a travar e meus olhos lacrimejarem, tossi para espantar as emoções que estavam prestes a me dominar. Olhei para a tela do meu celular mais uma vez, e nada de resposta.

Os filhos da puta dos meus irmãos não iam chegar perto do aparelho, pelo visto. O que queria dizer que eu teria que procurá-los por aí para disseminar a fofoca. Avisei ao pessoal que já voltava e segui rumo à cozinha, onde na maior parte das vezes, costumávamos nos encontrar nas festas. Eles não estavam. Conferi o celular novamente, e nada deles ainda.

Voltei para a sala e fui em direção à varanda. Passando rapidamente os olhos, era notável que eles não estavam também. Comecei a virar-me para entrar novamente na sala, mas meus olhos captaram Chiara.

Ela estava sozinha. Olhava para a tela do celular com um pequeno sorriso começando a despontar no rosto e, em seguida, começou a digitar algo. Sentindo-me mal por vê-la sozinha, decidi ir até ela.

— Ei, gata! — cumprimentei, parando ao seu lado. Ela pareceu assustada inicialmente, mas sorriu ao me ver.

— Oi, jogador. — A resposta veio meio confusa, como se não esperasse me ver aqui. Antes que pudesse falar outra coisa, o celular acendeu em sua mão, indicando outra mensagem.

— É por isso que você me esnoba? Você já tem namorado? — Pus a mão aberta no peito, parecendo ultrajado.

— Namorado? — repetiu, confusa.

— Você está sorrindo outra vez enquanto digita. — Meu tom pareceu acusatório. — Eu jurando amor eterno, e você me trocando por outro.

Fechei os olhos em uma expressão de desgosto, fingindo lágrimas nos olhos.

— Larga de ser bobo, Benjamin Davis. — Chiara alargou o sorriso virando o celular por um segundo em minha direção. Tempo apenas para que visse o nome do contato. — Ele está me contando sobre o jogo que viu hoje pela manhã, mas não consegui acompanhar.

Assenti, observando suas feições relaxarem um pouco ao falar sobre o pai. E parte de mim sentiu uma dor estranha no peito. Por saber que aquela era uma reação que eu jamais teria ao falar sobre o meu.

— Você comentou que via muitos jogos com ele, não é? — lembrei, tentando afastar o pensamento *dele* da minha mente.

— Sim. Era o nosso lance. Meu pai e eu costumávamos assistir aos jogos juntos. — Chiara inclinou o rosto um pouco na minha direção, o olhar brilhante de quem recordava de momentos importantes. — Não importava qual era o esporte, nós sempre mantínhamos a nossa tradição. E quando não podíamos ver juntos, falávamos sobre o assunto assim que possível. Nossa, minha mãe ficava maluca.

Ela balançou a cabeça em negativa, ainda com um sorriso nos lábios.

— Eu acho que você seria ótima para algum time. Mesmo sem nunca te ver jogar, você tem muito conhecimento e técnica.

— Minha mãe teria um treco. E digo isso no sentido mais literal possível da afirmação. Ela gosta de drama, faria parecer que meu pai estava me levando para uma carnificina de

onde eu voltaria sem alguma parte do corpo — brincou.

Foi inevitável não pensar na minha mãe. Doía pensar nela. Talvez doesse para sempre. Em alguns momentos era reconfortante lembrar da época em que a nossa vida era simples, onde cada um era exatamente o que devia ser: irmãos que implicam uns com os outros.

— Em casa, minha... mãe... — A palavra saiu raspando por minha garganta. Era difícil pensar nela. Mais raro ainda falar sobre ela. — Era ela quem nos incentivava a jogar. E era engraçado, sabe? Ela tinha que se virar em mil para poder dar conta dos filhos que gostavam de esportes diferentes.

Às vezes eu sentia que as lembranças, as memórias, aos poucos, iam ficando enevoadas. Já não conseguia recordar com tanta clareza dos seus olhos, ou do som do seu sorriso. E eu tinha medo. Morria de medo de que, em algum momento, eu pudesse esquecê-la para sempre.

— Ela devia amar, mesmo sendo uma loucura.

Assenti em silêncio.

Ela amava mesmo. E nós todos meio que disputávamos a atenção dela. Nossa mãe tinha uma maneira especial de lidar conosco e nos fazer compreender o respeito às diferenças. Em geral, jogávamos todos juntos a mesma coisa. Algumas vezes, em uma única tarde, conseguíamos passar por todos os esportes, outras, apenas revezávamos.

Podia não lembrar de sua voz, mas sabia que ela era uma mulher incrível. E tinha certeza disso por, mesmo com seu rosto borrado em minha mente, saber com clareza o que sentia quando estávamos com ela.

— Ela amava — garanti com um sorriso nostálgico.

— Sinto muito, de verdade. — Chiara pôs a mão em meu braço, confirmando suas palavras.

E minha garganta se fechou outra vez indicando que eu podia começar a chorar como uma criança ali mesmo.

— Obrigado — sussurrei, tentando afastar a melancolia da minha mente. Tentando esquecer o farol alto em nossa direção, e como ela tentava me chamar enquanto o sangue escorria por sua boca. O quão angustiante e frio foi ficar ali no carro com ela. Por horas. — E você estava aqui sozinha por... — Deixei a frase em aberto em uma tentativa de mudar de assunto.

Chiara deu de ombros, como se não fosse grande coisa, depois ficou séria, como se fosse necessário ponderar o quão sincera ela seria.

— Às vezes eu só preciso de um tempo, sabe? — Olhou-me de lado antes de voltar a encarar a imagem à nossa frente.

De onde estávamos eu conseguia ver Andrew e Leighton na ponta do deck. Meu irmão estava com um dos braços em seu ombro, e ria de algo que a namorada havia dito. Era bom, finalmente, poder vê-lo realmente feliz, leve. Andrew amava a Leighton. E

ela era legal e depois de tudo que ele havia vivido, mais do que ninguém, ele merecia viver isso. A felicidade.

— Muita gente, muito barulho? — insisti, tentando arrancar qualquer coisa dela. Chiara costumava ser muito mais aberta nas mensagens, ou quando não tinha ninguém por perto. Em situações onde as pessoas podiam observá-la, a garota parecia se fechar em um casulo.

— Um pouco de tudo, eu acho. Não era bem assim que eu estava acostumada — confessou, com uma careta.

— Então sua mesa não era cheia de estudantes na escola? — pressionei. Chiara falava sobre os pais às vezes. Muito mais sobre o pai, para ser sincero. Mas nunca sobre seus colegas, sua escola e seus amigos fora universidade.

Mais uma vez, um pouco de silêncio.

— Bem longe disso — falou, por fim, em um sussurro. — Minha mesa era basicamente minha mãe e eu. Algumas vezes algum professor almoçava conosco também.

Franzi o rosto.

— Sua mãe era diretora? Você estudava na escola em que ela trabalhava?

Ela negou com um balançar de cabeça.

— Eu estudava em casa. Na maior parte das vezes éramos apenas minha mãe e eu. — Chiara falava de uma maneira que não deixava transparecer que se importava, mas seu corpo a traía. Estudar em casa devia ser um inferno para qualquer criança.

— Bem, está explicado então por que você rejeita tão enfaticamente a minha amizade. Afinal, como um deus da Walker, estava começando a me preocupar de estar perdendo meu charme, no fim das contas, você só fica tímida. Mas esse é um problema que vamos resolver juntos.

Chiara rolou os olhos, no mesmo instante em que eu bati com a ponta do meu cotovelo em seu braço para provocá-la. Eu sabia que a melhor maneira de a acessar, era fazendo-a rir. Dessa forma, Chiara se sentiria segura comigo.

— Você é convencido demais para o seu próprio bem — devolveu, sorrindo um pouco.

— Em minha defesa, foi você mesma quem disse isso.

Ficamos em silêncio novamente, lado a lado, observando a movimentação das pessoas ao nosso redor. Cansado, me espreguicei, fazendo com que uma parte da minha camisa levantasse um pouco.

— Ei, o que é isso? — Chiara apontou para uma mancha em minha barriga.

Dei de ombros.

— Pra ser sincero, não faço ideia. — Suspendi um pouco mais a camisa, mostrando a coloração meio esverdeada. — Acordei assim há alguns dias. Já está melhor.

Chiara me encarou como se achasse aquilo uma loucura.

— Simplesmente você acordou com um hematoma desse tamanho, não faz ideia do que aconteceu, e não procurou um médico

ou algo do tipo? — Ergueu a sobrancelha em minha direção.

Bufei, como se não fosse nada demais.

— Deve ter batido contra alguém em um dos treinos. — Havia, na verdade, uma enorme possibilidade de que isso, de fato, tivesse acontecido.

Chiara deu um pequeno passo para frente, passando o indicador de maneira delicada no lugar machucado. Engoli em seco com a sensação gostosa em meu corpo.

— Isso não está bonito, Davis. Você devia mesmo procurar um médico e...

— Bobagem, gata. É só um machucado. Não é a primeira nem a última vez que essas manchas aparecem em meu corpo — falei, baixando a blusa para que ela não analisasse mais aquela porcaria. — Mas, se essa é a desculpa que você precisa para ficar analisando meu abdômen sarado, saiba que eu não tenho nada contra.

Chiara rolou os olhos, voltando a olhar para baixo. Madison e Malcon estavam chegando ao deck. Ele carregava um balde com algumas garrafas de champanhe. Alguns passos atrás Jackson os seguia com taças entre os dedos. A patricinha gesticulava bastante falando com alguém e parecia chateada.

— Acho que já vai virar. — Chiara fez uma careta de insatisfação. Olhei para o relógio e faltavam menos de quinze minutos.

— Sim. Melhor descermos, longe de mim encarar a fúria da Mad.

Chiara soltou um gemido de frustração.

— Eu prometi que faria diferente esse ano, mas já quero voltar atrás — comentou, fazendo com que eu voltasse minha atenção a ela.

— Que vai responder mais as minhas mensagens? — brinquei, tentando deixá-la mais confortável. Chiara sorriu, balançando a cabeça em negativa.

— Que eu tentaria ser mais receptiva às pessoas, mas acho que não sou tão boa nisso.

— Você é — garanti. — Gosto da Chiara que você mostra ser quando está conversando comigo. Inteligente e divertida. A mesma garota que senta conosco e se mostra leal e intensa com as amigas. Só precisa mostrar isso ao mundo.

— É mais fácil falar do que fazer — reclamou. — E, se não fosse pela Leigh eu também não estaria aqui com vocês.

— Mas está. E acredite, o fato de você estar conosco hoje não tem a ver com você ser amiga da namorada do meu irmão. Mas sim o fato de você me achar um tremendo gostoso.

Bufou de maneira divertida.

— Você é terrível, Benjamin Davis. — Ela bateu o cotovelo em minha costela, como eu havia feito pouco antes.

— Falando sério agora, todo mundo começa de algum lugar e sim, nós nos aproximamos porque você era amiga da Leigh. Hoje você faz parte do nosso time, e como você bem sabe, nenhum jogo é o mesmo quando o time está incompleto.

— Isso foi elogio do deus da Walker? — Ela pôs a mão sobre o coração, fingindo choque em sua expressão. — Não vou dormir essa noite.

— Pelo menos chegamos a um consenso. Você realmente me vê dessa forma. — Pisquei para ela.

— Obrigada — agradeceu, um pouco mais séria dessa vez, e parecendo muito sincera. Sua mão repousou em meu braço, dando um aperto de leve. — Obrigada de verdade por...

Ela foi interrompida por alguns fogos de artifício que acenderam antes da hora, fazendo com que ela estremecesse. Ela apertou meu braço com mais força. Não o bastante para me machucar, mas o suficiente para demonstrar que havia realmente se assustado. O maxilar estava completamente trincado e, mesmo com os olhos fechados, era possível perceber que os cantinhos dos olhos estavam um pouco marejados.

— Ei — chamei, pondo minha mão em seu ombro com cuidado, tentando não a assustar ainda mais. — Você está bem?

Chiara não respondeu de imediato, ficou algum tempo apenas controlando a respiração antes de abrir os olhos e me encarar outra vez.

— Sim. Estou — mentiu, com um leve sorriso. Eu sabia bem. Contava esse tipo de mentira constantemente. Ainda parecia assustada. — Fui pega de surpresa, tenho problemas com fogos.

Ergui uma sobrancelha em sua direção decidido a não a pressionar.

— Tenho uma péssima notícia para você...

— Pois é. Eu devia ter ficado mesmo em casa.

Balancei a cabeça em negativa.

— Não devia. Sou bom em fazer as pessoas esquecerem coisas ruins. Você está segura comigo, prometo.

Chiara sorriu em agradecimento, e eu acredito que tenha sido a primeira vez em que ela tenha realmente feito isso de maneira sincera.

— Ei! — Ouvi um grito ao longe seguido de um assobio. Nós dois olhamos na direção do som, encontrando alguns pares de mãos nos chamando para descer. Madison apontou para o braço, indicando que estava perto da virada.

— É, acho que não tenho mesmo outra escolha, Davis. Vou ter que confiar em você.

— Não vai se arrepender. — Passei o braço por seu ombro, trazendo o corpo para um pouco mais perto do meu. — Agora vem, você tem uma promessa para cumprir, e eu juro que estarei aqui para ajudar.

E naquele momento, apenas nós dois conversando naquela varanda, que eu soube que não permitiria mesmo que a Chiara se afastasse de mim.



Capítulo 6 – Chiara

Trinquei os dentes quando o som dos fogos de artifício começou, me esforçando para focar no presente.

Eu estava no deque com meus colegas. Aqui era seguro.

Inspirei fundo, vendo as cores explodirem no céu. Azul, rosa, amarelo, verde, os mais variados tons iam se misturando e deixando o céu escuro encantador. As pessoas aproveitavam para tirar fotos e se abraçar, desejando um ano novo feliz. Eu ainda não conseguia me mover. Ao menos parecia que estava admirando o show a minha frente, mesmo que minhas mãos estivessem apertando com força a grade de proteção.

— Cheguei! — Benjamin disse, se aproximando e pondo a mão em meu ombro, querendo que eu sentisse sua presença. — Desculpa te deixar sozinha, mas demorei mais do que devia porque estava tentando conseguir isso para a gente. — Ele me entregou uma taça, virando-a em minha direção e arqueando a sobrancelha. Sorri para ele, pegando a taça que ele oferecia. — Feliz ano novo!

Sorri para ele, soltando o ar dos meus pulmões.

Peguei a taça que Benjamin oferecia e fizemos um brinde rápido.

— Feliz ano novo — respondi, dando um pequeno gole, enquanto tentava controlar a minha respiração que ainda estava forte demais.

— Eu tô aqui. — Ben, se aproximou um pouco mais, sentindo que eu precisava mesmo ser acalmada por alguns instantes e tocou minha mão, fazendo com que meu corpo lembrasse que havia um pouco de sangue em minhas veias. — Nada de ruim vai te acontecer, eu prometo.

Inspirei.

Ele não podia prometer isso. Ninguém podia.

Antes que eu pudesse responder, os braços de Madison e Leighton me rodearam ao mesmo tempo, desejando um feliz ano novo.

Inspirei outra vez, sorrindo para as garotas e devolvendo o abraço de uma forma desengonçada já que ainda segurava a minha taça.

Ali, em meio a pessoas que eu gostava, eu me senti ainda mais segura. Nada de ruim ia acontecer. Tentei convencer a minha mente.

E o sorriso de Benjamin ajudou a me tranquilizar.

De uma maneira estranha, ele parecia estar certo sobre estar segura ao seu lado. Podia ser meio loucura, mas eu me sentia mesmo assim.



O celular vibrando ao meu lado fez com que eu despertasse. Primeiro dia de aula após

o recesso de final de ano e provavelmente pela primeira vez na vida eu estava com preguiça de levantar.

Eu não tinha feito nada de especial durante todos esses dias, além de ficar na cama fingindo um cansaço extremo para não deixar que percebessem a dor moderada que estava senti nos últimos dias.

Fiquei feliz por ter conseguido aproveitar a virada. Foi muito melhor do que eu tinha imaginado. Por mais que não tivesse podido me jogar no lago quando estava próximo do amanhecer, como a maioria das pessoas que estavam lá, eu aproveitei do meu modo.

E foi muito mais do que já havia feito em toda vida.

Mas a farra sempre cobra o seu preço.

Benjamin cumpriu bem a sua palavra. Mesmo com medo dos fogos, ele ficou ao meu lado esperando que eu estivesse bem, e ainda durante a maior parte da noite buscava assegurar de que eu estivesse confortável.

E eu fiquei.

Sorri ao ver o nome do meu pai na tela do celular.

Eu falava com meus pais fosse por mensagem, ligação ou chamada de vídeo, todos os dias antes de dormir e assim que eu abria os olhos. Caso eu não atendesse a uma única chamada ou no mínimo retornasse com uma mensagem explicando o motivo de não poder atender, minha mãe seria capaz de chegar aqui em tempo recorde.

— Oi, pai. — Bocejei assim que as palavras saíram da minha boca. — Bom dia!

— Bom dia! Como está a minha princesa? — Papai parecia especialmente bem-humorado.

— Sentindo sua falta. — Não era mentira.

Eu amava os dois. Muito. Mas nossas relações eram completamente diferentes. Enquanto minha mãe parou de viver a sua vida para que pudesse atender a todas as minhas demandas, meu pai respeitava meu espaço e me dava abertura para que falássemos sobre qualquer assunto.

— Também sinto a sua, meu amor. O tempo inteiro.

Ficamos em silêncio por algum tempo.

— Foi a mamãe quem pediu para que o senhor ligasse, não foi? — Balancei a cabeça incrédula.

— Um pai não pode mais sentir falta da sua única filha?

— Pai!

Ele riu.

— Sua mãe sabe que você não contaria a ela caso não estivesse se sentindo bem — confessou.

Respirei fundo tentando entendê-la. Minha mãe tinha todo o direito de se preocupar, e eu devia ser grata por isso, mas em contrapartida, também queria que ela confiasse em mim.

— Eu estou bem, juro! — Tentei ser o mais convincente possível. — As aulas são incríveis e nós vamos passar, em breve, para a fase de testes do meu projeto. Estou animada com isso.

— E nós muito orgulhosos de você, filha. — Olhei para a imagem dele em minha tela, seus olhos estavam marejados. — Eu ainda lembro de quando você falou pela primeira vez que queria cursar medicina e como esse parecia ser um sonho impossível. Um sonho impossível que você conseguiu tornar real.

Também me lembrava daquele dia.

O senhor Harris fez uma coletagem de sangue e começou a me explicar o motivo pelo qual o sangue era tão importante em nosso corpo. Eu achei aquilo incrível e comecei a fazer mais e mais perguntas, depois ele me contou que tinha um segredo para mim, ele furou meu dedo e pôs em uma lâmina explicando que naquela pequena gota tinham milhares de pequenos elementos. Eu achei aquilo fantástico.

Quer dizer, como uma gota tão pequena podia caber tantas coisas?

Eu me lembro que disse a ele naquele dia que queria estudar para saber tanto sobre gotas de sangue e seus pequenos elementos quanto ele.

Acho que ninguém me levou a sério, mas aqui estou eu.

— Eu não teria conseguido sem vocês, pai — comentei. — Eu não teria conseguido

nada sem o senhor e sem a mamãe que fizeram de tudo por mim.

Por mais que minha mãe me deixasse maluca, seria impossível negar tudo que ela havia feito por mim.

Jamais poderia expressar em palavras o quão grata eu era por tê-la. Minha mãe abdicou da sua vida para cuidar de mim. Não soltava a minha mão em nenhuma das minhas crises. Era forte por nós duas sempre que necessário. Abriu mão de sair com suas amigas e de ter uma vida além de mim. Ainda mais depois do meu primeiro último dia de aula.

As fases da vida são importantes. Quando nascemos e nosso cordão umbilical é cortado cerca de três a cinco minutos depois do parto. Acho que é a primeira ruptura entre mãe e filho. Depois, a primeira ida à escola, quando, a maior parte dos pais, se emocionam vendo os filhos começarem a traçar seus próprios caminhos. Minha mãe não teve isso. Ela não precisou passar por todo processo de pré-escola, creche, ou nada disso. Ela sempre estava comigo, e no único dia em que isso não aconteceu as coisas saíram do nosso controle, e isso dificultava muito o fato de que agora eu não estava mais com ela e ela não se sentia no controle da minha vida.

— E o senhor? Como andam as coisas no trabalho? — perguntei, levantando-me para começar o processo de me arrumar.

— Uma confusão... Você não sabe o que aconteceu ontem.

E então começamos a falar sobre assuntos banais. Eu ri quando papai contou sobre

seus colegas de trabalho, sobre nossos vizinhos e sobre como tentava convencer minha mãe a sair mais, praticar alguma atividade física com ele ou qualquer coisa que pudesse deixá-la feliz.

Eu esperava que ele conseguisse.

Amava os meus pais mais do que tudo, e eu queria muito que eles conseguissem viver de uma maneira saudável agora. Que conseguissem ser o casal apaixonado que não puderam ser pelos últimos dezenove anos.

Eu não queria mais ser um peso na vida deles, e estava determinada a não destruir a vida de mais ninguém no processo também.



— A pesquisa é um processo em que o conhecimento é construído. Seus principais objetivos são gerar ou refutar conhecimentos. Inclusive, ao refutá-lo, também estamos produzindo conhecimentos. Esse é um processo dinâmico que está sempre em construção e reconstrução. Nós, enquanto sociedade, nos beneficiamos da aplicação de tais descobertas. Ou seja, através de pesquisas científicas podemos resolver problemas que são, de fato, relevantes para a sociedade.

A senhora Schut caminhava de um lado para o outro da sala, com as mãos para trás. Eu admirava sua segurança e mais ainda sua inteligência. Eu tinha certeza de que, um dia — e muito distante, se possível, quando ela morresse, sua mente seria utilizada para estudos científicos. Eu simplesmente podia pisar

nas nuvens só por ter conseguido uma vaga na aula mais disputada em todo semestre.

— Nosso objetivo ao estar aqui com vocês é também instigar mentes focadas na ciência a, para além da medicina, descobrir estudos que possam mudar vidas. Um país sem ciência, é um país sem avanços.

A professora continuou falando sobre como a ciência e as pesquisas científicas podem mudar vidas trazendo exemplos claros. A pandemia, que há alguns anos parou o mundo de maneira trágica e levou pessoas de todas as partes à expectativa de que estudos científicos fossem capazes de produzir vacinas capazes de estimular nossos sistemas imunológicos a nos proteger do vírus letal.

A Aids é outro exemplo da importância das pesquisas científicas em nossa sociedade. A doença que, anos atrás, era sinal de finalização de uma vida, hoje, graças aos estudos, é passível de tratamento através de remédios, reduzindo drasticamente seu avanço.

— Ei — Simon chamou minha atenção, sussurrando, ao mesmo tempo em que jogava uma bolinha de papel em meu braço.. Parecia não ser a primeira tentativa, entretanto, eu estava compenetrada na aula. Confusa, olhei em sua direção de maneira recriminatória. — Ouvi dizer que você está saindo o Benjamin Davis.

Fiz uma careta em sua direção.

— Com o Ben? Claro que não. Ele é meu amigo, você sabe — respondi.

— Sim, mas me disseram que vocês estavam muito juntinhos no Ano Novo — ex-

plicou, como se aquela fosse uma explicação óbvia. — Sorrisos bobos, mãos dadas, parecia coisa de casal.

Simon virou o aparelho em minha direção, supondo que eu conseguiria ler a mensagem que alguém havia enviado para ele.

— Estávamos todos juntos. — Olhei para a professora que havia ficado de costas para começar uma apresentação de slides. — Não foi como se o Ben tivesse me levado para um canto escuro e me atacado. Vocês pensam coisas demais.

Ele riu.

— As garotas estão preocupadas que você tire de circulação o brinquedinho preferido delas, já que o irmão dele namora a sua amiga. — Rolei os olhos para aquele despautério.

— Pode passar o recado de que Benjamin Davis segue solteiro e disponível para elas. — Meu amigo anuiu, digitando imediatamente alguma coisa no celular. Sem sombra de dúvida uma resposta para a garota que estava doida para ser a próxima a sentar no jogador de basquete.

Eu não as julgava.

Benjamin Davis era bonito pra caramba, era divertido pra caramba e, nossa, era o tipo de cara com quem a eu de anos atrás adoraria sair.

Mas a *eu do presente* tinha outras prioridades.

Não negava que Benjamin Davis tinha seu charme.

Uma coisa que eu realmente gostava nele era que, de fato, parecia querer *estar comigo*. Eu não era a garota mais bonita nem a mais legal, mas Benjamin me dava atenção e gostava mesmo de conversar comigo.

Ele havia colocado na cabeça que queria ser meu amigo, e não me deixaria estragar seus planos independente do que eu pensava sobre o assunto.

O pior era que o Benjamin sabia como fazer alguém se sentir à vontade com ele. Eu percebi isso desde o dia em que nos encontramos no shopping, quando a Leighton mal havia começado o namoro — que na época era de mentira, conforme soubemos depois. E tive certeza do seu charme quando, em um jogo, ele brincou sobre acreditar ter se apaixonado por mim por conta do meu conhecimento sobre esportes.

Benjamin Davis apaixonado por Chiara Roosevelt. Nem nos meus sonhos mais loucos isso aconteceria de verdade.

A verdade era que se ele não tivesse falado sobre a mãe, eu teria dado um jeito de finalizar a conversa e, sei lá, ido me esconder no banheiro até quando a Leighton mandasse mensagem me procurando. Alguma coisa dentro de mim alertava para o fato de que essa aproximação não seria legal. Mas sabia como era difícil para eles tocarem nesse assunto. E eu entendia que só falávamos sobre situações que nos causavam dor com pessoas que, de alguma maneira, nos inspiravam confiança.

Eu gostei de saber que podia despertar esse sentimento nele.

Analisando de fora, eu acho que se não conversassem sobre a mãe entre eles, ficariam sempre pisando em ovos quando o assunto surgia involuntariamente.

Outra coisa que eu podia afirmar sobre Benjamin Davis era o quão esforçado era aquele garoto. Depois que grudou nossos braços, ele foi um fofo me apresentando a pessoas que não pareciam tão amistosas, em uma tentativa de me fazer cumprir uma resolução de ano novo que eu já não achava tão legal assim.

Sorri, pensando na carta que havia escrito na virada.

Gostaria que em algum mundo inacreditavelmente fora de todo padrão de realidade isso fosse possível. Que eu conseguisse realizar sonhos que nunca tive sequer a oportunidade de ter, mas a vida não é justa e não tinham ainda inventado uma máquina capaz de me fazer voltar no tempo para reviver as fases que deviam ser as mais importantes da minha vida.

Distraída, acabei perdendo o restante do que a professora havia dito e só percebi que a aula havia acabado quando meus colegas começaram a guardar os materiais.

Salvei o arquivo que havia aberto no computador, recriminando-me mentalmente por ter me distraído tanto.

A culpa era do Simon.

Se ele não tivesse mencionado o Benjamin Davis, minha mente não teria vagado e eu perderia Deus sabe o quê que a professora tinha falado de importante. E se tivesse combinado uma prova na próxima aula? Ou pas-

sado um trabalho para enviar por e-mail até às 23h59?

Eu odiava distrações.

E Benjamin Davis era uma tremenda distração.

Agora a minha mente não conseguiria pensar em mais nada, se não no que eu havia perdido.

Enfiei com muito cuidado com o computador novo que meus pais haviam me dado de presente quando fui aprovada na Walker na mochila junto com meu estojo e um caderno fino que costumava utilizar quando sentia que foi abordado um tópico que eu precisava gravar na mente.

Minha próxima aula fazia parte da grade básica, o que eu detestava, e o professor não era tão legal quanto a senhora Schut. Ele era um babaca machista e misógino que tinha dificuldade em lidar com mulheres inteligentes, sempre tentando menosprezar suas conquistas e pensamentos.

E detestava o fato de termos a grade básica.

A maioria das universidades seguiam um padrão que eu costumo chamar de aterrorizante.

Em qualquer universidade, na maioria dos cursos, os primeiros anos eram divididos entre *Freshman* e *Sophomore*, ou seja, primeiro e segundo ano, onde o estudante trabalhava com matérias de conhecimento geral. Depois temos o *Junior* e *Senior*, respectivamente terceiro e quarto ano. E é nessa fase onde se podia escolher uma habilitação específica. Isso não

se aplicava para os cursos de Medicina, Veterinária, Direito e Odontologia, pois possuíam um cronograma diferente.

Na Walker, as regras foram alteradas. Pensando em como era estressante muitas vezes acabar revendo conteúdos que vimos há pouco no High School, a universidade permitia a mescla de matérias visando estimular os estudos.

A mesma coisa acontecia com a medicina, mas de uma forma ainda mais saudável para nossa mente.

Para ser sincera, eu havia tentado bolsas no Canadá e Inglaterra tentando fugir da loucura que poderia ser a minha vida nos próximos oito anos. Aqui, nós estudávamos por quatro anos, e depois, mais quatro quando, finalmente, começava o curso de medicina. Esses quatro primeiros anos, eram os anos de pré-med, ou seja, uma combinação de matérias que iriam servir de base para o estudo da medicina. Ou seja, nos primeiros quatro anos nós lidávamos com matérias como Química Orgânica, Biologia e demais matérias que serviriam para nosso futuro.

Na Walker, nós também podíamos realizar essa mescla, entretanto, apenas com matérias previamente liberadas pela própria universidade já que existiam conteúdos que podiam implicar diretamente na matéria futura.

Enfim, eu ainda poderia ter uma vida inteira aqui dentro.

— Ei! — reclamei, ao sentir algo gelado grudar por todo meu blusão verde.

— Merda! — A garota de cabelos vermelhos parecia completamente sem ação ao me encarar. — Desculpa, você estava vindo distraída e eu também e...

— Tudo bem... Eu realmente estava distraída e não te vi também. — Desviei o olhar da garota encarando a bagunça que minha roupa havia se tornado. Passei as mãos nos lugares onde havia mais do líquido empoçado, milkshake. Que maravilha. E de chocolate ainda por cima.

Quanto mais eu tentava fazer com que a roupa melhorasse, mais incrivelmente manchada ela ficava. E àquela altura uma pequena quantidade considerável de pessoas já haviam se juntado para assistir à cena patética.

— Droga, me desculpe de verdade. — Ela se aproximou tentando, assim como eu, dar um jeito naquela poça no meio de minhas roupas, mas a bagunça só se tornava pior.

— Não tem problema, a culpa também é minha... — garanti, sentindo-me frustrada. Eu tinha uma aula que não podia perder já que o professor era um babaca. Não daria tempo de voltar ao alojamento para pegar outra roupa.

— Eu gostaria mesmo de te ajudar, mas eu tenho uma prova agora e...

Esforcei-me para esboçar um sorriso para a garota.

— Sem problema. Tudo bem — afirmei, mesmo chateada por ter que andar o dia inteiro com essa roupa melecada. — Eu também tenho aula, depois vejo o que faço.

— Realmente eu sinto muito, muito mesmo — repetiu, saindo correndo em seguida em direção ao prédio seguinte.

— Droga — murmurei, puxando um pouco a barra da camisa para frente, desgrudando-a do meu corpo.

Eu não tinha tempo para voltar ao dormitório e encontrar outra roupa. O professor da próxima aula era um insuportável que detestava atrasos.

Bufei, irritada, sabendo que teria que passar o dia andando nojenta e atraindo olhares por aí.

Uma bela porcaria de dia. Isso sim!



Capítulo 7 – Benjamin

O suor escorria pelo meu rosto enquanto aguardava a minha vez para o que seria a décima rodada no treino de finalização. Meu corpo, ainda com a adrenalina, já dava sinais de cansaço.

Era tudo que eu precisava.

— Cinco pratas como a minha cesta será melhor que a sua — Jonh cochichou atrás de mim.

Batendo com a bola no chão enquanto mantinha os olhos no treinador Chester, parado no meio da quadra. Na sequência em questão, nós saíamos da fila quicando a bola no chão, alguns metros de distância, jogávamos a bola para o treinador, que arremessava a bola em nossas mãos outra vez, para que o destino final fosse a cesta.

— Vinte pratas que eu vou meter uma cesta de três, filho da puta — devolvi, movendo os lábios o mínimo possível.

O treinador era um cara decente, mas se tinha algo que detestava eram apostas envolvendo o próprio time.

Eu não sabia se essa era a história verdadeira, mas contavam pelo campus que em sua época de ouro, ele apostou com um colega de equipe que faria a última cesta, a da vitória. Eles estavam perdendo, e sendo um cretino egoísta, ele não passou a bola para um

dos colegas, tentou uma cesta de três, perdeu, e passou metade da temporada no banco para aprender que um time joga em equipe, sempre.

E se o senhor Chester nos ensinou algo, era sobre isso. Os jogos não deviam, de maneira alguma, ser individual. Uma boa equipe precisa fazer um trabalho conjunto. E se perdêssemos, seria realizando o melhor trabalho.

O treinador apitou, mostrando ser a minha vez. Corri, quicando com a bola no chão, arremessei a bola para ele, dando alguns passos para trás na transversal e, assim que a bola voltou para minhas mãos, a arremessei para a cesta de onde estava mesmo.

A bola girou no arco, uma, duas vezes. Jonh riu, e eu praguejei baixinho sabendo que perderia a aposta, mas ela entrou, marcando meu ponto.

Comemorei em silêncio, acompanhando Jonh que agora já estava recebendo a bola do treinador. Como eu, sem pensar muito, ele arremessou a bola na cesta, que entrou direto.

Ele sorriu, correndo em minha direção.

— Faz melhor que isso, filho da puta. — Apesar da provocação, Jonh correu na minha direção com a mão erguida para me cumprimentar.

— Você é um desgraçado convencido.

Com a mão esquerda, pressionei o ponto que estava dolorido no meu ombro. Minhas pernas ardiam com o sangue correndo rapidamente pelas veias e se o treinador pedisse que fizéssemos mais algum movimento

brusco, eu tinha certeza de que, tal qual uma criança mimada, poderia me jogar no chão, batendo com as mãos e pés contra o piso de madeira naval, chorando, querendo minha casa.

— Ele nos deu folga no recesso planejando nos matar em seguida — Ashton reclamou, parando ao nosso lado. Apoiou as mãos nos joelhos com a respiração entrecortada e tão alta que do lado de fora devia ser possível ouvi-lo.

Pisquei, vendo Ashton duplicado.

Pisquei outra vez, começando a me preocupar, mas tentando não demonstrar.

— Tenho certeza de que passou todo feriado sem colocar a porra do pau pra fora e agora quer foder com a gente — Jonh concordou, agachando-se.

Meu coração bateu mais forte, vendo Jonh duas vezes também.

— Caralho, dá pra não falar do pau do nosso técnico? — reclamei, fazendo uma careta enquanto piscava mais vezes para afastar a imagem duplicada. — Não é uma imagem que eu gostaria de manter em minha mente.

O apito do nosso treinador soou.

Inspirei e expirei, fechando os olhos.

Que porra era essa?

— Cinquenta voltas pela quadra, seus molengas — gritou, abri os olhos a tempo de vê-lo gesticulando com o indicador uma volta. Respirei aliviado. — Eu estou vendo o peso extra que vocês ganharam no feriado.

— Caralho, tem dias que eu daria minha vida pra defender esse homem, mas hoje eu

queria fazer com que ele se sentisse tão cansado quanto eu estou. — Asthon bufou, erguendo o corpo.

Dois apitos.

Pisquei novamente, querendo ter certeza de que estava tudo certo com as minhas vistas.

— Querem fofocar? — O treinador — apenas um — apontou em nossa direção com uma expressão emburrada. — O clube das garotas fica lá na puta que pariu.

Respirei aliviado, mesmo com o coração batendo forte.

Mesmo sabendo dos riscos, ergui a mão como uma criança de quatro anos faria para pedir permissão para falar.

— O quê, Davis? — O homem cruzou os braços, fazendo uma carranca terrível.

— Eu espero que o senhor saiba que seu comentário é machista. Não é porque uma mulher é mulher que ela vai gostar de fofocar, sabe? — Assisti enquanto o time mordia o lábio, ou virava o rosto em outra direção para esconder os sorrisos que brotavam em seus rostos. Jonh não teve a mesma sorte, ele riu, o que me levou a um esforço ainda maior para manter o rosto impassível.

— Que bom saber disso, Davis. Enquanto o resto dos molengas vão dar cinquenta voltas, você, o senhor Lincon e o senhor Miller vão poder fofocar bastante com o triplo de voltas. — Apontou com o rosto para meus amigos que, imediatamente, arrumou a postura do corpo mantendo a coluna ereta. —

Caso não saibam, o triplo significa multiplicar a quantidade de voltas por três.

— Mas eu nem falei nada — Asthon reclamou, chateado, ao mesmo tempo em que Jonh abriu a boca para refutar. Ambos foram interrompidos por duas apitadas largas.

Demonstrando ter mais juízo que eu, todo o time começou a dar as malditas voltas pela quadra. Eu bufei.

— Eu espero que a porra do seu pau não suba quando você estiver prestes a comer alguma gostosa e que ela espalhe pelo campus inteiro que você é um broxa. Eu tenho aula de automação e o professor me odeia — Asthon praguejou, mostrando-me a porra do dedo do meio e começando a correr mais rápido para tentar evitar o atraso na próxima matéria.

— Você é um filho da puta, Davis. E eu juro, vai arder na porra do inferno — Jonh reclamou, começando a correr. Eu o segui.

— Pelo menos estaremos lá juntos, filho da puta — devolvi, apertando sua bunda.

No fim das contas, a atividade extra podia ser exatamente o que eu precisaria para que meu corpo apenas desabasse no momento certo.

Eu podia ser um filho da puta, mas não podia reclamar do castigo.



Minhas pernas estavam rígidas e só de pensar em andar a dor se espalhava por todo meu corpo exausto.

Havia tomado banho depois das cento e cinquenta voltas. Cem delas ouvindo o descontentamento e até algumas ameaças à minha integridade física dos meus colegas.

Apesar de morto, eu estava contente.

Podia me jogar em uma cama e simplesmente dormir por quarenta e oito horas ininterruptas. Claro que isso não aconteceria, ou o técnico amanhã mesmo me faria dar duzentas voltas no campus inteiro.

Diferente da maioria das universidades, a Walker não fornecia nenhum tipo de privilégio aos seus jogadores. Tínhamos que nos esforçar e estudar ainda mais. Qualquer indício de notas caindo, o estudante entrava em observação. Caso não houvesse melhora, ia direto para o banco até provar que merecia estar em quadra outra vez.

Joguei a roupa suja dentro de uma embalagem plástica para evitar que entrasse em contato com os demais objetos da minha mochila, e saí do vestiário, passando pelo corredor e virando à direita, saindo na área onde havia um pequeno refeitório não muito frequentado. As pessoas sempre preferiam comer no *Women's*. Cada passo era dado com um tremendo esforço para não fazer uma careta.

— Pega! — O comando veio das minhas costas.

Virei-me rapidamente, dando de cara com uma garrafa de energético voando em minha direção. Mais um milésimo de segundo e seria acertado bem no meio da cara. Jonh caminhava em minha direção com um sorriso na cara. Era exatamente a sua ideia.

— Não custa ser educado, sabe? — respondi, abrindo a garrafa e dando um enorme gole no líquido gelado. Era exatamente tudo que eu precisava agora.

— Minha educação com você está no quinto dos infernos, filho da puta. — Jonh deu um soco em meu braço, daqueles que amigos costumam trocar. Estava bem na linha entre o "você é um desgraçado e o estamos apenas brincando". — Eu tô tão cansado que juro por Deus, se uma mina gostosa aparecesse pelada na minha porta, eu pedia para que ela voltasse outro dia. Porra, nem pra trepar eu serviria.

— Sinceramente, se uma garota aparecesse pelada na sua porta eu começaria a duvidar da sanidade mental dela — brinquei, ganhando outro soco do meu amigo.

Dessa vez doeu pra caralho.

— Acho que vou na *Women's* comer alguma coisa antes da aula de... — A frase foi interrompida no meio, e olhei para o cara ao meu lado por um instante. — Ei, aquela não é a amiga da namorada do Andrew?

Com a cabeça, Jonh apontou para a direção onde eu devia olhar.

Sim.

Era ela.

Chiara caminhava com os braços cruzados sobre a mochila que estava virada para frente tentando esconder – muito mal – uma mancha enorme marrom no blusão que vestia. Decididamente, pela expressão, estava chateada.

— Chiara — falei, apenas para que meu amigo pudesse ouvir. — O nome dela é Chiara. Vai indo pra aula, eu vou procurar saber o que aconteceu.

Eu a conhecia bastante para que pudesse reconhecer alguns de seus padrões. Quando não estava com as meninas, costumava andar apressada e evitando manter contato visual com as pessoas. Quanto mais nervosa estava, mais acelerados costumavam ser seus passos.

E eu nunca a tinha visto caminhar tão rapidamente, até hoje. Como se estivesse querendo parecer invisível mesmo. Seus cabelos estavam soltos, mas sem nenhuma das ondulações que eu costumava gostar.

Sem nem ao menos dar tempo de resposta ao Jonh, comecei a caminhar apressadamente na direção de Chiara. Ela mantinha o rosto um pouco para baixo, o que fez com que não me enxergasse até que eu estivesse à sua frente.

— Desculpa — falou, dando um passo para o lado, sem sequer erguer o rosto, e pressionando ainda mais os braços na mochila.

Chiara ia voltar a andar, mas movi meu corpo para a esquerda, bloqueando sua passagem, repetindo o movimento quando ela tentou mudar a direção do passo, mantendo-nos presos em uma dança estranha.

— Ei, gata, sou eu — chamei sua atenção e, enfim, ela ergueu a cabeça me encarando.

Sua feição se suavizou por dois segundos, depois, como se estivesse brava comigo

por alguma coisa, voltou a carranca que carregava instantes antes.

— Desculpa, Benjamin, mas estou atrasada e não posso... — Chiara tentou passar por mim outra vez e, novamente, não permiti. — Eu tenho aula — frisou, sem nem olhar para mim, cruzando os braços em frente ao corpo.

— Eu também, gata. E se me permite contar um segredo — flexionei os joelhos, diminuindo um pouco a nossa diferença de altura, e baixando o tom de voz, como se compartilhasse um segredo com ela: — É isso se que faz em uma universidade, vamos para as aulas — informei.

Involuntariamente, desci os olhos até a mochila e, consequentemente, a enorme sujeira na frente de sua roupa que, por mais que ela tivesse se esforçado para esconder, não estava funcionando. A pontinha da calça de moletom cinza também parecia ter sido afetada.

— Você pode só me deixar passar, por favor? — pediu, erguendo o olhar em minha direção.

A última vez que tínhamos nos falado foi quando a Leigh contou que ela não estava se sentindo bem, e eu mandei mensagem perguntando como estava e desejando melhoras. Repassei em minha mente se havia feito ou falado algo que pudesse ser mal interpretado. Eu tinha me comportado como um cavalheiro com ela, tinha certeza.

Talvez ela só estivesse puta, e com razão, por estar suja e atraindo olhares das pessoas por onde quer que andasse, devia ser a razão de todo estresse.

— Problemas? — Apontei para sua roupa, e ela soltou um grunhido.

— Um acidente. Uma garota e eu nos esbarramos e o milkshake dela veio parar em cima de mim. Não tenho como ir ao alojamento agora, o que quer dizer que vou andar assim durante todo o dia — explicou, aborrecida. — Agora você pode, por favor, sair da minha frente?

Chiara deu um passo para o lado em uma tentativa de passar por mim outra vez. Para seu desespero, novamente, espelhei seu movimento, impedindo sua passagem. Ela bufou, encarando-me como se estivesse mentalmente apertando meu pescoço até que o último fio de respiração tivesse sido sugado dos meus pulmões.

— Benjamin, para! — pediu. O tom firme em sua voz. — Eu não posso me atrasar, e se chegar antes da maior parte da turma ainda evito um lugar de destaque e vou conseguir me esconder. E sinceramente, você era uma das últimas pessoas com quem eu queria me bater agora.

Eu? Repassei em minha mente se havia feito algo grave, que fizesse com que ela estivesse chateada especialmente comigo, mas da última vez em que nos vimos, tinha certeza de que estava tudo bem entre nós dois. Eu estava lá ao seu lado quando seu corpo começou a tremer por causa dos fogos, observei se ela precisava de alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse deixá-la confortável a noite inteira, e mandei mensagens quando ela sumiu alguns dias alegando estar cansada demais.

A frase me pegou em um lugar que eu não imaginava que fosse incomodar tanto. Mas estava incomodando, bastante.

Em um ímpeto, segurei seu pulso começando a arrastá-la comigo. Não achava justo que ela tivesse que se esconder por nada, nem de ninguém. Muito menos por uma bobagem que poderia ter acontecido com qualquer pessoa. E, sendo justo, queria ser egoísta e entender o que havia feito de errado também.

— Vem comigo! — Segui com Chiara presa a mim, mesmo sob protestos, na mesma direção de onde eu tinha acabado de voltar.

Abri a porta traseira da quadra de treinos, por onde havia passado instantes antes, seguindo pelo corredor até o vestiário.

— O que você está fazendo? — perguntou, quando, por fim, a soltei do lado de dentro do solo sagrado masculino.

O vestiário não era o maior do mundo, mas muito bem-organizado. Os armários estavam em duas grandes fileiras com portas de ambos os lados e bancos de madeira para que pudéssemos descansar depois do treino exaustivo. Minha porta ficava na segunda fileira. A área onde tomávamos banho ficava logo depois, separada dos armários por uma parede branca onde o quadro negro, local em que o treinador desenhava nossas táticas de jogo, ficava. Bem ao lado de uma televisão mediana que ele costumeiramente usava para nos mostrar pontos positivos e negativos dos times contra os quais jogávamos, assim como os nossos também.

— Eu tenho roupas extras aqui — respondi, seguindo para o meu armário na segunda fileira. Não podia mais vê-la de onde estava. Resgatei a chave do meu bolso e antes mesmo que tivesse aberto o cadeado, notei que Chiara estava lá, parada, no começo do segundo corredor, me encarando. — Costumo trazer algumas peças por causa dos treinos.

Silêncio.

A expressão no rosto se suavizou um pouco pela primeira vez, mas a dúvida ainda martelava em minha cabeça.

Eu não havia aprendido muitas coisas com meu pai. Mas eu lembrava de como ele conseguia fazer a minha mãe rir quando ela estava brava, ou de quando ele pedia desculpas mesmo sem fazer a menor ideia do seu erro. Quando a perdemos, eu comecei a acreditar que Oly era mais parecida com a mamãe do que eu havia imaginado.

Ela costumava ficar emburrada constantemente, fazendo um biquinho fofo que só desmanchava quando pedíamos desculpas do que quer que ela acreditasse ter sido nosso erro. No fim das contas, e à medida que crescia, percebi que, na verdade, as mulheres eram assim.

A namorada de um dos caras do basquete fez toda uma cena porque sonhou que ele a estava traindo. Por mais louco que isso pudesse ser, ele precisou caprichar em um pedido de desculpas por algo que não passou de um devaneio da mente da garota.

Isso demonstrava que agora eu tinha duas opções: Perguntar o que eu havia feito

de errado — o que claramente era uma coisa ruim, já que eu devia saber onde errei —, ou aceitar o meu erro e me desculpar — o mais inteligente, já que eu estaria errado de qualquer maneira.

— Benjamin, você não precisa...

— Não tem muita coisa — interrompi, analisando meu armário quase vazio. — Levei a maioria para casa no final de ano e vou repondo o estoque aos poucos.

Silêncio outra vez.

Passei os olhos pelas poucas opções disponíveis no armário. Chiara vestia uma calça moletom cinza, então escolhi uma camiseta preta que com certeza cairia bem com a calça. Preto é universal e combina com tudo.

Deixei a porta aberta para o caso de ela querer espiar e procurar algo que preferisse, e segui em sua direção a passos lentos sem deixar de encarar seus olhos claros e intensos.

— Só pensei que você, talvez, preferisse usar algo limpo. — Chiara não se mexia, apenas assistia passo após passo, como se não soubesse o que falar. Estendi a peça limpa em sua direção, esperando que ela aceitasse. — Eu sei que vai ficar enorme em você, mas...

— Obrigada — interrompeu-me. Um pequeno e sem graça sorriso tomou forma nos seus lábios e eu preferia quando ela estava assim. Mil vezes mais.

Sorri de volta.

— Não precisa agradecer, amigos se ajudam, não é? Agora deixe eu pegar isso pra você. — Apontei para a mochila em frente ao seu

corpo, segurando a alça superior e erguendo-a. De maneira natural o peso sobre ela diminuiu, o que fez com que as alças da mochila quase escorregassem por seus braços. — Caralho, você carrega pedra aqui dentro?

Dessa vez eu ganhei uma risada de verdade.

— Matérias complicadas hoje. — Parecendo nervosa, Chiara formou uma linha com os lábios. — Onde eu posso...

— Ah, você pode se trocar do outro lado dos armários. — Apontei na direção para onde ela devia seguir.

O vestiário é o lugar onde os caras andam de toalha, tomam banho e se trocam na frente uns dos outros sem o menor pudor. Existem, claro, as exceções. Mas em dois minutos aqui dentro, era capaz das garotas verem mais paus do que em toda uma vida.

— Tá. — Chiara mexeu as mãos, como se quisesse falar alguma coisa.

— Não vou olhar. — Fiz questão de deixar claro. — Não sou um babaca. Tenho uma irmã. O Andrew costumava dizer que não devíamos fazer com uma garota o que não queríamos que fizessem com Olívia.

— É uma regra muito legal — falou, caminhando na direção em que havia apontado. — E é bonito ver vocês falando sobre Olívia.

— E fácil de esquecer algumas vezes — confessei, retornando ao meu armário, eu sabia que a camisa sem manga que havia dado a ela a deixaria desconfortável. Não lembro de tê-la visto usar nada sem manga, mesmo em dias mais quentes, nos últimos meses. Eu

devia ter algo perdido aqui que pudesse ajudá-la.

Em geral, eu ficaria animado por saber que havia uma garota bonita e seminua por perto. Ainda mais uma tão bonita, atraente e sexy quanto Chiara.

Entretanto, eu realmente gostava dela, e não complicaria uma amizade adicionando sexo no meio.

Sem contar que ela merecia muito mais do que uma transa casual, e eu não estava mesmo disposto a mais que isso. A única coisa que eu queria agora era me dedicar aos jogos. Sexo fácil era bom. Garantia que eu pudesse manter meu foco onde devia e ainda me divertir muito.

Balancei a cabeça, desviando os pensamentos enquanto sentia que o sangue do meu corpo estava começando a circular pela cabeça errada ao pensar em sexo e na garota linda na sala ao lado.

Prossegui fuçando em minhas coisas. Encontrei meus fones de ouvido reserva, alguns pacotes de camisinha, meu perfume, desodorante, cadarços novos, escova de dentes, o uniforme que havíamos usado no ano retrasado, mas que mantive aqui. Estava desistindo de me deparar com algo útil quando localizei uma jaqueta da Walker que comprei no ano passado. Estava um pouco esgarçada, mas tinha vindo com ela recentemente em um dia de chuva, protegendo alguns livros que eu precisava devolver na biblioteca. Malcon teve um problema no carro e não passou lá em casa como costumava fazer nos dias chuvosos.

Eu a estendi, sentindo o cheiro. Não estava ruim, mas pelo menos podia cumprir seu propósito. Borrifei algumas vezes o perfume que mantinha no armário, tentando diminuir o cheiro de guardado. Àquela altura, ela já devia ter acabado de colocar a roupa e estava procurando uma maneira de não deixar parecendo um vestido.

Decidido a ajudá-la, e tendo certeza pelo tempo de que já estava vestida, me direcionei a parte onde se encontrava.

— Ei, gata, eu achei...

Assim que pus os pés na área onde Chiara estava, a cena que encontrei não foi nada do que eu esperava.

— Fica onde você está — pediu, meio desesperada, terminando de passar a minha camiseta pelo pescoço e cobrindo a pele que, dois segundos atrás, estava exposta.

E eu não consegui me mover.

Virar de costas. Nada do tipo.

Talvez eu fosse um babaca.

Conhecia as regras, a gente não transava, sequer cogitava essa ideia, com uma garota que considerávamos amigas. E, caralho, Chiara era minha amiga. Meu pau, em contrapartida, parecia não concordar com aquela premissa, porque em menos de um segundo do vislumbre do tecido rendado preto colado à sua pele, ele começou a se animar.

Bastante.

Aqueles três segundos onde eu pude memorizar cada detalhe dos seios redondos e empinados que se encaixavam perfeitamente

no pequeno sutiã verde claro que Chiara usava, foram os mais rápidos e inacreditavelmente lentos da minha vida. A pele parecia macia e sedosa. Altamente convidativa ao toque.

Ao meu toque. E foi necessária uma enorme luta com as minhas mãos para não ceder a tentação, e me aproximar, passando os dedos por sua silhueta enquanto apreciaria seu toque, seu cheiro e...

Limpei a garganta, tentando distrair a minha mente. Tentei visualizar como esse pequeno cômodo costuma ficar em dias normais.

Paus, paus e mais paus, desfilando, molengas, por aí.

— Eu... — falei, tentando lembrar o que tinha para dizer. Camisa. Estendi o braço em sua direção, para que pegasse o casaco. — Não tentei espiar, eu juro. Só imaginei que você fosse ficar desconfortável com essa roupa, e achei um casaco meu também. Pensei que talvez você fosse gostar.

— Obrigada. — Ela sorriu, mordendo o lábio em seguida. — Você tinha razão, ficou enorme mesmo.

Chiara deu uma voltinha 360 graus para que eu pudesse analisá-la.

A combinação em si estava um caos. A calça era folgada, a blusa enorme chegava até metade de suas coxas, e o casaco ficaria tão largo e grande quanto, já que eu havia comprado um tamanho maior que eu.

— Vem aqui. — Caminhei em sua direção, puxando a barra da camisa para trazê-la mais perto de mim. — Deixa eu te ajudar a dar um jeito nisso.

Virando-a de costas para mim, pus a barra e uma grande parte da blusa para dentro. Às vezes no processo, meus dedos roçavam na sua pele. Cintura, costas, barriga. E meu pau gostava da sensação, porque, caralho, eu simplesmente não conseguia controlá-lo.

Com todo tecido residual formei um rabinho, como costumava fazer no cabelo de Olívia, antes de ela se tornar a pentelha que me atazanava.

— O que você está fazendo? — Chiara virou o rosto tentando espiar.

— Segura pra mim? — pedi, direcionando sua mão até as costas, e entregando em sua mão a parte que havia sobrado da amarração que eu havia feito. — Não solta.

— Aonde você vai?

Sem responder, corri de volta ao meu armário, em busca de alguma coisa. Encontrei o cadarço solto e retornei, Chiara que estava exatamente como eu a havia deixado.

— Aqui — falei, alcançando sua mão em seguida, e retirando-a. Chiara aproveitou para prender o cabelo no topo da cabeça com um nó, enquanto eu amarrava o cadarço, tomando cuidado para não fazer com que a composição ficasse justa demais antes de amarrar. — Está bom assim?

Chiara passou a mão em frente ao tecido do corpo, testando a roupa.

— Poderia dizer que você tem tanto talento para moda quanto a Mad — comentou, virando-se em minha direção.

— Você não tem ideia de tudo o que se aprende quando se tem uma irmã mais nova — brinquei, erguendo o corpo. — Mas prefiro que esse seja um segredo nosso.

— Vou pensar se você merece. — Ela deu de ombros, pegando de minhas mãos o casaco que eu havia estendido.

— Te dei uma camisa nova e agora você vai poder passear pelo campus em paz, poderia dizer que é mais que merecido. — Ela rolou os olhos. Assisti enquanto Chiara passava um dos braços pelo casaco que eu havia dado.

— Uma camisa suada, você quer dizer.

— Melhor ainda, se você a guardar, vai poder leiloar e dizer que é a camisa do astro do Lakers. Vai te render uma fortuna.

— Ah, não — fez um gesto de desdém com a mão —, até lá eu vou poder dizer que sou amiga dele, e roubar as camisas que você vai usar nos jogos para vender. Aliás, você precisa me prometer que vai conseguir ingressos pro meu pai. Eu juro que ele até esqueceria que eu sou filha dele, e te adotaria.

— Combinado então, gata. Duas camisas por jogo, uma pra mim, outra pra te tornar incrivelmente rica, o que vai ser no mínimo inútil, já que você será uma cientista foda que vai ter descoberto formas de salvar milhares de vidas através da ciência. — Aproximei-me dela um pouco batendo com o indicador na ponta do seu nariz. — E pode deixar, seu pai tem passe livre. Vou pensar se você vai merecer ganhar o benefício também. — Chiara bufou, achando graça. — Aproveitando, eu, eu... Eu queria te pedir desculpas.

Com o movimento parado pela metade e um braço no casaco, enquanto o outro parou de lutar para adentrar, a expressão em seu rosto era no mínimo engraçada. Um misto de confusão e descrença.

— Desculpas? — perguntou. Eu assenti. — Pelo quê?

Sem graça, passei as mãos pelos fios dourados.

— Pra ser sincero, não sei. Só não quero que você fique chateada comigo. E você parecia chateada mais cedo, quando nos encontramos.

Chiara piscou, descrente.

— Você está me pedindo desculpas, mas não sabe o motivo? — Uma linha se formou no meio de sua testa.

Mais uma vez, assenti.

— Não sei o que eu fiz. Mas você disse que não queria ter me encontrado. Achei bem difícil não levar pro pessoal.

Sem piscar por muito tempo, Chiara me encarou. Os olhos pareciam entre assustados e absurdamente divertidos. Depois ela sorriu.

Sorriu de verdade.

— Eu não estava brava com você, exatamente. Não acredito que pensou isso — falou, cruzando os braços em frente ao corpo.

— Não me restaram muitas opções. Mas se não estava brava comigo *exatamente*, com o que, então?

Chiara balançou a cabeça em negativa.

— Não foi nada demais. É só que ser vista por aí andando com uma roupa nojenta não é o esporte preferido de nenhuma garota. E ser vista assim por um dos caras mais... — Ela rolou os olhos, como se fosse difícil cuspir as palavras. — Bem, você sabe. Mais bonitos daqui, não é exatamente algo que qualquer garota ia querer.

— Então esse é o momento em que você confessa que me acha bonito? — Ergui uma sobrancelha pra ela.

Ela bufou, rolando os olhos, prendendo as mãos atrás do corpo dando alguns passos em direção a um dos bancos de madeira, o que estava mais perto do meu próprio armário.

— Benjamin, é só você se olhar no espelho por dois segundos, você sabe que é bonito, e ponto final.

Sorri.

— Não me importo muito com o que eu acho a esse respeito, sua opinião é mais importante e eu sinto que finalmente estamos evoluindo. Da próxima vez você vai finalmente dizer que me considera o deus grego da beleza da Walker?

Ela rolou os olhos, achando graça, mas também parecendo desconfortável com a sinceridade.

— Você encontrou um poço profundo de autoconfiança e se afundou por lá inúmeras vezes, não foi?

Dei um passo em sua direção.

— Eu espero que você saiba — falei, começando a mexer com alguns dos fios de seu

cabelo. A respiração dela pareceu falhar por um segundo —, que você é linda. Demais. — Chiara abriu a boca para falar algo, mas eu interrompi. — É sério. E se você não acredita nisso, lamento em te dizer, garota da ciência, você está completamente errada. Você é linda. Tem um sorriso encantador, e é a pessoa mais inteligente que eu conheço aqui. E tem um coração exuberante. — Sorri, brincando com os fios que ainda estavam contra meus dedos. A respiração dela estava acelerada, assim como a minha. Meus olhos caíram para seus lábios e, de repente eu nunca quis tanto beijar alguém. Nunca quis tanto que alguém se sentisse incrível, do jeito que eu a via.

Eu precisava me afastar, ou com certeza acabaria fazendo uma enorme besteira. Especialmente porque depois de sentir seu corpo tão perto, de sentir seu cheiro e ver a maneira como seus olhos estavam brilhando enquanto me encarava com espanto e uma espécie de... deleite, como se fosse a primeira vez na vida que alguém lhe dizia essas palavras.

Porra, eu queria beijá-la.

Queria muito.

— Não se sinta, nem deixe que façam com que você se sinta, menos do que você é, Chiara. E você, sem dúvidas, é incrível.

Ela ainda estava meio paralisada quando dei um passo para trás, tomado por um lapso de juízo. Eu não podia foder as coisas. Não mesmo.

Chiara soltou o ar com força, parecendo tentar voltar a si também.

— Você é um bom amigo, Benjamin Davis — falou, sorrindo.

— E eu tive que te arrastar pra um vestiário pra que você finalmente comprovasse o que eu venho te dizendo há tempos.

Ela rolou os olhos.

— Você não cansa de ser convencido? — brincou, com um sorriso começando a nascer no rosto. — O machucado, como está?

Ela apontou com o indicador para o ponto onde havia uma mancha alguns dias atrás. Levantei a camisa para que ela pudesse ver que estava bem melhor.

— Eu sei que você só quer dar uma espiadinha no meu abdômen mesmo. — Pisquei para ela, fazendo-a rolar os olhos. — Bem melhor. Nada demais, viu?

— Eu ainda acho que você devia procurar um médico, mas sei que não vai me ouvir. Enfim, Davis, obrigada, de verdade. Mas eu tenho que ir pra aula. Ou você sabe, ter me emprestado sua roupa não vai ter valido de nada.

— Claro que valeu — afirmei, passando os olhos por todo seu corpo. — A camisa ficou bem melhor em você que em mim, se quer saber.

— Então, se eu sofrer algum acidente novamente, já sei a quem recorrer — brincou.

— Sempre, gata. Você sempre pode recorrer a mim. — Pisquei para Chiara, vendo-a pegar a mochila no chão e dobrar a roupa suja no braço.

Ela sorriu em minha direção antes de se virar em direção à saída.

— Ei, Chiara — chamei. Em seguida, voltou-se para mim novamente. — Eu falei sério.

Ela sorriu, um misto de vergonha e gratidão.

— Obrigada.

Assenti.

E então ela foi embora.

Usando minhas roupas.

As roupas que eu precisei me conter muito para não arrancar ali mesmo.

Eu não havia mentido. Chiara era uma das garotas mais lindas que já tinha visto desfilando pelo campus, mas hoje, vendo-a usar roupas minhas, podia afirmar que ela nunca esteve tão bonita antes.



Capítulo 8
Chiara

Capítulo 8 – Chiara

Sorri para minha amiga quando ela deixou nossos pratos sobre a mesa, sinalizando para o Patrick, que tiraria alguns minutos de descanso.

— Estava com saudade das aulas, mas, sinceramente... já quero férias outra vez — Leigh comentou, sentando-se e apoiando o pescoço no banco acolchoado onde estávamos. — O dia hoje foi exaustivo e vocês não sabem quantas mesas eu precisei atender em menos de duas horas.

— Pelo menos você não está com essa roupa pavorosa da Chi — Madison reclamou, com a boca retorcida em um tom de desaprovação total.

— Seu senso de moda reclamaria muito mais se tivesse visto como a minha roupa estava antes. — Rolei os olhos para a patricinha, puxando meu prato para mais perto de mim, tentando não repassar em minha mente, outra vez, a forma como Benjamin me olhou enquanto dizia que eu era linda.

Meu coração parou de bater no peito por alguns instantes. E, por outros breves segundos, eu achei que ele fosse me beijar. A maneira como seus olhos pousaram em minha boca. Como passou a língua pelos lábios parecendo não notar e como sua respiração resvalou em mim, enquanto brincava com os fios do meu cabelo, me olhando com intensidade.

Meu. Deus.

Parte de mim, grande parte, queria aquele beijo. Mas não aconteceria. Nunca. E nem devia acontecer. Beijar não era minha prioridade, e continuaria não sendo.

Sem distrações.

Muito menos, o Davis como uma distração.

— Ai, Chiara, você podia ter, sei lá, me mandado uma mensagem. Emergências de moda sempre vem em primeiro lugar. — Eu poderia rir, compreendendo que era brincadeira, mas sendo minha amiga, não tinha muita certeza não.

— Cadê o namorado gostosão? — Madison quis saber, com a boca cheia de uma enorme fatia de torta de chocolate. — Meu Deus, isso tá uma delícia!

— Dá pra notar, tá se sujando tal qual um bebê. — Leigh estendeu um guardanapo na direção do rosto da Mad que virou um pouquinho para o lado para que nossa amiga conseguisse limpar sua boca. Eu amava aquela garota folgada. — Meu namorado gostosão está assistindo ao treino do Jackson. Ele realmente mudou de posição. Andrew está tão feliz que mais parece um pai orgulhoso.

— Pelo menos, você sabe que o boy vai ser um pai maravilhoso para seus filhos.

— Daqui a muitos anos, Madison. — Leigh arregalou os olhos para nossa amiga. — Meu lutador ainda vai ganhar muitos jogos, e eu ainda atenderei muitas crianças antes de nos tornarmos pais.

— Claro. Eu também sou muito nova para ser tia. Mas os filhos de vocês serão as crianças mais bem vestidas dos Estados Unidos, eu prometo isso. E se forem menininhas... — Mad sorriu de maneira mais carinhosa. — Estou pronta para torná-las referências bebês da moda.

Rolei os olhos.

— Meu Deus, patricinha, um passo de cada vez.

— Chiara, eu tenho uma dúvida. Você é virgem? — Mad tinha um olhar curioso.

— Madison — Leigh e eu chamamos juntas.

— É só uma pergunta! — Com a cara mais limpa do mundo, ergueu as mãos abertas em frente ao corpo em um sinal claro de rendição. — A gente já sabe que a Leighton está muito feliz transando com o lutador barra jogador de hóquei dela. Vocês já estão cansadas de saber que eu não sou virgem há algum tempo. Já você...

A frase morreu, deixando a abertura para minha resposta. E eu achava que esse era o tipo de coisa que amigas compartilhavam. Eu sabia bastante sobre elas, mas omitia muito sobre mim. Elas mereciam alguma coisa.

— Então, eu consegui trocar meu turno amanhã e...

— Não — sussurrei, sem graça.

— Ué, qual o problema com a troca?

— Não, eu não sou virgem — afirmei, baixinho.

— Ai, meu Deus, não acredito nisso! — Mad estava animada batendo palminhas. — Conta tudo!

Madison parecia uma criança descobrindo que havia ganhado seu presente preferido em uma manhã de Natal, o que me fez rir um pouco.

— Tá, uma coisa que vocês precisam saber a meu respeito, é que eu estudei em casa a vida inteira — falei devagar, esperando que elas absorvessem a informação. — Isso reduziu um pouco a quantidade de amigos que eu tive.

Mad piscou.

— Tipo, você tinha aulas em casa? — indagou, mantendo a voz baixa. — Com um professor que ia na sua casa sem nenhum colega pra você conversar?

Assenti.

— Sim. A universidade tem sido a minha experiência de estudo em um mundo real — confessei. — E vocês, minhas primeiras amigas de verdade.

— Uau... mas, porque isso? Tinha algum motivo especial? Sua mãe era professora? Você quem não gostava de ir para as aulas... — Leighton ajeitou o corpo para poder me ver melhor.

— E nem tenta fugir das perguntas. Você não pode soltar uma bomba dessas e querer que a gente finja plenitude.

Bom, eu tinha tido muitas oportunidades de falar sobre isso com elas e não aproveitei. Entendia a curiosidade. Seria desleal continuar mantendo tantas partes de mim em se-

gredo quando as meninas sempre davam seus melhores e piores lados a todo tempo.

— Não. — Parei por alguns segundos expirando com força enquanto tentava ganhar tempo para pensar em como podia explicar, sem contar a verdade absoluta. Mad estava certa, eu não podia falar isso do nada, e não querer que elas estivessem minimamente curiosas. — Eu acho que ela só se sentia mais segura sabendo que eu estava bem e em casa.

Não deixava de ser verdade. Sem contar que, no fim das contas, era muito mais confortável assim.

— Uau! E eu cheguei a achar a Leigh estranha. — Mad soltou um assobio. — Se a minha mãe tivesse me forçado a passar tantas horas com ela, juro que eu estaria em uma camisa de força agora. Você é uma guerreira, amiga.

— Madison — Leigh reclamou.

— Desculpa, amo vocês, mas tenho que ser sincera. Ela impediu o desenvolvimento socio interacional de uma criança. — Bufou. — Acho que te entendo um pouco melhor, Chi. Por isso você é toda fechadona. E volto a repetir, você tem sorte por me ter em sua vida.

Ela estava certa. Eu tinha mesmo sorte por tê-las em minha vida.

— Tá bom, continua. Nesse momento, não tenho interesse em privacidade. Quero saber mais também — Leighton pediu, dando um sorriso interessado.

— Minha primeira vez não foi nada demais, na verdade. — Dei de ombros. — Era só uma coisa que tínhamos que fazer, sabe? Na minha idade, a maior parte das garotas já tinham feito sexo. — Eu conseguia lembrar bem

de como Hunter e eu chegamos à conclusão de que *devíamos* fazer aquilo. De como ele *precisava*. O garoto tinha descoberto um câncer de intestino e tinha medo de morrer virgem. Ele sabia sobre a minha dificuldade em manter relações com pessoas, então me mandou uma mensagem com a proposta. Eu aceitei, com medo de não ter outra oportunidade também. — Foi um acordo prático. Esperamos uma noite tranquila, então eu pulei a janela do meu quarto e me esgueirei por seu quintal. Ele abriu a porta dos fundos pra mim, e escolhemos fazer isso no quarto de hóspedes, na parte de baixo da casa, para evitar sermos descobertos. Eu já tinha assistido a alguns filmes e tinha medo de que acabasse gritando como as mulheres fazem, sabe?

— Espera, ele nem teve a decência de ir até você? — Dessa vez até mesmo Leighton parecia abismada.

— Foi mais prático assim — garanti. — No fim das contas, matamos nossa curiosidade. É como você falou para Leigh. Só um hímen que se rompe.

Pela expressão das garotas, minha resposta não tinha sido das melhores.

— Tá, mas pelo menos você gostou? — Mad ergueu uma sobrancelha para mim. Os lábios levemente retorcidos em uma expressão de desgosto.

Eu podia mentir.

Dizer que tinha sido uma noite incrível e que Hunter sabia bem o que fazer. Eu não queria simplesmente falar mal dele, especialmente depois que ele morreu algumas sema-

nas depois. Falar mal dos mortos devia ser algum tipo de blasfêmia. Mas, havia um outro lado. Também queria ser o mais sincera possível com elas.

— Não, não foi — minha amiga se adiantou, soltando um suspiro de derrota. — Eu odeio quando homens não sabem fazer um mínimo serviço decente. E espero de coração que ele tenha ao menos te chupado.

— Madison — Leighton chamou.

— O quê? Você sabe que é verdade. O sexo com o lutador é fantástico, e antes de perder a virgindade, você brincou muito. Muito mesmo. E foi bom. É assim que tem que ser. O sexo tem que ser bom pra mulher também, e muitas mulheres têm uma péssima impressão de sexo, ou acham que não gostam, porque alguns homens não fazem o mínimo e tem uma péssima primeira vez. — Mad olhou para mim do jeito que costumava fazer quando tinha uma ideia que considerava brilhante. — Você, Chi, P R E C I S A transar novamente. E com alguém que te leve até o céu e te faça não querer voltar de lá dessa vez.

— Madison, eu queria muito ter uma visão prática da vida, como você. — Leigh rolou os olhos. Levando em conta a maneira como a Mad olhava ao redor, não restava dúvida alguma de que nossa amiga já procurava uma vítima.

— Ei! — Estalei o dedo na frente do seu rosto, voltando a atenção dela para mim. — Eu não vou pra cama com qualquer cara só porque eu mereço ter uma experiência sexual

melhor — falei baixo, tentando evitar olhares curiosos em nossa direção.

— Eu acho que é um motivo excelente para transar — devolveu.

— Agradeço à sua preocupação, de verdade, mas sexo não é a maior das minhas prioridades agora. — Mad deu dois tapinhas na minha mão, como se dissesse que eu descobriria aquilo de alguma forma.

— Você só diz isso porque não transou ainda com a pessoa certa — garantiu.

— Eu queria muito poder discordar da Mad, mas a pessoa certa faz toda diferença. — Leigh assentiu para mim. — Assim como o momento certo. — Encarou Madison que fez uma careta, voltando a observar os garotos na *Women's*.

Eu sabia que Mad não desistiria dessa ideia, então o melhor seria ignorá-la até que a vencesse pelo cansaço.

— Então, como eu estava dizendo, amanhã tem jogo do Jackson...

Leigh começou a tagarelar, mudando de assunto, e informando o nosso itinerário do dia seguinte. Em grande parte, para desviar do assunto sexual. Se conhecíamos bem a nossa patricinha, Mad se esforçaria para me empurrar na cama no do jogador mais gostoso de todos.

Mas eu estava amando ser uma garota com amigas, mesmo quando eu queria enforcar um pouquinho alguma delas.

Capítulo 9
Benjamin



Capítulo 9 – Benjamin

Meu coração estava prestes a saltar da boca.

A arquibancada estava superlotada. O mar de pessoas usando verde, a cor oficial da Walker, era enorme. Garotas com o rosto pintado, as namoradas com os números de seus namorados em suas bochechas, as líderes de torcida posicionadas agitando seus pompons enquanto aguardavam nosso time fazer a grande entrada.

Caralho, eu conhecia muito bem a emoção de ver meu irmão jogar. Assisti aos jogos do Jackson na escola, assisti a todos os jogos dele no ano passado, mas dessa vez era completamente diferente.

Meu irmão era o quarterback oficial da equipe.

Porra, Jackson sempre almejou jogar nessa posição na universidade. Mas sabendo que o filho do técnico, um tremendo pau no cu, era o jogador oficial da posição, nunca se permitiu acreditar que esse dia chegaria.

Do outro lado da arquibancada, o vermelho imperava. O time de Harvard era forte, sua torcida, animada.

Mas eles não tinham o Jackson.

E por mais que pudesse dar a impressão de prepotência, eu sabia que meu irmão era simplesmente fantástico no que fazia.

Nervoso, bati os pés no chão, soltando o ar com força.

O jogo ia começar a qualquer minuto e eu ainda estava sozinho.

— Ei, tem alguém sentado aí? — Olhei para o lado e, de pé ao meu lado, havia duas garotas. Muito bonitas, inclusive. Gêmeas. Os cabelos pretos na altura do ombro, vestiam blusas verdes comuns e short jeans. Uma delas jogou o cabelo pro lado com um sorriso de quem estava a fim de flertar.

— Desculpem. Os lugares estão reservados — expliquei, triste. Mesmo. Eu podia me dar bem hoje. Com duas. Eu odiava o Andrew.

— Tem certeza? — a garota que jogou o cabelo para o lado insistiu, fazendo um biquinho.

— Infelizmente, tenho sim — afirmei, olhando para o topo da escada no mesmo instante em que Andrew, Malcon, Madison, Leighton e Chiara apontaram nos degraus. Todos usavam um boné com alguma coisa escrita, mas não consegui identificar o que era. — Na verdade, acabaram de chegar.

Indiquei o pequeno grupo com o indicador para as garotas. A que queria flertar fez uma carinha triste novamente, e eu dei de ombros. A outra deu um leve puxão no braço da irmã.

— Vem, vamos procurar outro lugar ou teremos que assistir ao jogo de pé — reclamou, puxando a irmã outra vez que a seguiu depois de dar um aceno.

— Porra, se você cedesse nossos lugares por causa de uma boceta eu juro que ia mandar

você pro inferno, filho da puta. — Andrew chegou reclamando. Leigh deu um puxão de leve em sua mão, observando se as pessoas tinham escutado.

Eu adorava o contraste entre os dois.

Meu irmão era uma das pessoas mais desbocadas que eu conhecia. Mal sabia formular uma frase sem que tivesse um palavrão envolvido. Quanto a Leighton, eu nunca a tinha ouvido soltar um xingamento. Eles eram os mais opostos possíveis, porém apaixonados um pelo outro.

Completamente apaixonados.

— Eram duas bocetas, filho da puta — reclamei, dando um tapa em seu joelho enquanto passava por mim até seu lugar. — E só não dei os lugares, pelas garotas. Você e o Malcon podiam assistir lá do centro do cu de vocês.

— Gêmeas? — O capitão do hóquei se sentou ao meu lado, olhando ao redor em uma tentativa de descobrir onde as garotas haviam ido. — Se organizar direitinho, todo mundo sai daqui feliz.

— Você vai ficar feliz em me levar pra casa, Malcon — Mad ralhou, arrancando o boné preto que usava, destinando a ele o rosa que pertencia a ela, escrito com glitter: VAI, JACKSON!

— Ah, não, caralho — Malcon reclamou, tentando pegar o boné preto de volta, entretanto Mad foi mais rápida, correndo para o assento disponível próximo a Leighton, deixando o espaço entre ela e Malcon vago para a amiga. — Boné de princesa da Disney?

Chiara sorriu.

— Ei, jogador! — cumprimentou ao passar por mim, dando uma leve batida na minha cabeça com um boné cinza, mantendo o seu, amarelo, na cabeça. — O seu.

— Ei, gata! — Pisquei para ela, que rolou os olhos. Peguei a peça de sua mão, assistindo-a a sentar no lugar destinado por Mad que ignorava os pedidos de Malcon para trocar.

O que não aconteceu.

— Não acredito nisso. — Malcon retirou o boné da cabeça, encarando-o como se fosse a pior coisa do mundo. — Ela vem com as coisas rosa, e ainda quer me fazer usar.

Apesar do tom de chateação, colocou o boné.

— E desde quando assistimos aos jogos padronizados? — perguntei, retirando meu boné cinza para olhar mais de perto.

As palavras "Vai, Jackson" tinham sido bordadas em relevo em um tecido muito bom.

— Desde que a Madison decidiu. — Malcon bufou ao meu lado, cruzando os braços.

— Ei, patricinha — chamei, jogando meu corpo para frente tentando vê-la. — Isso devia ter sido aberto à votação.

Ela sorriu, mostrando o dedo do meio para mim.

— A gente não manda em porra nenhuma quando a Madison se envolve — Malcon reclamou, em seguida, como todo pau mandado, arrumou o boné na cabeça. — E eu fico muito melhor de rosa, que você.

Para provocar, Madison apenas soltou um beijinho em sua direção.

— Sabe, a Mad estava certa sobre uma coisa. Você realmente vai ficar uma graça usando uma coleira rosa, sabia? Já consigo até ver uma tirinha de couro rosa com a primeira letra da sua gata toda cravejada em diamantes e...

— Caralho, a pior coisa que eu fiz na minha vida foi me meter com a porra dos Davis — me interrompeu, fazendo-me rir. — Como estão os treinos?

— Com força. Tem dias que sinto que alguém vai precisar me arrastar para casa, mas feliz. É realmente o que eu amo fazer. — Olhei para meu irmão do outro lado, de mãos dadas com a Leigh, apontando para o campo tentando lembrá-la de como o jogo funciona. — Também estou feliz por ele. Andrew merece estar no time, e merece ter alguém como a Leigh com ele.

— Porra, depois que seu irmão começou a jogar, nosso time melhorou demais. Eu sei que um jogador só não faz um time, sabe? Mas, caralho, seu irmão é foda. Ele motiva os moleques mais novos e dá tudo de si no gelo. Quando ele calça os patins, não tem ninguém acima dele. — Sorri, orgulhoso. — Eu não sei o que tem na genética de vocês, Davis. Tenho certeza de que precisam ser estudados.

Os gritos ficaram mais intensos, dando indício de que os jogadores iam começar a entrar em campo.

O sobrenome da nossa família, Davis, vinha logo acima do número 12 na parte tra-

seira de sua camisa. Diferente de nós, ele não parecia nervoso. Muito pelo contrário. Estava à vontade. Eu nunca admitiria isso, mas senti meus olhos lacrimejarem. E eu queria, muito, que a nossa mãe estivesse aqui. Sem a menor sombra de dúvidas, ela deixaria qualquer coisa para assistir aos nossos jogos, gritaria como tudo de si e sem dúvida nós conseguiríamos distinguir a sua voz lá do meio do campo, quadra ou ringue.

— Ei — Chiara chamou, ela chegou o corpo um pouco para frente facilitando que eu pudesse vê-la. — Ele vai arrasar.

Assenti.

— Eu sei. O time de Harvard é bom, mas eu confio mais no meu irmão.

— Eu também. — Ela nem ao menos parou para pensar.

Uma coisa sobre nosso pequeno grupo que eu amava, era que mesmo que não tivéssemos conhecimento sobre o mundo do outro, nos apoiávamos e acreditávamos mesmo que a pessoa era o melhor no que fazia. Mesmo com o tempo corrido e com suas próprias atribuições, as garotas estavam presentes em nossos jogos e a Leigh vivia se desdobrando em trocas para conseguir nos acompanhar.

Não existia nada melhor do que saber que você tinha verdadeiramente pessoas que estavam ao seu lado. Pessoas que acreditavam em você.

Mesmo quando não merecíamos.

Mesmo quando eu não merecia e podia foder com tudo por ser idiota.

Não que eles soubessem.

Eles não imaginavam, ou eu nem estaria aqui pra contar história.

— O time de Yale também tem crescido bastante — continuei, tentando afastar meus pensamentos. — Acho que eles podem ser uma boa disputa com a Walker.

— Sim. Eu tenho assistido a todos os jogos pelas lives disponibilizadas nos perfis oficiais. Gosto de analisar os jogadores e as jogadas que eles mais utilizam. — Deu de ombros.

— Se você fala esse tipo de coisa para que eu me apaixone mais, saiba que está conseguindo, gata. Nada no mundo é mais sexy que uma garota com quem eu posso falar sobre esportes — falei, passando o polegar pelo lábio, tentando ser uma coisa sensual. — Você é uma garota completa. Reitero o que disse, acho que me apaixonei.

Pus a mão no coração.

Eu nunca tinha visto uma garota se oferecendo para ajudar nas táticas do time. E não duvidava em momento algum que as ideias dela fossem, de fato, muito boas.

— Você nunca fala sério, Davis. — Chiara rolou os olhos.

— Mas eu estou falando sério, gata. — Aproximei-me um pouco, dando um beijo em seu ombro. — Uma pena eu não ser tão inteligente a ponto de retribuir o favor dando opiniões utilizáveis em seu estudo. Mas se precisar de um corpo para fins científicos, estou à disposição.

Ela riu.

— Vou ter isso em mente. Você seria um ótimo objeto de estudo, Benjamin Davis.

— Bom, eu sei. E já que você estará com a mão na massa, se quiser se aproveitar desse corpinho maravilhoso, também estou à disposição, gata.

— Você é um incorrigível, Davis.

— Tá no sangue. — Pisquei para ela. — Mas me ofende um pouco a sua recusa tão rápida e sincera. Não faço seu tipo?

Em um momento inoportuno, o time começou a se organizar em campo. Nós começaríamos com o ataque. Tínhamos que fazer o *frist down*.[2]

Meu irmão desceu a proteção do seu capacete, olhando firme em frente. E jogou a bola para o *running back* que a recebeu muito bem, conseguindo desviar dos nossos adversários e foi derrubado na quinta jarda.

Quinta jarda!

Os gritos e aplausos que vinham da nossa torcida eram intensos.

— O Owen é o melhor *running* do time — Chiara comentou, tendo que falar mais alto para que eu conseguisse ouvi-la tanto pelo barulho, quanto por Malcon estar entre nós dois.

— Sim. E pelo que meu irmão costuma contar, conseguiram se entrosar bem em campo. Na verdade, segundo ele, depois que o George deixou o time principal muitas coisas estão melhores.

— O que significa que as chances só aumentam — praticamente gritou.

— Sim. Acredito que temos ótimas chances. Mesmo que a defesa de Harvard seja realmente muito boa.

— O número 64 é a aposta do time esse ano na defesa. Vi o último jogo deles, e realmente é incrível. Quase uma muralha.

Fiz uma careta. Ela estava certa.

— Parece que eu ando sendo ignorado aqui. — Malcon gesticulou com o indicador de mim para Chiara. — Se quiserem, eu posso trocar de lugar.

— Não precisa.

— Sim.

Chiara e eu respondemos juntos, e o oposto.

— Vocês precisam se decidir — brincou, rolando os olhos. — De qualquer forma, se você trocar comigo, aumentam as minhas chances de conseguir meu boné novamente.

Sem dar tempo de resposta, segurou os ombros de Chiara, trazendo-a para sua frente e assumindo o espaço ao lado da loira.

— Agora vai ficar mais fácil para conversar — ainda precisando falar mais alto, anunciei.

Notamos o time voltando a se organizar em linha, retornamos nossa atenção para o campo. Jackson parou em frente ao seu center, analisando suas possíveis jogadas.

— Eu acho que ele devia apostar em uma jogada mais longa — comentou, mordiscando a ponta da unha.

— Tenho certeza de que seria essa a jogada do meu irmão.

Não demorou para que acontecesse exatamente o que esperávamos no *second down*[3]. E em uma combinação de estratégia e sorte, nós conseguimos chegar até a décima jarda, garantindo a posse de bola como o ataque por mais uma rodada.

Novamente, gritos da nossa torcida.

E Chiara estava feliz, genuinamente feliz com nosso avanço em campo.

— Sabe de uma coisa, Chiara? — Aproximei-me de seu rosto para que pudesse me escutar, com toda a gritaria ao nosso redor. — Eu gosto muito do fato de você realmente gostar dos jogos. É bom ter uma amiga com quem conversar.

— É bom também ter um jogador com quem falar. — Ela sorriu, dando uma piscadela.

Eu gostava de vê-la explicar sobre jogos. Achava incrivelmente sexy. Podia sentir meu pau ficar duro só por recordar o dia em que a tinha visto mostrar a Leigh como o futebol funcionava usando pipocas.

Sexy, muito sexy.

Chiara havia mesmo me impressionado naquele jogo. E seguia impressionando depois, de maneiras diferentes, em cada dia em que conversávamos também.

E Deus sabe por qual motivo, eu gostava daquilo.



Já passava da meia-noite e tínhamos vindo para a fraternidade do Owen comemorar a vitória. Nós, e muitos dos demais estudantes. Na verdade, eu não sabia como o espaço cabia tantas pessoas.

A sala estava superlotada e impossível de se conversar, que decidimos vir para o fundo da casa. A diferença não era assim evidente, mas pelo menos tínhamos ar puro circulando entre nós.

Jackson havia entrado na festa carregado pelos colegas. Foi responsável pelo ponto final que garantiu a vitória do time. Aclamado pela Walker, odiado pelos adversários.

Ponderado demais, ele não conseguia aproveitar o momento como nós. Ficava desconfortável com a atenção recebida. Não costumava celebrar pequenas conquistas. Ele só... fazia o que tinha que fazer e seguia a vida.

Pouco depois, o time inteiro foi parar na piscina onde estávamos agora. Mad e Chiara sentadas na beira.

Chiara mantinha as pernas cruzadas evitando a água, enquanto Mad estava com os pés para dentro da piscina. Estava um pouco bêbada e com uma aparência cansada, o que não era de se espantar, levando em conta que passou a maior parte da noite dançando na sala. Malcon, que só queria uma transa rápida, acabou tendo que ser sua babá.

Função que, agora, eu exercia, já que o capitão do time de hóquei foi fisgado pelas gêmeas que deviam ser minhas.

Malcon era um filho da puta.

— Mad, podemos ir? — Chiara passou a mão no rosto da amiga, desgrudando alguns fios de seu rosto. — Amanhã eu tenho que ir ao laboratório ver se tudo está bem com meus ratinhos.

— Eu odeio ratos. Não sei como você consegue ficar tão perto deles. — A patricinha deu uma leve estremecida. — São pequenos, e nojentos e sabia que o xixi deles pode matar? Amiga, sério, não toca em nada molhado perto deles. Não quero que você pegue uma doença e morra.

Chiara riu, balançando a cabeça em negativa.

— Madison, vem aqui — pediu, abrindo os braços para a amiga que, meio trêmula, se aninhou contra ela. — É incrível como você consegue ser a pessoa mais irritante e ao mesmo tempo a mais incrível do mundo.

— É um talento para poucos. — Mad deitou a cabeça no colo da amiga, fechando os olhos, enquanto Chiara continuava acariciando-a. Eu gostava da patricinha, mas não gostava de vê-la beber. Era como se precisasse daquilo para esquecer coisas que não queria lembrar, e isso fazia com que eu visse meu pai em suas atitudes. Eu odiava aquilo.

— Ela está bem? — Jackson se aproximou, encarando Madison que estava meio esverdeada.

Tinha certeza de que pensou a mesma coisa.

— Vai ficar — Chiara garantiu, fazendo cafuné na amiga que começava a fechar os olhos.

— Ela precisa de algo com açúcar — Jackson explicou. — Funciona bem. Mas dormir também vai ser importante.

— Acho que ele fica bonito quando está assim cuidando de mim. — Mad tentou abrir os olhos, mas foi interrompida por um bocejo. — Ei, vocês chegaram! — Sorriu quando finalmente conseguiu abrir os olhos. Olhei para trás encontrando meu irmão.

Leighton se afastou do meu irmão indo ao encontro da amiga.

— Chegamos e acho que está na nossa hora — falou, assistindo à namorada se agachar para ficar da altura da amiga. — Amanhã cedo Afrodite tem que estar no *Women's*.

— Vem. — Leighton ajudou Madison a ficar de pé. Elas cambalearam e Andrew correu para ajudar.

— Vocês estão parecendo um casal de velhinhos, cadê o Andrew que só ia pra casa tarde? — Madison reclamou.

— Agora esse Andrew tem uma coisa melhor *em casa* — retrucou, beijando a bochecha da Leigh.

— Isso é muito pra mim. — Rolei os olhos.

Andrew passou o braço pelo corpo da Madison, ajudando-a a permanecer de pé, seguindo em direção ao carro depois. As meninas o seguiram e eu ainda não tinha decidido se queria ir pra casa ou ficar. Continuar na festa me garantiria uma noite de sexo, sem dúvida.

Acenei para Jackson antes de segui-los.

Seguimos nos desviando dos corpos que estavam circulando pelo local. À medida que o som ia ficando mais distante, o barulho das conversas se intensificava. Conseguíamos ouvir as garotas rindo, os caras flertando com elas, pessoas bêbadas vomitando e o cheiro das ervas que ficava mais forte.

Uma voz nos alcançou, e, ao ouvir meu nome, minha mente automaticamente começou a prestar mais atenção.

— Claro que o Benjamin não está ficando com aquela garota — alguém falou alto. Não sabia se para que nós ouvíssemos ou apenas por causa do som. — Olha pra ele, e olha pra ela.

Virei-me em direção ao grupinho, observando três garotas. Uma delas segurava a borda de um copo com os dentes, enquanto as outras duas riam com os olhos fixos em Chiara.

E ela também tinha ouvido.

Primeiro, porque estava perto demais de mim para que não tivesse escutado. Segundo, pela forma como seu corpo ficou tenso.

Eu sabia que Chiara era insegura, e tinha certeza de que aquelas palavras seriam o bastante para incutir em sua mente novamente a insegurança.

Por alguns segundos, a raiva me corroeu, por saber que Chiara estava magoada com aquilo.

Leighton deu um leve puxão na amiga, que começou a andar. Andrew havia parado a alguns passos de distância olhando para nós tentando entender o que havia acontecido.

Olha pra ele, e olha pra ela...

Minha mente não cansava de repassar a frase.

As coisas aconteceram rápido demais para minha mente processar. Tudo que eu consegui notar, era a garota que acenou para mim sorrir e dar alguns passos em minha direção. A imagem da Chiara chateada comigo por algo que elas disseram. E, de repente, uma enorme vontade de protegê-la.

— Chiara — chamei.

Então, tudo aconteceu rápido demais. Chiara olhou para mim. A garota que caminhava em minha direção vacilou, parecendo confusa. Puxei o braço da Chiara, aproximando-nos. Seus olhos se arregalaram de susto, e então, meus lábios estavam sobre os seus.

Não houve preparação. Para nenhum dos dois.

Antecipação, tensão, nada.

Apenas o choque.

A princípio, até mesmo eu fiquei alguns segundos sem reação. Não consegui acreditar no que estava fazendo. Porém, minhas mãos encontraram seu caminho sozinhas.

Minha mão esquerda pressionou sua nuca, enquanto a direita se fixou na lombar. E nossas bocas... Bem, eu não sabia se pelo susto, ou para me dar passagem, mas Chiara entreabriu os lábios, permitindo que eu tivesse acesso a ela. Não deveria ter sido um beijo, mas uma resposta.

Contudo, naquele instante, de alguma maneira, o mundo parou.

Enquanto meus lábios deslizavam contra os seus em movimentos lânguidos, senti as pontas dos seus dedos tocarem minha pele. Com receio e devagar, os dedos subiram por meu braço. Uma das mãos parou em meu bíceps enquanto a outra seguiu deslizando até os fios da minha nuca.

Chiara soltou um gemido de aprovação quando minha língua invadiu sua boca. Porra, minha língua estava na boca dela! Isso não estava nos planos. Mas meu corpo ditava o momento, minhas ações e meu raciocínio não existiam.

Meu pau deu sinais de que estava começando a gostar demais daquilo. E mesmo sabendo que era perigoso pra caralho, eu também não estava disposto a parar. Não agora.

Alguma coisa estranha aconteceu com meu corpo. Com minha mente. Com meu coração que não parava de bater mais rápido e mais forte. A cada pequeno movimento dela, a cada vez que suspirava contra meus lábios, a cada porra de segundo em que minha boca deslizava pela dela.

E, caralho.

Seu gosto.

O gosto de sua boca era uma coisa que eu nunca havia sentido antes. Eu não sabia precisar bem o que era, mas tinha um toque de canela. Muito bom.

De repente, canela passou a ser o meu gosto preferido de todo o planeta.

De repente, seu gosto, seu beijo e seus lábios passaram a ser a minha coisa preferida no planeta.

E o beijo ainda nem tinha acabado.

Seus lábios eram... porra, macios demais.

Tentadores demais.

Chiara inspirou e, movido pelo desespero, não querendo ainda que aquilo tivesse um fim, pressionei ainda mais suas costas contra meu corpo, mantendo-a cativa a mim. Mas ela não queria me afastar. Pelo contrário, a diferença em nosso tamanho mudou um pouco, e eu podia jurar, mesmo de olhos fechados, que ela havia ficado na ponta dos pés.

Movi a língua, assustado comigo mesmo quando soltei um gemido.

Eu tinha suspirado na porra de um beijo.

Com uma garota que era minha amiga.

A porra do meu peito estava inquieto. Subia e descia com intensidade. Saboreei sua boca, sabendo que provavelmente não repetiríamos aquilo outra vez. Sabendo que, talvez, sua mão acertasse meu rosto assim que eu a afastasse.

Porém, de alguma maneira, incapaz de permitir que isso acontecesse.

Naquele momento, eu precisava dela perto de mim.

Eu precisava do seu toque.

Meu corpo se arrepiou quando Chiara apertou os fios da nuca do meu cabelo. E eu

me afastei um pouco, apenas para testar sua maciez novamente. Mordisquei seus lábios suavemente. O superior. O inferior. Seu hálito quente reverberou em meu rosto.

Tão entretida quanto eu, Chiara puxou meu rosto. Não para me afastar, e sim para me instigar a continuar com o beijo.

Ela soltou um gemido quando minha boca tomou a sua outra vez. Quando minha língua acariciou sua boca por completo. Segurei seu cabelo, fazendo com que sua cabeça se erguesse mais em minha direção.

Minha língua adentrou ainda mais em sua boca e ela pareceu receosa ao fazer o mesmo comigo. O movimento foi bem-vindo, e eu soltei um gemido de aprovação. Ela notou. Parecendo mais confiante, os movimentos se tornaram mais intensos. A mão que estava em meu bíceps começou a realizar pequenos movimentos.

Meu pau já claramente avisava que estava pronto para a ação.

Isso não ia acontecer.

Mas beijar, só mais um pouco, não fazia mal algum.

De repente, Chiara se afastou, assustada.

— Se eu tossisse mais um pouco, ia ficar sem garganta — Leighton reclamou, com uma expressão confusa.

A mesma que certamente estava em meu rosto. A mesma que também era visível em Chiara.

Olhei para trás, onde instantes antes, o grupo de garotas estavam paradas, mas não havia mais ninguém ali.

Nós dois permanecemos em silêncio por alguns segundos. Eu, porque a porra do meu coração estava prestes a sair pela boca. Se eu a abrisse, tinha certeza de que ele cairia no chão. Não conseguia mais decifrar sua expressão.

— Dá pra gente adiantar? — Mad gritou mais à frente com meu irmão.

Eu pisquei, ainda pensando no que poderia dizer.

— Obrigada. — Foi Chiara quem quebrou o silêncio. — Eu acho... Sei o que você fez. Foi legal da sua parte.

Engoli em seco, ainda incapaz de pensar em absolutamente qualquer coisa que não na porra dos seus lábios se mexendo contra os meus.

Tentei responder, mas não saía nada.

Meu cérebro tinha simplesmente derretido.

Eu não consegui responder.

Simplesmente meu corpo não correspondia a nenhum comando.

Ela se virou, correndo até a Leighton e passando o braço pelo da amiga novamente.

— Você não vem? — Pelo tom de voz do Andrew, eu sabia que ele diria que fiz merda.

E eu tinha gostado pra caralho daquilo, não estava com disposição para ouvi-lo.

— Vou ficar com o Jackson — consegui falar, por fim.

Leighton não olhou para trás, Chiara não olhou para trás.

E eu fiquei parado ali, como um idiota, com o coração batendo acelerado.

Eu podia ter fodido com tudo, mas esperava que não.



Capítulo 10
Chiara

Capítulo 10 – Chiara

O baque de objetos caindo na mesa me assustou.

— Se você falar que me avisou, eu juro por Deus que vou te socar. — Madison se sentou ao meu lado em uma das mesas de estudo que ficavam embaixo da árvore, atrás do departamento de medicina.

Sorri, quando ela tirou os óculos escuros, sobre a mesa revelando a cara da derrota.

— Não esperava te ver aqui — comentei, voltando a encarar meu livro, mesmo que não tivesse conseguido prestar atenção em uma mísera palavra de nada, absolutamente nada, que li ou estudei durante a manhã inteira.

— É, eu sabia que você ia nos evitar. Torci muito para que não fosse para a salinha dos ratos. — Ela tremeu um pouco, de maneira engraçada. — Você é uma das poucas pessoas por quem eu enfrentaria o medo e te arrastaria pra fora.

— Não estou evitando ninguém, estou estudando. — Apontei para o livro aberto. — Às vezes um pouco de silêncio é bom pra se concentrar.

— Por favor, Chiara. Não ache que vai me enganar, sei que está assim por causa do beijão com o Davis ontem. — Ela soltou um assobio, deixando-me ainda mais sem graça. — E que beijo, hein?

— Não foi um beijo de verdade. — Rolei os olhos, lembrando-me exatamente de todas as milhares de coisas que senti quando nossos lábios se encontraram.

— Uau. — Ela riu. — Se aquele foi um beijo de mentira, gata. Eu não faço a menor ideia de como vocês irão fazer para não entrarem em combustão ao no de verdade. Porque de onde eu estava, aquele beijo pareceu muito quente, sabe?

— Você estava bêbada, Madison. Suas memórias estão te traindo — apontei.

— Semi bêbada. E ainda assim, não cega. — Mad bateu o cotovelo contra o meu, forçando-me a encará-la. — Só me diz se foi bom, por favorzinho!

Para fazer com que o pedido tivesse mais peso, simplesmente juntou as mãos em forma de prece na frente do rosto com um biquinho.

— SE eu responder, você jura que vai deixar esse assunto morrer?

O rosto dela se transformou em segundos para expectativa e animação. Às vezes ela dificultava muito o objetivo de negar qualquer coisa.

— Juro juradinho! — Fez uma cruz com os dedos em frente aos lábios, dando um beijo neles, como se selasse uma promessa.

Eu suspirei, deixei o marca texto sobre o livro e me virei para ela, sentando um pouco sobre a minha perna.

— Foi bom — confessei. — Foi, muito bom mesmo, sabe? — Mordisquei o lábio, ten-

tando controlar um sorriso que estava nascendo. — Completamente diferente do meu primeiro beijo, e eu senti um milhão de coisas diferentes em meu corpo, meu coração e... Acabou.

— Acabou? — A cara de indignação da Madison foi simplesmente extraordinária. — Como assim acabou?

— Acabando. — Dei de ombros. — Ele só me beijou porque algumas garotas estavam fazendo um comentário maldoso a nosso respeito. Eu ouvi, ele estava logo atrás, com certeza ouviu também. Quando nos afastamos, a primeira coisa que ele fez foi tentar ver a cara delas, mas não estavam mais lá. Foi fofo, eu reconheço. Acho que foi a primeira vez que alguém me defendeu daquela maneira. Mas foi só isso.

— Mas eu vi como a carinha dele ficou perturbada depois do beijo. — Abri a boca para responder à minha amiga, mas ela ergueu o indicador pedindo que eu permanecesse calada. — Sério, ele ficou meio assim...

Madison tentou imitar a cara de alguém meio fora do ar, o que me fez erguer uma sobrancelha para ela.

— Com certeza estava pensando que havia feito uma burrada e não sabia como resolver.

— Ei, eu gosto do Davis, mas *você* é a minha prioridade, tá? Não deixa ele, nem qualquer outro cara, te fazer sentir que você é, ou merece menos. Você é incrível, Chi. E merece muito mais do que imagina — Mad segurou minha mão dando um aperto leve de apoio. —

E se você perceber que está começando a se sentir assim, só precisa dar a volta por cima. Nenhum cara no mundo merece que nos sintamos mal por eles, tá?

Rindo, olhei para minha amiga, admirada.

— Você é a patricinha mais incrível que eu conheci, juro.

— Ah, achei vocês! — Leighton comentou, sentando no banco em frente ao meu.

— Você é uma traidora — acusei Mad.

— Viu? Estava se escondendo sim. — Apertou os olhos para mim, me chamando implicitamente de mentirosa.

— Não quer ver o Ben depois do beijo, não é? — Soltei um grunhido, escondendo o rosto entre as minhas mãos.

— Não foi um beijo — defendi, bufando.

— Estamos chamando de trocar saliva agora? — Leigh questionou, tentando tirar minha mão do rosto.

— Foi uma defesa — expliquei, já irritada por ter que repetir a mesma coisa. Era um pouco humilhante que o cara gostoso que me beijou confirmasse exatamente o que aquelas garotas haviam dito, que se não fosse por ele ter ouvido aquilo, o beijo nunca teria acontecido. — Nós já conversamos. Por que está voltando no assunto?

— Tinha certeza de que a Madison ia arrancar mais coisas de você. Eu reclamo da falta de descrição dela, mas é muito útil, sabia?

— Em algum momento o meu talento seria reconhecido, eu nunca duvidei disso —

brincou, soltando um beijo para Leigh que revirou os olhos.

— Ela já contou se gostou do beijo?

— Segundo ela, foi médio. — Madison deu de ombros, acho que percebendo que eu não queria mesmo falar sobre o assunto. E agradeci mentalmente por ela não ter contado o que eu havia dito. — Mas ela disse que o Ben só a beijou para se vingar das garotas, e eu estava mostrando a cara de idiota que ele fez quando o beijo acabou.

Ia começar a refutar, mas a Leigh não deu espaço.

— Ele fez cara de idiota — afirmou, mexendo nos cachos.

— Quer saber, não importa. Foi um beijo de piedade. Amigos podem beijar, não é? A Mad beija o Malcon às vezes.

— Sim. Amigos beijam — Mad garantiu, segurando a minha mão. — E se você quiser, amigas beijam também e eu posso te dar um beijo aqui mesmo para provar isso.

Madison fez um biquinho, soltando beijos e aproximando o corpo do meu, fazendo-nos rir, quando conseguiu me alcançar, distribuiu beijos em minha bochecha. Só quando ficamos cansadas de rir, ela se afastou, voltando à postura de antes.

— Ei — Leigh chamou, me fazendo encará-la. Em seguida, ela pôs a mão com a palma pra cima sobre a mesa. — Eu sei que falar sobre o que sentimos não é fácil. Mas nós estamos aqui, tá? Sempre. Para qualquer coisa, Chiara. A qualquer momento.

Senti minha garganta travar um pouco, assentindo enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas.

Coloquei minha mão sobre a da Leigh e Madison fez o mesmo.

— A gente te ama, tá? — Mad falou, apertando minha bochecha com a mão livre.

— Às vezes, eu quero matar vocês. Mas mesmo assim, eu amo vocês. — As meninas sorriram. — E Leigh, o beijo não foi médio. Foi ótimo.

— Nunca duvidei, sabe? Ficou claro quando você ficou na pontinha dos pés, prendendo a nuca dele pra não deixar o... *não beijo* ou *troca de saliva*, acabar — brincou.

— Foi só um beijo — garanti.

— Eu sei. Foi só um beijo.

— Ninguém aqui falou nada além disso — Mad completou, mas seu sorriso dizia o extremo oposto.

— E olha só, as meninas superpoderosas juntinhas. — A voz de Malcon vinda de trás me assustou. — Não sabia que tínhamos mudado de lugar.

— Não mudamos. A Chi precisava ficar mais perto da próxima aula hoje — Madison mentiu, como se estivesse contando a maior verdade de todas.

Os garotos se espalharam, assumindo seus lugares. Malcon foi para a ponta da mesa, Andrew sentou ao lado da namorada, abrindo as pernas ao seu redor, deixando-a em frente ao seu corpo. Benjamin sentou ao meu lado.

Não falou nada, mas meu corpo parecia querer se comunicar, e muito, com ele.

E, de repente, eu fiquei nervosa.

Eu sempre soube que o Benjamin era lindo. Isso nunca foi tópico de discussão. Mas eu nunca fiquei *nervosa* ao lado dele. Meu coração não devia bater assim, tão rápido, só por sentir o cheiro que eu já sentia há algum tempo.

Era a droga da química.

Quando beijamos, três reações químicas acontecem em nosso corpo. A liberação da oxitocina, serotonina e dopamina.

A Oxitocina é liberada em nosso corpo quando damos um beijo intenso. Não precisava ter beijado muitas bocas na minha vida para saber que *aquele* foi sim um beijo intenso. Automaticamente, a liberação da oxitocina estimula sentimentos de carinho e apego com o outro.

A serotonina fazia com que nosso humor se alterasse, nos deixando mais felizes. O que pode muito bem explicar o motivo de eu não ter surtado logo depois. Eu estava feliz. Mas estava feliz por causa do beijo em si. Qualquer beijo poderia ter feito isso.

E a dopamina, claro, era a responsável pela sensação de euforia e prazer. O que explica exatamente o que a Leigh quis dizer. Eu fiquei na ponta dos pés para que o beijo continuasse, porque era uma coisa prazerosa. Então, eu estava eufórica e sob o efeito viciante do beijo.

O beijo em si, era uma droga.

Logo, eu estava drogada naquele momento. E por culpa da oxitocina o meu coração estava batendo estranhamente desenfreado.

Era uma reação natural do corpo.

A ciência é sempre capaz de explicar tudo. Felizmente.

Era isso.

A liberação da oxitocina estava fazendo com que o meu corpo reagisse dessa maneira com a sua proximidade.

— De zero a cem — começou, esperando que eu o encarasse. Ele sorriu um pouco quando nossos olhares se encontraram. — Quão brava você está comigo?

Ele parecia bem constrangido, mexendo em uma correntinha fina que usava. Devia ser nova, nunca tinha visto antes.

Fiz uma careta, fazendo o máximo para aumentar a sua tensão.

— Huuum, falando assim, nossa é difícil dizer... — Suspirei, jogando o cabelo para o lado, brincando de enrolar as pontas no indicador. — Eu acho que... Brincadeira. Não estou chateada com você.

Benjamin soltou o ar em um claro alívio.

— Sério? — Parecia descrente ainda.

Eu sorri.

— Sério. Também ouvi as meninas falando sobre nós dois. — Dei de ombros.

— Nossa, eu estava com medo mesmo de você ficar chateada comigo. — Benjamin segurou minha mão, brincando com o indicador

em minha palma. — Eu gosto mesmo de você. Não quero te magoar ou que fique zangada como ficou quando as meninas...

— Tá tudo bem, Benjamin Davis — garanti novamente, pondo minha mão sobre a dele. — E de acordo com a filosofia da Madison, amigos podem beijar também. Afinal, não íamos beijar nossos inimigos, não é?

— Às vezes eu realmente gosto das lógicas da Madison. — Ele olhou para minha amiga, com uma careta. — Mas já que você não está chateada comigo, não preciso te dar que comprei para comprar seu perdão, caso fosse necessário.

— Nesse caso, estou muito chateada, Benjamin Davis. Cogito a hipótese de nunca mais falar com você em toda minha vida. — Cruzei os braços em frente ao corpo, fingindo estar muito brava.

Benjamin riu, começando a abrir a mochila que estava jogada sobre a mesa. Por um instante eu perdi o ar, assistindo os músculos dos seus braços que delineados na camiseta branca. Eu ainda conseguia sentir o calor que emanava de sua pele pela ponta dos meus dedos. A maneira como ele me apertou contra o seu corpo e como o mordisco que deu em meu lábio inferior ainda me fazia tremer sozinha.

Oxitocina, oxitocina, oxitocina. Repassei as palavras em minha mente, enquanto piscava atônita, olhando para os lados, tentando perceber que alguém estava olhando para nós dois.

Mad estava muito distraída analisando atentamente a tela do seu celular enquanto falava alguma coisa com o Malcon, já Leighton estava séria depois de ouvir o namorado falar alguma coisa. Ele devia estar contando sobre a próxima luta.

Leighton sabia o motivo do namorado ainda precisar lutar, mas ainda assim se preocupava. Morria de medo de que ele pudesse cair e bater a cabeça no chão, ou quebrar o nariz e ser descoberto ao dar entrada no hospital e terminar a noite — e a vida — na cadeia.

Voltei minha atenção para o garoto sentado ao meu lado no exato instante em que ele retirou da mochila uma caixinha da *Women's*.

— Já que você está *muito* chateada, eu queria pedir oficialmente desculpas — falou, parecendo uma criança que foi pega fazendo besteira. — E quero que você saiba que a sua amizade é muito importante para mim, Chiara.

Peguei a caixa da sua mão, sentindo nossos dedos se tocarem por alguns instantes. A porcaria do comichão na minha pele recomeçou, assim como meu coração acelerou outra vez.

Sem falar nada para não ser traída por minha voz, apenas abri a caixinha encontrando com uma fatia enorme de cheesecake. Sem dúvidas ele subornou alguém por uma big fatia.

— Obrigada! Eu realmente amo isso.

— Eu sei. Tinha que acertar em alguma coisa com você.

Não sabia mais o que responder.

Fechei a caixa, deixando-a próximo ao meu livro.

— Vou deixar pra comer na aula — expliquei.

— Vai ter um motivo para pensar em mim. — Piscou, divertido.

Ah, se ele soubesse os motivos que me levavam a pensar nele atualmente.

— Ei, Chiara — Madison chamou e nós duas nos curvamos um pouco para frente para que pudéssemos manter contato visual. — Eu estava aqui pensando, acho que o Owen é uma ótima opção.

De repente, todos os olhares estavam voltados para mim. Que também não compreendi muito bem sobre o que a Mad achava que eu devia ter entendido.

— Opção? Opção pra quê? — Benjamin perguntou, parecendo desconfortável com qualquer que fosse a explicação que a Mad fosse dar.

— Nós estávamos conversando antes de vocês chegarem e chegamos à conclusão de que a Chi precisa abrir possibilidades — Mad contou. — Afinal, ela é linda e inteligente demais para ficar solteira por aí.

Eu queria que o chão se abrisse e me tragasse. Também podia sentir o olhar de Benjamin queimando em minha pele.

— Você... estava... está... pensando em arrumar um namorado? — Ele pareceu um pouco confuso.

— Benjamin, querido, óbvio que ela está pensando em um namorado. — Mad bufou

como se essa ideia fosse clara. — Enfim, o Owen é bonito, tem boa fama e joga com o Jackson. Tenho certeza de que ele vai nos ajudar. Ou o Malcon. Você o conhece também, não é?

Eu não diria que o clima na mesa estava amistoso.

Malcon assentiu.

— Uau, estou me sentindo descartável. — E pela primeira vez eu não sabia se Benjamin estava brincando ou não. — Ontem você estava me beijando e hoje procurando *outros caras* pra beijar?

— Não. Ontem *você* a estava beijando e hoje *eu* estou procurando outros caras pra ela beijar. — Mad sorriu de maneira diabólica, passando o dedo pela tela do celular e virando-o em direção a Leighton em seguida. — É impossível saber se um beijo é bom, se você mal experimentou outros, sabe? E foi muito legal da sua parte o que você fez. Defender nossa amiga. Eu mesma teria feito isso, se não estivesse sendo arrastada pelo Andrew, mas tenho certeza de que não surtiria tanto efeito quanto surtiu com você.

— Fico feliz em ser útil. — Pelo tom de voz, eu não diria que a emoção do momento era felicidade.

— Por nada. Iremos dispor quando necessário. — Então, ela se virou para Leighton, mostrando a tela do seu aparelho e Andrew fez uma careta observando a foto. — Esse também é muito bonito, o Jonh.

— O Jonh? — Andrew interrompeu, encarando Benjamin. — Não acho que ele seja um cara legal pra Chiara.

— Ué, como não? Ele é amigo do Benjamin. — Então, Mad sorriu. — Ai, eu amo como os garotos são amigos de todo mundo. Não importa quem nós vamos escolher, sempre poderemos pedir boas referências e prometer um nariz partido, sabe? O Ben é tão seu amigo, que tenho certeza de que gostaria de fazer as honras.

Leigh passou o dedo na tela também para o lado, analisando outras fotos pelo visto.

— Você vai mesmo deixar elas te arrumarem um encontro? — Benjamin perguntou sério.

— É só a Mad. Ela precisa se ocupar com a vida alheia às vezes antes de retomar ao seu estado normal. De qualquer forma, talvez seja uma coisa boa pra mim. Eu te disse, lembra? Estar aberta a novas experiências.

— Já teve uma. Beijou um amigo em uma festa. — Ele não parecia amistoso naquele momento.

Sorri, dando de ombros.

— Se depender da Madison, vou ter uma nova. Beijar um desconhecido.

Minha amiga seguia animada olhando as fotos e escrevendo os nomes dos caras que ela, Leighton e Malcon escolhiam em uma listinha numa folha de papel.

— Isso não é engraçado. Esses caras são...

— Bonitos, populares...

— Idiotas — concluiu.

— Novas experiências, Benjamin Davis.

Apesar de ser engraçado ver a maneira como Benjamin parecia chateado com isso, nem sabia por que estava dando corda para aquela conversa ridícula e deixando que a Madison fizesse parecer que realmente eu ia sair com algum daqueles caras. Muito menos, por estar gostando da reação do Ben.

Claro que não ia.

Primeiro: Não era como se os caras estivessem muito a fim de sair comigo.

Segundo: Havia outras coisas ocupando a minha mente naquele momento. Como o beijo. Nele. Mesmo sabendo que isso não se repetiria.

Olhei para Benjamin novamente. Para seus lábios.

Engoli em seco, imaginando como seria ter novamente seus lábios contra os meus. Se as sensações seriam as mesmas. Se o gosto seria o mesmo.

Umedeci os lábios sem pensar, ainda olhando para a boca dele.

Eu estava olhando para a boca de Benjamin Davis?

Pisquei várias vezes, tentando recobrar o meu juízo.

Eu não devia ou podia olhar para a boca dele imaginando mais nada. Benjamin havia feito uma coisa bacana por mim, e só.

Eu tinha que esquecer aquilo.

— E esse aqui? — Madison apontou o celular outra vez para Leighton que fez uma careta discordando de quem quer que fosse. Andrew concordou, encarando o irmão logo em seguida.

E...

E se isso fosse exatamente o que eu precisava.

Talvez beijar outra pessoa fizesse com que meus pensamentos se direcionassem a outra coisa e assim eu conseguisse parar de pensar naquilo.

— Ai, caramba, vou me atrasar — Leighton levantou de vez, começando a catar suas coisas. — O professor de agora detesta atrasos.

De repente, todos nós estávamos organizando nossas coisas para as próximas aulas.

Agora eu iria para um grupo de estudos. A maior parte tinha tirado C e D. Alguns professores iriam refazer a prova e eu me comprometi em ajudá-los.

— Vejo você à noite — Mad gritou para Leighton que já estava distante e apenas fez um legal com os dedos em concordância. — E vejo você à noite também. — Mad beijou minha bochecha ao passar por mim. Depois, grudou no braço do Benjamin. — Vamos para aula, Davis. Ainda tenho muitas fotos para te mostrar.

Do outro lado, Malcon pôs a mão em seu ombro e seguiram caminhando.

Benjamin olhou para trás depois de um tempinho e sorriu para mim.

Mais uma vez meu coração deu aquela porcaria de salto.

Foi só um beijo.

Só um beijo.

Isso *tinha* que parar.

Oxitocina, por favor, por favorzinho, você precisa parar de circular pelo meu corpo. Quando mais cedo isso passar, melhor.

Para nós dois.

Capítulo 11
Benjamin



Capítulo 11 – Benjamin

Ignorei a porta sendo aberta.

Sabia que era Andrew.

Nos últimos dois dias eu estava evitando toda e qualquer chance de ficar sozinho com ele, já sabendo que ele pegaria no meu pé por causa do beijo que dei na Chiara.

Na porra daquele beijo que não saía da minha cabeça.

Jackson e eu estávamos sentados no sofá da sala, disputando uma partida de corrida, e eu torcia secretamente que o filho da puta respeitasse nosso momento.

Andrew jogou a mochila que estava pendurada em seu ombro direito no chão, em seguida o taco de hóquei e, meio mancando, caminhou até onde estávamos no sofá.

— Chega pra lá, filho da puta — Andrew reclamou, pegando um dos controles do videogame e sentando ao meu lado.

— Caralho, você incomoda pra porra, cacete.

Arrastei-me um pouco abrindo espaço para que meu irmão folgado sentasse.

Andrew tomou o controle da mão de Jackson e reiniciou o jogo.

— Espera sua vez, desgraçado — Jackson resmungou.

— Você já ia perder de qualquer maneira. — Andrew se aconchegou ainda mais no sofá, soltando um gemido e pondo a mão na costela. — Caralho, se a gente conseguir chegar ao campeonato vivo vai ser uma puta vitória.

— Quer vida fácil, vai jogar xadrez — Jackson brincou, dando um soco na coxa do nosso irmão, que reclamou com um gemido alto.

— Não se preocupe, Jackson. Você vai jogar em breve, e eu quero ver quem vai ser o otário que vai levar gelo pros seus machucados — devolveu.

— Eu troco o gelo por uma chupada.

— Você é um pervertido, Ben. — Andrew riu. — Falando nisso, tem alguma coisa que queira me contar?

Sem desviar os olhos da televisão, escolheu uma pista para uma corrida.

— Não vou perder nenhuma matéria, estou indo bem nos treinos e temos boas chances de conquistar o prêmio maior. — Dei de ombros. — E vocês? Querem me contar algo?

— Tô sacando que esse papo não é comigo — Jackson respondeu, aproveitando para deitar no chão da sala e ignorando os problemas que a conversa poderia acarretar para ele.

— Nem vem que eu ouvi você no telefone esses dias marcando pra sair com uma gata. Ou seja, tem muito o que contar.

Jackson mostrou o dedo do meio para mim.

— Benjamin, você quer parar de agir como um idiota? — Andrew bateu com o cotovelo em meu braço.

— Respondi à sua pergunta e demonstrei o mesmo interesse na sua vida. Se não me engano, isso se chama boas maneiras — retruquei, concentrando-me na pista para passar seu carro.

— Que porra aquele beijo significou? — perguntou de vez.

Jackson soltou um assobio e riu em seguida, e eu chutei sua perna.

— Tá achando que só porque você resolveu dar um descanso ao pau, pegando a mesma garota, todo mundo tem que fazer igual? Já beijei um milhão de garotas e você nunca veio com esse papo pra cima de mim — reclamei.

Andrew pausou o jogo bem no meio de uma curva. Com certeza quando voltássemos ao jogo, ia bater o carro e o filho da puta me venceria.

— Nunca perguntei porque você sempre se envolveu com garotas que queriam o mesmo de você. E eu sei que você se importa com a Chiara. Você gosta dela — falou. Meu corpo gelou por alguns segundos. É claro que eu gosto dela. A Chiara é minha amiga. De onde ele tirou essa... — Vejo vocês juntos conversando. Você gosta dela e aquela garota é sua amiga.

— É claro que ela é minha amiga — respondi, me sentindo capaz de respirar outra vez. — Eu gosto dela. Ela é minha amiga.

Jackson riu, sendo um babaca.

— Se você gosta dessa garota, não estrague o que vocês têm, Benjamin.

— Não entendi o que está querendo dizer — retruquei, dando play novamente, apenas para que ele pausasse o jogo outra vez.

— Se você não aguentar o pau dentro das calças e foder com aquela garota, vai estragar a amizade que estão construindo. — Andrew se virou na minha direção. — A Chiara não é como as garotas que você traz pra casa, como se você fosse um cachorro no cio e dispensa pela manhã.

Trinquei os dentes.

Claro que eu não faria isso com a Chiara.

— Eu sei disso — bufei —, eu não... Aquele beijo não... Eu só...

Joguei a cabeça para trás, tentando fazer com que meus pensamentos encontrassem coerência.

— Não foi nada demais — garanti, por fim. — Eu só estava protegendo-a, tá?

— Enfiando a língua na boca da garota? — Jackson apoiou o peso do corpo nos braços, erguendo um pouco o corpo para me ver. — Caralho, explica como que eu vou usar essa desculpa também.

Foi a minha vez de mostrar o dedo do meio para ele, depois contei sobre o que aconteceu com as garotas da festa.

— Eu sei que pode ter sido idiotice, mas na hora só conseguia pensar que não era justo as garotas falarem aquelas coisas dela, sabe? — expliquei.

Andrew ficou em silêncio olhando para minha cara por algum tempo, depois soltou o ar com força.

— Faz sentido. — Andrew deu um tapa em meu ombro. — Espero mesmo que seja só isso, Ben. Não quero que você parta o coração daquela garota, e se você fizer isso e a Leigh resolver me culpar, eu juro que vou torcer seu pau e ele nunca vai ter serventia enquanto você viver.

Jackson e eu rimos da ameaça,.

— Você mesmo ouviu as meninas falando que estão procurando alguém pra Chiara... — Interrompi a frase.

Eu simplesmente não conseguia me forçar a completar aquele pensamento. Não conseguia pensar na Chiara com outra pessoa. Com ninguém. Ninguém na porra daquela universidade era bom pra ela, nem para os beijos dela.

— Sim. E ela é bonita pra caralho, não vai demorar até a Madison arrumar o cara certo — Jackson concluiu o que eu não estava nem um pouco disposto a pensar.

Às vezes, eu odiava meus irmãos.

Andrew tirou o jogo da pausa e, como esperado, bati na curva dando a ele a chance de me passar.

Mas as palavras dele estavam ecoando ainda na minha mente: Se eu não aguentasse o pau dentro das minhas calças, ia foder com tudo.

E, caralho, eu nunca quis tanto foder com as coisas na minha vida.

— Ah, esqueci de te falar, chegou uma encomenda para você. Deixei em sua cama.

— Pra mim? — Franzi o cenho, encarando meu irmão.

— Humrum. Uma caixa grande. Espero que você não tenha inventado de comprar anabolizantes. Você precisa malhar é esse cérebro, não os braços, filho da puta.

— Sem dúvida comprei uma porção enorme de viagra pra te dar de presente e você parar de tomar conta da minha vida e cuidar da sua — devolvi, ouvindo meu irmão rir, por fim, decidi me concentrar no jogo.

Não fazia a menor ideia do que eu tinha comprado, mas depois acabaria descobrindo.



— Olha só quem chegou, o dono de casa — Lee gritou ao me ver entrar na academia da universidade.

E ela estava cheia pra caralho.

Meus irmãos eram os caras mais filhos da puta que eu conhecia. Ia matar os dois.

— Vai tomar no cu, desgraçado — devolvi, irritado, o que só serviu para fazer com que os filhos da puta rissem ainda mais.

— Gente, deixa o cara — Fred defendeu com um tom de voz impetuoso. — Não tem nada demais ele querer brincar com uma casinha rosa.

A porra de uma casinha de boneca.

Eu tinha comprado a porra de uma casinha de boneca. Como?

Não fazia a menor ideia. Até cogitei a ideia do meu cartão ter sido clonado, mas quem roubaria meu cartão e depois enviaria o produto para mim mesmo? Infelizmente, não consegui cancelar a compra e meu irmão havia guardado a maldita casinha no quarto da Oly.

E trancado a porta logo em seguida para que eu não pudesse jogar aquela porcaria da janela.

— Se você tiver alguma coisa para nos contar, gostosão, essa é hora — Théo comentou, erguendo a sobrancelha.

— Eu achava que ele fazia administração, mas na verdade a única coisa que ele quer administrar é a casinha dos sonhos dele — um dos caras lá no fundo da academia gritou, fazendo todo mundo rir outra vez. — Vai ser um excelente dono de casa o nosso garoto. Que orgulho.

— Riam bastante, filhos da puta. Podem rir pra caralho — respondi, bravo, seguindo em direção à esteira. Pus os fones no ouvido e tentei ignorar as gargalhadas dos meus colegas.

Bando de filhos da puta.

Não podia julgá-los totalmente também. Se eu não tivesse tão puto para entender que caralho eu havia feito para comprar a porra de uma casinha de bonecas, também acabaria rindo, porque, era foda admitir, mas chegava a ser cômico.

Pensei por alguns momentos que algum dos caras tinham tirado o dia para me zoar. Era comum a gente ficar pilhando uns aos outros. Porém, quando vi a cobrança

no meu cartão, soube que tinha acontecido algum caralho.

E eu não fazia a menor ideia do que podia ser.



— Ficaram sabendo o que aconteceu com o pai do Theodoro, lá do baseball? — Mad jogou os livros que carregava sobre a mesa do *Women's*, gesticulando para o Malcon abrir espaço para que ela sentasse e ignorando totalmente que nosso amigo estava me ajudando com um conteúdo que eu estava com dificuldade.

— Boa tarde, tudo bem? Posso sentar? — perguntei, irônico, chegando mais perto da janela para abrir espaço para Leigh e Chiara.

Sorri para Chiara, que fez o mesmo, entrando no espaço entre o banco e a mesa, sentando ao meu lado. Leigh ficou com o espaço da ponta. Ela acenou para Ania, indicando que já estava ali e em breve começaria seu turno.

— Que se foda as boas maneiras, primeiro a fofoca, sempre. — Rolou os olhos como se fosse um absurdo eu não pensar isso. — O pai do Théo sofreu um acidente de carro e foi hospitalizado.

Meu corpo parou por um momento e meu coração comprimiu no peito. Conhecia bem esse sentimento de impotência que ele devia estar sentindo agora. A vontade de querer voltar alguns segundos no tempo. De querer reagir, fazer algo. Qualquer porra que fosse, e não poder.

Pisquei, encarando Madison. Ela estava séria contando alguma coisa, mas eu não conseguia entender bem.

As imagens começaram a voltar em minha mente.

Buzina, faróis, vidros estilhaçando.

— E como ele está? — alguém perguntou.

— Fiquei sabendo que seu estado é grave e corre risco de vida. — Forcei-me a me concentrar nas palavras. — Só que o Théo é bolsista e a família não tem como pagar as contas. Fiquei sabendo que ele está pensando em trancar a faculdade para voltar pro Texas e tentar ajudar financeiramente.

Pisquei uma e outra vez, tentando ficar no presente. Aqui, na mesa, agora.

Metais retorcidos, faróis, a voz dela...

— E quando foi isso? — Malcon pegou o celular que estava no cantinho da mesa para ver se havia alguma mensagem. — Ninguém falou nada no aviãozinho.

O aviãozinho devia ser um segredo dos caras, mas quando alguns começam a namorar — como meu irmão — o segredo é repassado para as namoradas que contam para as amigas. Logo isso se torna de conhecimento público.

— Não tem muito tempo. A namorada dele, Herbie, é da minha turma de inglês. Ela estava sentada ao meu lado quando recebeu a notícia e me contou. Só deu tempo de pegar as coisas e sair da sala atrás dele — explicou. — Depois eu mandei mensagem querendo saber

como ele estava. Herbie contou que ele estava prestes a ir ao diretório acadêmico, mas que sua mãe não queria que ele se prejudicasse nos estudos.

— Puta que pariu. — Meu amigo passou as mãos pelo rosto.

Eu estava tentando lembrar de como manter a respiração, enquanto tudo parecia acontecer de maneira mais lenta ao meu redor.

Enquanto me esforçava, mais uma vez, para não pensar naquele dia.

Não pensar no zumbido em meu ouvido.

Não pensar no som de vidros se partindo.

Respiração sôfrega.

Nem em minha mãe coberta de sangue e presa nas ferragens.

— Ele faz uma das aulas do core curse comigo. — Chiara franziu o cenho, tentando recordar de algo. — História, se não me engano. Um ótimo aluno.

Mad olhou para o celular com uma expressão de tristeza.

— Herbie acabou de mandar mensagem, disse que ele está arrasado. Recebeu algumas imagens do acidente, e ficou chocado com a gravidade da situação.

— Meu Deus, coitado. — Leigh expirou, triste.

Se alguém disse algo depois, não consegui prestar atenção. Fechei os olhos inspirando e expirando. Só tentando pensar em

qualquer coisa que me ajudasse a não pensar naquele dia.

Nos gritos dela.

Os pedidos de socorro e como me implorava para manter os olhos abertos, mesmo sentindo muito sono, com frio e desejando demais dormir.

— Ben, você tá bem? — Chiara perguntou baixinho, pondo a mão de forma discreta em minha coxa.

— Sim, só...

Interrompi a frase, eu não sabia o que dizer. Era difícil pra caralho pensar naquele dia. E eu sempre pensava nele. Nos momentos mais inesperados. Nos momentos em que eu estava sozinho. Sempre que eu me sentia solitário.

Todas as malditas vezes em que me sentia só.

Inspirei e expirei, tentando não chamar atenção.

Eu precisava me controlar.

Controlar a respiração era um dos fatores mais importantes em caso de crise de ansiedade, já que a respiração costuma ficar acelerada nesses momentos. Eu não precisava de uma crise aqui.

Ela começou a passar a mão pela minha coxa, subindo e descendo, em uma maneira de me confortar. Aos poucos meu corpo começou a relaxar com seu toque.

— Eu tô aqui. — Suas mãos continuaram fazendo o mesmo movimento.

Eu assenti.

Inspirei fundo, tentando me concentrar na sensação de sua mão em meu corpo outra vez. De maneira muito diferente do beijo, entretanto, tão boa quanto.

Boa demais, aliás.

Meu sangue estava circulando de pelo corpo rápido demais e indo para o único lugar que não deveria. Podia sentir meu pau crescendo dentro da minha roupa, mas longe de mim pedir para que Chiara cessasse os movimentos.

— A Mad tem uma ideia para que possamos ajudar o Théo. Acho que você vai gostar já que parte do plano é vai requerer que você faça algo que ama. — Chiara ergueu a sobrancelha em minha direção. — Exibir o corpo atlético.

— Então além de deus da Walker e tudo mais, agora ganho elogios ao meu corpo?

Ela riu.

— Só quando é por um bom motivo.

O bom motivo, claro. Era me distrair.

O que estava conseguindo, aliás.

Bem demais.

Se isso continuasse, eu podia explodir a qualquer momento, como um adolescente que nunca transou na vida.

E, porra, eu já tinha transado pra caralho.

— Obrigado. — Pus minha mão sobre a sua, me sentindo um idiota por não aproveitar aquele raro momento mais um pouco, entretanto, sem perceber, sua mão estava chegando

perto demais de uma perigosa linha, e isso poderia culminar em um momento constrangedor para nós dois.

Chiara balançou a cabeça em afirmativa, apontando para Madison em seguida. Ela devia explicar a sua grande ideia.

Eu não tirei minha mão da sua.

Sua mão era quente, e boa de segurar.

Gostei da sensação, era confortável.

— ... Nós temos aqui no campus, cerca de vinte e três mil alunos, distribuídos entre graduação e pós-graduação, o que quer dizer que se pelo menos metade desse número participar, conseguimos levantar o valor necessário para ajudá-lo e ainda uma ajuda de custo para a família, já que o pai era a única pessoa que trabalhava e fonte de renda deles.

— O fato de você explicar antes os benefícios, significa que o sacrifício será grande. — Apertei os olhos em sua direção.

— Não necessariamente — pontuou. — Vocês vivem tirando a roupa de graça pra transar com todo mundo, seria apenas por uma boa causa.

— Nunca pensei que viveria para ver a Madison se oferecendo para ser a nossa cafetina... — Malcon brincou, ganhando um tapa da Madison, que sorria.

— Não é isso, seus bobos. Podíamos fazer uma espécie de *Drive Through Car Wash*[4].

— Vamos colocar aqueles maquinários de lavagem de carro aqui? Só a grana pra o equipamento...

— Claro que não! Como vocês são péssimos para pensar em promoções de evento! — Mad interrompeu a Leighton, como se estivesse falando o maior dos absurdos. — São *eles* quem irão lavar os carros. Imagina ter um cara gato e sem camisa lavando os vidros do seu carro enquanto você dirige? Exatamente como funciona a lavagem, mas caras gostosos e sem camisa no lugar da máquina insossa. Talvez até surgisse gente de fora querendo aproveitar o corpinho deles... A lavagem, claro. Eu pagaria por pelo menos três lavagens completas.

— Ela está brincando, não é? — Olhei para Chiara e Leighton, apontando para Madison, não acreditando no que estava ouvindo.

— Óbvio que não. — Ela pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha, se virando para Malcon como se quisesse provar um ponto. Se o capitão do hóquei aceitasse, a maior parte dos caras acabaria aceitando também. E, para ser sincero, a maior parte de nós gostava mesmo de se exibir por aí. Fazer isso por um bom motivo não era assim tão absurdo. — A gente não tá aqui dizendo que vocês precisam fazer uma coisa eficiente. É apenas uma maneira divertida de arrecadar fundos. No final das contas, a cama de vocês com certeza não ficará vazia à noite.

— Mad, querida. Você não acha isso um pouco desrespeitoso com a nossas masculinidades? Quer dizer, exibir nossos corpos assim, como se fôssemos pedaços de carne? — Malcon suspirou. — Você não pensa em nossos sentimentos?

Mad ignorou o amigo.

— Até parece que vocês não procuram toda e qualquer maneira de se exibir de graça. — Deu de ombros. — E é por um bom motivo.

— A ideia é boa. Se seguirmos a conta da Madison e pelo menos mil pessoas vierem lavar seus carros, cobrando 20 dólares por lavagem, vamos ganhar em média vinte mil dólares.

— Eu acho que conseguimos mais de mil carros com facilidade — Chiara falou, puxando a mão da minha. E eu não gostei de perder o contato físico com ela. A expressão concentrada em seu rosto indicava que fazia contas. — Fazendo umas contas rápidas, acho que, se tudo der certo, conseguimos 28 mil dólares em quatro horas com facilidade.

— E eu nunca me senti tão objetificado em minha vida — comentei, soltando um suspiro para fingir indignação. — Cadê os direitos humanos para protestar contra esse absurdo de exposição dos corpos masculinos?

Madison me ignorou novamente.

— Caralho, é uma grana boa. Acham mesmo que podemos conseguir isso? — Repentinamente, Malcon parecia mais animado com a ideia.

— Sim, e se nós trabalharmos todo o marketing de uma maneira legal, tenho certeza de que vamos conseguir muito mais do que esperamos. — Mad pareceu animada. — Mas vocês sabem que o apoio de vocês é fundamental. Não posso começar uma campanha sem pelo menos cinquenta tanquinhos envolvidos, distribuídos entre ensaboar e lavar.

— Eu realmente queria saber quem é que consegue dizer não para você, patricinha — meu amigo falou, rolando os olhos.

— Sério? Posso mesmo contar com vocês? — A voz animada demonstrava que ela não esperava que aceitássemos com tanta facilidade.

— Tudo para ajudar um filho desesperado — garanti em tom de brincadeira, entretanto, era verdade.

Já tive no lugar do filho desesperado e não desejava isso para ninguém.

— Vocês são maravilhosos. Sério! Mesmo, mesmo! — Madison bateu palminhas, feliz. — Eu vou contar a novidade pra Herbie, e vocês convencem os garotos. — Dito isso, virou para as meninas que seguiam apenas observando a animação da amiga. — Vocês duas, reunião de garotas lá em casa. Levem os pijamas pois a noite será longa.

— Mas Mad...

— É por uma boa ação — interrompeu as meninas. — Nós temos empatia com as pessoas nesse grupo, sabiam? Eu já vou, preciso fazer um bom designer para podermos espalhar as boas novas.

Antes que alguém pudesse sequer piscar, Madison arrumou as coisas e começou, soltou um beijo para nós, e em instantes estava do lado de fora.

— O namorado dessa garota vai sofrer — brinquei.

— Na verdade, o namorado dela vai ser um cara de sorte por saber que tem ao seu lado

alguém que se preocupa de verdade com os problemas dos outros — Leighton apontou.

— Eu concordo. E como acabei de ganhar um compromisso para a noite, preciso mesmo ir para o dormitório. Ainda tenho muita coisa pra fazer.

— E eu tenho um turno para começar.

As garotas seguiram o exemplo da amiga, organizando-se para irem embora. E sem conseguir desviar o olhar, segui os passos da Chiara, observando a maneira como seu corpo rebolava um pouco ao caminhar.

Eu gostava da bunda dela.

Sem dúvida, aquela bunda era uma daquelas em que daria para que tanto eu quanto ela aproveitássemos muito.

Assustei-me com Malcon estalando os dedos em frente ao meu rosto.

— Se puder parar de olhar a bunda alheia e voltar a prestar atenção aqui, eu agradeço. Ainda temos que contar aos caras no que metemos eles.

— Não estava olhando para lugar algum — menti.

— Benjamin, eu quero que você saiba que eu sou muitas coisas na vida, mas não idiota — afirmou.

— A menos que a Madison te peça algo.

— Cala a boca, e presta atenção. — Malcon virou o livro em minha direção outra vez. Antes de me concentrar, eu olhei mais uma vez pela janela.

Porra, aquela bunda...

Eu realmente poderia fazer coisas inimagináveis com ela.

Mas, decididamente, meu irmão estava certo.

Não podia me impedir de desejar Chiara, mas tinha certeza de que, entre nós, nada nunca aconteceria.

Gostava demais dela para perdê-la por um pouco de tesão.



Apertei os olhos sentindo um zumbido estranho no ouvido.

Tinha uma voz. Mas eu não conseguia entendê-la.

Alguma coisa doía em meu corpo.

Tudo estava doendo na verdade.

Não conseguia abrir os olhos, mesmo tentando e o zumbido foi ficando mais fino. E mais doloroso.

— Filho? — Consegui entender o que a voz dizia.

Ela estava me chamando?

— Filho, você está me... — Ouvi um gemido estranho seguido do som de algo caindo. Minha cabeça doía. O zumbido me incomodava demais. Mas eu me esforçava para entender a voz. — Ben, por favor, se tiver... se tiver me ouvindo... por favor, abre os olhos para a mamãe.

Mamãe?

Tentei engolir a saliva ao ouvi-la, mas não consegui.

Tudo doía e eu queria chorar.

Nunca tinha sentido algo assim antes. Nem mesmo quando nosso treinador nos mandava dar tantas voltas na quadra que parecia que os joelhos descolariam do resto do corpo.

— Mã...

A minha voz falhou.

— Ben, Ben, meu amor... — A respiração dela estava estranha. — Filho, consegue abrir... abrir os olhos?

Ela soltou um gemido e então som de choro.

Nunca tinha ouvido mamãe chorar.

— Querido, por favor... você consegue... consegue abrir os olhos?

Eu queria dizer que doía.

Doía muito.

Mas tentei.

Ao invés de tudo preto, eu conseguia ver agora alguns pontinhos com claridade, mas tudo parecia tão... confuso...

— Isso... isso, amor — incentivou. — Mais um pouquinho. A mamãe quer ver seus... — Ela parou, e eu ouvi o som do choro outra vez. — A mamãe quer ver seus olhinhos, meu bem.

À medida que meus olhos iam se abrindo, eu piscava cada vez mais, incomodado com a claridade repentina.

— Mãe? — Minha voz saiu em um fio ao vê-la.

— Vai ficar tudo bem, querido... — Eu podia ver as lágrimas escorrendo por seu rosto. — Agora... que a mamãe viu seus... seus olhinhos. Vai ficar...

— Não! — gritei, sentando na cama com o coração acelerado.

Minha respiração estava agitada e conseguia sentir as gotas de suor escorrendo pelo meu corpo.

— Ei, gato. Você tá bem?

Pisquei, tentando lembrar de onde estava.

Com quem estava.

— Eu tô bem — murmurei, passando a mão pelo rosto.

Minha respiração ainda alterada, coração batendo acelerado demais e a boca completamente seca.

Senti sua mão em meu ombro, enquanto deixava um beijo nas minhas costas.

— Então vem, deita aqui — pediu, puxando-me para trás.

Sem forças para resistir, segui seus comandos.

Pisquei no escuro.

— Foi só um pesadelo — garantiu, passando a perna pelas minhas.

Eu assenti.

— Quer conversar sobre isso?

Balancei a cabeça em negativa.

Não queria.

— Então tenta dormir novamente, tá? Amanhã cedo você tem treino. — A garota que eu sequer sabia quem era, bocejou, dando um beijo no meu braço e voltou a dormir.

Eu não.

Sabia como aqueles pesadelos funcionavam.

Eu lembrava, com riqueza de detalhes, do acidente.

De cada som. Da sirene das ambulâncias.

De cada palavra que ela havia me dito.

Eu tinha medo de esquecê-la.

Tinha medo de não conseguir mais não escutar o som da sua voz nos momentos em que nos divertíamos juntos.

Morria de medo de que minha mãe se tornasse apenas uma lembrança.

Entretanto, o que eu não conseguia esquecer, nem por um segundo, era daquele dia.

E todas as malditas vezes em que eu me pegava sozinho, que a minha mente parecia relaxar um pouco, eu voltava para lá. Para aquele carro.

Para aquele maldito dia.

Apertei os dentes com força, tentando evitar pensar sobre isso. Esforçando-me para focar em outras coisas.

Jogos.

Irmãos.

Filmes.

Trabalhos.

Beijo.

A imagem de Chiara apareceu em minha mente.

Eu ainda não havia conseguido esquecer aquele dia.

A sua expressão quando, repentinamente, a beijei. A maneira que me olhou quando, a contragosto, afastei-me dela.

E, porra, eu não conseguia esquecer o beijo.

A maneira como ela suspirava à medida que nossos lábios se emaranhava um contra o outro, a forma como reagiu quando a mordisquei, ou o fato de também não demonstrar interesse em acabar com aquele momento.

Um momento que, por mais que eu evitasse pensar sobre, queria repetir.

E muito.

Mas Chiara já estava procurando um cara para sair. Certamente Madison queria, como eu quis, jogar na cara daquelas garotas que a amiga era capaz de fazer com que qualquer cara popular gostaria de sair com ela.

E, caralho, se ela beijasse outros caras da maneira como me beijou, as coisas não terminariam em um beijo de boa noite na porta do dormitório.

Apertei o maxilar com força.

Não queria pensar sobre aquilo.

Pensar na Chiara beijando outro cara era estranho.

Um cara que podia magoá-la.

Não que isso fosse da minha conta.

Ela podia beijar qualquer pessoa que quisesse.

Isso não devia me incomodar.

Não me incomodava na verdade.

Bocejei, mexendo-me na cama, sentindo meu corpo começar a ceder outra vez. Minhas pálpebras ficaram mais pesadas.

A respiração da garota ao meu lado, ajudava minha mente a compreender que não havia nenhum perigo.

Que eu estava seguro.

Meus olhos fecharam um pouco mais.

E mais.

Antes de ver o escuro outra vez, a última imagem que minha mente não tinha nada a ver com o pior dia da minha vida, mas com o beijo mais incrível de todos.



Capítulo 12
Chiara

Capítulo 12 – Chiara

Nunca tinha achado a imponente fraternidade da Mad tão assustadora. Eu já estive aqui antes, várias vezes.

Porém, hoje esse lugar parecia maior e mais assustador. Cerca de 40 garotas estavam sentadas em uma salinha de vídeo, compartilhando ideias como se fossem amigas íntimas, mesmo que algumas nem se dessem muito bem, no final das contas.

Sentia minha boca seca vendo todas aquelas garotas conversando e rindo como boas amigas, tendo ideias maravilhosas e compartilhando assuntos pessoais no meio das decisões como se não fosse nada demais.

Eu já tinha assistido a filmes com festas do pijama, e sabia que envolvia fofoca, comida e filmes. Que era comum falar de garotos. Afinal, com as meninas, nós vivíamos falando sobre isso, mas me sentia um pouco desconfortável no meio de tantas garotas com quem eu não tinha intimidade alguma.

Madison estava animadíssima.

Aquele era mesmo o mundo dela.

A garota coletava ideias, rascunhava-as, escutava com atenção todas as sugestões trazidas — mesmo as idiotas — e queria que todas se sentissem inclusas no projeto. Ela tinha um bom tino para Marketing, assim como possuía traços incríveis para desenhar.

Herbie, namorada do Theodoro, não cansava de agradecer e repetir como seu namorado estava absurdamente grato, e sem acreditar que tantas pessoas que ele nem ao menos conhecia estavam dispostos a ajudá-lo.

Até então, sabíamos que *Drive hot* aconteceria no sábado. Tínhamos uma semana para organizar tudo. Uma das grandes preocupações era se o reitor liberaria o espaço da universidade para isso, mas minha amiga tinha contatos e em menos de cinco minutos ela conseguiu riscar o item da lista.

Os meninos espalharam a ideia da Mad pelo aviãozinho que se popularizou de maneira rápida demais. Nós já tínhamos cerca de 120 garotos confirmados.

— Não acho que seria interessante o George fazer parte disso. — Stela, que lia a lista de garotos que toparam, fez uma careta ao citar o nome do garoto, mas foi em Leighton que os vários pares de olhos foram parar.

— Não seria a pessoa que eu gostaria de ter lá, claro. Mas nós continuamos nos vendo pelo campus, e ele não vai desaparecer só por minha causa.

— Sem contar que ele é muito próximo ao Théo. — Herbie olhou para Leigh como quem pedia desculpas.

— Vamos torcer para que ele e Andrew não queiram provar quem faz xixi mais alto. Pode parecer uma coisa boba, mas é por um bom motivo. — Mad escreveu alguma coisa no iPad. — Chi, minha garota brilhante, posso te confirmar como nossa tesoureira, certo?

— Eu... — Senti-me completamente desconfortável quando as garotas todas me encararam. — Sim. Pode.

Ainda me sentia desconfortável quando tinha a atenção de muitas pessoas voltadas para mim. Talvez essa característica nunca mudasse. Lidava bem com poucas pessoas, em especial com as que me sentia confortável. Entretanto, quando eu precisava falar em meio a tantas pessoas, ainda era uma enorme luta interna.

— Desculpa pelo atraso! — Uma garota baixinha de cabelos longos entrou, pondo a bolsa no chão ao lado da porta.

Eu a conhecia de vista.

Não éramos amigas nem costumávamos nos falar, mas sabia que ela era uma garota transexual.

Ouvi boatos de que no ano passado teve uma confusão relacionada ao uso do banheiro. As outras garotas queriam que ela usasse o banheiro masculino. A Walker sempre se orgulhou de ser uma universidade que trabalhava a favor da diversidade e respeito desde os seus primórdios, foi terminantemente contra a ideia das garotas.

— Não tem problema. Ainda nem é meia-noite e temos boa parte do que precisamos acertado, o que significa que teremos um tempinho para uma fofoca de amigas — falou Margaret, a menina que fazia psicologia, feliz, dando uma nada sutil olhada para Leigh ao meu lado. O namoro dela ainda era um assunto de bastante interesse.

— Uma boa dose de fofoca é absolutamente tudo que eu preciso hoje, eu juro. — A garota começou a prender o cabelo em um rabo de cavalo. — Meu professor de moda passou um trabalho absurdo, e eu, sinceramente,

gostaria muito de arrancar a cabeça dele do pescoço.

Madison mordeu o cantinho da boca, parecendo dividida entre ouvir uma boa fofoca ou seguir com o objetivo da reunião.

— Eu acho que podemos fazer uma pausa — disse, por fim. — Conseguimos definir muita coisa. Um *break* para o lanche e você desabafa.

— Se conseguirmos terminar tudo ainda cedo, o Andrew vem me buscar. Eu vou para casa dele e se quiser podemos te deixar lá no dormitório — Leighton cochichou ao meu lado.

— Pode ser uma boa ideia — devolvi, olhando para as garotas que começavam a se dispersar, indo buscar as bandejas na cozinha. Mad começava a se aproximar trazendo três taças.

— Posso saber o que estão tramando? — perguntou, nos entregando as nossas.

— Estou traçando uma rota de fuga, e oferecendo carona.

— Ah, não, Leigh — Mad reclamou. — Nós não passamos a noite fofocando faz tempo. Não vou aceitar ser trocada por sexo. Mesmo que seja com seu namorado gostoso. E você, para com isso. Vai ficar aqui comigo sim. Agora falando sério, o que estão achando?

Fiz uma careta.

— É exatamente o que se poderia esperar de uma festa do pijama. Garotas e fofocas. — Leighton deu de ombros.

— Estranho por um lado, mas emocionante também. Acho que eu posso gostar de festas do pijama.

As duas olharam para mim ao mesmo tempo e Mad piscou.

— Você nunca participou de uma? — Neguei com a cabeça. — Sério? Nem na escola? Nós tínhamos, uma vez ao ano, o dia combinado para dormir. Eu detestava, mas sempre ia.

— Nunca — confirmei. Mordendo os lábios. — Como eu disse, estudei em casa. Não tive muito tempo para curtir com amigas.

— Bom, então está decidido. Vocês ficam. — Madison determinou. — Só preciso que você saiba que o princípio básico nas festas do pijama é falar mal dos garotos e fazer testes idiotas de revistas com as amigas. Isso é tipo um rito de passagem. E se você não teve uma antes, você vai ter agora.

Madison levantou a taça dela, erguendo a sobrancelha para mim. Rolei os olhos, sentindo um enorme sorriso nascer em meu rosto.

— Tudo bem então — cedi, batendo a minha taça na sua, Leigh fez o mesmo.

— Mas eu preciso deixar uma coisa clara, Chi. — O rosto da Leigh ficou sério de repente. — Você começou muito bem, mas não se acostuma. A maior parte das festas do pijama usam coisas normais, como copos de plástico, por exemplo. De repente, os salgadinhos vão ser até substituídos por caviar...

Nós rimos, e o barulho na sala foi recomeçando. As garotas que haviam saído estavam retornando com alguns pratos com lanche que foram deixados na mesinha de centro para que todas pudessem alcançá-los.

Havia uma boa quantidade de variedade. Sanduíches, algumas caixas de pizza, pi-

poca, salgados, panquecas doces, donuts... Se a Mad era capaz de organizar uma pequena festinha assim em umas horas, eu nem podia imaginar como seria o *Drive hot*.

— Tá, agora pode contar na sessão terapia o que te aflige, Dorothy — uma das garotas que eu não conseguia lembrar o nome falou, virando-se na direção da baixinha de cabelos pretos e que agora eu já sabia o nome.

A garota, Dorothy, expirou com força.

— Meu orientador passou um trabalho a respeito da psicologia da moda, para apresentar daqui a algumas semanas.

— Eu pensei que você amasse essa matéria — uma das garotas interrompeu.

— E eu amo. — A maneira como gesticulava com as mãos e a forma intensa com a qual respondeu, deixava isso bem claro. — Inclusive, adorei a proposta, que é trazer através de um exemplo prático, como a moda pode falar atrás de nós. Seja pela maneira como somos vistos pelo mundo, ou como isso mexe com nossa autoconfiança e pode alterar a nossa maneira de agir — explicou. — O problema é que ele quer ver isso na prática. — Bufou, chateada.

— Na prática tipo as comédias românticas onde a protagonista toma passa por um *glow up*? — Madison perguntou, gerando um burburinho com as garotas todas falando ao mesmo tempo.

— Exatamente isso. — Parecia frustrada.

— E qual o problema? Isso é incrível! — A menina, cujo nome começava com a letra D, se animou. — Nossa, tive tantas ideias e eu

nem curso moda! Com certeza você vai fazer um trabalho incrível!

— O problema não é exatamente a ideia. Foi fantástica sim — Dorothy explicou. — Mas vocês já olharam ao redor aqui? Não tenho uma única amiga com quem eu possa contar para isso. A maioria aqui, e digo isso sem ofensa, parece mais uma prima da Paris Hilton.

As garotas riram em concordância, e eu não podia mesmo negar. Mesmo usando roupas de dormir, a maioria ainda usava um pouco de maquiagem e roupas impecáveis.

Só costumava ver pessoas assim nos filmes.

— Não ela! — Imediatamente, uma garota de tranças apontou pra mim.

Meus olhos involuntariamente se arregaram ao perceber que *ela*, no caso, era *eu*. E que estava sendo cogitada para essa loucura. A garota, Dorothy, me analisou por alguns instantes, e o burburinho recomeçou.

Algumas pareciam rir, achando a ideia a mais estapafúrdia do mundo, enquanto outras apreciaram a sugestão. Dorothy então, depois de uma inspeção minuciosa, abriu um enorme sorriso.

— Você! — Seus olhos brilharam me encarando. — Nossa, você seria uma opção perfeita!

— Quem? Eu? — Franzi o cenho, apontando o indicador em minha direção.

— Sim. Você — O sorriso dela se alargou ainda mais.

Leigh segurou minha mão.

— Ah, ela não seria não! — Mad respondeu por mim.

— Claro que seria! — Ela se levantou, começando a caminhar de maneira lenta em minha direção. — Você seria o projeto perfeito. Olha só, ela é linda mesmo usando... — parou um pouco, olhando para mim de cima a baixo — isso que ela está vestindo. Uau! Tenho certeza de que vai parar o trânsito, garota! — completou.

— Roupas — Madison defendeu novamente, parecendo irritada. O que, não podia negar, me surpreendeu. — Ela está usando roupas, e se você quer saber a minha opinião, está linda.

Madison ergueu o rosto em uma pose meio desafiadora. Algum tempo atrás, a garota só faltava me implorar para que eu permitisse que ela fosse minha consultora pessoal de moda.

— Ué, por qual motivo? Ela é linda e um *glow* faria maravilhas e deixaria todo mundo de queixo caído. Você tem cadeira cativa todos os anos nos desfiles mais importantes de moda em Paris, Madison. Não tenta me convencer que acha essas roupas bonitas.

— A Chi não liga pra essas coisas. Ela se sente confortável assim e eu respeito isso — explicou, depois olhou pra mim. — Se eu sei que ela poderia dar uma melhoradinha nos *looks*? Podia. Mas se é assim que ela gosta de se vestir, a gente apoia isso. Ela não precisa que as pessoas a vejam de uma maneira diferente para gostar dela, mas sim que vejam *quem* ela é. Se alguém vai querer andar com a Chiara vai ser por conhecê-la. Não pelos vestidos Prada.

Eu ri, porque só a Mad para bater e abraçar desse jeito em uma única frase.

— O que a Madison quer dizer, é que a Chiara não precisa de roupas novas para se sentir bonita nem para impressionar ninguém. E nós não mudaríamos isso por nada — Leigh defendeu também.

O clima ficou meio hostil de repente.

— Talvez o que a Dorothy não esteja conseguindo explicar corretamente — Margareth interrompeu, olhando para a amiga em forma de cumplicidade — é que a moda não serve apenas para nos tornar mais atraentes, e sim tende a refletir quem somos. E não tem absolutamente nada de errado que a Chiara se sinta confortável com a sua forma de se vestir. Entretanto, talvez ela simplesmente não saiba como ou o quê, gostaria de expressar ao mundo. Uma ajudinha para isso, e de forma que ressalte a beleza que nós *sabemos que ela possui* — frisou bem o ponto da questão. — Não vai fazer diferença. Na verdade, acredito que vai ajudar na sua autoestima e ela vai ter a chance de conhecer um lado dela que talvez nem mesmo saiba que existe.

Mordisquei o lábio. Seria legal, eu acho. Quer dizer... eu nunca nem tive a chance de escolher o que vestir.

— Exatamente. — Dorothy olhou para mim. — Não estou aqui dizendo que você precisa mudar para chamar atenção das pessoas. Longe de mim, Chiara. — Parecia sincera. — A moda é algo muito importante para mim justamente por ser uma forma de nos mostrarmos ao mundo. Foi por isso que eu escolhi o curso. Para que garotas *como eu* possam se sentir lindas também. Para que *nenhuma mulher* tenha *necessidade* de se esconder.

Ela fez uma pausa, como se quisesse que eu absorvesse a informação. Eu nunca falei sobre isso com ninguém. Passei a mão pela manga do blusão azul sentindo meu estômago revirar um pouco.

— Existe uma teoria na psicologia que aponta o fato de algumas pessoas esconderem suas personalidades através de roupas mais sérias. Não se sabe se consciente ou inconscientemente. Mas isso acaba refletindo nas interações sociais. Existem pessoas que usam as roupas para se sentirem protegidas, invisíveis. Das pessoas. Dos seus sentimentos, talvez. Mas será que vale a pena mesmo passar uma vida inteira se escondendo? — Meu coração deu uma martelada no peito. A forma como ela me encarou, me fez sentir como se ela soubesse exatamente de tudo a meu respeito. — Sem contar que a chance de ganhar um guarda-roupa inteirinho novo e de graça não vai cair duas vezes no seu colo. Eu aproveitaria se fosse você.

— Ah, eu também. Inclusive, se você me garantir alguns desenhos da *Tory Burch*, eu juro que beijo seus pés — uma garota ruiva e com sardas brincou, fazendo com que todas rissem também. — Riam à vontade, eu tô falando sério. Imagina um final de semana em Mônaco usando um exclusivo dela? — Suspirou.

Eu ri.

Era uma oferta tentadora.

E imediatamente eu me lembrei das garotas na festa. Em contrapartida, eu também não queria me vestir de uma maneira diferente *apenas* para afrontar alguém, muito menos para chamar a atenção dos garotos.

Menos ainda para tentar fazer com que o Benjamin me beijasse outra vez. Porque aquele beijo foi... um erro.

Porque mesmo querendo muito repetir o erro, mesmo com toda dopamina, serotonina, endorfina e oxitocina liberadas em meu corpo me fazendo desejar aqueles lábios duros e intensos sobre os meus outra vez, ainda que eu estivesse ansiando pelo corpo quente e convidativo próximo ao meu, decididamente, não era isso que eu queria.

Não era isso que eu *devia* querer.

Eu estava confortável do meu jeito.

Estava segura.

Tudo isso era culpa da ciência.

Entretanto, ela estava certa sobre uma coisa.

Eu não tive tempo suficiente para me conhecer, me descobrir, saber do que gostava ou não. E mais importante, eu decidi me esconder. Naquele dia, eu decidi que não queria nunca ser alvo de críticas das pessoas. Eu queria que, dentro de toda insegurança que eu tinha, houvesse alguma coisa segura. Algo que me tornasse invisível para o mundo.

A garota me encarava, como se soubesse que parte de mim estava considerando bastante o assunto.

Eu me lembrei da carta que a Mad pediu que escrevêssemos. Talvez fosse isso que eu precisasse para cumprir os combinados que havia feito comigo mesma. Meu coração acelerou um pouco e uma parte ainda maior de mim quis aceitar essa proposta ridícula.

— Eu... — comecei, sentindo meu coração bater um pouco mais forte e a boca secar.

— Eu... Muito gentil da sua parte, mas não, obrigada.

Sorri para ela, tentando ser o mais terna possível, e ao mesmo tempo um pouco decepcionada comigo. Decepcionada por querer algo diferente do que havia planejado até então e muito frustrada por ter declinado.

Minha mente parecia uma enorme desordem de pensamentos.

— Tá, vamos fazer o seguinte — ergueu uma das mãos com a palma aberta em frente ao corpo, como se pedisse calma —, você não precisa dar uma resposta definitiva agora, certo? Só pensa por uns dias e me dá a resposta. O que acha?

Formei uma linha com os lábios.

Eu podia mudar de ideia se tivesse mais tempo. Isso seria bom, muito bom. Mas ao mesmo tempo, podia ser ruim.

Pisquei. Eu tinha que focar na minha pesquisa, isso era o mais importante no final das contas.

— Podemos fazer isso se for te deixar mais feliz, porém a resposta vai ser a mesma — garanti, um pouco mais segura.

Ela sorriu.

— Algo me diz que você vai reconsiderar. E se não mudar de ideia, pense em como você pode salvar a formação acadêmica de uma amiga, ou entrar para a história da humanidade em um estudo incrível sobre moda.

Dorothy sorriu, e logo em seguida as garotas começaram a pensar em outras pessoas que talvez pudessem servir para o mesmo fim. Ela ainda me encarava, avaliando-me. Alguma coisa me dizia que, realmente, ela não desis-

tiria, mas esperaria pelo momento mais oportuno para abordar o assunto novamente.

E eu negaria.

Tinha que negar.

Precisava pôr na minha mente, de uma vez por todas, que eu não estava ali para fazer amigos, ou para que as pessoas gostassem de mim. Eu precisava ser invisível porque... porque no fim, foi essa a vida que eu havia decidido levar.

Entretanto, por um breve instante, eu pensei em como seria caso eu aceitasse. E pior, eu pensaria em como o Benjamin reagiria ao me ver de maneira diferente.

E pior ainda, eu me peguei querendo, muito, que de alguma maneira, isso fosse possível.

E se não valesse a pena me esconder de tudo pra sempre?

Capítulo 13
Benjamin



Capítulo 13 – Benjamin

Bufei, tentando ignorar o bando de adultos que agiam como se tivessem três anos. Alguns dos caras estavam sentados nos carrinhos de compra do supermercado enquanto deslizavam pelo corredor e postavam nas redes sociais.

Nós tínhamos vindo providenciar o material que usaríamos para a lavagem dos carros. Théo não cansava de agradecer todo o apoio que estava recebendo de todos, e era bonito mesmo de ver a maneira como o campus inteiro se uniu em pelo bem de uma família.

Aproveitei para fazer algumas filmagens deles para serem utilizadas posteriormente. Aqueles filhos da puta tinham rido de mim por causa da maldita casinha que Andrew ainda mantinha escondida no quarto da Oly e todo material que eu pudesse registrar contra eles seria muito bem aproveitado.

Olhei para cima rapidamente e vi Jonh entregando um pacotinho para Matt Duncan. Apertei os olhos para ter certeza do que via. Sério? Matt?

O celular vibrou em minha mão, indicando que eu havia recebido uma mensagem da Chiara. Antes mesmo de abrir o aplicativo de mensagem, vi que ela havia enviado três interrogações.

Será que ela havia me perguntado alguma coisa enquanto eu dormia e não me lembrei de responder?

Curioso, cliquei no seu nome, vendo que a última mensagem tinha sido enviada por mim, durante a madrugada.

Eu: ach quie voou abadonar tudu i abri um salaou de belexa po r que queru vende coadros di caxorrinhus au au na praia.

Que porra era essa?

E ainda piorava.

Eu: Aqu ta muitu friu.

Eu: Meu pau va cair.

Eu: E eu axo que quandu o gozila aparecer vai expantar vampiro.

Que merda eu tinha feito durante a noite?

Encarei o celular por alguns instantes, tentando entender de que caralho eu estava falando. Aquilo era um monte de nada com nada.

E desde quando eu me importava com vampiros e Godzilla? Vender quadros de cachorrinhos au au na praia?

Enquanto minha mente ainda processava o que eu tinha acabado de ler, o status da Chiara mudou para digitando.

Chi: Você está bem?

Eu ri, porque nem fazia ideia do que responder.

Eu: Sinceramente, sem saber o que pensar.

Eu: Desculpa. Não faço ideia de como te mandei isso.

Ela: Bêbado demais? Talvez tenha sido assim que você acabou comprando a casinha de boneca.

Eu: Impossível. Não bebi ontem.

Eu: Pelo menos eu sei quem eu devo bloquear quando tomar um porre para não

mandar mensagem alcoolizado. Não existe nada mais constrangedor que mensagem de bêbado.

Chi: Posso suportar algumas mensagens de humilhação. Não tem problema. Se você for bonzinho, podemos até fingir que nada aconteceu no dia seguinte.

Eu: Ficaria agradecido se pudéssemos começar agora, porque, porra, eu não consegui entender onde minha cabeça estava. Só lembro de ter deitado na cama e acordado atrasado hoje pela manhã.

Chi: Treino?

Eu: Não. Isso:

Enviei para ela um dos vídeos dos caras se divertindo dentro dos carrinhos de supermercado.

Chi: Vão expulsar vocês.

Eu: Não duvido. Eles parecem que estão de volta à pré-escola.

Chi: Já gravou o seu, não é?

Eu: Não sei do que você está falando.

Chi: É só admitir, Davis. Os homens param de amadurecer aos cinco.

Eu: Sim. Exatamente quando aprendemos a puxar o cabelo das garotas para chamar atenção delas.

Chi: Sempre soube.

Então você ainda puxa o cabelo das garotas quando quer chamar atenção delas?

Eu: Geralmente, cobro atenção quando elas param de responder minhas mensagens.

Chiara enviou emoticons de bonequinhos revirando os olhos, em seguida enviou uma foto da tabela na qual estava trabalhando

para o *drive hot*, como as garotas haviam apelidado.

Chi: Enquanto vocês se divertem, eu...

Eu: Alguém tinha que ser a inteligente dessa equação, gata.

— Falando com a namorada? — Jonh apareceu, repentinamente, atrás de mim, observando a troca de mensagem.

— Ela não é minha namorada — afirmei, bloqueando a tela do celular e guardando-o no bolso, enquanto sentia meu coração retumbar no peito.

— Esse sorriso, então, não é de quem ganhou uma coleira rosa? — Bufou.

— Coleira? — Revirei os olhos. — Pensei que fosse passar mais algum tempo na casa de sua mãe.

Esperava que ele aceitasse a mudança de assunto de maneira tranquila. Jonh, alguns dias atrás, foi para a casa da mãe após receber a ligação de uma vizinha contando que o cara com quem a mãe morava estava batendo nela.

Muito.

— Não. Eu fiz tudo que estava ao meu alcance. Cuidei dela e das crianças por uns dias, mas não tinha mais o que pudesse fazer. Só deixei uma grana e pedi para que ela me avisasse se ele aparecesse por lá outra vez — contou, estalando os dedos como se estivesse se controlando para não bater em algo.

— E você acha que ele vai tentar voltar novamente? — Peguei um dos itens que estavam na lista, jogando no carrinho que eu segurava.

— Ele sempre volta, e ela sempre o aceita. — Suspirou. — Eu juro que não en-

tendo. Ela diz que o ama e que sabe que ele vai melhorar.

— Pode ser dependência emocional, sabe? É foda.

— É foda — concordou desanimado.

Jonh não falou nada por algum tempo e eu me senti culpado por, tentando desviar de um assunto, começar outro que fazia mal a ele.

Eu era um péssimo amigo.

— Beijei a Chiara — contei. Em parte por querer que ele parasse de pensar nos problemas com a mãe. Mas eu também queria falar sobre isso com alguém que não fosse meu irmão que namorava a melhor amiga da garota que eu desesperadamente queria beijar outra vez.

Jonh sorriu.

— Isso sim é uma novidade boa. Quer dizer que eu acertei, e ela é sua namoradinha mesmo?

— Não. Foi só um beijo. Tinham algumas meninas tirando sarro dela, eu fiquei puto, a beijei e pronto.

Ele apenas anuiu, formando uma linha com os lábios.

— E vocês são só amigos — afirmou.

— Exatamente.

— Você está me contando que beijou uma garota que não quer beijar outra vez por nada? — Ergueu a sobrancelha para mim.

— Eu só...

— Vai virar tão cadelinha quanto o seu irmão — falou, sorrindo e passando o braço pelo meu pescoço.

Desvencilhei-me dele.

— Ninguém vai sossegar aqui, filho da puta. Ela é só uma amiga.

— Se ela for só uma amiga, eu juro que vou dar meu cu.

— Lá vem o desgraçado querendo me usar de desculpa pra inovar as práticas sexuais. Vai se foder, caralho. — Mostrei o dedo do meio para ele, que deu um soco em meu braço em retaliação.

Eu devolvi, e começamos uma briga idiota no meio do corredor dos enlatados.

Seguimos mais um pouco em silêncio. Jonh pegou um cigarro, deixando a mostra uma ponta dos dólares no bolso. Tinha muita grana.

— Vem cá, eu te vi vendendo pro Matt?

Meu amigo olhou ao redor, tentando se certificar de que ninguém nos ouvia.

— Ele estava precisando de alguma substância psicoativa para se concentrar nos estudos — falou baixo. — Pegou um pouco de crack e anfetamina.

— Caralho, de todas as pessoas, ele era quem eu menos esperava — Meu amigo deu um tapa em meu tórax, rolando os olhos.

— Se eu te contasse todo mundo que compra alguma coisa em minha mão, você ia surtar. A maioria dos universitários estão precisando de algo para colaborar com a boa concentração. Metilfenidato[5] tá saindo muito também.

— Dá pro casal parar de namorar escondido e fazer o que viemos fazer? — Andrew gritou, ao passar pelo final do corredor, em direção aos materiais de limpeza.

— Tá com ciúme, gostosão? Pensei que eu bastasse pra você — Malcon falou, passando os dedos pelos cabelos de Andrew, que estapeou sua mão.

— Vai tomar no cu, desgraçado.

— Oh, Andrew, se sua garota e o Malcon não dão conta de você, saiba que tem Jonh pra todos. — Meu amigo passou a mão pelo corpo, dando uma reboladinha que, na cabeça dele, devia ser sensual.

Eu ri, grato pela interrupção e começando a seguir por onde meu irmão havia passado.

— Vem — bati em seu tórax —, larga de ser idiota.

— Ei, espera — chamou, segurando meu braço. — Recebi ontem as... você sabe. Tá de boa? Precisando de alguma coisa? — O tom de voz diminuiu, ao contrário do meu coração que acelerou.

— Separa os de sempre — falei, olhando em volta para ter certeza de que ninguém estava nos ouvindo. — Me entrega amanhã.

Ele assentiu e começamos a caminhar para onde o barulho dos caras indicava.

E eu estava aliviado.

Jurei que evitaria isso a todo custo, mas eu queria um pouco de paz.

Nem que fosse por algumas horas.



— Benjamin! — Ergui a cabeça, assustado, sentindo alguma coisa molhada em meu rosto.

Pisquei, passando a mão direita em minha bochecha.

— Eca — falei, levantando-me, enquanto tentava entender o que estava acontecendo.

Andrew, Jackson e Leighton me encaravam com uma expressão muito preocupada.

— Que merda aconteceu aqui? — Meu irmão mais velho olhou a bagunça na cozinha, depois voltou a me encarar.

Eu pisquei outra vez.

— Sinceramente? Não faço a menor ideia.

E não era mentira.

Olhei novamente para a mesa da cozinha onde havia uma mistura em uma vasilha. A mesma sobre a qual eu dormi em cima.

— Ben, você está bem? — Leigh veio andando até mim, puxando-me pelo braço até a pia da cozinha. Ela ligou a torneira molhando um pano e começou a passar pelo meu rosto.

— Tô, eu acho. — Pisquei outra vez, tentando lembrar que merda tinha acontecido.

— O que você estava fazendo? — Jackson perguntou, pegando o pote onde minha cara estava apenas um instante antes e cheirando e passando para o Andrew.

— Isso parece as panquecas que a mamãe fazia pra gente — ele disse, me encarando, parecendo preocupado. — Aconteceu alguma coisa?

— Não! Não tem motivo pra esse alarde todo — falei, irritado, com tantas pessoas me olhando. — Só sei que eu deitei para dormir e acordei aqui com a cara nesse treco.

Andrew apertava o maxilar com força. Se eu o conhecia bem, meu irmão só estava se esforçando para não surtar de leve.

— Mano, eu estou começando a me preocupar de verdade. — Jackson jogou o pote na pia, olhando para mim. — A gente riu pra caralho da sua cara quando comprou aquela porra de casinha, mas isso. — Apontou para a confusão que estava na cozinha. Farinha de trigo

em vários lugares do cômodo, cascas de ovos, uma caixa de leite e fermento sobre a mesa. — Será que você não está sonâmbulo? Acho que você devia procurar um médico de distúrbio de sono, ou...

— Para de ser idiota, Jackson — interrompi. — Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Sei lá, devo ter sonhado que estava cozinhando com a nossa mãe e acabei fazendo essa merda. E eu dormi bem. Meu corpo está descansado. Minha mente explodindo com esse tanto de jogos. É normal essas merdas acontecerem.

Sabia que não era normal.

Tinha certeza disso. Mas não permitiria que meus irmãos se metessem onde não eram chamados.

— Eu só estou falando que...

— Obrigado, Leigh — interrompi Jackson mais uma vez, afastando-me da namorada do meu irmão. — E eu estou dizendo que não importa que caralho você diga, eu não estou nem aí.

Saí da cozinha passando por meus irmãos. Eu os ouvi sussurrando sobre estarem preocupados comigo, mas ignorei.

Não havia nada errado comigo.

Eu sabia muito bem como lidar com meus problemas e continuaria cuidando disso.

Sem ninguém se intrometendo.

Tomei um banho rápido, me apressando em sair antes que pudesse ver meus irmãos outra vez. À noite, quando nos encontrássemos em casa, as coisas já estariam meio resolvidas e ninguém mais falaria sobre o que tinha acabado de acontecer.



O treino hoje estava pesado.

Mal tivemos chance de dar bom dia antes que uma bola fosse atirada em nossa cara. O treinador estava preocupado com a temporada regular. A classificação para a temporada de março era importante para nós. A Walker não ficava entre os três melhores havia sete anos. Muito tempo para uma universidade de prestígio quanto a nossa. Nossa conferência era considerada uma das melhores, a Atlantic Coast Conference. Juntos, tínhamos 23 títulos, destes, 6 eram da nossa universidade, sendo o último conquistado em 2017.

Nossa disputa de sexta seria contra o Duke Blue Devils, que foi o primeiro time a vencer a disputa, em 1939. Já no domingo com Louisville Cardinals. Tínhamos que estar descansados, mas também alertas e prontos para dar nosso melhor. E, sem dúvida, era o que faríamos.

Mesmo cansados, íamos para o *drive hot* como as meninas tinham apelidado o sábado. O pai do Théo havia fraturado a bacia e alguns ossos da perna. Seria necessário usar pino por algum tempo. O homem era a única fonte de renda da família, o que fez com que nosso colega quase pegasse o primeiro avião de volta para sua casa. Nós tínhamos conversado com ele. Sua mãe e o próprio reitor sugeriram que ele aguardasse também.

A ideia das meninas era boa, não tinha dúvidas de que daria certo. Os caras estavam animados também. A maior parte por saber como aquele apoio financeiro seria importante para o Théo, outros pela possibilidade de

se aparecer e terminar a noite bem acompanhado.

Madison conseguiu fazer disso um enorme evento. As redes sociais das garotas estavam divulgando em massa a ação beneficente. Inclusive, muitas meninas de outras universidades também estavam confirmando presença.

No fim das contas, tínhamos alguns babacas por aqui, mas em geral, nós costumávamos nos ajudar muito na Walker. Para a maioria era difícil sair de casa e deixar a família para trás, acredito que o clima quase familiar que construíamos por aqui era bastante reflexo disso. Da saudade que cada um possuía de casa.

Eu não conseguia exatamente sentir vontade de retornar. Ou sentir falta daquele lugar, daquela cidade. Minha saudade consistia em nós quatro, juntos. Mesmo nos momentos de crise, mesmo quando queríamos nos matar, mesmo quando tínhamos tantas responsabilidades uns com os outros. Eu amava quando estávamos juntos.

De alguma maneira, era como se a nossa mãe estivesse ali.

Nós tínhamos aprendido muito com ela. Aprender a nos priorizar e nos protegermos, sem dúvida, foi fundamental para que nós não começássemos a viver vidas isoladas como nosso pai.

Ela foi o nosso elo. Seguia sendo.

Era por isso que eu havia escolhido o ser o camisa 5, assim como o Andrew. Nós éramos quatro, mas nossa mãe sempre estaria conosco.

Assim que terminamos o treino, fomos tomar uma ducha e depois assistir a um vídeo de semanas atrás com o time que enfrentaríamos na sexta.

— Você está estranho hoje — Jonh reclamou.

— Eu sei — murmurei. — Acordei com a cara enfiada em uma gosma nojenta. Parece que eu tinha decidido fazer panquecas à noite.

— Porra! — Ele olhou ao redor, analisando se alguém prestava atenção na nossa conversa. — E seus irmãos?

Dei de ombros.

— Ficaram preocupados. O Jackson falou alguma sobre especialista para sono.

— Não seria uma ideia ruim — Jonh falou.

Balancei a cabeça em negativa.

— As coisas estão bem como estão. Não posso perder tempo com mais uma merda.

— Mas você não acha que... — O senhor Reynalds nos interrompeu, coçando a garganta para chamar nossa atenção. Ficamos em silêncio, mas logo depois ele recomeçou falando mais baixo. — Não acha que valeria a pena a longo prazo?

Seus olhos se mantiveram na TV enquanto falava para evitar que o treinador implicasse conosco novamente.

— Não tenho tempo para pensar a longo prazo. Só o que importa é o agora.

— Davis, Lincon, algo que queiram compartilhar com o resto da equipe? — O treinador cruzou os braços em frente ao corpo com uma expressão furiosa no rosto. — A menos que vocês tenham a porra de uma tá-

tica melhor do que a minha, quero que enfiem a porra da língua no rabo de vocês.

— Sim, senhor — respondemos ao mesmo tempo.

Inspirei fundo.

Eu sabia o que estava fazendo.

E eu estava fazendo de tudo para as vozes pararem de gritar em minha cabeça. Continuaria fazendo qualquer merda para isso.



Capítulo 14
Chiara

Capítulo 14 – Chiara

Mordisquei o lábio tentando fazer com que voltasse a focar no conteúdo novamente, mas sinceramente, eu não conseguia.

Minha mente arrumava uma maneira de vaguear para a conversa do final de semana. As meninas estavam certas, por mais que eu jamais fosse assumir isso em voz alta. Eu tinha mesmo adquirido o hábito de me esconder.

De tudo.

Começou com as minhas idas constantes ao médico, e acabou com o meu primeiro último dia de aula e continuou com a forma como eu sempre acabava deixando a minha mãe gerenciar minha vida.

Margareth estava corretíssima.

Eu me escondia através das minhas roupas, da minha falta de habilidade misturado ao medo de conhecer pessoas. E também me escondia de qualquer coisa que me mantivesse longe de mim mesma, porque se eu assumisse para mim que vivi a vida inteira me escondendo, eu teria que admitir também que eu não sabia exatamente quem eu era, ou do que gostava, muito menos que não tinha ideia do que queria — além de conseguir que a minha pesquisa funcionasse.

Sempre me deixei levar pelo que as pessoas queriam ou esperavam de mim.

Era mais fácil quando estava em casa.

Estar na universidade, vivendo cercada de pessoas que sabiam quem eram, que assu-

miam riscos, que não tinham receio de conhecer pessoas e se entregar a relações, me deixava, muitas vezes, triste. Porque eu sabia que, se tivesse tido uma infância, uma vida normal, eu também poderia ter tido a chance de ser esse tipo de garota. Era, aliás, exatamente o tipo de garota que eu queria ser.

Mas mesmo nos meus melhores dias, eu vivia enfurnada dentro de casa, cerceada pelo medo.

De tudo.

Eu me sentia um pouco como um ET no meio de tantas pessoas normais.

Ter que assumir isso era difícil.

Eu sentia um pouco de inveja da Madison. Também da Leighton que, mesmo tendo chegado aqui sem vontade de se misturar, encontrou seu caminho.

Para mim restava ainda o medo.

E mudar era algo para o qual eu não tinha tempo.

"Eu queria que pudéssemos ter tido a chance de viver.

Só viver.

Sem medo."

As palavras que escrevi na carta fizeram meu coração tremer.

Muito.

Parte de mim queria demais essa mudança. Podia ser exatamente o que eu precisava, como Dorothy sugeriu. Talvez fosse a chance que eu teria para me encontrar.

Ter experiência que irão comigo onde quer que eu esteja.

Quando eu fechasse os olhos, eu não queria ver as paredes brancas dos hospitais, ou

os olhos tristes da minha mãe. Eu queria poder sorrir de todas as coisas incríveis que vivi.

Acho que parte de mim apenas aceitou as coisas como eram. As circunstâncias sempre foram imutáveis demais para que eu tivesse opções. No fim das contas, acabei me adaptando a todas as situações evitando que eu precisasse brigar com meus pais para que algum desejo fosse atendido. Evitando magoá-los.

Viver a sombra de pessoas era péssimo, porque em algum momento você vai olhar para dentro e sentir um vazio. Sentir falta... de você.

Como eu sentia agora, ao mesmo tempo que o medo me corroía por dentro, quase que da mesma maneira em que eu sentia meus ossos queimarem várias vezes.

Eu queria ter a coragem de agarrar essa oportunidade.



— Nós precisamos conversar — falei, angustiada, assim que abri a porta do dormitório para Madison.

— Tá. — Mad entrou, e eu fechei a porta, seguindo-a até a minha cama. Leigh já estava esperando ansiosa para saber o motivo da reunião. — Você sabe que essa é a frase universal das pessoas que querem terminar uma relação. — Madison olhou para Leigh com um ar de interrogação.

— Nem me olha. Ela garantiu que só ia falar quando você chegasse. — Leigh levantou vindo para minha cama também ao lado da Mad, e eu fiquei de frente para elas.

— Você está nos assustando — Mad concluiu.

— Eu preciso falar com vocês sobre um assunto. — Formei uma linha com os lábios. — Só não sei como falar isso. E vocês disseram que por mais que fosse difícil falar sobre sentimentos, estariam aqui pra isso. E, bem, essa coisa de ser amiga de verdade é meio novo pra mim na prática. Eu quero tentar acertar porque vocês são importantes pra mim.

— Você quer aceitar a proposta da Dorothy — Leigh falou, e eu arregalei os olhos.

Fiquei em silêncio sem saber como dizer a elas. Sem saber se elas ficariam com raiva de mim.

— Eu... eu... Uma parte de mim sente que quer muito fazer isso.

— E a outra parte? — Leigh perguntou.

— A outra parte tem medo de decepcionar as pessoas. De magoá-las. — Formei uma linha com os lábios. — Eu estava com medo do que vocês iam pensar a meu respeito.

— Chi... — Mad segurou minha mão, encarando-me. Não tinha o ar brincalhão que costumava encontrar em seus olhos sempre. — Não é assim que funciona a amizade, sabe? Se você tem medo de nos contar algo, ou sente que possamos te julgar, isso mostra que nós falhamos como amigas. Eu entendo que passo dos limites muitas vezes, que exagero e falo besteira, mas eu não quero que você se sinta acuada, ou que tenha medo de compartilhar qualquer coisa com a gente. Ainda que você fique com tanta raiva de alguém que deseje partir a pessoa em pedacinhos. Eu juro que estamos aqui pra isso, pra te ouvir, acolher e até aconselhar às vezes, todos os seus lados.

O inteligente e lindo, e o obscuro e mortal. É isso que os amigos de verdade fazem, e é isso que nós queremos fazer com você. Da mesma maneira que você apoiou a Leigh, nós estamos aqui por você.

— Não nos importamos se você quiser fazer parte desse projeto. Só não queríamos que você se sentisse desconfortável ou pressionada a fazer algo que *você não quer* — Leighton explicou. Mordi o lábio, um pouco nervosa. — Madison e eu achamos que isso pode ser uma coisa legal sim, mas desde que você queira. E desde que faça as coisas pelos motivos certos. Porém, mesmo que tome decisões pelos motivos errados e acabe quebrando a cara, eu juro que estaremos aqui segurando a sua mão. — Leigh sorriu.

Soltei o ar que nem havia notado que estava prendendo.

— Eu só queria me dar a chance de uma coisa nova, sabe? Sinto falta de coisas que eu não pude fazer — confessei. — Penso muito nisso. Quase o tempo inteiro. Eu não tive uma vida normal como as garotas da minha idade. De poder ter beijado um cara legal na minha formatura e ter sido a rainha do baile como você, Mad. Eu queria ter tido amigas com quem falar bobagens, mas eu não tive nada disso. E a primeira festa do pijama que eu fui foi em uma fraternidade. Eu fico pensando o tempo inteiro em como poderia ter sido a minha vida se tudo tivesse sido diferente.

— Não tem nada de errado em querer ser diferente, Chiara. E pra sua informação, eu não fui a rainha do baile?

— Não? — Leigh e eu perguntamos em uníssono, com o mesmo tom de choque na voz. Mad balançou a cabeça em negativa.

— Nem cheguei a ir ao meu baile pra ser sincera. — Madison deu de ombros como se aquilo realmente não tivesse a mínima importância para ela. Mas pelos olhos opacos, era visível que também tinha ali uma história. Uma ferida. — Mas isso não vem mesmo ao caso. Sabe, todos nós usamos máscaras para não mostrar a face que não queremos que os outros vejam, eu acho louvável que você queira tirar a máscara que impede que você mesma possa descobrir quem você é.

— E nós estaremos aqui para te ajudar na descoberta. E se formos bem sinceras, nós também estamos tentando aprender um pouco mais sobre nós mesmas todos os dias. E no fim das contas, é isso que importa — Leigh falou. — As suas roupas, o seu cabelo ou maquiagem não vão definir quem você é, só vai mostrar ao mundo a maneira como você se enxerga, ou como querem que te vejam. Quem você é de verdade é o que importa, Chi. E isso, vem daqui. — Leigh pousou a mão em meu coração.

— Nós realmente queremos e esperamos que você se encontre, Chi. Que possa ser quem você quiser.

Eu sorri para elas com o coração grato.



Engoli em seco, sentindo meu coração bater tão forte que poderia sair pela boca a qualquer momento enquanto caminhávamos

pelas ruas repletas de lojas em um departamento caro de Nova York.

Minhas mãos estavam tão suadas, que mais parecia que eu tinha acabado de lavá-las. Era emocionante e eu estava surtando de medo. De tudo.

Deixar de ser invisível parecia errado demais, mas ao mesmo tempo certo.

Dorothy já estava com algumas sacolas na mão, e eu ainda tinha medo de que me arrependesse no meio disso tudo e comprometesse todo o seu trabalho.

Balancei a cabeça em negativa.

O que tinha dado em mim ao cogitar que essa era uma ideia plausível? Eu era uma idiota, isso sim!

O melhor a fazer era desistir enquanto ainda era tempo.

Olhei para Dorothy uma última vez tentada a dar pra trás.

— Chiara? — Dorothy chamou, fazendo-me soltar o ar com força. Sorri para ela. — Você está bem?

— Não tenho certeza. — Dei mais alguns passos em sua direção, ela apontou para um banquinho em confeitaria indicando que devíamos nos sentar.

Dorothy pôs as sacolas em uma das cadeiras e nós nos sentamos.

— Quer conversar? — Ela ergueu a sobrancelha, esperando.

— Eu só... — suspirei — Estou com receio de ter tomado uma decisão ruim. Fiquei pensando no que vocês falaram sobre eu me proteger e me esconder. Vocês estavam certas. Eu sei disso, e parte de mim sempre soube. Mas...

— É difícil mudar, eu sei — afirmou, pondo a mão sobre a minha. — Quando eu falo que a moda é uma maneira de você se afirmar, de mostrar quem você é e se sentir bem com isso, posso dizer que tenho conhecimento de causa. — Ela parou por alguns instantes. — Você deve saber que eu não nasci mulher. — Mais uma pausa. Eu anuí. — Me entendi assim à medida que fui crescendo, e posso afirmar que a moda influenciou muito o meu processo de autoconhecimento. Não conseguia me identificar com as roupas que usava, sabe? Em compensação, eu venerava todo o glitter, possibilidades de combinações e estilo da minha irmã mais velha. Tínhamos apenas um ano de diferença. Eu gostava de brincar com as bonecas dela, separar roupas e até fazer algumas... Depois, eu comecei a usar seus vestidos escondido e brincava de fazer desfiles no meu quarto, com a porta trancada. Eu morria de medo de que alguém me visse e, enfim...

Dorothy balançou a cabeça em negativa. Não foi mesmo preciso que ela explicasse mais nada.

— Certo halloween, eu cismei que queria ir vestida de Barbie bailarina. Minha mãe me explicou que usar o collant podia ser incômodo para mim e sugeriu que eu escolhesse outra coisa, mas eu bati o pé. Na verdade, ela só estava preocupada com a maneira como as outras crianças me tratariam. E não foi legal mesmo. Meus colegas da escola não queriam que eu fosse nas casas com eles, diziam que as pessoas iam rir de mim. Então, eu voltei a usar minhas habituais roupas e garanti a todo mundo que era só uma fantasia. Que eu nunca me vestiria assim de verdade.

Eu senti meu coração doer por ela.

Sabia muito bem como as palavras inconsequentes de crianças estúpidas e que não compreendiam que as pessoas eram diferentes e isso não lhes davam o direito de desrespeitá-las, podiam machucar. Podiam destruir as pessoas.

— Sinto muito que tenha passado por isso.

Dorothy fez um gesto com a mão livre indicando que aquilo não era nada demais.

— Eu tinha catorze anos quando minha mãe e meu pai entraram em meu quarto dizendo que queriam conversar comigo. Eles me mostraram uma roupa da minha irmã que eu tinha escondido, algumas maquiagens e um sapato alto da mamãe. Eu juro que pensei que aquele seria o meu fim. — Ela sorriu. — Eu acho que foi o momento mais lindo de toda a minha vida. Perguntaram se eu gostava da maneira como eu me vestia, se eu gostava de ser um garoto. Eu fiquei com medo de que eles não me amassem mais se eu contasse a verdade, então fiquei em silêncio pelo máximo de tempo que eu pude. Então, minha mãe me abraçou e meu pai passou os dedos pelo meu cabelo, que àquela altura já batia nos ombros. Eles disseram que eu não devia me envergonhar por gostar das coisas que eu gostava — qualquer que fosse a coisa em questão.

Sorri para ela, sentindo meus olhos se enchendo de lágrimas.

— No dia seguinte, minha mãe me levou ao shopping e me deixou escolher roupas novas. — Ela balançou a cabeça e algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto. — Eu imagino como deve ter sido difícil para

minha mãe andar comigo pelas lojas da nossa cidade pequena comprando roupas de garota. O que ela não deve ter sentido enquanto as pessoas cochichavam ao nos verem passar. Ao vê-la opinando em minhas novas roupas. Eu já amava os meus pais mais que tudo, mas naquele momento, quando eles me permitiram que eu fosse exatamente quem eu queria ser, pensei que meu coração pudesse explodir a qualquer momento de amor. — Dorothy passou o indicador na ponta do nariz, evitando que uma lágrima escorresse por lá. — E eu nunca, *nunca*, tinha me sentido tão eu como quando eu me vesti exatamente da maneira que me sentia por dentro.

Inspirei fundo, tentando secar as lágrimas que começaram a escorrer pelo meu rosto também com a sua história.

— Foram minha mãe e irmã que me ensinaram a usar maquiagem corretamente, foi meu pai quem peitou qualquer pessoa da nossa família que ousou a falar qualquer coisa que pudesse me desrespeitar. A minha irmã que me defendia na escola quando as pessoas riam de mim. Mas pra ser muito sincera, eu não ligava. Porque eu nunca tinha me sentido tão bem comigo mesma. E tudo isso, por ter a chance de me expressar de maneira tão enfática como eu me sentia. Quem eu era. Eu estava passando a minha mensagem para o mundo: Eu era uma menina. Sempre soube disso. E agora, o mundo também podia saber. Eu fiz terapia também. Meus pais sabiam que as coisas seriam muito difíceis para mim. Nem todo mundo é capaz de nos aceitar de verdade, Chiara. E eu precisava entender isso.

Precisava ser forte para ser quem eu realmente queria ser.

Dorothy apertou com delicadeza a minha mão.

— Se você não quiser fazer isso, se for confortável pra você gosta de se vestir da sua maneira, se essa é quem *você é*, eu não vou te julgar. Ninguém vai. Só não deixe que as pessoas impeçam que você se descubra. Você tem um mundo inteiro de possibilidades ao seus pés, independente do que você veste, do que você gosta. Seja quem você é aqui dentro. — De maneira carinhosa, ela pousou a mão em meu coração.

Eu sorri, formando uma linha com os lábios.

— Que sorte que você sempre soube quem era.

— Que sorte que, se você quiser, podemos fazer isso juntas.

Mordisquei o lábio olhando para a garota ao meu lado.

Ela sempre soube quem era, desde pequena.

Eu podia ser presa se cometesse algum crime, mas não fazia a menor ideia de quem eu era de verdade. E isso era muito triste. Ou do que gostava de verdade ou não.

— Vamos continuar — falei, em um ímpeto, antes que mudasse de ideia.

Dorothy sorriu.

E meu coração, bem, ele disparou.

Eu faria a minha loucura, e esperava não me arrepender disso.



Capítulo 15 – Benjamin

Eu podia ouvir os gritos do técnico ainda que não estivesse dentro da porra dessa quadra. Mesmo com a arquibancada cheia e todos os gritos de apoio — ou não — a voz irritada do homem era clara.

Precisávamos de três pontos, caso contrário, seríamos eliminados aqui mesmo. Não tínhamos dado tão duro pra perder aqui e acabar diminuindo nossas chances de participar dos jogos de março.

O número treze do Duke Blue, Scott Morton, tentava ultrapassar o Ashton que fazia uma ótima defesa. O nosso treinador gritava para que Ash pegasse a bola, ele podia ter feito isso com facilidade se quisesse. Não teria sido difícil. Mas o filho da puta gostava mesmo de fazer com que o adversário acreditasse que estava bem, e que seria complicado roubar a bola.

Eu esperei. Parado.

O senhor Reynalds gritou para o Kennan fazer alguma coisa, e eu esperava que o desgraçado não arruinasse nossa jogada.

Por mais que treinássemos todos juntos, alguns de nós tínhamos mais sintonia. Não foram poucas vezes que Jonh se juntou a mim jogando em quadras fora da Walker para ajudar a me desestressar. Algumas delas, Ash

estava conosco. Isso fazia com que tivéssemos uma sincronia um pouco maior.

Cada movimento, seja de defesa, seja de ataque, podiam significar várias coisas. E eu sabia que a forma como Ash estava marcando o filho da puta, que quando a confiança do Scott estivesse bem o suficiente, ele ergueria a bola acima da cabeça tentando arremessá-la para algum de seus companheiros e que seria nesse momento que Ash o impediria, depois correria um pouco mais à frente atraindo os jogadores do outro time para si antes de jogá-la em direção ao Jonh que estava mais próximo ao aro.

Em seguida, ao invés de enterrar a bola no aro, Jonh a retrocederia para mim, que, quase sem marcação e esquecido pela maior parte dos jogadores adversários, faria um arremesso de três pontos ao invés de um de dois.

O senhor Reynalds, claro, não fazia a menor ideia dessa porra, o que significava que o homem ia arrancar o nosso rabo fora.

Sabendo o momento exato de agir, Ash conseguiu roubar a bola do camisa treze, seguindo exatamente o que eu sabia que faria. Jonh jogou a bola em minha direção assim que teve a oportunidade, e, no momento em que meus dedos alcançaram a bola e meus olhos se fixaram na cesta o mundo inteiro estava em pause. O tempo estava acabando a cada ponto era crucial.

Talvez esse fosse o meu momento preferido.

Quando eu não tinha preocupações, nem ouvia vozes, e podia simplesmente esquecer que existia um mundo ao meu redor. Flexionei os joelhos dando um pequeno salto e

impulsionando a bola para frente. Assim que meus pés tocaram no chão, assisti à bola circundar o aro. Dois jogadores da Duke Blue Devils foram, ao mesmo tempo, tentar bater na bola para caísse, mas não foram rápidos o suficiente, o ponto foi marcado e a plateia foi à loucura.

Nosso rabo seria comido, mas pelo menos, o caralho da partida estava ganha. Conseguimos os três pontos e com isso, avançamos mais um pouco.



O ônibus da universidade tinha nos deixado no campus há uns bons dez minutos e eu aproveitei a viagem para descansar, tendo em vista que seria muito difícil fazer isso à noite.

Consegui um bom desempenho no jogo, apesar do receio do Jonh. Tudo saiu exatamente como o esperado e nosso time venceu a partida. Por isso, e para um breve aquecimento para amanhã, o que deveria ser uma pequena festa foi montada.

O som estava consideravelmente alto e para ser sincero era a primeira vez em bastante tempo que eu não estava com disposição para vir a festas, flertar com garotas, beijar ninguém.

Todas as malditas vezes em que eu pensava em beijo, apenas uma pessoa surgia em minha cabeça, apenas um lábio era desejado, apenas um par de mãos eram os que eu queria passeando por minha nuca, e caralho, eu sentia que ia morrer a qualquer momento de tanto desejar uma garota que eu não podia ter. Talvez isso nem fosse desejo de verdade, só mesmo aquela velha ideia de que tudo que

não podemos ter é mais gostoso, afinal, antes daquele beijo eu não estava exatamente pensando nela, mas agora, mesmo quando eu tinha outra garota na porra de uma cama comigo, eu desejava que fosse o seu corpo, seu sorriso, seu humor.

E eu precisava muito parar de pensar nela.

Esse foi o primeiro jogo em que as garotas não estavam na arquibancada. Elas precisaram ficar para resolver algumas coisas referentes ao evento de amanhã, mas garantiram que iam assistir on-line. Eu senti falta de ter poder vê-las sempre que acabava olhando para a arquibancada.

Especialmente, senti falta de ver Chiara torcendo por mim.

Só decidi aparecer aqui por conta da insistência da Madison, mas queria mesmo um belo banho seguido de horas ininterruptas de sono.

Passei os olhos pela enorme sala da fraternidade *py* à procura dos meus irmãos que tinham voltado mais cedo de carro, mas não conseguia ver ninguém. A fraternidade tinha sido escolhida levando em conta a proximidade com a área do evento amanhã. As garotas podiam sair de lá e virem direto para cá.

— Caralho, parabéns pela vitória, mano. Dessa vez eu pensei que o jogo estava ferrado para vocês. — Will me deu um abraço ao me ver passando pelo corredor em direção à cozinha.

— Porra, também achei por alguns segundos.

— Sua cesta foi fantástica, salvou o jogo — Sioux afirmou.

— Foi trabalho em equipe. Sem os caras isso não seria minimamente possível. — E era a mais pura verdade, o trabalho em equipe era fundamental para que os jogos pudessem acontecer bem. — Viram meus irmãos por aí?

— Jackson não veio, tinha um compromisso. O Andrew chegou, deve tá por aí. Mas, caralho, a garota que chegou com ele... — Will soltou um assobio. — Se eu soubesse que ela era tão gostosa daquele jeito não teria deixado passar batido. Eu juro que nunca mais na porra da minha vida vou julgar um livro pela capa.

— A Leighton? — Franzi o cenho em sua direção. — Você sabe que está falando da namorada do meu irmão, não é?

— Não, não... — Will interrompeu. — Não, eu prefiro queimar abraçando a porra do diabo a mexer com a gata de seu irmão. A outra garota, a amiga dela.

Pisquei confuso, a Madison? Pensei que era de consenso que todo mundo achava a patricinha gostosa. Meio atrapalhada, às vezes a gente queria matar, mas era gata. Provavelmente, ela devia ter caprichado um pouco mais para os idiotas estarem babando por ela.

— Tá bom — respondi, ainda meio incrédulo que ele não tenha reparado na Mad antes. Ela era minha amiga também e eu jamais cogitaria qualquer coisa com ela, mas burro e cego eu nunca fui. — Vou ver se encontro eles.

Sioux deu um tapa em meu ombro, e eu segui para a cozinha. Eles não estavam lá. Passei para a área da piscina e também não os vi. Mandei uma mensagem perguntando em nosso grupo onde estavam, e nada.

Durante o trajeto, algumas pessoas falavam sobre uma garota nova no campus, outras sobre uma amiga da Madison que tinha vindo da Columbia para o drive de amanhã. No grupo, não havia nem mesmo uma foto e eu estava ficando mais curioso para saber quem era a garota.

Por onde eu passava, tinha que parar por alguns minutos para conversar sobre o jogo e sobre o treinador puto por termos ignorado a sua orientação. Felizmente, nenhum de nós tínhamos pegado banco no próximo jogo.

Não sabia como, mas um copo veio parar em minha mão. Uma pequena rodinha havia se formado com garotas tentando me impressionar e caras tentando garantir as que eu dispensasse.

Pouco depois, um burburinho começou.

Olhei na mesma direção para onde todos estavam voltados.

Então, eu a vi.

Não era uma garota nova, era ela. De uma maneira como eu nunca a tinha visto.

Chiara vestia uma saia justa vermelha de couro e uma daquelas meias pretas por baixo, nós pés, uma bota de salto e uma blusa também preta e de manga, a única peça que parecia de fato com algo que ela usaria, entretanto, também mais ajustada ao corpo.

E, porra...

Porra...

Caralho...

Pisquei, tentando convencer a mim mesmo que isso era a porra de uma peça que a minha mente estava me pregando, porque, eu achava Chiara linda usando aqueles blusões,

mas hoje, eu simplesmente não conseguia encontrar uma palavra para descrevê-la.

E a porra do meu coração, ele simplesmente parou de bater por longos segundos em meu peito.

— Ei, onde você vai? — Uma voz atrás de mim quis saber, mas minhas pernas tinham vida própria naquele momento, e só havia um lugar e uma pessoa no mundo com quem eu queria falar.

Chiara me viu, ainda ao longe, caminhando em sua direção e abriu um pequeno sorriso completamente sem graça. Quando estava perto o bastante, ela acenou, parecendo não saber o que fazer e pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha, como costumava reagir quando estava sem jeito.

Os lábios levemente pintados de rosa, o cabelo estava ondulado com os cachos que fazia às vezes usando modelador. Chiara estava usando maquiagem, mais maquiagem que já a havia visto usando desde que a conheci. E... caralho, isso só acentuou ainda mais a beleza que sempre teve.

— O que você... onde... Cadê as suas... Você assaltou o guarda-roupa da Mad?

— Ei, ela precisa de confiança. — Madison deu um tapa em meu braço. — Se você puder guardar as críticas para depois e só dizer o quanto a Chi está fabulosa, agradecemos. Se quiser continuar a elogiar minhas roupas por tabela, aceito depois.

Pela primeira vez, desviei o olhar da Chiara notando que havia outras pessoas ao nosso redor. Madison estava com os braços entrelaçados a uma garota que tinha visto poucas vezes pelo campus, e uma outra que eu não

fazia a menor ideia do nome, mas sem dúvida já havia passado pela minha cama.

— Ei, Ben. — A garota, a que havia passado pela minha cama, sorriu para mim mexendo os dedos em minha direção.

Engoli em seco, apenas movimentando de leve a cabeça em um aceno breve.

Voltei o olhar para Chiara, abri a boca para falar, mas parecia que a minha mente estava completamente em branco.

— Não estou... — comecei, olhando para Mad, mas decidi mudar meu foco. — Você está linda, Chi. Linda mesmo, sério. Caralho — falei, erguendo a mão para ela, e girando-a quando repousou sua mão na minha. — Uau... Uau...

Repeti, como um idiota.

Chiara sorriu.

— Obrigada. — Mordiscou o lábio com o peito subindo e descendo mais rápido. — Parabéns pelo jogo. Eu assisti.

— Obrigado — agradeci, sem conseguir desviar os olhos dela.

Puta que pariu.

O que havia acontecido com aquela garota nas poucas horas em que eu havia ficado fora?

Eu queria falar alguma coisa, mas como no dia em que a beijei, minha mente entrou em pane.

— Benjamin, por mais que você seja um fofo, e já tenha dito a essa grande gostosa que ela está linda, você não é nosso foco, então, com licença. Connor vai trazer uma bebida pra Chi e nós precisamos que a nova Chiara conheça novas pessoas. — Mad piscou para mim,

segurando o braço da amiga e tentando passar por mim.

— Como assim? Foco? Foco de quê?

— Davis, não seja bobo. Você sabe o que acontece em festas assim. — Ela sorriu com o canto esquerdo do lábio de forma sugestiva, depois deu de ombros. — Conhecemos pessoas, sabe?

Antes que eu pudesse sequer pensar em reagir, Chiara, Madison e as duas outras garotas já tinham passado por mim.

Conhecer pessoas?

Olhei ao redor e me dei conta de que todos os olhares estavam voltados a Chiara. Todos os caras observavam a maneira como a bunda, que eu havia notado primeiro, se movia enquanto caminhava.

Aquele caralho de noite seria longa.



— Porra, eu nem acredito o quanto o desempenho do time de hóquei melhorou depois que o Andrew passou a jogar — Sioux comentou, dando um gole na cerveja.

— Meu namorado é incrível mesmo. — Leigh segurou o rosto do meu irmão, dando um beijo rápido em seus lábios.

— Não exagera, Afrodite. Depois seremos nós que teremos que lidar com o ego enorme dele. — Malcon pôs a mão no rosto, sendo dramático.

— Chama minha namorada de Afrodite outra vez pra você ver se vai conseguir treinar mais algum dia, desgraçado — Malcon foi rápido o bastante para desviar do chute na canela que teria levado do meu irmão —, a única coisa enorme aqui é...

— Andrew... — Leigh reclamou, beliscando sua costela, e meu irmão tirou a mão dela, dando um beijo em seus dedos.

— Agh, Deus me livre me apaixonar e ficar assim, idiota que nem esse cara. — Cherokees pôs a mão na boca, fingindo um vômito em seguida.

Eu estava ouvindo tudo.

Mas meu foco estava em outro lugar.

Em um canto mais afastado da sala, Chiara conversava com Collin Mich e Owen Scar. Os dois tinham pose de conquistadores. Cada qual com seu copo de bebida e fazendo tudo que podiam para flexionar os braços deixando à mostra os bíceps.

Eu conhecia aquela tática muito bem, usava de maneira recorrente quando queria levar uma garota pra cama.

Babacas.

Chiara ria das besteiras que falavam. Ela não devia parecer se divertir tanto. A garota mais inteligente que eu conhecia não podia simplesmente se deixar levar pelo papinho de dois idiotas. Eles eram atletas. Só falavam besteiras. Eles não eram melhores que eu, jamais seriam.

Pisquei ao me dar conta de para onde os meus pensamentos estavam me levando. Não fazia o menor sentido.

Eu não era um bom cara para ela. Ponto.

Mas eles também não eram.

Aliás, desde quando os caras começaram a querer conversar com ela e impressioná-la?

Sinceramente, gostava muito mais de quando a Chiara era invisível.

— Ei, Leigh — chamei, incomodado com a cena que assistia. — Você não acha que devia resgatar sua amiga?

Com o rosto, indiquei onde Chiara estava. Leighton torceu a boca, indicando que, como eu, também não estava muito satisfeita com o que via.

Leighton me encarou um pouco antes de voltar a olhar a amiga.

— Por mais que não me agrade isso, acho que a Chiara merece boas experiências — falou, por fim.

— E você acha que estar ali no meio daqueles caras que só querem brincar com ela é uma boa experiência? — questionei.

Leigh olhou para Chiara conversando com os meninos por alguns segundos.

— Acho que sim. Normalmente a Chiara fica grudada com algum de nós, e hoje ela está se divertindo por conta própria. Eu fico mais animada em vê-la assim, na verdade. — Deu de ombros. — E você, ao invés de ficar procurando problemas onde não tem, devia ir atrás de alguma garota pra você ficar. Não é isso que faz sempre?

Balancei a cabeça em negativa, mexendo os pés pra cima e pra baixo de forma frenética.

Collin passou os braços pelo ombro dela, e por alguns segundos, Chiara pareceu desconfortável antes de sorrir de alguma coisa que o Owen falou então, pegou seu copo que estava na madeira da mesa de pebolim tomando um longo gole.

Era absurdo que não tivesse uma amiga que seria capaz de tirá-la dali, do meio daquele covil.

Bufei, levantando-me.

— Benjamin — Andrew chamou, mas o ignorei. Ao passar por Chiara, Owen e Collin, não consegui desviar o olhar. Caralho, ela estava linda. Linda e sorrindo demais para aqueles filhos da puta.

Nenhum deles pareceu sequer me notar.

Trinquei os dentes com força, encontrando com Madison do lado de fora da casa conversando animada com um grupo de garotas.

— Mad, preciso falar com você. — Cruzei os braços, parando ao lado dela e disposto a apenas sair de lá depois que ela me garantisse que faria algo.

— Eu tô ocupada, Davis. Volta depois. — Gesticulou com a mão, mandando-me dar o fora dali.

— Não vou me mover até que você levante sua bunda dessa cadeira e ouça o que eu tenho para te dizer — falei, firme.

Madison bufou.

— Desculpa, meninas, eu já volto.

Ela se levantou, começando a caminhar para um pouco mais distante das garotas.

— Posso saber o motivo pelo qual você está atrapalhando uma reunião importante e sendo tão grosseiro? — Madison ergueu o rosto, cruzando os braços em frente ao peito.

— Só se você me explicar o motivo pelo qual deixou sua amiga naquela sala conversando com dois caras que claramente estão querendo saber qual deles vai levá-la pra cama.

A garota balançou a cabeça em negativa, como se não estivesse acreditando no que eu dizia.

— Engraçado que quando você é o cara querendo levar alguma garota para a cama, não tem problema, não é? — Ergueu a sobrancelha em minha direção. — A Chiara vive para seus estudos desde sempre, a garota merece um pouco de diversão. E se a diversão que ela quiser for um pouco de sexo. — Deu de ombros. — Transar é muito saudável. Inclusive, você devia ir foder alguém por aí pra ver se essa cara feia melhora.

Não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Pelo visto, eu sou a única pessoa que realmente se importa com a Chiara aqui, não é? — perguntei. — Aqueles caras, eles são o tipo errado pra ela.

— E eu posso saber o motivo, bonitão?

— Porque eles... — Parei. Havia uma infinidade de coisas que eu poderia listar para explicar o motivo deles não serem bons para ela. Mas as palavras, mais uma vez, desapareceram da minha mente. E meu corpo gelou.

Ela sorriu para mim.

— A Chiara está indo muito bem. Fiquei de olho nela a maior parte do tempo e agora ela não precisa de auxílio. A garota nunca pôde ir à escola na vida e fazer amigos, deixa ela viver um pouco, Davis. Você não é a única pessoa no mundo que tem necessidades fisiológicas. — Madison deu dois tapinhas em meu braço. — Vamos abandonar esse machismo e deixar claro que as garotas também podem se divertir com os caras que quiserem.

Ela sorriu, dando meia-volta e me deixando ali.

Sem palavras.

Porra.

Passei a mão pelo rosto, irritado.

Eu não seria capaz de deixá-la lá, no meio daqueles caras.

Nervoso, abrindo e fechando a mão, entrei na casa novamente pela porta da cozinha, peguei um copo descartável na bancada e enchi o copo de cerveja, me permitindo cair em uma das cadeiras do cômodo, em seguida.

Joguei a cabeça para trás encarando o teto e completamente puto.

— Cansou já, bonitão? — Jonh puxou a cadeira ao meu lado, encheu seu copo de cerveja e voltou para sentar-se.

— Só preciso pensar um pouco. — Fechei os olhos, mas foi uma péssima ideia. A imagem de Collin passando o braço pelo pescoço da Chiara e a forma como ela sorriu para ele retornou com força, dando uma martelada em meu coração.

— Na namoradinha?

— ELA... — Parei, respirando fundo para me controlar. — Ela não é minha namorada.

— Mas você queria beijar ela outra vez — afirmou.

Soltei o ar, um pouco indignado.

— Isso não é da sua conta — falei.

— Queria ou não queria? — insistiu. — Posso fazer isso a noite toda.

Ri, entendendo a referência aos filmes de herói.

— Queria — confessei, por fim.

— Mas você não gosta dela?

— Não, Jonh. Ela é minha amiga, amiga da namorada de meu irmão, nós nos damos bem. É só isso.

— Então — Jonh parou, abri os olhos e vi quando ele deu um enorme gole em sua bebida —, ela deve beijar bem já que aparentemente vê-la com outros caras te deixa abalado.

— Não estou abalado — me defendi.

Jonh sorriu.

— O que quer dizer que eu posso, sei lá, ir lá na sala e roubar um beijo dela? — Alargando o sorriso, ele deu mais um gole na cerveja.

Trinquei os dentes.

Sem resposta, Jonh ficou de pé.

Eu também.

— Se você chegar perto dela, juro que vou arrancar seus dentes, filho da puta — rosnei.

Meu amigo deu um tapa em meu peito.

— Era esse cachorrinho de coleira que eu queria ver — falou, voltando a se sentar. Tendo certeza de que não era um truque e que ele tentaria correr para sala, sentei novamente. — E o que você vai fazer agora que você claramente tem concorrentes?

— Eu não... — inspirei e expirei fundo — nada. A Madison está certa. A Chiara sempre está conosco, e sempre que possível se anulando. Hoje eu acho que foi a primeira vez em que ela está se divertindo de verdade e sem estar colada com nenhum de nós.

— Então você não vai fazer nada? — Arqueou a sobrancelha em minha direção. — Se fosse a minha garota eu não ficaria de braços

cruzados enquanto outro cara enfia a língua na boca dela.

Trinquei os meus dentes com força.

Só o pensamento de outro cara enfiando a língua naquela boca que, caralho, eu queria e muito beijar outra vez, fez a porra do meu coração congelar dentro do peito.

Mordi a língua pensando no que podia fazer.

— Já sei o que fazer, e você vai me ajudar — falei.

— Agora você precisa de ajuda pra ir lá enfiar a língua na boca da garota? Sinceramente, esperava mais de vocês, Davis — brincou.

Mostrei o dedo do meio para ele.

— Cala a boca, filho da puta e pega um pouco de gelo pra mim — pedi, puxando a cadeira na qual ele estava sentado para mais perto de mim, assim que afastou a bunda do assento.

— Mais um pouco e me levava junto, filho da puta — reclamou, abrindo a geladeira. — Pra que você precisa de gelo?

— Porque você vai dizer a ela que eu me machuquei.

Jonh soltou uma risada abafada.

— Você é um cretino, Davis.

— Foi você quem me disse que não devia deixá-la lá — lembrei.

— Não tem gelo, isso serve? — Ergueu um pacote de ervilhas congeladas que eu peguei imediatamente. Tirei minha camisa, enrolando o pacote de ervilhas nela e pondo-a no meu tornozelo.

— Não precisa falar diretamente com ela — avisei. — Só fazer com que ela ouça.

— Sinceramente, você vai pro inferno por mentir para uma garota boa.

Jonh saiu da cozinha em direção à sala.

Fingindo uma cara de dor, joguei a cabeça para cima enquanto equilibrava a camisa no meu pé.

Alguns curiosos que passavam pela cozinha paravam para ver se eu estava bem ou se precisava de ajuda. Gentilmente eu agradecia a preocupação e explicava que havia torcido o pé na escada que ligava a porta da cozinha aos fundos da casa.

Pouco depois, eu ouvi a voz de Jonh indicando onde eu estava.

Abri os olhos bem a tempo de ver meu irmão passando pela porta de mãos dadas com a Leigh. Logo atrás, a Chiara seguida pelo Owen e Collin.

Filhos da puta.

— Ben, o que aconteceu? — Chiara perguntou, chegando mais perto com uma expressão preocupada no rosto.

— Não foi nada demais, só estava subindo a escada e acho que acabei torcendo o pé — expliquei.

— Deixa eu dar uma olhada nisso — pediu, aproximando-se um pouco mais e, com cuidado, retirando a camisa com as ervilhas congeladas no meu pé. — Não parece muito feio, mas você tem jogo no domingo. Vou pressionar aqui, e você me diz se dói, tudo bem?

Assenti, mesmo sabendo que não ia doer porra nenhuma.

— Aqui? — Ela apertou um pouco o tornozelo, mas eu não reagi. Sua mão desceu

um pouco mais, abaixo do osso e fez uma leve pressão.

— Ai! — Soltei um gemido, tentando fazer uma cara de quem estava realmente sofrendo. — É aí onde dói.

Chiara olhou por cima do ombro para meu irmão e Leigh que estavam atrás dela.

— Eu acho que é bom levá-lo para casa. Vai precisar pôr gelo e repousar, pode ser bobagem, mas se amanhã ainda doer, ele vai precisar ir ao médico fazer um raio-x pra ter certeza de que está tudo bem.

Estranhamente, meu irmão estava calado demais. Nem tinha demonstrado a menor curiosidade em saber como eu estava me sentindo.

O amor deve ter mudado mesmo ele, já fui melhor tratado nessa vida.

— Ei, o que aconteceu? — Madison passou pela porta da cozinha, aproximando-se de onde eu estava sentado.

— O Ben machucou o pé — Leigh explicou. — Eu vou com o Andrew levá-lo pra casa.

Andrew ainda me encarava sério demais, mas começou a chegar mais perto para me ajudar a levantar.

— Ah... — Madison mordeu a boca. — Eu espero que você não fique impossibilitado de ir amanhã, já recebi algumas mensagens das meninas que querem sua atenção especial. — Sorriu para mim. — Chi, eu estou de carro, nós podemos ir juntas e você dorme comigo, ou se preferir te deixo no dormitório.

— Na verdade — Chiara levantou ao perceber a aproximação do Andrew —, acho que vou com a Leigh só pra garantir que o Benjamin fique bem, e amanhã nós nos vemos.

— Ah, não, Chiara. — A loira parou na frente da amiga, segurando suas mãos. — Você tá aqui, está se divertindo de verdade pela primeira vez. É injusto sua noite acabar assim. O Andrew e a Leigh podem fazer isso. Afinal, eles vão para o mesmo lugar que o bebê chorão, ou ele pode ficar aí sentadinho pondo gelo no pé até a hora de irmos embora.

Rolei os olhos para ela, e Chiara sorriu.

— Não, está tudo bem — garantiu. — Eu prefiro dormir também e amanhã estar descansada.

— Tem certeza? — Madison parecia frustrada.

— Tenho. E eu me diverti muito hoje, juro. — Chiara abraçou a amiga, e Andrew me ajudou a ficar de pé passando meu braço por seu ombro.

— Cuidado com ele — Leigh pediu, ajudando a me equilibrar.

Enquanto Chiara ia se despedindo de Madison e dos dois filhos da puta que ficaram como abutres em cima dela, meu irmão me ajudou a caminhar até o carro, soltando-me com uma força desnecessária no banco traseiro, ainda sem dizer uma só palavra.

Chiara sentou-se ao meu lado e pôs a mão em meu joelho.

— Você está bem mesmo?

— Sim. Estou.

Muito melhor agora, com ela longe daqueles filhos da puta.



— Cuidado, não põe muito peso no seu pé machucado — Chiara alertou quando Andrew parou comigo próximo à porta, aguar-

dando enquanto Leigh abria a porta para que pudéssemos passar.

— Você já falou isso quinhentas vezes, Chiara — Andrew reclamou.

Foi a primeira vez que meu irmão abriu a boca para falar com um de nós desde que entramos no carro de Malcon. A conversa em si girou em torno dos treinos de hóquei e do comparativo com as demais universidades.

Leigh tirou um rápido cochilo, já eu precisei vir, o caminho inteiro, controlando-me para que Chiara, ao meu lado, não percebesse o quanto meu pau estava duro.

Sentia-me como um adolescente na porra da puberdade que fica tendo uma ereção na porra de qualquer lugar. Mas nesse caso, sentia que estava apenas no começo, eu tinha certeza de que meu pau ficaria duro toda vez que eu a encontrasse. E isso não tinha absolutamente nada a ver com o fato de que ela estava pensando em mudar as suas roupas, e sim, com a ideia de que eu não a queria com mais ninguém.

Tive certeza no caralho daquela cozinha, que eu a queria comigo.

— Espera, espera — pedi, quando Andrew começou a nos encaminhar para o sofá. — Preciso ir ao banheiro antes.

Porra, e como eu precisava.

— Você está ficando um folgado, Benjamin — falou, mudando a direção e começando a subir as escadas.

— Cuidado com os degraus — Chiara lembrou, fazendo-me rir.

Sinceramente, fiquei feliz com a sua preocupação comigo.

— Pode deixar, gata.

Meu irmão abriu a porta do banheiro, começando a entrar junto comigo.

— Espera — pedi. — Não precisamos de tanta intimidade, posso segurar meu pau sozinho, caralho.

Mas ele entrou, fechando a porta atrás de si e me empurrando contra a parede.

— Benjamin Davis, eu não sou a porra de uma garotinha que você quer comer e acha que vai enganar.

— Não sei do que você está falando. — Tentei me desvencilhar dele, mas Andrew era mais forte e eu estava claramente em desvantagem.

— Você me garantiu que a porra daquele beijo tinha sido uma coisa impensada e que não voltaria a acontecer — lembrou da discussão que tivemos quando eu a beijei pela primeira vez.

— E não voltou — comentei.

— Eu te conheço, filho da puta. Você tá doido pra enfiar seu pau naquela garota. Então ouve o que eu vou te dizer com atenção, Benjamin. Se você foder com aquela garota, vai criar um problema desnecessário para você. A amizade de vocês não vai mais ser a mesma e você vai partir o coração dela. Então Não.Fode.Com.Tudo, Benjamin. Fique longe dela.

Ele me apertou contra a parede mais uma vez, em seguida me soltou e saiu.

Apertei os punhos com força.

Era irônico que eu sempre fiz de tudo para orgulhar meu irmão, mas ficar longe da Chiara, àquela altura do campeonato, era algo que estava além de mim. Eu nem precisava tentar para ter certeza de que não conseguiria.



Capítulo 16
Chiara

Capítulo 16 – Chiara

De pé, observava as fotos penduradas pela parede do quarto onde dormiria hoje. A imagem de Olívia, Jackson, Andrew e Benjamin fazendo careta fez com que eu sorrisse. Eles tinham traços muito similares, Ben, Andrew e Olívia com os cabelos loiros reluzentes, os olhos esverdeados e todos tinham o mesmo sorriso. Jackson tinha características distintas. Seus olhos eram mais escuros, assim como os cabelos pretos. Todos muito bonitos. Muito mesmo.

Não era pra menos que as garotas viviam buscando oportunidades para aproveitá-los.

E hoje foi a primeira vez em que os garotos realmente me notaram. Quando eu passei pela porta, eu senti que os olhares estavam todos voltados para mim. Foi estranho. E foi horrível. Mas também foi muito bom.

Essa sensação ambígua fazia meu estômago doer.

Vivi todos esses anos desejando ser invisível, mesmo quando eu queria muito ser vista. Agora eu estava aqui, sendo vista e sendo vista como uma garota bonita pela primeira vez.

Pela primeira vez as pessoas vieram falar comigo. Bater papo despretensioso. Perguntaram como eu estava e o que achava da festa. Tive conversas idiotas e não senti vontade de sair correndo para me esconder.

No final das contas, eu acho que a Dorothy estava um pouco certa. Uma parte de mim se sentiu mesmo cada vez mais segura quando as pessoas falavam comigo. Eu sempre fui boa em conversas particulares, mas eram as conversas como as que aconteciam em festas que me deixavam nervosa. Aos poucos, o temor de não saber como responder, ou o receio de não agradar as pessoas com as coisas que eu falava foram passando.

Em um dado momento eu até senti que quase pertencia àquele lugar.

Mordisquei o lábio, vendo a imagem de Benjamin e lembrando da sua reação ao me ver com as roupas que Dorothy havia comprado para mim.

Embasbacado, eu diria.

Quando nossos olhares se encontraram, eu fiquei sem ar por alguns instantes. Os olhos claros não desviavam dos meus. Mal piscavam para ser sincera. Ele me fitou dos pés à cabeça com uma intensidade que fez com que eu sentisse algo completamente diferente de tudo na vida.

Meu coração bateu rápido, mas também pareceu queimar no peito. Uma sensação muito boa, mas também assustadora.

Tão assustadora quanto a vontade que eu tinha de beijá-lo outra vez.

Eu sabia os motivos pelos quais ele havia feito aquilo. Benjamin só não queria que aquelas garotas rissem de mim.

Mas foi tão...

Intenso.

Eu me pegava comparando esse beijo com o outro único beijo que eu havia dado e aqueles poucos minutos em que nossos lábios

estavam colados. Em que sua língua passeava por sua boca me fazendo arder por dentro.

Foi incrível.

Passei o indicador pelos lábios como se isso fosse me ajudar a sentir aquela sensação outra vez.

Não fez.

Não faria.

Talvez, a única coisa que me ajudasse a parar de pensar sobre isso, fosse beijar novamente.

Talvez, se eu beijasse outro cara...

Meu coração palpitou no peito.

Era estranho, e bom.

O Owen, por exemplo, se eu parasse de pensar nisso porque o meu corpo deixaria de produzir compostos químicos ao pensar no Benjamin, e começaria a fazê-lo sempre que eu pensasse no Owen. Era muito mais seguro, especialmente por ele não me ver como uma amiga, e ele tinha deixado isso muito claro hoje quando tentou me beijar instantes antes do Jonh comentar com alguém que o Benjamin havia se machucado.

Se não fosse por aquela interrupção, provavelmente meu corpo estaria produzindo compostos químicos por outra pessoa.

Maldito Jonh.

Maldito Ben que tinha machucado o pé.

Maldita mente que não parava de repassar aquele beijo um único instante.

Eu não fazia ideia de como, mas aquilo precisava parar.



Esfreguei as mãos pelo rosto sabendo que devia estar dormindo há algumas horas,

mas nada de sono. Leighton havia me trazido mais cedo, uma calça moletom, blusa preta de manga e meias. Eu estava confortável para dormir, mas o sono simplesmente havia desaparecido do meu corpo.

Frustrada, resolvi beber um copo de água. Abri a porta com cuidado para evitar acordar alguém, liguei a lanterna do meu celular iluminando o corredor e os degraus da escada. Apenas quando cheguei à cozinha acendi a luz. Pisquei algumas vezes para me adaptar à claridade do ambiente.

O relógio pendurado na parede marcava 1h17, o que significava que em poucas horas tínhamos que estar de pé para dar início ao evento do Théo.

Abri a geladeira, enchendo um enorme copo de água e me sentei na cadeira da mesa da cozinha.

— Sem sono? — A voz de Benjamin vinda da entrada da cozinha fez meu coração saltar no peito. Eu jamais saberia dizer se ocasionado pelo susto ou pela imagem dele, sem camisa, de braços cruzados, encostado contra o batente da porta. Vestia uma calça parecida com a minha, e ela se ajustava bem ao seu corpo. Bem demais para a minha afetada — temporariamente, eu esperava — sanidade mental.

Não consegui desviar os olhos dos gominhos em seu abdômen, do bíceps à mostra e do sorriso de lado que ele mantinha no rosto como se estivesse gostando de me ver observando-o daquela maneira.

— S... — Minha garganta estava tão seca que eu sentia como se tivesse lambido toda a areia do deserto. Cocei a garganta tentando

disfarçar. — Sim. E você? Nervoso com amanhã?

Ele negou com a cabeça mantendo a posição bastante... *sexy*, eu acho.

— Tenho um pouco de dificuldade para dormir mesmo.

— Ah... — Sem desgrudar os olhos de Benjamin, foi a única coisa que consegui responder. Umedeci os lábios lembrando de como foi a sensação de passar a ponta dos dedos por seus braços e segurar os fios de sua nuca.

Soltei o ar que prendia nos pulmões, tentando ser discreta.

Acreditava que aquela sensação jamais me deixaria.

Sem saber mais o que fazer, peguei o copo para dar mais um gole na água. O planeta inteiro parecia ter ficado mais quente de maneira repentina.

— Eu estava indo para a sala jogar uma partida quando vi a luz acesa — explicou. — Já que você está sem sono, podíamos fazer companhia um para o outro. Assistir a um filme, alguma coisa assim. — Ele deu de ombros, deixando as opções em aberto.

Olhei para o relógio pendurado na parede. 1h26.

Ficar na sala com o Benjamin, sozinha, tão tarde, podia não ser a ideia mais inteligente do mundo. Provavelmente eu só pensaria em beijo. Mas ele não pensaria nisso, o que poria as coisas em equilíbrio.

— Tudo bem — respondi, levantando-me.

Ben seguiu para a sala e eu fui atrás.

— Seu pé melhorou? — Pela maneira como Benjamin andava, nem parecia que tinha se machucado um pouco antes.

Ele parou, tirando o pé do chão e movimentando-o em círculos.

— Na verdade, ainda dói um pouco, mas bem menos do que antes. Acho que você estava certa e não foi nada tão grave. — Deu de ombros, voltando a andar e só parando em frente ao sofá, abrindo uma parte dele para que pudéssemos esticar as pernas. — As damas primeiro — falou, erguendo a mão em direção ao sofá, indicando que eu devia escolher meu lugar.

Sentei-me ao lado do braço, grata pelo espaço extra para nossas pernas. Ele se sentou ao meu lado e minha mente ficou um pouco distraída com o cheiro dele. Como se não bastasse, Benjamin ergueu a mão esquerda passando-a por cima do meu ombro, aproximando-se ainda mais.

O

MEU

CORAÇÃO

DISPAROU.

Eu conseguia sentir a respiração quente brincando com os poucos fios que estavam soltos, e fazendo cócegas em minha orelha.

— Pronto — sussurrou ainda perto demais. Os lábios resvalaram um pouco em minha pele que pinicou, em seguida, ele se afastou balançando alguma coisa em sua mão. — O controle.

Pisquei.

Claro, o controle.

Era só isso. Repeti para mim mesma.

— O que vamos ver? — perguntou, ligando a TV. — Só, por favor, não me obrigue a assistir a um filme de menininha. Juro que a Olívia já nos torturou o bastante para três vidas inteiras.

Eu sorri.

— Huuum, acho que um filme de menininha cairia bem agora — brinquei, vendo-o rolar os olhos. — Me dá isso. As visitas têm direito de escolher.

Esgueirei-me sobre seu corpo, pegando o controle de sua mão. Ele pôs a mão em minha cintura para ajudar a manter o equilíbrio, e mesmo com um tecido entre nossas peles, eu senti meu corpo queimar.

Por ele.

Alguns dias atrás eu nem ao menos cogitava a possibilidade de Benjamin e eu sequer nos beijarmos e hoje meu corpo já ficava completamente em chamas com um simples toque.

Podia ser coisa da minha cabeça, claro, mas ele pareceu um pouco perturbado também com o contato.

— À vontade — falou, por fim, entregando-me o controle e me ajudando a voltar em segurança para meu lugar. Eu comecei a procurar algum filme que pudesse nos interessar, e ainda assim sua mão continuou espalmada em minha cintura.

Ele não precisava mantê-la ali, mas não a retirou, muito pelo contrário, seus dedos começaram a se mover em um ritmo de sobe e desce muito bom.

Eu tive medo de respirar um pouco mais pesado e ele se afastar.

Por algum motivo louco, eu não queria mesmo que aquele contato terminasse e isso estava mexendo com a minha cabeça.

— Que filme você acha que... — Ergui minha cabeça em sua direção. Ele estava me olhando de maneira... engraçada, eu diria. — O quê?

— Nada. — Ele sorriu. — Você fica bonita assim.

— Com a cara da pessoa que está cansada e não consegue dormir?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Não. Assim. — Ele olhou para mim. De verdade. Para meus olhos, para meu rosto, para minha boca, para a blusa que eu estava usando. — Com minhas roupas especialmente. Você estava incrivelmente deslumbrante na festa hoje, mas eu gosto de você assim.

Minha respiração falhou outra vez, meu coração acelerou e ele pareceu sincero. Demais até.

— Obrigada. — Sorri, mordendo o lábio.

O filme.

Minha mente alertou, ajudando-me a não pensar em nenhum tipo de besteira.

— O que acha desse? — perguntei outra vez, apontando com o controle para a televisão. Depois de ler a sinopse de Depois da tormenta, Benjamin concordou.

Apertei o play.

Mexi-me no sofá tentando encontrar uma posição confortável, e assim que consegui relaxar, Benjamin fez questão de me trazer para perto dele outra vez.

Benjamin sempre acabava rindo das minhas reações. Ora mordendo a ponta do dedo, ora tapando os olhos. Ora traçando mi-

lhares de teorias. Quando o filme chegou ao fim, eu mal podia me mover.

— Uau! Não acredito nisso — falei, por fim, incrédula. Virando-me em sua direção. — O que achou?

— Caralho, você não podia ter escolhido melhor. Gosto de filmes que abordem a teoria do caos, e porra, sem dúvida um dos meus favoritos agora. — Benjamin se aconchegou no sofá assistindo aos créditos, mas sua mente parecia vagar para outro lugar. Deitei de lado para que pudesse vê-lo melhor.

— No que você está pensando? — perguntei.

Ele soltou uma risada pelo nariz.

— Em algo impossível. Que se eu pudesse, gostaria de poder alterar a linha do tempo das nossas vidas — confessou, tateando o espaço até encontrar minha mão. — Gostaria de poder voltar até o dia do acidente e poder, de alguma maneira, ter salvado a minha mãe.

Apertei sua mão um pouco em um gesto de conforto.

— Eu sinto muito, de verdade, Benjamin. Eu reclamo muito sobre a falta de liberdade que sempre tive e toda a superproteção da minha mãe, mas tenho certeza de que a minha vida teria sido impossível sem ela ao meu lado.

Ficamos em silêncio por um tempo.

Eu sabia que Benjamin estava no carro com a mãe e que a tinha visto morrer. Também sabia que ele não falava muito sobre o assunto, era um grande trauma para os Davis, e ninguém jamais poderia julgá-los por isso.

Perdê-la mudou toda a vida dos garotos quando ainda eram crianças. Foi assim que

Andrew se tornou o lutador, e acabou criando todos os irmãos mais novos. Leigh não gostava de falar sobre isso, era algo pessoal deles e eu respeitava.

— Outro filme? — ele indagou. — Dessa vez eu escolho.

Eu bocejei, mas também não queria deixá-lo à mercê da sua mente depois de termos falado sobre o acidente. Eu sabia como isso funcionava. Bastava apenas uma pequena lembrança para que nossa mente retornasse àquele dia e, uma vez no passado, era difícil retornar ao mundo real.

— Vamos ver se você vai escolher melhor — provoquei.

Benjamin pegou o controle, deitando e me trazendo para perto dele.

Eu não estranhei o contato ou a proximidade.

Era confortável estar ali com ele.

Estar ali nos braços dele.

Mesmo que apenas por alguns instantes.

Capítulo 17
Benjamin



Capítulo 17 – Benjamin

A manhã estava perto do fim e eu tinha a sensação de que nem que nós tivéssemos planejado uma viagem pelo país, passando pelas mais diversas concessionárias, teríamos visto tantos carros juntos.

Meus braços podiam se descolar do resto do corpo a qualquer momento e minha coluna reclamava por passar tantas horas de pé e meus pés ardiam. Entretanto, eu estava feliz.

Ver a felicidade de Théo com tudo que estávamos conseguindo arrecadar para sua família acabava fazendo tudo valer a pena. A notícia do acidente e também da ação promovida pelos alunos da Walker se espalhou. Muitos universitários da Ivy League, assim como da Long Island, Rockefeller e Fordham marcaram presença fazendo com que alguns desses alunos tivessem que servir de reforço para a lavagem.

O estacionamento onde havíamos organizado estava lotado. Os garotos nunca estiveram tão felizes em poder andar sem camisa deixando à mostra o corpo que tanto nos esmeramos para conquistar em horas de exercício.

De onde eu estava, conseguia ver Chiara.

A expressão correta era eu não conseguia parar de olhar para Chiara.

Haviam montado uma pequena tenda para os pagamentos. A ideia era que ela conseguisse fazer tudo sozinha, porém, com tantas pessoas aderindo ao drive, ela precisou de reforços.

Ela estava bonita.

Pra caralho.

Usava uma meia calça preta por baixo de um vestido mais soltinho, que se ajustava à sua cintura. Um casaco jeans que estava dobrado nas mangas até seu cotovelo e uma bota marrom claro.

O cabelo tinha algumas mechas soltas na frente, uma parte presa no alto da cabeça e todo o resto solto com cachos feitos caindo pelo rosto.

Porra, ela estava muito bonita.

Volta e meia, sem perceber, meus olhos paravam nela.

Por vezes muito concentrada, por vezes sorrindo para as garotas ao seu lado ou explicando algo a elas, e em algumas outras, conversando com alguns caras. A maior parte, eu não conhecia. E não foram poucas as vezes que eu quis ir lá saber sobre o que falavam. Não que eu tivesse esse direito.

Mesmo sentindo aquela coisa em meu coração garantindo que eu tinha.

Era eu quem estava lá quando ninguém a via, então sentia uma agonia enorme em minha garganta tendo que ver aqueles filhos da puta a cercando só porque agora conseguiam ver que ela era uma tremenda gostosa.

— Já cansou? — Malcon jogou uma garrafa de água para mim, se aproximando de onde eu estava enchendo alguns baldes.

— Ainda não. — Peguei-a, aproveitando para passar a camisa já molhada por meu rosto em uma tentativa de evitar que as gotas salgadas de suor caíssem em meus olhos.

— Jogou ontem, vai jogar amanhã e está com toda essa disposição de exibir os músculos assim...

— Tudo em prol do de uma boa causa.

Não era mentira.

Totalmente, pelo menos.

Estava acostumado com poucas horas de sono. Desde o acidente, dormir nunca foi o meu forte. E embora a noite tenha sido curta, foi também relaxante. E sendo muito contraditório, a noite mais longa da minha vida.

Há tempos eu não conseguia dormir tão bem.

E eu não tinha a menor dúvida do motivo.

Depois que pusemos o segundo filme, não demorou cinco minutos para que Chiara começasse a bocejar e, logo depois, fechar os olhos. Eu pensei em chamá-la para que fosse dormir na cama, confortável, mas não consegui.

Seu corpo ali tão perto do meu era relaxante.

Observar sua expressão tranquila era reconfortante.

O sobe e desce rítmico do seu peito era gostoso.

Então eu fui um egoísta filho da puta quando, influenciado por seu corpo junto ao meu, senti meus olhos começarem a se fechar e decidi que não faria mal dormir com ela por cinco minutos.

No final das contas, cinco minutos se tornaram o que sobrou da noite.

Ao abrir os olhos quando a claridade me incomodou, a primeira coisa que vi foi o seu rosto. Seu corpo estava voltado em minha direção, e a mão repousava em meu tórax.

Tranquila e serena.

Olhando-a, analisando cada pequeno detalhe do seu rosto, dos seus lábios, era impossível não pensar no quanto eu queria beijá-la outra vez.

Caralho, eu queria.

Tanto que chegava a doer.

Eu queria muito poder simplesmente ficar ali com ela. Com meu braço rodeando a sua cintura, mantendo-a perto de mim. A minha mente estava em silêncio e eram raras as vezes em que isso acontecia.

Não havia gritos, choro, dor, vidros estilhaçando.

Só paz. E ela.

Desejando mais do que tudo que pudéssemos continuar ali, beijei sua testa. Não demoraria para que todos acordassem e seria um inferno se Andrew me visse dormindo assim, agarrado, com a garota. Triste, levanteime, carregando-a até o quarto da Oly, onde ela devia ter dormido

Chiara ressonou alguma coisa bem baixinho quando eu estava passando pela porta.

Sentia que devia estar muito mais cansado, mas eu me sentia renovado.

Era completamente diferente de quando eu dormia com outras garotas e mais diferente ainda de quando eu acabava utilizando outros métodos para conseguir apagar.

Meu corpo estava bem. Podia flutuar a qualquer momento.

— Eu diria que é tudo em prol de conquistar a admiração de uma certa garota que anda arrancando suspiros por onde passa.

E meu corpo que podia flutuar, simplesmente tomou a maior das quedas. Retesei por completo e todo bom humor foi para o quinto dos infernos.

— Vai pro inferno, filho da puta — reclamei, olhando para frente enquanto procurava outro carro. Eu precisava manter minhas mãos ocupadas para não fazer o que queria desde o princípio: socar a cara de todo e qualquer desgraçado que abrisse os dentes para a Chi.

Malcon riu.

— Vocês Davis são muito previsíveis. Nunca duvidei que você ia abanar o rabinho pra garota. O mais divertido de tudo era que as coisas entre vocês tinha tudo pra acontecer de maneira natural, e olha só, do nada, você ganhou centenas de concorrentes.

— Eu não tenho concorrentes — respondi, azedo.

— E o Owen ali cheio de dedos na garota, nós chamamos de que mesmo? — Segui a direção do seu olhar apenas para meu humor que estava muito bom até cinco segundos atrás mudar, como se uma nuvem carregada estivesse pairando sobre minha cabeça.

Owen estava apoiando o corpo sobre a mesa onde Chiara recebia os pagamentos. Ele se inclinou um pouco mais, falando alguma coisa em seu ouvido.

Em

Seu

Ouvido.

Porra!

Meu coração errou uma batida.

Ela sorriu.

Soltei o ar com força.

— Ela é minha amiga, Malcon — devolvi, fechando as mãos em punho. As palavras rasgando em minha garganta. — Chiara pode fazer o que quiser da vida dela.

— Tá bom então. — Deu de ombros, segurando a alça de um dos baldes, esperando que eu fizesse o mesmo com o próximo. — Pelo menos você sabe que ela estará em boas mãos. Afinal, o Owen não é dos piores.

Trinquei os dentes.

Não responderia. Era isso que ele queria e quanto mais eu desse corda, mais o filho da puta me irritaria.

Agarrei a alça do balde com força, arrastando-o para o próximo carro. A cada passo, entretanto, meu olhar recaía em Chiara e meu coração batia mais forte ao ver como os filhos da puta estavam cercando a garota.

A garota que era minha amiga antes de todos os filhos da puta ficarem de pau duro só por conta de algumas malditas peças de roupa.

Segui Malcon até o nosso grupo. Nós dois ficamos juntos em um dos grupos composto por nós dois, Fred e Craig do baseball e Anthony do lacrosse. As meninas fizeram questão de manter todos os Davis em um grupo diferente e em um lugar bem distante do George. Ele estava puto — e com certa razão —, mas os ânimos se exaltavam sempre que, de alguma maneira, estávamos em um mesmo ambiente.

— Porra, já peguei o número de umas cinco gatas que ficarão aqui na cidade pra passar a noite. Essa vai ser a noite em que meu pau vai ficar mais feliz na vida, eu juro. — Craig mal podia conter a felicidade em ver tantas garotas diferentes.

— Não acredito que vocês vão tirar proveito da situação difícil do Théo. — Balancei a cabeça em negativa, brincando.

— Diz que vocês não vão sair daqui direto pra foder uma gatinha que te der mole? — Fred perguntou, jogando um pouco de água com a mão em mim.

— Nós? Claro que não! Não precisamos ficar aqui caçando uma gostosa. Respeitamos o momento e...

— Vocês lavam só o carro mesmo, ou de repente, rola uma limpeza completa em outros lugares também? — Malcon foi interrompido por um carro que parou em nossa frente, baixando ao mesmo tempo todas as janelas. Cinco garotas incrivelmente gatas estavam empoleiradas nas janelas com os olhares brilhando de desejo.

Olhei para os caras e eu podia ver o queixo deles caídos no chão.

— Nós viemos de longe, acho que uma limpeza completa seria a coisa mais justa para essa noite — uma delas falou, passando a língua de forma sensual pelos lábios, destacando ainda mais a boca vermelha.

Malcon tossiu e Fred se apressou em aproximar-se da janela aberta da motorista. Uma garota linda de olhos escuros e cachos que emolduravam o rosto.

— Sinceramente? Também acho um absurdo vocês voltarem para casa com a im-

pressão de que nós aqui não somos bons em limpeza. Serviço completo, sem dúvida. — O sorriso da garota cresceu mais.

Craig se juntou ao amigo, passando o braço pelo pescoço dele.

— Serviço completo e satisfação garantida. — Piscou para a garota que estava no banco de trás.

— Se vocês forem tão bons em prestar serviço, como são para oferecê-los, tenho certeza de que teremos notas cinco estrelas para distribuir.

— E você, gato? — uma delas perguntou, olhando-me de cima a baixo. — Também tem garantia de satisfação?

— Lamento por ter que dar essa informação, mas o atendimento pessoal está fechado hoje. — Esbocei uma expressão desolada.

— Nem se eu disser que estou disposta a qualquer coisa, tipo, *qualquer mesmo.* — Ergueu uma sobrancelha de forma sugestiva.

Eu não era idiota. Sabia o que ela estava oferecendo.

E, porra, eu tinha que ser muito filho da puta pra negar um cu. Mas, por mais atrativo que fosse o convite, minha mente estranhamente não estava voltada para sexo hoje.

Queria outra noite como a de hoje.

Uma noite de paz.

— Sinto muito mesmo, mas tenho certeza de que você vai encontrar muitos outros atrativos para a noite.

— Uma pena, gato. Mas se mudar de ideia, ainda estarei à disposição. Já te vi jogando e imagino muito as coisas que você é capaz de fazer com as mãos. — Mais uma vez,

me olhou de cima a baixo. — E eu gostaria muito de parar de imaginar e finalmente descobrir.

Olhei para trás outra vez esperando ver a garota que eu realmente gostaria de estar conversando. Owen ainda estava com ela. E ela nem ao menos olhava em minha direção.

— Eu não seria um cavalheiro se não estivesse disposto a deixar a má impressão que o bonitão ali pode causar. — Malcon deu a volta no carro, aproximando-se da janela onde a garota estava.

— Que bom que o cavalheirismo nunca sai de moda então. — A garota piscou para Malcon que pediu para que as meninas fechassem as janelas para que começássemos a limpá-las.

Meu coração ainda batia completamente errado observando a maneira como Owen conversava perto demais da Chiara. Como se fossem amigos.

Eu era amigo dela.

Foi comigo que ela tinha dormido essa noite.

Quem ele achava que era?

Um jato de água me atingiu outra vez.

— Atenção, Davis — Malcon pediu com a porra de um sorriso de desdém no rosto. — Sua amiga se diverte lá e você trabalha aqui.

Puto, me esforcei para, como os garotos, realizar a lavagem de maneira sexy enquanto as meninas filmavam do lado de dentro.

Mas, em minha mente, a única coisa que eu esfregava era a cara do Owen na porra do chão quente por ficar encostando aqueles dedos esguios em uma garota que era boa demais para ele.

O resto do dia passou rápido demais.

No meio da tarde, a maior parte dos carros do condado inteiro tinham sido cuidadosamente limpos. A maioria das pessoas que vieram de outras cidades haviam alugado um quarto em algum hotel ou se hospedado com amigos e familiares nos arredores para aproveitarem o final de semana.

Alguns dos carros voltaram para o estacionamento com latas e mais latas de cerveja. Agora o som estava alto e maior parte das pessoas flertavam entre si, tentando garantir um bom sexo.

Eu só queria que aquela tarde com gosto amargo acabasse.

Já não bastasse Owen, mais dois garotos que usavam as camisas de Harvard e NYU estavam em cima da Chi. Um deles tinha acabado de deixar um copo de cerveja em sua mão. Será que ela sabia que não devia beber nada que estranhos entregassem?

Uma sucessão de assobios começou chamando a atenção de todos. Théo subiu na carroceria de um carro azul e o volume do som foi reduzido a quase nada para que pudéssemos ouvi-lo.

— Caralho, eu nem sei o que dizer a vocês! Alguns dias atrás eu vivi o momento mais desesperador da minha vida e acreditei que ia perder uma das pessoas que mais amo no mundo. E ver tudo que vocês fizeram aqui, por nós. — Sua voz embargou e ele parou por alguns segundos. — Queria agradecer a cada um de vocês que toparam contribuir para que esse dia se tornasse um dos dias em que em que mais me senti acolhido e amado pelos meus amigos, por todos os colegas da Walker e por pessoas que vieram de longe e que nem

me conheciam, mas vieram ajudar. Não existe nenhuma palavra no mundo capaz de expressar o quanto eu sou grato a vocês.

Aplausos e gritos começaram, mas Théo ergueu a mão, indicando que ainda queria falar.

— Queria agradecer especialmente a pessoa que teve a ideia para esse evento e organizou tudo como se fosse para ela mesma. — Olhei para Madison que escondeu o rosto com as mãos, enquanto algumas das garotas a empurravam para frente, a fim de que recebesse os elogios que eram devidos.

Madison podia ser uma patricinha mesmo, mas era uma garota de coração imenso e não havia dúvidas de que faria qualquer coisa pelas pessoas que amava.

— Dito isso — Théo continuou, após os aplausos começarem a cessar. — Tem cerveja e vamos aproveitar porque vocês merecem pra caralho!

Mais uma vez os gritos se intensificaram.

Nossa estimativa era conseguir vinte mil, e tínhamos chegado perto dos trinta e cinco mil, levando em conta as gorjetas que as garotas, muito solícitas, deixaram. Théo queria que esse valor fosse compartilhado como forma de pagar nosso serviço do dia, mas nenhum de nós topou. Aquela grana tinha destino certo e ajudaria sua família.

Eu estava feliz por ele.

Porra, eu estava muito feliz por ele.

Se nós tivéssemos tido alguma chance, eu gostaria que tivessem feito isso por nossa mãe. Eu gostaria que tivesse também pensado em algum tipo de intervenção para salvar o

nosso pai, talvez assim a nossa vida não tivesse sido a merda que foi.

É bom ter sempre pessoas com quem contar.

Passei os olhos pelo ambiente outra vez à procura de Chiara, e não encontrei. Preocupado, segui analisando o ambiente até encontrá-la. Ela estava com Owen outra vez e ele a segurava pela mão levando-a até bem perto de um dos carros no final da fila. Eles conversavam e ele parecia animado com o que dizia.

Eu decidi que ficaria por perto apenas para garantir que ela estava bem e não precisaria de ajuda. Não tinha absolutamente nada a ver com meu coração batendo devagar e parecendo cada vez mais apertado no peito. Nem mesmo com a vontade que eu tinha de quebrar a cara daquele filho da puta que mal sabia jogar futebol americano.

Claro que não tinha.

Estava ali, observando tudo, apenas para garantir o bem-estar da Chi. Ela não fazia ideia de como universitários podiam ser tremendos filhos da puta quando queriam.

Assisti quando ele falou no ouvido de um dos garotos da Walker. Eu já o tinha visto andando por lá, mas não sabia quem era. O garoto olhou para Chiara que sorriu meio sem graça, depois ele acenou de maneira afirmativa e se afastou do carro entregando uma esponja para Owen. Em seguida, se abaixou até um dos baldes pegando uma esponja para si e começando a ensaboar o carro enquanto falava alguma coisa para minha garota, minha amiga. Amiga. Que ria parecendo se divertir.

Ela era minha amiga.

Trinquei os dentes quando ele segurou a mão dela, levando-a até a porra do carro, ajudando a garota a realizar os movimentos circulares como se ela, que é inteligente pra caralho e desenvolve projetos científicos, não fosse capaz de realizar a porra daquele movimento sozinha.

Abri e fechei a mão, sentindo uma necessidade de quebrar a cara dele.

Eu não podia fazer isso.

Porra, se eu quebrasse a cara do filho da puta, a Chiara podia me odiar para sempre. Nem todo cheesecake do mundo seria capaz de lidar com o meu problema.

Entretanto, eu não ia deixá-la ir pra cama com qualquer um. Com um cara que ela nem conhecia e nem sabia o quão divertida, inteligente e linda ela era. Chiara não era para aquele cara. Não mesmo.

Owen riu de alguma coisa que ela disse, se posicionando em seguida atrás da Chiara e pondo a mão em sua cintura enquanto sussurrava em seu ouvido.

Minha garganta ficou seca.

Caralho.

Caralho mesmo.

Olhei ao redor, determinado a não permitir que ele a beijasse.

Não. Não mesmo.

Meu coração batia desenfreado, sabendo que eu não queria que ela beijasse mais ninguém.

Que se foda.

Ela podia me odiar para sempre se quisesse, mas eu não ia permitir aquilo. Nem que eu tivesse que trancá-la na porcaria de uma sala comigo até que obtivesse seu perdão.

E nem que eu tivesse que fazer isso após atrapalhar todo e qualquer beijo que ela estivesse prestes a dar e que não fosse em mim.

Porque aqueles lábios nasceram para ser tocados apenas pelos meus.

Não muito distante de onde estávamos, encontrei uma das mangueiras que estávamos usando para encher os baldes.

Eu sentia muito pela Chiara, mas situações desesperadoras requerem medidas desesperadas.

Sinceramente eu não enxergava mais nada à minha frente. Só a porra daquela mangueira. E só pensava em afastar aqueles dedos da cintura dela. A cintura que eu havia agarrado dias atrás e sentido como tremeu quando meus dedos se fincaram em sua carne.

Com a respiração pesada e o coração martelando no peito, liguei a torneira, posicionando a mangueira para cima. Com o som alto e pessoas já afetadas pelo álcool, aquilo pareceu uma boa ideia já que notei mais garotos se inspirando em mim e correndo para outras mangueiras.

Sem pensar duas vezes, aumentei a potência da água e, vendo tudo vermelho, apontei para os dois.

Chiara que me desculpasse, mas aquilo era para o seu próprio bem.



Capítulo 18
Chiara

Capítulo 18 – Chiara

Eu não era boa em flertar.

Pelo menos, achava isso até cinco minutos atrás. Agora eu estava aqui com um cara gostoso grudando o corpo ao meu, enquanto tentava demonstrar que era inteligente me explicando como um carro era fabricado enquanto mantinha nossas mãos segurando uma esponja que deslizava pelo carro em movimentos circulares.

Ele estava próximo demais.

Muito mais perto do que eu estive do Davis o dia inteiro e, ainda assim, eu simplesmente não conseguia sentir nem mesmo um terço da maneira que meu corpo reagia quando o Benjamin só me olhava.

Owen estava sussurrando em meu ouvido alguma dessas besteiras que os caras devem falar para que as garotas começassem a se derreter. Seguindo o padrão natural, eu ri, como se ele fosse o cara mais engraçado do mundo.

Ele não era.

Não que fosse também um cara horrível. Ele só não era o Davis. E eu queria poder dar um soco na minha cara com essa constatação, porque a minha mente só conseguia deixar mais claro ainda o quanto gostava dele.

Não dele.

Dos beijos. Da maneira como meu corpo se arrepiava quando ele se aproximava ou de

como ter seus braços ao redor do meu corpo me faziam sentir protegida.

Como se nenhum mal fosse capaz de me atingir. Nem mesmo o que vem de dentro.

E era bom fingir isso.

Era bom me sentir segura com ele.

— Chiara — Owen falou muito perto do meu ouvido outra vez. — Eu queria te dizer que me sinto um filho da puta por não ter prestado atenção em você antes.

— Não posso dizer que eu facilitei as coisas também — respondi.

Era uma verdade parcial.

Desde o momento em que apareci, pela primeira vez, com as roupas da que a Dorothy havia escolhido, eu vinha ouvindo muito essa frase, ou variações absurdas delas. E isso me fazia pensar no quanto as pessoas se importavam com a estética. Eu tinha certeza de que não havia mudado nada no meu interior, era a mesma Chiara que falava sobre jogos, ciência, que gostava de ouvir sobre a vida e experiências das pessoas que estavam comigo. Mas agora eu era legal porque me vestia de maneira legal. Consegui conquistar a atenção que eu sempre sonhei em ter no high school. Os caras mais bonitos da faculdade me viam agora. Mas de alguma forma, eu conseguia me sentir ainda mais invisível para eles.

— Sim. Mas ainda bem que você mudou de ideia, não é? — ele disse. Os lábios bem perto da minha orelha e...

Cócegas.

Apenas.

Onde havia se escondido toda aquela porcaria de combustão que acendia em meu

corpo quando Benjamin Davis só respirava um pouco mais perto de mim?

Meu corpo era um tremendo traidor.

Eu estava aqui, com um dos melhores jogadores da universidade, e ele não ficava nada feliz com isso.

Na verdade, eu era uma vergonha para toda a nação feminina.

— Ainda bem. — Soltei um suspiro desanimada, mas acho que ele entendeu errado, porque um segundo depois, Owen girou meu corpo prendendo-me contra o carro.

— Ainda bem mesmo, porque agora eu posso fazer uma coisa que queria fazer há algum tempo. — Sua voz estava baixa e sedutora.

Uma de suas mãos estava em minha cintura e a outra começando a se aproximar da minha nuca. Eu apertava a bucha com força, meio sem saber o que fazer.

Precisava beijar outro cara.

Só assim para que a oxitocina deixasse de ser liberada com o Benjamin e talvez passasse a surgir com o Owen.

Eu tinha que beijar ele. Era isso.

Meio cretino da minha parte, mas os caras faziam isso todos os dias. Uma garota também podia, não é?

Os olhos de Owen começaram a se fixar apenas em minha boca e sua respiração ficou mais próxima da minha pele. Eu engoli em seco separando os lábios para o que viria a seguir, entretanto, fomos surpreendidos por um jato de água gelada.

— Que porra é essa? — Owen reclamou alto demais, se afastando de mim com o susto.

Meu coração estava acelerado e comecei a olhar ao redor, tentando entender o que estava acontecendo.

E então meus olhos focaram em Benjamin Davis com uma expressão inocente no rosto.

— Caralho — falou, soltando a mangueira que segurava no chão e correndo em nossa direção. — Porra, eu não vi vocês. Me desculpe.

Benjamin me encarava parecendo... bravo?

— Porra, Davis! Você me molhou todo, filho da puta. — Owen passou as mãos pelos fios de cabelo molhados, depois, ainda emburrado, passou a camisa pelos braços exibindo o corpo atlético.

— Foi sem querer, cara. Foi mal, mesmo — Ben se desculpou outra vez, depois virou-se pra mim. — Você está bem?

Os olhos pareciam mais líquidos agora, e havia mesmo um toque de preocupação na voz.

Benjamin nem estava próximo a mim, mas meu coração começou a bater forte demais. Meu corpo estava formigando e eu tinha certeza de que toda saliva existente em minha boca havia misteriosamente secado.

Era exatamente isso que eu estava esperando sentir instantes antes quando o Owen ia me beijar.

— Estou bem — respondi com a voz falhando. — Só encharcada.

Passei as mãos pelos braços, eliminando as gotinhas de água que estavam grudadas em meu corpo.

— Desculpa, gata. Desculpa. Eu não queria mesmo...

Benjamin parou de falar, e eu me concentrei em continuar com a tentativa de secar tudo que eu conseguia.

— O que você está fazendo? — Benjamin parecia chateado, e eu apenas parei de tirar o casaco, encarando-o confusa. Mas ele não estava olhando para mim, e sim para Owen.

— Nada cara, eu só... Foi mal, é que... — Ele parou a frase outra vez. Franzi o cenho, entendendo ainda menos a cada segundo, em seguida Owen estendeu para mim a camisa que havia tirado um minuto atrás. — É melhor você usar isso.

Olhei para baixo me dando conta, finalmente, de que meu vestido havia grudado completamente em meu corpo. O sutiã que eu tinha colocado não era de bojo e eu estava com os mamilos entumecidos.

Soltei um gemido consternado.

Sinceramente, não tinha como essa situação ficar ainda pior.

— Merda — reclamei, passando um braço em frente aos peitos enquanto erguia a mão para pegar a camisa do Owen.

— Ela não vai usar essa merda — Benjamin quase rugiu, afastando o braço do Owen.

— Ben — chamei, confusa com a sua irritação repentina.

— Caralho, Chiara! Isso tá molhado também — explicou, com uma carranca. Antes que eu pudesse piscar, Benjamin já havia tirado a própria camisa e passado por minha cabeça. — Muito melhor assim — falou, virando-se para Owen. — Você já pode ir daqui, eu vou ajudá-la a encontrar roupas secas.

Owen deu um sorriso de lado, mas não um divertido. Era quase uma conversa secreta com o Davis.

— Muito conveniente você ter nos molhado e também vir resgatá-la. — Ergueu uma sobrancelha para Benjamin.

— Coincidências da vida. — Ben deu de ombros.

Owen riu, de verdade dessa vez.

— Sem problemas, mas eu só vou *se* ela quiser que eu vá. Estávamos nos divertindo muito um segundo atrás.

Ben fechou as mãos em punhos e, por algum motivo, pareceu muito que eles podiam partir para cima um do outro a qualquer momento.

— Owen — chamei, dando um passo para frente, mas pondo a mão no ombro do Benjamin querendo conter o estranho surto de raiva dele —, não tem problema, o Ben já tinha me dito que quando eu quisesse, ele me levaria para casa. Sinceramente, depois disso — apontei para as roupas —, ele merece mesmo perder o resto da noitada como castigo.

— Eu adoraria ser castigado, se isso significar te levar lá pro dormitório — Owen retrucou, sorrindo.

Eu sorri de volta.

— Você a ouviu. O castigo é meu. — Benjamin segurou minha mão, como se não fosse permitir que eu mudasse de ideia de maneira nenhuma. — Boa noite, Owen.

Antes que Benjamin conseguisse me arrastar junto com ele, Owen segurou meu braço com gentileza, forçando Ben a parar. Então, ele se aproximou do meu rosto bem devagar, plan-

tando um beijo o mais perto da minha boca que pôde.

— Boa noite, Chiara — falou, passando o polegar por meu queixo. — Eu amei te conhecer um pouco melhor hoje. Espero que tenhamos a chance outras vezes.

— Boa noite. — Sorri. Até que eu estava gostando mais dele agora, parecia que havia encontrado algumas palavras certas. — Acho que nós podemos...

Antes que eu concluísse, Benjamin me arrastou com ele.

— Benjamin? — chamei, tentando me desvencilhar dos seus dedos que seguravam meu pulso como se eu fosse uma criança de três anos atravessando a rua pela primeira vez.

— O quê? — perguntou, bravo, fazendo com que eu me encolhesse um pouco. Benjamin nunca havia me tratado ou falado comigo daquela maneira antes.

— Você tá maluco? Que merda está fazendo? — Tentei, mais uma vez, puxar meu braço. Mas ele era mais forte e, por algum motivo, estava bravo demais para permitir que eu me afastasse.

— Eu quem estou maluco? — Bufei para a ironia em sua voz escolhendo manter o silêncio.

Se ele queria ser um babaca, tudo bem. Eu não precisava falar com ele de qualquer maneira.

Benjamin nos guiou por entre as pessoas, e infelizmente nem Madison ou Leighton estavam em um lugar visível para me ajudarem a me livrar do babaca que havia assumido o corpo do Ben. Apenas quando estávamos distante o bastante do estacionamento ele afrou-

xou um pouco a mão em meu pulso. Irritada, puxei meu braço de vez.

— Você quer me explicar que merda estava fazendo? — perguntei, parando de andar e cruzando os braços.

— Ah, eu quem estava fazendo merda? — Ele soltou um riso sem graça pelo nariz.

— Quem mais? Você quem me molhou. Eu quem devia estar chateada aqui. Mas não, você apareceu assim irritadinho do nada, me arrastando como se fosse um homem das cavernas. Eu entendo se estiver cansado e malhumorado. Você teve jogo ontem, hoje passou o dia aqui e amanhã vai pegar estrada novamente pra jogar, mas você não precisa ser babaca. E eu não fiz nada para que merecesse que você me tratasse assim — reclamei, erguendo um pouco o rosto e passando por ele.

Benjamin não falou nada, e eu não insisti. Seguimos caminhando, eu alguns passos à frente.

— Eu não estou irritado — ele disse, assim que saímos do campus de artes e entramos no prédio de exatas para cortar caminho para o dormitório.

— Não, imagina, sou eu quem estou — retruquei, ainda andando.

— Eu estou muitas coisas, Chiara. Mas irritado não chega nem perto de como eu estou me sentindo — falou, apressando um pouco os passos para me alcançar.

— O quê? Com raiva? Puto? Bravo? Enfurecido? Irado? Posso continuar se quiser, conheço vários sinônimos. Mas como é difícil saber o que se passa na cabeça de alguém, se você usar palavras, eu conseguir compreender e te ajudar se você quiser.

Benjamin desviou o olhar do meu por alguns segundos. Ele mirou uma porta por alguns poucos segundos antes de praticamente voar em minha direção e segurar meu braço outra vez, levando-nos até a porta e abrindo-a.

— Entra — ordenou.

— Mais o que...

— Entra na porra dessa porta, Chiara — falou, mais irritado ainda.

E, meu Deus, todo meu corpo tremeu. Não de medo, de... desejo.

Incapaz de argumentar, passei pela porta esperando que ele desse uma explicação lógica para o rompante. O segundo de hoje.

Benjamin fechou a porta e eu me virei para confrontá-lo. Mas não tive tempo. Antes que pudesse sequer pensar, ele me prensou contra a parede, segurando minha nuca e minha cintura ao mesmo tempo e colando nossos lábios de maneira feroz.

Os lábios gostosos e macios contra os meus outra vez.

Primeiro, o susto.

Não esperava que ele fosse fazer isso, mas sinceramente, já que fez, não me custava absolutamente nada aproveitar.

Cada pequena parte do meu corpo onde ele me tocava ardia. Não de uma maneira ruim, mas como se meu corpo inteiro estivesse flamejando. Mas era bom. Bom demais.

Benjamin apertou ainda mais a mão em minha cintura, me fazendo soltar um gemido de satisfação.

Ele estava me beijando.

Outra vez.

Não tinha ninguém me zoando, nem qualquer alma visível de quem ele pudesse querer me proteger.

Falando em alma, a minha com certeza estava derretendo aqui.

Ben apertou meu pescoço, e eu estremeci.

Será que era possível o corpo de alguém explodir por aquecer demais? Eu não sabia qual o ponto de ebulição de um corpo, mas, meu Deus, eu podia estar muito, muito perto.

Sua língua brincava em minha boca e eu tive ainda mais certeza de que aquele primeiro beijo não tinha sido bom por um devaneio meu. Benjamin beijava de uma maneira... apaixonada.

Como se ele quisesse provar alguma coisa a alguém.

A mim.

Não sabia como ele tinha conseguido, mas nossos corpos estavam ainda mais colados, e eu podia ser fundida a aquela parede a qualquer segundo. Não que eu estivesse reclamando.

Enquanto sua boca estivesse ali, me fazendo sentir todas aquelas coisas, eu seria capaz de jurar por deus que não reclamaria de nada.

Nunca mais.

Benjamin beijava como se quisesse provar que cada parte minha pertencia a ele. E apenas ele seria capaz de me fazer sentir aquele turbilhão de coisas que eu estava sentindo.

Eu não duvidava. Não mesmo.

Ben soltou um gemido que fez cada parte do meu corpo vibrar. Partes que eu nem

ao mesmo sabia que podia tremer por causa de um gemido masculino.

Não um gemido masculino. Um gemido dele.

Sua mão desceu um pouco da cintura, deixando um rastro de ardor em cada milímetro por onde escorregava.

Eu queria gritar.

Chorar.

Sorrir.

Absolutamente tudo ao mesmo tempo.

Deus, isso era tão bom.

Sua mão foi parar em minha coxa e eu senti meu corpo dando uma leve repuxada. Não duvidava que ele também tivesse sentido, porque no instante seguinte, sua mão começou a brincar com a parte de trás da minha coxa enquanto seus lábios ainda exploravam os meus, enquanto sua língua ainda experimentava minha boca e descobria novas maneiras de me fazer gemer.

Ben ergueu um pouco a minha perna, indicando que eu devia fazer o mesmo com a outra.

E eu fiz.

Sua mão, então, foi parar em minha bunda para ajudar a me manter presa a ele. Estávamos tão grudados que era impossível não sentir que ele estava excitado.

Por mim.

Benjamin Davis estava excitado por mim.

Ele afastou os lábios dos meus e reclamei com um gemido que o fez rir. Então, ele mordiscou meu lábio inferior, passando a beijar meu pescoço.

— Ciúmes, Chiara — sussurrou, começando a plantar beijos leves e estalados por todo meu pescoço. — Eu estou com ciúmes.

Então ele mordiscou o lóbulo da minha orelha, e eu segurei os fios de sua nuca sentindo que podia derreter por seu corpo a qualquer momento e escorregar ali mesmo como se fosse uma poça de água.

Eu gostaria que houvesse alguma palavra para explicar como eu estava me sentindo naquele momento. Minha mente havia acabado de liquefazer. Só isso conseguiria explicar o fato de ter ficado completamente em branco.

— Ciúmes? — repeti, sentindo minha respiração entrecortada enquanto ele ainda continuava me torturando com beijos lânguidos por todo espaço de pele que conseguia alcançar.

— Sim. Ciúmes — confirmou, movimentando a cabeça, e beijando minhas têmporas enquanto afundava os dedos em minha bunda.

— De quem?

Benjamin soltou um riso pelo nariz que me fez tremer um pouco.

— Quando eu vi aquele filho da puta do Owen perto de você — falou baixo, mordendo um pouco do meu pescoço. — Quando ele esteve tão perto de beijar essa boca. — Ben resvalou os lábios nos meus, baixando o olhar para minha boca. Com cuidado, Benjamin passou o polegar em meu rosto. — Porra, eu pensei que meu coração fosse explodir. Eu pensei que eu fosse morrer cada vez que qualquer um desses filhos da puta ousaram olhar pra você, gata, porque... caralho, eu não conseguia, eu não

consigo, na verdade, pensar em dividir você com mais ninguém.

Meu coração estava derretendo e queimando ao mesmo tempo.

Eu achava que a ciência explicava tudo, mas, por Deus, aquilo era uma sensação única.

Benjamin começou a mover a cabeça de um lado para o outro, negando.

— Eu não consigo. Não consigo imaginar, não consigo pensar em você com mais ninguém, Chiara — falou no meu ouvido. A respiração quente me fez estremecer.

Ele traçou uma trilha de beijos, até que os lábios estivessem de volta aos meus.

Nós dois gememos juntos quando ele me pressionou ainda mais contra a parede e eu senti sua ereção contra mim. Eu estava pulsando. Muito. Por ele.

— Benjamin — murmurei, apertando ainda mais seus cabelos por entre meus dedos enquanto sua boca possessiva tomava a minha.

E novamente eu não estava reclamando.

Sinceramente, eu jamais reclamaria que seus lábios tomassem posse dos meus.

— Você precisa me parar — avisou, afastando-se um pouco. — Você precisa me parar agora, Chiara. Ou eu não vou conseguir me controlar.

Ben colou a testa na minha. Nossas respirações ofegantes se misturavam.

Seus dedos ainda pressionavam a carne da minha bunda e aquilo era tão bom. Eu não sabia o que fazer nem o que dizer.

Ele estava com ciúmes de mim, e eu estava desejando beijá-lo outra vez. Agora, eu acho que muito mais que beijá-lo.

Mas e se isso estragasse tudo?

— Não sei o que fazer — confessei com a voz falhando.

Ben balançou a cabeça em negativa, como se não fosse essa resposta que estava esperando. Como se ele realmente precisasse que eu dissesse para que me deixasse sair.

De maneira alguma eu seria capaz disso agora.

Assustada, foi a minha vez de puxá-lo para um beijo.

Diferente dessa vez. Menos brutal.

O beijo encontrou um ritmo lento e sensual ao mesmo tempo. Nossas línguas se encontraram, nossos gostos se misturavam, nossos sons.

Eu não sabia como seria quando nos afastássemos, então evitei isso. Beijando-o ainda mais.

— Eu acho que você vai ser a porra da minha perdição, Chiara — ele murmurou contra meus lábios.

Eu não queria ouvir aquilo, porque eu sabia que existia uma enorme chance de ser verdade. E da pior maneira possível.

Então, eu o beijei outra vez.

E mais outra. E mais outra. Até que nosso fôlego estivesse no fim. Seus lábios voltaram para meu pescoço e a sensação era tão boa que eu podia simplesmente me perder ali para sempre. Benjamin pressionou seu corpo contra o meu outra vez e me esfreguei contra ele.

Era algo que eu não podia controlar.

Muito mais forte que eu.

Benjamin apertou minha cintura um pouco mais forte, depois espalmou uma das mãos em minha bunda, prendendo nossas pélvis ainda mais.

Arfei sentindo sua extensão e eu sentia que precisava desesperadamente de alguma coisa.

Dele.

Nunca tinha sentido uma coisa como aquela antes.

Benjamin havia pedido que eu o parasse, mas eu não seria capaz. Eu não queria parar aquilo.

Não mesmo.

Contrariando tudo que eu queria, nos assustamos quando ouvimos risadas e uma conversa alta vindo de perto da sala onde estávamos. O som não foi passageiro. Um grupo de garotas havia parado por ali. Acho que não devia ser estudantes da Walker e pareciam um pouco alteradas pela bebida. Ben afastou os lábios dos meus, dando um beijo no meu ombro.

E mais outro, e mais outro.

Então, contra a sua vontade, ele começou a me pôr de volta no chão, mas sem me soltar de verdade. Ele rodeou minha cintura com seus braços, mantendo-me ali presa a ele.

Eu não queria sair. Da mesma maneira que não queria que tivéssemos parado. Também não queria que precisássemos falar nada.

Entretanto, diferente do primeiro beijo, não havia uma única parte lógica que conseguisse explicar a minha mente o que havia acabado de acontecer.

Benjamin me beijou.

Eu o beijei.

Isso tinha que dizer alguma coisa.

— Isso foi... uau! — exclamei, sentindo seu corpo tremer um pouco em uma risada.

Benjamin segurou meu queixo, forçando-me a encará-lo.

Seus olhos estavam brilhando e as pupilas dilatadas.

Foi a primeira vez que alguém me olhou daquela maneira, e eu gostei.

— Sim. Muito Uau! Muito mesmo. — Ele colou nossos lábios outra vez. Foi um beijo rápido, mas que fez meu coração bater forte no peito. — E agora?

— Essa é uma boa pergunta. — Benjamin riu com a resposta.

— Eu já disse, gosto de você, gata. Está nas suas mãos.

Estremeci um pouco com essa possibilidade.

Meu coração errou uma batida. Ele gostava de mim?

Não.

Ele não podia e nem devia gostar de mim.

Muito menos eu deveria gostar da sensação de ouvir aquelas palavras.

— Na verdade, não foi isso que você disse — provoquei, com um sorriso começando a nascer em meu rosto. — Você falou que estava com ciúmes. Acho que você só não gosta de dividir minha atenção.

Era isso. Muito mais seguro e saudável pensar daquela maneira. Ele não tinha nenhum motivo para gostar de mim.

Ben deu um beijinho no meu nariz.

— Eu disse que estou morrendo de ciúmes, na verdade. Eu poderia quebrar a cara de todos os filhos da puta que olharem pra você — ele brincou com a mão passeando em minha cintura. A sensação era muito boa.

E meu coração gostava daquilo.

Eu não podia gostar daquilo da mesma maneira que Benjamin Davis não podia gostar de mim.

Balancei a cabeça em negativa, desviando meu olhar do seu.

— A gente não precisa decidir nada agora — falou, entrelaçando uma de suas mãos a minha. — Amigos se beijam, e sentem tesão um pelo outro. A gente podia só aproveitar isso — ele sussurrou, passeando os lábios em meu ouvido e fazendo com que meu coração derretesse no mesmo instante em que meu corpo queimava.

Essa era uma nova experiência.

Deixar rolar.

Não era uma ideia ruim. Benjamin veria que tudo que ele achava que sentia por mim na verdade era tesão. Eu aproveitaria um pouco com ele.

No final, nós dois sairíamos ilesos.

Ele, voltando a transar com todas as garotas que quisesse, e eu poderia voltar à minha rotina de sempre.

Os lábios de Benjamin roçaram em meu pescoço, e eu soltei um gemido, apertando meus dedos em seu braço, precisando de apoio para que minhas pernas não cedessem.

— A gente pode fazer isso sem que as pessoas saibam? — questionei baixinho.

Seu corpo ficou tenso por alguns instantes, então ele beijou meu pescoço outra vez.

— Não sabia que você tinha vergonha de mim, gata. — O tom parecia leve, mas dava para notar que ele realmente havia ficado magoado com a ideia.

— É só que nós somos amigos das mesmas pessoas, e quando isso deixar de funcionar, pode ser estranho — confessei.

Seria mesmo.

Muito estranho.

— Tudo bem — concordou, dando um beijo rápido em meus lábios.

— Então vai ser uma coisa casual. Sem compromisso e com calma. Nós sabemos que isso é uma coisa sem futuro, só... desejo, sabe? Se as coisas ficarem estranhas, a gente para. — Olhei para ele séria, sem deixar margem para dúvidas, de que eu estava falando sério.

— Como eu disse, isso pode ser do jeito que você quiser, Chiara. Desde que não envolva a minha garota inteligente beijando nenhum outro cara enquanto estiver comigo. Ou olhando para eles. Nem mesmo eles olhando pra você.

Eu sorri para ele, passando o indicador por seu maxilar.

— Você fica fofo com ciúme, Davis.

Benjamin pegou meu dedo dando um beijo na pontinha dele.

— Você acha fofo? — perguntou, e eu balancei a cabeça de maneira afirmativa. — Vou te mostrar que não tem nada de fofo aqui, gata.

Então, seus lábios estavam sobre os meus outra vez. E Benjamin estava certo, não havia mesmo nada de fofo nele.



Benjamin Davis estava com ciúmes de mim.

Isso é loucura. Sério.

Ele tinha me beijado.

De novo, e de novo e de novo.

Meu Deus.

Era óbvio que essa seria uma condição que mudaria em algum momento. Benjamin Davis ia cansar de mim e voltar a ser o mulherengo de sempre, mas até lá, ele estava com ciúmes de mim e queria ficar comigo.

E caramba, eu realmente estava feliz com aquilo.

Assustei-me quando meu celular vibrou ao meu lado na cama.

— O que você está fazendo? — perguntei, pondo os fones no ouvido e jogando o cobertor sobre minha cabeça para que Leighton não me visse conversando por vídeo com o Benjamin.

Ele estava sem camisa, deitado em sua cama, com o celular apoiado em um monte de livros para evitar que caísse. Não conseguia ver mais nada já que estava escuro também.

— Ligando para a minha amiga que me beija — disse simplesmente, sorrindo em seguida.

Que merda.

Meu coração bateu um pouquinho errado.

Meu Deus, ele ia me matar.

— A Leigh está aqui — sussurrei para que minha amiga não ouvisse.

Quando ela veio para o dormitório depois do turno na lanchonete, eu pensei que saberia na hora o que Benjamin e eu tínhamos

feito. Estava com medo de que ela percebesse assim que seus olhos perspicazes sondassem meu rosto que alguma coisa estava diferente.

Foi assim também quando eu transei pela primeira vez.

Quando eu desci para o café da manhã, toda vez que meus pais me olhavam meu coração tremia de pavor de ser descoberta, como se estivesse escrito em letras garrafais na minha testa que eu não era mais virgem. A pressão em minha mente foi tanta que pouco depois eu contei ao meu pai. Não conseguiria viver em paz com aquele medo me corroendo. Principalmente, o medo de decepcioná-los.

— Eu sei. E não estamos fazendo nada demais. Só estava com saudade dessa sua boca.

Mordi o lábio com vergonha.

Eu sabia que o Benjamin era ótimo em cantadas baratas, mas agora que nós havíamos nos beijado era diferente. Metade de mim acreditava que as palavras eram verdadeiras, e a outra torcia para que não fossem.

— Você não devia falar essas coisas — reclamei, mesmo com meu coração derretido no peito.

Mesmo querendo que ele continuasse a ser fofo comigo.

— Com quem você está falando, Chi? — Leigh perguntou, e eu pus o indicador em frente aos lábios, pedindo que Benjamin ficasse em silêncio.

— Com ninguém. — Mantive o celular debaixo das cobertas e descobri o rosto para vê-la. Leigh estava penteando os cabelos antes de se jogar na cama. — Eu coloquei uma série pra ver. Jane a Virgem. Ela é uma burrinha às vezes, e eu só estava reclamando com ela.

— Ah — falou, se jogando no colchão. — E o Owen? Nem tivemos chance de fofocar. — Ela virou o corpo em minha direção. — Ele te beijou?

— *É Chiara, conta pra ela se aquele filho da puta te beijou quando eu não estava olhando — Benjamin falou, e eu queria matar minha amiga.*

— Eu... Ele... Não — confirmei, por fim, ouvindo a respiração aliviada do Benjamin.

— *Que bom, pelo menos não vai ter outro Davis quebrando a cara de mais um colega de time do meu irmão — Benjamin falou.*

— Que pena. — Parecia mesmo desolada. — Owen estava tão cheio de atenção pra cima de você hoje. Madison tinha certeza de que ia rolar alguma coisa. Não que eu acredite que você precisa ficar com alguém, mas seria bom. Até porque te ajudaria a tirar o beijo do Davis da cabeça também.

Eu juro que amigas podiam ser uma maldição.

— *Agora o papo ficou bom — Benjamin respondeu do outro lado.*

— Eu não estou com beijo de ninguém na cabeça, Leighton — grunhi, nervosa.

— *Tem certeza de que não? — Ben pressionou.*

— Tá, desculpa! — Leigh ergueu as mãos como se dissesse que estava tudo bem. — É só que você disse que...

Forcei um bocejo antes que eu tivesse que atirar minha amiga pela janela do quarto.

— Vamos dormir? Tô com sono. Podemos conversar amanhã — pedi. Leigh apertou os olhos em minha direção.

— Agora que o papo estava ficando bom? — Benjamin falou, e pelo sorriso que dava para notar em sua voz, estava claro o quanto se divertia com a situação.

Bufei para ele.

— Amiga, você está bem?

— Humrum — garanti. — Muito bem. Só cansada. Tenho certeza de que vou ter pesadelo com números. Boa noite, Leigh. — Soltei um beijo para minha amiga, voltando a cobrir meu rosto e ficando de frente para a parede enquanto ajustava o celular de maneira que o brilho da tela não incomodasse minha amiga.

— Então quer dizer que o beijo não saiu da cabeça? — Benjamin sorriu.

De verdade.

Não era um daqueles sorrisos cheios de soberba. Ele parecia ter gostado mesmo de ouvir aquilo.

— Não é bem assim — comecei.

— Tudo bem, Chiara. Não é todo dia que você beija um deus da Walker, embora, por mim, poderia ser sim — piscou em minha direção —, e só pra você saber, eu não consegui esquecer aquele beijo também. Eu juro que era a única coisa sobre a qual eu conseguia pensar. Agora, pelo menos, eu tenho outro. E, em breve, com sorte, terei mais.

Eu suspirei.

Ele conseguiu provar que não era um fofo quando se tratava de beijos, mas, caramba, ele conseguia derreter qualquer iceberg com suas palavras.

Nós tínhamos trocado apenas dois beijos.

Dois!

Se continuasse assim, esse garoto seria a minha perdição.

— No que você está pensando? — quis saber.

Neguei com a cabeça.

— Só que está tarde. Devíamos ir dormir.

Benjamin ficou em silêncio um pouco.

— Eu te disse que tenho dificuldade para dormir, lembra? — Eu assenti. — Queria saber se você se importaria de ficar comigo aqui. Acho que vai me ajudar a pegar no sono. Você me acalma. A noite que dormi com você foi a mais fácil da minha vida.

Ele pareceu meio desconcertado, como se não quisesse assumir aquela fraqueza.

— Posso — falei, ignorando aquela voz em minha mente gritando para que eu estabelecesse limites e que contrastava com as borboletas dançando em meu estômago. Benjamin alargou o sorriso em seu rosto, e, meu coração afundou um pouco no peito. — Me conta como foi o seu dia — pedi.

E ele começou a falar. A me fazer rir. A contar histórias de quando era mais novo. Aos poucos nossos olhos foram pesando e sua voz foi ficando mais distante. E mais distante.

Antes de dormir de vez, eu olhei para a tela do meu celular. Benjamin já ressonava baixinho em paz.

Nós tínhamos combinado que seríamos amigos que beijam, e eu precisava manter o controle sobre isso, porque eu descobri correr sérios riscos de me apaixonar por Benjamin Davis, e isso seria catastrófico.

Capítulo 19
Benjamin



Capítulo 19 – Benjamin

Para ser sincero, eu tinha certeza de que Chiara mudaria de ideia assim que nos encontrássemos novamente depois do beijo. Eu estava pronto, inclusive, a não permitir que isso acontecesse e já havia listado uma quantidade provável de contra-argumentos.

Entretanto, para a minha surpresa, não foi necessário. Nós nos encontramos no *Women's*, no meu pré e pós-jogo, entre uma aula e outra e, no fim, sempre havia um ou vários momentos com ela.

E eu estava feliz com isso.

Nós ainda não tínhamos transado. Na verdade, nem chegamos a conversar a respeito. Ela tinha pedido calma, e eu estava disposto a esperar até que ela estivesse pronta para isso.

— Você tem que prestar atenção, Davis. — Chiara estalou o dedo na frente do meu rosto.

— Desculpa, é que você me distrai um pouco — devolvi, olhando para seus lábios.

Tínhamos combinado que todos viriam aqui para casa e assistiríamos ao jogo do Lakers com o Chicago Bull. Seria o melhor jogo da temporada. Chiara chegou um pouco mais cedo, logo após um dos seus grupos de estudo ter sido cancelado. Andrew tinha saído há uns cinco minutos para buscar a Leigh em seu turno, Jackson estava no quarto e Madison

chegaria a qualquer momento, provavelmente com Malcon.

— Foco, Davis. — Estávamos assistindo a uma reportagem sobre a vida de LeBron James. O segundo melhor jogador de basquete da história, perdendo apenas para Jordan.

A matéria em si tinha foco em como sua vida foi mudada através do basquete. Sua mãe o teve com dezesseis anos e o pai nunca quis saber da criança. O cara veio de uma das regiões mais pobres dos Estados Unidos e, depois de ganhar uma bola da mãe, acabou se revelando um grande astro.

— Você tinha pensado em fazer isso? — Chiara perguntou, assim que um dos apresentadores contou sobre LeBron não ter passado pela universidade, indo direto para o Draft, em 2003.

— Sinceramente, sim. — Puxei suas pernas, pondo-as em meu colo e começando uma massagem. Chiara soltou um gemido de satisfação que mexeu diretamente com meu pau. Nenhum de nós chegou a levantar a questão sexo, embora quisesse demais comer aquela bunda. Acredito que aconteceria de uma maneira natural, levando em conta a maneira como as coisas iam entre nós.

— E por que não tentou direto? Você teria chances, sem dúvida.

Sorri, descendo minhas mãos para a panturrilha da garota.

— Acha mesmo? — quis saber.

— Você não? — Chiara franziu a testa, me encarando com seriedade. — Sem a menor dúvida você é o melhor jogador do time universitário. Podia estar ganhando rios de dinheiro agora.

— Acho que eu não tentaria pela minha mãe — expliquei, subindo um pouco mais a mão até chegar ao seu joelho. — Ela sempre dizia que queria nos ver formados e pendurar nossos diplomas em sua sala. — Chiara sorriu e meu coração afundou no peito outra vez, como sempre acontecia quando falávamos dela. Chiara encostou a mão em meu braço, lembrando-me de que estava ali e que tudo ficaria bem. — Acho que eu só quis seguir os planos dela. E de qualquer forma, eu não estava preparado para seguir em um mundo adulto demais e com tantas responsabilidades ainda. Eu acho que é importante vivermos nossas fases.

— Concordo com você — ela disse, acariciando meu braço com os dedos e fazendo com que meu corpo continuasse a responder aos seus estímulos.

— E sabe de uma coisa? — Puxei um pouco suas pernas até que Chiara estivesse um pouco mais ao meu alcance. — Se eu tivesse ido direto para o Draft, não estaria aqui agora, com você. E, sendo sincero, eu prefiro isso.

Devagar, desci meu corpo até meus lábios estivessem sobre o dela. Era para ser um beijo rápido. Chiara estava interessada na reportagem. Mas foi impossível parar depois de termos começado.

Ela segurou os fios de minha nuca com força, abrindo mais os lábios para me dar mais acesso à sua boca e suspirou quando conseguiu o que queria. O beijo de Chiara era quente e macio ao mesmo tempo. Sua boca se movia de maneira ávida sobre a minha. Passei os braços ao seu redor, brincando com um pedaço de pele de suas costas.

Ela suspirou, e eu continuei.

Explorei sua cintura e fui subindo os dedos até encontrar a borda do seu sutiã. Meu coração bateu um pouco mais forte e eu esperei até ter certeza de que ela não queria que eu parasse. Chiara não reclamou, muito pelo contrário, passou as unhas pela minha nuca. Pressionei seu seio por cima do tecido mesmo, e Chiara arqueou o corpo em minha direção.

— Davis — murmurou.

Eu não sabia se ela queria que eu parasse ou continuasse. O meu corpo estava implorando por um pouco — ou muito — mais. Desci a boca dos seus lábios, começando a beijar seu pescoço e, em seguida, sua mandíbula, seu colo. Suas mãos continuavam pressionando minha nuca enquanto ela soltava gemidos com a respiração entrecortada.

Passei a mão, com cuidado, pelo seu sutiã, entrando em contato com a pele dos seios.

Caralho.

CA. RA. LHO.

Eu podia simplesmente gozar agora.

Belisquei o bico, vendo Chiara jogar a cabeça um pouco para trás.

— Eu não vejo a hora de poder chupar esses peitos, gata — murmurei em seu ouvido. — E de fazer outras coisas que me fariam ser preso em países conversadores. Mas, como seu amigo que está doido pra comer você, preciso saber se você já tem alguma experiência nessa área. — Ergui um pouco o rosto para que ela pudesse me ver.

Chiara mordiscou um pouco o lábio como se tentasse não rir.

— Essa é a forma de você me perguntar se eu sou virgem? — perguntou, com a voz baixa, carregada de tesão também.

— Sim. Porque, eu sei que vai ser bom pra caralho quando acontecer. E se você soubesse as coisas que quero fazer com você, gata... — Desci um pouco meu rosto, dando um chupão em seu pescoço. Chiara ergueu um pouco o corpo de encontro ao meu. — Porém, se for a sua primeira vez, eu quero que seja especial pra você.

Ela sorriu de verdade.

— Eu já fiz isso antes. — Ela passou o indicador em meu nariz. — E mesmo que não seja a minha primeira vez, eu sei que vai ser especial.

Diferente de muitos caras por aí, eu não tinha preferências por garotas virgens. Se nós podíamos nos divertir, nada mais justo que elas se divertissem igualmente. Contudo, se esse amasso no sofá fosse acabar em algo mais, eu não queria que a lembrança de sua primeira vez fosse em um sofá velho. Eu queria oferecer a ela tudo que uma primeira vez merecia.

— Disso eu não tenho dúvidas, gata. Porque depois que você gozar chamando meu nome, vai ser a única coisa na qual vai pensar — garanti, mordendo seu queixo. — E aí, você vai querer meu pau em sua boceta todos os dias.

Senti quando ela apertou as penas e ri, com o rosto ainda colado nela. Beijei o ponto bem abaixo do seu ouvido, e ela estremeceu um pouco.

— Você não tem o hábito de ficar com a mesma garota — comentou, soltando o ar com força, quando eu apertei os seios outra vez.

— Eu sei. E isso vai ser um tormento para nós dois.

Pressionei um pouco meu corpo sobre o dela e Chiara passou a perna por minha cintura, fazendo com que nossos corpos ficassem mais próximos.

Não tinha certeza de qual era sua intenção, mas ela arqueou a cintura, fazendo com que sua boceta se aproximasse do meu pau. A fricção dos tecidos me fez soltar um gemido.

— Eu juro por Deus que você vai me deixar maluco, garota. Eu tô duro pra caralho por você — sussurrei em seu ouvido.

Totalmente perdido em seu corpo, seu toque, e nas milhares de sensações, meus dedos começaram a roçar a barra da calça que ela usava. Sua respiração ficou mais intensa. Afastei meu rosto do seu corpo um pouco, apenas para tentar entender através do seu olhar o que ela queria.

Os lábios estavam entreabertos e os olhos fixos nos meus.

Ergui um pouco o tecido de sua camisa, apertando sua cintura. Chiara soltou o ar com força se remexendo outra vez embaixo de mim.

Meu pau estava implorando por aquilo.

— Eu queria muito, muito mesmo, que você tivesse escolhido um vestido para hoje — murmurei, lambendo uma parte da cintura. — Porque eu queria muito mesmo, enfiar meus dedos em você agora só para saber o quanto você está molhadinha pra mim, gata.

— Benjamin. — Sua voz era quase uma súplica e Chiara apertou um pouco as pernas, como se tentasse encontrar algum alívio, e eu sorri.

Ainda sem desviar os olhos dela, abri o primeiro botão da calça. Ela apenas respirava intensamente me encarando em expectativa. Abri o zíper, deixando o tecido um pouco mais folgado. Devagar, comecei a brincar com os dedos na ponta do tecido de sua calcinha. Chiara fechou os olhos soltando um suspiro.

— Davis, abre a porta. — A voz da Mad nos paralisou.

— Filha da puta — resmunguei, olhando para Chiara que pressionou os dentes nos lábios, tentando esconder um sorriso. — O quanto você gosta dela? Podemos mantê-la lá fora.

— Não ia adiantar. Andrew e Leighton vão chegar a qualquer momento. — Ela fez uma careta, e foi a minha vez de soltar um gemido, mas de frustração. Eu realmente achava que ela queria isso tanto quanto eu.

Antes de sair de cima do seu corpo, consegui roubar mais um beijo rápido. Levanteime, tentando arrumar a calça moletom que vestia e esconder a visível ereção. Antes de abrir a porta, olhei para a minha garota para ter certeza de que ela estava composta.

Eu preferia quando não estava.

— Eu vou morrer. É isso — Madison decretou, entrando em casa e seguindo até o sofá onde se jogou de maneira teatral, como se soubesse exatamente que esse era meu pensamento a seu respeito instantes antes.

— Alguém já sabe onde encomendamos um caixão de ouro cravejado em diamantes? — brinquei.

— Benjamin? — Chiara chamou minha atenção, fazendo careta.

— É só uma brincadeira — me defendi, abrindo minhas mãos em frente ao corpo e tentando pensar em qualquer coisa que ajudasse meu pau a ficar mole outra vez. Mas era difícil tendo em vista que Chiara estava ali. O corpo quente e gostoso no qual minhas mãos estavam, segundos atrás. — Mas conte, princesa, o que a aflige.

Sentei no chão, ponto uma almofada sobre a minha virilha.

— Não estou para brincadeiras, Davis. Nem um pouco. — Madison suspirou. — Eu só queria ter a chance de enforcar quem inventou a química. Vocês acreditam que eu tirei um C-? A gente devia fazer universidade para evoluir na vida, não para termos um certificado de burrice. Isso é o que já ganhamos no high school.

Chiara riu.

— Você não é burra, amiga. Para com isso — ela disse, dando um beliscão na perna da amiga. — O professor vai dar a chance de algum trabalho extra?

— Vai, e eu vou tirar um F.

— Não vai, Mad. — Chiara jogou os cabelos da amiga em frente ao rosto para tentar fazê-la rir. — Eu vou te ajudar, prometo. No mínimo vamos aumentar a nota para um B+. Mas eu acredito que você consegue um A.

Madison encarou a amiga com os olhos brilhando de esperança.

— Tem certeza de que você vai me ajudar?

— Prometo. — Chiara ergueu o dedinho mindinho para Madison que pareceu emocionada com o gesto.

— Não acredito que consegui fazer com que você jurasse de mindinho, amiga. — Ela sorriu, grudando o dedo ao da amiga. — Sério, estou orgulhosa de você.

Chiara rolou os olhos, beijando a testa da patricinha que já tinha uma expressão bem melhor.

— Não acredito que vocês vão me fazer perder um dia para assistir ao jogo. Em casa. Podíamos pelo menos ter ido ao estádio.

— Você é a única dona de um castelo aqui, princesa. — Deu um puxão leve em seu cabelo, ganhando um tapa na mão.

— Cadê a Leigh? — perguntou, olhando em direção à escada.

— No *Women's*. O Andrew acabou de sair para buscá-la. — Comecei a tirar os livros que estavam abertos de cima da mesinha de centro.

— E vocês estavam aqui sozinhos? — Mad ergueu uma sobrancelha para Chiara, e eu fingi não notar.

— Sim. Começou uma reportagem antes do jogo que eu queria muito assistir. — Chiara apontou com o rosto em direção à televisão onde a matéria agora falava sobre os pontos altos da carreira do jogador.

Madison conseguiu a atenção de Chiara, e elas ficaram conversando por algum tempo. Eu, furtivamente, volta e meia olhava para a garota outra vez, relembrando o que quase fizemos instantes antes.



— Tenho certeza de que o jogo de hoje vai ser do Bulls — Andrew falou, abrindo sua garrafa de cerveja.

— Sinto muito, mas você vai se frustrar, Andrew — Chiara comentou, enfiando uma batatinha na boca. — O jogo é do Lakers, sem sombra de dúvida.

— O Bulls está fazendo uma boa campanha esse ano e está jogando em casa. Dá uma certa vantagem — explicou.

— Isso significa que quando você for jogar fora da Walker já estará se preparando para a derrota, bonitão? — A Mad ergueu uma sobrancelha para meu irmão.

— Não, porque o time tem a mim e ao Malcon. — Andrew deu de ombros.

— Ai, meu Deus, seu ego é tão grande Davis. — Mad rolou os olhos para ele. — Se eu pau for tão grande quanto, pelo menos a Leigh está feliz.

— Madison — Leigh ralhou com a amiga, mas pelo sorriso que deu, sem dúvidas aquele já tinha sido um tópico de conversa entre as garotas.

— Desculpa, irmão. Mas estou com a Chiara nessa. Sem sombra de dúvidas, o jogo hoje é dos Lakers — garanti, virando-me para olhar em direção ao som de passos que vinham da escada.

Jackson entrou na sala, muito bem arrumado. Vestia uma camisa social com as mangas dobradas, calça jeans bem alinhada e um sapato preto tão lustrado que eu conseguia enxergar meu próprio reflexo. Além disso, estava cheiroso demais.

— Tá tentando conquistar o coração de alguma das garotas, gostosão? — Malcon olhou para ele de cima a baixo.

— Não vou assistir com vocês — falou, passando a mão pelo cabelo.

— Aonde você vai? — Andrew quis saber, encarando-o com uma expressão preocupada.

— Tenho um compromisso hoje. Não vou dormir em casa — informou, sucinto, deixando claro a falta de disposição em dar mais informações.

— Jackson...

— Deixa o garoto, Davis — Madison interrompeu, jogando uma almofada em Andrew. — Não seja chato.

— É, deixa o garoto, Davis, não seja chato — Malcon imitou, e recebeu um dedo do meio para ele. — Precisa da chave?

Jackson negou, se despedindo em seguida. Meu irmão ainda tinha um vinco de preocupação na testa.

— Vai começar. — Madison bateu palmas, mudando de lugar e se sentando em frente à televisão com as costas apoiadas no sofá. Chiara escolheu o lugar ao lado da amiga e eu o espaço mais próximo a ela.

Leigh deu um beijo na testa do meu irmão, aconchegando-se sobre seu peito no sofá.

— Seu irmão está bem, para com isso — sussurrou.

Andrew respondeu alguma coisa, aumentando o volume da TV para que nos concentrássemos no jogo, mas eu sabia que no fundo, ele ainda passaria um bom tempo preocupado com o paradeiro do Jackson.

O jogo começou emocionante.

O primeiro quarto foi dominado pelos Lakers. A parcial foi de 31 a 20. E mesmo com a vitória no quarto, foi o jogador do Bulls, o Vucevic, quem se destacou marcando 15 dos

20 pontos do time. O segundo quarto marcou a reação do Bulls, pontuando 59 a 51 quando o intervalo teve início.

— Te disse que o jogo era nosso — Andrew se gabou, dando um leve puxão no cabelo da Chi, que deu um tapa em sua mão.

— O jogo não acabou, Andrew — respondeu, fazendo uma careta para meu irmão. — Nós vamos vencer. Nós temos o LeBron.

— Uma pizza para quem perder — Leighton sugeriu, animada.

— Nós vamos ganhar, amor. — Meu irmão deu um beijo em sua bochecha.

— Na verdade, não tenho uma opinião formada. Estou pela comida. — Deu de ombros.

— Eu voto com a Chi. Quando o assunto for hóquei, aposto com você ou com o Malcon bonitão.

A discussão continuou animada até que o intervalo chegasse ao final e o terceiro tempo começou para o sofrimento do meu irmão que tinha comemorado cedo demais.

O terceiro quarto começou bem para os Lakers que encerraram o tempo em 85 a 76. E mesmo contra todas as possibilidades, meu irmão ainda estava confiante. Enfim, o time visitante continuou marcando forte e dominou o último tempo através do comando de LeBron. O placar final decretou a vitória do time de Los Angeles por 121 a 110.

— Acho que nunca vou comer uma pizza tão saborosa hoje — Chiara falou, levantando-se e cruzando os braços em frente ao meu irmão. — Nada como vencer um Davis.

— Afrodite, sou totalmente a favor de que você troque de amigas — meu irmão disse, dando um beijo no ombro da namorada.

— Pizza com sabor de vitória — continuou provocando.

Eu sorri.

Gostava mesmo daquela garota.



Capítulo 20
Chiara

Capítulo 20 – Chiara

Entrei na sala do laboratório com um enorme sorriso no rosto. Eu estava gostando dos meus últimos dias e ainda assim sendo responsável com meus próprios objetivos pessoais.

A verdade era que eu estava mais feliz nos últimos dias do que tinha sido durante todos os meus anos de vida.

Talvez o mais perto de uma garota da minha idade que eu já tenha sido.

Quando Benjamin Davis e eu nos beijamos pela segunda vez, tínhamos combinado que seria algo casual e que não atrapalhasse nossa vida. Estávamos conseguindo.

Também sabia que alguns amassos evoluiriam para sexo.

E quase fizemos isso no sofá da casa dele com o Jackson no andar de cima e a possibilidade de não ter sido Madison a bater à porta, mas de Andrew tê-la aberto e nos dado um flagra.

Teria morrido de vergonha.

Mas foi bom.

A minha primeira vez não foi nem perto daquilo. Completamente sem emoção. Ele só me beijou e contou que ficou vendo fotos de mulheres nuas na internet até que eu chegasse.

Depois, tentou ser cuidadoso quando entrou em mim. Doeu pra caramba quando meu hímen rompeu, e eu achava que gozar era

superestimado demais. Nós não demoramos muito. Talvez todo processo tenha durado uns quinze minutos. Depois eu só vesti minhas roupas e corri de volta para casa.

Com Benjamin eu senti coisas completamente diferentes.

Só com um beijo ele conseguia me fazer sentir sensações gostosas por cada parte do meu corpo e senti um repuxe tão gostoso que eu realmente achei que poderia chegar lá só com o Davis me tocando.

Talvez gozar não fosse tão superestimado assim, e a Mad estivesse certa no final das contas. Talvez eu só precisasse do cara certo... da conexão certa, na verdade.

Porque o Ben não era o cara certo.

Ninguém seria.

Jamais conseguiria arrastar alguém para o limbo junto comigo.

— Atrasada, Chiara — a senhora Ball falou, assim que passei pela porta. Eu estava cinco minutos atrasada. Em geral eu chegava antes de hora, então devia ter bastante tolerância na casa.

— Desculpe, senhora Ball. Meu despertador não tocou e eu acabei perdendo a hora e...

— Não quero ouvir suas desculpas. Quero que chegue na hora. — Ela parecia brava hoje. Em geral não agia de maneira tão dura.

A senhora Ball empurrou os óculos que usava com o indicador para que se ajustasse ao rosto de maneira correta.

— Sim, senhora — murmurei, começando a me encaminhar para a cadeira que costumava sentar.

— Chiara — chamou outra vez. — Estamos analisando seus resultados há algum tempo e apesar de você ainda ser uma aluna do primeiro ano, conversamos com seu mentor e chegamos à conclusão, junto com a reitoria da universidade, de que sua pesquisa já está apta para ser aplicada em seres vivos.

Eu estanquei no lugar sem conseguir me mover. Nem mesmo um pequeno músculo. Aliás, nenhum neurônio parecia funcionar corretamente.

— Estamos indo para a próxima fase? — perguntei, perplexa.

— Parece que foi isso que eu acabei de te dizer, ou estou falando em grego?

Eu queria sorrir. Queria muito.

Queria gritar, correr por todo esse campus.

— Sim. Exatamente isso, professora. — O sorriso que Chi podia partir meu rosto ao meio, sem dúvida.

— Quero que você repasse suas pesquisas de maneira minuciosa. Quanto menos erros, melhor.

— Sim, senhora — concordei. Tentando conter minha animação.

Quase flutuando, me aproximei da bancada onde meus colegas estavam.

— Parabéns. — Lauren bateu palminhas animadas jogando os braços ao redor do meu pescoço.

— Obrigada. Obrigada. Obrigada — respondi, sorrindo.

Era impossível conter minha felicidade.

— Animada? — Simon perguntou, enquanto eu pegava meu jaleco para vestir.

Ele girou em sua cadeira ao lado do microscópio onde, instantes antes, analisava as células cancerígenas do seu experimento.

— Muito. — Sorri, sentindo que as coisas estavam realmente dando certo. — É uma sensação, de fato, indescritível. Não imaginei que esse dia chegaria tão cedo.

— Eu sei. Senti o mesmo quando começamos os meus testes. — Simon segurou meu braço, dando um enorme sorriso em minha direção.

— Estou feliz mesmo por você, Chiara. E torcendo para que tudo dê certo. — Lauren parou ao lado do Simon.

— Obrigada, de verdade. A vocês dois. Eu sei que sem o apoio de vocês eu não estaria aqui agora. — Senti meus olhos se encherem de lágrimas. Uma vida dedicada a um momento que finalmente poderia se tornar realidade.

— Você chegou aqui por causa dos seus esforços e do seu talento. Tenho certeza de que vai chegar ainda mais longe — Simon garantiu.

Mas eu não menti.

Era a mais nova no laboratório e fui a primeira aluna do primeiro ano liberada a fazer parte de algum projeto dessa magnitude. Fiquei com medo de que os dois me vissem como uma concorrente privilegiada antes de me enxergarem como uma colega que também tinha uma enorme vontade de mudar o mundo através da ciência, mas eles foram incríveis comigo, me auxiliando em tudo que eu precisei.

Logo, sim. Sem todo o apoio deles, eu não teria chegado aqui.

Sem eles e sem o doutor Harris. Ele acreditou em mim mais do que qualquer outra pessoa, e eu precisava ligar para agradecê-lo.

Foi ele quem cuidou de mim de forma tão incrível nos últimos anos. Mais do que qualquer outra pessoa, eu devia tudo a ele.

Quando eu contei sobre uma ideia que tive, que consistia em alterar os genes defeituosos do corpo humano, ele não me olhou querendo saber se eu havia enlouquecido como a minha mãe. Muito pelo contrário. Ele me disse que havia algumas pesquisas em andamento e me encheu de artigos para ler pedindo que eu marcasse todas as minhas dúvidas.

Aquele homem manteve para além do meu corpo vivo, ele conseguiu me tornar mentalmente sã.

— Por aqui, temos progresso — Simon informou. — Quer dar uma olhada? — Apontou para a lâmina em seu microscópio.

— Claro.

Simon se afastou um pouco para que eu pudesse analisar seus avanços.

— Essa é a célula que você modificou? — perguntei, observando a imagem que a lâmina produzia para mim.

— É sim! — Não precisava vê-lo para saber o quão emocionado estava.

— Meu Deus! — Tirei os olhos do microscópio. — Sua pesquisa está funcionando.

— Olha isso. — Ele mostrou as anotações no tablet que foram inseridas pela nossa professora, apontando para uma linha específica.

— A doença apresenta regressão até a presente data — li em voz alta. — Isso é incrí-

vel. Nossa, eu estou muito orgulhosa mesmo de você.

Nós nos abraçamos.

O Simon tinha, assim como eu, os motivos pessoais que o levaram a escolher a terapia gênica como estudo. Seu avô havia morrido de câncer de próstata anos atrás, por puro medo que os homens tinham de realizar a consulta. Seu pai tinha sido diagnosticado com câncer também, mas colorretal. Felizmente, foi diagnosticado a tempo para que o tratamento fizesse efeito.

Por medo, seus pais resolveram realizar nele um teste genético e apontou positivo para tumor. Depois de acompanhar o processo do avô e do pai, ele começou a estudar maneiras de tentar, ao menos, conseguir impedir a progressão do tumor.

Ainda era um estudo. Uma possibilidade.

Algumas pessoas já haviam passado pelos experimentos e conseguido uma melhora significativa, entretanto. Em alguns casos, a doença chegou a ser extinguida do corpo. Mas ainda havia riscos a serem considerados. Estudávamos também as possibilidades dos efeitos colaterais.

— Lauren, e o Jacob? — quis saber, começando a prender o cabelo no alto da cabeça e formando um coque.

Ela bufou desanimada.

— Morreu hoje pela manhã. — Seus ombros caíram e a decepção era nítida. — Eu fiz alguma coisa de errado, e agora preciso saber o quê.

— Vem aqui. — Abri os braços para a garota, e ela me abraçou. Eu fiquei triste pelo

Jacob. Ele teve avanços importantes nas últimas semanas, mas ainda mais triste por ela. Era horrível perceber que você precisaria voltar a um trabalho como esse da estaca zero. — Vai dar tudo certo, tenho certeza — garanti.

Era comum que as coisas não funcionassem logo de cara e que tivéssemos alguns contratempos no caminho.

Entretanto, eu seguia animada.

Sabia que não devia ter esperanças, mas eu tinha.

Os últimos dias haviam deixado mais claro ainda para mim que eu queria continuar vivendo.

E eu lutaria o máximo possível para isso.



— Gostava mais de vocês quando queriam ir para festas, transar, coisa e tal — Madison reclamou, pegando um dos cobertores que Leighton havia deixado no braço do sofá. — O Andrew eu entendo. O cara está aí com a coleira no pescoço. Mas você, Benjamin? Esperava muito mais de você.

Ben riu, me entregando um cobertor e se jogando no sofá.

Eu estava sentada no chão com as costas apoiadas no móvel. Benjamin pôs o joelho em meu ombro. O joelho. E meu coração pareceu ter acabado de sair de uma maratona de tão agitado que ficou.

— Desculpa, gata, mas eu essa semana eu tenho jogo e o senhor Reynalds está sendo um tremendo filho da puta na tentativa de nos matar de exaustão. Inclusive, aceitaria de bom grado uma massagem nos pés, sabe?

— Que nojo. — Mad fez careta. — Eu prefiro trabalhar num fast food e chegar em casa fedendo a gordura do que encostar minhas mãos limpas nesse pé nojento.

— Eu espero que quando você encontrar um namorado, ele seja um jogador com pés muito nojento, patricinha.

— Vou apresentar a ele uma podóloga maravilhosa, querido. — Minha amiga sorriu de maneira irônica para Ben.

— Oh, filho da puta, você podia abrir espaço pra eu deitar com a Afrodite aí, não é? — Andrew deu um tapa na cabeça dele, que fez uma careta.

— Quem está morto depois de um dia de treino tem mais direitos. Quer um ninho de amor com sua gata, vai atrás do seu, gostoso. — Ben levantou a cabeça para encarar minha amiga. — Nada contra você, Leigh, mas eu tô morto hoje, desculpa.

Andrew soltou um palavrão, mas Leigh começou a arrumar um cantinho para eles se deitarem no chão. Quando estávamos todos bem instalados, Ben soltou o filme.

Eu não estava extremamente empolgada com a história, mas a outra opção era permitir que Madison me arrastasse para alguma festa. Não estava com paciência para muita gente e som alto. Dorothy ia querer analisar minhas relações novas, logo, eu teria que sorrir e conversar com pessoas que nunca se esforçaram para me dizer um oi quando eu não estava arrumada de acordo com os padrões da sociedade.

Senti quando os dedos de Benjamin começaram a acariciar minha cabeça em um cafuné gostoso. Eu podia ficar ali por tempo

indeterminado. Soltei um bocejo, mexendo-me até conseguir colocar minha cabeça no assento do sofá enquanto Ben ainda acariciava minha cabeça. Aos poucos, seus dedos foram descendo até chegarem ao meu rosto.

— Ei, você está com frio? — perguntou alto o bastante para que todos ouvissem.

Virei o rosto para vê-lo.

— Um pouco.

O tempo estava começando a esfriar, o que me deixava tensa. Porém, estava com vergonha de pedir outro cobertor.

— Vem pra cá, tem espaço para nós dois.

Benjamin arrumou o corpo na parte de trás do sofá abrindo um espaço considerável para que eu coubesse com ele. Eu sabia que Benjamin, na verdade, estava mesmo era querendo que eu me aconchegasse a ele, mas eu estava com medo de que o chão gelado esfriasse ainda mais meu corpo o que faria com que a qualquer momento, o tormento começasse. Não queria passar por aquilo lá. Não queria que eles soubessem.

Aceitei o convite, pegando uma das almofadas para descansar a cabeça e me cobrindo com meu próprio lençol, enquanto ele passava o dele por meu corpo também.

Por alguns instantes, ele se manteve como um completo cavalheiro, longe de mim. Mas quando uma cena do filme capturou a atenção de todos na sala, fazendo com que tecessem teorias, eu senti seus dedos brincando com meus joelhos.

— Você acha que eu não notei que veio de vestido hoje? — comentou bem baixinho em meu ouvido, fazendo meu corpo inteiro estremecer.

— Não foi pelos motivos que você está pensando — devolvi, mentindo outra vez. Desde que ele disse que queria colocar os dedos em mim, eu ficava com essa cena na cabeça.

— Vou fingir que acredito. — Seus dedos subiram um pouco mais, até metade das minhas coxas.

Cada pedaço de pele onde ele encostava, era tomado por um calor irresistível. Meu corpo começou a arrepiar imediatamente.

Sem conseguir me controlar, soltei um gemido baixo quando os dedos subiram mais um pouco.

— Sem barulho, gata. Ou vão descobrir o que nós faremos aqui. — Meu coração martelou em expectativa e eu senti que minha calcinha começava a ficar melada. Benjamin tinha um efeito intenso sobre mim, mesmo sem fazer nada demais.

— O que vamos fazer aqui? — perguntei o mais baixo que pude, tentando mover o rosto para ver sua expressão.

— Você só precisa relaxar, gata. E deixar tudo comigo. — Ele mordiscou minha orelha, e eu quase gemi outra vez. — Sem barulho — lembrou. Dando um beijo atrás da minha orelha, fazendo com que meu corpo desfalecesse um pouco mais.

Devagar, como se quisesse me matar de ansiedade, seus dedos subiam por minha coxa. Algumas vezes, ele espalmava a mão, deixando um aperto que me fazia tremer um pouco. Minha respiração já estava entrecortada e, meu Deus, o coração ardia de expectativa.

Ele passou o indicador pela costura da perna da calcinha que usava, parando os mo-

vimentos em seguida. Eu pensei que ele havia desistido de continuar, mas Benjamin riu, fazendo com que a respiração quente resvalasse em minha nuca.

— Benjamin, eles vão ver — falei, tentando olhar ao redor para ver se algum deles estava de olho em nós.

— Não vão — garantiu. — Ou, se preferir, eu posso parar agora. Quer que eu pare, gata? — Não era uma pergunta. Já o conhecia o bastante para saber que aquilo era uma provocação.

— Benjamin — adverti.

Ele riu outra vez, passando o dedo um pouco mais para o lado e encostando-o bem no meio das minhas pernas. Minha respiração acelerou outra vez enquanto ele mantinha os dedos ali, acariciando-me.

— Ben, pare, ou Ben continue? — perguntou.

Engoli em seco, sentindo meu corpo reagir a cada pequeno estímulo dele. Benjamin não tinha a menor pressa, ao contrário do meu corpo que só pensava em chegar a algum lugar desconhecido por nós dois.

— Benjamin, eles...

— Experiências novas, lembra? — soprou em meu ouvido.

Apesar do pânico de sermos descobertos, eu não podia negar que aquela tensão deixava tudo ainda mais gostoso.

Ele notou quando eu havia perdido a batalha com a minha mente. Se fôssemos vistos, eu ia morrer de vergonha, mas seria uma coisa que meu eu teria que lidar quando não estivesse dominada pelo tesão.

— Preciso que você seja uma boa menina, gata — sussurrou, usando os outros dedos para afastar a calcinha para o lado. — Porra. Eu daria qualquer coisa pra sentir isso aqui com a minha boca — falou, dando um belisco no meu clitóris. Meu corpo tremeu e eu soltei o ar com força. — Você está completamente molhada para mim, gata. Da outra vez, estava assim também?

Ele moveu a ponta do indicador, fazendo círculos na minha entrada.

Eu não tinha a menor condição de responder. Mal saberia meu nome.

Ben mordiscou minha nuca.

— Se não responder, vamos parar a brincadeira aqui — ameaçou baixo, formando outro círculo com o indicador em minha entrada. — Estava assim também, gata? Molhada. Pronta pra mim?

Eu assenti com pressa, realmente não desejando que ele parasse ali.

Benjamin esfregou o corpo contra o meu, fazendo com que eu sentisse a sua ereção.

— Era assim que eu estava também — sussurrou. — Duro por você, gata. Morrendo de vontade de te foder por completo. Começando pela boca. Porra, eu sou capaz de gozar só imaginando meu pau nessa boca deliciosa. Depois, foder essa boceta ensopada enquanto você rebola gostoso em meu pau, delícia. E por fim, sua bunda. Eu tenho tanta vontade de empinar essa bunda e meter forte em você de quatro, Chiara. — Eu arfei com tantas imagens que rondavam a minha cabeça agora.

E eu queria cada uma delas.

Minha boca ficou seca quando Benjamin foi enfiando um dos dedos por minha entrada.

Soltei o ar com força quando isso aconteceu, pois me pegou desprevenida.

Ele riu outra vez, enquanto fazia movimentos circulares com o dedo dentro de mim.

Queria falar alguma coisa, mas os pensamentos estavam todos anuviados. Aos poucos seu dedo ia entrando e saindo. Eu mordia os lábios com força em uma tentativa descomunal de me manter em silêncio quando, na verdade, a única coisa que eu queria era chamar seu nome. Benjamin enfiava o dedo, depois o removia. Brincava, realizando movimentos circulares. Enfiava e retirava mudando de velocidade. Ora rápido, ora lentamente e torturando.

Eu sentia que meu corpo podia a qualquer momento desfalecer.

— Queria que fosse meu pau entrando nessa boceta quente e úmida, Chi. — A maneira de falar meu nome, cheio de desejo, fazia com que as cócegas em meu centro me fizessem quase delirar. Benjamin retirou o dedo totalmente, deixando-me triste por alguns segundos, apenas para colocá-lo novamente. Mas dessa vez eram dois dedos.

Eu teria arfado alto, se não tivesse lembrado de morder os lábios para conter o gemido.

Benjamin começou com movimentos lânguidos de vai e vem e eu sentia meu corpo sugando seus dedos.

— Eu queria poder ver como essa boceta está engolindo meus dedos, Chi. Como está desesperada para gozar para mim.

Tentando fazer sei lá o quê, segurei seu braço.

— Você tá perto, não é? — Mordiscou minha orelha e com tantas coisas acontecendo dentro de mim, estava muito difícil manter o silêncio. — Fala pra mim, diz se você está perto de gozar em meus dedos, porque eu estou ansioso pra provar seu gosto, gata.

Meu. Deus.

Ele se desvencilhou do meu aperto, voltando a movimentar os dedos. Entrando e saindo. No começo, lentamente. Fazendo-me revirar os olhos a cada vez que eu estava perto demais de alguma coisa. Depois, os movimentos foram ficando mais rápidos. Minhas pernas, involuntariamente, começaram a apertar seu braço e tudo dentro de mim o comprimia.

Isso era muito bom.

Minha respiração ficou forte outra vez.

— Você precisa controlar isso, gata — falou. Em seguida, usou o polegar para estimular meu clitóris.

— Davis — murmurei, baixinho. — Eles vão ouvir.

Arfei, quando ele mordiscou meu pescoço.

— Só vão ouvir se você fizer muito barulho, gata. Então geme baixinho, para que só eu saiba que você está gozando pra mim, linda.

Apertei as pernas, sentindo uma vibração intensa.

— Ben — chamei o mais baixo possível.

Toda a situação me deixava ainda mais excitada. Benjamin estava me masturbando em uma sala com todos os nossos amigos enquanto víamos um filme. A expressão escon-

dido é mais gostoso nunca tinha feito tanto sentido.

— Não fala nada, linda. Só goza pra mim, vai. Eu sei que você está muito perto. — Mordeu meu lóbulo. — Goza pra mim. Em silêncio. OU todo mundo aqui vai saber o que estamos fazendo.

E enfiando pela última vez os dedos em mim com força. Mordi o lábio tão forte, que eu tinha certeza de que podia ter machucado, o que seria uma catástrofe.

Senti meu corpo alcançar alguma coisa. Minha vista escureceu.

Parecendo saber que seria impossível me controlar, Benjamin usou a mão livre para tapar minha boca.

Ele a manteve no lugar por algum tempo enquanto eu reestabelecia minha respiração, depois, encostou os lábios em minha bochecha e minha nuca. Quando acreditou que a respiração já não levantaria suspeitas, finalmente me libertou, tirando os dedos de dentro de mim.

Eu o observei de esguelha e, como prometido, Benjamin enfiou os dois dedos na boca. A expressão de satisfação era uma delícia de ver.

— Sinceramente, gata, seu gosto é ainda mais incrível do que eu havia imaginado — falou, depois de chupar bem os dedos.

Eu estava completamente sem palavras.

Ben me analisou por alguns instantes e o rosto foi mudando. Parecia preocupado agora.

— Você não gostou? — perguntou, sério.

Um sorriso foi nascendo em meus lábios aos poucos.

— Foi simplesmente a melhor sensação da minha vida — respondi baixinho, e ele sorriu.

— E foi só a primeira. Você vai gostar ainda mais quando gozar em minha língua, e vai se apaixonar de vez quando eu enfiar meu pau em você. — Ben apertou minha bunda. — E eu tenho certeza de que você também vai amar quando eu comer seu cu — afirmou, fazendo-me arfar. — Agora você precisa fingir que está prestando atenção no filme.

Ele grudou os lábios em meu pescoço, tentando fazer com que conseguisse dar um beijo sem estalar.

Eu não gostava de estar errada sobre muitas coisas, mas estava sobre uma e não havia forma alguma de esconder isso: Nem tudo a química é capaz de explicar, porque as coisas que Benjamin Davis me fez sentir usando só os dedos, meu Deus, eram indescritíveis.

E eu esperava que ele estivesse errado. A última coisa que eu podia, era me apaixonar.



Capítulo 21 – Benjamin

O senhor Ralph silenciosamente pôs seu material sobre sua mesa e, como se não estivéssemos aqui, abriu uma lata de Coca-Cola, dando um enorme gole. Depois, soltou um gemido de satisfação fazendo com que a sala inteira desejasse a bebida.

Eu não podia ser o único a sentir vontade de uma Coca gelada nesse momento.

— Eu gostaria de saber uma coisa — falou, sentando-se à mesa. — Acabei de abrir uma latinha de refrigerante. Se vocês tivessem que chutar, qual marca vocês diriam que eu tenho em mãos?

— Coca-Cola. — A resposta foi unânime para toda a turma.

Ele sorriu.

— E eu posso saber o motivo pelo qual vocês associam a latinha a uma específica?

— Ela é a melhor que temos, professor — Eric respondeu.

— Eu poderia dizer que é pelo slogan "abra a felicidade" que automaticamente nos faz relacionar a Coca a um momento feliz — falei. — Mas aí o momento feliz teria que ser estar aqui nos dando aula, e eu acho que não combina tanto.

O senhor Ralph deu risada.

— Não é bem assim, Davis. Hoje, inclusive, é dia de pagamento. Isso significa que sim, eu estou em um dia muito feliz. — Piscou para mim.

— Então o senhor podia aproveitar e pagar uma coquinha pra todos nós, não acha? — Jeni, do último ano, brincou, erguendo uma sobrancelha para o professor.

— Boa tentativa, mas nós temos coisas mais importantes para estudar hoje. Nós pensamos em Coca-Cola ao ouvirmos o som de uma latinha sendo aberta justamente pelo que o Davis pontuou. — Apontou em minha direção e alguns dos colegas assobiaram para mim. — A marca conquistou identificação com os seus clientes. E para isso, utiliza estratégias de conteúdo para tentar dar essa sensação de que estão sempre perto da gente. Ao abordar temas como diversidade, inclusão, respeito e solidariedade, a marca faz com que nos conectemos também com os seus valores. Afinal, quem não quer essas mesmas coisas?

— Queria mesmo é a grana que eles lucram com os nossos valores — alguém lá do fundo gritou, nos fazendo rir.

— Todos nós queríamos, mas como não podemos ter, seguimos aqui estudando para conseguirmos um futuro tão brilhante quanto. — O senhor Ralph se aproximou do projetor, apertando um botão e fazendo com que a parede da sala se transformasse em uma espécie de tela de cinema. — Em 2012, com todos os rumores do final do mundo em evidência, a marca usou isso como marketing, lançando a campanha "feliz começo de mundo" e mostrando um dos momentos mais importantes do mundo para os pais: O nascimento dos filhos. Essa é uma campanha que eu nunca esqueci, já que foi no ano em que meu filho nasceu. Vamos assistir.

O homem soltou o comercial que foi realmente muito bem pensado.

Ele continuou explicando, depois, como o uso das datas comemorativas, como o Natal, por exemplo, ajudaram a fortalecer a marca. Impossível pensar no Natal e não associar imediatamente aos comerciais com o urso polar.

Por mais que essa fosse minha aula específica preferida do semestre, minha mente desligou completamente do professor e dessa vez não tinha absolutamente nada com cansaço, mau humor, oscilações entre passado presente, faróis de carro ou nada do tipo.

Mas com animação.

Não tinha pesadelo ou dificuldade para dormir há alguns dias. Desde que eu tinha dormido com Chiara em meus braços pela primeira vez e, em seguida, decidi fazer chamadas de vídeo com ela.

Estava dando certo.

Era como se dormir com ela, mesmo que a distância, me transmitisse paz. E eu não podia estar melhor.

— Psiu — Jonh chamou, jogando uma bolinha de papel em minha cabeça como se tivéssemos seis anos.

Olhei em sua direção.

— Você parece muito melhor do que já esteve desde que eu te conheço.

Observei os movimentos do professor para garantir que ele não chamaria nossa atenção.

— Eu tô bem. Muito bem. — Jonh sorriu.

— Tá transando com ela?

— Desde quando você aderiu à fofoca? — perguntei, baixo.

— Desde o momento em que você fingiu que estava machucado para enganar uma garota. — Rolei os olhos para ele.

— A gente não transou.

— Ainda ou não vão? — quis saber.

— Ainda. Com certeza ainda.

Sorri, lembrando de, alguns dias atrás, quando a fiz gozar no sofá da nossa casa. Dos amassos que demos lá também.

Eu queria que tivéssemos ido até o fim, mas também sentia que isso estava cada vez mais perto de acontecer.

— Fico feliz por você — Jonh falou. — Dá pra ver que você já estava caidinho pela garota há tempos.

— Não sei do que você está falando.

Jonh riu.

— Ei — chamou minha atenção, passando um livro para mim.

Tinha alguma coisa no meio. Dava para notar pelas páginas levemente levantadas. Peguei o livro, baixando-o um pouco para que ninguém pudesse ver o que havia lá dentro.

— Que porra! — Olhei para o filho da puta, fechando o livro o mais rápido que pude, o que acabou fazendo um barulho alto demais.

— Algum problema, Davis? — O senhor Ralph cruzou os braços, olhando em minha direção.

— Não, professor. Desculpe. — Passando a mão sorrateiramente dentro do livro, peguei a porcaria do pacote, erguendo o livro para o professor. — Jonh acabou de me lembrar que nós temos um trabalho para fazer hoje e eu esqueci.

Dei um sorriso sem graça, torcendo para que ele acreditasse em mim. Felizmente o homem decidiu apenas ignorar. Olhei para Jonh, bravo.

— Foi mal — ele sussurrou.

— Você sabe que aqui a gente não pode trazer essas coisas. — Abri e fechei a mão, sentindo meu corpo formigar de nervoso. Porra.

Se meu irmão desconfiasse, acho que ele morreria de desgosto.



— O que você está fazendo aqui? — Chiara perguntou, assim que abriu a porta do laboratório.

— Vim te ver. — Sorri, roubando um selinho rápido.

Chiara olhou para os dois lados do corredor, como se quisesse garantir que ninguém tinha nos visto.

Era o nosso combinado. Ficar sem que as pessoas soubessem. Mas uma parte de mim se incomodava com aquilo. Com o motivo pelo qual ela não queria ser vista ao meu lado.

— Vem. — Segurou minha mão, puxando-me para dentro do seu solo sagrado, trancando a porta em seguida. — Você não podia ter vindo aqui. É área restrita aos professores e estudantes.

Ela estava linda.

Deslumbrante, eu diria.

Vestia um suéter rosa justo ao corpo que marcava bem as suas curvas e uma calça branca um pouco mais folgada.

Já tinha sentido seus seios em minhas mãos outra vez, e vê-los assim tão apertados contra aquela blusa me dava uma enorme von-

tade de segurá-los outra vez. De poder, enfim, colocar em minha boca e ouvi-la gemer alto.

Meu pau começou a se acender dentro da minha roupa.

— Não sei se você notou, mas eu também sou estudante. — Segurei o passante de sua calça, trazendo-a para mais perto de mim e tentando roubar um beijo de verdade.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — Desvencilhou-se, dando um tapa em meu ombro. — Hoje foi um golpe de sorte ter me encontrado aqui sozinha. Geralmente o Simon ou a Lauren passam bastante tempo aqui também.

Observei pela primeira vez a sala onde estávamos.

Era grande. Havia uma mesa grande com alguns computadores, impressoras e cadeiras giratórias. No centro, havia duas ilhas, quase que como as de cozinha, mas com gavetas. Sobre elas, tubos de ensaio, microscópios diferentes, e uma porção de vidros e lâminas diferentes. Mais para o fundo da sala uma espécie de geladeira com porta de vidro, onde, imagino eu, alguns experimentos deviam ficar e, em uma das paredes, muitos ratinhos, cada um em seu próprio espaço.

— Será que hoje você pode me contar o que tanto faz aqui? — pedi, fazendo minha melhor carinha de por favor.

Chiara me olhou por alguns segundos estreitando os olhos em minha direção.

— Vou contar, mas só porque eu estou muito feliz — disse, abrindo um enorme sorriso. — Eu não ia contar para ninguém ainda, queria esperar dar certo, mas não aguento mais de ansiedade.

Chiara me puxou até uma das ilhas, virando duas cadeiras mais altas em nossa direção para que nos sentássemos. Eu a segui.

— Bem, eu estudo terapia gênica. — Assenti, empolgado ao ver seus olhos brilhando. Não era difícil notar que ela realmente amava o que fazia. — A terapia gênica é uma forma de melhorar a genética de alguém. É como se nós corrigíssemos genes defeituosos, entende?

— Na teoria, sim — falei, observando a quantidade de livros abertos sobre a ilha em que nós estávamos. — Basicamente o que vocês fazem é alterar a genética de uma pessoa que possui determinada doença.

Ela sorriu.

— Exatamente. Parece complicado, mas na verdade é muito simples — explicou, pegando um pedaço de papel e começando a desenhar um DNA humano. — Todos nós somos constituídos de células. Os genes ficam dentro dessas células e carregam nosso DNA e instruções para produzir proteínas que ajudam a manter o nosso corpo. Nós temos cerca de 20.000 genes e duas cópias deles, que são herdados dos nossos pais.

Eu assenti.

— Você sabe que os genes são responsáveis por nossas características físicas. Cor dos olhos, cabelo, enfim, tudo isso faz parte dos nossos genes — Chiara me encarou, esperando que eu concordasse com ela.

— Apesar de não curtir muito biologia, eu lembro de algo assim — garanti.

— Isso também pode acontecer, por exemplo, na nossa saúde. As doenças genéticas, por exemplo, acontecem quando uma parte importante, ou toda uma sessão do DNA

Chiara me puxou até uma das ilhas, virando duas cadeiras mais altas em nossa direção para que nos sentássemos. Eu a segui.

— Bem, eu estudo terapia gênica. — Assenti, empolgado ao ver seus olhos brilhando. Não era difícil notar que ela realmente amava o que fazia. — A terapia gênica é uma forma de melhorar a genética de alguém. É como se nós corrigíssemos genes defeituosos, entende?

— Na teoria, sim — falei, observando a quantidade de livros abertos sobre a ilha em que nós estávamos. — Basicamente o que vocês fazem é alterar a genética de uma pessoa que possui determinada doença.

Ela sorriu.

— Exatamente. Parece complicado, mas na verdade é muito simples — explicou, pegando um pedaço de papel e começando a desenhar um DNA humano. — Todos nós somos constituídos de células. Os genes ficam dentro dessas células e carregam nosso DNA e instruções para produzir proteínas que ajudam a manter o nosso corpo. Nós temos cerca de 20.000 genes e duas cópias deles, que são herdados dos nossos pais.

Eu assenti.

— Você sabe que os genes são responsáveis por nossas características físicas. Cor dos olhos, cabelo, enfim, tudo isso faz parte dos nossos genes — Chiara me encarou, esperando que eu concordasse com ela.

— Apesar de não curtir muito biologia, eu lembro de algo assim — garanti.

— Isso também pode acontecer, por exemplo, na nossa saúde. As doenças genéticas, por exemplo, acontecem quando uma parte importante, ou toda uma sessão do DNA

apresenta algum defeito. Isso é chamado de mutação genética. — Chiara pegou uma caneta de outra cor para marcar o gene defeituoso. — Algumas doenças genéticas graves que são causadas por mutações são hereditárias.

— Entendendo até agora — falei, depois que ela fez uma pequena pausa para ter certeza de que eu ainda estava acompanhando o raciocínio.

— Então, a terapia gênica tem o objetivo de tratar essas doenças, sejam elas adquiridas ou genéticas. A ideia é que com a terapia gênica nós possamos tratar as doenças substituindo, tornando-as inativas ou introduzindo genes nas células. — Observei no desenho que ela marcou o lugar onde representava o gene defeituoso, fazendo uma ligação ao gene da mesma cor que todo o resto. — Isso pode acontecer dentro do corpo, chamado de in vivo, ou fora do corpo, chamado de ex vivo. No meu caso, estudo a terapia ex vivo.

Assenti, outra vez, observando seu desenho.

— Então, basicamente, o que nós estamos tentando fazer, é remover genes defeituosos introduzindo um novo material genético. Um que não possua o defeito. — Ela apontou para o emaranhado de cores que o desenho havia se tornado. — A ideia inicial da terapia era trabalhar com doenças genéticas, mas hoje existem muitos estudos para doenças como câncer e HIV.

Observei o desenho que Chiara fazia enquanto me explicava o procedimento. Apontei para o papel.

— Então, falando em linguagem para burros, você está me dizendo que pega os

genes ruins de uma pessoa e isola de seu corpo, introduzindo um gene saudável.

— Exatamente. — Ela sorriu. — Legal, não é?

— Legal? Puta que pariu! Você simplesmente é a pessoa mais inteligente que eu conheço no mundo inteiro.

O sorriso se alargou ainda mais no rosto animado.

— Nós já temos alguns desses estudos em análise. — Apontou para a parede com os ratinhos. — O Simon estuda sobre as células cancerígenas. Então ele está analisando como essa modificação genética está progredindo na sua cobaia. — Chiara se levantou, agarrando minha mão para que eu a seguisse até onde os roedores estavam. — Esse aqui é o Charles. É com ele que o Simon está trabalhando, e a doença parou de progredir. E o meu trabalho acabou de ser aprovado para começarmos a segunda fase. Vamos começar os testes nos ratinhos.

— Puta que pariu. Parabéns! — Ela me abraçou, genuinamente feliz. Podia não compreender o assunto, mas fiquei feliz por ela. — Sinceramente, eu não faço a menor ideia do que te falar. É sério. Meu trabalho é só vir às aulas e jogar umas bolas na cesta. Você vem pra cá todos os dias para mudar o mundo.

— Não fala isso — Chiara passou as mãos por minha cintura. — Você também muda a vida das pessoas todos os dias.

— Se você realmente quer alimentar meu ego, esse é um bom momento, porque eu juro, estou feliz pra caralho por você ser essa pessoa absolutamente inteligente, mas me sentindo um completo burro ao mesmo

tempo. Eu nem gosto de biologia, nunca pensaria em algo assim, juro.

Chiara riu, colando um pouco mais o corpo ao meu.

— Eu nunca contei isso pra ninguém — falou, erguendo o rosto em minha direção. Passei os dedos por sua testa, afastando alguns fios que me impediam de vê-la completamente. Seus olhos estavam fixos no meu. — Mas eu fiquei internada por um tempo quando eu era mais nova. Eu pensei que fosse morrer. Fiquei em uma cama, deitada o tempo inteiro. Era horrível. Minha mãe ficava o tempo todo dando ordens para os médicos como se ela fosse formada e não eles. Às vezes, ela me deixava maluca. — Chiara sorriu, um daqueles sorrisos nostálgicos. — Eu gostava quando meu pai chegava, sabe? Era como se ele levasse um pouco de normalidade com ele. Nós víamos os jogos. Primeiro foi futebol americano. Depois basquete, depois hóquei, e quando me dei conta não tinha um único esporte que eu não assistisse ou soubesse opinar. Então, provavelmente, sem todos aqueles campeonatos, eu teria enlouquecido.

Sorri para ela.

Tinha tantas perguntas para fazer.

O que havia acontecido para que ela precisasse ficar internada? Por qual motivo acreditou que fosse morrer?

Mas pessoas que escondem segredos, evitavam falar sobre eles o máximo possível. Eu sabia bem disso.

— Obrigada. Você é boa em amaciar o ego de um cara — falei, dando um beijo na ponta do seu nariz.

— Disponha.

Afaguei suas costas por alguns instantes ainda sentindo o calor do seu corpo junto ao meu.

— Tem mais uma coisa na qual você é muito boa. — Beijei um ponto bem abaixo da sua orelha.

— Benjamin — Ela tentou se afastar, mas eu não permiti.

— Não está nem um pouco curiosa? — provoquei. Minha mão que estava em suas costas encontrou a barra de sua camisa e comecei a subir minhas mãos por suas costas, agora tocando sua pele. Ela não respondeu, mas sua respiração ficou mais forte. — Você é muito, muito boa mesmo, em me deixar de pau duro. — Pressionei meu corpo contra o seu.

Chiara soltou um gemido.

— Davis...

A palavra se perdeu quando beijei a curva do seu pescoço, apertando meu braço livre em sua cintura. Eu gostava da pele dela. Era macia, cheirosa e altamente convidativa a permanecer ali por muito, muito tempo.

— Acabei de descobrir que eu fico altamente excitado quando uma garota gostosa e inteligente fala sobre coisas das quais eu nunca imaginei ouvir — comentei, mordendo o lóbulo de sua orelha.

— Ninguém nunca tinha dito que ser inteligente era sexy — ela brincou.

— Acho que só serve para o cara certo com a garota certa — expliquei, brincando com o tecido do seu sutiã. Afastei um pouco meu rosto do seu pescoço para vê-la. — Ou seja, só pra mim e pra você.

Rocei nossos narizes, mas meus olhos não desviavam da sua boca. Era impossível. A

boca que estava agora há pouco me falando coisas geniais, e que agora eu queria beijar profundamente outra vez.

Rocei meus lábios nos seus levemente rosados pelo batom que usava, chegando o mais perto possível da sua boca. Nossas respirações se misturando. Meu coração estava batendo forte no peito.

Mordisquei seu lábio inferior, movendo minha mão até tocar seu rosto. Levei meu nariz até sua orelha, passando a ponta lentamente até chegar próximo aos seus lábios.

Chiara tinha um cheiro doce e muito bom.

A respiração dela se tornou pesada, assim como a minha. Suas mãos saíram da base de minha coluna até o meio das minhas costas, me puxando um pouco mais para si também.

Por algum motivo, eu queria prolongar aquele momento tanto quanto eu queria beijá-la.

Mordi seu queixo, dando pequenos beijos até os seus lábios.

Sorri, com nossos lábios grudados, enfiando minha língua em sua boca em seguida. Nossas línguas se tocaram me fazendo soltar a porra de um suspiro. Eu a chupei com gosto.

E porra, que gosto.

Prendi minha mão em seus cabelos com força, jogando seu rosto um pouco mais para trás. Ela gemeu com o movimento, cravando as unhas em minhas costas. Mesmo com a camisa grossa, conseguia sentir. Meu pau gostou muito.

— Eu tive uma ideia — falei, baixinho.

— Você sempre tem uma ideia, Benjamin. Especialmente quando envolve a sua boca na minha.

— Mas agora, a ideia envolve a minha boca na sua boceta. — Chiara soltou um gemido, tentando friccionar as pernas. Pus meu joelho entre elas. — O único alívio que você vai encontrar agora, gata, é gozando em minha boca.

— Ben...

Antes que Chiara pudesse falar qualquer outra coisa, fui caminhando com ela presa ao meu corpo até encostá-la na parede mais próxima.

— É exatamente isso que você vai gemer quando minha língua estiver dentro de você, Chiara. Quando sentir sua boceta implorar para você gozar, é a única coisa que você vai pensar — falei, passando o nariz por seu pescoço. — É o único nome que você vai lembrar, gata.

Aos poucos, abaixei-me em sua frente mantendo sempre os olhos fixos na garota que tinha os lábios inchados e entreabertos.

Ergui o canto dos lábios em um sorriso malicioso quando comecei a abrir o botão da sua calça.

— Essa vai ser a nossa comemoração particular — avisei, passando a mão pela lateral de sua calça, e descendo-a aos poucos revelando uma calcinha preta com laterais rendadas. — Você fez por merecer seu trabalho passando para a segunda fase, e com certeza merece isso.

Beijei o tecido da sua calcinha, levando meus dedos até suas laterais e, assim como fiz

com a calça, desci, o tecido. Mas dessa vez, aos poucos. Bem lentamente.

Minha boca salivou à medida que sua boceta ia sendo revelada. Mal via a hora de começar a me deliciar em meu banquete. Fazendo questão de manter os olhos fixos em Chiara, passei a língua entre meus lábios e ela soltou o ar com força quase não aguentando de expectativa.

Sorri.

Aproximei-me lentamente passando o nariz pela boceta que já estava melada para mim.

— Você tem o melhor cheiro do mundo, gata. — Chiara se arrepiou outra vez com o meu hálito quente em contato com a sua pele. Beijei a parte da frente da boceta, passeando com o indicador pela parte interna de suas coxas.

— Davis — falou, sôfrega.

— O que você quer, gata?

Incapaz de responder, Chiara só soltou o ar com força.

— Benjamin — chamou, angustiada. — Por favor.

Sorri. Passando a ponta do nariz por seu clitóris. Olhei para Chiara e ela apertou os olhos com força. A cabeça estava levemente jogada para trás.

Afastei um pouco mais suas pernas, e passei a língua firme, da sua abertura até o clitóris.

Chiara arfou, tentando fechar as pernas para conter o tesão.

— Não, gata. Preciso que você mantenha as pernas bem abertas para mim. Nosso trabalho aqui só acaba quando eu ouvir você

gritar meu nome — garanti. Ela falou alguma coisa, mas foi impossível compreender.

Passei o dedo por ela, fazendo o mesmo percurso, da entrada até o clitóris, voltando a língua para lá em seguida. Dessa vez, dando atenção aos grandes lábios. Dei uma leve mordiscada, e Chiara choramingou.

Sentia meu pau ficar cada vez mais duro em minha roupa e caralho, essa garota me faria gozar como um adolescente na cueca.

De joelhos ainda, dei mais um passo à frente, segurando sua cintura e posicionando seu quadril de uma maneira em que pudesse ter uma visão ainda mais privilegiada da boceta dela.

Soprei de leve, ouvindo outro suspiro de deleite. Lambi seus grandes lábios outra vez, segurando sua cintura para garantir que ela não se afastaria enquanto eu me deleitava do seu gosto.

Então, enfiei minha língua em sua entrada, e Chiara soltou um gemido gostoso. Porra, o melhor gemido que eu já tinha ouvido na vida. Uma das suas mãos puxou meu cabelo. E foi minha vez de gemer ao me deliciar com o seu gosto. Enfiava e tirava a língua da sua entrada, e Chiara ora gemia ora falava coisas incompreensíveis.

Soltando gemidos cada vez mais altos, ela começou a rebolar contra minha boca e eu estava adorando sua empolgação. Não tinha pressa. Queria saboreá-la. Queria nunca mais esquecer aquele momento e aquele gosto.

Queria que ela nunca se esquecesse daquele momento.

Eu chupava com gosto, lambia com intensidade e Chiara correspondia de maneira

fervorosa a cada toque. Mordisquei seu clitóris, e o gemido se intensificou. Chupei o pequeno monte e suas mãos apertaram mais ainda o meu cabelo demonstrando estar muito perto.

— Ben, Benjamin. — Seu tom era quase uma súplica, e eu sabia exatamente o que ela queria. O que ela precisava.

Sem precisar dizer mais nada, voltei a me dedicar a chupar sua boceta. A cada lambida, a cada vez que minha língua a invadia, seus gemidos se intensificavam e sentia que ela estava mais perto.

— Goza pra mim, gata. Goza pra mim porque eu quero me embriagar com seu gosto — pedi. E foi o que bastou.

Como se esperasse só por essas palavras, Chiara gozou intensamente. Ela tentou me puxar, mas mantive meu rosto preso à sua boceta, engolindo cada gota do líquido viscoso que saía dela.

Quando estava satisfeito, levantei o rosto em sua direção.

— Você tem o melhor gosto do mundo, eu juro. — Ela sorriu.

Os olhos ainda fechados e tentando manter a respiração sob controle. Com cuidado, subi sua calcinha e a calça, fechando o botão logo em seguida.

— Vem aqui — Chiara pediu, puxando-me de encontro a ela e começou um beijo lento e cheio de desejo. — Você é maluco, Davis. Mas essa foi a melhor loucura da minha vida — falou, sorrindo em seguida.

— Ainda temos muitas outras loucuras para experimentar, gata. Você vai ver.

Ela sorriu para a promessa. E, sendo sincero, eu estava muito ansioso para todas as outras maneiras que teríamos para aproveitar.



Capítulo 22
Chiara

Capítulo 22 – Chiara

Suspirei, lembrando das coisas que Benjamin havia feito comigo na sala de pesquisa.

Se alguém soubesse o que aconteceu lá dentro, seria caso de punição. Mas, pela primeira vez na vida, eu não conseguia pensar nos malefícios disso. Tudo que a minha mente processava era como Benjamin me levou a sentir coisas inacreditáveis.

Com a boca. Só com a boca.

Ele já tinha se mostrado muito eficiente usando as mãos. Não podia esperar menos de um jogador de basquete também. Mas a maneira como Benjamin me lambeu e me chupou, foi como se eu fosse a coisa mais deliciosa do mundo. Senti uma fisgada em meu centro outra vez e apertei as pernas, tentando conter aquela sensação.

Quando combinamos de deixar rolar, eu sabia que involuntariamente acabaríamos transando. Apesar de sempre ter acreditado que as pessoas valorizavam demais o sexo, eu começava a ter minhas dúvidas. Talvez o sexo fosse mesmo uma das melhores coisas do mundo.

Estava ansiosa para descobrir.

Já tinha conseguido reler todo o meu estudo minuciosamente, marcando os pontos que eu precisava reler depois com um pouco mais de atenção. Mal conseguia acreditar que

iria para a próxima fase e tão rapidamente. Sabia que merecia vivenciar tudo aquilo, mesmo em todas as vezes que eu quis desistir e me entregar.

Mas não fiz isso.

Continuei lutando.

Benjamin havia me enviado uma mensagem mais cedo dizendo que íamos comemorar a fase nova do meu projeto, convidando-me para encontrar com ele agora à noite próximo à quadra de treinamentos. Era um lugar completamente incomum, mas a verdade era que sempre queria saber onde as coisas iam acabar quando se tratava de Benjamin Davis.

Falei às meninas que ia para um grupo de estudos e desliguei o celular enquanto esperava por ele no lugar combinado. Já eram quase 20h, o horário que marcamos. Perfeito para que não fôssemos visto caminhando juntos por aqui.

Parte de mim, uma parte enorme, queria contar para as meninas o que eu estava fazendo. Que estava ficando escondida com um dos Davis, mas isso geraria perguntas que se transformariam em expectativas e a melhor coisa de se ter algo com um cara que gosta de conquistar garotas, apenas, era isso. A falta de expectativas.

Eu sabia que aquilo tinha que ser casual.

Beijos e amassos casuais.

Sexo casual.

Também entendia que existia uma enorme chance de me apaixonar. Porém, uma

coisa era me magoar sabendo que aquilo não teria futuro. Outra completamente diferente era partir seu coração, e eu jamais faria isso.

Acenei para uma garota da turma de gastronomia que sorriu para mim, e depois para um cara que jogava no time de golfe.

Dorothy estava animada com nosso projeto. Ontem havíamos nos encontrado e ela fez um turbilhão de perguntas.

Uma das coisas que ela fez questão de destacar era que nós não tínhamos mudado o meu estilo, e era verdade. Tínhamos comprado muitas camisas longas e meias que pudessem aquecer minhas pernas. Eu ainda morria de medo do frio. Mas ainda assim, conseguimos fazer com que as pessoas me vissem como alguém mais acessível e tentassem se aproximar.

Isso também tinha a ver com a confiança que se transmitia. Não podia negar que a maneira como eu me via havia mudado bastante. Podia ser coisa da minha cabeça idiota, mas me sentia assim.

Para ela, não era coisa da minha cabeça, mas a realidade. Ela disse que muitas pessoas escondem sua personalidade através de roupas sérias demais, o que não passava a imagem de alguém amistosa, mas também podia acontecer o contrário. Pessoas que gostam tanto de estampas ou cores chamativas que inibiam quem estavam ao seu redor.

Segundo Dorothy, quando usamos coisas que acentuam nossos pontos fortes, tendemos a nos sentir mais confiantes e poderosos porque o foco não está em nossos defeitos. Ela

contou que todas as vezes que estava em um dia ruim, se sentindo péssima com ela mesma, a mãe aconselhava a tomar um banho, arrumar os cabelos e pôr um batom vermelho. Que era impossível não ficar bem de batom vermelho.

Eu estava aprendendo bastante com o seu trabalho.

Bastante sobre mim também.

Dorothy disse que a maioria das pessoas não sabem o que querem. E que só vamos descobrir à medida que nos conhecemos. Isso, inclusive, quando se tratava do nosso estilo.

E eu achava que fazia sentido. A diferença era que eu sempre soube o que eu queria. Sempre quis ter pessoas ao meu lado, mas também nunca fui capaz de ignorar o medo que sentia, tendo a convicção de que podia fazer a elas.

Então, sempre escolhia mantê-las distantes.

Costumava usar a desculpa de que foi o fato da minha mãe ter me feito estudar em casa, ou de ter passado tempo demais entre um hospital e outro, mas a verdade era que fazia isso por medo.

Medo de acabar destruindo a vida de mais pessoas.

— Pensando em mim, gata? — Benjamin apareceu pelas minhas costas no banco onde eu estava sentada aguardando-o, em seguida plantou um beijo em meu ombro.

— Você se dá valor demais, Davis — devolvi, levantando-me e aceitando a mão que estendia para mim.

— Eu sei. Dizem que temos que cuidar da nossa autoestima.

— E você faz um ótimo trabalho. — Bati o cotovelo em sua costela, vendo-o sorrir. — Posso saber aonde iremos?

— Fazer uma coisa que amamos, juntos, sem ninguém para atrapalhar dessa vez. — Seguimos em direção à quadra de treinamento de basquete da universidade.

Eu ri, porque sabia que aquela frase podia ter muitas interpretações, e meu corpo estava gritando para que ele escolhesse a opção que me fizesse gozar outra vez.



A quadra de treinos ficava em um lugar mais afastado, e nem de longe chegava perto da área de jogos realmente. Fiquei surpresa por ele ter a chave, mas Benjamin explicou que, como tem dificuldade para dormir, acabava saindo daqui tarde demais ou chegava muito cedo, antes mesmo que o responsável pelo local. Ele aproveitava para vir com o Jonh e o Ash aqui algumas vezes.

— Você precisa se concentrar, gata — Benjamin falou, parando o corpo atrás do meu, e passeando os dedos até que uma de suas mãos estivesse em meu cotovelo, enquanto a outra se estabeleceu sobre a minha mão, para me ajudar a impulsionar a bola.

— Seria mais fácil se você se afastasse um pouco, não acha? — Ele riu. — Você, na ver-

dade, quer me desconcentrar só para me ver errar.

— Acha mesmo que eu faria uma coisa dessas, gata? — Ben teve a cara de pau de perguntar, dando um pequeno passo para frente e fazendo com que seu corpo roçasse o meu.

Suspirei.

— Você é terrível.

Provando meu ponto, Benjamin afastou um pouco meu cabelo, dando um beijo em minha nuca, fazendo com que minhas pernas amolecessem um pouco.

— Nunca ouviu ninguém falar para não confiar em um jogador? — Ele mordiscou minha orelha. Benjamin gostava muito de fazer isso, e meu corpo parecia gritar de satisfação a cada vez que ele repetia o gesto. — Nós fazemos de tudo para vencer, gata. Distrair o adversário é justo. Ainda mais quando o adversário em questão é uma linda mulher que me deixa de pau duro a todo momento.

Engoli em seco, precisando de ar, sentindo que minha calcinha estava começando a ficar ensopada novamente.

Adorava quando ele falava essas coisas assim, sem aviso prévio.

Tentei ignorá-lo, focando na cesta.

Benjamin havia me explicado para ficar de olhos abertos na parte frontal do aro. Meu objetivo devia ser passar daquele ponto.

Inspirei fundo, soltando a bola com força. Juntei as mãos em frente à minha boca, torcendo para que a bola passasse o aro e entrasse e... ela bateu no aro, indo para fora.

— Ah não — reclamei, sentindo meus ombros cederem de frustração. — Não acredito que errei novamente.

— Você não precisa ser boa em tudo, gata. — Ben passou os braços por minha cintura me prendendo a ele por um instante e depois beijou minha bochecha.

— Preciso sim — resmunguei. — Quero poder postar uma foto na internet daqui a alguns anos, contando para o mundo que eu ganhei de você em uma partida.

— Sinto muito por te desapontar, gata. Mas isso não vai acontecer. — Ben me puxou para mais perto, fazendo-me rir.

— Eu aposto que consigo te vencer. — Virei meu corpo para que ficasse de frente para ele. Benjamin ergueu uma sobrancelha com uma expressão de desdém. — O quê? Está com medo de perder para mim, jogador?

— Você sabe que eu não vou facilitar para você, não é? — Ele beijou meu nariz.

— Não preciso disso. — Fiquei na ponta dos pés diminuindo a distância entre nossos rostos. Eu conseguia ver as pupilas levemente dilatadas e os olhos brilhando. — Vou te vencer de forma justa.

Ele riu.

— Beleza — Benjamin desceu um pouco as mãos até que ambas estivessem espalmadas em minha bunda —, mas vamos aumentar essa aposta. Para cada ponto marcado, o adversário perde uma peça de roupa.

— Essa é uma desculpa pra você me ver pelada? — Apertei os olhos em sua direção.

— Gata, se dependesse de mim, você estaria pelada há muito tempo, com o meu pau entre as pernas, enquanto revirava os olhos chamando meu nome.

Calor.

Ficou quente.

Quente demais.

— A bola, Davis. — Dei um tapinha em sua mão para que ele me soltasse.

— A minha? Tá aqui no meu pau. Já podemos começar a tirar as roupas então? — Ele segurou a barra da camisa, fingindo que ia passá-la pela cabeça.

— Eu vou ganhar de você, Davis — falei, confiante. — Não adianta tentar me distrair.

Pisquei para ele, seguindo em direção à bola que havia parado perto da arquibancada.

Com a bola nas mãos, dei o primeiro passo, já a batendo no chão. Benjamin me encarava, ainda de longe, sorrindo, com os olhos fixos em mim. Segui, batendo com a bola no chão a cada passo, até ficar em um ângulo onde eu podia conseguir calcular mentalmente a distância e força para que a bola passasse pelo arco entre o meio da quadra e a lateral.

Ben começou a correr em minha direção em uma tentativa de me amedrontar. Quando ele estava perto o bastante soltei a bola para o arco observando o rosto do garoto perder o sorriso aos poucos.

— Três pontos, jogador — comemorei, rindo, e me jogando em seus braços. Ele me

carregou, e eu passei as pernas por sua cintura. — Eu disse que ganharia.

— Você sabe jogar, espertinha. Quer dizer que me mentiu pra mim com todo aquele papinho de *não sei jogar*? — Ben deu um tapa em minha bunda.

— Eu jogava às vezes com meu pai. — Pelo menos alguns minutos antes da minha mãe surtar achando que eu podia ter uma crise e me pôr para dentro de casa novamente.

— Bom saber, gata. Mas quero dizer que foi só uma cesta. Ainda tem muitas outras para que consiga me vencer.

Ele beijou meu pescoço, surpreso, antes de me pôr no chão. Antes que eu pudesse pedir que tirasse a meia, Benjamin passou a camisa pela cabeça deixando à mostra o abdômen sarado.

Suspirei.

Ele queria me distrair, e eu não podia permitir isso.

Tinha que ser mais forte.

O jogo continuou entre provocações, risadas e peças de roupas jogadas pelo chão da quadra. Eu ainda mantinha uma blusa branca, calcinha e sutiã. Benjamin usava apenas um pé de meia preta e cueca branca.

Isso estava mesmo dificultando a minha concentração, especialmente levando em conta que ficou muito difícil esconder a ereção. Não precisava de mais nada para saber a extensão do pênis. Era grande. Grande mesmo. E impossível não ficar olhando sem-

pre. Mesmo que ele nem estivesse perto de mim. O que me distraía bastante.

— Ponto — Benjamin gritou, fazendo-me voltar à realidade.

— Não vale, você me distraiu — reclamei, cruzando os braços sobre os peitos.

— A culpa não é minha se você não consegue tirar os olhos do meu pau. — Ele deu de ombros.

Benjamin ficava completamente bem sabendo que estava quase pelado. Nem um traço de vergonha ou timidez em sua expressão. Na verdade, eu tinha certeza de que ele estava gostando bastante de se exibir. Especialmente quando eu realmente não conseguia disfarçar para onde meus olhos involuntariamente corriam.

Era diferente de mim.

Se eu tirasse a blusa, ele veria minha cicatriz. Se eu tirasse o sutiã, veria os bicos dos meus seios que já estavam duros. E, bem, não ia tirar a calcinha agora.

— Acho que podemos declarar o jogo empatado.

Benjamin riu, balançando a cabeça em negativa enquanto caminhava em minha direção. Eu estava tensa. Ele se aproximou, passando o nariz por minha clavícula. Soltei o ar com força.

Meu corpo estava arrepiado e, meu Deus, quente demais.

Benjamin sabia o efeito que causava em mim.

Com cuidado, como se cada movimento fosse milimetricamente pensado, Benjamin pôs as mãos em meus ombros, descendo-os lentamente até minhas mãos. O tecido que cobria meus braços não servia de absolutamente nada, porque o calor que dominava meu corpo era tanto, que eu sentia como se estivesse completamente despida.

Engoli em seco quando Benjamin passou os dedos hábeis por dentro de minha camisa. A ponta dos dedos resvalando na pele das minhas costas até encontrar o fecho do meu sutiã.

— A única maneira desse jogo acabar, gata, é quando eu puder contemplar esse corpo delicioso sem nenhuma peça de roupa, como eu venho desejando fazer há tempos.

Arquejei, tentando recompor minha respiração enquanto Benjamin mostrava-se cada vez mais habilidoso e conseguindo passar as alças do meu sutiã sem que houvesse a necessidade de sequer mexer na blusa.

— Você parece saber bem o que faz, jogador — falei, quando ele estava perto de tirar a segunda alça por completo.

— Tenho um ótimo trabalho com as mãos. Você não vai ter do que reclamar.

— Não sei se posso te levar tão a sério — provoquei, levantando o rosto para que pudéssemos nos encarar olho no olho. — Disse que eu não ganharia de você, e aqui estou.

— Estamos empatados, gata. E esse é um problema que vamos resolver em breve — garantiu, afastando-se um pouco para poder me olhar dos pés à cabeça. Os olhos brilharam

ao parar em meus seios que agora, sem a proteção do sutiã, estavam expostos. — Finalmente um pouco de justiça no mundo, você pode olhar pro meu pau enquanto eu fico aqui imaginando como deve ser gostoso chupar esses peitos.

Engoli em seco.

Meu Deus, esse homem vai me matar, eu juro.

Ele não se afastou.

Nem eu.

Benjamin mantinha os olhos fixos em meus seios e eu começava a ficar constrangida com isso. Ele ergueu um pouco o lado esquerdo dos lábios, depois usou uma mão para apoiar o meio das minhas costas, trazendo meu corpo para ele e, com blusa e tudo, enfiou meu seio direito na boca, dando uma chupada tão gostosa que fez com que todo o ar se esvaísse dos meus pulmões.

— Desculpa, gata, mas eu não consegui resistir — falou, como se fosse a coisa mais comum do mundo, colando nossos lábios em seguida rapidamente. — Agora, vamos acabar esse jogo logo, porque eu sou capaz de passar vergonha aqui e gozar nas calças só de ficar admirando você, delícia.

Benjamin se afastou, pegando a bola e jogando-a para mim. Tentei me desviar dele quando se aproximou, mas ele foi mais rápido, pondo a cabeça entre minhas pernas e me erguendo nos ombros.

— Ben! — gritei com o susto, mas achando divertida a situação.

— Vou te dar a honra de enterrar essa bola, gata. Sozinha você sabe que não vai conseguir. E daqui a pouco serei eu enterrado em você.

Benjamin segurou minhas pernas com força para que eu não caísse, depois correu em direção à cesta, parando no ponto exato para que eu marcasse meu ponto.

— Você disse que não facilitaria pra mim — reclamei quando ele me pôs no chão. Mas não consegui esconder o sorriso de diversão em meu rosto.

— Acredite, gata. Estou facilitando para mim. — Então, antes que eu pudesse sequer processar o que ele estava dizendo, Benjamin segurou a lateral da cueca abaixando-a por completo. — Você venceu.

Perdi o ar ao ver o pênis excitado e completamente ereto.

Meu Deus era muito maior do que eu havia imaginado quando ele ainda estava guardado. E caramba, minha boca estava salivando.

— Você não imagina o quão doido eu tô pra comer você, gata. — Benjamin se aproximou, beijando-me com intensidade e eu perdi todo o fôlego que havia em mim.

Minhas pernas bambearam e ele me segurou com força para evitar uma provável queda. Será que existia alguma chance de que eu me acostumasse a ser beijada assim?

A ser beijada dessa maneira por Benjamin Davis?

Como se eu fosse a única pessoa no mundo. Como se eu fosse o único objeto de seus desejos. Como se apreciasse meu gosto. Eu gostava do gosto dele. Gostava demais. Tinha cada vez mais certeza disso, porque não queria que ele afastasse os lábios dos meus.

Nunca.

Meu coração parou por alguns segundos com o pensamento.

Mas não tive tempo de refletir o que isso queria dizer, porque ele afastou nossos lábios rápidos demais e eu gemi em frustração.

— Eu prometo que não vai sentir minha falta por muito tempo, gata — falou, beijando meu nariz.

Eu gostava quando ele fazia isso.

Aos poucos, Benjamin começou a se ajoelhar em minha frente. Brincava com os dedos pela lateral do meu corpo. Eu queimava e ardia por causa dele. Fechei os olhos tentando me conter, mas era difícil. Era muito difícil quando Benjamin Davis parecia ser capaz de adivinhar cada um dos meus pensamentos e fazer exatamente o que meu corpo estava pedindo.

Ben enganchou os dedos na lateral da minha calcinha, descendo-a lentamente. Eu podia sentir lágrimas nos meus olhos de tão excitada que me sentia. Benjamin fazia questão de que o tecido e seus dedos arrastassem por minha pele.

Eu me arrepiava.

Suspirava.

Desejava mais e mais aquele homem.

Eu entendia por que as garotas queriam estar em sua cama.

Benjamin beijou a parte interna da minha coxa. O ar quente que saía de seus lábios me fazia gelar de fora para dentro e arder em chamas de dentro para fora.

— Você está pingando pra mim, gata — murmurou, mordiscando a parte mais próxima à minha virilha.

Sem aviso prévio, ele passou a língua por minha entrada, arrastando-a até meu clitóris. Agarrei seus cabelos com força, apertando os olhos enquanto tentava me manter de pé.

Eu ia morrer.

Deus, eu ia morrer.

— Benjamin — chamei, ofegante, quando ele repetiu o processo.

— Eu não sei qual a minha maior necessidade neste momento, gata. Não sei se quero mais te chupar e sentir seu gosto outra vez, ou se vou ser um egoísta do caralho e me enfiar fundo em sua boceta até que você grite meu nome com força.

Sem dúvidas ele ia matar.

Ainda ajoelhado à minha frente, Benjamin foi passando a mão por minha cintura e subindo aos poucos. Minha respiração ficou mais rápida. Muito mais rápida. A cada avanço dos seus dedos.

Gelei quando ele chegou perto demais da minha cicatriz e pus minha mão sobre a sua, tentando evitar que ele a sentisse.

— O quê? — perguntou, com a voz carregada de desejo.

Abri os olhos, baixando o rosto para vê-lo.

Movi a cabeça de um lado para o outro sem saber como explicar.

— Eu... — Meus pensamentos ainda estavam um pouco embananados por conta da explosão de sensações em meu corpo. — Desculpa, eu... tenho uma cicatriz aqui.

Ben sorriu, levantando-se.

— Eu tenho várias também. — O tom estava um pouco mais sério e eu me senti uma idiota por não ter lembrado disso antes. Claro que ele teria cicatrizes por conta do acidente. — Tenho uma aqui — comentou, virando-se de costas e apontando para um local na bunda. — Caí na garagem e a lâmina do sapato de hóquei do Andrew me cortou.

Passei o dedo pela cicatriz de tamanho considerável no lado direito da bunda. Benjamin soltou um gemido quando meu indicador tocou sua pele, segurando minha mão em seguida.

— Desculpa, gata. Mas se você continuar me tocando assim, eu vou gozar antes de entrar em você.

— Assim como? — indaguei, rindo.

— Como se estivesse muito a fim de fazer sexo comigo.

Eu ri.

— Só estava analisando sua cicatriz — me defendi.

— Mentira. Você estava passando a mão pela minha bunda com intuito de tocar meu pau, porque mal vê a hora de estar sentando-se nele. — Apertei minhas pernas de maneira involuntária, e ele riu do movimento. — Todo mundo tem uma cicatriz, gata. Seja ela visível ou não. E eu não tenho dúvidas de que eu vou venerar cada pequeno pedaço de você.

Venerar.

VE. NE. RAR.

Aquela palavra tão pequena parecia dançar em minha mente. Uma dança feliz.

Benjamin deu um passo para perto de mim outra vez.

— Eu quero conhecer cada pedaço seu, Chiara. Do seu corpo, da sua alma. — Ele beijou minha bochecha e foi subindo os lábios, distribuindo beijos em todo meu rosto. — Me deixa tocar você.

Meu coração.

Eu não ia aguentar com ele.

Benjamin me encarava esperando que eu respondesse alguma coisa. Naquele instante eu descobri que havia desaprendido a falar. Meu coração batia forte, meu corpo já estava entregue e não existia nada no mundo que eu quisesse mais do que ele me tocando.

De qualquer maneira.

Assenti.

Ele soltou o ar com força, satisfeito.

Com cuidado, os dedos voltaram à minha cintura e foram subindo.

Cada vez mais.

Fechei os olhos outra vez.

Em parte, porque queria sentir aquilo. Aproveitar cada sensação que seu toque me proporcionaria. Mas não podia mentir, também tinha medo do que veria em seus olhos quando Benjamin visse aquela coisa.

E ela nem mesmo era a parte mais feia de mim.

Quando a parte onde a cicatriz estava foi revelada, ele parou de erguer o tecido da blusa. Fiquei insegura outra vez. Mas logo depois, senti seus lábios ali. Ele deu um beijo, e depois outro, e mais outro.

Ergui o braço quando o tecido precisou de passagem para sair do meu corpo. Benjamin arfou ao me ver completamente pelada à sua frente.

Abri os olhos, querendo ver o que seu olhar transparecia. E a única coisa que eu vi ali foi fascínio.

A maneira como ele me olhava era...

Eu nunca achei que alguém pudesse me olhar daquela maneira. Nunca.

Ele não mentiu quando disse que queria me venerar. Era exatamente essa a sensação que eu tinha. De ser admirada, venerada, idolatrada.

— Você é... — Ele balançou a cabeça em negativa. — Porra, não existe um único adjetivo que seria capaz de expressar o que você é, Chiara. Eu juro.

E então, ele me beijou novamente.

Eu senti que o mundo inteiro tinha parado. Que a gravidade havia simplesmente

se perdido e que aquele beijo era exatamente tudo que eu precisava.

Sua ereção estava pressionada contra a minha barriga e eu sentia um líquido começar a sair da ponta de sua glande. Benjamin gemeu quando eu segurei seu pênis, apertando-o na base.

— Isso é tão bom, linda. Mas eu vou precisar que você pare agora, porque por mais que eu esteja doido pra gozar dentro de você. Eu quero muito fazer outras coisas antes. — Ele mordiscou minha orelha. — E você vai gostar disso tanto quanto eu, amor. Só lamento que não estejamos em uma cama, ou num sofá, ou em qualquer outro lugar decente, mas...

— Eu não queria um lugar decente, Davis. Quero você — falei, sorrindo.

As coisas a seguir aconteceram meio rápidas. Nós estávamos de pé, e logo depois, deitados no chão de madeira naval. Benjamin havia arrumado nossas roupas para tornar o espaço mais confortável. Seu corpo quente e sarado estava sobre o meu.

Benjamin passou os dedos pelo meu rosto, tirando alguns fios que grudaram. Seus lábios foram para meu pescoço, dando mordiscadas e chupões. Meu corpo estava delirando com tudo que sentia.

Ele segurou meus seios com ambas as mãos.

— Porra, você não sabe o quanto eu queria fazer isso, gata. Seus peitos são perfeitos, e cabem certinho em minha mão.

Arqueei o corpo quando ele continuou a estimular meus seios. Beliscou os mamilos,

e passava a ponta do indicador, deixando-os ainda mais entumecidos. Benjamin desceu o rosto passando a língua por meu mamilo.

— Davis — murmurei, procurando algum pedaço da sua pele onde eu pudesse me agarrar para não cair. Embora não houvesse a menor possibilidade de que isso acontecesse.

Depois de lamber o seio esquerdo, ele partiu para o direito e seu senti ondas de eletricidade percorrendo meu corpo.

— Fala pra mim se você está gostando, gata — pediu.

Eu teria respondido se ainda lembrasse como alguma frase era formada em nossa cabeça.

— Não para — pedi, quando sua boca se afastou por alguns centímetros. Ele soprou meu mamilo, voltando a passar a língua, dessa vez em movimentos circulares pela auréola, como em um espiral, até chegar ao bico. — Davis — chamei, apertando minhas pernas com força enquanto ele dava atenção ao outro mamilo.

Uma de suas mãos foi descendo até encontrar o vão entre minhas pernas. Soltei um gemido alto demais quando Benjamin passou a ponta de dois dedos por minha entrada.

— Caralho, gata. Você está ensopada. — Benjamin enfiou os dois dedos em minha entrada, e eu ergui meu corpo quase que por inteiro, querendo um pouco mais daquela sensação. — Eu tô doido pra comer você, Chiara. Com força. Com tanta força que você vai sentir que eu ainda estou em você em cada uma das

suas aulas amanhã, mas eu preciso sentir seu gosto outra vez. Preciso muito.

Benjamin se afastou, descendo um pouco o corpo até que sua respiração estivesse resvalando quente contra minha pele úmida. Ele ergueu minhas pernas, prendendo-as em seus ombros e ergueu um canto dos lábios para mim.

Ele ia me matar. Não tinha dúvidas disso.

Benjamin passou a ponta do nariz em meu clitóris fechando os olhos como se estivesse diante do melhor dos aromas.

— Porra, você tem um cheiro incrível, gata — disse, passando o nariz mais uma vez por meu centro completamente encharcado como se quisesse provar seu ponto. — Seu cheiro é tão delicioso quanto seu gosto.

Foi a última coisa que a minha consciência foi capaz de registrar antes que ele enfiasse a cara no meio das minhas pernas, devorando-me como se eu fosse um banquete majestoso.

Senti quando meu corpo começou a dar sinais de que ia gozar. Aquela sensação que ficou adormecida por tempos, agora era conhecida apenas quando eu ouvia sua voz.

Não havia dúvidas de que eu poderia gozar só com um "oi, gata" do Ben. De alguma maneira, as células do meu corpo foram reprogramadas. Por ele.

Enquanto eu falava coisas completamente sem sentido, Benjamin continuava ali. Chupando, mordiscando, lambendo, levando-me ao limite, apenas para me fazer retroceder

e começar tudo outra vez. Ele gostava de me ver reclamar, pedir mais. Ele gostava de prolongar aquela sensação.

— Benjamin — implorei para que ele não parasse daquela vez. Eu estava perto demais e queria demais aquilo. Por Deus, eu queria tanto. Comecei a rebolar em seu rosto enquanto ele continuava me devorando com vontade. Como se eu fosse o último alimento no mundo. — Ben — choraminguei.

Ele não respondeu, mas ergueu o olhar em minha direção, apertando mais minha bunda para que eu não pudesse sair da posição em que estava. Sua língua fazia coisas incríveis dentro de mim e lágrimas foram se acumulando em meus olhos.

Então, com os olhos claros que tinham um rastro de fogo me mantendo cativa do seu olhar, meu corpo começou a tremer e eu vi os pontos brilhantes dançando em meus olhos, ao mesmo tempo em que vi um líquido esguichando do meu corpo. Uma parte, melecando a cara do Benjamin que continuava com a boca ali, me chupando, até que não restasse mais nada para ele lamber.

Eu tinha ejaculado?

Abri a boca impressionada com aquilo.

Quer dizer, eu sabia que era possível, só nunca imaginei que aconteceria comigo.

Ele sorriu, quando afastou o rosto do meio de minhas pernas, pondo-as com cuidado no chão. Depois, voltou, como um leão em busca da presa, subindo com o próprio corpo sobre o meu.

Levantei a mão para limpar seu rosto, mas ele a segurou, dando um beijo em minha palma.

— Me diz que você nunca fez isso antes — pediu. — Você já ejaculou alguma vez?

Sorri.

Realmente eu tinha feito aquilo.

Balancei a cabeça em negativa, gostando daquilo.

O sorriso no rosto dele alargou ainda mais. Benjamin baixou o rosto até meu colo, dando um beijo no vão entre meus seios.

— E eu estou me sentindo adorável porque a garota mais inteligente do mundo inteiro ejaculou comigo. Só comigo.

Eu ri.

— Você é tão convencido. — Belisquei sua cintura.

Benjamin passou o indicador pelo rastro melado em seu rosto, depois passou o dedo em sua língua.

— Agora me beije, gata. Porque eu quero que você sinta o seu gosto misturado ao meu.

E ele me beijou.

Meu corpo ainda estava cansado do orgasmo, mas era impossível se manter impassível quando aqueles lábios estavam tão animados em continuar explorando minha boca. Em me fazer provar meu próprio gosto adocicado direto dos seus lábios.

Eu adorava o fato de o Benjamin ser um safado que não tinha vergonha de nada. Eu adorava que ele era capaz de me fazer sentir

coisas tão intensas e que fosse capaz de me pôr em combustão tão rápido.

Benjamin passou uma das mãos pela minha cintura, pressionando nossos corpos e soltando gemidos quando eu me esfregava contra ele.

— Porra, me diz que você já está pronta pra mim outra vez, gata — Benjamin sussurrou, descendo as mãos por entre nossos corpos e enfiando um dedo em minha entrada outra vez. O gemido que ele soltou fez meu corpo inteiro estremecer. — Eu amo como você fica sempre ensopada pra mim, gata.

Ele tirou o dedo, lambendo-os em seguida.

— Porra, caralho — reclamou.

— O quê? — Franzi o cenho para ele.

— A camisinha, está na carteira. — Formei uma linha com os lábios tentando evitar sorrir de sua frustração ao seguir seu olhar para a calça que vestia mais cedo e que estava quase do outro lado da quadra. — Não saia daqui.

Ele me deu um beijo rápido, correndo em seguida até o tecido jogado no chão. Benjamin agarrou sua carteira voltando em tempo recorde. Suspirei vendo o tanto que estava excitado e morrendo de vontade de passar sua língua por toda sua extensão. Ele era grande, e cheio de veias. O que fez minha boca salivar.

Sorri quando ele voltou.

— Ah, você está achando engraçado? — Ele pôs a embalagem entre os dentes, rasgando-a em seguida e começando a vestir a ca-

misinha. — Quero ver se você vai rir quando eu enfiar bem fundo dentro de você, gata.

Ai, meu Deus.

Foi a vez dele sorrir diante do meu silêncio.

Um segundo depois e Benjamin estava de volta à sua posição inicial. O corpo sobre o meu, mas tendo cuidado para não me amassar no chão.

Um gemido escapuliu de nossos lábios quando ele arrumou o pênis em minha entrada. Meu corpo arqueou em direção ao seu, querendo mais daquele contato. Estremeci um pouco com a sensação.

Benjamin fazia questão de manter os olhos focados nos meus, estudando as minhas expressões. Seus olhos estavam flamejantes de desejo.

— Caralho, Chiara — murmurou, entrando um pouco mais em mim, fazendo as minhas paredes se alargarem. — Porra, acho que não quero fazer mais nada a não ser ficar aqui com você.

Ia sorrir, mas ele entrou mais um pouco, e eu joguei meu corpo para cima fazendo com que minhas costas desgrudassem do chão. A sensação era simplesmente a melhor coisa do mundo.

Benjamin desceu um pouco o rosto mordendo meu queixo, depois meu lóbulo, em seguida ele se movimentou outra vez, fazendo com que estivesse quase todo dentro de mim. Beijou meu nariz. Nossos lábios se roçaram. Sua respiração pinicava em minha pele.

— Mais — pedi, sentindo que eu precisava de mais dele.

Benjamin pressionou o corpo em minha direção outra vez, soltando um gemido em seguida.

— Puta que pariu. — Ele beijou meu ombro, começando a se movimentar devagar.

Levantei minha perna, passando-a por sua cintura. Nós dois gememos juntos outra vez. O contato foi ainda mais intenso. Resolvi fazer a mesma coisa com a perna esquerda e...

— Continua, por favor, continua.

A posição nova tornou um contato bom em uma coisa absurdamente melhor. Benjamin saiu por completo, me fazendo soltar um som de frustração, mas ele voltou, arremetendo com tudo contra mim.

Finquei minhas unhas em suas costas.

— Assim — ele disse, quando sem nem pensar no que estava fazendo, rebolei embaixo dele. — Faz outra vez.

E eu fiz.

Era bom.

Eu nunca pensei que sexo fosse tão bom.

Benjamin me segurou pela cintura com força e aquela mão enorme pressionando um ponto sensível fez meu corpo inteiro arder de tesão. Ele colou os lábios aos meus ouvidos e meu corpo incendiava a cada som que de agrado que ele emanava.

Não apenas eu estava gostando daquilo.

Benjamin também estava.

Muito.

Ele apalpou meu peito esquerdo, mordiscando o bico do direito. Lambendo minha auréola. Pedindo para que eu rebolasse para ele.

Nossos gemidos foram ficando cada vez mais altos à medida que os movimentos se tornaram mais contínuos. Ele me beijou outra vez. A língua explorando minha boca. Meus quadris se erguiam e os sons sensuais dos nossos corpos se encontrando.

Toquei seu abdômen com a mão livre, sentindo os gominhos contra minha pele. Continuei desbravando seu corpo. Beijando seu pescoço.

Sempre sedenta por coisas das quais eu nem fazia ideia.

— Mais rápido — pedi, apertando ainda mais minhas unhas em sua pele. Eu gostava dos sons que ele fazia. De todos eles.

E ele fez.

Benjamin entrava e saía de mim cada vez mais rápido e com força. Aquilo estava me levando à loucura.

Se eu acreditei que gozar em sua boca tinha sido uma coisa boa, é porque realmente ainda não tinha experimentado isso.

Eu sentia que cada vez mais meu corpo se preparava para gozar. Minhas paredes estavam se comprimindo.

— Gata — ele disse. Uma gota do seu suor caiu em minha testa, fazendo que eu o encarasse. — Porra, você é gostosa demais, Chiara. Demais.

Benjamin mordiscou meu ombro, continuando os movimentos.

Eu apalpei sua bunda.

Ele enfiava cada vez mais fundo, nos levando quase ao limite.

Tudo que eu sabia era que precisava de mais dele. De mais do Benjamin Davis. Precisava que ele me desse exatamente o que meu corpo queria, e eu tinha certeza de que ele daria.

— Benjamin — murmurei, sentindo meu corpo entrar em agonia.

— Eu sei...

Uma de suas mãos foram parar em meu clitóris.

Ele fez movimentos circulares.

Abri a boca, arfando alto enquanto jogava minha cabeça para trás.

Eu estava muito perto.

— Ben...

— Goza comigo, linda — pediu, arremetendo mais uma vez. — Goza comigo.

Ergui o quadril contra sua última arremetida.

Benjamin pressionou o próprio quadril contra o meu.

E então, gozamos juntos. Como se nossos corpos estivessem em sintonia profunda. Meu corpo tremia enquanto meus pés estavam arqueados em um prazer profundo. O corpo de Benjamin também tremia contra o meu. Ele beijava meu ombro. Ambos ficamos em si-

lêncio por um tempo tentando reencontrar o ritmo de nossas respirações.

— Isso foi... — Não consegui encontrar uma palavra para descrever.

— Exatamente.

Não havia mesmo uma palavra para descrever o que nós havíamos feito. Sorri, pensando que eu já queria fazer outra vez.

Madison estava certa.

O sexo não era superestimado, talvez só precisássemos encontrar alguém certo para isso.

Por sorte, eu tinha o Benjamin Davis.

Pelo menos, por um curto intervalo de tempo.

Capítulo 23
Benjamin



Capítulo 23 – Benjamin

Sempre gostei de ouvir o público gritando nos jogos.

Sempre.

Especialmente depois do acidente.

As pessoas gritando energeticamente eram uma motivação. Alguns jogadores preferiam o silêncio.

Eu o odiava.

Desde o acidente.

O silêncio me assustava.

Mas hoje não havia silêncio, muito menos gritos para me agitar. A única coisa que me importava era a garota, com as mãos fechadas em punho, na frente dos lábios, que esperava os meus três lances livres.

O jogo estava nos últimos minutos quando Ash sofreu uma falta em meio a um arremesso. O cara machucou o pé e precisou ir para o banco. O treinador me escolheu para o lance livre.

Com um placar de 117 a 118 estávamos perdendo e essa era a minha chance de marcar pontos o suficiente para empatar, ou, no mínimo, nos garantir uma prorrogação.

Como a falta foi cometida durante um arremesso, nós teríamos três lances livres. Três malditas chances de sairmos daqui como vitoriosos.

Olhei para a cesta, fixando os olhos na parte da frente do aro, concentrado. Espiei rapidamente o espaço onde Chiara estava. Ela sorriu discretamente para mim quando nossos olhares se encontraram.

Foi rápido, e mesmo com as mãos cobrindo parte do seu rosto bonito eu conseguia ver. Havia poucas coisas a seu respeito que eu não notava. A única coisa que eu não conhecia a seu respeito, eram seus segredos.

E também estava ansioso para descobri-los.

Meu coração bateu mais rápido quando ela sorriu para mim. Assim como acelerou quando acordamos juntos quase amanhecendo na quadra de esportes. Depois daquela primeira vez, ainda consegui dar mais dois orgasmos a Chiara. Cansados, acabamos adormecendo.

Era a segunda vez em que acordávamos fisicamente juntos. E eu queria repetir a dose outras vezes.

— Se concentra, garoto! — o senhor Reynalds gritou, batendo palmas, fazendo-me voltar a encarar a cesta à minha frente.

Pressionei a bola em minhas mãos, voltando a me concentrar no aro. Flexionei os joelhos, pegando um impulso rápido e soltando a bola em seguida. Ela fez o trajeto que eu estava esperando, mas não passou pelo aro. Circundou-o uma, duas, três vezes. Soltei um suspiro esperando que ela caísse no chão, e ela atravessou o aro.

Sorri, ouvindo os gritos ao nosso redor.

118 a 118.

Peguei a segunda bola, olhando furtivamente para Chiara na arquibancada. Dessa vez, ela e Leigh tinham os braços entrelaçados, enquanto apertava a mão de Madison com a mão livre. Parecia tensa, assim como meus irmãos.

Beijei a bola, posicionando-a outra vez.

Encarei o aro à minha frente, repetindo o processo e soltando-a. Dessa vez ela bateu no aro e caiu.

Os sons de frustração soaram alto em meu ouvido.

Olhei para a arquibancada outra vez. Andrew acenou em minha direção. Eu amava como meu irmão sempre confiava em nós. Ele acreditava que daria certo. Chiara sorriu para mim quando nossos olhares se encontraram.

— Se concentra, garoto — nosso treinador gritou, batendo palmas outra vez. Mas agora, querendo chamar minha atenção.

Peguei a bola tenso.

Meu coração disparado.

Se eu errasse, só nos restaria descobrir que jogaríamos o March Madness. Eu não queria depender disso. Queria a vitória em todos os campeonatos possíveis e se eu errasse a cesta, estaríamos eliminados.

Merda.

Inspirei e expirei.

Peguei a bola. A última.

Olhei para a arquibancada outra vez. Meus irmãos, Chiara, nossos amigos, todos es-

tavam tensos. Aquele ponto poderia garantir a nossa vitória.

Segurei a bola com força, firmando os pés no chão.

Engoli em seco, tenso.

Eu tinha que fazer aquela cesta.

Bati com a bola no chão, passando uma mão sua de cada vez na roupa, tentando secar as gotículas de suor.

Olhei para a arquibancada outra vez, buscando um pouco de apoio da minha família. Dos meus amigos. Da minha gata.

Sentindo o coração acelerado de expectativa, bati com a bola no chão mais uma vez, posicionando-me para o arremesso. Flexionei os joelhos, ajustei as mãos, e dei um impulso com a bola.

Os momentos em que ela ficou no ar foram alguns dos mais longos da minha vida. E então, ela entrou na cesta.

Direto.

Nosso placar foi alterado.

119 a 118.

Os gritos ecoaram tão alto que eu mal sabia o que sentia. O juiz apitou o final do jogo e olhei para a arquibancada enquanto meu time corria para a quadra. Jonh se jogou sobre mim, esperando que eu o segurasse. Os outros caras começaram um abraço em grupo entre parabenizações pela cesta e a euforia de mais uma vitória.

Mas foi nela que meus olhos foram parar.

E, caralho, o sorriso de felicidade em seu rosto fez com que as batidas do meu coração se acelerassem outra vez.

E eu mal podia esperar para comemorar com ela.



Empurrei com força a porta de saída de emergência da ala do estacionamento mais distante de onde Malcon havia deixado o carro.

— Tem certeza de que ninguém vai nos encontrar aqui? — Chiara perguntou com a voz entrecortada, tanto pelos passos rápidos que demos para chegar até aqui, quanto por causa dos meus lábios sobre os seus no instante em que passamos para a área a céu aberto no segundo andar.

— Tenho — respondi, puxando-a outra vez para mais um beijo. — A primeira coisa que fiz quando desci do ônibus foi procurar um lugar escondido onde pudesse te agarrar — confessei, mordendo o lábio inferior da garota que fazia com que meu coraçãо desse voltas em meu peito. — O treinador ficou puto com meu sumiço, mas eu tinha as minhas prioridades.

Desci os lábios para seu pescoço.

Chiara soltou um gemido, jogando o corpo um pouco mais para frente quando mordisquei o ponto certo.

— Pensei que vencer era sua prioridade.

— E é. Especialmente por saber que eu teria o meu beijo de comemoração — respondi, passando o nariz por sua mandíbula.

— Você já tinha ganhado um beijo de boa sorte. Devia contar.

— Não mesmo, engraçadinha. — Segurei seu queixo, para que ela me encarasse. — Eu quero um beijo seu — colei nossos lábios rapidamente — para cada pequena ocasião — a beijei novamente. — Porque você tem os lábios mais viciantes do planeta.

Chiara riu, e eu podia jurar que ouvi um suspiro. Encostei-a contra uma das paredes próximas à saída de emergência, pondo minhas mãos em sua bunda de maneira automática. O lugar estava escuro e seria difícil sermos vistos.

— Você estava lindo lá na quadra. — Ela sorriu. — E tão sensual quando ficava concentrado prestando atenção lá na cesta.

Beijei seu nariz.

— E você estava linda lá na arquibancada, torcendo por mim. — Beijei sua bochecha. — E a primeira coisa que eu pensei quando vi você usando essa saia, foi no quanto você era gostosa, e no tanto que eu queria foder você. — Ela se arrepiou quando sussurrei as palavras em seu ouvido. Ela gemeu quando rocei meu corpo contra seu quadril. Já havia tomado banho e trocado de roupa. A calça moletom que eu usava não dificultava em nada que ela sentisse o quão duro eu estava por ela.

— Seria engraçado te assistir correr pela quadra com uma ereção — brincou, passando os dedos por meu tórax por dentro da camisa.

— Esse é um show reservado para você, gata. — Mordisquei sua clavícula. Friccionando meu pau contra seu corpo. — Posso te contar um segredo? — pedi.

— Pode. — Chiara aproveitou para passar os dedos de maneira cálida por meu rosto.

— Acho que eu estou viciado em você — confessei, prendendo seu corpo ainda mais contra a parede, pressionando minha ereção contra ele. Chiara ficou tensa, como se não fosse o tipo de coisa que ela estava esperando ouvir. — E que o meu pau também está viciado em você.

Ela arfou, parecendo mais confortável ao saber que meu pau a desejava, do que eu.

E eu desci meus lábios para seu pescoço.

Adorava aquele cheiro.

Senti o celular vibrar na bolsa pequena que usava com a alça apoiada no ombro. Ela jogou o pescoço para trás para que eu continuasse com os beijos enquanto alcançava o aparelho.

— É a Mad — falou, com a respiração afobada. — Ela quer saber onde eu estou.

— Onde você disse que ia? — Mordisquei uma parte do ombro, voltando a passar o nariz pelo pescoço.

— Esperei que ela se distraísse com um dos caras que estavam dando em cima dela, e avisei ao Jackson que estava muito apertada. Andrew tinha saído com a Leigh um pouco antes para o banheiro também, eu garanti que conseguiria encontrá-los — expliquei.

— Eles vão morrer de preocupação quando você demorar.

— Eu sei. — Ela passou os dedos por dentro da minha camisa, fazendo com que todo o sangue do meu corpo se concentrasse em meu pau. — Exatamente, por isso, temos que ser rápidos. — Franzi o rosto, tentando entender o que ela dizia. — Ben, a gente pode fazer isso aqui?

Meus lábios pararam na curva do seu pescoço por um instante enquanto minha mente tentava forçar meu corpo a compreender que aquela era uma péssima ideia. Meu pau já estava animado, ficando mais duro a cada segundo que passava apenas com a mínima possibilidade.

— Você quer que eu te coma aqui? — perguntei, tentando descobrir se minha mente estava me pregando alguma peça maluca.

Chiara puxou meu rosto, segurando-me pelos cabelos.

— Quero — falou, pausadamente. — E eu adoro quando você fala essas coisas.

Sorri, aproximando meu rosto do seu e roçando nossos lábios, mas sem encostá-los de fato.

— Quando eu digo que quero te comer? — perguntei, mordiscando seu lábio e puxando-o para mim. — Ou que quero você gozando para mim?

Chiara mexeu as pernas, excitada.

Eu adorava o fato dela ficar excitada com as baixarias que eu falava. Adorava o fato de que, apesar de claramente tímida e com dificuldades para se expressar quando precisava utilizar palavras referentes a sexo, ela também era desinibida e sabia o que queria.

Pus minha mão em sua coxa. Hoje, além da saia, nada cobria suas pernas. Subi os dedos devagar, ouvindo quando ela soltou o ar com força.

— Eu amo como você fica pronta pra mim, sempre, gata. — Meus dedos foram subindo aos poucos.

— A gente pode fazer isso, então? — murmurou.

Eu pressionei meu pau contra seu corpo para que ela sentisse como eu estava completamente duro por ela. Chiara soltou um gemido que reverberou diretamente em meu pau, deixando-o ainda mais duro.

— Fazer o que, linda? — Beijei o ponto bem embaixo de sua orelha que eu tinha certeza de que a faria suspirar.

Seus dedos foram descendo, tentando encontrar o cós da minha calça.

— Você sabe.

Balancei a cabeça em negativa subindo meus dedos um pouco mais. Meu pau já estava duro e sinceramente eu mal via a hora de entrar nela. Quando a trouxe aqui para fora, não tinha a intenção de acabar em sexo. Entretanto, também não era um cara de negar um orgasmo a uma dama.

— Não sei, você vai ter que me dizer. — Meus dedos brincaram com o elástico da sua calcinha, e ela suspirou, segurando meu ombro com força.

— Eu quero que você... — passei o indicador por seu clitóris. Chiara apertou os dedos contra a pele do meu abdômen — me coma — sussurrou.

— Não entendi, gata — brinquei, passando o indicador por seu rosto e mordendo a orelha. — Fala mais alto.

— Davis...

Pressionei um pouco o clitóris, fazendo-a soltar um gemido.

— Não ouvi, pode repetir, por favor.

— Me... — Parou, ofegante, com meus dedos brincando no meio de duas pernas. — Me coma. Quero que você me coma.

Beijei sua clavícula.

— Vai ser um prazer, linda.

Capturei sua boca em um beijo cheio de desejo. De tesão. Completamente faminto. Chiara passou uma das mãos por minha nuca com seus braços ficando na ponta dos pés para diminuir nossa diferença de tamanho e a outra desceu até o cós da minha calça.

— Coloca meu pau pra fora, gata — instruí.

Ela ergueu os olhos para mim. Cheguei a cogitar que, agora, tornando a coisa mais real, ela fosse olhar ao redor e desistir. Porém quando seus olhos encontraram os meus, não havia o menor sinal de receio, mas de determinação.

Porra, aquela garota, sem dúvida, ia me matar.

Ela ergueu o canto do lábio em um sorriso e, como uma garota obediente, enfiou a mão em minha calça, envolvendo com firmeza meu pau rígido.

Porra.

Porra.

Porra.

Soltei um gemido ao sentir as mãos delicadas e um pouco frias, envolverem meu pau quente e ansioso para entrar em sua boceta.

Chiara gostou da minha reação, começando a estimular meu pau com movimentos de vai e vem.

— Isso, gata — pedi, soltando o ar com força.

Uma das minhas mãos apertava o seu quadril, a outra invadiu sua calcinha, movendo-a para o lado. Esfreguei o dedo por sua entrada, sentindo o quanto Chiara já estava molhada.

Ela jogou a cabeça para trás, batendo um pouco contra a parede, mas deixando o pescoço à mostra.

Eu tinha uma tara por aquela parte de seu corpo.

Por todo seu corpo, na verdade.

Passei o nariz do seu queixo, até o cantinho de sua orelha, ouvindo-a suspirar. Nossos gemidos e sussurros se misturavam às nossas respirações quentes. Desesperado por continuar sentindo seu gosto, por explorar cada pequeno canto dela, ansioso por descobrir novas formas de fazê-la gemer e suspirar por mim, a beijei outra vez. Até que não houvesse mais fôlego.

E ainda assim, continuei a beijá-la como se tivéssemos todo tempo do mundo. Como se nada mais importasse, porque, para mim, nada importava mesmo.

Afastei minha mão de dentro de sua saia, engolindo uma reclamação com meus lábios, enquanto tateava meus bolsos até encontrar uma camisinha.

Quando falamos sobre sexo pela primeira vez, Andrew havia me feito prometer que nunca sairia de casa sem uma. Melhor prevenido, do que com a possibilidade de me tornar pai sem preparo algum, ou pior, pegar alguma doença. Era regra em nossa casa.

Rasguei o plástico, entregando para ela. Podia salivar só de imaginar Chiara vestindo a camisinha em meu pau.

Ela desvencilhou nosso beijo, e imediatamente senti falta dos seus lábios nos meus.

Chiara estava deslumbrante com os lábios inchados e os cabelos um pouco desarrumados. A blusa que vestia era justa e com

alguns poucos centímetros de gola. As mangas vinham até os pulsos, mas o destaque era o corte vazado no colo, deixando à mostra uma parte do seu colo.

Ela me olhou puxando o ar, tentando controlar a respiração.

Lentamente, ela tirou a camisinha do plástico, olhando para meu pau. Passou a língua pelos lábios, deixando-me ainda mais duro ao imaginar aquela boquinha linda e delicada chupando meu pau.

Arfei quando ela pegou meu pau novamente, pela base, olhando-me com os lábios entreabertos e os olhos ardendo de tesão. Chiara deslizou com delicadeza enquanto deslizava a proteção por toda minha extensão.

— Você não para de me surpreender nunca, gata — falei, segurando sua nuca com firmeza, enquanto a invadia com a minha língua.

Minha outra mão desceu afoita até suas pernas. Afastei-as enfiando a mão por baixo de sua saia, chegando à calcinha para o lado. Chiara gemeu com o contato e não foi um gemido discreto.

Ela estava tão sedenta quanto eu.

Sem aviso prévio, mergulhei fundo em sua boceta, sentindo quando Chiara ergueu um pouco o quadril em resposta, gemendo em meus lábios.

Aquela era a melhor sensação do mundo inteiro.

Sério.

Puxei uma de suas pernas para cima, envolvendo meu quadril com ela e facilitando meu acesso ao seu corpo.

— Gostosa — murmurei, afastando nossos lábios por alguns segundos, mas foi tempo suficiente para que ela sentisse a minha falta e buscasse meus lábios outra vez.

Continuei estocando-a lentamente.

Nós arfamos juntos.

Eu mordisquei seus lábios.

Chiara arranhou minhas costas.

Eu procurei seus seios.

Ela rebolou em meu pau.

Nós gememos.

E esquecemos do mundo.

De onde estávamos e de que precisávamos, involuntariamente retornar.

Só nós dois importávamos ali.

— Ben — murmurou, com os lábios inchados e avermelhados.

E então, não existia mais um ritmo lento.

Comecei a entrar e sair do seu corpo com força.

Rápido.

— Não para — ela pediu. — Por favor, não para.

Nem que eu estivesse louco.

Uma das minhas mãos encontrou seu clitóris inchado e Chiara choramingou quando eu o pressionei. O som dos nossos corpos se chocando foi ficando cada vez mais alto e intenso, assim como nossos gemidos se tornavam impossíveis de conter.

Ela estava perto.

Eu sabia disso porque sentia suas paredes se contraindo contra meu pau.

— Ben... eu... quase...

Foi tudo que ela conseguiu falar antes de soltar um gemido alto demais, gozando em seguida. Chiara falava palavras ininteligíveis, enquanto o corpo tremia com a intensidade do orgasmo. Ela encostou a cabeça em meu ombro, deixando uma mordida ali.

Eu estava quase também.

Minha musculatura estava tensa, implorando por alívio.

Eu continuava a arremeter contra Chiara com intensidade. Ela mordiscou meu pescoço, fazendo com que eu me arrepiasse, e passou as unhas por minhas costas.

Sentia que estava cada vez mais perto e no exato instante que gozei, ouvimos o alarme de um carro, eu olhei para trás e um flash.

— Porra! Apaga essa merda — pedi, tentando subir minha calça e arrancar a camisinha enquanto protegia Chiara com meu corpo para que ela não fosse vista.

Caralho!

Eu esperava que isso não acabasse em merda.



Capítulo 24
Chiara

Capítulo 24 – Chiara

Arrumei o fone no ouvido assim que a chamada de Benjamin começou. Atendi, vendo-o sem camisa na cama, deitado, e parecendo um pouco chateado.

Normalmente, depois dos jogos sempre existia um movimento para comemoração. Hoje, embora o time tenha saído para beber e nossos amigos tenham insistido muito também, Ben rejeitou todos os convites. Ele estava preocupado com alguém ter me reconhecido nas fotos, e eu fiquei um pouco incomodada com isso.

Sabia que eu havia dito que essa coisa entre nós era casual e que não queria de maneira alguma que nossos amigos soubessem o que estava acontecendo, porém, de repente, tive uma sensação ruim ao ser escondida dessa forma.

Benjamin, enquanto subia as calças de maneira desajeitada com a minha ajuda, cobria meu corpo com o seu, pedindo que as pessoas não me filmassem ou fotografassem.

"Ela não, porra. Pode colocar minha cara no The New York Times se quiser, mas se vocês expuserem ela, juro por Deus que infernizar a vida de vocês."

Benjamin arrancou a camisa que vestia, jogando-a sobre mim enquanto se esforçava para me fazer passar pela mesma porta onde

havíamos passado antes, sem que ninguém pudesse registrar nada a meu respeito. Ele xingou por todo o caminho de volta, não cansando nunca de perguntar se eu estava bem entre os palavrões.

Era irritantemente fofo.

— Desculpa — falei, soltando o ar com força. — Se não fosse por minha ideia idiota isso não teria acontecido e sua foto não estaria rolando por aí.

Ele riu.

— Não tem problema. Eu não ligo para isso. Minha única preocupação era não te expor. — Suspirou. — Nunca dá nada pra um cara ser pego em uma situação como essas, mas sei que podia te prejudicar e que você ficaria mal com isso. Na verdade, se eu tivesse pensado melhor...

— Eu não me arrependo — interrompi. Benjamin me olhou como se não acreditasse. — Sério. Foi...

— Excitante? — sugeriu, erguendo uma sobrancelha.

— Eu ia dizer emocionante, mas isso também serve.

— Quando nós éramos pequenos, nossa mãe tinha uma daquelas bonecas russas, Matrioska, sabe? Que vamos abrindo e tirando uma boneca menor de dentro? — Assenti. Os olhos brilhavam e ele tinha um sorriso leve nos lábios, provavelmente lembrando da mãe. — Você é assim. Cheia de surpresas. E cada vez que eu descubro uma coisa nova sobre você — pausou, parecendo pensar melhor no que

ia dizer —, gosto mais. Você é incrível mesmo, gata.

— Tudo isso porque pedi que você... — ele apertou os olhos em minha direção, desafiando-me a usar a palavra. Olhei na direção da cama da Leigh para ter certeza de que ela estava dormindo —, que você me comesse num estacionamento? — questionei baixinho, fazendo-o rir.

— Não — falou, balançando a cabeça em negativa. — Tudo isso porque eu gosto de todas as suas versões, gata. E você foi mesmo uma gênia traçando uma estratégia para que não imaginassem que estávamos juntos.

Mordisquei o lábio, forçando-me a não rir.

Eu não podia permitir gostar daquelas palavras.

Muito menos que meu coração batesse daquela maneira.

Não podia.

Mas sim, eu desliguei o celular e pedi que ele fosse na frente encontrar com nossos amigos e fingindo se preocupar bastante com o meu sumiço. Depois, pedi a uma garota no banheiro para que me emprestasse seu celular para fazer uma ligação e expliquei a Leighton o que havia acontecido. Eles todos foram me buscar na ala mais distante de onde havíamos sentado para ver o jogo. Eu expliquei que me deram uma informação errada e acabei me perdendo e, ao tentar retornar para onde estávamos, me perdi ainda mais, até encontrar uma garota para me emprestar o celular.

Deu certo. Eles não desconfiaram.

— Me fala sobre a sua mãe — pedi, tentando mudar de assunto.

Benjamin mudou de posição na cama. Algumas vezes. Arrependi-me de ter perguntado a respeito, não devia ser fácil para ele falar sobre ela.

— Eu acho que o Andrew parece muito com ela — ele disse, depois de algum tempo.

— Então você também parece. Vocês dois não...

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Não assim. Na forma de amar as pessoas. — Assenti, entendendo o que ele queria dizer. — Ela se doava por completo. Mesmo com as pessoas que não conhecia tão bem. Ela amava nossa família, e estava sempre com um sorriso no rosto. Realmente não consigo lembrar dela brava um só dia.

— Então talvez você também tenha muito dela. — Sorri. — Nunca te vi bravo com ninguém.

Benjamin ficou em silêncio por mais algum tempo.

— Quando éramos crianças sempre íamos para a casa de praia de um amigo da família no feriado de 4 de julho, mas a gravidez da Oly precisou de um pouco mais de cuidados, então não seria viável uma viagem de tantas horas. Nossa mãe foi dormir, e o... nosso pai, estava na cozinha alimentando o Jackson. — Ben passou a mão no rosto, rindo, como se conseguisse lembrar com clareza daquele momento. — Andrew e eu estávamos entediados e decidimos que queríamos ter uma praia particular. Então, começamos a encher a banheira

e pusemos um pano na porta para impedir que a água passasse e nós pudéssemos nadar também do lado de fora, sabe?

— Ai, meu Deus! — Peguei o celular, mudando-o de posição e usando uma almofada de apoio, para que não ficasse caindo. — Vocês inundaram a casa inteira?

O sorriso dele se alargou.

— Eu nem consigo imaginar a cara do nosso pai quando notou água escorrendo pelas escadas. — Ben riu, de verdade. Feliz. — Quando ele abriu a porta do banheiro e nós vimos a bagunça que havíamos feito, tentamos mentir com a cara mais deslavada do mundo, dizendo que estávamos aprendendo a fazer aquilo para que quando Olívia crescesse, nós pudéssemos ensinar a ela que não devia nunca fazer uma praia em casa.

Eu ri.

— Foi a desculpa mais idiota do mundo.

— Tínhamos que pensar em alguma coisa rápido. — Deu de ombros como se fosse uma explicação lógica.

— Então vocês sempre faziam as coisas e jogavam a culpa na Olívia? — quis saber.

— Não. Na verdade, ela nos culpava das coisas e nós acabávamos assumindo com dó dela tomar uma bronca. — O sorriso foi sumindo aos poucos dos seus lábios, como se um pensamento terrível, ou uma memória ruim tivesse se formado em sua mente.

— E como é ter muitos irmãos? — Vireime novamente pela cama, tentando achar uma posição confortável. — Eu sempre quis

ter irmãos, mas meus pais nunca quiseram ter outros filhos.

Não era culpa deles, nesse caso.

Eu já ocupava todo o tempo.

— Ter irmãos é um inferno. Eles te irritam o tempo inteiro, e em muitos momentos você cogita gastar seu réu primário com eles. Mas também é a melhor coisa do mundo. Eu não saberia o que seria da minha vida sem eles.

— Isso foi fofo — comentei, e ele reclamou sobre não ser fofo e coisas do tipo.

Mas a verdade. Benjamin era divertido, sabia falar as coisas certas e sempre lutava pelas pessoas que gostava.

Ele era fofo.

E, infelizmente, eu adorava isso.

Eu não podia gostar dele. De todas as coisas que poderiam acontecer, essa seria capaz de nos devastar.

De destruir a nós dois.



Suprimi um bocejo, lutando para manter meus olhos abertos.

A noite de ontem foi intensa.

Benjamin e eu conversamos até quase o nascer do sol, e eu mal tinha visto as horas passarem.

O que era estranho, já que nem parecia que nós tínhamos passado a madrugada inteira conversando, já que meu coração começou a bater de uma maneira diferente assim

que o vi caminhando para a lanchonete através do vidro da janela.

Ele era um espetáculo de lindo.

Sério.

Era engraçado pensar que eu havia tocado aquele corpo muito bem definido, beijado aqueles lábios gostosos e que nós estávamos nos divertindo. Bastante. Ontem, no meio das conversas, Ben me ensinou como fazer sexo virtual e foi simplesmente incrível.

Não podia prolongar aquilo por mais tempo, mas não tinha a menor coragem de terminar também.

Eu estava adorando.

Se nós continuássemos com aquilo por mais tempo, eu me apaixonaria.

E me apaixonar por Benjamin Davis seria o meu maior e mais perigoso erro. Entretanto, se eu não desse um fim naquilo, seria inevitável.

— Olha só quem chegou, o conquistador! — Madison falou alto e em tom de provocação olhando para além do meu ombro.

Eu estava ao lado da Leigh e Andrew na ponta do banco acolchoado onde estávamos. Madison e Malcon tinham sentado à nossa frente. Jackson teria uma prova e preferiu almoçar em casa, estudando, antes de voltar para a aula.

Malcon assobiou, sorrindo, na direção do Benjamin quando ele se aproximou.

— No estacionamento, filho da puta? Não aguentou o tesão até a porra de um motel?

Benjamin ignorou o amigo, sentando-se ao seu lado. Bem na minha frente.

— E essa bundinha? Meu Deus, Davis. Deve ser boa de apertar, hein?! — Madison provocou, apoiando os cotovelos na mesa e se inclinando um pouco na direção dele.

— Vai pro inferno, Madison.

— Pelo menos conta se valeu a pena, gostosão. — Malcon imitou a Mad, mudando de posição para poder vê-lo melhor.

Benjamin não me olhava e isso me incomodou um pouco.

— Dá pra gente não falar sobre isso? — grunhiu.

— Eu esperava esse tipo de coisa do Andrew que já comeu uma garota no sofá, no meio de uma festa. — Malcon olhou para Andrew.

Todos nós, na verdade.

— Você o quê? — Leigh olhou para o namorado com os olhos arregalados, e eu ri achando graça.

Olhei para Benjamin, e ele sorriu para mim, gesticulando com os lábios "você está linda." Meu coração derreteu um pouco.

Desviei o olhar, tentando controlar as batidas frenéticas em meu peito.

Inevitável, meu coração pareceu repetir, enquanto minha mente se esforçava para repelir a palavra.

— Não foi nada demais, só uma dessas fodas de festa. — Rolou os olhos. — Todo mundo faz isso em lugares inusitados. Olha o

idiota do meu irmão, a bunda divulgada em tudo quanto é lugar.

— Não me mete nessa não. Sua namorada está falando de você que adorava comer as garotas em qualquer lugar — devolvi.

— E eu acho que a Leighton vai cobrar uma foda dessas inusitadas — Madison comentou, fazendo o rosto da nossa amiga se contorcer de vergonha.

— Será que podemos agir como pessoas normais e falar sobre temas comuns, tipo a porra do tempo? — Benjamin pediu, com o rosto corado.

— Um Davis na coleira e outro Davis não querendo exibir seus feitos sexuais? — Madison insistiu. — Conta pra gente, era casual, ou alguém especial.

Benjamin suspirou.

Ele não ia responder. Claro que não.

E mesmo que respondesse, era óbvio que seria a primeira opção. Nós tínhamos combinado estritamente o casual. Contudo, parte de mim gostaria de ouvir as palavras saindo da boca dele. Acho que queria saber o que ele pensava a respeito do que estávamos fazendo.

— Foi casual, tá bom? — falou, notando que ninguém mudaria de assunto. Isso. Casual. Era isso. — Mas com alguém especial — completou.

Minha respiração falhou e meu coração bateu acelerado outra vez.

Tão rápido, que precisei pôr a mão no peito para conter uma dorzinha fina que começava.

— Especial mesmo. — Malcon deu um tapa na cabeça do Ben. — Se tem uma coisa que esse filho da puta faz como ninguém é contar vantagem sobre as fodas dele. E eu fiquei sabendo que o filho da puta até ameaçou quem quer que ousasse expor a cara da gata.

— Ai não, Davis, por favor, me conta quem é! Eu juro que não vou falar nada a ninguém. — Madison fez a melhor expressão do gato de botas que conseguiu.

Até Andrew parecia curioso, enquanto Leighton defendia o mistério.

— Nem sob tortura eu contaria isso a vocês, bando de maria fifi.

Ele me olhou disfarçadamente e sorriu.

Eu sorri de volta.

Com o peito dolorido.

Esmagado.

Eu era alguém especial, então?

E não devia ficar feliz com aquelas palavras.

Não devia.

Mas eu estava.

Madison passou mais algum tempo tentando arrancar alguma informação do Ben. Qualquer coisa sobre a garota, mas ele seguiu desviando das perguntas, até que eu resolvi interferir.

— Tenho novidades sobre o projeto. — Capturei a atenção da Mad. — Não queria con-

tar antes porque vocês iam ficar ansiosos, o que me deixaria ansiosa também.

— Então você vai contar do que se trata agora? — Os olhos da minha amiga até brilharam de emoção.

— Vou, Madison. — Rolei os olhos, mas na verdade estava muito animada com a empolgação da garota.

Então, expliquei a eles o que era a terapia gênica, animada demais com a maneira como eles reagiam às informações. Pareciam mesmo interessados no assunto.

— Eu espero que não haja nenhuma dúvida nessa mesa, sobre quem é a pessoa mais inteligente entre nós — Malcon falou, fazendo um sorriso enorme crescer em meu rosto.

— Embora adore ser considerada inteligente demais, não é exatamente isso...

— Caralho, como não? — Andrew soltou um sibilo. — Essa é a coisa mais inteligente que eu já ouvi alguém falar na vida.

— Não adianta querer mudar de namorada, Davis. Essa eu vi primeiro — Benjamin brincou, ganhando um olhar estarrecido da Leigh.

— Nem tenta, Davis — Madison se intrometeu. — Ela acabou de falar em todas as línguas existentes que é inteligente demais pra você, jogador. Tô morrendo de orgulho de você, amiga.

— Um brinde? — Leigh levantou sua garrafa de refrigerante.

— Ao futuro da ciência. — Benjamin ergueu a sua lata e todos os nossos amigos o imitaram.

Acho que eu nunca tinha sido tão feliz assim toda minha vida. As pessoas me achavam inteligente e gostavam de mim. A sensação era boa.

Patrick veio pegar nossos pedidos e não demorou até que eles chegassem.

A conversa mudou para os jogos e expectativas, tanto para o mês que vem, com o basquete, quanto com o início dos jogos intensos de hóquei. Andrew estava animado ao realizar seu sonho de jogar no time da universidade. O treinador novo, pelo que os meninos diziam, era um cara justo e havia conquistado o respeito do time.

Volta e meia, Benjamin dava um jeito de me olhar, seja para soltar um beijo ou dar uma piscadela, quando ninguém estava olhando. Era engraçado ter um segredo ali no meio de todos os nossos amigos.

Às vezes, também, ele passava o pé pelas minhas pernas. Meu coração acelerava um pouco.

Pouco depois os garotos começaram a ir embora para seus respectivos treinos. Minha próxima aula começaria às 15h e a Madison não ia para as aulas novamente. Eu estava com meus livros e ficaria por lá até dar meu horário. Leigh começaria o trabalho em breve e Madison havia tirado o dia para apenas existir.

— Ai, finalmente. Parece que não ficamos sozinhas há, sei lá, dez milênios. — Madi-

son se ajeitou na cadeira, animada, assim que os garotos saíram.

— Não posso discordar. Mas estou atolada em trabalhos e atividades. Sem contar que o Andrew alugou um lugar pra gente passar o final de semana e eu preciso deixar tudo adiantado.

— Um final de semana romântico, que fofo. — Mad fingiu um suspiro. — Quem era o lutador. Todo com pose de bad boy e agora pedindo passagem e arrumando um ninho de amor pra um final de semana com a namorada.

— Pode rir, é inveja, eu sei — Leigh brincou com Mad que revirou os olhos.

— Prefiro sexo casual. Sexo que não estou conseguindo com facilidade graças aos amigos que arrumei que agora só pensam em ficar em casa. Que saudade de um bom sexo, meu Deus! — reclamou, encostando a testa na mesa. — E você, Chiara?

— O que tem eu? — perguntei, alarmada.

— Nada. Só quero saber como está. De repente, tenho te achado um pouco mais sumida que o normal, estudando mais ainda. Muitos grupos de estudo...

— Não dormindo no quarto — Leighton completou, erguendo a sobrancelha.

— Espera. — Madison abriu a boca em um completo choque, espalmando as mãos na mesa, fazendo um enorme barulho. — Ela não dormiu no quarto? Quando isso?

Se tivesse uma colher aqui, juro que cavaria um buraco até nos confins da Terra.

— Algumas noites atrás. Disse que tinha ficado presa lá no laboratório e acabou adormecendo. — Leigh deu de ombros, como se não acreditasse em minhas palavras.

Madison sorriu para mim.

— Tá, quem é ele? — indagou, direta.

— Não sei do que está falando — respondi.

— Se você prefere assim, tudo bem. — Seus lábios se ergueram um pouquinho enquanto os olhos estavam fixos e desafiadores em mim. — Com quem você está transando? — Abri a boca, mas ela ergueu o indicador me parando. — Sua pele está mais viscosa, até seu cabelo está mais bonito. Eu sei reconhecer o cheiro se sexo de longe, e você, minha amiga, está exalando o cheiro do melhor dos pecados, luxúria.

Olhei para Leigh em busca de reforços, mas ela não estava disposta a me ajudar.

— Tá bom. — Me dei por vencida. Não adiantaria nada mesmo negar. — Tem alguém, mas eu não vou contar quem é.

— Ai, meu Deus, só me diz que, por favor, que ele fez você reconsiderar a ideia de que sexo é superestimado e que agora você anda gozando como uma louca e muito feliz, que é exatamente a maneira que toda mulher devia se sentir com o sexo.

— Madison! — Olhei para os lados, constrangida, e com medo de que estivéssemos sendo ouvidas.

— Vai, conta logo! — Leigh pediu, ansiosa também.

Eu nunca achei que a minha vida sexual seria pauta de uma conversa entre amigas. Eu nunca achei que teria um sexo tão bom na vida, na verdade.

— Tá

— Ele é... — Mordisquei os lábios. O que ele era? Como explicar todas as muitas coisas que ele me fazia sentir quando estávamos na cama? — Tem sido incrível, e Mad, você estava certa. Eu acho que quando é com uma pessoa que quer a mesma coisa que você, o sexo pode mesmo ser uma das melhores coisas do mundo.

— Eu diria que é a melhor. Mas aceito a resposta, se tratando de você. — Eu ri. — Fico feliz mesmo, mesmo que tenha encontrado alguém que saiba foder de verdade. Ninguém merece viver com a impressão de um sexo meia-boca achando que essa era a verdade absoluta. E sabe de uma coisa? Vamos comemorar. — Mad chamou o Patrick, pedindo três fatias enormes de torta de chocolate.

— E você não vai mesmo nos contar quem é o cara? — Leigh perguntou, interessada demais também.

— Desculpem, mas não. Não é nada demais no final das contas.

Madison riu, prendendo o cabelo no alto da cabeça.

— Já imaginou que se a Chiara está se pegando escondida com o Ben? — Ela olhou para Leighton, que virou o rosto para mim imediatamente.

— Você está transando com o Ben?

— Claro que não! — menti. Meu coração estava acelerado outra vez. Ninguém avisou que a vida com amigos era tudo uma montanha-russa de emoções. — Não. Não é o Benjamin, tá?

Madison apertou os olhos em minha direção, como se pudesse ver a verdade através do meu olhar.

— Eu ia gostar — Leigh continuou. — Imagina só, se você namorasse com o Benjamin, nós seríamos da mesma família. E aí a Madison poderia namorar com o Jackson.

— Não viaja, Leigh — Mad interrompeu com uma careta. — E você tem certeza de que não estava agarrada naquela parede tendo um orgasmo apertando bundinha bonita do Benjamin?

— Tenho, Mad. É um cara da minha turma de medicina — menti novamente. — A gente estuda juntos e aí acabou acontecendo.

Patrick chegou trazendo nossas sobremesas e refrigerantes, saindo logo em seguida.

— Eu ia gostar que fosse o Benjamin, mas fico feliz que você esteja se divertindo também. — Leigh bateu com o ombro no meu. — Agora me diz, no dia que dormiu fora, estava com o boy?

Sorri, lembrando da noite que Benjamin e eu passamos na quadra. Não precisava mentir quanto a isso.

— Sim. Estava com ele — confessei. — E eu acho que foi a noite mais incrível da minha vida.

As meninas quiseram detalhes e eu contei.

E estava feliz em contar a verdade a elas. Ao menos a maior parte dela. Contei a elas sobre a noite incrível que tivemos e como ele me fez ter um squirting.

— Puta que pariu! Ele fez você esguichar? Meu Deus, esse cara deve ser a melhor invenção do mundo quando se trata de sexo. Tô feliz de verdade, por você, amiga — Madison comentou, genuinamente feliz por mim. — Se eu soubesse que umas botas Prada e roupinhas de grife te levariam ao incrível mundo do orgasmo, teria me oferecido para mandar fazer um guarda-roupas novinho para você.

— As coisas aconteceram na hora que tinham que acontecer — Leigh defendeu. — Talvez ela nem tivesse conhecido o cara que a está conduzindo por, você sabe... o maravilhoso mundo do orgasmo.

Balancei a cabeça, rindo das minhas amigas idiotas.

— Então é aqui que você quando devia ir a aula, mas não vai? — Ouvi uma voz vinda de trás, mas ignorei, acreditando que não era conosco, porém, a postura de Madison mudou completamente ao olhar por cima do meu ombro.

— Mãe? — Olhei para trás assim que as palavras saíram da boca da minha amiga. — O que você está fazendo aqui?

A mulher que caminhava em direção à nossa mesa era linda. Tão loira quanto a Madison e poderia facilmente ser descrita como sua irmã. Usava uma calça caqui, blusa branca

com brilhos, um blazer e alguns colares no pescoço. Poderia facilmente ser confundida com a Carrie de Sex and the city.

— Vim apagar seu incêndio, como sempre. — A mulher olhou para mim e Leighton como se estivesse com nojo da gente, e eu nunca me senti tão mal em minha vida. — Então era com essas garotas que você estava ontem à noite...

— Mãe — Madison tentou interromper.

— Quando quase foi presa? — Os ombros de Madison caíram um pouco, derrotada.

— Você quase foi presa? — Leighton perguntou antes que conseguisse conter as palavras.

— Não, mãe. E ninguém saberia se você não tivesse vindo aqui.

— Você esperava o quê? Que eu ficasse em casa vendo você manchar o nome da nossa família outra vez? — A mulher cruzou os braços e os olhos de Madison se apagaram um pouco, como se tivesse vergonha do que quer que tivesse feito.

As pessoas começaram a olhar para a discussão em nossa mesa. Nenhuma das duas parecia fazer o menor esforço para serem discretas.

— Não foi nada demais. — Dessa vez, ela falou conosco. — Eu só estava bêbada, e um guarda chegou sendo um chato. E foi uma confusão. O Malcon já tinha resolvido tudo. — Olhou para a mãe. — Não preciso de você aqui. Devia fingir que não existo. Não é difícil pra você.

— Vocês não acham melhor conversarem em um lugar mais...

— Essa sua forma de querer chamar atenção, Madison, é deplorável. — A mulher ignorou a Leigh, olhando para a nossa amiga, depois para a torta que estava à sua frente. Sorriu irônica. — Você nunca vai mudar, garota. E mesmo com toda a sua ingratidão, eu estou aqui para te salvar.

— Acredite, mãe. Eu prefiro morrer a ter que te ouvir esfregar na minha cara o quanto devo a minha vida a você. — Madison levantou, deixando uma nota de 50 dólares na mesa. — Não preciso que venha aqui, nem que resolva nada por mim.

Ao tentar passar pela mãe, ela segurou Mad pelo braço.

— Não vou permitir que você nos exponha outra vez, garota.

Mad puxou o braço e Leighton e eu pegamos nossas coisas, tentando alcançar nossa amiga.

Não conseguimos.

Pelo menos tinha fica claro porque Madison tinha detestado ir a Paris. Se a mãe dela a tratava assim em nossa frente, não queria imaginar como devia tratá-la quando ninguém estava olhando.



— Chiara? — Andrew perguntou, fazendo-me sobressaltar de susto. Tirei o fone de ouvido do Benjamin, onde ouvia And Game de Taylor e Ed.

— Oi! — Sorri, sem graça.

Eu ia matar Benjamin Davis.

— O que está fazendo... — Andrew olhou ao redor da quadra de treinamentos — aqui?

— Benjamin pediu ajuda com uma matéria. Eu acabei uma aula e vim esperar que o treino acabasse aqui — contei a mesma mentira que havíamos dado a seus colegas de time quando eu cheguei.

Benjamin havia me chamado para assistir a seu treino, e eu tinha algum tempo vago, decidi vir porque achava sexy demais o assistis jogando.

— Ah — ele disse, sentando-se ao meu lado.

Nervosa, mordi o canto da boca, parando em seguida, tendo certeza de que poderia fazer os lábios sangrarem de nervoso.

Eu gostava do Andrew, mas nunca estivemos sozinhos.

— Qual matéria?

— Han? — Virei para ele, confusa.

— Para qual matéria ele precisa de ajuda.

— Ah. Biologia — expliquei, descruzando e cruzando as pernas outra vez, nervosa.

Ele assentiu.

Andrew pegou um cigarro e ficou passando entre os dedos. Achava bonito ele ter decidido parar de fumar por causa da Leigh.

— Não vou acender — falou. Olhei para ele. — O cigarro. Não vou acender. E se acendesse, eu contaria a ela. Não gosto de segredos.

Eu assenti com meu coração batendo lentamente.

Não sabia se a parte referente a segredos era sobre a Leigh.

— Fico contente que tenha parado. Poderia fazer uma lista dos benefícios de não fumar. — Peguei uma caneta, apertando a parte de cima, começando um barulho irritante bloqueando e desbloqueando a sua ponta.

— Afrodite já fez isso, acredite. — Andrew não estava mais confortável com a minha presença do que eu com a dele, era notável. — Acha que o time tem chances?

Quase soltei o ar de alívio por acharmos algo em comum sobre o que conversar sem que o clima continuasse estranho.

— Acho que sim. Na verdade, é um dos times que mais tem chance, tanto agora com o campeonato de Fevereiro, quanto com o próximo mês. — Olhei para a quadra. Benjamin estava tentando recuperar a posse de bola, marcando um dos colegas que representava o time adversário. — E o Ben está empenhado. Ele pode não ser o capitão, mas está dando o melhor de si.

Andrew concordou.

— E você está confiante quanto ao seu time?

Foi o que bastou para que a conversa se estendesse. Andrew começou a contar sobre

os treinos e a preparação. Era notável o tanto que ele amava o esporte e como estava feliz por voltar a praticá-lo.

Meu celular acendeu, mostrando que havia chegado uma nova mensagem. Era da senhora Ball no grupo do nosso laboratório. Ela queria uma reunião, agora. Nenhum de nós foi dispensado. Antes que eu pudesse guardar o celular, chegou outra mensagem, do meu médico, agendando minhas consultas de rotina para a próxima semana.

— Algum problema? — Andrew apontou para o celular ainda aberto na conversa sobre os exames. — A respeito da consulta, eu digo.

— Pro... — interrompi, obrigando-me a inspirar enquanto minha mente tentava voltar a funcionar. — Problema? Não, é só uma consulta de rotina pra... pra... o laboratório. A gente tem que entregar sempre, sabe?

Andrew assentiu.

— Coisas de médico, então. — Ele deu um quase sorriso enquanto me avaliava. — Dizem que são sempre os piores pacientes.

— Sim. Se não for assim, por obrigação, provavelmente nunca iríamos às consultas. — Sorri, tentando parecer convincente. — Enfim, vou precisar ir embora. Você pode explicar ao Ben que tive que ir ao laboratório e que vamos ter que reagendar os... estudos?

Andrew assentiu.

Ainda nervosa, e sob sua supervisão, abri a mochila do Benjamin para devolver os fones que ele havia me dado. Sem querer, passei o dedo em uma coisa estranha e, tentando

não parecer curiosa demais, puxei o objeto um pouco mais para a claridade.

Era um saquinho com comprimidos, e não pareciam remédios comuns, tipo aspirina. Olhei para Benjamin feliz na quadra quase recebendo a bola de Ash. Parte de mim quis pegar um de amostra, mas com Andrew aqui seria difícil não ser notada.

— Acho que você mesmo pode contar a ele — Andrew falou, me levando a olhar em sua direção, depois, segui o olhar para onde ele apontava.

O treino havia acabado e Benjamin estava caminhando em nossa direção com um sorriso no rosto.

Soltei o saquinho, olhando mais uma vez para Benjamin, que estava mais perto agora.

— Não sabia que viria hoje — falou para o Andrew, olhando para mim e sorrindo em seguida. — Ei, gata.

Tentei forçar um sorriso, mas não consegui, pensando sobre os comprimidos que estava em sua bolsa.

— Tive um tempo extra — Andrew respondeu, pegando o aparelho celular e começando a digitar alguma coisa.

— Você está bem? — Benjamin perguntou um pouco mais baixo, olhando em minha direção.

— Quero falar com você — sussurrei, começando a levantar e caminhar para um pouco mais distante do Andrew. — Eu sei que

tínhamos planos para hoje, mas não vamos mais poder...

— Se for pelo Andrew, consigo me livrar dele rapidinho, só...

— Não — interrompi. — Não é pelo Andrew, recebi uma mensagem da minha professora e preciso ir ao laboratório. — Ele fez uma carinha de decepção que teria feito com que meu coração derretesse um pouco, mas eu não tinha tempo para isso agora. — Também não é sobre isso que eu queria falar. Quero te perguntar uma coisa, na verdade.

Benjamin franziu o rosto, notando como eu estava tensa.

— Você sabe que pode me perguntar qualquer coisa, não é? Inclusive, se a dúvida for sobre o tamanho do meu pau, posso te dizer com precisão. Já medi.

Balancei a cabeça em negativa, tentando não sorrir.

— Não é isso... é que... eu vi uma coisa em sua mochila. — Seu rosto ficou tenso, o que fez com que o meu ficasse tenso também. — Pode ser uma besteira, mas eu fiquei preocupada. Achei alguns... comprimidos. Não estava te espiando nem nada do tipo. Eu só estava devolvendo os fones que você me emprestou e então, eu fiquei pensando sobre uma coisa...

— Uma coisa — ele disse, com a voz meio seca. — O que exatamente você pensou, Chiara? — Ben cruzou os braços em frente ao corpo.

— Eu... — Soltei o ar com força, me sentindo um pouco idiota agora, e também desconfortável com a maneira como ele estava

reagindo. Nunca vi o Benjamin daquela maneira, tão defensiva. — É que você às vezes não lembra das coisas que você faz e, quando eu vi aqueles remédios eu...

— Você achou comprimidos, e então pensou que eu estava me drogando? — indagou. Falando dessa maneira, era um pouco absurdo, eu sabia. — Você imediatamente pensou que eu sou um drogado?

— Eu não... Não um drogado, mas é que é... — Interrompi a frase sem saber como me explicar e temendo piorar o que não estava legal.

— Eu tenho problemas para dormir, Chiara. Você sabe disso! — falou, bastante chateado e elevando um pouco a voz. — Às vezes eu faço coisas dormindo. É normal pra uma pessoa cansada. E tomo remédio pra dor. Eu sinto dor de cabeça, dor nas pernas, nos braços. Eu tô o tempo inteiro treinando, correndo. São remédios para dor. Todo mundo aqui faz isso. Quer que eu chame o Jonh ou o Ash pra confirmar, já que você não confia em mim?

Ficamos em silêncio.

Os dois.

Eu expirei com força.

— Acho melhor eu ir embora. Nós conversamos depois.

Sem dar a ele tempo para responder, voltei para perto do Andrew pegando minhas coisas.

— Chiara — Benjamin chamou quando passei por ele indo em direção à saída, mas eu o ignorei.

Não sabia o que pensar.

Ele podia estar falando a verdade, assim como a sua maneira de reagir pode ter sido apenas para me fazer ficar com pena dele.

A verdade, era que eu não podia me apegar a esses pequenos detalhes, e a dor que estava sentindo em meu peito por essa briga estúpida, só mostrava o quanto estar perto do Davis não seria benéfico para nenhum dos dois.

Mas eu também não me sentia pronta para me afastar.

A vida era uma droga.

Capítulo 25
Benjamin



Capítulo 25 – Benjamin

A casa estava bastante silenciosa, e isso me deixava ansioso.

Andrew tinha ido passar o final de semana em algum lugar remoto com a Leigh. Ele queria aproveitar esses dias que teria um pouco mais livre já que em abril começava mais forte o torneio de hóquei. Os dois quase tiveram que cancelar a viagem a Leighton não tinha conseguido uma troca no trabalho e surpreendendo a todos, Madison implorou ao Patrick que a deixasse ajudar a amiga durante o final de semana. Sem dúvidas ir ao *Women's* seria uma das minhas prioridades. Ver a patricinha trabalhar ia ser divertido.

Estava feliz por meu irmão ter conseguido essa folga, mas também sentia um aperto no peito.

Eu odiava o silêncio.

Jackson não era o cara mais falante do mundo, o que queria dizer que seria uma péssima companhia para mim durante o final de semana inteiro. Isso se ele não arrumasse uma companhia como vinha acontecendo bastante.

O que me levou a criar uma estratégia para aproveitar bem esses dias. Se a Chiara quisesse, claro. Depois de ter agido como um estúpido com ela, ela estava me dando um vácuo.

Meu irmão não ficou nada feliz com a maneira como eu a tratei também. Pelo menos, Andrew achou que era porque nós tivemos que cancelar os estudos, não porque ela tinha achado os meus remédios. Agora eu estava em fase de humilhação constante, tentando de todas as maneiras chamar a sua atenção, porém, sem obter sucesso algum.

Bati à porta do meu irmão, abrindo-a em seguida.

Jackson estava deitado na cama conversando com alguém por mensagem e o rosto parecendo tenso. Ele bloqueou a tela, pondo o aparelho sobre a cama.

— Vai passar o final de semana em casa ou pretende sair com alguém?

— Por enquanto, em casa mesmo — falou.

Entrei no quarto, deixando a porta aberta.

— Eu estava aqui pensando... que tal se eu ficar com seus dias de levar roupa para lavar por um mês? — questionei, devagar esperando por alguma reação.

Ele soltou uma risada engraçada, balançando a cabeça em seguida.

— Querendo aproveitar a ausência do Andrew pra trazer a Chiara aqui pra casa?

Não falei nada por algum tempo, enquanto esperava a porra da minha alma voltar para meu corpo.

Como inferno aquele filho da puta tinha descoberto?

— Como você...

Jackson riu, começando a sentar na cama. Eu fiz o mesmo.

— Apesar de não falar muito sobre a vida alheia, Ben. Observo bastante. — Moveu os ombros como se fosse uma coisa óbvia. — E aquele negócio de sumir quando estava indo para o banheiro? Pelo amor de Deus, só um otário acreditaria. E o fato de você vir aqui subornar meu silêncio para fazer algo que detesta, só mostra que você tá a fim mesmo dela.

— Não *tô a fim* dela. Só...

— *"Não tô a fim dela, só tô a fim dela."* — Jackson interrompeu, sentando-se na cama com um sorriso zombeteiro. — Você vive trazendo garotas pra cá e nunca sequer cogitou fazer uma única atividade doméstica por nenhuma delas. Sempre gosto de se gabar sobre as garotas que vive comendo por aí.

— Sim, mas a Chiara...

— Não é assim. É diferente. Existem muitas variações dessa frase só para tentar disfarçar o óbvio: Você gosta dela. Fez questão que ninguém soubesse com quem estava lá no jogo, mas se fosse qualquer outra garota, não ia pensar duas vezes em sair se gabando.

— Me gabo com garotas que se gabam também. O que não é a questão com ela. — Soltei um suspiro. — Você acha que o Andrew...

— Não sei. Acho que não. Mas se você quer saber, irmão, por mais que você ame e respeite o Andrew, ele não tem o direito de ditar seus sentimentos para preservar o relacionamento dele.

— Eu sei. — Queria que pudéssemos falar a verdade também. Comecei a balançar

o joelho em uma tentativa de me acalmar. — Mas o problema nem é o Andrew no final das contas. A Chiara não quer que as pessoas saibam. Disse que gostaria de manter segredo, e casual. Que só complicaria as coisas quando terminássemos.

Jackson me estudou por alguns instantes. Eu detestava quando ele fazia isso. O cara era bom em ler pessoas, embora fosse péssimo em ler ele mesmo. Em aceitar a verdade sobre ele.

Meu irmão acreditava que o nosso acidente e a morte de nossa mãe tinha sido sua culpa. E infelizmente, não havia nada que pudéssemos fazer para que ele não acreditasse naquilo.

Ele sorriu.

— Você não quer isso. — Ele ergueu a ponta do lábio em um sorriso.

— Às vezes eu só queria te matar. — Dei um tapa em sua perna.

— Você gosta dela — disse, como se fosse a coisa mais simples do mundo inteiro. — Mesmo. Eu nunca te vi fazendo o menor esforço pra esconder de ninguém com quem estava trepando por aí. E se estivesse pegando a Madison, os dois estariam contando vantagem durante o almoço.

— Sinceramente, não tá importando muito se eu gosto ou não dela. A verdade é que a Chiara está chateada comigo, e com razão. Eu fui um grosso com ela quando ela só estava preocupada comigo.

Meu irmão apertou os olhos em minha direção.

— Preocupada? Aconteceu alguma coisa?

— Não. Não é nada demais... Eu só fiz besteira e preciso que ela me perdoe agora.

Bufei, jogando-me na cama e encarando o teto.

— O pedido de perdão vai vir com um de namoro? — meu irmão quis saber, me cutucando com os pés.

— Acho que não. Ela é bem dedicada aos estudos dela, e eu acho que Chiara não quer mesmo ter um lance mais sério com ninguém.

— Você só vai saber se tentar. Talvez ela também queira desesperadamente que você esteja apaixonado, mas tenha medo de nunca acontecer. — Ele se mexeu na cama, apoiando as costas na parede. — Você sabe bem a fama que tem. Talvez ela só esteja com medo de não ser recíproco.

— Então, na sua opinião, ela gosta de mim? — Era patético que eu estivesse me sentindo como um idiota inseguro.

— Acho que sim. Porém, se não for isso você não devia se envergonhar dos seus sentimentos, Ben. Não se eles são válidos e genuínos. — Jackson deu um tapa em meu braço. — Ela te faz bem, eu sei disso. Você só tem que mostrar isso a ela.

Sorri para meu irmão sem saber o que dizer.

Chiara me fazia bem como eu nunca tinha sentido isso na vida.

E por mais que eu concordasse que sentimentos genuínos eram válidos, sendo cor-

respondidos ou não, morria de medo de que ela me rejeitasse. É como dizem por aí, antes uma relação casual com a garota que você gosta, do que perder a chance de tê-la, nem que fosse por alguns instantes.



— Gélido. 4 letras. — Chiara segurava o celular bem acima do rosto, enquanto eu passava pela porta do meu quarto carregando a televisão para que pudéssemos passar mais tempo aqui.

Eram quase nove da noite e nós passamos um bom tempo na sala conversando com o Jackson. Apesar do meu irmão não ser a pessoa mais comunicativa do mundo, e da Chiara quase ter desmaiado de vergonha quando o vimos na sala, foi divertido. E ele a tranquilizou a respeito de não falar nada.

Foi difícil convencê-la a vir até aqui. Eu precisava lembrar de que não devia brigar com ela novamente. Chiara tinha uma cara de boazinha, mas por dentro ela sabia manter a posição de *puta da vida com você* muito bem. Quase tive que me ajoelhar e lamber seus pés para que ela aceitasse meu convite.

E eu teria feito isso sem pestanejar.

— Frio.

— Essa foi fácil — respondeu, rolando os olhos. — Símbolo químico para nióbio? — perguntou outra vez enquanto eu apoiava a TV na bancada que trouxe do quarto da Oly.

Porra, eu era péssimo com tabela periódica.

— NO?

— Não.

— NI?

— Não.

Parei para pensar, tentando ter certeza de que a televisão estava fixa e não tombaria no chão.

— B! NB! — lembrei.

— As crônicas de, quatro letras, e fogo. Dica extra, série de livros de alta fantasia.

— Fogo. — Sorri. — As crônicas de gelo e fogo. Olívia e Jackson eram fissurados nessa porcaria. Conseguiam os livros emprestados para ler e depois de um tempo Andrew conseguiu comprar para eles. Eu juro que dava pra causar um traumatismo craniano se aquela porra caísse na cabeça de alguém.

Chiara riu.

— Não fala assim. Não era uma porcaria, eu li todos e os livros são ótimos. — Rolei os olhos para ela. — Não sabia que seu irmão gosta de ler.

— Ele gosta. É difícil para você acreditar que além de gostosos, os atletas também podem pertencer a cultura pop do país? — brinquei, pegando o fio da TV e ligando-o à tomada. — Só para constar, também gosto. Vi a série, mais rápido do que aquelas páginas todas.

— Você é um preguiçoso, Benjamin Davis. — Chiara deu um tapa no espaço ao seu lado na cama, indicando que eu devia sentar.

Caminhei lentamente até ela, puxando suas pernas para que ela ficasse mais perto da

ponta, e pus meu corpo sobre o seu, roçando nossos lábios.

— Preguiçoso, jamais. Disposto para tudo que vamos fazer aqui hoje. — Puxei seu lábio inferior entre os meus lábios, me afastando em seguida. Chiara soltou um suspiro, tentando fingir que não havia ficado abalada.

— The, três letras, Kiluminate: The...

— The Dom Kiluminate: The 7 Day Theory. Tupac. O cara é foda.

Liguei a TV, abrindo o *streaming* em busca de um filme que pudéssemos assistir, ou Chiara me faria passar a tarde jogando palavras cruzadas e por mais que eu gostasse muito dela, não era o tipo de coisa que eu tinha em mente.

— Ronald.... — Puxei o aparelho de sua mão. — Ei! Me devolve isso — pediu, tentando puxar o celular de volta.

— Confiscado, gata. — Pus o celular no meu bolso. — Hora da diversão.

— Eu estava me divertindo muito.

— Só você mesmo. — Belisquei sua cintura, e Chiara deu um tapa em minha mão.

Escolhemos uma série futurística que não parecia muito interessante, mas que Chiara gostou da sinopse e ela se aconchegou em meu corpo.

— Ei, você não está mais brava mesmo comigo? — perguntei antes de dar play. Estava arrependido mesmo pela maneira como falei com ela, mas só de pensar em Chiara descobrindo a verdade sobre mim. Ou nela dizendo que não queria mais ficar comigo por causa

disso... meu coração simplesmente parava de bater.

— Se eu ainda estivesse brava com você, Davis, você ainda estaria lambendo meus pés. — Ela sorriu para mim.

— Desculpa. De verdade. É muito mais fácil lidar com as pessoas fazendo-as rir, ajuda até a mim mesmo a esquecer dos meus problemas. Mas quando eu não sei lidar com o que estou sentindo, acho que perco um pouco o controle. E quando eu vi você desconfiando de mim, eu...

Chiara balançou a cabeça em negativa.

— Tá tudo bem, Davis. Não precisamos mais falar a respeito disso.

Assenti.

Parte de mim estava aliviada, outra parte, com medo.

Nervosa. Angustiada.

Eu não queria perder aquela garota.

— Tem certeza de que seu irmão não vai se importar com a TV? — Chiara mudou de assunto. — Podemos ficar lá embaixo para que ele possa assistir conosco.

Passei minha mão por baixo dela, trazendo-a mais para perto, até que a maior parte de seu corpo estivesse sobre o meu.

— Não. Ele sabe que vamos começar a transar antes do filme chegar ao fim — respondi, beijando sua bochecha.

Chiara virou o rosto para me encarar e eu pausei a série.

— Você é tão convencido, Davis. — Bufou. — Gostaria de deixar claro que a única maneira de você transar antes de acabarmos todos os episódios, é fazendo isso sozinho — decretou.

— Eu aposto, que antes de chegarmos ao capítulo três, você estará com a mão dentro da minha calça — desafiei.

Ela segurou meu queixo, dando um beijo rápido em meus lábios.

— Isso é o que nós vamos ver, jogador.

Ri, dando play novamente.

Menos de um minuto e pequenos fragmentos de cenas de sexo já indiciavam que eu estava certo. Chiara estaria revirando os olhos em breve.

A história em si não era ruim.

A ideia era um futuro distante onde a tecnologia avançou tanto que tornou possível que as pessoas transferissem suas mentes para novos corpos. Então, basicamente, alguém poderia viver para sempre.

— Ah, não, gata. Sério! Não estamos assistindo essa porcaria há dez minutos e eu já tô vendo o pau de outro cara — reclamei, quando o protagonista foi acordado da morte em outro corpo à beira de um surto. — O único pau que você deveria ver era o meu.

Chiara achou graça.

— Você tem ideias muito interessantes, jogador. Mas quem disse que eu quero ver apenas o seu pau.

Rolei nossos corpos na cama, ficando em cima dela e prendendo suas mãos acima da cabeça, usando apenas uma das minhas mãos.

— Repete isso, gata — pedi, passando o indicador da mão livre por seu corpo.

— Quem disse que o seu pau é o único que eu quero ver — repetiu, erguendo a sobrancelha para mim.

— Você não disse isso — Balancei a cabeça em negativa. — Não, você não disse isso, gata.

Sentei-me sobre seu corpo, mantendo nossos quadris na mesma direção. Meu pau já estava duro, mesmo que eu não tivesse pretensão agora de transar.

Ela sorriu, desafiadora.

Eu beijei sua boca.

Com calma.

Chiara suspirou no meio do beijo tentando soltar as mãos. Continuei mantendo-as presa enquanto meus lábios passeavam pelos seus lentamente. Gemi, e Chiara roçou sua língua na minha. Ela chupou meu lábio inferior. Minha língua.

E porra.

Porra mesmo.

Pressionei meu corpo contra o dela, sorrindo ao vê-la se arrepiar.

— Já podemos parar com a série, ou ainda quer assistir? — sussurrei.

— Não vou perder pra você, jogador. — Sorri para ela, roçando nossos lábios outra vez.

— Vamos ver se vai resistir, linda. — Mordi dei lábio inferior, puxando-o, mas saindo de cima dela e trazendo-a para deitar-se sobre mim outra vez.

Ela posicionou a perna próxima à minha virilha, mas sem tocá-la. Apenas querendo deixar um lembrete de que estava ali.

Mas seria impossível esquecer disso por um segundo apenas.

Chiara estava ali. Comigo.

E era muito bom.

Acabei precisando voltar alguns minutos para que pudéssemos ver o que havíamos perdido em nossa brincadeira e no fim estava gostando da história.

O protagonista acordou depois de 250 anos morto. Ele foi contratado por um bilionário para investigar a sua própria morte. A série evidenciava bem também a diferença de classes sociais. Apesar de ainda termos visto pouco, era interessante no final das contas.

Chiara ainda mantinha a cabeça em meu peito e eu acariciava suas costas preguiçosamente. Ela fazia comentários às vezes sobre o que estava acontecendo, e eu a seguia.

— Você está distraído, e segundo me consta, pegou meu celular por isso — reclamou, depois de notar que eu a estava encarando.

— Não estou distraído. Estou admirando, é diferente.

Chiara rolou os olhos, sorrindo.

— Cala a boca, Davis — disse. Mas havia um sorriso em seu rosto.

Estávamos quase no final do capítulo quatro e já havíamos parado pra comer pipoca, depois pedimos pizza. A caixa estava ao nosso lado na cama para que pudéssemos pegar uma fatia sempre que quiséssemos.

Passei meu indicador na pequena linha de pele exposta perto da sua camisa. Sua respiração acelerou um pouco.

Ela também começou a me tocar.

Os dedos fazendo uma trilha perigosa que fazia meu pau pulsar ainda mais. Os pelos da minha pele se eriçaram quando os dedos encontraram meu abdômen e foi a minha vez de soltar um gemido, especialmente quando sua mão chegou ao cós da minha calça.

Parei de respirar por um segundo e antes que pudesse falar algo, Chiara enfiou a mão por minha calça.

Soltei o ar com força quando ela tocou meu pau que começou a pulsar instantaneamente.

— Te disse que você estaria com a mão em meu pau. — Chiara ergueu o rosto sorrindo.

— Você disse capítulo três e estamos no final do quarto — falou, fazendo o movimento, descendo a mão em meu pau.

Soltei um gemido.

— Você... ficou... esperando... acabar o... capítulo três? — perguntei, ofegando a cada vez que ela fazia movimentos com meu pau.

— Te disse que não ia perder pra você. — Ela sorriu, se arrastando pelo meu corpo e só

pensar no que ela estava querendo fazer fez a porra do meu coração pulsar.

— Gata...

Chiara sorriu, dessa vez usando a mão livre para descer minha calça. Eu ergui o quadril para ajudá-la. Meu pau saltou, completamente ereto com as veias proeminentes, a cabeça já melada pela excitação.

Chiara olhou para mim por um segundo antes de voltar a atenção para meu pau duro e ansioso. Os cabelos faziam a porra de uma cortina por seu rosto me impedindo de vê-la por completo, mas a expressão faminta de seu rosto me deixava maluco.

Pra foder de vez com a porra da minha mente, ela passou a língua nos lábios, como se estivesse ansiosa para aquele momento. Para provar meu pau.

Segurei os fios de sua nuca, fazendo-a olhar para mim. Aqueles lábios em volta do meu pau... Isso ia me matar. Estava doido para ver a cena.

— Caralho, se você for me chupar isso vai ser...

Porra.

Puta

Que

Pariu.

Como se quisesse me torturar, Chiara se aproximou lentamente. Depois de apreciar o pau por alguns instantes ela passou a língua por toda a extensão dele, arranhando minhas bolas com as unhas, fazendo com que a sensação de choque perpassasse por meu corpo.

Soltei um gemido alto, erguendo o quadril.

— Caralho, gata. Caralho.

Minha mente desapareceu com qualquer outra palavra que havia passado uma vida inteira aprendendo.

Chiara riu, parecendo animada pela reação do meu corpo.

Apertei ainda mais os seus cabelos, tendo o cuidado de não a machucar. Inspirei, fechando os olhos para tentar controlar a vontade de enfiar meu pau por inteiro em sua boca.

Chiara brincou com a língua na cabeça do meu pau, dando um beijo em seguida. A porra de um beijo. Aquela garota era surpreendente. Depois

O calor úmido de seus lábios me envolveram por completo em seguida, e caralho, aquilo era a porra do céu inteiro. Parecendo querer passar por todas as experiências, ela desceu os lábios, passando a língua pela extensão até chegar às bolas.

Fechei os punhos, segurando com força o lençol com a mão que estava livre. Chiara passou os dentes e a língua com cuidado pelas bolas, depois tentou enfiar uma delas na boca me levando à loucura.

Os gemidos se intensificavam e ela parecia adorar aquilo.

Então, ela voltou a atenção para a cabeça do pau, passando a língua em espiral outra vez antes de abocanhá-lo.

— Puta que pariu — gemi, apertando um pouco mais minha mão em seus fios. — Sua boca é a melhor coisa do universo, gata. Eu juro.

Ela não conseguiu enfiar por completo na boca. Movi um pouco o quadril, observando meu pau entrar um pouco mais em sua boca. Apertei os dentes com força, me obrigando a não forçar. Queria tanto foder aquela boca gostosa. Tanto.

— Porra! — Suspirei, quando ela chupou com mais força, tentando enfiar um pouco mais em sua boca.

Senti meu pau dar sinais de que não aguentaria por mais tempo e, caralho, eu não queria, mas sem dúvida, se ela não tirasse a boca do meu pau, explodiria dentro dela.

Continuei estocando em sua boca com cuidado para não forçar demais. Chiara gemeu, continuando a me chupar. Eu estava com medo de que me libertasse em sua boca. Eu senti que estava perto, mas Chiara não parecia se importar, já que ela mesma desceu os lábios até que todo meu pau estivesse em sua boca.

Caralho.

— Isso — incentivei, quando ela tirou o pau da boca, enfiando-o de volta, chupando outra vez. Minhas bolas pesaram ao vê-la se deliciar, lambendo meu pau outra vez da base até a ponta e brincando com a língua em minha cabeça.

— Que boca gostosa pra caralho, gata — falei, com ela engolindo meu pau mais uma vez.

Ver Chiara assim, curvada por meu corpo enquanto engolia meu pau com movimentos de vai e vem era a melhor visão do mundo.

Era tudo.

Se existia alguma coisa melhor que aquele oral... não, impossível. Simplesmente não existia.

Talvez quando eu estava dentro dela. Isso se equiparava, porque, porra, era delicioso, e eu não queria sair nunca.

Sentindo que estava perto, tentei puxá-la pelos cabelos, mas a garota era obstinada. Chiara não me deixou, afundando ainda mais o pau até que ele tocasse em sua garganta, e então, eu explodi.

Nada mais existia no mundo além da imagem de Chiara ali, engolindo toda a minha porra.

Ela gemeu, engolindo cada gota do meu gozo, e o orgasmo foi tão forte que fez com que meu corpo pesasse na cama. Estava ofegante e meu cérebro tentava voltar a funcionar corretamente e, caralho, eu tinha acabado de descobrir que aquela boca pequena e deliciosa era capaz de me levar ao céu.

Quando os lábios se afastaram do meu pau, ela sorriu para mim.

— Gostei disso — falou, com os olhos brilhando.

Franzi o cenho, meio confuso.

— Você nunca tinha chupado um pau antes? — Meu coração acelerou com a porra da possibilidade.

— Não. — De repente, ela parecia constrangida.

Forcei meu corpo a sentar na cama, puxando-a para mais perto de mim.

— Eu fui o primeiro cara que gozou nessa boquinha gostosa? — Foi impossível conter o sorriso em meus lábios.

Ela assentiu.

— Foi — mordiscou o lábio, tímida —, eu nunca tinha feito isso em ninguém.

O sorriso aumentou.

— Porra, eu tenho certeza de que uma frase nunca me deixou tão feliz antes. — Puxei-a para mim outra vez. Para outro beijo. Um beijo cru. O beijo continuou até que ela não tivesse mais fôlego.

Ainda sentia minhas pernas trêmulas, mas meu pau já começava a responder novamente. Sem desgrudar dela um único segundo, enfiei minhas mãos por baixo da blusa abrindo o fecho do seu sutiã.

Chiara soltou um gemido quando minhas mãos começaram a apalpar seu corpo até chegar aos seios, onde belisquei o bico.

Parecendo ansiosa, ela nos afastou apenas pelo tempo necessário para passar a blusa que vestia pela cabeça. Admirei aqueles peitos gostosos, passando a língua por ambos e enfiando a mão pela calça de moletom que ela vestia, esfregando o dedo contra sua calcinha já ensopada.

Meu pau já pulsava outra vez, desejando se divertir novamente. Enquanto eu mantinha os dedos dentro de sua roupa, acariciando, be-

liscando e massageando seu clitóris enquanto Chaira soltava gemidos intensos.

Ela mordiscou meu lábio inferior, pegando meu pau outra vez e começando a masturbá-lo, enquanto eu continuava a estimulá-la. Chiara rebolava em meus dedos enquanto eu mordiscava seu ombro tentando conter meus próprios gemidos.

Sabendo que seria muito difícil me conter, joguei-a no colchão.

— Eu preciso de você, gata. Preciso entrar em você, agora.

Sem falar nada, mas com os olhos ardendo em chamas, Chiara ergueu o quadril para e ajudar a tirar sua roupa. Puxei a calça e calcinha juntos, vendo aquela boceta completamente encharcada e pronta para mim.

Aquela mulher era uma obra de arte assim pelada.

Com a respiração pesada, Chiara abriu as pernas em um convite mudo. Antes de enfiar meu pau, me aproximei da sua boceta inspirando seu cheiro e passando a língua. Estava com muita saudade do seu gosto. Eu podia beber daquela boceta todos os dias sem nunca reclamar.

Ela arfou, passando as mãos nos seios.

Aquela visão era sexy demais e meu pau pulsou.

— Amo você está sempre pronta pra mim. Sempre pingando — falei, passando a ponta dos dedos na parede interna de sua coxa.

— Não é por você, é por seu pau, Davis — respondeu, arfando.

— Você pode fingir o quanto quiser, gata. Mas fica doida pra foder comigo, tanto quanto eu poderia contar os segundos para entrar em você outra vez. — Lambi seus pequenos lábios, fazendo-a se contorcer contra meu rosto.

Soprei sua entrada, vendo-a jogar a cabeça para trás com o prazer e, cuidadosamente, a pus sobre a cama, pegando o preservativo na mesinha de cabeceira e vestindo-o com pressa.

Sentei-me e a puxei para meu colo.

— Dessa vez, eu quero ver você quicando no meu pau, sua gostosa. Quero ver esses peitos balançando assim tão perto da minha cara e chupá-los enquanto você cavalga em mim. — Chiara gemeu em antecipação, e eu comecei a pincelar o pau em sua entrada.

Aos poucos, ela foi sentando sobre mim.

Nós dois gememos.

— Porra, eu nunca me canso do quão linda você é — falei, passando a mão por seu rosto.

Chiara não respondeu, mas me provocou roçando nossos lábios.

À medida que meu pau se fundia ao seu corpo, eu sentia uma sensação de pertencimento. Como se aquela boceta tivesse sido feita para mim. Para que eu aprendesse cada um dos seus sinais. Para que eu estivesse à disposição de cada um dos seus gemidos. De cada desejo que ela pudesse ter.

Para que apenas eu pudesse levá-la ao ápice.

Queria que apenas eu tivesse o direito de tocar seu corpo, beijar seus lábios, gozar em sua boca, em sua boceta quente. Queria que apenas eu pudesse sentir o gosto e textura de sua pele, não entender suas ideias inteligentes, mas mesmo assim me orgulhar delas. Queria falar sobre esportes, assistir a partidas e vê-la como uma namorada em meus jogos, usando o número da minha camisa pintado em suas bochechas.

Queria que o mundo soubesse que ela era a minha gata.

— Rebola no meu pau, gata — pedi, beijando sua clavícula e traçando beijos até abocanhar seus seios.

Ela fincou as unhas em meus ombros, choramingando com o contato da minha língua com sua pele sensível.

Pus minhas mãos em sua cintura, ajudando a controlar o ritmo nas quicadas. Chiara balançava o corpo para frente e para trás, quase nos levando ao delírio.

Nossos gemidos se misturavam. Os toques nos incendiavam.

Minha língua passeava pelos bicos entumecidos.

Era impossível não acreditar que nós não tínhamos uma química invejável. Meu corpo adorava quando ela fincava as unhas em mim, ou quando sua boceta apertava meu pau.

Nós dois já estávamos encharcados de suor e era possível ouvir o barulho que a cama

fazia com os nossos movimentos. Meu coração parecia prestes a explodir.

— Eu tô perto — ela disse, ofegante.

— Também, gata.

Chiara pegou uma das minhas mãos, conduzindo até o clitóris, indicando o que esperava de mim. Eu o massageei, enquanto ela gemia e falava palavras desconexas.

Minha visão começou a ficar turva e minha coxa repuxava dando indício de que eu gozaria a qualquer momento.

Estoquei mais uma, duas, três vezes.

E então, assim como da primeira vez, nós gozamos juntos.

Abracei seu corpo trêmulo, beijando seus ombros, seu queixo, sua bochecha, seus lábios, seus olhos, seu nariz.

Ela sorriu.

— Gosto quando você faz isso — confessou, com um sorriso bonito no rosto.

Beijei seu nariz outra vez.

Porque não importava o que ela quisesse, eu faria. Queria mostrar que nós dois podíamos ser muito mais que casuais.



Minha cabeça estava repousada sobre seu corpo.

Nós tínhamos tomado banho e transado no banheiro também. Agora eu ouvia as batidas do seu coração. Uma das minhas mãos estava dentro da camisa, brincando com sua cintura enquanto ela acariciava meus cabelos.

A TV estava ligada embora nenhum dos dois prestasse a mínima atenção no que estava acontecendo.

Chiara soltou um bocejo se mexendo um pouco.

— Ei, o que você acha se...

— Psi! — Pus meu indicador em seus lábios.

— O que você está fazendo? — perguntou, com uma nota de divertimento na voz.

— Ouvindo as batidas do seu coração.

Ela riu, mas ficou em silêncio acariciando a minha cabeça.

— Você gosta das batidas do meu coração? — quis saber, um tempo depois.

— Sim. Eu amo as batidas do seu coração porque isso indica que você está aqui, sabe? — Ela não sabia. Ninguém jamais conseguiria entender isso. E era triste. — É a última lembrança que eu tenho da minha mãe — falei, depois de algum tempo. — Das suas batidas. Aquele foi o pior dia da minha vida.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo, como se temesse responder.

— Você estava sozinho com ela? — Chiara continuou a passar os dedos por meus cabelos e sua voz estava baixa, como se tivesse medo de perguntar.

— Sim. — Soltei um suspiro. — Nós tínhamos ido buscar o Jackson na escola. Ele tinha brigado com um colega e seria suspenso. Naquele dia, eu estava doente, mas queria ir à escola para ver minha professora. — Sorri ao lembrar dela. — Ela era divertida e sempre

arrumava uma forma de tornar a aula legal. Acho que foi o único ano em que eu realmente gostava de ir pra escola.

Chiara sorriu.

— Acho que você estava apaixonado pela sua professora, Davis.

— Não precisa ter ciúmes, gata — brinquei, e ela puxou meu cabelo de leve. Suspirei. — Eu fico pensando que se eu não tivesse ido, minha mãe teria passado por tudo aquilo sozinha, sabe?

Fechei os olhos por um momento, e eu conseguia ver a cena toda se desenrolar à minha frente.

— Na época, eu gostava de uma dessas bandas idiotas e estávamos ouvindo música em um volume alto, e eu tinha um cubo mágico nas mãos. — Estava quase finalizando o cubo, e às vezes eu erguia um pouco mostrando meu progresso a minha mãe pelo espelho retrovisor. Ela sempre me incentivava, dizendo que eu estava indo muito bem. E então sorria, só mostrando que acreditava mesmo em mim. Que sabia que eu conseguiria. — O carro fez um barulho estranho e começou a parar. Eu lembro que ela reclamou sobre o nosso pai ter prometido que levaria o carro pra revisão.

Engoli em seco.

De repente, eu não estava mais na cama.

Eu não era mais um jovem universitário e sim uma criança no banco do carro da mãe.

Estava tudo lá.

O cheiro dos biscoitos de avelã que mamãe havia feito para que eu levasse para minha professora. O calor que fazia naquele dia. A sensação do cubo mágico em minhas mãos.

Eu estava lá de volta.

No meu pior pesadelo.

Ela pegou o celular, bufando, chateada.

Minha mãe era a pessoa mais solar que existia. Ela era capaz de curar qualquer coisa só com o seu sorriso. E, até aquele momento, eu nunca a tinha visto chateada na vida.

Depois de discar os números no celular, mamãe pôs o aparelho no alto-falante e o deixou sobre sua perna. Ela olhou pelo espelho retrovisor, sorriu para mim e começou a fazer um coque no cabelo.

— Mãe, tá tudo bem? — perguntei, chegando mais pra frente em meu banco para poder vê-la.

Eu conseguia sentir o cheiro de lavanda.

Eu pus minha mão em seu ombro, e ela pôs a mão dela sobre a minha.

Eu podia senti-la.

Eu podia senti-la. Novamente.

A mão quente. Doce, cálida.

Meu coração apertou no peito, porque eu não a sentiria mais em instantes. E eu queria poder parar o tempo ali. Queria que houvesse qualquer forma de mudar o passado.

— Está, meu amor. — Ela sorriu, virando-se um pouco para trás, para que eu pudesse vê-la melhor. — É só alguma coisa com o carro, mas

tudo vai se resolver. Se ajeita no banco outra vez, por favor.

Como eu sentia falta daquela voz suave e amorosa.

Como eu sentia falta do seu cheiro.

Eu assenti, obedecendo.

Mas alguma coisa dentro de mim gritava que nada estava bem.

— Desculpa, querida, não posso falar agora. — A voz do outro lado era do papai. E ele falava baixo, parecendo que não queria que ninguém o ouvisse.

— Eu te disse que esse carro estava estranho, Anthony. — Mamãe estava furiosa. — Agora estou aqui no meio da estrada com seu filho dentro de um carro que morreu.

— O que aconteceu? — Sua voz estava alarmada, e ele falava mais alto. — O Ben está bem? Você vai levá-lo ao hospital?

— Não. O Benjamin está bem. Ele está aqui comigo, e nós vamos na escola. O Jackson brigou com algum colega e eu vou buscá-lo.

Papai praguejou, e mamãe reclamou que ele estava no viva-voz. Ela nem sabia que quando ele estava sozinho conosco, praguejava também e dizia que não podíamos contar a mamãe. Era o segredo dos garotos.

— O que aconteceu com o carro?

— Não sei... ele só foi parando — mamãe disse, depois jogou a cabeça com força contra o encosto do carro. — Eu consegui parar em um acostamento, mas estou na estrada, parada no meio do nada. Não sei quando alguém vai passar aqui para me ajudar.

— Merda! Eu prometo que amanhã vou levar o carro, tá? — Parecia chateado.

— Você diz a mesma coisa já tem duas semanas — mamãe reclamou.

— Eu sei, querida. Me desculpe. Mas precisamos resolver isso agora. Você vai precisar ir lá no capô e descrever pra mim o que está vendo. Pode fazer isso? — perguntou.

— Não me restam opções, não é? — A voz dela estava muito chateada.

Mamãe tirou o cinto e virou para mim. Dessa vez, parecia tranquila e sorriu querendo que eu soubesse que estava tudo bem.

— Querido, preciso que você fique quietinho enquanto a mamãe vai ver o que está acontecendo, para que o papai nos ajude, tá bom?

— Tudo bem, mãe.

Eu só falei aquilo porque não queria que ela soubesse que eu estava com medo. Olhei pela janela e não tinha ninguém. Íamos ficar por horas lá esperando que alguém aparecesse se o carro não ligasse.

Talvez não fosse tão ruim.

Quando estávamos em casa, ela sempre tinha que ajudar o Jackson e a Oly com as atividades, e também tinha que dar atenção ao Andrew mesmo que eu quisesse muito ficar sozinho com ela um pouco. Então, talvez fosse legal passar um tempinho aqui.

Só nós dois.

Nós íamos ter que comer os biscoitos da minha professora, mas depois a mamãe faria mais. Eu sabia que sim.

Ela ficou no telefone por algum tempo com o capô aberto. Às vezes, ela dava alguns passos para o lado para ver se eu estava bem. Sorria para mim, e voltava para a parte coberta onde não podia me ver.

Depois de um tempo, ela voltou e abriu a porta com um sorriso pouco confiante nos lábios, pondo o celular no bolso.

— É, amor, a mamãe não entende nada de carro, o que quer dizer que nós vamos ficar aqui algum tempinho até o seguro vir nos resgatar. Já avisei a escola que vou me atrasar um pouco. — Ela fez uma careta pra mim. — Eu juro que vou fazer questão que a Olívia entenda de carros. As mulheres deviam entender de carros para não dependerem sempre dos homens. Mas enquanto isso, vamos ficar aqui em uma espécie de acampamento.

Eu sorri animado.

Ia gostar de passar um tempo com a mamãe.

— Quer vir para o banco da frente? — perguntou.

Eu assenti, tirando o cinto e correndo para o banco da frente o mais rápido possível. Quase sempre era o Andrew que ia lá. Ele era o mais velho, e por isso achava que era o dono do banco.

Amava o meu irmão, mas ele devia ser mais legal e me deixar andar no banco da frente também.

— Bom, agora somos apenas eu e você — ela falou, sorrindo, e me deu um beijo na bochecha, passando as mãos em meu cabelo. — E

então, quer me contar como estão as coisas na escola?

Nós ficamos conversando.

Muito.

Mamãe contou sobre sua escola e que tinha sido apaixonada por um professor quando tinha minha idade, e eu acho que fiquei vermelho porque minhas bochechas esquentaram.

Eu falei sobre minha escola e minhas aulas. Ela quis saber sobre o que eu pensava a respeito do meu futuro, contou que a nossa família era tudo para ela, e que nós nunca devíamos permitir que nada nos separasse, mesmo quando a vida insistisse nisso. Mesmo quando tivéssemos nos odiando.

O celular da mamãe tocou.

Estava perto.

Ela falava com alguém do seguro.

"Mãe, vamos sair do carro, por favor!" eu queria dizer, mas a minha boca não se movia. "Mamãe, por favor!"

Ela sorriu para mim, fazendo um legal com os dedos.

Nosso socorro estava chegando.

Não.

Não.

Não.

Eu ouvi a buzina.

Por favor, não.

Eu vi o farol brilhando em nossos rostos.

Não, não, não.

Eu olhei para o lado.

Mãe, não. Não, por favor. Não!

Clarão.

Eu ouvi o som da batida.

Senti o impacto.

Eu fechei os olhos.

Zunido.

Escuridão.

Apertei os olhos sentindo um zumbido estranho no ouvido.

Tinha uma voz. Mas eu não conseguia entendê-la.

Alguma coisa doía em meu corpo.

Tudo estava doendo, na verdade.

Não conseguia abrir os olhos, mesmo tentando e o zumbido foi ficando mais fino.

E mais doloroso.

Eu queria chorar.

As lágrimas quentes desciam pelo meu rosto.

Lá.

Aqui.

— Filho? — Consegui entender o que a voz dizia.

Ela estava me chamando?

— Filho, você está me... — Ouvi um gemido estranho seguido do som de algo caindo. Minha cabeça doía. O zumbido me incomodava demais. Mas eu me esforçava para entender a voz. Tudo doía. — Ben, por favor, se tiver... se tiver me ouvido... por favor, abre os olhos para a mamãe.

Mamãe?

Tentei engolir a saliva ao ouvi-la, mas não consegui.

Tudo doía e eu só queria chorar.

Eu estava sonhando?

Nunca tinha sentido algo assim antes. Nem mesmo quando nosso treinador nos mandava dar tantas voltas na quadra que parecia que os joelhos descolariam do resto do corpo.

— Mã...

A minha voz falhou.

Minha garganta doía.

— Ben, Ben, meu amor... — A respiração dela estava estranha. — Filho, consegue abrir... abrir os olhos?

Ela soltou um gemido e então som de choro.

Nunca tinha ouvido mamãe chorar.

— Querido, por favor... você consegue... consegue abrir os olhos?

Eu queria dizer que doía.

Doía muito.

Mas tentei.

Ao invés de tudo preto, eu conseguia ver agora alguns pontinhos com claridade, mas tudo parecia tão... confuso...

De onde vinham aqueles pedaços de vidro? Porque estava pintado de vermelho?

— Isso... isso amor — incentivou. — Mais um pouquinho. A mamãe quer ver seus... — Ela parou, e eu ouvi o som do choro outra vez. — A mamãe quer ver seus olhinhos, meu bem.

À medida que meus olhos iam se abrindo, eu piscava cada vez mais, incomodado com a claridade repentina.

— Mãe? — Minha voz saiu em um fio ao vê-la.

Eu queria fechar os olhos outra vez e acordar desse sonho.

Queria ir para um lugar onde não doía.

Sangue.

Muito sangue.

— Vai ficar tudo bem, querido... — Eu podia ver as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Agora... que a mamãe viu seus... seus olhinhos. Vai ficar...

— Mãe? — Eu queria gritar, mas não conseguia.

Tentei olhar ao nosso redor.

Tudo estava amassado.

Tinha ferro para todos os lados e nós parecíamos presos em uma bola de metal. Seu lugar tinha mudado, e agora ela estava tão perto de mim que nem parecia que havia uma distância antes entre nossos bancos.

— Mãe? — chamei outra vez.

— Estou aqui... amor.

Pisquei.

Era um sonho.

Um pesadelo.

Tinha que ser. Por favor, tinha que ser um pesadelo.

Tinha sangue saindo de sua boca, de sua testa, suas pernas estavam... Meus Deus, onde estavam as suas pernas? Eu só via metal.

— Mãe, por favor, fale comigo. — Minha voz saiu desesperada.

Meu coração estava batendo forte.

O sangue parecia correr pelas minhas veias.

Minha mente estava confusa. Nós estávamos rindo, e aí...

O que aconteceu?

Dor.

Sangue.

Mamãe tossiu. Saiu mais sangue da boca dela.

Minha visão estava um pouco estranha, meio turva, mas parecia que tinha algo em seu pescoço.

E tinha sangue ali também.

— Benjamin, meu amor, eu preciso que você mantenha os olhos abertos, tá bom? — ela pediu, com a voz arrastada e muito fraca.

— Mãe, não fala nada não. Eu fico com os olhos abertos, se a senhora ficar também, tá certo?

Eu vi quando uma lágrima caiu dos seus olhos.

Ela sabia que não ia conseguir.

— Tudo... bem. Eu não durmo, você não dorme.

— Isso, mãe. Não dorme, por favor. Não dorme.

— Segura... segura... — Ela conseguiu mexer os dedos, e eu entendi o que ela queria.

Tava doendo.

Meu braço doía, mas eu consegui me mexer, bem pouquinho, e segurei a mão dela.

— Não me deixa, mãe. Por favor, não me deixa.

Ela tentou sorrir.

— Eu nunca deixaria você, meu amor. Nunca.

— Não me deixa aqui sozinho, por favor, mamãe. Não me deixa aqui sozinho, não me deixa.

— Não... vou...

Seus olhos começaram a fechar.

— Mãe, não fecha os olhos! — Minha voz soava desesperada, vendo como ela não conseguia mantê-los abertos.

— Eu tô com frio — ela disse.

Com muita dor, com muito medo, consegui soltar o cinto de segurança. Tentei arrastar meu corpo como pude para deitar sobre o dela. Vi o sangue saindo do meu pé, senti o gosto metálico na minha boca, minha costela doía tanto que parecia estar pegando fogo e minha mente estava tão confusa.

Mas não existia nada que doesse mais do que perdê-la.

Nós tínhamos tido aula de primeiros socorros. Eu sabia que quando alguém sentia frio, nós podíamos aquecê-la com o calor do nosso corpo.

Com a respiração ofegante, consegui chegar até ela.

Eu podia ouvir o seu coração batendo.

Fraco.

Fraco.

Fraco.

— Eu tô aqui, mãe. Eu vou deixar seu corpo quente, tá bom? — falei, baixinho, ignorando a dor em minha costela. — Aí a senhora não vai mais sentir frio.

— Obrigada, querido — ela disse, começando a tossir.

Eu podia sentir o sangue caindo em meus cabelos.

Ela tentava respirar.

Eu fechei os olhos.

— Mãe, para com isso. Não tosse. Respira — pedi, tentando não a deixar preocupada comigo. — Só respira, mãe.

Ela tossia, e tentava puxar o ar.

Era só sangue.

Só sangue.

O coração batia.

E quando ela tentava respirar, era só sangue.

O coração batia.

Fraco.

Fra co.

Fra

Co.



Capítulo 26
Chiara

Capítulo 26 – Chiara

***O capítulo a seguir trata de tema sensível. Tendo em vista os últimos acontecimentos nas escolas do país, se você passou ou conhece alguém que esteva em ataque escolar, sugiro a não continuidade da leitura.**

Benjamin não estava ali comigo.

Apenas seu corpo.

Meu coração doía a cada palavra, ele estava lá.

Sofrendo lá.

Sabia como era sentir aquela dor, aquela angústia.

O desejo de voltar no tempo.

Era a mãe dele.

Ele ouviu seu coração parar de bater. Ele sentiu seu corpo ficando frio.

Era demais pra um filho.

Algum idiota tinha feito isso com ele.

Com todos eles.

Engoli em seco, beijando o topo de sua cabeça, querendo protegê-lo. Querendo que ele não sentisse aquela dor.

Dilacerante.

— Tá tudo bem, eu estou aqui. — Dei outro beijo em sua cabeça. — Estou aqui com você, Ben.

Os olhos que antes estavam brilhando, divertidos, agora pareciam tão opacos, sem vida. Tão sem luz.

Passei o dedo por seu rosto, limpando a lágrima que havia caído.

— Foi horrível — ele disse, ainda do lugar onde se encontrava. Seus olhos ainda não haviam retornado para mim. — O carro estava tão destruído que levaram horas para conseguir abrir e me tirar de lá. Eu fiquei sobre seu corpo. Senti seu calor ir embora. Eu pedia exaustivamente para que ela não me deixasse. Eu acho que dormi e acordei em alguns momentos por causa da dor. A minha mente travou. Eu vi o meu pai. Ele apareceu no lugar onde a janela dela devia estar. Ele queria arrancar ela de lá, fazê-la acordar. Nunca tinha visto alguém chorar daquele jeito. Nunca. A maneira como ele gritava, como... — Benjamin balançou a cabeça em negativa. — Todas as vezes que eu fecho os olhos, é assim que eu me sinto outra vez. É isso que eu vejo. É aquele maldito dia. É quando me arrastaram daquele carro. De como seus dedos haviam endurecido segurando os meus, tornando ainda mais difícil que nos separassem. De como eu gritei que queria ela. De como eu gritei por ela. E depois... nada.

Segurei sua mão, fazendo carinho com o polegar na sua palma. Eu não queria que ele continuasse a falar nada se fosse machucá-lo, mas também achava que ele estava finalmente colocando para fora aquelas palavras naquele momento. E de certa forma, estava grata que fosse eu.

Ele confiava em mim.

— Como assim nada? — perguntei, ainda brincando com seu cabelo para que ele soubesse que eu estava ali.

— Tenho flashs do que aconteceu. — Ele piscou. — Mas, por mais que eu tente, não consigo lembrar. É como se minha memória tivesse sido apagada.

Meu coração ardia por ele.

Era demais ver aquele garoto divertido e sarcástico com aquela expressão sofrida no rosto.

— É um sistema de proteção da nossa mente — expliquei, levando suas mãos aos meus lábios e dando um beijo. — Ela tende a bloquear memórias traumáticas.

Ben concordou.

— Eu queria lembrar. Queria mesmo. Mas a última coisa da qual consigo ter uma imagem fixa é do meu... pai. Dele deitado sobre o corpo dela no lugar de onde haviam me retirado instantes antes. O rosto dele estava sobre seu tórax, os braços em volta do pescoço. Eu lembro de ter pensado que ele parecia ter morrido também. Mesmo com as costas balançando freneticamente, com os gritos de desespero, com as lágrimas. Ele parecia estar tão morto quanto ela. E eu não estava errado.

Meu coração apertou no peito tentando visualizar a cena.

— Depois disso, lembro que nós tínhamos uma vizinha, ela era uma senhora adorável, dona Suzan. Sem ela, eu não sei o que teria sido de nós no começo de tudo — falou. — Ela ia à nossa casa todos os dias, tentava me fazer falar. Dava comida em minha boca.

Cuidava dos meus irmãos. Depois me levou para a terapia. Ela tentou fazer com que ele... nosso pai, com que ele desse conta da gente. Por um tempo ele fingiu que conseguiria. Ele ia para o trabalho, mas quando chegava em casa, bebia. Até que não conseguiu mais. — Benjamin se moveu, olhando para mim em seguida. — O Andrew o odeia. Parte de mim também. Mas... mas foi horrível demais. E, como eu, ele convive diariamente com a lembrança daquele dia. Aos poucos, eu constatei que estava certo. Uma parte dele morreu naquele dia. Mas também uma parte minha. Uma parte de todos nós.

Ben se aconchegou ao meu corpo outra vez, desfazendo o contato visual e eu tentei me mexer para que ficasse à altura dos seus olhos, mas Benjamin não permitiu. Ele prendeu o braço em minha cintura para que eu não me mexesse.

— Fica aqui — pediu, se ajustando outra vez ao meu corpo e mantendo o ouvido colado ao meu peito.

— O som do coração batendo te ajuda? — perguntei, acariciando suas costas. Benjamin balançou a cabeça em negativa.

— Eu não sei explicar. Eu não consigo dormir direito, você sabe. Então, às vezes eu vou ao quarto dos meus irmãos só pra ter certeza de que eles estão bem, de quem tem pulso e que eles estão respirando. Que o coração bombeia sangue pro resto do corpo. — Ele suspirou, triste. — Eu tenho a sensação de que jamais vou esquecer como é. Como é o barulho de um coração não bater mais. De como é silencioso e vazio. Gelado.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas.

Inspirei e expirei com força.

Eu não podia chorar.

Não agora.

— É por isso que você tem dificuldade para dormir? — quis saber. Fazia todo sentido do mundo que fosse.

Ele assentiu.

— No começo, era uma merda. Eu só ficava acordado o tempo todo. Fiz tratamento por um tempo, e comecei a tomar remédios para dormir. Quando decidi que não queria mais ir à terapia porque não estava ajudando em nada, só dormia quando caía de exaustão, geralmente as tardes quando todos estavam em casa, e especialmente quando o Andrew estava. Eu me sentia seguro com a presença dele. Nós dividíamos o mesmo quarto. Depois, quando cheguei à fase das garotas, eu percebi que também conseguia dormir melhor quando estava com alguém, sabe? Mesmo que eu não transasse com a pessoa. Só de saber que havia alguém ali, era reconfortante. — Ele suspirou. — Mas no fim das contas, Andrew foi a nossa base. Quando nossa família desmoronou, ele aguentou tudo. Sozinho. E ele mal tinha feito doze anos.

Passei as mãos pelo seu cabelo para mantê-lo confortável.

— Eu não sei como sobrevivi àqueles meses que se seguiram. Eu sei que a dona Suzan nos levava para a escola, e no começo ela continuava lá para ter certeza de que eu não surtaria. Eu estava... vazio, sabe? Era como se

não existisse mais nada dentro de mim. Não sei ao certo quando falei novamente pela primeira vez, ou quando dei meu primeiro sorriso.

Ben parou por um instante e depois beijou o lugar abaixo do meu peito, perto de onde sua cabeça estava. Ele ainda fazia círculos com a ponta do indicador em minha cintura.

— Eu acho que foi por causa do basquete. Lembro-me de que um dia dona Suzan havia me dado banho e me vestido, depois ela explicou que nós íamos ficar um tempo fora do quarto. Que eu precisava de um pouco de sol, então pegou minha bola de basquete e disse que um pouco de exercício faria bem para ela, que já estava velha e sua coluna precisava se exercitar. Eu não queria ir, mas também não tinha forças pra dizer que não, acabei fazendo a única coisa que conseguia, segui o fluxo. Nós fomos para o fundo da casa, ela perguntou como fazia para acertar a cesta. Mas eu estava tão cansado, que simplesmente não conseguia falar nada. Ou explicar. Nem nada do tipo, então. — Ben ergueu a ponta dos dedos. — Ela continuou tentando, e errando. Era horrível assistir.

Dessa vez ele sorriu de verdade, e passou a mão no rosto como se conseguisse ver a pobre senhora errando todas as tentativas.

— Então, chegou uma hora em que não aguentei mais ver aquela tortura. Eu levantei, fui até ela, ajudei a posicionar a sua mão e, gesticulando, mostrei como ela devia fazer. Ela errou, mas pelo menos foi muito melhor dessa vez. Então eu segui ajudando-a. Nós passamos boa parte da tarde tentando fazê-la

acertar uma cesta. Quando conseguiu... Meu Deus, parecia que ela tinha feito três pontos em uma final que garantiu a vitória. Ela me abraçou tão feliz, que eu me senti, por alguns minutos, feliz por ela. Eu me lembro que suas mãos seguraram minhas bochechas com força, obrigando-me a olhá-la no fundo dos seus olhos. "Obrigada por isso, Benjamin. Você é um menino especial." E eu nem tinha feito nada demais, sabe? Eu só a ajudei a pôr uma bola na cesta. Ela agia como se tivesse sido a vencedora da NBA. Então, eu sorri. Nós começamos a jogar juntos, ela disse que queria aprender como podia roubar a bola e tudo que eu quisesse ensinar.

Benjamin suspirou, abraçando-me ainda mais forte.

Acho que foi a primeira vez em semanas que alguém ouviu minha voz.

— Quando o Andrew chegou em casa naquele dia carregando as sacolas de compras, eu acho que não tinha entendido o quanto eu estava fazendo falta para ele, até ver meu irmão largar os sacos no chão e correr em minha direção, envolvendo-me com seus braços. — Meus olhos se encheram de lágrimas imaginando a cena. Andrew vendo o irmão reagindo depois de tanto tempo. — Eu não tinha visto o Andrew chorar até então. Nós tínhamos perdido nossa mãe, praticamente não tínhamos um pai, e meu irmão teve que ser forte por todos nós. Andrew estava fazendo nosso mundo continuar a girar, mesmo em pedaços. Naquele momento em que ele pôde chorar pela primeira vez, eu acho que entendi como ele precisava de mim, e do quanto eu

também precisava dele. Nós éramos tudo um para o outro naquele momento. Nós quatro. Mas nós dois... ele era meu melhor amigo, e eu o dele. Eu o abracei de volta e decidi que me esforçaria ao máximo para ser melhor. Por ele. Não era justo que o Andrew passasse por tudo aquilo sozinho. Que carregasse todo aquele peso sozinho.

— Vocês foram muito fortes — garanti, sentindo meu coração apertar cada vez mais.

Era difícil imaginar que, ainda tão novos, eles tenham passado por tudo isso e conseguido chegar até aqui sendo suporte um do outro. Eles tinham tudo para terem tomado milhares de decisões ruins na vida, mas estavam aqui. Bem. Eram bons. Eles eram bons.

— Às vezes eu penso que se ele tivesse virado uma outra esquina, ou se tivesse ao menos parado em algum sinal, que tudo teria sido diferente. Que se o filho da puta do dono do bar onde ele encheu a cara tivesse mandado ele para casa mais cedo, minha mãe estaria aqui. Eu me sinto um filho da puta, mas se ele tivesse batido em outro carro, seria a família de outra pessoa, não a minha. E eu queria que tivesse sido. Não queria que tivesse sido a gente. — Benjamin suspirou. — Sabe quando você tem certeza de que um minuto muda tudo? — Assenti, beijando o topo de sua cabeça também, sentindo meu coração arder. — Se eu tivesse simplesmente pedido para ir fazer xixi, ela teria saído comigo e nada teria acontecido. São tantas variáveis, que isso me mata. Todos os dias.

Fiquei em silêncio por algum tempo, enquanto as imagens daquele dia também tomavam a minha mente.

Eu compreendia isso das variáveis.

Sentia que, se eu tivesse percebido algo, eu só, sei lá...

Abri a boca, mas não sabia se queria contar aquilo a ele. Benjamin havia compartilhado uma parte dele comigo, a parte mais triste da sua alma. Eu podia fazer o mesmo, ainda que escolhendo a menor das minhas dores.

— Eu também penso isso, às vezes. — Benjamin olhou para mim, os olhos tinham um pouco mais de brilho. Acho que falar a verdade fez bem a ele, e Benjamin havia se mostrado de tantas maneiras, que eu podia mostrar a ele uma camada minha. Ainda que isso não fosse durar. — Sabe a minha... a minha cicatriz?

Benjamin assentiu, e eu soltei o ar com força ao sentir seus dedos se esgueirando por dentro da blusa enquanto traçava, com a ponta dos dedos, aquele negócio que eu odiava.

— Eu fui para a escola. Um dia. Um único dia. — Soltei o ar com força. Evitava pensar sobre aquele momento, sobre aquele dia. Sobre o medo que senti. Talvez aquele tenha sido o dia em que mais senti medo de morrer, já que seria de uma maneira não natural e no dia em que eu devia estar feliz. — Nós tínhamos nos mudado e meu pai insistiu com a minha mãe de que não fazia sentido que eu continuasse estudando em casa.

Foram meses de discussão. Meses tentando fazê-la compreender que não havia riscos, que os professores saberiam lidar comigo, que eu estava ciente de que pessoas podiam rir de e, se eu mudasse de ideia depois, não haveria problema. Mas eu precisava daquela experiência.

Ela concordou finalmente.

— Eu observava absolutamente tudo ao meu redor. Nem saberia explicar o que estava sentindo. Eu só... Me sentia normal, sabe? — Benjamin mudou de posição, fazendo com que eu pudesse vê-lo melhor. — Eu pensei que seria um dia especial. Escolhi uma roupa bonita, mal tinha dormido a noite. Mas logo que eu cheguei, tinham uns garotos irritando outro. Estavam sendo cruéis.

Eu consegui compreender que era daquele tipo de coisa que a minha mãe estava tentando me defender.

— Sorri para o garoto, falei com ele. Ele me disse que aquilo acabaria. E eu acreditei, porque involuntariamente as pessoas percebem quando estão sendo babacas. O garoto estava irritado, e não podia tirar a razão dele. — Ben concordou com um aceno de cabeça. — Eu fui pra aula. O professor havia designado Bulan, uma garota da turma, para me ajudar durante o dia. Ela devia me mostrar a escola e me ajudar durante o dia inteiro a me localizar e fazer amigos. Não podia estar mais animada diante dessa possibilidade de ter amigos, sabe?

Sorri. Naquela época, eu ainda acreditava que eu podia manter relações duradouras em minha vida.

— A menina usava duas tranças no cabelo, uma de cada lado do rosto. Era bonita, tinha os olhos bem escuros e marcantes, os cabelos cacheados e as pessoas gostavam dela. Sempre tinha alguém para quem ela sorria. Eu só pensava *"puxa, é como essa garota que eu quero ser. Quero que as pessoas gostem de mim assim."* Enquanto almoçávamos, ela começou a me contar uma fofoca idiota sobre uma garota ter dado um beijo em um dos garotos no dia anterior, só que a melhor amiga dela também gostava dele, e agora elas não estavam mais se falando.

Era exatamente o tipo de preocupação que eu queria ter em minha vida. Coisas fúteis. Conversas sobre beijos. Falar com pessoas.

Inspirei fundo, e Benjamin esperou até que eu me sentisse pronta para falar enquanto me confortava passando os dedos pela minha pele tentando me manter tranquila. Reviver o passado, relembrar coisas das quais queremos esquecer e que nos marcaram para sempre cansava. Doía. E ele respeitava isso.

— Estávamos voltando para sala de aula, quase dobrando para entrar no corredor. No final dele, teríamos que pegar direita ou esquerda. Nossa sala ficava à esquerda. Então... — Minha respiração falhou por alguns segundos, enquanto meu coração começava a acelerar com as cenas daquele dia se formando em minha cabeça. — Então... nós ouvimos um barulho alto. O som era tão seco que nos assustou. Antes que pudéssemos olhar na direção do barulho, veio outro, e mais outro. Rápido demais. Nós nem... não sabíamos o que estava acontecendo. O som vinha de trás de onde es-

távamos e eu olhei na direção. E ele estava lá, o garoto de quem estavam rindo.

Todos começaram a gritar e correr.

Ao mesmo tempo.

Não é difícil imaginar que o desespero conjunto daria errado.

O garoto ruivo que eu havia visto mais cedo, estava à minha frente, de repente, no chão, gritando. A mão dele estava sobre a barriga, e ele se contorcia no chão pedindo ajuda.

Os sons se misturavam.

Tiros.

Gritos.

Correria.

Todo mundo se empurrava tentando correr para lugares diferentes.

— A garota segurou meu braço com força, me dizendo para segui-la. Não tive tempo de responder, ela só me puxou e minhas pernas, mesmo tremendo, conseguiram arrumar uma forma de correr junto. Só que ele também começou a andar. E na nossa direção. Não podíamos parar, porque podíamos ser atingidas. A garota me disse para não parar de correr. A nossa única alternativa era seguir reto, no final do corredor, podíamos virar à esquerda e lá teríamos salas para nos esconder. Então, tudo o que podíamos fazer era correr. O mais rápido que nós pudéssemos. Ele gritava alguma coisa que eu não conseguia entender, e seguia distribuindo tiros. — Parei de falar por alguns instantes.

A cena ainda era tão clara.

Não sabia como não tinha sido atingida.

Tantas pessoas correndo, em uma tentativa de escapar.

Eu via as pessoas caindo no chão. Tinha sangue por todo o corredor, crianças gritando, chorando. A cada barulho, mais gritos. Meus. Dos outros. As lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto e eu estava morta de medo.

Sabia que algumas pessoas sobreviveriam a um tiro.

Não eu.

Seria o meu fim.

O meu fim no meu primeiro dia de aula.

Minha mãe estava certa o tempo inteiro, no final das contas.

Olhei para trás depois de um tempo e me dei conta de que a garota que estava ao meu lado não estava mais. Ela tinha caído.

— Eu pensei em voltar — falei, lembrando-me dos seus olhos se apertando enquanto ela pressionava o peito, me mandando correr. — Eu olhei para ele. Nossos olhares se encontraram. Eu tive certeza de que ia morrer naquele momento, e ele atirou. Pus as mãos nos ouvidos, como se eu não fosse atingida se não ouvisse, mas o tiro não me atingiu. Em mirou em alguém que estava um pouco mais à minha frente.

Um garoto de cabelos escuros caiu no chão.

Eu respirei fundo, ainda com os olhos cheios de lágrimas.

Não sabia como não tinha sido atingida.

Tantas pessoas correndo, em uma tentativa de escapar.

Eu via as pessoas caindo no chão. Tinha sangue por todo o corredor, crianças gritando, chorando. A cada barulho, mais gritos. Meus. Dos outros. As lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto e eu estava morta de medo.

Sabia que algumas pessoas sobreviveriam a um tiro.

Não eu.

Seria o meu fim.

O meu fim no meu primeiro dia de aula.

Minha mãe estava certa o tempo inteiro, no final das contas.

Olhei para trás depois de um tempo e me dei conta de que a garota que estava ao meu lado não estava mais. Ela tinha caído.

— Eu pensei em voltar — falei, lembrando-me dos seus olhos se apertando enquanto ela pressionava o peito, me mandando correr. — Eu olhei para ele. Nossos olhares se encontraram. Eu tive certeza de que ia morrer naquele momento, e ele atirou. Pus as mãos nos ouvidos, como se eu não fosse atingida se não ouvisse, mas o tiro não me atingiu. Em mirou em alguém que estava um pouco mais à minha frente.

Um garoto de cabelos escuros caiu no chão.

Eu respirei fundo, ainda com os olhos cheios de lágrimas.

Comecei a correr outra vez e vi quando um garoto à minha frente entrou em uma sala. Apressei-me ainda mais querendo entrar também.

— Não sei como aconteceu, mas tinha um caco de vidro preso em algum lugar e eu não vi, quando eu tentei entrar ele rasgou minha pele. — Uma lágrima escorreu dos meus olhos, mas eu sorri. — Olhei para a quantidade de sangue que estava saindo, só conseguia pensar que aquela era uma maneira muito estúpida de morrer. Tinha um garoto com uma arma, e eu morreria por causa de um caco de vidro.

Pus a mão sobre o lugar ferido, arfando e sentindo minha pele queimar. A respiração estava ofegante quando eu me encostei na parede e meu corpo foi caindo, até que eu estivesse sentada.

Tinha muito sangue.

Muito.

Por toda minha roupa.

Sujando o chão inteiro.

Estava doendo demais.

O garoto que tinha entrado antes de mim, ele não me ajudou. Continuou escondido no fundo da sala.

Eu podia ouvir seu choro. A sua respiração entrecortada.

Minha vista ficou turva e quando não aguentei mais, eu caí no chão. Pus a mão sobre a ferida.

A porta foi aberta e o choro do garoto aumentou.

Eu ouvia os passos.

Via o par de tênis caminhando pela sala.

Via a arma em sua mão.

O garoto entrou em meu campo de visão. Olhou para mim, bem dentro dos meus olhos.

— Meu coração parou de bater naquele instante. Eu tinha certeza de que minha vida tinha acabado. Mas ele voltou a andar e foi para o fundo da sala exatamente onde o outro garoto estava. Foi horrível. Horrível. — Uma lágrima cortou meu rosto.

Fiquei em silêncio.

Benjamin me entendia melhor que ninguém, e eu sabia disso.

— Não sei por quanto tempo ficamos ali. Não foi muito. Quando eu paro para pensar, talvez tudo tenha acontecido em, sei lá, cinco minutos. Mas muitas vidas mudaram depois daquilo.

Abri os olhos bem pouquinho quando me carregaram. Não sabia quem era, mas parecia um dos professores.

Ouvia as vozes ao fundo.

Choros.

Gritos.

Depois eu fui parar em uma maca.

Puseram uma máscara em meu rosto, eu tirei.

Eles tinham que saber a meu respeito. Precisavam saber que eu podia *mesmo* morrer se não cuidassem de mim da maneira certa. Mas não foi preciso.

— Minha mãe estava lá — falei, com a voz embargada. — Ela sempre estava. Eu nunca vi minha mãe tão aliviada em toda a minha vida. Ela chorava ao mesmo tempo em que se jogava por cima do meu corpo, agradecendo por eu estar viva e explicando aos médicos tudo que eles precisavam saber.

Tinham sirenes.

Pais desesperados.

Alunos chorando enquanto reencontravam seus pais.

Pais percebendo que nunca mais iam encontrar seus filhos.

Minha mãe estava entre essas duas sensações.

Ela havia me encontrado, mas também podia me perder.

— Eu tive uma infecção no ferimento que precisou ser tratada. Só acordei de verdade, duas semanas depois daquele pesadelo. Eu já tinha vivido situações difíceis, momentos de tensão, mas como aquilo... E eu carrego essa marca que vai sempre me lembrar desse momento aonde quer que eu vá.

Benjamin se sentou, de repente. Ele sorriu para mim, erguendo um pouco do tecido da blusa até onde pudesse ver a cicatriz, e depois deu um beijo nela. Vários. Até que tivesse coberto toda a extensão dela com seus lábios.

— Você tem um lembrete do quão você lutou pela vida, Chiara — falou. — Eu sinto muito que tenha passado por isso. Sinto muito mesmo. Por você, por todos os pais que perde-

ram seus filhos. Por todos que passaram por isso.

— Eu penso nas vezes que o vi, sabe? Eu falei com ele. Ele me disse que aquilo ia acabar. Como eu não notei? Não enxerguei? Como eu não...

— Vem aqui — Benjamin pediu, deitando outra vez e me encaixando contra seu corpo. Minha cabeça estava apoiada em seu tórax e eu sentia seu corpo quente embaixo do meu. Era boa a sensação.

— Depois começaram histórias sobre ele. Era um garoto muito sozinho, e já tinha levado antes uma faca na escola para se exibir. Os pais dele foram chamados, mas não deram importância a situação. — Soltei o ar com força. — Ele tinha comentado uma vez com outro colega que ia acabar com a vida de quem estava chateando-o. Mas a pessoa também achou que era uma dessas coisas que a gente fala quando está com raiva. Mas eu penso que se eu...

— Você não tem culpa. De nada. Não tinha como saber. Era seu primeiro dia, e praticamente não teve amigos, Chi. — Ele suspirou em meu cabelo, me puxando para mais perto.

Benjamin beijou o topo da minha cabeça.

— Infelizmente, esse é um crime que se tornou corriqueiro pelo mundo — falou, fazendo carinho em meu ombro. — Piora na realidade do nosso país. Somos os únicos onde qualquer pessoa consegue comprar uma arma em qualquer esquina. Qualquer pessoa consegue portar uma arma. Em alguns estados,

é mais fácil do que comprar um carro. Eles dizem que é para nossa proteção, mas é impossível. Estamos mais expostos que nunca. Não temos como saber quando algo assim está prestes a acontecer, mesmo nos lugares em que devíamos nos sentir seguros. E nenhuma criança, ninguém, sob hipótese alguma devia passar por isso, Chiara.

Ben me puxou para mais perto do seu corpo.

— Eu sei — garanti —, mas é... horrível. Ele usou a arma do pai que era policial. Foi descoberto depois, utilizando seus dados, que alguns outros ataques estavam sendo orquestrados. É tipo uma epidemia. Um caso que *obteve sucesso* para eles, acaba movendo outras pessoas a fazerem o mesmo.

Na semana anterior, houve um ataque na Califórnia. Foi vendo essa reportagem que ele se inspirou. Assistiu diversas vezes às matérias, pesquisou na internet outros casos e decidiu que se vingaria dos garotos que o atormentavam.

Estudei sobre o assunto depois. O perfil de pessoas que cometem esse tipo de crime, é de garotos adolescentes. Em sua maioria, os pais possuem arma em casa e estão divididos em três grupos: Psicóticos, psicopatas ou traumatizados.

Ele se encaixava no traumatizado. Nem todos terão a mesma reação, muito pelo contrário. Mas quando a pessoa que sofre bullying desenvolve fobia social, pode começar a alimentar o desejo de vingança. Piora se não há um acolhimento familiar, deixando-a mais

suscetível a cometer esse ato cruel. E a certeza de que haverá uma cobertura midiática em massa, acaba estimulando ainda mais o ato, já que a pessoa acredita que será lembrado para sempre. Que as pessoas jamais o esquecerão.

No entanto o que de verdade ninguém esquece, é a dor que se sente. A dor de perder alguém que ama. A dor de saber que o filho que você acreditou estar em um lugar seguro, não vai voltar nunca mais. A dor de saber que aquelas cenas que você viu ficarão marcadas em sua mente e que não há nenhuma maneira de mudar isso.

Os traumas que você vai carregar para sempre.

Fechar os olhos por meses e reviver aquele pesadelo.

O horror de saber que existem pessoas capazes de coisas tão terríveis.

Lembro-me que os pais começaram a olhar a mochila dos filhos de maneira mais ativa antes de saírem de casa, fiscalizar suas mensagens e com quem conversavam enquanto jogavam. As escolas começaram uma campanha mais intensa sobre o bullying e respeito às diferenças.

Mas pra mim, isso já não fazia sentido. Eu tinha vivido por anos na escuridão e quando vi a luz pela primeira vez, tudo deu errado.

Depois do atentado, escola estava fora de cogitação. Eu não queria, minha mãe jamais permitiria. Se ela já tinha medo antes de que rissem de mim se me sentisse mal na aula, essa situação apenas intensificou o pânico de

que eu me magoasse, e mais ainda, tornou insuportável o seu medo de me perder.

— O que aconteceu com ele? — Benjamin passou os dedos lentamente por meus cabelos.

— Ele tentou se matar, mas não conseguiu. Foi acusado de ato terrorista e assassinato. Depois preso. — Senti meu coração pesar outra vez. — A gente sente que um pouco de justiça foi feita, porém nada vai conseguir trazer aquelas pessoas de volta. Ou apagar da nossa mente os momentos de terror.

Ben aproximou os lábios da minha testa deixando um beijo ali.

— Eu te entendo — ele disse. — Acho que almas quebradas se reconhecem de alguma forma — Benjamin falou, beijando minha cabeça e entrelaçando nossos dedos.

Eu assenti, sentindo um aperto no peito.

Benjamin estava certo.

Almas quebradas se reconhecem, e eu me dei conta de que era exatamente por isso que as coisas entre nós não podiam evoluir. Porque a possibilidade de que eu destruísse a sua alma, depois de tê-lo ouvido, era enorme.

E eu seria capaz de causar todo sofrimento possível a mim mesma, mas não havia maneira de que eu aceitasse partir seu coração outra vez.



Capítulo 27 – Benjamin

Chiara tossiu, assim que acabou de beber todo o líquido do copo, com toda a mesa de beer pong, batendo palmas até que não restasse nenhuma gota da bebida. Em geral, jogávamos com cerveja, mas o pessoal decidiu que íamos incrementar hoje.

Nos copos, podíamos encontrar quase qualquer coisa. Cerveja, whisky, vinho, vodka, gin, conhaque e alguns com água. Daniel Oliver da turma de mecatrônica estava fazendo um péssimo trabalho com Chiara que jogava contra Madison e Jackson. Ela já havia bebido alguns copos, e eu estava preocupado, já que não era do seu feitio beber dessa maneira.

Madison mirou a bolinha no primeiro copo, fechando um dos olhos e jogando-o com perfeição.

Merda!

Chiara ia beber outra vez.

Aproximei-me de onde o jogo estava acontecendo, dando um empurrão em Daniel.

— Chega pra lá, quem vai jogar agora sou eu — determinei.

— Você não pode chegar assim agora e querer entrar no meio do jogo, Davis. — Oli-

ver ergueu o corpo como se quisesse partir pra briga. Fiz o mesmo.

— Davis, você não pode mesmo interromper um jogo no meio — Chiara resmungou.

Ela já havia dito que não queria jogar em dupla comigo quando o jogo começou, mandando-me para escanteio.

Eu não entendi porra nenhuma.

Achei que estávamos bem depois do final de semana na minha casa, mas pelo visto tínhamos retornado à estaca zero.

— Ou eu jogo com você, evitando que você saia daqui completamente bêbada, vomitando em todo mundo, ou o jogo vai acabar pra você. A escolha é sua. — Cruzei os braços em frente ao corpo, mostrando que não ia ceder.

Chiara bufou.

— Desculpa, Daniel. — Ela sorriu para ele.

Desde quando eles se conheciam, aliás?

Eu sorri para Daniel.

Toma, filho da puta.

Ele saiu chateado e eu me posicionei ao lado da minha garota, vendo-a pegar o copo e entornar de vez.

— Acabei. — Chiara fez uma careta, me entregando o copo vazio. — Que merda foi essa?

— Posso descobrir com facilidade — falei, aproximando-me dela e colando nossos narizes. O pessoal ao redor riu, achando que era brincadeira.

Não era.

Porra, eu queria desesperadamente beijar essa garota.

Desde que Chiara apareceu na porta do dormitório usando um vestido justo preto que mal chegava à metade das coxas, mas que cobriam todo o braço, uma daquelas meias pretas e coturno, de braços dados com a Leighton, e sorrindo, meu pau pulsou na porra da minha roupa.

Eu quis, mais do que tudo, enfiar minha língua em sua boca, exatamente como meu irmão havia feito com a namorada. Mas não podia.

Chiara não era a minha garota.

Não oficialmente. Ainda.

E eu odiava que, por onde quer que ela passasse, os filhos da puta ficassem olhando para aquela bunda que eu estava louco pra comer, ou sorrindo e acenando para ela, puxando conversa e qualquer outra coisa.

Odiava aquela atenção que ela passou a receber.

— Para com isso, Davis. — Chiara rolou os olhos. Ela sabia que eu falava sério.

Mas ela não demonstrou que também queria aquele beijo.

Ela estava estranha, e eu odiava quando ela ficava assim.

— Porra, isso é vodka, e das boas. — Pus o copo vazio na cadeira onde guardávamos os copos vazios, voltando para ela e olhando bem em seus olhos. — Você está bem? — Ela assentiu. — Quer continuar mesmo?

— Quero. Nós vamos ganhar — falou, convicta.

Olhei para a mesa à nossa frente duvidando muito. Chiara tinha bebido cinco copos e eu ainda nenhum, em contrapartida, Jackson e Madison tinham apenas dois espaços vazios.

— As probabilidades estão todas contra nós, mas acho fofo você não desistir de tentar — brinquei, batendo em seu nariz.

— Ei, o objetivo é deixá-la bêbada, se você ficar distraindo a garota, vai perder toda a graça.

— Se essa é a sua amiga — apontei para Madison. — Não quero mesmo imaginar quando ela se tornar inimiga.

Madison rolou os olhos.

— Todo mundo merece um porre uma vez na vida. E a Chi já cuidou de mim tantas vezes, que passaria a noite segurando os cabelos enquanto vomita sem problema algum.

A menção a segurar o cabelo, me lembrou de quando eram as minhas mãos segurando seus fios enquanto ela me mamava.

Porra.

Meu pau pulsou outra vez com a lembrança, querendo repeti-la.

— Sua vez. — Chiara deu uma cotovelada em minha costela.

Peguei a bolinha, encarando os copos na mesa e mirando no que estava mais distante. Ia guardar os copos mais próximos a nós para Chiara. Madison tentava me distrair falando futilidades e Chiara estava de pé, tensa, mor-

discando a unha. Soltei a bolinha e ela comemorou quando eu acertei.

Eu ia chamar a Mad para beber, mas Jackson, silenciosamente, havia pedido que fosse ele. Madison tinha baixa tolerância ao álcool, e por muitas vezes acabava passando do ponto, como nosso pai.

Pela minha curta experiência de vida, as pessoas bebiam demais quando queriam esconder seus demônios. E era óbvio o quão Madison tentava, desesperadamente, escapar dos dela.

Quando o jogo acabou, decretando nossa vitória, Jackson e Chiara foram as pessoas que mais tinham bebido, e se a minha gata nunca tinha tomado um porre mesmo, não havia dúvidas de que uma noite péssima estava a caminho.

Levei Chiara até a cozinha e a fiz beber alguns copos de água para ajudar na ressaca.

— Tem certeza de que você está bem?

— Tenho. — Ela sorriu. — Não precisa se preocupar. Estou bem. Até sei que seu nome é Alex Pall. — Ela se aproximou de mim. — Astro da música eletrônica e que vai cantar *Don't Let Me Down* para mim.

— Só se for um show particular, nós dois, em um quarto lá em cima. — Cheguei um pouco mais perto dela, sussurrando em seu ouvido: — Prometo um *strip tease* que você jamais vai esquecer.

Chiara bufou.

Ficamos em silêncio, e ela deu mais um gole em sua água, depois virou em minha direção.

— Você está estranha comigo — falei, tentando pegar sua mão, mas ela a puxou de volta.

— Tem gente aqui. — Olhou ao redor, como se quisesse que eu me afastasse.

Eu suspirei.

— Fiz alguma coisa que você não gostou? — perguntei, preocupado.

Ela negou com a cabeça balançando.

— Eu só... — ela parou, começando a brincar com as unhas — só queria que às vezes as coisas pudessem ser iguais para sempre.

— É uma merda como as coisas mudam — concordei.

Chiara suspirou, pousando a cabeça em meu ombro.

— Quando tudo mudar, lembre-se de que nada mudou, Ben — ela disse.

Sorri.

Sem dúvidas, ela já estava começando a ficar com a mente entorpecida pela bebida. Mas não tinha problema. Eu estaria aqui cuidando dela.



O treino de hoje foi puxado.

Demais.

O treinador não estava disposto a pegar leve com a gente, e passamos as últimas quatro horas divididos entre correr a quadra in-

teira, treinar todos os tipos de passe e arremessos que existiam.

Quando terminamos, a única coisa que eu queria era ficar ali, jogado, no meio da quadra, aguardando meu corpo se decompor. Tinha cem por cento de certeza de que meu corpo seria capaz apenas de usufruir do oxigênio necessário para viver. E foi justamente pelo estado de exaustão em que nos encontrávamos que Jonh e Ash me obrigaram a sair para beber com eles.

Na verdade, para sair. A parte do beber não funcionaria para nenhum de nós. Com tantos jogos importantes para acontecer, nós havíamos decidido evitar o álcool sempre que possível. Chegar de pé ao bar já seria um exercício digno de me garantir uma medalha de honra.

— Eu daria qualquer coisa por uma sauna hoje. — Ash puxou uma cadeira para esticar as pernas, soltando gemidos de dor a todo momento.

— Eu daria qualquer coisa por uma cama quentinha e a possibilidade de nem me mexer.

— Nem minha avó de 78 anos reclama tanto quanto vocês, filhos da puta — Jonh praguejou, mas ele também soltou alguns gemidos quando tentou mudar de posição.

Eu nem me atrevi, sabia o quão dolorido estava.

— Uma companhia feminina seria muito bem-vinda — Ash comentou, jogando um pouco a cabeça para trás.

Eu não estava com a menor disposição de transar com ninguém, que não fosse a Chiara, no caso. Mas ela tinha que estudar. Recusou até um filme com as meninas mais tarde.

Saber sobre sua história só fez com que eu a admirasse ainda mais e que tivesse ainda mais certeza de que nós tínhamos sido predestinados a nos conhecer. Como eu havia dito a ela, almas quebradas se reconhecem, e podem se reconstruir juntas. Eu acreditava nisso.

Chiara contou depois que fez terapia por algum tempo para tentar retomar à rotina depois do que houve, e que isso a ajudou em alguns aspectos. A dona Suzan também me levou para terapia por algumas vezes, mas eu não conseguia falar. Eu odiava a terapia. Odiava que as pessoas me achassem maluco por causa do tratamento.

No começo, eu tomava medicações para ajudar a me acalmar e relaxar meu corpo. Era bom, eu conseguia calar as vozes em minha mente. Eram os momentos de paz nas minhas noites. Porém, quando decidi que não queria continuar o tratamento, minha paz cessou e os problemas noturnos retornaram com tudo.

Talvez, se eu tivesse continuado com a terapia, as coisas poderiam ter sido diferentes para mim.

— Ei... — Ash estalou os dedos em frente ao meu rosto, chamando a minha atenção. — Ainda está aqui conosco?

— Tá pensando no chá de boceta que tomou — Jonh brincou, me levando a erguer o dedo do meio para ele.

— Chá de boceta. — Ash virou o corpo um pouco em minha direção, soltando um gemido em seguida. — Caralho, nesse momento eu odeio o filho da puta do nosso técnico. Mas você pode dissertar sobre o assunto. Estamos aqui para ouvi-lo.

— Não tem chá de boceta nenhum, ele está querendo é me irritar.

— Eu quero te irritar? Pelo que soube, você anda recusando convites para sair.

Olhei para ele, girando o indicador no ar, mostrando que nós estávamos na rua.

— Não comigo, embora comigo também. Mas na semana passada ouvi algumas conversas de que você estava dispensando garotas. — Dei de ombros.

— Estou me dedicando ao basquete.

— Sim, e eu sou a Madre Tereza de Calcutá — Jonh retrucou no ato.

— Porra, não fode. Se tem uma coisa que você não é, é santo.

Eu ri da resposta do Ash.

— Vocês já pararam pra pensar que daqui a, sei lá, trinta anos, nós podemos estar na porra de um bar, reclamando dos nossos técnicos, dos jogos e relembrando dos tempos áureos onde nossas vidas se resumiam a quantidade de boceta que conseguíamos comer em uma noite? — perguntei, pois eu realmente estava pensando nisso, mas principalmente porque eu não queria responder a nenhuma pergunta que pudesse levar a Chiara.

Gostava desse vislumbre.

Eu teria a minha própria família. Queria pelo menos três filhos, uma esposa feliz para beijar todos os dias.

E quando pensava em esposa e futuro, a imagem de Chiara se tornava mais clara. Ela com suas pesquisas importantes ensinando nossos filhos a importância da ciência, e eu jogando com eles todos os dias ao cair da tarde.

Queria isso.

Queria poder viver as coisas que meus pais tinham no começo, quando éramos uma família sem problemas.

Ash pôs as mãos em posição de prece em frente ao rosto, fechando os olhos.

— Eu espero que esses trinta anos passem bem devagar. Ainda tenho muitas, muitas mesmo, bocetas pra comer. — Ele parou com a palhaçada, olhando para nós dois em seguida. — E se jogarmos em times opostos, é bom vocês saberem que não vou aliviar minhas cestas em nome da amizade. Vou ganhar de qualquer um dos filhos da puta.

— Vai achando — Jonh respondeu.

— Vai achando mesmo — retruquei. — Eu vou fazer tantas cestas em cima de você, que quando o jogo acabar, você estará completamente atordoado.

— Sempre soube que você queria ficar por cima de mim. — Ash passou a língua pelos lábios. — Pode vir, gostoso.

Eu ri, mostrando o dedo do meio, enquanto a garçonete se aproximava para anotar nossos pedidos.

Eu amava aqueles filhos da puta, e realmente esperava que o futuro reservasse coisas boas para nós.

Não tinha dúvidas do quanto merecíamos.



— Atira nele! — A voz da Olívia ecoou alto demais pela casa assim que eu abri a porta, chegando a me assustar um pouco. — Merda, atira nele, caralho!

Andrew e Jackson estavam na sala, cada um com seu celular na mão. Pelo som de tiros que eu ouvia, sem dúvidas estavam jogando free fire.

— Alguém pode lembrar a essa menina, que ela é uma mocinha e não devia ter o palavreado de um caminhoneiro? — pedi, tirando os tênis e deixando-os no suporte que Leighton havia trazido para nós algumas semanas atrás.

— Ninguém nessa casa tem moral para falar nada. Tudo que sei, aprendi com vocês. — Não podia negar.

Caminhei até meus irmãos, me jogando entre eles no sofá. Estava cada vez mais raro conseguirmos momentos assim, os quatro juntos, mesmo com Olívia morando longe.

— As coisas estão bem, pirralha? — Aproximei-me do celular do Jackson, observando a tela.

— Pirralha é o seu ovo. E sim, está tudo bem, por aqui. Ele está dormindo, depois da vergonha que passou no Dia de Ação de Graças...

— Prefiro não saber dos detalhes, Olívia — Andrew interrompeu.

Se o que quer que fosse que nosso pai fizesse, não interferisse diretamente na vida da Oly, Andrew sempre preferia não saber.

— Tudo bem, então. — Eu podia até vê-la agora, jogada na cama e dando de ombros. — Mas eu tenho uma dúvida, Benjamin.

— Vindo de você, com certeza não é nada de bom. — Rolei os olhos. — O que é?

— Não é nada demais. Só queria saber se você está brincando muito com a casinha de bonecas que comprou, sabe?

Jackson e Andrew soltaram uma gargalhada.

Porra, ter irmãos podia ser um castigo.

— Vai tomar no cu, Olívia — respondi, irritado.

— Sempre tão carinhoso...

— Desgraçado — Andrew resmungou, quando tomou um tiro e caiu no chão.

— Ri mais da Olívia, filho da puta — resmunguei.

Ficamos jogando conversa fora por um tempo. Volta e meia desbloqueava meu aparelho para ter certeza de que não havia nenhuma mensagem nova.

Nenhuma mensagem dela.

Chiara não havia falado comigo ainda hoje, e depois do final de semana que tivemos, achei que acabaríamos nos aproximando. Ela já tinha me dito que os próximos dias seriam mais corridos, fazendo todas as coisas neces-

sárias para que os testes em animais começassem.

Torcia para que desse certo, claro.

Porra, o que a Chiara estava fazendo era fantástico, e eu nunca imaginei que uma coisa dessas pudesse ser feita. Contudo, também estava sentindo-a mais distante. Ela dizia que era impressão minha. Nós nos falávamos todos os dias antes de dormir. De tão exausta, ela mal aguentava conversar muito.

Porém, eu tinha uma sensação estranha. Algo me dizia que Chiara estava escondendo alguma coisa de mim.

— Olívia, para quais universidades mesmo você fez a inscrição? — Andrew perguntou, me cutucando para que eu pegasse o meu aparelho.

— Você já sabe, Andrew — respondeu, sendo a chata de sempre. — Harvard, onde não vou passar. Brown, talvez. Columbia. NYU. Princeton. Cambridge. Universidade da Califórnia. E minha querida Yale, que é onde vou estudar, Davis. Nesse caso, todos os Davis.

— Você não se inscreveu para a Walker? — Andrew perguntou, sobressaltado.

— Inscrevi, Andrew. Mas não vou estudar aí. Não quero vocês achando que podem controlar a minha vida. Você já sabe disso.

Andrew soltou o ar com força.

— Oly, você sabe que eu faria qualquer coisa por você, mas se não conseguir uma bolsa, não tenho como te manter lá.

Dava pra ver, pela expressão em seu rosto, que não poder realizar o sonho da nossa irmã deixaria o Andrew frustrado.

Talvez muito mais que a própria.

— Que falta de confiança na inteligência da garota que você criou, Andrew. Fica tranquilo, irmão. Eu sei que vou conseguir.

— Tá! — Andrew suspirou. — Vamos começar a próxima partida logo, daqui a pouco você tem que dormir.

Eu ri achando graça.

Olívia podia soltar todos os palavrões do mundo, mas o Andrew sempre a veria como aquela garotinha que tinha os olhos brilhantes e nos convencia a fazer qualquer coisa por ela.

Nós demos play no jogo, e logo em seguida a mensagem que eu esperava chegou.

Chiara estava me esperando ligar.

E eu nunca quis tanto dormir em minha vida.



Capítulo 28
Chiara

Capítulo 28 – Chiara

Dorothy estava precisando conversar comigo a respeito do seu trabalho. Buscar algumas respostas para análise e nós estávamos agora, depois de passarmos longas horas entrando de loja em loja para ela que comprasse roupas novas — para si mesma, nesse caso, sentadas em uma cafeteria.

Eu mexia o café distraidamente enquanto pensava sobre o que deveria fazer, sobre como deveria fazer.

Suspirei.

— Você está um pouco triste hoje, não é? — Dorothy perguntou, fazendo-me erguer os olhos para ela.

Não adiantava mentir, minha expressão entregava totalmente o que eu estava sentindo.

— Desculpa, eu sei que devia estar focada no seu trabalho que, diga-se de passagem, tem sido um sucesso. Você estava certa a respeito de tudo. E quem diria que nós também podemos usar a pesquisa com a moda? — Tentei sorrir. — Mas hoje eu estou me sentindo tão...

— Eu diria que sem alma. — Dorothy ergueu uma sobrancelha para mim. Pisquei, sentindo as lágrimas se acumularem em meus olhos. — Te disse que nossas roupas serviam como uma forma de demonstrar como esta-

mos nos sentindo. E você hoje, meu Deus... — Ela deixou no ar o quão estava decepcionada com minhas roupas antigas. — Desculpa, querida, eu não queria te magoar, eu só...

— Não — interrompi, limpando imediatamente a lágrima que escorreu pelo meu rosto. — Você está certa. É exatamente assim que eu me sinto.

Dorothy segurou minha mão, apertando-a.

— Se você quiser me contar o que está acontecendo, talvez eu possa ajudar. Sou boa em ouvir.

Tentei sorrir, mas balancei a cabeça, negando.

— Desculpe, mas isso é uma coisa que eu preciso resolver sozinha.

— E pelo visto tem cara de um garoto. — Ela apertou os olhos em minha direção. — Se apaixonou e ele partiu seu coração?

— Eu não.., não estou... não...

Ela riu.

— Eu já tive o coração partido pelo menos um milhão de vezes, Chiara. Eu sei quando alguém está sofrendo pelo mesmo mal.

Meu coração doeu constatando a verdade da qual tentava exaustivamente fugir.

A verdade era que eu tinha me apaixonado por Benjamin Davis, e isso acabaria matando a nós dois.

Sorri.

Sim.

Eu sabia disso. Acho que sempre soube que seria impossível não me apaixonar por ele. Que nós dois íamos transar apenas até que a tensão sexual acabasse, mas ela não ia acabar. Tinha me dado conta disso.

E também, como não me apaixonar por ele? Especialmente quando ele tinha aquele coração enorme e generoso, não quando ele sorria de um jeito que fazia as minhas pernas ficarem bambas ou quando me fazia sentir todas aquelas coisas quando estávamos transando.

Apaixonar-me por ele era apenas uma questão de tempo.

— Eu não devia ter me apaixonado por ele — confessei, sentindo outra lágrima quente deslizar por meu rosto, ao mesmo tempo em que meu coração rasgava no peito. — E se ele gostar de mim, sem dúvida foi a maior besteira que ele já fez. Isso não podia ter acontecido.

Balancei a cabeça em negativa.

— Meu amor, dificilmente, quando se trata de amor, as coisas acontecem como acreditamos que deveriam ser. — Dorothy segurou minha mão de maneira amistosa. — Mas existe uma coisa boa. Geralmente os amores que não deviam surgir são aqueles que mais marcam as nossas vidas. Se der certo, tenho certeza de que será uma história incrível, e se não der — ela deu de ombros —, bem, pelo menos você terá uma história linda para contar.

Senti meu coração arder ainda mais.

Eu poderia ter memórias lindas, mas ele... Benjamin me odiaria.



Eu já estava acostumada às paredes brancas e completamente insossas dos hospitais. Apesar de detestá-las, também amava.

O que era confuso.

No entanto, existiam sempre duas razões para que eu estivesse aqui: como paciente, o que eu odiava, e como estudante que tinha esperança de tornar o ambiente médico um lugar melhor para pessoas como eu, que necessitavam de tratamento.

Na minha antiga cidade, eu já era conhecida pela minha inteligência e curiosidade a respeito de absolutamente tudo que tinha a ver com o funcionamento do hospital. Desde o que os guardas costumavam fazer parados na porta, já que não tinham brigas no hospital, pois era um lugar para curar pessoas doentes, ao uso dos materiais de limpeza, a importância do álcool em gel e como as fichas dos pacientes nunca se perdiam.

Ser a pupila do senhor Harris também me ajudou muito. Ele me apresentava para todas as pessoas, me explicava o que elas faziam e eu adorava compreender sobre tudo aquilo.

E foi por causa de uma mudança de estado do Senhor Harris para um lugar mais quente, e que me favoreceria muito, que nós acabamos nos mudando também. Minha mãe — e eu também — confiávamos muito nele. Foi o senhor Harris quem cuidou de mim em

todas as vezes que eu quase morri. Eu confiava nele, mas do que tinha a certeza de que o sol nasceria no dia seguinte.

Nunca ignorei os riscos que a doença me trazia, mas eu tinha certeza de que aquele homem jamais deixaria de lutar por mim enquanto houvesse qualquer remota esperança.

Quando me mudei para a Walker, nós fomos indicadas para o doutor Strass, amigo pessoal e de longa data do doutor Harris. O pessoal no hospital também era muito cordial comigo. Era uma relação diferente, claro. Comecei o tratamento aqui há alguns meses apenas, mesmo que quinzenalmente eu estivesse batendo meu ponto nos dias dos exames de rotina. Também já era uma conhecida dos médicos, enfermeiros e toda a equipe do hospital pela minha curiosidade nata, que reverberavam em milhares de perguntas que se transformaram em histórias que os médicos adoravam compartilhar comigo.

Hoje o meu médico atual, pediu para conversar comigo. Um péssimo dia, levando em conta que a senhora Ball nos queria no laboratório, dando 200% de nós mesmos.

A universidade decidiu bancar a senhora Ball e um dos alunos do projeto para uma conferência que aconteceria em uma semana. Então, nossos últimos dias foram uma mistura de loucura e correria. Nós já havíamos inserido as células necessárias no meu ratinho, a quem Simon apelidou de Escarlate, levando em conta o fato de que meu trabalho envolvia muito a questão sanguínea.

Eu estava otimista. E mais que isso, mesmo sabendo que Simon e Lauren tinham mais chances por serem alunos de turmas mais avançadas, esperava muito que meu estudo se provasse minimamente eficaz a ponto de que eu fosse considerada como opção ao congresso.

O doutor Strass abriu a porta da sua sala, sorrindo para mim, que aguardava sentada em uma cadeira do lado de fora. As rugas visíveis em seu rosto não deixavam mentir a idade. Devia ter quase setenta anos. Era um excelente médico, e eu confiava muito nele, e em toda a sua experiência.

— Bom dia, Chiara! — Eu me levantei. — Vamos?

Ele abriu um pouco mais a porta, indicando que eu devia entrar.

Já tinha passado por médicos suficientes para saber que viria uma má notícia. Apertei a mão, nervosa, sentindo meu coração acelerar.

Sentei na cadeira designada ao paciente. Lugar onde estive durante quase toda a minha vida.

— Como estão as coisas na faculdade? — perguntou, olhando para mim animado. O doutor Strass era um dos grandes entusiastas do meu trabalho. Acreditava no meu potencial e também nos bons resultados de tudo que estávamos fazendo.

— Estão ótimas. Começamos ainda ontem o trabalho com a cobaia — expliquei a ele quais resultados esperávamos obter, mesmo que obviamente ele soubesse.

— Fico feliz por você, Chiara. E tenho certeza de que, sabendo como você é esforçada, o fato de ser aluna do primeiro ano não será um empecilho. Nós precisamos de médicos empenhados como você. — O homem sorriu, mexendo nos óculos, depois pegou alguns papéis sobre sua mesa. Ele me olhou e soltou um suspiro daqueles que costumamos dar quando temos uma má notícia. — Chiara, você sabe que o que você tem é uma doença hereditária, e que pode apresentar agravantes durante a sua vida.

Assenti, apertando os dentes com força enquanto tentava evitar que meus canais lacrimais jorrassem o líquido salgado por meu rosto.

— Sim, eu sei. — Fui sucinta.

— Eu estou aqui com seus últimos exames. Embora durante os últimos meses você não tenha apresentado nenhuma crise, nós encontramos uma complicação.

Trinquei os dentes com força, me preparando para a má notícia que viria a seguir. E à medida que palavras como "é uma complicação comuns para adultos com a mesma doença que você" foram saindo de sua boca, eu já sabia sobre o que falaríamos. Eu já havia lido muito a respeito e sabia que também estava associada à alta taxa de morbidade e mortalidade. A sala foi ficando cada vez menor e menor, e eu tentava manter a minha respiração regular.

Inspira. Expira.

Respira.

Eu sempre soube que essa era uma possibilidade, mas não imaginei que fosse doer tanto.



Eu gostaria de simplesmente poder dizer que aquilo era mentira.

Que as palavras não faziam sentido, que era impossível que eu estivesse apresentando tais complicações.

Mas não era.

Eu sempre soube.

O senhor Harris sempre deixou claro para mim todas as possibilidades da minha doença. Ele fazia questão de mencionar que eu podia não apresentar nenhuma delas, porém sabíamos que com um caso como o meu, seria muito difícil.

Se na vida nossa sorte fosse tirada em uma roleta russa, eu não tinha dúvidas de que na minha vez haviam restado apenas as situações ruins.

— Chiara, você está bem? — Ouvi quando alguém me perguntou.

Ergui o rosto, tentando identificar o dono da voz, ao sentir os braços me segurando, evitando que eu caísse. Não sabia o que responder.

Nem ao menos sabia onde eu estava, ou como havia chegado aqui.

Eu só segui.

E segui.

E segui...

— Eu...

As lágrimas cederam, enfim.

Isso não devia acontecer.

Eu não devia chorar.

Já havia passado por situações piores que essas.

Mas agora...

Agora era diferente.

Eu tinha pessoas com as quais me importava.

Senti quando os braços que tentavam me segurar, apenas rodearam meu corpo permitindo que eu chorasse. Pelo tempo que eu quisesse.

Era só o que eu precisava.

Eu tinha que chorar.

Porque eu sabia o que precisava fazer agora.

E seria a coisa mais difícil de toda a minha vida.

Só não fazia ideia de como teria coragem de partir o coração do Ben. O cara que tinha o coração mais bonito que eu já havia conhecido.

Mas eu tinha que fazer isso.

Agora.



— Você está bem? Tem certeza? — Owen me perguntou quando desligou o carro no estacionamento do campus. — Posso te dei-

xar no dormitório, talvez fosse bom tirar o dia para...

— Não — respondi, com a voz fraca. — Eu preciso mesmo ir para o laboratório.

Eu tinha, mais do que nunca, uma necessidade insana de manter minha mente ocupada. Eu não queria pensar. Não queria ver ninguém. Não queria falar com ninguém. Ir para o dormitório implicava em ver a Leighton. Ainda estava cedo, e ela não devia ter saído do dormitório ainda.

Owen assentiu com uma expressão preocupada no rosto.

— Eu não sei o que está acontecendo, se alguém partiu seu coração ou...

— Ou, com certeza um *ou* — falei, tentando brincar, mesmo sentindo que meus olhos se enchiam de lágrimas outra vez.

— Sei que o Davis estava de olho em você, por isso recuei, Chiara. Mas mesmo que nós dois não tenhamos continuado com... bem, os flertes, nem nada do tipo, eu quero que você saiba que estou aqui se precisar de um amigo.

Tentei sorrir.

Eu precisava. Desesperadamente de um amigo.

Alguém com que eu pudesse contar agora.

Mas não.

Eu já tinha errado demais quando decidi me abrir para Leighton que trouxe pessoas demais para a minha vida.

Agora, eu poderia causar dor em mais pessoas.

Não precisava envolver mais ninguém nisso.

— Obrigada, Owen. — Minha voz saiu em um fio.

Ele sorriu, solidário e se aproximou lentamente.

Meu corpo congelou tentando entender o que ele estava fazendo, mas ele apenas beijou meu rosto.

— Estou falando sério. Sei ser um bom amigo.

Eu assenti.

— Obrigada. — Abri a porta do carro, mas parei, fechando-a em seguida. — Owen, se você puder não contar a ninguém que me viu, você sabe... chorando.

Ele negou com a cabeça.

— Fica tranquila. Isso nunca aconteceu. — Piscou para mim.

Soltei o ar com força, olhando para os prédios à minha frente.

Eu me deixei fugir da minha realidade por algum tempo. Tentei viver como uma pessoa normal, e deu errado.

Tudo errado.

Estava na hora de voltar a ser a Chiara de sempre.

Capítulo 29
Benjamin



Capítulo 29 – Benjamin

Os dias estavam passando mais arrastados.

O que chegava a ser cômico.

Todos os dias possuem exatamente a mesma quantidade de horas, de minutos e de segundos. Entretanto, existem alguns dias em que parece que tudo acontece mais lentamente.

Era exatamente isso que eu sentia nesses dias.

Os dias em que eu estava sendo completamente ignorado pela Chiara. E eu não fazia sequer a menor ideia do motivo.

Há alguns dias ela mal me respondia, nos raros momentos em que ela estava presente em qualquer ocasião conosco quase não olhava em minha direção, nem sorria para mim. A única coisa que se manteve constante eram as ligações na hora de dormir, onde ela passava metade do tempo me garantindo que estava tudo certo, mesmo quando eu tinha certeza da falta de entusiasmo em seus olhos.

Alguma coisa estava errada.

E querendo ou não, isso ia explodir em algum momento.

— Me passa o sal, Davis — Madison pediu, apontando para o pote na mesa. Nós

três olhamos em sua direção, que riu. — Qualquer um de vocês serve, só queria o sal mesmo.

Ela deu de ombros, agradecendo ao Jackson que entregou a ela.

Alguma coisa pareceu chamar atenção do meu irmão, e olhei em direção a janela de vidro. Do lado de fora, Malcon e uma garota que havia visto algumas vezes estavam conversando.

Brigando, eu acho.

Ela era alta, quase da altura dele. E forte também. Pela expressão de puta da vida em seu rosto, tinha certeza de que ela venceria uma disputa com facilidade.

— Vocês a conhecem? — Leighton perguntou, olhando para o mesmo lugar onde nossa atenção se fixava.

— Pelo visto o filho da puta comeu e não ligou no dia seguinte — meu irmão respondeu, ganhando um olhar torto da namorada.

— Engraçado que vocês se acham o suprassumo do mundo, não é? Como vocês sabem que o Malcon não gostou tanto da transa que ele mesmo queria repetir e ela quem não quer?

— Eu apostaria que pela expressão de fúria no rosto da garota. — Agora eles haviam mudado de posição. A garota estava com os braços cruzados enquanto ouvia Malcon dizer alguma coisa.

No segundo em que ele ficou em silêncio, a postura da garota mudou completamente, começando a falar sem parar. O dedo

apontado em riste em frente do rosto do Malcon que tinha uma expressão de desdém.

— Se ela bater nele... — comecei, olhando para Andrew.

— Não vou sair daqui. E aposto nela — Jackson falou exatamente o que eu havia pensado. — Dez pratas.

— Aposto vinte — completei.

— Trinta — Andrew também acabou entrando na onda.

— Vocês são ridículos. — Leigh rolou os olhos, mas estava rindo. — E você, não devia apostar mais nada em sua vida.

Sorri quando ela beliscou meu irmão. Uma aposta que acabou destruindo o relacionamento perfeito do meu irmão recém-apaixonado.

Olhei para a porta quando o sininho tocou e meu coração errou uma batida no peito ao ver a Chiara passar por ela.

Estava usando as roupas do começo do ano outra vez. Uma calça folgada e blusão. Os cabelos presos de qualquer jeito no topo da cabeça e a expressão de vazio.

Seus olhos encontraram os meus, por dois segundos.

Dois segundos.

Ela sorriu para Leighton que acenou em sua direção, mas não fez menção alguma de se juntar a nós, foi até o balcão fazer o pedido diretamente com o Patrick. Acompanhei-a com os olhos. Esperava que ela viesse se sentar conosco depois de pedir, mas diferente do que

havia imaginado, ela só fez a retirada. Devia ter ligado antes para escolher a refeição.

— Alguém sabe que porra está acontecendo com a Chiara? — perguntei, não aguentando a dor em meu peito ao vê-la passando pela porta sem nem vir falar conosco.

Leighton mordeu o lábio, negando com a cabeça.

— Ela está distante. Eu não sei... Nem lá no dormitório está normal. Só fica estudando o tempo inteiro, e com essa cara de... nada.

— Também estou preocupada. Tentei conversar com ela nos últimos dias, mas só me ignora. — Madison soltou o ar com força. — E voltou com essas roupas sem estilo outra vez. Seja lá o que estiver acontecendo dentro daquela cabecinha, simplesmente destruiu a sua autoestima também.

Fiquei aliviado por não apenas eu notar os comportamentos dos últimos dias. A parte mais egoísta de mim, também gostou de saber que eu não era o único ignorado. Porém, isso também me preocupava, porque só mostrava que ela realmente estava passando por alguma coisa, e não queria dividir, o que quer que fosse, não apenas comigo, mas com ninguém.

E isso era péssimo.

— Cheguei, família — Malcon anunciou, fazendo meu irmão se afastar um pouco para que ele se sentasse também. Distraído por Chiara, esqueci de acompanhar a briga dele com a garota.

— Milagre você ter chegado aqui inteiro. — Andrew apertou os olhos para o amigo. — Quem era a garota?

Malcon bufou.

— Ela é do time de hóquei feminino e estava querendo apoio do time. Disse que se eu, como capitão do time masculino, comparecesse a alguns jogos, talvez conseguisse aumentar o público delas, que é pouco.

— Nossa, que legal! — Leigh terminou seu prato, enroscando o braço ao do meu irmão.

— Seria. Mas não existe a menor chance de que eu me comprometa dessa forma, nós temos os treinos e o próximo mês vai ser puxado com as finais. Não vou gastar meu tempo com isso.

— Nossa, que escroto, Malcon! — Madison se intrometeu, chateada. — Ela não pediu pra você treiná-la ou nada do tipo, só pra tirar alguns minutos do seu dia e assistir a alguns jogos. Isso não vai te matar, você sabe, não é?

— Sabe quantas coisas eu poderia fazer nesse tempo? — Ergueu uma sobrancelha para a patricinha.

— Se você ficar com o pau dentro das calças por alguns segundos, tenho certeza de que conseguiria o tempo que a garota pediu. Sabia que a vida das mulheres nunca é tão fácil quanto a dos homens?

— Ah, claro. E você sabe disso porque todos os dias precisa se esforçar por alguma coisa.

Eu sabia que ele tinha se arrependido assim que as palavras saíram de sua boca. A expressão de dor no rosto dos dois deixava isso claro. Da Madison, por não esperar isso de alguém com quem costumava compartilhar

seus segredos, sejam quais forem, do Malcon, com certeza, por jamais ter passado pela sua cabeça usar algo assim para feri-la.

Nós podíamos cortar o ar que ficou na mesa, se tentássemos, de tão denso que ele se tornou.

— Mad... eu não...

— Quer saber, você é um babaca. Fala como se também tivesse que fazer alguma coisa por você em sua vida.

Madison juntou suas coisas, irritada, e saiu da mesa. Malcon soltou um palavrão esfregando as mãos pelo rosto.

Ninguém falou absolutamente nada por alguns minutos.

— Sem querer te deixar pior do que provavelmente já está se sentindo — falei, tentando não soar agressivo.

— Eu sei. Sou um filho da puta. Vou falar com ela. — Malcon se levantou, sem nem ter tido a chance de fazer o seu próprio pedido.

— Um almoço bem tranquilo — Jackson comentou, enquanto assistíamos a Malcon correr atrás da patricinha que não facilitaria em nada a vida dele.

— E muito agradável — Leigh resmungou, parecendo preocupada.

Meu celular vibrou no bolso, e eu o peguei rapidamente esperando que fosse uma mensagem dela explicando o motivo de não ter vindo falar com nenhum de nós.

E era.

Gata: Desculpa não ter ido falar com vocês. Tenho mil coisas para fazer. Nos falamos à noite.

Curta e seca. Não restavam dúvidas de que algo estava acontecendo e que a desculpa de sempre sobre os estudos não ia mais funcionar.

Eu tinha que entender o motivo pelo qual ela estava me mantendo distante. E logo.

Não estava aguentando mais.



Capítulo 30
Chiara

Capítulo 30 – Chiara

Leighton passava batom, enquanto observava seu reflexo no espelho. Eu estava deitada na cama ouvindo um vídeo do YouTube sobre anatomia.

— Tem certeza de que não quer ir conosco? — perguntou, pela milésima vez, olhando-me com preocupação.

— Sim. Desculpa. Eu vou mandar uma mensagem para o Davis me desculpando também, mas não estou me sentindo bem.

Não estava mesmo. Meu coração doía.

Muito.

Mais do que eu acreditei a vida inteira que um coração pudesse doer.

— Tem certeza de que não quer que eu fique, então? — Leigh se aproximou da cama, pondo a mão em minha testa.

Assenti.

— Você sabe como os meninos são. Eles gostam de nos ter nos jogos e o Ben... — Parei, sentindo meu coração doer com a menção do seu nome. Benjamin me odiaria. — O Benjamin gosta que estejamos todos lá.

— E mesmo sabendo disso, você não vai — afirmou.

— É. Não vou.

Meu coração doeu outra vez.

Mais forte.

Minha vista embaçou por conta das lágrimas que foram se acumulando, mas eu não podia chorar. Eu tinha que ser forte.

Leighton soltou um suspiro, sentando-se na cama próximo a mim e pausando o vídeo.

— Chi, quero que você saiba que pode contar conosco sempre. Pra qualquer coisa. — Ela passou a mão por meus cabelos, e eu precisei me controlar ainda mais para evitar que as lágrimas não vencessem. Chorar era o que eu mais vinha fazendo nos últimos dias quando estava sozinha, ou quando depois de fingir estar dormindo, Ben acabava por dormir também. Não continha as lágrimas vendo seu rosto e imaginando o quão difícil seria para nós dois a conversa que viria a seguir. — Eu sei que te está acontecendo alguma coisa. Sei que você não está legal. E estou aqui. De verdade.

Engoli em seco.

— Eu estou bem. — Levando em conta a voz rouca, eu também não teria acreditado.

— Você não está. E está tudo bem não ser forte todos os dias, lidar com emoções são difíceis. Mas eu estou aqui, e te amo nos dias bons e nos dias ruins. — Leigh beijou minha testa, soltando um suspiro antes de levantar. — Se precisar de mim ou da Mad, você sabe que estaremos aqui assim que recebermos uma mensagem.

Eu assenti. Dessa vez, apenas para vê-la sair mais depressa.

Queria ficar sozinha.

Precisava chorar em paz, sabendo que estava prestes a perder tudo com o que eu mais me importava.



Não avisei ao Benjamin que não ia ao jogo, mas assisti toda a partida pela transmissão on-line em um dos canais oficiais da universidade.

Ben jogou muito mal. Parecia distraído e desfocado.

Perdeu muitas cestas, errou passes.

Foi o pior jogo da temporada.

Apesar dos erros, o time venceu, e isso aqueceu meu coração.

Benjamin não saiu para festejar. Ele me ligou como sempre, eu atendi, fingi já estar dormindo, parabenizei pela vitória e perguntei se podíamos apenas dormir, disse que estava cansada demais para conversar.

Ele aceitou.

E ficou me assistindo a dormir enquanto eu fingia estar cansada demais para não conversar, quando tudo que eu queria de verdade era saber como ele se sentia, saber a respeito do jogo, era ouvi-lo falar sobre qualquer coisa.

Qualquer maldita coisa.

E quando ele falou, eu quis poder voltar no tempo, porque, acreditando que eu não podia ouvir, ele disse que não queria me perder.

"Não quero te perder, gata."

A frase ecoou em meus ouvidos a noite inteira. Foi o meu primeiro pensamento quando eu acordei, tudo que conseguia ouvir enquanto ficava no laboratório, ou agora, enquanto caminhava pelos corredores da universidade para a minha aula.

Estremeci quando ouvi alguém me chamando.

A voz não estava distante, entretanto, distraída, não consegui identificar de quem era. Com medo de que fosse o Benjamin, e que eu tivesse que vê-lo sem que me sentisse preparada, cogitei ignorar.

— Ei, espera! — ele disse, parando na minha frente. Não era o Benjamin. Respirei aliviada ao ver o Owen me alcançar e segurar a alça da mochila com uma das mãos evitando que ela caísse. — Como você está?

— Melhor do que na última vez em que nos vimos, com certeza. — Tentei dar um sorriso.

— Tem certeza? — Franziu o cenho em minha direção. — Eu poderia dizer que você está consideravelmente pior.

Eu ri de verdade dessa vez.

— Não acho que essa seja a coisa adequada a se dizer para alguém, quando você está tentando levantar a moral da pessoa.

— Então você admite que eu estou certo, e que você não está tão bem quanto está dizendo? — Ele ergueu uma sobrancelha com um ar de espertinho.

— Eu admito que você precisa melhorar sua abordagem.

— Justo. — Owen sorriu, mostrando os dentes perfeitamente brancos e alinhados. — Mas só queria reiterar que você pode mesmo contar comigo se precisar, e que também não contei nada a ninguém.

Eu assenti.

— Obrigada. De verdade.

Owen abriu a boca para falar outra vez, mas uma mão que eu conhecia bem demais se alojou em minha cintura de maneira possessiva.

Meu corpo inteiro se acendeu em reconhecimento ao toque.

O toque com o qual meu corpo havia se habituado e passado a desejar cada vez mais.

— Gata. — Benjamin beijou minha bochecha, como se fosse uma rotina. Meu coração pulou e ardeu ao mesmo tempo. Eu não consegui reagir, especialmente sentindo sua respiração quente contra mim. Tentei me afastar, mas ele não permitiu. — Owen — cumprimentou em seguida, fazendo com que meu coração batesse tão rápido no peito, que eu achei que poderia ter um ataque cardíaco naquele mesmo instante.

— Davis. — Owen sorriu, direcionando o olhar para a mão dele grudada no casaco largo que eu havia vestido pela manhã antes de sair do dormitório correndo para não ter que lidar com a Leigh. Era exatamente o que o Ben pretendia, já que ele começou a mover os dedos ali.

Eu estava tensa.

E confusa.

Os dois se encararam por um tempo como dois idiotas.

— Bom, era isso que eu queria te dizer. — Owen sorriu para mim, e eu imitei seu gesto. Os dedos do Ben se fixaram ainda mais em meu corpo.

Owen deu um passo para frente, querendo beijar minha bochecha.

— Nós temos que ir. — Ben me puxou, antes que Owen se aproximasse, obrigando-me a caminhar com ele.

Eu não tive sequer tempo de reagir.

Ou de pensar.

— Benjamin! — reclamei, enquanto ele me arrastava pelo corredor, tentando fazer com que sua mão se afastasse do meu corpo.

— Não quero mais isso — falou, irritado, parando de andar. Depois, me soltou cruzando os braços em frente ao corpo. Era a primeira vez em que eu o via realmente com uma expressão chateada no rosto. — Não quero mais esse clima estranho entre nós dois. Não aguento mais...

Meu coração parou e o ar foi ficando mais difícil de respirar à medida em que eu o ouvia.

— Benjamin... — tentei interromper, olhando à nossa volta, temendo que alguém pudesse nos ver.

Não queria ter essa conversa agora. Não estava pronta para isso. Eu não podia, ainda...

— Não, Chiara. Não — ele me cortou. — Não quero mais ter que ficar imaginando que caralho eu fiz pra que você simplesmente co-

meçasse a me ignorar. E também não quero ter que ficar me escondendo quando tenho vontade de ficar com você. — Ele deu um passo em minha direção, e meu coração falhou. Fechei os olhos ao sentir seu cheiro. Benjamin pegou minha mão direita entre as suas, e deu um beijo em sua palma. — Eu quero poder te beijar na porcaria do pátio, ou na *Women's*, ou na minha casa com os nossos amigos. E andar de mãos dadas com você. E eu quero poder dizer que eu namoro com a garota mais linda e inteligente desse campus, desse país e do mundo todo. Eu quero que você seja a minha garota, gata. Que seja minha.

Engoli em seco, entrando em pânico.

Meu coração estava apertado. Tão apertado, que eu tinha medo de que ele parasse de funcionar de vez. Mal podia respirar sentindo tantas coisas ao mesmo tempo.

Porque, meu Deus, isso era tudo com o que eu havia sonhado quando acreditava que sonhos poderiam se tornar reais. Alguém que gostasse de mim, que me quisesse, com minhas esquisitices, com minhas marcas e cicatrizes.

E aqui estava ele, o cara mais gostoso e lindo de toda essa universidade, o cara com o maior coração do mundo, o cara por quem eu tinha feito a única coisa que eu sempre soube que jamais deveria fazer: Me apaixonar.

E eu não podia dizer a ele nada disso.

Simplesmente não podia.

O meu sonho tinha se tornado meu maior pesadelo.

Se Benjamin tivesse me dito essas palavras uma semana atrás, mesmo sabendo que não devia, eu teria considerado. Teria cogitado a ideia já que eu estava há algum tempo sem as crises.

Eu poderia acreditar que daria para ter uma vida quase normal.

Mas agora, com as palavras do doutor Strass ecoando em minha mente. Sabendo de tudo pelo que Benjamin havia passado... Eu jamais faria isso com ele. Por mais que doesse em mim.

Eu jamais acabaria com a sua vida dessa maneira.

Mas ao mesmo tempo...

Não queria aquilo.

Não queria ter que dizer adeus.

E nunca quis tanto viver algo em minha vida.

Viver ele.

Pisquei, sentindo os olhos de Benjamin me avaliando, ansiosos. Meus próprios olhos se enchendo de lágrimas enquanto meu peito pesava, como se eu houvesse jogado um caminhão de concreto sobre ele.

— Benjamin... eu... — Balancei a cabeça em negativa, tentando encontrar as palavras certas. Encarei meus pés com um tênis confortável, sem a menor coragem de encará-lo. Algumas pequenas gotas começaram a traçar caminhos por minha bochecha. Seria impossível contê-las agora. Não quando o destino era um tremendo sacana comigo me dando tudo

que eu queria, sabendo que jamais poderia ter.
— Me desculpa. Eu não posso... eu...

— Chiara... — Ben deu mais um passo em minha direção, erguendo meu rosto para que eu pudesse vê-lo. — Eu sei que a minha reputação é péssima, e que você pode achar que eu não nos levaria a sério, mas eu...

— Não — interrompi, pondo a mão em seu braço para evitar o contato outra vez. Na verdade, era o oposto. Benjamin nos levaria a sério demais. Ele ia querer cuidar de mim. Ele poderia me amar a ponto de se tornar o seu maior pesadelo. Eu não podia permitir isso. Mesmo com meu coração gritando dentro de mim que eu devia aceitar. Mesmo sentindo o ar fugir o meu peito por ter que mentir. — Não é isso. Não é isso... mas...

Parei.

As lágrimas rolaram e eu passei uma mão por minha bochecha, tentando evitar demonstrar toda a dor que eu estava sentindo.

— Você estava certo. — Olhei em seus olhos, encarando-os. Bonitos, esverdeados. Brilhantes. Confusos. — Eu estava estranha esses dias, porque queria conversar com você, mas não fazia a menor ideia de como... — Neguei com a cabeça outra vez, sentindo as palavras entalarem em minha garganta.

Um lampejo de compreensão cortou seus olhos.

Benjamin balançou a cabeça em negativa.

— Não, você não pode estar fazendo isso — falou com a voz um pouco desesperada. Incrédula.

Ele me encarou.

Os olhos estavam quase opaco e eu podia ver a confusão em seu rosto.

É para o seu bem.

É para o seu bem.

— Foi o que combinamos, Davis — continuei, me obrigando a ser forte. — Que seria algo casual, algo que não nos atrapalhasse e que quando notássemos que era algo que não queríamos mais...

Ele balançou a cabeça, negando, outra vez.

— Não, Chiara, você disse isso — acusou, caminhando até mim. Ele caminhou até mim outra vez, segurando meu rosto para que eu pudesse encará-lo sem fugir. Para que continuasse olhando em seus olhos. — Eu não quero algo casual, eu quero você! Só você!

Ele estava seguro.

Não havia um resquício de dúvidas em sua voz.

Ele me queria.

Eu o queria.

Não podia querê-lo.

— Eu não posso... — Mantive os olhos fixos nos seus, sabendo que era a única maneira para que o Ben acreditasse em mim. — Não posso mesmo fazer isso — sussurrei. — Eu sinto muito, Benjamin, mas não posso.

— Isso não faz sentido — disse, tentando segurar meu rosto entre seus dedos, mas eu me afastei. Se ele encostasse em mim, eu desistiria. Cederia. Ficaria com ele e con-

denaria a nós dois. — Não faz, porque eu sei que você também gosta de mim. Tenho certeza disso. Eu sei disso, toda vez que você me olha e...

Ele parou, se afastando um pouco. Passou a mão direita no rosto, em agonia.

Era verdade.

Eu gostava dele. Ele sabia.

Pisquei.

Soltei o ar com força, como se tivesse tomado um soco.

Doía em mim ter que magoá-lo.

Doeria muito mais nele, continuar com isso.

— Eu gosto. — Benjamin me encarou ainda mais confuso. — Você está certo. Eu gosto de você, Ben. Mas como eu vou saber se gosto o bastante? Mal tive tempo de ter outras experiências na vida, você foi o segundo cara com quem transei, e então eu pensei... — Fechei os olhos não querendo ver a sua expressão. — Como eu vou saber se não tem mais do que isso por aí? Se saber se não vou encontrar alguém que eu goste mais do que eu gosto de você?

— Chiara... — chamou, cauteloso.

Ouvi seus passos enquanto tentava se aproximar.

Meu Deus, por que tinha que doer tanto?

Meu coração estava apertado.

Por que eu tinha que gostar dele?

Minha garganta fechava, como se não fosse capaz de continuar.

Abri os olhos, tentando me manter forte.

— E então eu comecei a sair com outro cara. — Soltei as palavras, sentindo as lágrimas escorrerem ainda mais. Dessa vez, eu não as limpei. Só olhei para o Benjamin, enquanto ele processava o que tinha acabado de ouvir. — Nós dissemos que seria casual, mas não prometemos que seríamos exclusivos. E quando ele me chamou para sair, sabia de você.

Benjamin piscou, parecendo atordoado.

Mágoa.

Tristeza.

Confusão.

Ben deu um passo para trás, aturdido.

Desculpa, Ben. É o melhor para você.

— Então, eu fui gostando dele. Gostando demais. — Mordi o lábio. — Ele é da minha turma de medicina, e nós nos vemos sempre. Ele me deu um ultimato. Eu tenho que escolher entre os dois, e...

— Então me escolhe — surpreendendo-me, Benjamin pediu com uma voz fraca. Eu precisei piscar para ter a certeza de que eu tinha ouvido certo. Ele deu um passo em minha direção. Depois outro e mais outro. Benjamin fez o meu coração parar de bater e o mundo parar de girar. Ele tocou meu queixo, forçando-me a encará-lo bem no fundo dos seus olhos. — Se você tem que escolher, então me escolhe, por favor. Eu não me importo que você tenha saído com cem outros caras, Chi-

ara. Eu tive experiências antes de você, e não me arrependo, porque tudo isso me trouxe até aqui. E tudo bem se você conheceu outro alguém nesse período, mas me escolhe — pediu outra vez, com a voz em um sussurro, partindo ainda mais meu coração.

Se houvesse a possibilidade mais remota de que eu pudesse ser feliz com alguém, eu gostaria que fosse com ele.

Eu o escolheria.

— Benjamin...

Minha voz embargou, tornando ainda mais difícil partir seu coração.

Balancei a cabeça em negativa, sentindo as lágrimas rolarem por todo meu rosto. Eu não podia mais impedi-las.

Meu coração doía.

Cada pequeno pedaço de célula do meu corpo doía.

Meus pensamentos doíam.

Eu era feita completamente de dor naquele momento.

Benjamin me abraçou. Com força. Seus braços me agarraram como se estivesse com medo de que eu pudesse desaparecer a qualquer instante.

Se eu ficasse mais um segundo ali, eu ia me perder.

Eu ia perder aquela batalha.

Eu nos destruiria.

Juntando todas as forças que restavam dos caquinhos que eu havia me tornado naquele instante, empurrei-o, afastando-nos.

— Eu não posso Davis — disse, com a voz falhando. — Eu queria que fosse você, mas eu não posso mandar no meu coração.

Jamais esqueceria a expressão desolada em seu rosto.

Fechei os olhos um segundo antes de abrir outra vez para gravar cada pequeno pedaço seu.

Para ver por um último segundo seus olhos antes que ele me odiasse para sempre.

Então, sentindo minha garganta travada, meus pés, que eu obrigava a nos afastar, pesaram. Era como tentar caminhar em um mar de areia movediça. Mas eu não podia ficar.

Não podia me afogar naquele mar sufocando a nós dois.

Virando-me, fui embora dali.

Desolada.

Sangrando.

Sentindo dor.

Eu fui embora.

Para sempre.

E sem meu coração.

Sabendo que eu havia perdido o cara que eu amava.

O cara dos meus sonhos.

A vida era uma merda, e eu a odiei neste momento.

Como nunca a odiei em toda a minha vida.

Capítulo 31
Benjamin



Capítulo 31 – Benjamin

Destruído.

Devastado.

Arrasado.

Esfacelado.

Tal qual como um copo estilhaçado depois de se espatifar no chão.

Meu corpo continuou paralisado por incontáveis minutos, enquanto meus olhos não conseguiam se adaptar à imagem de Chiara se afastando correndo com os cabelos balançando.

Não consegui me concentrar em mais nada. Em aula alguma, então, fiz o que todo cara que toma um fora da garota que estava a fim fazia.

Ela estava chorando.

Chiara terminou comigo e estava chorando.

O meu coração que havia sido partido com aquelas palavras.

Ela me trocou.

Ela não me escolheu.

Sem dúvidas pelo filho da puta do Owen. Era isso que ele estava falando com ela. Foi a isso que aquele desgraçado estava se referindo quando disse que já havia falado o que queria com ela.

Soltei o ar com força.

O que aquele filho da puta tinha de tão melhor que eu? O que ele podia fazer que eu não? Porque ela *não podia* me escolher.

Bufei.

Agora eu entendia como era a sensação de magoar alguém, depois de ter partido alguns corações. Sabendo como dói, agora eu sentia que era necessário pedir desculpas a algumas das garotas que eu já havia feito chorar.

Exatamente por sentir uma dor tão grande, que eu não fiquei na universidade e fiz o que todo cara que tem o coração partido costuma fazer:

Foge.

De tudo.

De si, dos amigos, do mundo.

Por isso que eu havia escolhido a quadra de basquete fora do campus. Era por isso que eu estava ignorando todas as mensagens do grupo que tínhamos e as ligações do Andrew que sem dúvida ia me matar por ter desaparecido.

Eu o amava.

Amava e compreendia a sua preocupação conosco, mas eu não queria falar com ele.

Bati na bola ao meu lado, fazendo-a dar pequenos pulinhos quicando em minha mão tentando ignorar a sensação em meu peito.

— Sabia que te acharia aqui — Jonh falou. — Quer conversar?

Neguei com a cabeça, dando uma tragada no cigarro que estava entre meus dedos, soltando a fumaça em seguida.

Joguei a cabeça para trás, encostando-a na parede.

Jonh apenas pôs a mão em minha perna.

Eu sentia como se meu corpo tivesse sido arrastado por todos os quase 10km de extensão da *fifth avenue* durante o sol escaldante de meio-dia.

Não fazia sentido para mim.

Sentido algum.

— Ela disse que não quer mais nada comigo — falei, por fim. Passei o cigarro para ele enquanto agarrava a garrafa de vodka que eu havia comprado no caminho para cá. Dei um gole generoso.

— Que merda. — Jonh suspirou, dando um gole pequeno na garrafa e deixando-a o mais distante de mim ao seu lado.

— É um inferno. — Fechei os olhos, encostando a cabeça contra a parede sentindo o coração arder. — Um inferno.

— Cedo demais pra isso, não acha? — Jonh pegou a garrafa, pondo-a mais perto dele para evitar que eu continuasse.

Não.

Não achava.

Não achava porque eu precisava de alguma coisa pra fazer aquela dor parar.

— Ainda não acredito no que ela falou. — Soltei uma risada pelo nariz. — Ela disse

que gostava de mim, mas que gostava mais do outro cara. Disse que... Que não podia me escolher.

Jonh suspirou.

— Eu sinto muito. De verdade. — Ele deu uma tragada no cigarro me devolvendo. — Se você quiser, posso arrumar algum lugar para irmos hoje à noite. Dizem por aí que nada como uma boceta pra esquecer outra.

Balancei a cabeça em negativa.

— Não. Não tô no clima. — Ele me entregou o cigarro, e eu dei uma tragada melhor.

Não conseguia pensar em foder mulher nenhuma.

A única garota que eu queria perto de mim nesse instante, não havia me escolhido.

Eu só havia sentido uma dor tão grande apenas uma vez na vida, e eu sabia que se tudo ardia dessa maneira agora, seria um pesadelo quando eu não conseguisse apagar as vozes da minha mente.

— Bem, então eu acho que você merece mesmo isso. — Jonh me entregou a garrafa de volta. — Pode beber, eu vou te levar pra casa em segurança.

Tentei sorrir.

Era bom saber que eu tinha alguém para me ajudar neste momento.



Barulho de pneus cantando.

Vidros quebrando.

Um grito alto.

"Eu não posso, Davis. Eu queria que fosse você, mas eu não posso mandar no meu coração."

"Não vou te deixar, filho."

"Vem aqui, jogador!"

"Querido, por favor... você consegue... consegue abrir os olhos?"

"Você é um convencido, Davis."

"Eu nunca deixaria você, meu amor."

"Eu queria que fosse você."

Bati a cabeça contra o colchão.

Eu precisava de silêncio.

De paz.

Soltei o ar com força, abrindo a gaveta da cômoda ao lado da minha cama.

Eu precisava de paz.



— Que porra você está fazendo?

— Oi, mãe! — Sorri para ela. — Senti tanta falta da senhora nos trazer aqui. — Sorri, erguendo o rosto e sentindo a água da cachoeira bater em meu rosto. — Lembra quando eu pulei da pedra, e pensei que ia me afogar, mas a senhora me salvou?

Ela suspirou.

— O que você está fazendo, Ben?

Mamãe se sentou do lado de fora da cachoeira.

— Hoje o dia não está bonito — comentei, sentindo falta da claridade do sol. Normalmente ela escolhia os dias mais ensolarados, e fazia um piquenique aqui conosco.

— É, não está — ela concordou.

Eu suspirei.

— Senti falta da senhora. Muita falta.

Minha voz embargou.

— Eu também sinto.

A água começou a cair mais fraca. Olhei pra cima outra vez.

— Será que a cachoeira deixa de produzir água como as pessoas deixam de amar? — perguntei. — Porque eu achei que ela me amava, mas ela não gostava de mim de verdade, mãe. Ela escolheu outro.

Encostei a cabeça na pedra da cachoeira.

— Quem escolheu outro? — quis saber. Ela tinha a voz protetora, e eu imaginei que fosse querer procurá-la para saber por que ela não podia me amar.

— A Chiara. Mas a senhora não pode ir falar com ela. A Chiara escolheu o outro cara. Ele é inteligente que nem ela, que está mudando a genética das pessoas — suspirei —, mas eu achei que ela gostava de mim. Parecia que ela gostava. Parecia muito.

Mamãe ficou em silêncio por algum tempo.

— Que porra você fez, Ben? — perguntou, parecendo triste.

— A senhora sempre disse que a gente não podia falar palavrão — comentei, ouvindo-a murmurar alguma coisa. Ela suspirou. — E então? As pessoas podem parar de amar como a água aqui?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Não, Benjamin. As pessoas que amam, elas amam pra sempre. Mesmo quando não estão mais juntas. O carinho não morre.

Eu assenti.

— Então talvez ela ainda possa gostar um pouco de mim — concluí. — Mas ainda assim, ela não vai me escolher. O que me deixa triste, mãe. Porque entre todas as garotas do mundo, eu a escolheria, sem pensar duas vezes, sempre.

Ela suspirou outra vez, depois se levantou. A água da cachoeira parou de cair outra vez.

— É hora de ir, Ben. — falou. — Vem aqui.

Mamãe se abaixou, ajudando-me a ficar de pé, depois passou uma toalha por meu corpo, ajudando-me a apoiar meu corpo sobre o de mais alguém que eu não conseguia ver quem era.

Pouco depois, ela me ajudou a trocar de roupa e me pôs na cama, sentando-se ao meu lado e me encarando por uns instantes.

— Acho que vou dormir aqui com você — disse. Eu assenti, abrindo espaço para ela. — Eu tô aqui, Ben. Estarei aqui sempre que precisar.

Então, eu fechei os olhos e dormi.

Sabia que ela ia cuidar de mim.



Capítulo 32
Chiara

Capítulo 32 – Chiara

Sorri para meu pai, fingindo ter compreendido o que ele disse.

Nos últimos dias, estava vivendo de maneira automática. Acordava, saía da cama, me arrumava, ia para aula, estudava o máximo possível longe de qualquer pessoa que eu conhecesse, voltava para o quarto tarde o bastante para evitar conversa com a Leighton.

Eu nunca tinha me sentido tão só em toda a minha vida.

Sentia falta das garotas.

Sentia falta dos garotos.

Sentia falta dele.

Das mensagens, dos sorrisos, das chamadas, da sua maneira simples e divertida e ver a vida.

Eu estava morrendo de saudade dele.

Mas sabia que estava fazendo o melhor para ele. Benjamin não merecia viver uma vida como a minha. Ele não merecia.

Benjamin merecia muito mais.

Ele devia ter toda felicidade do mundo.

E eu tinha partido o seu coração.

Mentir para ele, dizer que eu estava apaixonada por outro cara, foi a coisa mais difícil que eu já fiz.

A maneira como ele me pediu para escolhê-lo.

Meu coração ardeu pensando nisso outra vez.

Quando eu podia imaginar que alguém me pediria algo assim? Quando eu poderia imaginar que o cara por quem eu me apaixonei me pediria para ficar com ele? Eu jamais pensei que, um dia, pudesse gostar de alguém daquela forma. Era uma sentença de morte.

— Filha? — meu pai chamou minha atenção. Pisquei, encarando a tela do celular outra vez. — Amor você quer contar o que aconteceu? Está tristinha e você estava tão animada nos últimos dias.

Balancei a cabeça em negativa.

— Não é nada, pai — menti. — Estou bem.

— Chiara, eu te conheço. Sei que bem é a última coisa que você está.

Inspirei.

Se eu não contasse alguma coisa, meu pai ficaria preocupado e depois contaria para minha mãe que viria para cá em dois tempos.

— Eu e as meninas, nós estamos um pouco estranhas esses dias. — Formei uma linha com os lábios. — Não gosto disso.

— Bom, garotas costumam brigar. E eu espero que não seja por nenhum garoto. Não vale a pena destruir amizades por causa de um garoto.

Dei um pequeno sorriso.

— Não. Não é isso.

Inspirei, soltando o ar em seguida.

— Então eu sei que vocês vão se acertar, amor. Vocês três ficam lindas juntas. E levando em conta as coisas que você costuma contar sobre elas, e tudo que aconteceu com a Leighton no ano passado, fica claro que vocês fariam tudo uma pela outra.

Formei uma linha com os lábios.

Isso era verdade.

Apesar de evitá-las, eu faria mesmo qualquer coisa por elas.

— O senhor está certo. — Tentei sorrir. — Nós vamos acabar resolvendo as coisas.

— Sei que sim. — Ele ajeitou os óculos.

— A mamãe, onde está? — perguntei, estranhando a quantidade de tempo em que estávamos nos falando, e ela ainda não havia interrompido uma única vez.

— Você não pode dizer a ela que te contei — falou baixo —, mas sua mãe arrumou um espaço no porão e está pintando outra vez. Acho que cansou do ócio.

Sorri.

— Não acredito nisso! Ela me levou a sério então?

Fiquei emocionada de verdade. Tinha certeza de que se a vida dela não tivesse girado por tantos anos ao meu redor, ela teria conseguido seguir carreira e ser uma renomada pintora.

— Levou. E está animada. Ela começou também um curso de aperfeiçoamento e está animada conhecendo novas pessoas.

— Que bom, pai! — Peguei o celular que ia cair, prendendo-o melhor contra a parede de livros que havia improvisada. — É bom que a mamãe realmente tenha alguma outra perspectiva de vida.

Eu não tinha contado a eles sobre a consulta. Pedi também, utilizando do nosso sigilo médico paciente, que não contasse ao doutor Harris. Eu não queria que mais ninguém se preocupasse comigo para além do que já faziam.

— E você? Tudo bem por aí? Não teve mais nenhuma outra crise?

— Não. Desde antes de vir para a Walker. Acho que esse é o maior período em que eu não tive nenhum sintoma. As medicações estão realmente surtindo efeito.

— E embora nós estejamos torcendo para que você não tenha nenhuma intercorrência, sabemos que suas amigas te apoiariam caso você precise de ajuda até que possamos te chegar até você.

Apesar de ele ter dito isso com o intuito de me tranquilizar, isso só fez com que eu pensasse o contrário.

Eu não queria que as meninas tivessem que parar suas vidas por causa de mim, como meus pais fizeram. Só hoje, dezenove anos depois, quando eu saí de casa pela primeira vez, minha mãe pôde voltar a fazer algo que ela ama.

— Querida? — papai chamou, fazendo-me voltar a atenção para ele outra vez. — Você está bem? Ficou preocupada, de repente.

— Sim. Eu só lembrei de um outro trabalho que preciso entregar amanhã e tinha esquecido completamente — Ouvi a porta sendo aberta e risada de Madison ecoou em seguida. — Eu preciso ir, tá bom? Beijo, te amo.

Antes que ele pudesse responder, desliguei a chamada fingindo me concentrar nos livros enquanto ouvia a conversa das meninas.

Estava sentindo muita falta de conversar e rir com elas. De falar sobre coisas bobas e da companhia delas.

Engraçado as coisas que fazíamos por amor.

Vivi a vida inteira desejando ter amigos e agora que eu os tinha, por amor, precisava magoá-los.

— Ei, Chi. Trouxe isso para você. — Madison se aproximou com um sorriso preocupado, deixando uma fatia de torta próximo a mim na cama. — Nós viemos só buscar a carteira da Leigh que ficou aqui. Eu sei que você está ocupada nos últimos dias com trabalhos, provas e tudo mais, e lembrei de você quando estávamos na *Women's* e você nos contou sobre o orgasmo de milhões. Daí lembrei que nós não comemoramos seu projeto e quis trazer para que saiba que nós estamos torcendo para dar tudo certo.

— Obrigada, Madison. — Sorri, sem jeito.

— Você não sabe o que aconteceu quando estávamos vindo pra cá. O Andrew está lá embaixo com o Ben, no meio do caminho, nós encontramos o George. Ele e o Andrew ficaram se encarando de um jeito que

até eu achei um tesão, teria dado pro George sem dúvidas. — Leighton riu. — Mas eu não teria duvidado nadinha que os dois colocassem o pau pra fora pra começar a medir quem tinha o maior e marcar território. Ter perdido a posição pra outro Davis, deve ter deixado ele furioso.

Eu tentei sorrir, mas sem sucesso.

Leighton se aproximou, sentando-se na minha cama.

— Chiara, você está assim por causa do Benjamin? — perguntou. Eu a encarei com os olhos arregalados. — O Andrew contou que ele teve uma alucinação com a mãe e no meio de tudo isso, disse que você não o tinha escolhido.

Fiquei paralisada por um momento.

Ele tinha alucinado com a mãe?

Me partia o coração saber que ele também estava sofrendo. Eu tive que fazer aquilo com ele, para o Benjamin voltasse a ser o cara de sempre que pegava todas as garotas. Para que ele tivesse a chance de se apaixonar por alguém normal, alguém que, de alguma forma, atrapalharia sua carreira, sua vida, e o tornasse no que ele não queria ser.

— Isso não é da conta de vocês — falei.

— A gente não tá aqui pra te julgar, calma — Madison interrompeu. — É só que parte nossos corações te ver triste de um lado, e ver como ele também está sofrendo do outro lado. Você está mesmo saindo com outro?

Assenti.

Não adiantaria negar. Eu precisava continuar com a mesma história.

— O cara da medicina, com que você estava saindo quando estava saindo com ele também? — Madison questionou.

— Sim. Ele mesmo.

— E você está contente com a sua decisão? — Leigh quis saber.

Eu assenti outra vez, incapaz de usar palavras para mentir daquela maneira. Não havia um único traço de felicidade em mim.

— Nós estamos aqui, tá? — Mad falou, segurando a minha mão. — Tudo bem se não quiser falar nada agora, mas quando quiser, nós estamos aqui para cuidar umas das outras. Eu sei que sua experiência com amizade não é das melhores, mas é isso que amigas fazem, Chi. Cuidam sempre.

Senti o ar faltar.

Leighton estava falando alguma coisa, mas eu não conseguia ouvir.

"Cuidam sempre."

Era exatamente isso que eu não queria. Para ninguém.

Não queria elas ao meu lado enquanto eu me contorcia de dor. Nem quando eu chorava por não aguentar mais. Não queria que elas se preocupassem comigo, passassem as noites se alternando no hospital. Não queria que elas atrasassem suas vidas, assim como meus pais haviam feito.

Só agora minha mãe estava fazendo algo que amava, e nem havia me contado. Eu tinha certeza de que ela não me disse nada porque queria que eu não me sentisse culpada se ligasse para ela quando a próxima crise viesse.

Que não me sentisse mal por, mais uma vez, ela ter que abandonar tudo por mim.

Eu não desejava isso a ninguém.

Nem ao Benjamin.

Nem a elas.

Madison mordiscou um pouquinho a boca.

— Amigas? — Meu coração palpitou com o tom de ironia em minha voz pronta para despedaçar o coração delas também. — Você acha mesmo que somos amigas?

Mad franziu a testa, assustada com a minha reação.

— Claro que somos, nós...

— Não somos amigas, Madison.

Os olhos brilhantes e cheios de vida vacilaram.

— Chiara, você tem todo direito de estar estressada com o que quer que seja, mas não pode descontar suas frustrações nas pessoas que estão ao seu lado — Leighton falou séria, mantendo minha mão presa à sua. — Você está passando por uma fase difícil. E eu sou perfeitamente capaz de entender isso. A Madison também, mas...

— Só estou falando a verdade, Leighton — a interrompi, encarando-a. A expressão resoluta se instantes atrás vacilou para tristeza. — Nós nos conhecemos há o quê? Seis meses? — perguntei. — Isso não nos torna amigas. Acha mesmo que se não tivéssemos vindo parar no mesmo quarto você se aproximaria de mim? Madison, você acha que cogitaria falar comigo se não fosse pela Leighton? Co-

migo? A garota de quem você vivia criticando as roupas? — Fiquei de pé, sentindo meu coração bater mais forte. — Você seria a Regina George comigo, exatamente como as meninas do banheiro.

— Chiara, você está sendo cruel — Leigh interferiu, tentando equilibrar mágoa e compreensão. Madison tinha a respiração ofegante e o queixo trêmulo.

— Você sabe que é verdade — falei. Balancei a cabeça em negativa. — Olhe pra Madison, você acha mesmo que uma garota como ela sabe o que é ser amiga de alguém? Nós somos só um projeto para que ela se sinta útil. Te ajudou a arrumar o bad boy para que você se encaixasse no mundo dela e fala sobre isso com orgulho. É isso que ela faz. Usa o egoísmo dela para transformar as pessoas em quem ela quer que sejam.

Terminei de falar sentindo meu corpo tremer de vontade de chorar, de gritar. Eu queria socar a minha cara ao olhar para Madison. O olhar triste e sem brilho. Os olhos carregados de lágrimas.

Eu era um monstro.

Madison balançou a cabeça em negativa.

— Eu não sou essa pessoa, Chiara. — Ela inspirou fundo, tentando evitar as lágrimas. A voz estava carregada de mágoa pelas minhas palavras, e eu queria chorar. — E eu sei que você sabe que eu não sou essa pessoa. Eu não sei o que está acontecendo com você, mas neste momento, eu te odeio.

E eu merecia o seu ódio.

Finalmente alguém me daria exatamente o que eu merecia.

— Nós não vamos falar com você agora. Não quando você está insistindo em nos manter longe, mesmo sabendo que não é necessário. — Leigh se afastou, indo até Madison e pegando sua mão. — Quando você estiver disposta a conversar como uma pessoa civilizada, nós estaremos aqui sempre prontas para te ouvir. Nem você acredita nesses absurdos que está dizendo, Chi.

Madison ficou parada, olhando-me com os olhos brilhando de lágrimas. Eu odiava tê-la magoado. Eu odiava isso tudo.

Ela deu um passo em direção a Leigh e me virei para a parede tentando evitar que ela visse as lágrimas em meus olhos.

Surpreendentemente, ouvi passos se aproximando e seus braços rodeando meu corpo.

— Eu não odeio você — Madison disse. — E mesmo não entendendo o motivo pelo qual você está nos afastando, eu vou estar aqui no mesmo lugar quando você quiser falar.

Mad deu um beijo em meu ombro, começando a se afastar de mim.

E então, o meu mundo ficou minúsculo e frio.

E eu nunca me senti tão só.



Observava através da lâmina do microscópio o avanço da minha pesquisa. Ela

também havia entrado em recessão, o que era bom.

Muito bom.

Significava que havia uma esperança para mim.

E tudo que eu queria era poder mandar uma mensagem para o Benjamin e depois para as meninas. Ele diria que estava orgulhoso da garota inteligente dele, fazendo meu coração derreter com o uso do termo possessivo, ainda que não fosse de verdade. Mas seria. Seria se eu não tivesse recusado. Madison diria que não existia maneira melhor de comemorar, do que enchendo a cara ou tendo um orgasmo. E pensar em orgasmo me fazia pensar em Benjamin outra vez.

Eu estava morrendo de saudade.

Sentia tanta a falta dele, que não conseguia ficar feliz aqui, observando aquilo pelo qual tanto estudei funcionar.

— Deu errado? — Lauren perguntou, assustando-me.

Tirei os olhos do microscópio.

— Não. Tudo indo bem — respondi, seca, pegando meu tablet para registar os avanços.

— Normalmente, quando as coisas estão indo bem, nós costumamos colocar um sorriso enorme no rosto e comemorar. — Simon foi verificar meus avanços na lâmina também, tentando entender se eu só não queria contar que algo estava errado. — Não entendo, seu projeto está indo bem e você com essa cara de bunda.

— Eu tô feliz — garanti, fixando minha atenção do objeto a minha mão.

— Essa é a expressão do meu rosto depois de mais um dos meus testes terem dado errado, Chiara. Especialmente com o congresso se aproximando. Você e o Simon tem chances reais de conseguir isso. — Lauren parou ao meu lado, resignada pela minha falta de animação. — Dá pra pôr um sorriso nessa cara? Eu confesso que estou morrendo de inveja de vocês, e não faz sentido que você não esteja pulando de felicidade.

— Desculpa se minha apatia te irrita — respondi. — Ao invés de ficar aqui me enchendo, você devia ir cuidar do seu estudo pra ele dar certo da próxima vez. — Lauren me encarou com os olhos arregalados e eu soltei o ar com força.

— Uau! Isso foi cruel — Simon sibilou.

— Desculpe, não foi isso que eu quis dizer. — Pus o tablet sobre a mesa ao lado do microscópio. — Eu estou feliz, muito feliz. É o sonho da minha vida ter conseguido que isso desse certo! Só que eu sempre achei que as realizações acadêmicas eram tudo pra mim. A única coisa que eu precisava para ser feliz. Mas agora... — Soltei o ar com força. — Eu sinto falta de coisas que abri mão, e não consigo me sentir completamente alegre.

— Eu sinto em te informar, Chiara — a professora Ball falou bem atrás de mim. E eu nem fazia ideia de que ela estava aqui. Vireime para ficar de frente para ela —, mas raramente a vida acadêmica e pessoal costumam funcionar bem ao mesmo tempo. E se você

for chorar cada vez que isso acontecer, sinto muito, mas isso aqui não é pra você.

A mulher ergueu a mão para mim, pedindo as anotações. Peguei o tablet lhe entregando.

— Desculpa, professora, é que tem sido dias difíceis desde que...

— Seu namorado terminou com você? — interrompeu. Arregalou os olhos. — Não sei se você tem conhecimento disso, ou só esqueceu mesmo. Mas essa sala possui câmeras. Eu precisei cobrar alguns favores por você.

Senti o sangue inteiro correr do meu corpo, me dando conta de que ela sabia o que Benjamin e eu havíamos feito aqui.

— Professora, eu posso...

Ela ergueu a mão me mandando parar.

— Nenhum homem vale as nossas lágrimas, ou não comemorarmos as nossas conquistas, garota. Não seja uma decepção.

Assenti, sem saber o que dizer.

Ela me devolveu o aparelho encarando meus olhos com firmeza antes de se voltar para o Simon.

— Vocês dois têm muitas chances de participarem comigo do congresso. — Simon sorriu e eu me esforcei para fazer o mesmo. Queria muito participar disso. Seria importante para minha carreira. — Lauren, você precisa descobrir o que anda fazendo de errado. Devia se inspirar na sua colega. O coração pode estar destroçado, mas pelo menos consegue fazer jus ao que veio fazer aqui.

Assim que a senhora Ball se virou, Lauren soltou o ar com força.

— Eu sou um fracasso — resmungou.

— Ela me viu tendo um orgasmo aqui dentro. Acredite, você não é um fracasso. Eu sou uma vergonha — contei, tentando melhorar o clima dela.

Lauren e Simon arregalaram os olhos para mim.

— Agora você vai precisar explicar cada detalhe disso.

Eu sorri, de verdade dessa vez.

Eu não podia estar com o Benjamin, mas falar dele, pelo menos, me faria feliz.

Capítulo 33
Benjamin



Capítulo 33 – Benjamin

Apertei os dentes com força vendo Chiara caminhar pelo pátio da Walker com um de seus colegas e mais duas garotas.

Será que foi por ele quem ela me trocou?

— Ainda não acredito que ela está nos ignorando e agindo como se não existíssemos — Leighton reclamou.

— Ela só precisa de espaço, Leigh — Mad sussurrou. — A Chiara não teve muitas relações antes de nós. Eu acho que ela está lidando com algo grande demais, e ao invés de pedir ajuda, achou que seria melhor nos afastar.

— Se ela não quer falar com vocês, vocês também deviam parar de dar tanta atenção para ela — meu irmão falou, irritado.

— Tenho certeza de que você faria o mesmo pelo Malcon — Leighton apontou, fazendo meu irmão bufar.

Ela estava certa.

Fiquei sabendo mais cedo que os alunos de medicina iriam assistir a uma palestra no auditório do campus de administração, pois o deles teve uma infiltração e o nosso era o único que caberia a quantidade de pessoas que eles precisavam e estava limpo e pronto para ser utilizado, já que pela manhã houve uma palestra lá. O ambiente estava limpíssimo.

Chiara passou por mim sem sequer me olhar.

Mas ela também não parecia se importar tanto com as pessoas que estavam ao seu lado.

Não sorria, não conversava, não parecia sentir nada.

Só os seguia.

— Pra onde ela vai? O departamento de medicina fica pro outro lado. — Leigh ficou olhando fixamente para onde Chiara ia.

— Vai pro meu departamento — me intrometi. — A turma de medicina vai assistir a alguma palestra lá no auditório.

— Ah... — Mad formou uma linha com os lábios, tentando controlar a língua.

— E você está bem com isso? — Leigh perguntou o que Madison queria saber. — Quer dizer, vocês eram próximos e agora ela...

Suspirei.

Eu sabia o motivo da pergunta. O mesmo motivo pelo qual Andrew e Jackson vinham me enchendo o saco nos últimos dias. A minha alucinação durante o sono. Ter confundido Andrew com a nossa mãe o tinha deixado puto com a Chiara, mas ainda mais comigo por saber que não tinha contado a verdade a ele. Eu tinha falado demais e falado merda. E isso me perseguiria para sempre agora.

— Tô ótimo — garanti, pegando minhas coisas e saindo da mesa. — Eu vou pra quadra.

Ia fugir, na verdade.

— Vou com você — Andrew disse, dando um beijo na namorada e começando a levantar também.

— Não tem aula agora?

— Tá com medo de perder pra mim? — Ergueu a sobrancelha.

— Você nunca vai ser melhor que eu com uma bola na mão, Andrew — retruquei.

Meu irmão passou o braço pelo meu pescoço, e eu olhei para Chiara mais uma vez.

No exato instante em que ela olhou em minha direção.

Meu coração acelerou no peito, e eu pensei que fosse sufocar sem ar.

Ela não me cumprimentou.

Não sorriu.

Mas ela olhou para mim.

E naqueles ínfimos instantes, eu vi saudade em seus olhos.



— Quer falar sobre a Chiara? — perguntou, jogando a bola pra mim.

— Não. — Quiquei a bola no chão, jogando para ele.

— Você gosta dela? — Andrew pegou a bola, repetindo meus gestos, e mandando para mim dessa vez.

— Disse que não quero falar a respeito.

Ele suspirou.

— Quando a Leighton terminou comigo...

— Já disse que não quero ouvir, caralho — reclamei mais alto para ver se ele conseguia entender.

Eu não queria falar.

Falar doía.

Doía pra caralho.

Eu nem ao menos sabia o motivo de não ter sido eu o escolhido. O que o outro cara tinha que eu não tinha?

Porra!

O que eu sentia por ela era...

Caralho!

Era bom.

Quando estávamos juntos era incrível. Eu a fazia rir, Chiara me fazia bem. Nós nos entendíamos. Não conseguia entender onde eu havia errado com ela.

— Pensou sobre o que conversamos? — Andrew jogou a bola para mim.

— Não vou fazer terapia — falei outra vez, como se ele não já tivesse escutado pelo menos outras trezentas mil vezes, jogando a bola no aro.

— Ben...

— Eu não quero que as pessoas fiquem por aí dizendo que eu sou maluco — repeti o meu argumento. — Você sabe o que eu passei, você sabe como eu fiquei depois do acidente. Eu não quero me sentir como me senti naqueles momentos, Andrew. Eu não vou fazer terapia.

— Você acha que eu sou maluco? — ele perguntou, caminhando até onde a bola havia

parado, pegando-a e jogando em minha direção.

Segurei a bola com firmeza.

— Às vezes — brinquei. Andrew fechou a cara, mostrando que não ia cair na minha brincadeira. — Não, Andrew. E se você desse umas surtadas, eu não te julgaria. Você sabe todo o peso que carregou por nós.

— Ótimo. Eu não acho que eu sou maluco, nem a minha terapeuta. E nem você acha isso, e você sabe que eu faço terapia. — Soltei o ar com força. — Você sabe que eu sinto raiva o tempo inteiro. Raiva do nosso... — Ele parou a frase. Andrew jamais conseguiria chamá-lo daquela maneira outra vez. — O que importa, é que estou conseguindo lidar bem melhor com isso. Não tenho entrado em brigas, tenho aprendido a controlar meu gênio e identificar meus pontos fortes e fracos para impedir que novos acessos de raiva possam me tomar. Terapia não é coisa de maluco, é coisa de quem está buscando uma qualidade melhor de vida.

— Fico feliz que esteja atingindo seu objetivo então — falei, quicando a bola no chão.

— Sabe o que eu acho? Que você tem medo.

Olhei para meu irmão como se esse fosse um idiota.

— Medo? — questionei, jogando a bola para o meu irmão.

— Sim. Você tem medo. É mais fácil pra você ignorar seus problemas e fingir que eles não existem. Fingir que você não passou por um trauma horrível que sim, mexeu com a sua cabeça da mesma maneira que com a

minha, com a do Jackson e com a da Oly. Você tem medo de encarar os seus medos, encarar aquele dia. Medo de seguir em frente e se libertar da porra que aconteceu. Medo de perder aquele momento que te ligou, de alguma maneira, a mamãe pra sempre. Então sim, Benjamin. Você tem medo.

— Eu não vou ficar aqui pra ouvir isso — disse, virando-me de costas.

A porra da bola acertou o meio das minhas costas.

— Tá vendo só? Você nem consegue ouvir a porra de algumas verdades que resolve fugir, Benjamin.

Fechei a mão em punho, e abri em seguida, irritado.

— Cala a boca, Andrew — falei, virando-me de costas outra vez.

— Você acha que é isso que a mamãe ia querer? Que você vivesse a vida inteira com medo daquele dia? — Trinquei os dentes. — Você acha que vai conseguir amar a Chiara ou qualquer outra garota se você não tiver o mínimo de amor-próprio e saber reconhecer que você precisa mesmo de ajuda? — Andrew soltou o ar com força. — A gente teve uma vida fodida, Benjamin. Eu sei disso. Mas a porra da terapia está me ensinando a lidar e conviver com a minha história. A aceitar as coisas novas que a vida pode nos oferecer. A aproveitá-las. E eu quero muito que você possa também viver isso, irmão.

Andrew se aproximou de mim aos poucos.

— Eu sei que aquele dia fodeu a gente. Fodeu você. Mas sem se livrar dos fantasmas do passado, a gente não consegue seguir em frente, Benjamin. — Ele pôs a mão em meu ombro. Por mais que eu quisesse sair dali. Que eu não quisesse ouvi-lo, meus pés não conseguiam se mover. — Eu quero ver você feliz, irmão.

Balancei a cabeça em negativa.

— Eu sou feliz, Andrew. As pessoas estão sempre felizes quando estão comigo. Sempre rindo.

Ele negou.

— Você só está se enganando, Benjamin. Quer que as pessoas te vejam como um cara divertido e feliz pra que ninguém veja o que está escondido aqui — ele apontou pro meu coração — e aqui. — Apontou para minha cabeça. — E as pessoas que usam máscaras, são aquelas que mais sofrem, Ben. Você é meu irmão e eu te amo. Não quero te ver sofrer.

Bufei, tirando sua mão de mim.

— Lamento dizer que você está enganado, Andrew. Eu não estou sofrendo, muito menos usando alguma máscara. Eu sou feliz. E não preciso da porra de uma terapia.

Virei-me de costas outra vez, ignorando meu irmão me chamando.

Eu só queria ficar longe.

De tudo.

Dele.

Da Chiara.

Da dor em meu peito.

Eu precisava calar as vozes em minha mente.



Pisquei sentindo minha visão meio turva.

Eu não fazia ideia de onde eu estava, ou o que estava fazendo.

Era noite.

Pisquei.

Onde eu estava?

Pisquei outra vez, começando a andar em direção a qualquer lugar que me levasse onde eu precisava ir.

Eu só queria chegar até ela.





Capítulo 34 – Chiara

Acordei quando o celular vibrou em minha cama.

Por um instante, cheguei a pensar que era uma ligação do Benjamin, como nos velhos tempos, mas aí a minha mente lembrou de que os tempos eram outros.

Ele agora achava que eu estava apaixonada por outro cara, mesmo quando me esforçava ainda mais na minha pesquisa tentando encontrar uma maneira de resolver tudo. De mudar o meu destino e, se ele ainda me quisesse, ficar com ele.

Era tudo que eu queria.

Olhei as mensagens pela barra de notificação e senti meu coração parar ao ler as palavras que brilhavam na tela ao lado da foto dele. Uma foto nova. A mesma foto que eu fiquei olhando por horas até pegar no sono.

Ben: ee aina ti amu.

Ben: keria qi voce me escolesse.

Ben: ee ti faria felix

Suspirei vendo as palavras em minha tela.

Sim. Ele me faria feliz.

Sabia disso.

Mas eu o mataria.

Meus dedos coçaram para responder.

Queria saber se ele estava bem, se estava seguro em casa ou em alguma festa. Se havia alguém que poderia garantir a sua segurança.

Eu não tinha esse direito, acabaria confundindo-o ainda mais.

Sentindo o coração martelar no peito, abracei meu celular, torcendo para que onde quer que Benjamin Davis estivesse, ele ficasse bem.



A voz de Leighton me despertou.

Mal parecia que eu tinha dormido. Quando as madrugadas ficaram tão curtas?

Bocejei, decidindo esperar na cama até que meu despertador tocasse para levantar.

— O quê? — Leigh falou alto e de maneira alarmante, ligando seu abajur. Senti um frio na espinha tendo certeza de que algo havia acontecido, acendi a luz do meu celular olhando as horas. 01h10. — Ele está bem?

Leighton levantou, começando a caçar alguma coisa para vestir.

Quem está bem?

O que aconteceu?

Meu coração afundou no peito de preocupação.

Eu precisava saber o que estava acontecendo.

— Amor, respira! — pediu, tentando manter a calma, mas a voz estava começando a embargar, enquanto passava um pé pela calça de lycra. — Espera, fica calmo. Eu estou indo praí. Vou chamar um táxi e já chego.

Minha respiração estava acelerada e falha, e eu também já estava sentada na cama. Eu assisti, de uma maneira completamente maluca, Leighton passar um blusão pelos braços, sem em momento algum tirar o celular do ouvido, como se o Andrew precisasse saber que ela estava ali com ele.

— Andrew, não vai acontecer nada com o Ben. Eu juro.

Pisquei.

Meu coração afundou no peito mais uma vez.

Com o Ben?

O que havia acontecido com ele?

Dor.

— Eu preciso chamar o táxi, assim que entrar, eu juro que te ligo de volta. — Ela ficou em silêncio, ouvindo o que o namorado dizia. — Amor, respira. Vai ficar tudo bem. Eu te amo. Estou indo te encontrar.

Ela desligou.

— Leighton — chamei, saindo da cama.

Eu não sabia se, pelo pânico do momento, ela não estava me ouvindo ou se simplesmente havia me ignorado.

— Leighton, por favor — pedi, caminhando até ela, que enfiava alguns documentos na bolsa que levaria. Segurei sua mão e ela me encarou, assustada —, por favor me diga o que aconteceu.

Ela abriu a boca para falar, mas não saiu nenhum som.

Meu coração errou a batida outra vez.

— Leigh, por favor — implorei, desesperada, em pânico, com medo. — Por favor, me diga o que aconteceu.

— Eu não sei direito, Chiara. O Andrew não estava conseguindo falar coisa com coisa, mas aconteceu algo com o Ben. Ele foi atropelado.

A voz estava seca.

Meu coração simplesmente não batia mais.

Segurei seu braço quando ela começou a caminhar em direção à porta.

— Me deixa ir com você, Leigh, por favor — pedi, prestes a começar a chorar. — Eu não vou conseguir ficar aqui assim, eu...

Não consegui concluir a frase, sabendo que se eu continuasse, eu me perderia em lágrimas.

Leighton suspirou.

Ela tentou se soltar, mas eu apertei mais o seu braço.

— Desculpa. Pelo bem do Andrew, e até do seu, não acho que você devia estar lá.

— Leigh...

Pus a mão sobre o peito, sentindo o ar faltar.

— Não faz sentido, Chiara. Se você se importa tanto com ele, não entendo o que você está fazendo — disse, desvencilhando-se do meu braço.

— Leigh, por favor, me deixa ir com você — pedi outra vez com as lágrimas caindo por meu rosto. — Por favor.

— Desculpa, Chiara. Eu não posso.

Dessa vez eu soltei o seu braço, sentindo meu coração diminuir tanto, que causou uma dor física.

Sentindo minhas pernas tremerem, voltei para minha cama e discando o número da única pessoa que realmente me ajudaria agora.

— Por favor, por favor, me atende.



Já haviam passado algumas horas e tudo que eu obtive foi uma mensagem da Madison me dizendo que tinha chegado ao hospital e que estava tentando encontrar a Leigh para saber o que houve.

Eu não tinha conseguido pregar os olhos.

Devia ter respondido àquela mensagem.

Devia ter ligado pra ele.

Devia ter feito alguma coisa.

— Meu Deus, não o deixe morrer, por favor! — pedi outra vez, torcendo para que ele me ouvisse.

Alguém bateu à porta, fazendo com que eu me sobressaltasse.

Será que a Leigh esqueceu a chave em casa?

Será que tinha sido uma coisa leve e então todos já tinham sido liberados?

Corri para a porta abrindo-a e me deparando com a Mad.

Ela deu um sorriso tímido.

— Madison? — perguntei, confusa.

— Posso? — Apontou para o quarto, e eu dei um passo para o lado.

— Sabia que você não ia dormir enquanto não soubesse se ele estava bem — ela disse, depois de entrar. Sentou-se na cama da Leigh, cruzando as pernas sobre o colchão. — Meu celular descarregou, ninguém tinha um carregador extra e eu não queria te deixar sem informações.

— Como ele está? — indaguei com a voz fraca.

— Ele está bem — garantiu. — Foi um susto. Ele teve outra dessas crises de sonambulismo, abriu a porta de casa e saiu. Tinha um carro voltando de uma festa, alguns caras bêbados.

Meu coração gelou no peito e eu senti minha pressão cair um pouco. Dei alguns passos para trás, tateando o ar até encontrar

minha cama. Madison correu para me ajudar também, e me pôs sentada com as costas contra a parede.

Enquanto eu tentava recobrar a respiração, Mad colocava água em um copo e me entregava. Depois, ela passou a mão pelo meu rosto, tirando os fios grudados.

— Fica calma. Ele está bem, eu juro — garantiu outra vez.

Meus olhos encheram de lágrimas novamente.

Minha cabeça doía de tanto que eu já havia chorado. Dei um gole no copo, tentando engolir o choro.

— Você devia ter ficado com ele — falei, depois de mais alguns goles. — Devia ter ficado lá me garantindo que ele estava bem, Mad.

Ela balançou a cabeça em negativa, tirando o copo das minhas mãos.

— O Ben tem pessoas cuidando dele. Ele está bem. Eu o vi. Ele está bem, eu juro — repetiu, querendo me convencer —, mas você está precisando ser cuidada agora também.

Ela disse, e foi impossível não chorar.

Madison me abraçou enquanto meu corpo convulsionava em lágrimas. Ela beijou minha têmpora, me abraçando em seguida.

— Eu tô aqui com você. — Mad apertou mais os braços em minha volta. — Vai ficar tudo bem. Eu juro. Agora vem aqui — pediu, dando um tapinha no canto da cama em um pedido mudo para que eu deitasse. Fiz o que ela pediu. Madison deitou, mantendo o corpo de frente com o meu. Ela sorriu, segurando as

minhas mãos. — Eu tô aqui, Chi. E eu vou cuidar de você.

Eu assenti, abraçando-a dessa vez.

Não merecia aquela garota.

Não mesmo.

E me dar conta disso, me fez chorar ainda mais.

— Me desculpa, Mad — pedi.

— Shi. Não fala nada agora. Tá tudo bem — garantiu. — O Ben está bem, o Jackson me prometeu que mandaria mensagem para me informar, e eu estou aqui, Chi. Não importa o que está acontecendo. Eu tô aqui. E eu amo você, garota.

Funguei, sentindo-me incapaz de continuar magoando aquela garota.

— Eu também te amo — falei, abraçando-a.

— Eu sei. É meio difícil não me amar — brincou, abraçando-me de volta.

Não fazia a menor ideia do tempo que levei para dormir ali chorando com a Mad abraçada a mim.

Mas foi a primeira vez em que senti que de verdade eu podia contar com alguém que me amava apesar de tudo.

E eu já não sabia o que fazer, mas me manter afastada delas não era mais uma opção.



Capítulo 35 – Benjamin

O som do bipe das batidas cardíacas estava me deixando tenso.

Eu havia acordado há alguns minutos, e a enfermeira havia feito perguntas, analisado minhas informações e saído da sala há poucos minutos, me deixando aqui com o treinador que me encarava com os olhos flamejantes de raiva.

Longe de mim julgá-lo.

— Ai... — soltei um gemido, ao tentar mudar de posição.

— Graças a Deus você acordou, seu moleque filho da puta. Agora eu posso matar você com as minhas próprias mãos.

Soltei um suspiro.

O homem estava parado ao meu lado na cama. Acho que eu estava mais seguro instantes antes quando a enfermeira estava aqui. Pela cara dele, realmente poderia me matar a qualquer momento.

— O que... aconteceu?

A enfermeira havia me perguntado se eu lembrava o que houve, mas minhas memórias estavam completamente bagunçadas.

— Você foi atropelado quando saiu da sua casa no meio da noite, desorientado e aparentemente falando nada com nada. — O treinador soltou um suspiro, passando a mão pelo

cabelo grisalho. — Tem alguma coisa que você queira contar, Davis?

Desviei o olhar, encarando a parede à minha frente.

O homem soltou um suspiro, enquanto eu mexia minhas pernas para me certificar de que eu não havia me machucado a ponto de ficar impossibilitado de jogar. Nós estávamos finalizando o mês de fevereiro, e eu queria mais do que tudo trazer esse troféu, antes de começarmos o mês de março.

— Você quer saber o motivo pelo qual sou eu quem estou aqui e não seus irmãos? — questionou, fazendo meu coração dar um salto no peito. O tom de voz firme e irritado. — Eu nunca pensei que veria o que vi hoje, seu moleque. Seu irmão mais velho, completamente perdido, sem saber o que fazer. Chorando, pedindo a Deus que não tivesse acontecido nada de grave com você. Você deu sorte que eu estava lá quando tudo aconteceu, ou não sei quais outros desdobramentos essa merda poderia ter tomado.

Acho que nada que alguém pudesse dizer me deixaria tão mal quanto usar o Andrew. Ele não merecia mesmo isso.

— Não queria que nada disso tivesse acontecido. Não sei explicar o que aconteceu.

— Não sabe? Então você não é capaz de explicar o motivo pelo qual tantas substâncias foram encontradas em seu corpo? — perguntou, puto. — Mas sinceramente, nada demais. Nada assustador. O que eu estou tentando entender, seu filho da puta, é poque tinha a porra da cocaína em seu sangue. Tem certeza de que

não sabe? — Parou por alguns segundos esperando que eu dissesse algo. O que eu não fiz. — Se você tem algo a contar, Davis, eu acho bom fazer isso agora, enquanto eu ainda tenho paciência de te ouvir explicar que caralho passou pela sua cabeça quando você achou que seria uma boa ideia fazer uso dessas merdas.

Meus ombros caíram um pouco.

Não tinha mais como esconder, enfim.

— Desculpa, treinador. — Minha voz soou envergonhada, porque era exatamente como eu me sentia.

— Você sabe o que essa merda podia fazer com você? — Dessa vez, seu rosto estava vermelho e tomado pela raiva quando falou.

Neguei com a cabeça.

— Na verdade, não muito. — Fui sincero. — E não era a minha intenção que acontecesse o que aconteceu. Eu só tive um dia péssimo, dias péssimos, na verdade. E eu precisava muito calar a minha mente antes que eu acabasse enlouquecendo. Precisava que aquelas vozes me deixassem, que eu conseguisse fechar os olhos sem ver a minha mãe, ou o acidente, ou...

O treinador passou a mão pelo rosto.

— Há quanto tempo você se droga?

— Eu não me drogo — tentei me defender. — Não é isso. Não sou um drogado. Eu só...

— Isso que você faz, se chama, se drogar! — Foi incisivo. — E eu poderia elencar todos os problemas que sua atitude irresponsável poderia te trazer, seu filho da puta. Mas

agora eu só quero saber como essa porra começou.

Não falei nada por um tempo me concentrando no som do bipe do aparelho. Havia um embate dentro de mim. Eu podia mentir, dizer que era a primeira vez, ou fingir que não fazia a menor ideia do que ele estava falando. Mas não seria justo.

Eu precisava encarar as consequências dos meus atos.

— Desde quase sempre, e não com drogas de verdade, sabe? — confessei, olhando para minhas mãos enquanto usava o indicador e polegar da mão direita, para mexer no indicador da mão esquerda tentando me manter distraído. — Foi logo depois do acidente. Eu não conseguia dormir. De jeito nenhum. As imagens ficavam vindo na minha cabeça. A agonia no peito. A voz da minha mãe. Seu choro. Sua tosse. O sangue que saía de sua boca. Eu... Eu simplesmente não conseguia, sabe? Por mais que estivesse cansado, tudo vinha bem diante dos meus olhos quando eu os fechava.

Suspirei, lembrando-me do inferno que era.

De quando eu conseguia, ao menos, tirar pequenos cochilos, mas acordava gritando com os pesadelos.

Simplesmente fiquei com pavor de dormir.

Com pavor de reviver tudo aquilo de novo e de novo e a cada maldito segundo da porra do meu dia.

— Eu era um zumbi, só existindo. Saía da cama quando a senhora Suzan me forçava, ela me dava banho e me arrumava. Passei um bom tempo assim. A minha mente como um filme, repassando aquela mesma cena sempre. Depois, eu fui pra terapia por um tempo e me receitaram alguns comprimidos. — Soltei o ar pelo nariz, sorrindo e lembrando da sensação de finalmente fechar os olhos e... nada. Meu corpo apagar. Sem pesadelos, sem faróis, sem gritos, sem vidros estraçalhando. — Sinceramente? Depois de meses infernais, eu simplesmente descobri a melhor maneira de ter uma noite em paz na vida. Eu tomava um remédio para dormir e depois outro para ajudar a me despertar durante o dia. Eu nem queria saber o que era aquilo. Só ficava feliz porque eu conseguia parar de ver a luz do carro, ouvir os gritos da minha mãe, seu coração... sua tosse. Eu conseguia ter paz as noites, especialmente.

Era a primeira vez que eu assumia aquilo em voz alta.

Estava envergonhado, principalmente, porque era meu treinador que estava aqui. O cara que garantia se eu ia ou não para os jogos e que podia me cortar do time e foder meu sonho para sempre. Mas eu também me sentia aliviado. Contar a alguém pela primeira vez era como se eu conseguisse tirar um enorme peso das minhas costas.

O treinador não disse nada. Ele ficou em silêncio me escutando.

— Eu odiava entrar naquela sala com a terapeuta. Ela me perguntava o que eu estava sentindo, se eu sabia o motivo de estar lá, se queria falar sobre o acidente, sobre meus

irmãos, sobre meu pai... — Fiquei em silêncio algum tempo. — Não. Eu não queria falar sobre nada. Com ninguém. Na verdade, eu odiava o mundo inteiro. Eu ficava com raiva quando as pessoas sorriam, porque eu sentia que ninguém se importava com a morte dela. Eu ficava com raiva quando as pessoas choravam, porque ninguém jamais compreenderia o que era a minha dor e gastavam lágrimas por motivos banais.

Fui virando uma bola de raiva e rancor. E isso me deixava ainda mais propenso a não querer falar com ninguém. Andrew tentava conversar, mas... eu não conseguia.

— Eu não conseguia reagir. Minha mente tem um enorme vazio na maior parte desse período. Por meses, eu não consegui falar nada. Minha cabeça era um branco. A única coisa que estava constantemente por lá, eram as imagens daquele dia. E eu odiava lembrar daquele dia. Eu odiava ainda mais não conseguir esquecê-lo por um minuto sequer.

— Menos quando você tomava os remédios — ele disse.

O treinador apoiou as mãos na proteção da cama, assistindo quando eu assenti.

— Eu tinha onze. Tinha onze anos, e tinha visto minha mãe morrer na minha frente. — Balancei a cabeça em negativa. — Aquilo era a coisa mais fodida do mundo. No fim das contas, eu odiava a terapia, mas eu amava a paz que os comprimidos me traziam. A dona Suzan, a vizinha que cuidava da gente, ela quem me levava às consultas. Meses depois, quando eu voltei à minimamente intera-

gir com as pessoas, voltei a ir para a escola. Mas as pessoas ficavam dizendo que eu estava ficando maluco porque tinha que ir ao médico da cabeça. Eu odiava aquilo. — Movi a cabeça. — Porra, eu odiava o caralho da minha vida. O tempo inteiro. Eu me perguntava por que não havia morrido também. Era muito melhor do que continuar abrindo os olhos e sentindo aquela dor, vendo as mesmas coisas... eu estava cansado.

Soltei um suspiro.

Cansava lembrar-me de tudo aquilo. Reviver aqueles momentos. Mas, porra, o treinador estava com uma cara de exaustão, o que indicava que ele havia passado a noite aqui também. O cara merecia a verdade.

— Eu decidi que não queria mais o tratamento. Não queria mais ouvir as pessoas dizendo que eu estava maluco, nem ir para aquele lugar onde eu só ficava olhando para uma mulher que tentava muito que eu interagisse com ela, quando eu não queria. Eu simplesmente não queria falar com ela. Não queria falar da minha dor, do que eu vi. De nada. Então, quando decidi que não ia mais, a dona Suzan não brigou comigo, não me forçou. Ela só respeitou. Afinal, eu já estava conversando às vezes. Acho que me ver falar era seu maior objetivo.

— Você parou a terapia e os remédios pararam também — ele disse, convicto.

— Sim. E foi um inferno. As imagens voltaram à noite. Eu não conseguia dormir outra vez. Só pequenos e rápidos cochilos onde eu acordava aos gritos. Estava de volta ao meu

inferno particular. — Olhei para o treinador pela primeira vez, temendo o que veria em seu rosto. Mas ele não parecia me julgar. — Àquela altura, nosso pai também estava tomando remédios, e eu comecei a roubar os dele. Ele nem notava. Ele começou a beber tanto, que se nós colocássemos um elefante da sala, ele nem perceberia. Ele tinha virado a porra de um bêbado. E foi aí que meus problemas começaram de verdade. Sem seus remédios, eu estava prestes a ficar maluco.

Parei de falar.

Uma coisa era eu lidar com as minhas merdas, mas não queria prejudicar ninguém. Muito menos as pessoas que me ajudaram quando precisei.

— E então? — O treinador ergueu a sobrancelha esperando.

— Tinha uma pessoa na escola que repassava o que nós precisávamos. Drogas, remédios, qualquer coisa. Em geral, para os alunos mais velhos. Mas foda-se. Todo mundo sabia o que havia acontecido comigo. As pessoas costumam ajudar quem tá com a cabeça fodida e, caralho, a única coisa que eu estava pedindo, era que me ajudassem a dormir.

— Meu Deus, você era uma criança. Vocês todos! Ninguém sequer prestava atenção em vocês? — Ele parecia puto. Puto demais.

— Andrew fazia o que podia para garantir comida na mesa. Ele cuidava da Oly, ensinava as tarefas do Jackson, cozinhava, fazia serviços para os vizinhos, cuidava do nosso pai e ainda treinava no time de hóquei. — Era di-

fícil lembrar disso. Eu tinha todas as minhas marcas, os meus traumas e medos, mas o Andrew carregou nossa família nas costas. — Eu não faço a menor ideia de como ele conseguia dar conta de tudo. Meu irmão foi nosso herói, treinador. Mas ele não tinha como ter olhos para todas as coisas. Eu já estava interagindo, dormindo e aos poucos ajudando-o com nossos irmãos. Foi foda. Para todos nós.

— E ninguém notava seu desempenho diferente?

Neguei com a cabeça.

— No começo não foi fácil. Eu estava sempre com mais sono do que devia, mas eu sempre soube contar boas desculpas. Pesadelos, Olívia tinha dormido mal, e todo mundo acreditava. Mas com o tempo, a gente vai aprendendo. A contar as horas de dormir, as melhores maneiras ou o que tomar para cortar o efeito dos comprimidos quando acordávamos. Só que, depois de um tempo eles foram fazendo menos efeito, eu estava no último ano quando comecei a tomar alguns comprimidos. Só que, porra, era difícil pra caralho acordar. E foi assim que me ensinaram a usar a... — Parei, olhando para o homem de soslaio. — Toda vez que eu tomava algum remédio, eu usava pela manhã. Era o que sempre me deixava alerta — confessei, me sentindo um merda.

O treinador soltou um suspiro de tristeza. Decepção.

— Eu estava conseguindo me manter bem assim. Mas de um tempo pra cá, eu comecei a usar comprimidos novos. Eu nem sabia que caralho era aquele, só disseram que

era bom. Eu experimentei, e caralho, eu curti muito. Estava dando certo. E foi essa merda que fodeu tudo. Foi a Chiara quem achou os remédios na minha mochila. Ela não sabia das drogas, mas ficou intrigada com algumas coisas estranhas que eu fazia meio do nada. Ela me fez um monte de perguntas e nós brigamos. Eu fiquei com o que ela havia me dito na cabeça, e jurei pra mim mesmo que não ia mais fazer isso.

Parei, mordendo o lábio, esperando que o treinador absorvesse tudo antes de continuar.

— Acabou que eu fiquei mal e tão sozinho, e com medo, não conseguia respirar, dormir, nem fazer a porra da minha mente funcionar, sabe? O Andrew e Jackson achavam que era efeito de sonambulismo, e eu mesmo achei por algum tempo. Mas não, era só eu sendo um idiota. — Soltei o ar com força. — Eu jurei que não ia mais tomar, mas ontem... sinceramente, sem remédios, drogas ou sem sexo, eu nem faço ideia de como conseguir dormir como uma pessoa normal.

— Você nunca foi pego em um *antidoping*? Como?

Pensei por um momento. Uma coisa era eu assumir as merdas pelas minhas atitudes, mas eu não poderia foder a vida de mais ninguém. Passei a mão pela cabeça, soltando a ar com força.

— A gente sempre é avisado quando vai rolar — falei, tentando tomar cuidado com as palavras. — Então não é tão difícil.

O treinador passou a mão pelo rosto de maneira desesperada.

— Avisado por quem? — Ele me encarou.

Desviei o olhar, fixando-o na TV desligada sobre a bancada do quarto.

— E seu traficante? — pressionou.

— Quando o senhor fala assim....

— Quando eu falo assim — o homem se exaltou. — Eu estou dizendo exatamente a porra que você está fazendo. Você usava uma droga pra poder dormir, e depois uma droga pra poder acordar. E a combinação dessas duas drogas com o uso de álcool, poderia ter te matado. Eu nem sei como você ainda está vivo.

Fiquei em silêncio.

A sensação de magoar as pessoas era a pior coisa do mundo.

— Você não vai falar quem é a porra do seu traficante?

Não respondi por um tempo.

— Desculpa, treinador. Não posso fazer com que outra pessoa pague pela minha irresponsabilidade. — Bufei. — E eu não queria te decepcionar, de verdade. Nem ao senhor, nem aos meus irmãos. — Fiquei em silêncio mais uma vez. Ele também não disse nada. — Eu entendo que o senhor tenha que me tirar do time.

Ele soltou o ar com força.

— Uma coisa de cada vez, Benjamin — disse, dando um tapinha na minha perna. — Primeiro vamos nos concentrar em sua recuperação, e em acalmar seus irmãos. Andrew

está uma pilha de nervos e sua irmã não para de ligar pro Jackson.

— Ah, eles ligaram pra tampinha. — Rolei os olhos.

— Benjamin — chamou, me fazendo voltar a atenção para seu rosto. — Você sabe que precisa de ajuda, não é? Você foi atropelado. Foi um susto dessa vez, Davis. Podia ter sido pior. Você podia ter morrido. Seus irmãos me contaram sobre as alucinações, sobre os comportamentos estranhos e suponho que machucados que você teve e não sabia explicar também tenham sido por causa do uso da medicação sem autorização. Você tem um combo da morte, garoto. Remédios, droga e álcool. Isso é um vício, que se você não combater, vai destruir a sua vida. A começar pela sua carreira. Seu irmão me contou sobre o pai de vocês. Você sabe o que pessoas viciadas se tornam. Eu acredito em você, Davis. Você tem um futuro brilhante pela frente, mas se não se cuidar, vai perder tudo.

Respirei de verdade pela primeira vez.

— O senhor não vai me tirar do time? — perguntei, sentindo uma pontinha de esperança.

— Pessoas cometem erros, Davis. E algumas vezes, uma segunda chance é importante. Mas isso vai depender de você. Pense sobre isso.

Assenti.

O homem deu um tapa em minha perna outra vez.

— Vou ver se seu irmão está pronto para falar com você. — Ele deu um meio sorriso caminhando em direção à porta.

— Ei, treinador — chamei quando sua mão estava na maçaneta. Ele se virou outra vez. — Obrigado. De verdade.

Foi a sua vez de assentir antes de sair.

Soltei o ar com força, sentindo o peso das minhas atitudes. No fim das contas, eu não era nada diferente da porra do nosso pai. Eu era tão fodido quanto ele.

Um segundo depois a porta foi aberta e Andrew passou por ela com os olhos cheios de olheiras e uma expressão terrível no rosto.

— Se eu soubesse que para eu ser o mais bonito da família era só...

Andrew passou os braços ao meu redor, fazendo com que eu calasse a boca e me sentisse um verdadeiro filho da puta.

Meus olhos se encheram de lágrimas pela primeira vez.

— Que caralho você fez, seu filho da puta? Eu juro que se você... — Andrew parou de falar com a voz embargada. — Se você tivesse... Que merda, Benjamin. Caralho! O que você fez, porra. Eu quase morri essa noite, Benjamin. Eu pensei que fosse morrer quando me ligaram, caralho.

Não consegui falar nada.

Meu peito doeu de verdade.

— Desculpa — falei, abraçando-o de volta. — Eu sou um idiota. Me desculpa.

Andrew se afastou um pouco só pra poder me olhar. Ele estava chorando, porra! Eu só tinha visto meu irmão chorar uma única vez.

— Você é um idiota, Benjamin. Mas é um idiota que tem uma família pra te apoiar. E a gente vai vencer essa porra, juntos.

Eu assenti completamente grato.

Grato por ter a minha família. Os meus irmãos. Porque eu sabia que independentemente da merda em que eu me metesse, nós estaríamos sempre ali, uns para os outros.



Eu tomei um enorme sermão sobre a minha conduta.

Aparentemente, a lista de danos era extensa. A gente acha que está se livrando de uma coisa, mas acaba desenvolvendo várias outras, inclusive a morte. Problemas emocionais, como ansiedade, concentração, mal-estar e sensação de vazio. Alergias que podem levar à morte, intoxicação, crises de enxaqueca, e a combinação dos remédios com drogas podia ter sido fatal.

Estava em uso constante de Intermezzo, também conhecido como tartarato de zolpidem. Os efeitos colaterais eram tantos, que meu irmão quase morreu só de imaginar que tudo aquilo podia ter acontecido comigo. A cocaína podia causar dependência psíquica. Eu podia me tornar mesmo um viciado.

Mais um viciado que foderia com a minha família. Na ânsia para resolver um problema, eu estava fodendo tudo ainda mais.

Chiara estava certa.

Todas as coisas que eu não conseguia explicar foram efeitos do remédio. Pensar sobre isso era péssimo, porque eu realmente não fazia ideia de como eu tinha saído de casa. A minha mente simplesmente não havia registrado nenhuma informação, assim como em todas as outras vezes em que eu havia feito alguma merda.

Eu podia ter sufocado até a morte na cozinha da minha casa. Eu podia ter morrido atropelado ontem. Eu podia ter feito coisas terríveis.

Muitas coisas podiam ter acontecido e tomar consciência disso me deixava com o coração pesado.

O treinador me disse que não reportaria o que aconteceu. Ele conversou comigo, com Andrew e com Jackson e chegou à conclusão de que nós havíamos nos virado da melhor maneira que conseguimos. E que apesar de tudo, tínhamos conseguido chegar muito longe. Também disse que queria nos ajudar, e que daquele momento em diante nós podíamos contar com ele para tudo. Por fim, combinamos que eu faria o tratamento e seguiria à risca todas as instruções médicas.

Ele disse que também fazia terapia. Que pensar que buscar ajuda para lidar com seus traumas, medos e buscar uma maneira de ficar bem consigo mesmo não era errado. As pessoas costumavam ter pensamentos arcaicos sobre a busca por ajuda, mas que eu devia me importar muito mais em melhorar, do que

com medo de ser julgado erroneamente pelas pessoas.

Depois disse que a própria universidade tinha um projeto para atender aos alunos, mas que se eu preferisse procurar alguém por fora, não tinha problema. Minha primeira sessão seria hoje, e on-line. Assim que eu estivesse em casa. Eu não jogaria amanhã por motivos óbvios, mas seria mantido para os jogos de março. Nós havíamos sido convidados, e o treinador estava explodindo de alegria.

Peguei meu celular que tinha a tela trincada por conta da queda. Mais um gasto para o meu irmão.

Havia uma mensagem da Chiara.

Meu coração gelou no peito, clicando em seu nome.

Suspirei, vendo que eu havia enviado mensagens para ela outra vez. Eu havia dito que a amava.

Por mensagem.

Com a grafia completamente errada.

Sinceramente? Não tinha como competir com um cara da medicina.

Chi: Por favor, fica bem.

Eu ia ficar.

— Ei... — Jackson sentou ao meu lado com um sorriso fraco. — Você está bem?

Assenti.

— Estou.

— Você quase nos matou de susto.

— Desculpa. Não queria causar nada disso.

Andrew se aproximou, sentando-se do outro lado da cama.

— Sinto muito por não estar aqui quando você acordou, mas...

Neguei com a cabeça.

— Não precisa se explicar, irmão. Acho que foi uma notícia forte pra todo mundo.

Andrew suspirou, passando as mãos pelo rosto.

— Eu sinto que devia ter percebido, sabe?

— Não — interrompi. — Você está proibido de se sentir culpado do que aconteceu comigo, Andrew. Foi uma idiotice minha. Você carregou a nossa casa e a nós todos em suas costas. Não pode carregar um peso que não é seu.

Andrew ficou em silêncio.

— A gente tá aqui, irmão. — Jackson apertou meu pé sobre a coberta branca da cama de leve. — A gente tá aqui pra o que você precisar. E sempre que precisar de uma conchinha pra dormir, a gente vai estar lá pra você.

Eu ri.

— É sério, Benjamin — Andrew chamou minha atenção novamente. — Essa foi uma das situações em que eu me senti mais impotente na minha vida. Vocês e a Oly são tudo pra mim. A gente tem que ser a rede de apoio um dos outros pra qualquer circunstância. Eu quero lembrar que estou aqui pro que vocês

precisarem, pras coisas boas e ruins, sem julgamentos. — Andrew olhou para Jackson. — Vale pra você também.

O celular de Jackson começou a tocar. O toque de Olívia.

— Vale pra ela também? — Jackson perguntou, atendendo a chamada.

A imagem da nossa caçula apareceu na tela do meu irmão.

— Quer dizer que você faz uma burrada, e nem me chama? — reclamou. — Não acredito que vai ser você a dar cabelos brancos ao Andrew antes que eu tenha a minha chance.

— Ah, acredite, pirralha. Ainda vão ter muitos fios pra você, eu prometo.

Oly riu.

— Você está bem? Bem mesmo? — Minha irmãzinha parecia preocupada.

Assenti.

— Estou. Estou sim. A era das bobagens chegou ao fim.

Ela sorriu, condescendente.

— Acho bom. Não vou mudar meus planos para ser sua babá, Benjamin Davis. Se quiser usar sua diversãozinha pra me obrigar a morar com vocês, adianto que não vai dar certo — falou, fazendo meu irmão revirar os olhos. — Acho bom vocês chegarem logo em casa. Quero começar uma partida nova, e aposto que vocês não serão melhores que eu.

— Você é tão irritante, pestinha — Jackson provocou, e Oly respondeu algo do seu jeitinho peculiar.

Eu amava os meus irmãos. E se existiam pessoas pelas quais eu tinha certeza de que valia a pena lutar para ser alguém melhor, era eles.



Capítulo 36 – Chiara

Era uma péssima ideia, eu sabia.

Mas eu tinha que vir.

A arquibancada estava lotada de pessoas vestidas de verde e branco, as cores da Walker. Nós estávamos jogando contra o Syracuse Orange. Eles vinham mantendo uma boa campanha, e eu não estava tão confiante com esse jogo. Especialmente por causa do Benjamin. Ele estaria no banco.

Apesar de ter recebido inúmeras fotos dele através da Madison, eu precisava vê-lo. Precisava muito.

Tinha que ter certeza, com meus próprios olhos.

— Eu não estou correndo risco de vida vindo aqui com você, não é? — Simon perguntou, olhando meio paranoico para os lados. — Seu namorado pode até estar ali ocupado, mas os dois irmãos dele são tão enormes quanto.

Eu ri.

— Ele não é meu namorado — repeti, pela centésima vez.

— Mas ainda assim, você foi ao laboratório me implorar para vir aqui com você. — Rolei os olhos.

— Não implorei, eu pedi.

— Implorou sim — rebateu. — Quando você vai no trabalho de alguém pedindo por favor duzentas vezes para que eu a acompanhe, isso pra mim é implorar.

— Que seja então. Eu implorei. — Desisti de brigar por isso. — E você é um péssimo amigo me obrigando a trocar de roupa para me acompanhar.

— Te fiz um favor, querida. Você estava cheirando a ovo podre com aquele casaco velho — Fiz uma careta. — E se eu estou correndo o risco de ser agredido por um jogador, que pelo menos seja por uma garota bem bonitona. Não por aquele saco de roupas feias. Ficaria ruim pra minha reputação.

— Você é um péssimo amigo. — Bufei, dando de ombros. — No fim das contas, você veio. Uma pena a Lauren não ter aceitado.

— É. Quem sabe ela não conseguiria um jogador pra fazê-la gozar lá no laboratório também. — Ele me deu uma cotovelada, e eu ri.

— Você é um idiota.

— E você também, que não assume logo que está caidinha pelo jogador.

Ignorei Simon, procurando um lugar onde pudéssemos nos sentar nos bancos mais acima, longe o bastante para não sermos vistos da quadra, mas na distância perfeita para que eu conseguisse vê-lo.

Eu sentia que faltavam algumas informações a respeito do que estava acontecendo com o Benjamin, se fato. Mad disse que ele só

teve uma crise de exaustão, mas que aceitou fazer terapia para evitar que essas coisas acontecessem novamente. De acordo com ela, foi uma exigência do treinador para que ele pudesse voltar ao time.

Seria bom para o Ben. Dessa vez, tinha sido um susto, mas não queria sequer imaginar que isso poderia se repetir.

— Aqui. — Apontei para um lugar, deixando-o passar em minha frente. Nós nos sentamos no exato momento em que os times começaram a entrar na quadra. Eu o vi em menos de dois segundos.

Meus olhos foram levados a ele como se houvesse um magnetismo entre nós, e meu coração deu uma cambalhota no peito ao vê-lo.

Benjamin estava lindo em sua farda, mesmo que não fosse para campo. Estava mancando um pouco. Quase imperceptível, mas eu estava acostumada demais a vê-lo. Sabia elencar cada pequeno detalhe dele.

Soltei um suspiro, pensando no quanto eu sentia sua falta. No quanto eu gostaria que pudéssemos ficar juntos. Mas eu não podia magoá-lo.

Ben se juntou à sua equipe e eles repassaram as jogadas. Meus olhos não o abandonavam um segundo sequer. Eu não queria perder nenhum detalhe dele, enquanto não era notada. Ali, eu podia observá-lo em segurança, havia outras coisas com as quais ele tinha que se preocupar.

De onde eu estava, também podia ver Andrew, Malcon, Jackson, Leigh e Madison. Eu

realmente queria estar lá com eles. Passar pela angústia e tensão com pessoas que torciam e se importavam com a vitória — por ele — tanto quanto eu. Mas eu não podia.

O clima com as meninas havia melhorado um pouco. Eu não conseguia mais ignorá-las. Madison agia comigo como se eu nunca a houvesse magoado e eu admirava demais a maneira como ela se importava de verdade com as pessoas, mesmo que tivesse que passar por cima dos próprios sentimentos.

Os times foram para a quadra. Benjamin suspirou desolado por não poder participar do jogo. Mas ele estava bem. Seu corpo, seus olhos, seus cabelos, os braços fortes. Benjamin estava bem e tão lindo quanto sempre foi.

Ele estava bem. Estava vivo.

E era isso que importava.



— Não! — Levantei-me, segurando a cabeça com as mãos, quando Ash errou a cesta.

— Ah, merda! A gente perdeu, não foi? — Simon reclamou ao meu lado apenas um instante antes do árbitro apitar.

— Sim, perdemos! — Olhei para o garoto ao meu lado que estava desolado. — Para quem não gosta de jogos de pessoas fúteis, você até que se envolveu bem.

— É o que dizem: Goste ou não, faça bem-feito! — brincou, fazendo-me rir.

A quadra estava bastante barulhenta. Os Oranges gritavam pela vitória e a torcida

da Walker aplaudia incessantemente nossos atletas. Felizmente o descanso deles duraria pouco.

Daqui a alguns dias, começariam os jogos de Março, que eram muito mais importantes do que os de agora.

— Obrigada por ter vindo comigo. — Dei um sorriso meia-boca para Simon, segurando sua mão. — Não acabou como eu queria, mas fiquei feliz em te ver torcendo pelo nosso time.

— E eu, em te ver suspirando pelo namorado.

Rolei os olhos novamente, abraçando-o, realmente grata.

— Ele não é meu namorado — repeti, afastando nossos corpos em seguida.

— Eu espero que ele saiba disso, porque pela maneira como o camisa 5 está olhando para mim, eu poderia simplesmente me desintegrar no ar.

Imediatamente olhei para a quadra.

Simon estava certo. Benjamin nos encarava. Ou melhor, encarava o Simon com tanta raiva, que me fez lembrar que eu havia dito que estava saindo com um cara da minha turma.

Definitivamente, não era difícil imaginar o que ele estava pensando.

Seus olhos passaram para mim em seguida, e eu sustentei o olhar sentindo meu coração quase saindo do peito. Meu estômago revirou. Minha respiração ficou agitada e eu

podia sentir meu corpo esquentar apenas com aquele olhar.

Que saudade das suas mãos me tocando.

Da sua boca entre as minhas pernas.

Dos seus lábios me reivindicando.

Meu Deus, a saudade era tanta que chegava a doer fisicamente.

— Você não acha que devia falar com ele? — Simon perguntou. Eu acho que muito mais preocupado com sua integridade física.

Mantive os olhos fixos nele por mais alguns instantes, registrando aquele momento em minha mente.

— Não — falei, desviando o olhar depois de algum tempo. — Não. Ele não precisa de mais um problema.

— Pareceu o contrário observando aqui de fora. Pareceu que ele precisa desse problema, tanto quanto você, daquela solução.

Eu sorri.

Benjamin podia ser uma solução para mim, mas decididamente, eu seria uma terrível dor de cabeça para ele.

— Vem, vamos embora — falei, passando as mãos pela saia preta que eu vestia.

Segurei o braço do Simon, e nós seguimos pelo mar de pessoas que buscavam a saída. Olhei para trás mais uma vez, e ele ainda estava lá, mantendo os olhos fixos em mim.

Eu odiava quando Benjamin me olhava daquela maneira, porque me dava a certeza de

que eu estava prestes a fazer alguma besteira, e eu não podia ceder.



Eu não consegui ir embora.

Se existia uma pessoa no mundo que podia ser considerada uma piada, esse alguém era eu. Depois de dias me esforçando para me manter longe do Benjamin, aqui estava eu, no estacionamento da quadra, parada, encostada em um dos carros, esperando que ele saísse, para... Não fazia ideia do depois, só sentia um frio terrível do estômago e a certeza de que eu precisava ouvir sua voz.

Ouvi boatos de que Benjamin foi atropelado enquanto vagava no meio da noite sofrendo pelo coração partido. O que fazia com que eu me sentisse culpada. Nunca foi minha intenção magoar ninguém, e eu precisava ainda mais ter certeza de como ele estava. Simon encontrou um dos colegas e eu aproveitei para dizer que precisava ir ao banheiro, para que adiantassem e nos veríamos depois da *Women's*.

O público em geral já havia saído. Os do Orange, gritando em comemoração à vitória. Os torcedores da Walker, mais calados. O time saiu pela porta dos fundos mais ou menos trinta minutos atrás. Todos. Menos o número 05. Ele também não estava na *Women's* com a Madison e o resto do pessoal. Ou seja, Benjamin não havia saído, o que me deixou preocupada.

E se ele tivesse se machucado sozinho lá dentro? Ou se estivesse passando mal?

Todo o time havia saído.

Preocupada, decidi que tentaria entrar novamente na quadra. Lembrei-me de que ele havia dito que costumava ficar sozinho lá dentro às vezes.

Diferente do estádio onde fizemos o nosso jogo, esse era bem maior e mais afastado do campus, dentro da área esportiva onde estavam também o estádio de futebol americano, rinque de hóquei, as piscinas do polo aquático, centro de tênis, baseball e todos os demais esportes que a Walker mantinha no seu sistema.

Não conseguiria acesso usando a entrada principal, então decidi tentar a sorte pelas saídas laterais, que davam acesso ao estacionamento. As duas primeiras estavam fechadas, mas funcionou com a última porta.

O ambiente ainda estava frio por conta do ar-condicionado, e apesar da distância, eu já podia ouvir o som da bola batendo contra o chão.

Meu coração deu um salto quando, ao fim do corredor, eu o vi. Benjamin estava no meio da quadra atirando a bola contra o aro. Depois caminhava lentamente, ainda mancando, para pegá-la e atirar na cesta novamente.

A agonia em meu peito era intensa por estar tão próximo a ele. Minha mente gritava que eu já o havia visto, que ele estava bem. Mas meu coração e minhas pernas não obedeciam.

Eu continuei caminhando até ficar atrás dos bancos onde os reservas aguardavam a chance de entrar em quadra.

Ele estava bem. Eu já tinha visto.

Não estava desmaiado, não estava caído no chão. Ele estava bem.

Mas eu não conseguia sair dali.

Não conseguia dar as costas e ir embora. E meu coração simplesmente disparou no peito.

Ele era lindo, e ficava tão bem com a bola nas mãos.

Benjamin olhou em minha direção quando estava prestes a concluir o movimento e parou.

Ele não disse nada.

Nem eu.

Por instantes que pareceram eternos, apenas nos encaramos.

Eu devia só ir embora sem falar nada. Nós havíamos chegado a um ponto onde tudo estava como devia ser.

Tentei forçar meus pés a virarem e ir embora, mas eu não consegui. Pelo contrário, as palavras simplesmente jorraram da minha boca.

— Oi! — falei. Meu coração ardia de saudade.

Benjamin me olhou da cabeça aos pés, fazendo com que o sangue corresse ainda mais pelas minhas veias. Muito além da mágoa, havia desejo na maneira como me encarou.

— Você não devia estar comemorando com seu namorado?

— Não temos nada pra comemorar hoje, Ben. — Dei mais alguns passos, tentando me aproximar.

— O que veio fazer aqui? — perguntou, com frieza.

— Queria saber como você estava. Soube do acidente, fiquei preocupada. — Minha voz falhou um pouco. — Precisava ver que estava bem.

— Estou. Você já viu.

Soltei o ar com força.

— Não precisa ser assim, Benjamin — sussurrei, com um aperto no peito. — Não precisa...

Ele riu sem humor algum.

— Você quer ser minha amiga? — Jogou a bola na cesta, acertando. — Não quero ser seu amigo, Chiara. Acho que nunca quis. Eu sempre vi o quanto você era uma garota incrível, linda e... — Ele balançou a cabeça em negativa. — Quer saber, esquece. Melhor você ir.

Eu devia ir.

Devia mesmo.

Ele me odiava, como devia ser. Era isso que eu queria, mas não conseguia suportar.

Doía demais.

Eu sentia como se estivesse sendo partida ao meio.

— Ben, me escuta — pedi, mesmo sabendo que era um erro. Segurei seu braço dessa vez sentindo a corrente elétrica passar por meu corpo. Sentindo saudade do seu toque. — Eu não queria te magoar...

— Tudo bem, se você quiser ficar aqui, eu vou embora.

Fechei os olhos por alguns segundos enquanto via Benjamin se afastar com um bolo na garganta.

Vai. Vai pra longe de mim, por favor.

Dor outra vez.

Coloquei a mão no coração.

Fazer o certo era uma coisa horrível. Doía demais.

— Benjamin, espera — pedi, cedendo outra vez. Meu coração era uma merda. Ele pegou a mochila que estava jogada no chão, seguindo em direção ao vestiário. Corri até ele sentindo meu coração bater tão forte que ele podia rasgar meu peito. — Benjamin! — Segurei seu braço outra vez.

Por que eu não podia simplesmente o deixar ir?

— Você não me escolheu, Chiara. Deixou isso bem claro. Claro demais, então agora você não precisa vir aqui e fingir que se importa...

Não era fingimento. Era tudo, menos fingimento.

Era amor.

— Mas eu me importo — falei, tentando segurá-lo. Seu olhar caiu para meus lábios entreabertos antes de se fixar nos meus olhos outra vez. Eu podia sentir sua respiração com a nossa proximidade. Meu corpo implorava para que ele me tocasse. — Eu me importo, Ben. Demais. Mais do que deveria. E foi só por isso que eu... — Parei.

Benjamin tinha que se manter distante.

— Foi só por isso que você...

Balancei a cabeça em negativa. Fechei os olhos. Eu precisava ir embora. Eu tinha que ir.

— Fala, Chiara.

Abri os olhos outra vez, seus olhos estavam tão perto e brilhantes. E eu sentia tanta falta dele. Tanta. Ergui uma das minhas mãos para tocar seu rosto. Só por um segundo. Eu só precisava senti-lo.

Nós estávamos perto demais, ainda.

Sua boca estava tão perto e convidativa. Fiquei um pouco na ponta dos pés para tentar diminuir nossas distâncias porque, naquele momento, eu não conseguia encontrar um único motivo em minha mente para não fazer isso.

Benjamin também se aproximou.

Eu tinha que ir embora, mas a ponta do seu nariz tocou o meu, depois brincou com a minha bochecha. Ele beijou meu olho. Meu nariz.

Nós dois estávamos entorpecidos, e eu nunca quis tanto uma coisa em toda a minha vida.

Nunca quis alguém como eu o queria.

Seus lábios resvalaram os meus. Macios e quentes. Entreabri os meus um pouco mais para recebê-lo.

— Não posso fazer isso — ele sussurrou contra meus lábios. O hálito quente e cheirando a hortelã brincando contra a minha

pele. — Não posso fazer isso sabendo que você está com outra pessoa. Não posso fazer isso sabendo que...

— Não tem ninguém, Benjamin — murmurei, interrompendo e subindo minha mão até sua nuca e ficando um pouco mais na ponta dos pés. — Nunca houve ninguém. Sempre foi apenas você.

E nada mais precisou ser dito.

Seus lábios estavam sobre os meus.

Intensos e furiosos.

Famintos e vorazes.

Puxei seu cabelo com força quando sua língua invadiu minha boca.

Era um beijo saudoso e de reencontro, mas ao mesmo tempo implacável e cheio de desejo.

Era bom.

Tudo que eu precisava agora.

Benjamin desceu a boca pelo meu pescoço, alternando entre beijos e mordidas. Meu corpo ardia enquanto eu arfava sentindo seus lábios contra minha pele.

Eu podia também sentir seu pau contra mim. O tecido fino da roupa que ele vestia, deixava claro o tamanho da sua ereção.

Soltei um gemido quando ele friccionou nossos corpos enquanto beijava meu colo. Suas mãos passeavam por todo meu corpo, depois se fixaram em minha cintura, me apertando da maneira certa.

— Ben — sussurrei em seu ouvido, quando suas mãos começaram a subir por

minha blusa. Outro gemido de aprovação. — Continua, por favor — pedi.

Meu coração batia tão forte que ele podia parar. Mas ele não se atreveria a fazer isso comigo naquele momento.

Não quando eu estava tão feliz.

Benjamin virou meu corpo, deixando-me de costas para ele e erguendo um pouco minha saia.

Ele beijou minha nuca, pressionando nossos corpos outra vez.

Por Deus, que saudade disso!

Eu tinha que ir embora, mas simplesmente não conseguia.

— Eu senti tanta falta do seu cheiro — falou, inspirando por toda a extensão do meu pescoço. Eu estava entorpecida por ele e por suas palavras. — Tanta falta de você.

Benjamin beijou meu lóbulo quase me fazendo chorar. Ele massageou meu peito, brincando com o bico e me fazendo quase perder o equilíbrio das pernas.

— Porra, eu senti tanta falta de te ouvir gemer pra mim, Chiara.

A mão que estava na cintura foi descendo até minha bunda, e depois passeando pela parte interna das minhas coxas. Meu corpo se arrepiou com os dedos subindo lentamente até a barra da minha calcinha.

Fechei os olhos em expectativa quando Benjamin passou o dedo por toda minha extensão.

— Senti falta de como você sempre fica molhadinha pra mim, gata.

Joguei a cabeça para trás, rebolando contra seus dedos que estimulavam meu clitóris.

— Também senti sua falta — confessei, quase sem ar quando ele mordeu minha orelha. — Senti tanto a sua falta.

Benjamin ergueu um pouco mais a minha saia.

— Eu quero muito comer a sua bunda, gata. Quero sentir seu cuzinho engolindo todo meu pau — murmurou contra minha pele, dando alguns beijos em seguida. — Quero que minha porra jorrar da sua bunda, Chiara.

Ben pôs a pontinha do dedo em minha bunda, e eu que nunca tinha pensado sobre aquilo, de repente, queria mais do que qualquer coisa que ele cumprisse as suas promessas.

— Você vai... vai fazer isso... agora? — perguntei, desejando muito que ele dissesse que sim.

— Agora não. — Beijou minha nuca. Senti que ele desceu o short, e esfregou a cabeça do pau por toda a linha da minha bunda. Eu a empinei, imaginando como seria a sensação do Benjamin me comendo por trás. Ele continuou esfregando a cabeça por mim, até chegar à minha entrada. — Eu quero comer sua bunda com você de quatro, quero enfiar minha língua lá dentro e ver você tremer de prazer. Agora eu vou comer a sua boceta, Chiara. Tão forte, que esse momento vai ser a única coisa que você vai pensar pro resto da

sua vida. Que você não vai querer ser de mais ninguém além de mim.

Ele passou a cabeça por minha entrada me fazendo choramingar. Joguei a cabeça para trás.

— Me fala que porra você quer de mim, Chiara — pediu, esfregando a cabeça do pau em meu clitóris. — Você quer que a gente continue casual? Eu posso fazer isso. — Benjamin jogou meus cabelos para o lado, deixando um beijo em minha nuca, e eu senti todos os meus pelos se eriçarem. — Você quer que eu te foda até você revirar os olhos? Você quer que eu seja um namorado fofo? Só me fala o que você quer de mim. O que você sente. — Benjamin foi me invadindo. Ele gemeu em meu ouvido. Pressionei meus dedos em sua bunda, com medo de que ele se afastasse. — Porque você não está fazendo o menor sentido. Eu sei o que eu quero. Eu quero você. Sempre quis. Do jeito que você quiser. Eu só... Só não consigo entender o que você está fazendo. Só não consigo mais assistir a você fazendo isso. Afastando as pessoas de você. Não ver você nos magoando. Eu não consigo... Porque eu amo você, caralho. — Ele passou o indicador pelo coração vazado nas costas da minha blusa no mesmo instante em que entrou em mim, com tudo.

Fechei os olhos com força, sugando o ar.

Sentindo-me completamente preenchida por ele.

Benjamin começou a se mover. Com força. Exatamente como disse que faria. Eu mal conseguia pensar, ou saber quem eu era.

Naquele instante, eu era apenas um misto de sensações.

Benjamin pressionou a palma aberta em minhas costas, mantendo-me presa contra a parede e seu corpo, como se eu tivesse qualquer mínima vontade de sair dali.

— Me fala o que você quer, Chiara — pediu, estocando com força e segurando meus cabelos entre os dedos.

Eu o amava.

Eu amava Benjamin Davis mesmo sabendo que não devia.

Mesmo sabendo que eu o destruiria de dentro pra fora.

— Eu te amo, Davis — murmurei. — Mesmo sabendo que você vai me odiar, eu te amo.

Ele chupou uma parte do meu pescoço.

— Eu não preciso de mais nada, Chiara. Só disso.

Então, suas estocadas foram ficando mais rápidas. Mais intensas.

E tudo que nós podíamos ouvir eram as nossas respirações e o som dos nossos corpos se chocando.

E naquele instante eu me senti completa outra vez.

Eu o amava.

E isso mataria a nós dois.

Meu corpo dava todos os sinais de que eu ia gozar. Benjamin também estava perto, eu sabia.

Ele ajeitou meu quadril, deixando-me mais exposta enquanto continuava a meter com força. Uma das mãos voltaram ao meu peito enquanto a outra estimulava o clitóris.



Eu estava perto de explodir.

Benjamin deixou uma trilha de beijo por meus ombros antes de voltar os lábios ao meu ouvido.

— Eu vou gozar, gostosa. E eu quero gozar junto com você enquanto você rebola no meu pau — sussurrou.

Podia simplesmente ter gozado ali, mas me controlei fazendo exatamente o que ele havia dito. Rebolei a bunda com seu pau dentro.

Ele gemeu em meu ouvido.

— Caralho, gata, eu vou...

Antes que ele continuasse, nós dois gozamos.

E nunca tinha sido tão intenso assim.

Benjamin beijou minhas costas enquanto nossos corpos ainda tremiam.

— Isso foi incrível, gata — falou, encostando a testa em meu ombro.

— Foi sim — concordei, com um peso no coração.

Eu entendia agora por que as pessoas faziam coisas idiotas quando estavam com tesão, porque, que merda eu tinha acabado de fazer. Eu disse que o amava. Nós tínhamos transado. E sem camisinha.

Meu coração bateu forte no peito, tentando fazer todas as contas possíveis.

— Caralho, eu esqueci da camisinha. — Benjamin soltou o ar com força.

— Você acha que você pode...

— Não — ele interrompeu, beijando minha pele. — Fiz um teste quando começamos a transar e eu não saí com mais ninguém desde então.

Benjamin saiu de mim, fazendo com que eu me sentisse vazia outra vez, depois ele virou meu corpo para que ficássemos frente a frente.

— Espera, você não...

Ele negou com um balançar de cabeça.

Ben mordiscou meu lábio inferior.

— Eu sempre soube *quem* eu queria. E depois da primeira vez não consegui mais pensar em outra pessoa. Eu nem cheguei a cogitar isso.

Abri a boca pra falar, mas eu não sabia o quê.

— Também estou... Eu tô limpa, juro — murmurei, por fim.

Benjamin ergueu um pouco meu rosto, acariciando minhas bochechas.

— Que saudade! — Ele me beijou outra vez. — Meu Deus, que saudade eu estava de você.

Fechei os olhos, encostando minha testa em seu ombro.

Eu queria chorar.

Ele não tinha saído com mais ninguém. Benjamin me amava e eu o amava. Era tudo tão confuso... E eu só queria protegê-lo.

— Benjamin — falei baixo, olhando em seus olhos.

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Você vai embora outra vez, não é? — A dor em seus olhos era de partir meu coração. Ele vestiu a roupa novamente, enquanto eu me arrumava também. — Você vai me dizer agora que eu fui só uma aventura outra vez?

— A gente não pode ficar junto. — Meu coração comprimiu. — Não pode, Ben.

Afastei-me com meus pensamentos acelerados. Eu não conseguia mantê-los em um único lugar. Meus olhos estavam se enchendo de lágrimas novamente.

— Chiara, você não pode sair assim — ele disse, segurando meu braço. — Me diz o porquê! Eu preciso saber o motivo pelo qual eu não sou bom o bastante para você.

— Porque eu vou morrer — gritei. E eu nem acreditava que tinha dito aquilo. — Eu vou morrer, Benjamin.

— E eu também — falou, atordoado. — Todos nós vamos morrer.

Balancei a cabeça.

As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.

— Eu vou morrer, Benjamin. De verdade. Eu posso simplesmente cair no chão agora e morrer.

Benjamin abriu a boca querendo falar alguma coisa, mas não conseguiu.

— Você não merece passar por isso outra vez. — Engoli em seco, observando a expressão confusa em seu rosto. Benjamin piscou. E eu saí correndo em direção à quadra. Eu queria sair dali.

Benjamin veio atrás de mim e não demorou a me alcançar.

— Você... espera, Chiara. Eu não estou entendendo.

— Eu não posso fazer isso com você. Eu te amo, Davis. Mas não posso fazer isso.

Puxei meu braço, correndo para a saída e deixando-o lá, no meio da quadra.

— Chiara — ele chamou, mas eu apenas ignorei, correndo para o mais distante possível.

Eu precisava ficar longe dele.

Não podia suportar a ideia de magoar ainda mais seu coração.



Capítulo 37 – Chiara

As lágrimas se misturavam com toda a água da chuva assim que peguei o caminho até o dormitório.

Eu estava morrendo de frio, e eu sabia que seria péssimo. Consegui uma carona até a porta do dormitório com uma das garotas que conheci na festa do pijama. Ela ficou preocupada e me perguntava a todo momento se eu estava bem. Não conseguia responder. Eu só queria... Não sabia nem mesmo o que eu queria. Depois que eu a garanti que não tinha acontecido nada de ruim, e que eu só estava triste por causa de um garoto, ela me deixou sair do carro.

Uma idiota. Era isso que eu era.

Mas se eu ficasse mais um segundo ali, no mesmo ambiente que o Benjamin... Simplesmente, não seria capaz de me manter distante. Eu errei em falar com ele. Errei em transar com ele. Agora o Benjamin ia querer saber o que estava acontecendo comigo de verdade, o que faria com que ele se preocupasse comigo, que seria exatamente tudo que eu estava lutando para que não acontecesse.

E, meu Deus, ele tinha gozado dentro de mim.

Eu não podia ter filhos. Se tinha uma coisa da qual eu jamais faria era trazer ao mundo uma pessoa para sofrer tanto quanto eu.

Eu era uma idiota.

Burra, burra, burra.

A porta se abriu no instante em que eu toquei a maçaneta e a expressão de Leighton mudou imediatamente ao me ver, Madison vinha logo atrás e também travou no lugar, encarando-me com preocupação.

— Chiara, você está bem? — Leigh perguntou, cautelosa.

Eu estava exausta.

Exausta de mentir.

Exausta de tentar esconder tudo de todo mundo e de magoar as pessoas no meio de caminho.

Exausta de não poder ser normal.

Não aguentava mais.

— N... Não — falei, jogando-me contra seu corpo e finalmente conseguindo colocar pra fora toda a agonia que estava sentindo.

As meninas me puxaram para dentro e fecharam a porta enquanto eu sentia o mundo girar.

O frio estava começando e eu não podia me dar ao luxo de ficar doente agora. Não depois de tantos meses. Não com o meu projeto indo bem, não com as meninas ali.

Eu estava cansada de ser forte.

As meninas me levaram para a cama, me abraçando em seguida.

— Você está bem?

— O que aconteceu?

As meninas perguntaram ao mesmo tempo.

— Chiara, alguém fez alguma coisa pra você? — Leigh passou a mão pelo meu corpo, tentando se certificar de que eu estava bem, depois segurou meu rosto. — Chi, fala com a gente.

— Eu p... pre... preciso m.. me a... aquecer. — Sentia o frio começar a ficar mais intenso, e antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, Madison já estava erguendo minha mão para arrancar a blusa e jogando-a de qualquer maneira pelo chão, enquanto Leighton puxava a saia que vestia me embolando em um edredom em seguida.

— Tá melhor? Mais aquecida? — Assenti para Leighton que estava sentada ao meu lado com os braços ao meu redor enquanto tentava me manter aquecida. Meu queixo ainda batia um pouco por causa do frio.

Madison desapareceu por alguns instantes e voltou com uma toalha passando em meus cabelos.

— Chi, o que aconteceu? — Mad quem perguntou dessa vez, continuando a secar meus cabelos.

— E... eu... tran...sei com ele.

— O cara da medicina te obrigou a transar com ele? — Leighton perguntou com os olhos esbugalhados.

— Nã... não. Não foi com... com ele. Nun... nunca teve outro ca...cara. — Engoli em

seco, sentindo que meu corpo estava começando a se aquecer. — E... eu estava com o Ben. Sempre foi só ele.

As duas me encararam com surpresa. Madison largou a toalha em minha cabeça e se sentou na cama, bem à minha frente, querendo ouvir a fofoca.

— Você está chorando porque transou com o Benjamin? Eu achava que ele seria bem melhor na cama, já ouvi alguns relatos. Uma experiência traumática era tudo que eu não esperava... uau.

— Madison? — Leighton reclamou.

— Não... não é isso. Eu... — As lágrimas recomeçaram. A angústia no peito. Elas iam descobrir de qualquer forma, eu já tinha contado ao Ben. Não adianta fingir ou me esconder porque eu não conseguia mais fingir que não as queria em minha vida. Eu precisava falar a verdade, porque eu não aguentava mais guardar aquilo dentro de mim. — Eu não devia ter feito isso. Eu não posso me envolver com ele ainda mais porque... Porque eu vou morrer.

O quarto ficou em silêncio absoluto.

— Você...

— Oi?

As duas falaram ao mesmo tempo outra vez.

Soltei um suspiro longo.

— Chiara... espera, eu acho que entendi errado — Madison disse, com a voz travada.

Neguei com a cabeça.

— Você ouviu certo — falei, limpando a lágrima que escorreu do meu rosto. — Eu vou morrer e isso pode acontecer a qualquer momento.

Trinquei os dentes, sentindo meu coração afundar no peito novamente.

— Espera, Chiara. — Leigh segurou minha mão, espremendo-se ao lado da Mad na cama. — Calma, você precisa explicar isso pra gente.

— Foi por isso que eu nunca fui pra escola. Porque eu tenho uma doença genética. — Sentia tantas coisas naquele momento. Pela primeira vez falar abertamente sobre o assunto, com pessoas que eu amava, era como finalmente permitir que alguém me visse completamente nua, mas em minha alma. — Eu tenho anemia falciforme. E é terrível. Eu... Meus pais descobriram quando eu ainda era bebê. Eu costumava chorar muito, mesmo alimentada, trocada e minha mãe não sabia o que fazer. Então, quando o resultado dos exames chegou, a suspeita dos médicos se confirmou. Passei a maior parte da minha vida em hospitais fazendo transfusão de sangue, ou em meio a crises, morrendo de dor. A dor é tão intensa... é como se tivessem cacos de vidro dentro dos meus ossos, da minha corrente sanguínea. É tão intenso que na maioria das vezes, eu só queria morrer de vez — confessei, sentindo as duas apertarem as minhas mãos.

Pisquei, sentindo as lágrimas se acumularem em meus olhos, lembrando de como foi terrível vivenciar aquilo tudo. Cada crise, cada grito de desespero, cada vez que a minha mãe ficou ali ao meu lado, segurando minha

mão, chorando por não poder fazer nada por mim.

— Era muito mais fácil pensar em morrer de vez e acabar com tudo. E não nego que pensei isso algumas vezes. Em como eu poderia fazer isso ser rápido e fácil...

— Chiara — Mad falou com a voz embargada.

— Quando as crises passavam, eu só ficava pensando em quando seria a próxima. E depois a próxima. Vocês não fazem ideia de como é passar a vida sabendo que a qualquer momento você pode desfalecer de dor, em qualquer lugar, a qualquer hora.

— E foi por isso que sua mãe não queria que você estudasse fora — Leigh concluiu.

Assenti.

— Ela morria de medo de que, durante alguma aula, eu tivesse uma crise e as crianças rissem de mim. — Limpei as lágrimas outra vez. — Ela morria de medo de que eu ficasse triste, magoada... No fim das contas, ela só queria me proteger, sabe? De mais dor e decepção. E não foi só a escola, foi uma vida. Eu... Minha mãe tentou me proteger de tudo, ela tinha tanto medo que exagerou muito na proteção. E eu não...

— E eu achava sua mãe uma vaca — Madison lamentou, fazendo-me rir um pouquinho.

— Às vezes eu achava também, mesmo sabendo que ela estava fazendo tudo aquilo para me proteger. E mesmo tendo certeza de que aquela redoma que mamãe havia criado para mim era horrível, mas conviver com a

falciforme, era ter certeza de que cada dia era uma nova guerra. — Suspirei. — A dor, no final das contas, se torna uma companheira e é tão raro você não a sentir que até estranha quando não aparece. A maior parte dos meus dias eu acordava com dor e dormia com ela. Precisei de morfina muitas vezes em uma tentativa de fazer aquilo parar.

As meninas estavam tensas, paralisadas ouvindo cada palavra.

— Eu tive síndrome torácica aguda quinze vezes.

— O que é isso? — Mad perguntou, parecendo assustada.

— É uma das principais causas de morte para pessoas com anemia falciforme, como eu, tanto na fase pediátrica, quanto na fase adulta. — As meninas assentiram, atentas. — Ela pode surgir por infecção, infarto pulmonar, embolia gordurosa, enfim... vários fatores. Então se algo novo for encontrado no pulmão em um exame de imagem juntamente aos sintomas, é sinal disso. Todas as vezes em que eu fui internada por isso, era justamente por sentir muita falta de ar e dor torácica.

— Como se fosse uma pneumonia?

— Pode-se dizer que sim. Inclusive, antes do diagnóstico, eu fui internada algumas vezes como pneumonia — expliquei. — E em meu aniversário de 15 anos, ao invés de festa, eu ganhei um AVC. Eu passei uma semana em coma. Isso é comum também em pessoas com a falciforme, por causa das hemácias que se agrupam e inflamam a parede dos

vasos cerebrais, fazendo com que o fluxo sanguíneo do cérebro fique comprometido.

As meninas não falaram nada, ainda concentradas em minha história, mas elas apertavam minha mão, ou passavam o polegar por minha pele em um gesto carinhoso, lembrando-me de que eu não estava sozinha.

— A minha vida foi em hospitais. Eu praticamente morava lá. Meu médico, o doutor Harris, é uma das pessoas mais incríveis que eu conheço e ele lutou pela minha vida quando eu pensei em desistir diversas vezes. E quando surgiu uma oportunidade pra ele em outro hospital, nós mudamos também para acompanhá-lo. — Elas assentiram. — Foi na nova cidade que eu e meu pai tínhamos conseguido convencer a mamãe de que eu podia ir para a escola, que sair de casa para ver pessoas da minha idade me faria bem.

— Pensei que você sempre tivesse estudado em casa — Leigh comentou.

— Eu só fui à escola uma única vez. E foi no dia em que ganhei isso — Mostrei a cicatriz. Leighton já a tinha visto, e depois da conversa com o Bem, acho que não sentia mais tanta vergonha dela. No fundo, todos temos marcas. Algumas nós só não podemos ver. — Foi um ataque. E um dos piores dias da minha vida.

Os olhos das meninas encheram-se de lágrimas outra vez.

— Eu lembro de quando me tiraram da escola. A luz. As pessoas chorando. Os pais desesperados. Eu estava coberta de sangue e minha mãe achou que ia me perder naquele dia. Consigo lembrar de como mamãe foi co-

migo na ambulância, o tempo inteiro segurando minha mão, conversando com os socorristas sobre meu caso e pedindo a Deus para não deixar que eu morresse. Que a vida dela não faria mais sentido sem mim.

Acho que foi naquele dia que eu entendi como viver comigo era pesado para meus pais. Eles não tiveram outros filhos porque precisavam se dedicar o tempo inteiro a mim, além do risco de ter outra criança doente.

— O corte infeccionou no hospital, e eu estive bem próxima à morte outra vez. Na verdade, eu tive certeza de que não conseguiria. — Eu ri, mas também senti meus olhos com lágrimas outra vez. — O doutor Harris dizia que meu anjo da guarda era forte. Que ele não descansava muito e era implacável no cuidado comigo. Ele tentou que eu conseguisse um transplante de medula óssea, mas não conseguimos encontrar uma taxa de compatibilidade que fosse suficiente para realizar o transplante. E foi por isso que eu comecei a pesquisa com a terapia gênica. Porque eu queria me curar. Sempre foi o meu sonho.

— Mas você não teve nenhuma crise de dor nos últimos meses, não é? Senão nós teríamos visto e...

Neguei, balançando a cabeça.

— Tenho tomado uma medicação que ajuda a controlar as crises. A última foi em julho. Foi por isso que eu demorei mais para chegar aqui. — Olhei para Leigh, lembrando de como eu a havia assustado quando me viu aqui pela primeira vez depois de algumas semanas não tendo uma colega de quarto. —

Minha mãe estava resistente com a minha vinda, e depois da crise ela piorou. Eu sempre fui acostumada a estar sozinha, a não ter amigos, e quando eu conheci vocês, eu... Eu estava amando a minha nova vida, sem crises, sem precisar sentir dor todos os dias achando que eu ia morrer, e depois com as roupas novas que me faziam sentir bonita de verdade pela primeira vez, e então o Ben... — Sorri. — Quando ele disse que gostava de mim, que estava com ciúmes, que... Eu me senti tão normal. Era tão bom que eu esqueci que aquela não era a minha vida.

— Claro que é sua vida, Chi. Você estava feliz, não precisava parar com tudo, ou...

— Eu precisava — garanti, interrompendo. — Mais do que nunca. — Soltei o ar com força. — Benjamin e eu tivemos uma conversa, e ele me contou sobre o acidente da mãe. Ele me contou como foi difícil ver a mãe morrer ali, enquanto estava abraçado a ela.

— Mas, Chiara, você não vai morrer hoje, nem amanhã, você tem uma doença que está controlada.

Neguei outra vez com a cabeça.

— Eu fui egoísta o bastante para ter certeza de que eu queria ficar com ele, mesmo doente. Mas também não queria atrapalhar a vida deles como eu fiz com a dos meus pais a vida inteira. O Benjamin é um jogador e ele é bom. Ele vai brilhar. Muito. Eu não queria empatar ele. — Leigh ia interromper, mas ergui o indicador pedindo que ela não o fizesse. — Então, alguns dias depois, eu tive uma consulta. Eu estava tão bem, e vivendo tantas coi-

sas legais e tinha vocês e um cara que gostava de mim. O problema, é que a falciforme tem complicações, e quando eu fui à consulta, alguns dias atrás.

Parei, me sentindo incapaz de continuar. Encarei o lençol. Sentindo a dor no peito outra vez. Sentindo que eu estava ouvindo as palavras do meu médico novamente rasgando meu peito.

— Eu sempre soube que coisas assim podiam acontecer, mas quando ele me disse que... Que eu estava com uma complicação cardiovascular, eu só conseguia pensar nas coisas que o Benjamin me disse. E se eu tivesse uma parada na frente dele? E se meu coração parasse de bater com ele ali outra vez? — Sequei outra lágrima sentindo meu coração apertar. Medo. Tristeza. Pavor. — E então todos os medos vieram de vez. Eu posso ter tantas coisas diferentes. Insuficiência renal, outro AVC, descolamento de retina... Eu simplesmente deixar de pensar nas consequências de arrastar alguém para a minha vida e depois daquilo não podia mais ignorar. Eu já tinha uma expectativa de vida reduzida. Então...

— Então você terminou com ele. — Assenti.

— Terminei com ele.

— E depois brigou com a gente — Mad completou, com o rosto vermelho e os olhos cheios de lágrimas. — Você é uma idiota, sabia?

— Eu só não queria atrapalhar a vida de vocês também. Vocês não sabem como é horrível quando eu tenho crises. E vocês são idiotas

o bastante pra abrir mão de coisas para cuidar de mim, e eu já fiz isso com a minha mãe. Não quero ser um peso pra mais ninguém.

— Você não é um peso, Chi. Pra gente ou pros seus pais. — Leigh apertou minha mão. — Você nunca vai ser um peso pras pessoas que te amam. Pra nós duas, pro Benjamin.

— Você não devia ter passado por tudo isso sozinha. Todos esses medos e... — Madison reclamou, me abraçando em seguida. — A gente tá aqui pra isso, Chiara. É pra isso que servem as amigas. Pra gente se apoiar e se amar independente das circunstâncias. Eu queria poder te bater agora, juro! Não acredito que você ficou todos esses dias com tudo isso dentro de você, sozinha, ao invés de nos pedir ajuda.

Leigh fungou, juntando-se a nós no abraço.

Eu não fazia ideia de quanto tempo as meninas ficaram ali comigo, abraçadas, e mostrando que estávamos juntas independente das circunstâncias.

— Eu sei que você não aprendeu a lidar muito bem com as amizades na infância, mas é pra essas coisas que servem as amigas, Chi. E pra ser muito sincera, vocês são muito mais que amigas pra mim. São a família que o destino colocou em minha vida. — Madison se afastou, segurando meu rosto.

— Nós estamos aqui pra te ajudar. Pra segurar sua mão quando você precisar chorar porque foi idiota e dispensou o cara por quem se apaixonou, ou porque está com medo da sua doença, e ainda mais se tiver alguma crise. —

Leigh deu um sorriso rápido. — Nós estamos aqui, e não vamos soltar a sua mão nunca.

— Nunca mesmo — Mad reafirmou.

Eu ri, desistindo de limpar as lágrimas que insistiam em cair.

— Vocês são mesmo a melhor família que eu poderia querer, eu juro.

Abracei as meninas outra vez, me sentindo mais leve.

Era bom falar a verdade, mas era melhor ainda saber que eu tinha com quem contar nos momentos difíceis. E aquelas duas estavam dispostas a ser meu porto seguro em meio ao mar turbulento.

— Eu acho que você precisa falar com o Ben agora — Leighton comentou.

O celular da Mad vibrou e ela olhou a mensagem que recebeu parecendo tensa.

— É o Benjamin. Ele quer saber sobre você.

— Não quero falar com ele. — Formei uma linha com os lábios. — Eu disse que ia morrer e saí correndo.

Madison riu.

— Ai, Chiara. Você realmente tem muito o que aprender com a vida. — Rolou os olhos. — A sorte de vocês duas, é que eu sou uma garota paciente.

Nós sorrimos.

E eu nunca me senti tão grata por ter caído naquele quarto e conhecido aquelas garotas. Elas eram, sem dúvidas, as melhores pessoas do mundo.

E, infelizmente, elas estavam certas.

Eu precisava mesmo falar com o Ben. Ele merecia, no mínimo, uma explicação.



— Chi, você está bem? — A voz da Mad pareceu alarmada quando soltei um gemido alto demais.

Meu corpo ardia.

Queimava.

E eu podia sentir os cacos de vidro rasgando meus ossos, corroendo meu sangue.

Não conseguia pensar.

Em nada.

Só dor.

Dor.

Dor.

— Ela está com febre. — Leigh parecia agoniada.

— A gente precisa levar ela pro hospital.

Mantive os olhos fechados. Não queria ver o rosto das pessoas que eu amava sofrendo por mim.

Eu tentei me manter quieta por elas. Estava acostumada à dor.

Mas a última coisa da qual me lembro foi de um grito cortante quando senti ao semelhante ao meu corpo ser partido em milhão de pedacinhos.

E então, tudo escureceu.



Capítulo 38 – Benjamin

Depois de me dizer que ia morrer, assim, do nada, e sair correndo como se aquela fosse a conversa mais normal do mundo, ela simplesmente desligou o celular.

Caixa de mensagem.

Caixa de mensagem.

Caixa de mensagem.

Meu coração estava a um passo de sair do peito quando agarrei minhas coisas e corri atrás da garota que ia me deixar maluco a qualquer momento.

Ela não podia morrer.

Ela não ia morrer.

Tinha que ser um engano.

Liguei para Madison e Leighton. Nenhuma das duas me atendiam. A quadra parecia potencialmente menor e eu sentia como se as paredes se movessem tentando me sufocar.

Eu nem sabia quanto tempo havia passado desde que eu apenas conseguia encarar seu corpo se movendo para cada vez mais longe.

Minhas pernas estavam travadas e não reagiam a nada.

Não conseguia respirar.

Eu estava assustado e com medo.

Ela não podia morrer.

Puxei um pouco a camisa para baixo, tentando manter meu pescoço livre de qualquer tecido. Estava sufocando enquanto as palavras repassavam em minha mente.

Tinha que ser um pesadelo.

Tinha que ser um pesadelo.

Eu precisava falar com ela.

Pisquei, forçando meu corpo a reagir, juntei minhas coisas espalhadas pelo chão e corri para fora da quadra.

Ignorei o fato de que estava chovendo, ignorei o fato de ainda estar mancando, seguindo para o dormitório das meninas que ficava lá na puta que pariu. Mas eu não ficaria um segundo sem nenhuma informação. Sem saber o que estava acontecendo.

Meus pensamentos estavam desconexos e confusos.

Aquilo não podia estar acontecendo comigo outra vez. Meu coração ardia no peito e eu mal conseguia respirar enquanto seguia resoluto para o dormitório.

— Ei... ei... ei... — Ignorei o chamado da monitora do dormitório até que ela apareceu à minha frente, abrindo a mão em meu peito, impedindo-me de seguir em direção à escada. — Você não pode subir.

— Eu vou subir — falei, irritado, tentando dar a volta por seu corpo.

— Não, você não vai. — A mulher me encarou, como se esperasse que eu a desafi-

asse novamente. — Se você tentar dar mais um passo, eu vou chamar a segurança.

Soltei um palavrão passando a mão pelo cabelo.

— Eu quero falar com a Chiara — expliquei.

— Então você pode ligar para ela e pedir que ela venha falar com você.

Bufei.

— Isso seria perfeito, caso ela me atendesse — respondi, irritado, tentando passar por ela outra vez.

— O que só demonstra que a garota não quer falar com você. — Ergueu uma sobrancelha em minha direção. — Você não vai subir.

Passei a mão pelo rosto, completamente puto.

Puta que pariu.

Aquilo não podia mesmo estar acontecendo.

— A Leighton está aí? — perguntei. A mulher apenas me encarou, deixando claro que não soltaria mais informação alguma.

Peguei o celular do bolso, torcendo para que ele não tivesse dado pane por conta da chuva e enviei uma mensagem para a Leighton e em seguida para a Mad. Nenhuma das duas respondiam. Atendiam. Nada.

Silêncio.

— Madison. — Respirei aliviado quando a vi descendo as escadas com uma expressão de tensão no rosto. Ela saberia me dizer

alguma coisa. Qualquer coisa. — Caralho, eu nunca fiquei tão feliz em te ver.

— Davis, eu não posso falar com você agora — respondeu, passando por mim em direção à porta do dormitório, trêmula, encarando a tela do celular.

— O que aconteceu? — Parei em sua frente vendo os olhos molhados por lágrimas. — Madison, o que está acontecendo?

— É a Chiara. — Ela me encarou por alguns segundos. — Nós estávamos conversando e ela começou a ficar febril e aí depois... A gente não sabia o que fazer, nem o Andrew nem o Malcon atendiam, então chamamos um táxi e...

— Ela tá bem?

— A gente não consegue carregar ela, íamos pedir ao taxista para subir e...

Ignorei o que mais ela tinha a dizer, a monitora, ou qualquer outra pessoa que pensasse que podia me manter longe daquele quarto. Subi as escadas desesperado, sentindo meu coração partir em milhares de pedaços ao ouvir o grito da minha garota ainda tão distante do seu quarto.

Empurrando os curiosos que se amontoavam nos corredores, tentando saber o que estava acontecendo, passei pela porta que já estava aberta, encontrando Leighton na cama com a Chiara que parecia meio desmaiada, mas soltava alguns urros de dor.

Os cabelos levemente molhados estavam espalhados pelas laterais do rosto e os olhos bonitos fechados. Ela parecia sofrer muito.

Muito.

Meu coração doeu.

— Mas o que...

— A gente precisa levar ela pro hospital — Leigh disse.

No automático, carreguei o corpo pequeno e tão frágil da Chiara, que agora parecia quente demais, aguardando por um segundo que Leighton passasse à frente para abrir caminho por entre as garotas curiosas.

— Fique calma, gata. Eu tô aqui — falei, baixinho, para que ela pudesse me ouvir. — Eu tô aqui, você vai ficar bem, eu prometo.

No que pareceu ser o menor espaço de tempo do mundo, nós estávamos saindo do dormitório e eu passando seu corpo, com cuidado, para dentro do carro.

Enquanto ouvia o que era uma mistura de choramingos e brados de dor, meu coração diminuía no peito, repassando as suas palavras de mais cedo.

Morrer.

Morrer.

Morrer.

Mas de quê? Como?

Que porra estava acontecendo?

Ouvi quando Leigh suspirou de alívio por meu irmão ter atendido ao telefone, relatando a ele, nervosa, o que estava acontecendo. Cinco segundos depois meu irmão garantiu a ela que nos encontraria na entrada do hospital, já que estava em um lugar próximo.

Respirei aliviado ao saber que poderia contar com o meu ponto principal de apoio. Eu sabia que quando meu mundo estivesse prestes a desabar, meu irmão estaria comigo, sempre.

Olhei para a garota em meus braços que tinha lágrimas escorrendo pelo cantinho dos olhos.

Eu jamais imaginei que a veria em uma situação como aquela, jamais imaginei que fosse doer tanto a ver sofrendo. Era como se estivessem me torcendo por inteiro.

A única coisa que eu queria, era que tudo ficasse bem. Que seu sofrimento acabasse. Que a minha garota voltasse a sorrir.

Passei o dedo por sua bochecha sentindo seu corpo quente.

O coração batia.

Seu sangue circulava.

Ela estava viva.

Viva.

Não sabia o que faria se...

Eu não pensaria naquilo.

Não aconteceria.

De forma alguma.



— Ajuda! Por favor, ajuda! — Andrew gritou assim que abriu a porta do hospital para que eu passasse com Chiara em meus braços. Como prometido, meu irmão nos aguardava andando de um lado para o outro na entrada no hospital e correu para nos ajudar a tirar a

Chiara do carro assim que o taxista estacionou.

Meu coração batia tão forte que eu conseguia sentir suas batidas em qualquer parte do meu corpo.

Assim como a dor por vê-la se contorcendo e gritando daquela maneira enquanto tentava fazer com que a minha mente processasse o que estava acontecendo.

Nada fazia sentido.

Desde o momento em que a vi deitada nos braços de Leigh se contorcendo de dor.

Gritos de dor.

Lágrimas.

E não saber o que estava acontecendo me deixava ainda mais atormentado. O que a estava deixando daquela maneira. Eu queria que aquilo parasse. Queria poder fazer alguma coisa. Qualquer coisa, para poder ajudá-la. Para que ela não se sentisse mais daquele jeito.

Meus braços estavam trêmulos.

De medo.

Pavor.

— Calma, gata, vai ficar tudo bem, eu prometo — falei baixo, tentando confortá-la.

Chiara fechou os olhos com mais força, enquanto agarrava minha camisa, como se precisasse descontar a dor que sentia em algum lugar.

Apaguei o mundo à minha volta, e tudo que importava naquele instante era ela. Apenas ela.

— Vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem — repeti tanto para ela quanto para mim. Precisava me convencer daquilo.

Beijei sua testa quente demais.

Um segundo depois, chegaram enfermeiros e uma maca. Todos falando ao mesmo tempo, mas eu não conseguia compreender nenhum deles.

— O que... o que vocês estão fazendo? O que...

Ninguém me ouviu, ou respondeu. Eles continuaram falando entre si.

Tiraram-na dos meus braços e eu senti um vazio.

— Espera, pra onde vocês vão levá-la?

Acho que as palavras estavam só na minha mente, porque outra vez ninguém respondeu.

Eu estava vazio outra vez.

O mundo não emitia som algum.

Nada.

Vazio.

Eu me senti outra vez pequeno, inerte, imprestável e impotente.

O ar começou a faltar dos meus pulmões.

— Benjamin — Madison chamou com a voz triste, pondo a mão em meu ombro. — Ela vai ficar bem — disse, me abraçando em seguida.

Ela também não tinha certeza, mas precisava acreditar naquilo tanto quanto eu.



Batia incessantemente os pés no chão do corredor aguardando por notícias. Era a segunda vez que eu estava aqui em poucos dias, e já odiava cada momento novamente.

A essa altura, Malcon e Jackson também já estavam aqui. As meninas contaram que ela havia, mais cedo, contado sobre a doença.

Anemia Falciforme.

O tipo de coisa da qual sabemos que existe, mas nunca, de fato, procuramos entender o que é, ou como funciona, muito menos formas de ajudar pessoas que precisem de cuidados, porque a verdade é que por mais que exista muitas pessoas no planeta com essa doença, inevitavelmente, se não é com alguém próximo, a gente não se importa.

Passei a última hora sentado com o celular na mão procurando qualquer informação por menor que fosse a respeito da doença. E tudo que eu lia, basicamente apontava que era uma vida fadada à dor.

Saber que a minha garota estava passando por tudo aquilo sem nem ao menos se sentir confortável para dividir comigo, conosco, me destruía.

O quanto ela não teve que aguentar?

As pequenas coisas que sabia a seu respeito foram fazendo sentido.

Olhei para a recepção cogitando ir até lá mais uma vez. Estava nervoso, ansioso, com medo. Queria saber qualquer coisa a respeito da minha garota. Todos nós já havíamos perguntado na recepção pela Chiara pelo menos

umas cem vezes, e não restavam dúvidas de que eles queriam simplesmente nos mandar de volta para o campus. O que nós sabíamos é que ela estava com um médico de confiança, o médico que a acompanhava desde que ela havia chegado aqui.

Ao notar nossa confusão, a mulher explicou que Chiara fazia acompanhamento frequente e que, a cada quinze dias, estava no hospital para transfusão de sangue e uma bateria de novos exames.

Isso só mostrava o quanto nós não sabíamos nada a seu respeito. O quanto nós tínhamos o costume de esconder nossas piores camadas das pessoas que estavam à nossa volta.

Eu havia mentido para meus irmãos a vida inteira, Chiara havia ocultado uma grande parte dela de nós. A ideia de que vestíamos máscaras para evitar causar dor a quem amamos era sufocante neste momento, porque apenas deixava claro que nós, eu e ela, sempre tivemos pessoas com quem podíamos ter compartilhado qualquer coisa, mas ainda assim, por medo, preferimos lidar com nossas dores sozinhos.

— Como você está? — Malcon perguntou, sentando-se ao meu lado. Jackson estava com ele, ficando do meu outro lado. O capitão do hóquei deu um tapa em minha perna.

— Sinceramente? Não sei. Eu só... Eu fico pensando e... ela pode morrer, sabe? — Neguei com a cabeça. — Isso não faz o menor sentido, Malcon. Ela é uma garota incrível, inteligente, que devia ter uma vida feliz pela frente.

Mas ela tem uma doença que pode tirar a sua vida. Eu nunca nem a ouvi reclamar de nada. E ela pode só... E meu coração parece afundar no peito ao cogitar essa ideia.

— Ela não vai — meu irmão falou, firme.

— Concordo com seu irmão. A Mad passou os últimos minutos contatando os melhores hematologistas do mundo. Você não faz a menor ideia do que aquela garota é capaz pelas pessoas que ama. Se ela tiver que fretar um jatinho particular pra trazer o melhor médico para atender sua garota, ela vai. Nós todos vamos ajudar. O hospital já contatou os pais dela e daqui a pouco eles vão chegar. A Chiara vai ficar bem.

Nós nos levantamos, todos ao mesmo tempo, quando vimos o médico que a estava atendendo entrar na sala de espera.

— Vocês são o grupo de estudantes que estão tentando deixar a equipe do hospital doida, então? Sou o doutor Strass, médico da Chiara. — O tom era de brincadeira, como se quisesse apenas quebrar o gelo. — Gostaria de conversar com vocês, em minha sala.

O homem apontou em direção a um corredor, e nós o seguimos. As paredes brancas naquele momento estavam me deixando ainda mais nervoso. Ele abriu a porta de uma sala, esperando que todos entrássemos para fechá-la. Quando conseguiu chegar à sua mesa, sorriu.

Tentar deixar a equipe doida era usar palavras gentis demais. As meninas tinham me explicado as coisas que a Chiara contou a

elas, mas ainda estávamos completamente leigos no assunto.

Preocupados e movidos pelo desespero, a cada momento íamos fazer novas perguntas na recepção. Sobre ela, sobre a doença, se havia alguma maneira de falar com o médico especialista, o dono do hospital, qualquer pessoa que estivesse disposta a nos atender.

O fato de não sermos da família da Chi, tornava o acesso a qualquer informação praticamente impossível. Porém, eu acreditava que por sorte, uma das atendentes pareceu se comover com nosso desespero e disse que ia perguntar ao médico da Chiara se ele estaria disponível para conversar conosco. Ela disse que, na escola, tinha estudado com um garoto que também tinha a anemia falciforme, e que entendia nossa preocupação.

Não fazia ideia do que ela havia dito ao médico, mas ele aceitou conversar conosco. Eu seria eternamente grato a ela.

— Não é prática do hospital que passemos notícias dos pacientes para ninguém além da família, mas essa também é uma situação incomum. Por se tratar da Chiara, somado ao fato de que ela chegou aqui muito agitada com a presença de vocês, e dos seus pais terem liberado essa conversa, estou abrindo uma exceção — o homem explicou. — Sinto muito também por não ter cadeira para todos, mas como disse, essa é uma situação inusitada.

— Não tem problema, não nos importamos com isso — Leigh interveio, prática, sen-

tando-se ao lado da Mad nas cadeiras disponíveis. — Só queremos saber se a Chi está bem.

O homem assentiu.

— A Chiara está estável. Eu a acompanho desde que se mudou para a Walker, mas a Chiara é paciente de um grande amigo meu — falou. — Essa é a primeira vez que ela tem uma crise, desde o ano passado, então, assim como vocês, estou descobrindo como o corpo dela vai reagir à crise.

Ele parecia seguro, e o fato de conhecer o médico antigo dela me deu um pouco de alívio também.

— Apesar das circunstâncias, gostaria de dizer que estou feliz em ver tantas pessoas aqui. Relações interpessoais que não envolvessem processos acadêmicos nunca foram a prioridade da Chiara, e levando em conta a maneira como ela saiu daqui na nossa última consulta, não esperava que tantas pessoas se importassem com ela. Isso é bom. Muito bom.

— Ela está bem? Sentindo dor? — perguntei, ansioso, sem aguentar mais aquela conversa que não nos levaria a lugar algum.

— Dentro do possível, Chiara está bem — garantiu. — Nós já administramos as medicações necessárias, e aos poucos, ela vai se estabilizar.

— Isso quer dizer que ela vai parar de sentir dor? Porque ela estava gritando tanto que eu... — Madison soltou o ar com força.

O médico olhou para ela de maneira condescendente.

— Pelo que a Thereza me disse, vocês não conhecem muito sobre a doença dela, correto? — Todos nós acenamos. Era, de fato, uma surpresa para a maioria.

— Ela só nos contou hoje, na verdade — respondeu firme.

— Então, imagino que vocês devam estar assustados, porém o que viram hoje, é uma coisa recorrente em pessoas que possuem a doença da Chiara, Anemia Falciforme. — Travei o maxilar. Simplesmente eu odiava esse nome. Odiava que a minha garota sofresse daquela maneira.

— Quando nós vamos poder vê-la? — quis saber.

— Quando a dor diminuir — falou, pausadamente, olhando para mim. — Vai ser melhor pra vocês, e ela mesma me pediu para que ninguém a visse daquela forma outra vez.

— Mas eu sou o namorado dela, preciso ter certeza de que a minha garota está bem — interrompi, convicto.

— Namorado? — Ele ergueu a sobrancelha para mim, como se estranhasse a novidade.

Andrew, Leighton e Madison me encararam também.

— Sim. Namorado. — O homem me analisou por um tempo, depois começou a balançar a cabeça de maneira afirmativa.

— Foi você quem esteve aqui alguns dias atrás, não foi? O garoto atropelado?

Meu coração galopou no peito, tendo certeza de que ele me consideraria uma pés-

sima influência para Chiara por conta das drogas.

— Ele mesmo — Andrew falou. — Tem distúrbio do sono, mas já começou um tratamento.

O homem continuou a me encarar, e eu não desviei o olhar. Não me importava com a opinião dele a meu respeito, só precisava ter certeza de que ela estava bem.

— Bem, namorado. Nós veremos o que podemos fazer por você. Mas antes — ele olhou para todos que estavam na sala —, acho que seria importante que vocês compreendessem um pouco sobre a doença da Chiara.

O homem pegou uma folha de papel, desenhando hemácias normais e hemácias em forma de foice, enquanto explicava que a anemia falciforme é uma doença hereditária, e que só é possível ter quando ambos os pais possuem o traço da doença. Que quando apenas um deles possuía, isso não era possível. Ele disse também que a doença causava deformidade nos glóbulos, bloqueando a circulação sanguínea. Ele explicou que as pessoas com essa doença eram afetadas de maneiras distintas. Alguns pacientes sentiam os sintomas de maneira mais leve e apresentavam menos crises ao ano, outros tinham sintomas mais severos, podendo apresentar mais crises.

O doutor também explicou, quando meu irmão questionou, que a Chiara fazia uso de medicação que ajudava a controlar as crises, e que por isso ela não tinha apresentado nenhuma desde que nós a conhecemos.

As meninas interromperam, fazendo perguntas levando em conta o caso dela. Infecção por conta do ferimento no dia do atentado, AVC, e diversas internações com síndrome torácica aguda. A cada nova descoberta, sentia que meu ar faltava um pouco mais.

Era... desesperador.

— E o que nós podemos fazer pra ajudar? Quer dizer, a evitar que crises assim aconteçam? — Leighton quis saber, e eu dei um passo para frente, forçando-me a prestar atenção nas palavras do médico.

— Evitar frio, então é importante que ela esteja sempre aquecida, problemas emocionais, desidratação, infecções e gravidez. — Ele me encarou por um instante e puta que pariu, nós não tínhamos usado camisinha na última vez, se ela estiver grávida? — Tudo isso pode acarretar algum tipo de crise. É importante ter cuidado com suas pernas, usando meias grossas e sapatos mais firmes. Feridas podem virar úlceras que levam muito tempo para tratar. Vocês terem a trazido, e não medicado quando perceberam a febre foi importante. A febre é sinal de infeção no corpo, e uma infecção pode levar à morte.

Morte.

Morte.

Morte.

Minha respiração começou a sair mais rápido e eu não conseguia sugar o ar necessário para meus pulmões.

Ela podia mesmo morrer.

Era por isso que Chiara havia terminado comigo.

— Benjamin, você está bem? — Jackson perguntou, segurando meu braço.

Eu não conseguia mais registrar as coisas que estavam acontecendo. Mas sabia que eu estava sentado, Andrew ajoelhado à minha frente pedindo que eu respirasse, enquanto alguém me entregava um copo de água.

Ela podia morrer, meu Deus.

Chiara podia morrer.

Eu não sabia se conseguiria lidar com isso.

A garota que eu amo podia morrer.

Fechei os olhos ouvindo as batidas do coração da minha mãe outra vez.

FRACO

FRA. CO

FRA

CO



Capítulo 39 – Benjamin

O dia já tinha amanhecido e nós ainda estávamos aqui.

Com medo.

Assustados.

E eu queria vê-la. Mais do que qualquer coisa.

Meus braços estavam apoiados em minha perna, e eu inspirei fundo, nervoso, vendo os médicos e enfermeiros irem e virem sem nada que pudesse ser dito sobre a minha garota.

Ergui o rosto bem a tempo de ver um casal se aproximando na recepção parecendo aflitos.

— Queremos saber sobre a nossa filha, Chiara — a mulher falou, apressada, com a voz trêmula, indicando que começaria um choro a qualquer momento.

— Nós somos os pais dela — o homem completou.

Meu coração aliviou um pouco no peito ao vê-los.

A recepcionista falou alguma coisa que não deu para ouvir, mas levantei-me caminhando até eles. Pelo inchaço nos olhos, era

fácil notar que a mulher havia chorado bastante.

Eu estava com medo, mas ao mesmo tempo aliviado. Seria bom para Chiara ter os pais presentes quando ela abrisse os olhos, quando a dor cessasse. Seria bom ter todo o amor que ela pudesse a rodeando.

— Vocês são os pais da Chiara? — perguntei, tenso, ao me aproximar. Ambos olharam para mim, assustados.

— Sim. Nós somos, você a conhece? — a mulher perguntou novamente. Dessa vez, havia um pouco de brilho nos olhos.

— Sim. Eu sou o... sou o namorado dela, Benjamin. Benjamin Davis — falei, erguendo a mão para um aperto. — Eu sei que é uma péssima forma de...

— Namorado? A Chiara está... — A frase morreu, e ela piscou. Não sabia dizer se era emoção nos olhos negros, mas úmidos da mulher, mas ela me abraçou, ignorando minha mão estendida. — Ela está bem? Você a viu?

Aquele abraço era estranhamente reconfortante.

A mulher me apertou contra seus braços começando um choro sofrido.

O homem, seu pai, ajeitou os óculos no rosto, parecendo emocionado e surpreso ao mesmo tempo.

Retribui o abraço com firmeza.

— Eu a vi. Eu a trouxe, na verdade. — Ela se afastou olhando meu rosto. — Nós a trouxemos. — Apontei para meus amigos

que estavam logo atrás. A mulher foi cumprimentá-los.

— Senhor — estendi a mão para o homem a minha frente que, assim como a esposa, me apertou em um abraço emocionado. — Obrigado. Obrigado por ter trazido a minha filha.

— Não foi nada, senhor. A única coisa que eu quero, é que ela fique bem — respondi, com a voz travando por conta da garganta arranhando com as lágrimas.

— Ela vai, filho. Ela vai. — Ele deu dois tapinhas em minhas costas novamente antes de se afastar e me olhar dentro dos olhos.

— Obrigado — repetiu.

Mas era eu quem devia agradecê-los por terem trazido ao mundo a garota mais forte e incrível que eu já tinha conhecido.



Depois das apresentações, o médico chegou, levando-os para vê-la. Eu não conseguia acreditar ainda no que estava acontecendo.

Minha garota estava hospitalizada e eu não podia fazer nada além de esperar. E esperar é uma droga.

Meus sogros retornaram para conversar um pouco mais conosco após tê-la visto. Malcon tinha entregado um copo de café para dona Sylvia que estava nos contando sobre o estado da Chi.

— Eu estou tão feliz ao ver que minha filha tem pessoas que a querem bem aqui. —

Ela passou a mão pelo rosto, secando-o. — Uma das minhas maiores preocupações era que a Chiara não tivesse ninguém com ela em momentos como esses.

— A sua filha tem uma família aqui. — Madison garantiu, segurando as mãos da mulher.

— Nós todos a amamos. — Leigh reiterou. — E aqui cuidamos da nossa família.

Dona Sylvia sorriu emocionada, dando as mãos ao marido.

Depois, eles começaram a nos contar sobre a Chi. Sua teimosia, sua inteligência e sua doença também. As dificuldades e tudo que já enfrentaram com ela.

Isso só mostrava o quando a Chiara era uma mulher forte, o que me fazia sentir um idiota. Um idiota por ser fraco e sucumbir aos meus medos.

Mas eu estava disposto a mudar.

Estava disposto a ser forte, e fazer o necessário por ela



— Tem certeza de que você está bem? — Jonh perguntou outra vez, virando o carro à esquerda, como eu havia instruído.

— Ainda confuso, ainda sem acreditar em tudo isso. Eu... Só queria acordar e ver que tudo isso era um pesadelo, sabe? — Olhei para ele, que assentiu.

— Sei como é. Quando Jackson me contou sobre você, porra... eu... Eu nunca vou es-

quecer o que senti. Um peso. Saber que era por minha culpa que você estava ali também.

— Não foi sua culpa — garanti.

Ele olhou para frente sem dizer mais nada, mas eu sabia que não estava convencido de que não era culpa dele. E eu não o culpava, de verdade.

Antes de sermos expulsos do hospital pelos pais e médico da Chiara, ele permitiu que eu a visse por meio segundo da porta de seu quarto, mas apenas se nós garantíssemos que íamos embora em seguida para evitar um tumulto.

Chiara estava dormindo, e ele me jurou que ela não estava sentindo nada naquele momento, pois estava medicada.

Pedi, discretamente, que fizessem um exame de sangue para descartar a possibilidade de uma possível gravidez. Meus irmãos e nossos amigos ficaram surpresos com o pedido quando revelei a eles mais tarde, mas aparentemente levava alguns dias para que uma criança, de fato, fosse detectada no exame.

Eu estava exausto e ansioso por notícias. Mas também grato por ter conseguido olhar para o seu rosto, nem que fosse por alguns instantes. Os pais da minha garota eram incríveis, e eu tinha gostado muito deles.

Malcon e Madison estavam resolvendo um hotel perto do hospital para que eles pudessem descansar. Os dois recusaram, mas a reserva foi feita. Ficar no hospital direto seria inviável e cansativo. E eu nunca seria capaz de agradecer aos meus amigos por tudo que estavam fazendo.

Fui embora a contragosto. Com o coração na mão. Mas eu precisava cumprir a minha palavra, mesmo que a minha vontade fosse acampar na frente do hospital.

Depois de chegar em casa, minha mente não conseguia desligar, e eu precisava de uma resposta. Resposta que apenas uma pessoa podia me dar. E eu fiquei grato por Jonh ser doido o suficiente para aceitar a proposta que eu havia feito e pegado a estrada comigo, ainda antes que o sol raiasse, escondido de meus irmãos.

Ficamos em silêncio por alguns instantes.

— Eu vou contar pro treinador — ele disse. — Vou contar que era eu quem te repassava as coisas.

— Você não precisa fazer isso, cara.

— Preciso. Preciso por que como vou dormir em paz sabendo que eu podia ter matado você? Eu fiquei péssimo com aquilo, cara. Péssimo mesmo. E eu não quero me sentir assim, sabe? Não quero saber que eu posso ser responsável por destruir a vida das pessoas só porque eu preciso de grana. — Jonh soltou o ar com força. — Eu sinto muito, de verdade.

— A culpa não é sua. Fui eu quem te procurei no final das contas, e você resistiu muito em me passar, caso não se lembre.

— Mas passei. E me sinto um filho da puta por isso. Além do mais, você não sabe como ele chegou puto no treino. O homem está decidido a descobrir quem mais está envolvido nessa merda, e se for pra sair de lá, eu quero sair de cabeça erguida. Não escorraçado

depois de ter me escondido como um filho da puta.

Suspirei.

— Eu vou com você. Faço questão — falei, apontando para a casa que surgiu logo depois. — Essa aí.

Apontei para a casa onde eu havia passado a infância. Onde eu tinha vivido momentos maravilhosos e também todos os piores possíveis.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — ele perguntou, e eu encostei minha cabeça no banco, fechando os olhos.

— Não, mas eu sei que é necessário. Já volto. Te convidaria para entrar, mas...

— Sem problema. Te espero aqui.

Assenti, abrindo a porta do carro.

Caminhei lentamente até a entrada da casa. Ainda era cedo. Quando saí do campus meus irmãos estavam dormindo depois da madrugada que tivemos. Eu não consegui descansar. Minha mente só pensava nela. Na sua dor. No seu sofrimento, em como eu podia fazer para ajudá-la.

Mas também pensava em mim.

Se eu suportaria viver tudo aquilo mais uma vez. Se eu aguentaria viver sabendo que a mulher que eu amava simplesmente podia pegar uma infecção e morrer, ou ter um problema no pulmão e morrer, ou ter qualquer coisa e morrer.

Peguei a chave extra que ficava debaixo de uma das plantas, em seguida abri a porta. A casa não havia mudado muito. Estava mais

arrumada, o que significava que Olívia havia passado uma boa parte da noite arrumando.

Às vezes, quando estava nervosa, ela fazia essas coisas.

Imaginando que a pessoa com quem eu queria falar estava no escritório, segui para lá. E não errei. Alguns poucos fios loiros ainda se escondiam entre os grisalhos, jogados de qualquer maneira por cima do rosto que estava grudado na mesa. Sem a menor sombra de dúvida havia bebido até dormir outra vez. Com sorte, ele conseguiria ter uma conversa minimamente lúcida, ou eu teria perdido tempo vindo aqui.

Sem saber o que fazer, dei um chute em seu pé. Ele se mexeu um pouco, mas não acordou.

Soltei um suspiro, mas dessa vez puxando seu cabelo.

— Que porra é... — gritou, mas parou apertando os olhos em minha direção, como se estivesse me reconhecendo. — Que caralho você está fazendo aqui?

Não parecia tão bêbado quanto da última vez em que estivemos aqui no Dia de Ação de Graças.

— Oi, eu queria... precisava falar com você.

Ele riu.

— Você precisa falar comigo? — Ele riu. — Você nunca se importou comigo, ou com o que eu tinha a dizer, muito menos com o que eu queria, e agora quer falar comigo? O maravilhoso não conseguiu resolver algo pra você?

Balancei a cabeça em negativa.

Eu era um idiota por achar que poderia encontrar aqui algum consolo. Alguma resposta. Um pequeno pedaço de humanidade, de sentimento paterno com ele. Nem acreditava que viajei por horas apenas para vê-lo no mesmo estado deplorável de sempre. E o pior é que nem precisei de porcaria alguma para tomar essa decisão estúpida.

Tinha feito isso de maneira consciente.

— Quer saber? Foi a porra de um erro — disse, virando as costas e ignorando sua voz que seguia praguejando em minha direção.

Parei na porta. Não. Ele me devia essa resposta. Eu nunca, em anos, pedi nada a ele. Apoio, carinho, colo, grana. Nada. Tudo que eu recebi de bom nos últimos anos, foi através do meu irmão. Ele me devia por cada maldito dia em que eu vivi vendo-o se arrastar por aí, enchendo a cara, gritando conosco, matando-nos um pouco mais a cada dia. Ele me devia isso já que sabia que era nosso pai, e ainda assim escolheu esquecer a sua obrigação de cuidar de nós. Dos seus filhos.

— Como você fez? — Virei o corpo em sua direção. — Como você fez pra continuar vivendo sabendo que a pessoa que você mais ama foi embora pra sempre?

Ele piscou.

Sua expressão suavizou por alguns instantes.

Foi a primeira vez em anos que eu vi um brilho nos seus olhos.

Com um pouco de esperança, comecei a entrar no escritório outra vez.

— A minha namorada — falei, ganhando um pouco da sua atenção. — A minha namorada ela pode... E eu não sei o que fazer.

Ele soltou uma risada pelo nariz, sentou um pouco mais ereto e pegou a garrafa que estava ao seu lado.

— Você é um filho da puta fodido, garoto. O Andrew pode ser a porra do seu herói, mas no final das contas, você vai terminar igualzinho a mim, seu pai. Não existe vida após isso — garantiu, dando um gole. Eu assisti, paralisado. Era esse o meu destino? Me tornar alguém como ele? — Se eu fosse você, começaria a escolher as marcas preferidas.

Senti meu estômago embrulhar com aquela possibilidade.

Eu não queria ser como ele. Um bêbado que esqueceu o mundo vivendo em função da sua dor.

Eu não sabia como seriam as coisas no futuro, mas eu tinha certeza de que eu jamais me tornaria alguém como ele.

— Quer saber? — Acenei, feliz por ter certeza sobre ao menos uma coisa naquele momento. — Eu sabia a resposta antes mesmo de passar pela porra daquela porta. Eu a amo. Muito. E eu posso perdê-la amanhã, semana que vem ou no próximo ano, mas eu vou me certificar de viver cada dia fazendo com que ela possa se orgulhar de mim, de onde quer que esteja, diferente de você.

Comecei a andar em direção à porta outra vez, tendo certeza das minhas palavras. Eu jamais seria como ele. Jamais.

— Benjamin — ele me chamou, quando eu estava prestes a sair. Parei, sem me voltar em sua direção. — Se eu pudesse voltar no tempo, eu faria com que ela fosse feliz em cada dia que pudesse viver.

Engoli em seco ouvindo, pela primeira vez, uma ponta de arrependimento em sua voz. Meu coração bateu forte no peito, e eu passei pela porta, fechando-a atrás de mim.

Não havia mais o que ser feito. Ele havia escolhido aquela vida. Ele decidiu viver agarrado àquela dor, como se apenas aquilo existisse no mundo. Nada que qualquer um de nós pudéssemos tentar mudaria esse fato. Mas nós não podíamos nos diminuir para caber em seu mundo e vivermos refém da sua dor. Nós quatro também sofremos, também sentimos sua falta todos os dias, mas havíamos escolhido um outro caminho.

Escolhemos viver para orgulhá-la, ao invés de viver seu luto eternamente. Afinal, não existia nada que a mamãe fosse querer mais do que nos ver seguindo a vida, e sendo felizes da melhor maneira possível.

— Ben? — Oly chamou da escada, confusa ao me ver. — Pensei ter ouvido a sua voz. O que você está fazendo aqui?

Inspirei fundo, caminhando até minha irmã e plantando um beijo em sua bochecha. Ela me abraçou forte, e eu me espantei, mas aproveitei o momento. Oly havia enjoado dos

abraços dos irmãos cedo demais, e eu sentia falta da minha pestinha preferida.

— Vim em busca de respostas, pirralha.

Ela se afastou um pouco, formando uma linha com os lábios.

— Encontrou?

Balancei a cabeça, indicando que parcialmente.

— Mais ou menos. Podemos dizer que eu sei quem não quero ser. Já é um começo.

Olívia sorriu um pouco.

— Sim, já é um começo. — Ela fez uma careta. — Eu sinto muito pela sua namorada. O Jackson me contou. Sei que sou implicante, especialmente com você, Ben. Mas eu fiquei feliz por você ter encontrado alguém que te faz feliz. E mesmo que ache que ela diminuiu um pouco o padrão aceitando você, espero que ela fique bem. Você merece ser feliz, irmão.

Senti minha garganta travando um pouco.

— Obrigado, irmã. — Bati o dedo em seu nariz como fazia quando ela era criança. — Sabe de uma coisa? Já que eu estou aqui, vamos aproveitar e tomar um café da manhã fora. Eu pago.

— Não preciso do seu dinheiro, Benjamin Davis. Eu tenho o meu — arqueou a sobrancelha para mim de maneira desafiadora —, mas vou deixar você pagar, afinal, eu mereço ser mimada um pouquinho.

Oly sorriu um pouco subindo as escadas.

Talvez vir aqui tenha sido uma péssima ideia, mas pelo menos me fez ver o que eu não quero.

Eu não queria, de forma alguma, ser como ele.

E sabia que havia pessoas em minha vida com quem eu poderia contar para que, ainda que eu a perdesse, meu caminho fosse completamente diferente.



Capítulo 40 – Chiara

Inspirei, ainda de olhos fechados, pronta para sentir a dor de sempre.

Nada.

Não havia dor.

Sorri, mesmo de olhos fechados.

Não tinha dor. A crise havia acabado.

— Filha? — mamãe chamou, e eu ouvi o som dos seus sapatos batendo no chão. — Você está bem?

— Humrum — respondi, com medo de abrir os olhos e ver que era um sonho. Que eu não estava bem, e que meu corpo voltaria a arder em segundos.

Senti seus lábios em minha testa, e ela segurou minha mão em seguida.

— A dor passou?

Anuí.

— Sim. Estou melhor. — Abri uma pequena fresta dos olhos, mas a claridade me incomodou um pouco. Apertei os olhos com força, depois tentei abrir novamente. A primeira coisa que vi foi mamãe, com o rosto abatido, mas sorriu para mim.

— Oi.

— Oi! — Sorri de volta. — Quantos dias?

— Quatro. Quatro dias.

— Menos tempo que a última crise — comentei, otimista.

— Sim, amor. — Ela beijou minha testa outra vez. — Tem certeza de que está bem?

— Estou, eu juro. — Olhei ao redor do quarto em que eu estava instalada. A TV estava ligada em um filme policial e no sofá, tinha alguém deitado. As roupas pretas, enrolando quase como uma bola, dormindo.

— É o papai? — perguntei, estranhando o corpo menos rechonchudo.

Ela sorriu, achando graça.

— Não, amor, seu pai ficou aqui comigo até ontem, mas precisou retornar e volta no final de semana.

Confusa, franzi o cenho, olhando para a pessoa deitada. Os fios loiros me fizeram piscar.

— Bonito seu namorado — mamãe comentou, notando a direção onde eu encarava.

Assustada, olhei para minha mãe.

— Meu... namorado? — Franzi o cenho, encarando o corpo inerte, com o coração quase saindo do meu peito.

— Sim. O Benjamin. — Mamãe me encarou como se eu estivesse ficando maluca. E, meu Deus, o Benjamin havia dito à minha mãe que nós dois estávamos namorando? Pus a mão sobre o coração enquanto tentava recuperar a respiração. — Tem certeza de que está

bem? Não consegue lembrar do seu namorado. Acho que vou chamar o doutor Strass e...

— Não — sorri, com um aperto no peito —, não precisa. Eu só... Não sabia se ele...

— Se ele gosta de você? — mamãe perguntou, fazendo-me olhar para ela. — Esse garoto precisou ser expulso daqui todas as vezes nas quais não estava enfurnado nesse hospital. E só foi à aula, porque o treinador ameaçou deixá-lo fora dos jogos. Seu pai ficou com um pouco de ciúmes, até. Mas no fundo, adorou o garoto. — Mamãe olhou para ele sorrindo, e eu ainda estava em completo choque. Benjamin havia conhecido meus pais e se apresentado como meu namorado. Namorado! — Esse garoto está apaixonado por você, filha.

Eu soltei um suspiro.

Ele gostava de mim.

Benjamin Davis ainda estava aqui, e gostava de mim.

Ele conheceu os meus pais, e ele gostava de mim.

Engoli em seco, porque eu queria chorar e sorrir ao mesmo tempo.

— Ele sabe sobre a...

— Sim. O doutor Strass abriu algumas exceções por se tratar de você, e foi muito solícito com Benjamin e seus amigos. Conversou com ele, o doutor Harris também fez questão de conhecê-los. Ele sabe o quão difícil é pra você fazer amigos. Eles fizeram uma chamada de vídeo, e aquela sua amiga, a loira, Madison? Ela estava a ponto de tirar você daqui e internar no hospital mais caro do país. — Eu

ri. Era mesmo a cara da Madison. — Todos os seus amigos estavam aqui por você, todos os dias. A Leighton passava aqui antes das aulas e após o trabalho, mesmo quando não podia subir por causa do horário de visitas. O Malcon sempre trazia alguma coisa para que eu comesse, o Andrew me obrigava a ir para o hotel que eles reservaram para mim para que eu tomasse banho e cochilasse um pouco. Todos eles foram incríveis com você, filha. Conosco.

— Eu fiz tanta coisa errada, mãe — suspirei —, eu surtei achando que eles iam me odiar, achando que eu atrapalharia a vida deles se soubessem da minha doença. Que eles iam abandonar a vida deles para cuidar de mim, eu não queria que eles fizessem isso pra no final perceber que não valeu a pena. Pra depois terem perdido tanto tempo como a senhora e o papai e...

— Chiara, seu pai e eu não perdemos tempo com você!

— Claro que perderam, mãe. — Neguei com a cabeça. — Tudo poderia ter sido diferente se eu não existisse. Se eu não fosse assim... você poderia ter seguido carreira em coisas que ama e o papai...

— Nós não seríamos nós mesmos sem você, querida! — Mamãe sentou na cama, à minha frente, segurando a minha mão. — Eu nunca quis uma carreira, grandes coisas, você sempre foi a minha escolha. A minha decisão. E eu amei você, Chiara, desde o instante que soube da sua existência. A minha vida não teria sido a mesma sem você, e eu não queria outra vida. Não queria outra filha, outro fu-

turo. Eu sou grata por ter você, exatamente do jeitinho que você é.

— Mas, mãe, sabe quantas vezes eu vi você chorar com medo de que aquele fosse o seu último instante comigo? Eu tenho certeza de que se a senhora tivesse sido mãe de uma pessoa...

— Eu não sou. Eu não quero ser, Chiara. Nunca quis. E sim, eu morria de medo de te perder, porque, nossa... Porque eu te amo mais do que qualquer outra coisa no mundo, filha. Porque pensar em não ter você doía. Muito. E eu lamento que você tenha tido uma infância diferente, que eu tenha sido uma mãe que sempre te cercou o tempo inteiro, mas eu estava protegendo a nós duas. Eu não queria, nunca quis te perder, filha. — Mamãe limpou as lágrimas que escorreram do seu rosto. — Eu amo você, Chiara. Do jeito que você é. Eu amo você com a sua anemia, eu amo você com todas as nossas vindas ao hospital. Você nunca, nunca filha, atrapalhou a minha vida. Eu amei você cada segundo em que vivemos e eu vou seguir amando você e suas conquistas. Nunca duvide disso, Chiara. Eu nunca — ela segurou meu rosto entre suas mãos —, nunca, trocaria você por nada nem por ninguém. Nem seus amigos.

— Mãe, eles...

— Quando você saiu de casa para vir estudar aqui, em um lugar distante, sem que seu pai e eu estivéssemos presentes para te ajudar quando necessário, eu morri de medo, filha. Morri de medo de que você estivesse sozinha quando alguma crise acontecesse, ou que as pessoas te achassem estranha. Ou que zom-

bassem de você como eu ouvi várias mães contarem nas terapias em grupo e...

— Espera, você fazia terapia? — Estranhei a informação.

— Sim. Uma vez por semana, com várias mães e pais que tinham filhos com Anemia Falciforme também. Muitas crianças passavam por situações horríveis na escola, e por mais que me partisse o coração ter que negar algo que você quisesse tanto, Chiara, eu fiz por você. Porque eu não queria que sofresse. — Ela não disse que na única vez em que cedeu, havia dado tudo errado, mas eu pensei isso. E acho que ela também. Eu sempre achei que mamãe estava o tempo inteiro a cargo de mim, mas saber que ela fazia terapia me deixava feliz também, porque ela também estava cuidando dela nesse meio tempo. — O que importa, é que vir aqui me deixa tranquila, porque eu sei que você tem pessoas ao seu lado. Pessoas que te amam. Pessoas que fariam qualquer coisa por você, filha.

Benjamin se mexeu um pouco, e nós duas olhamos para ele.

— Inclusive, tem uma coisa sobre a qual eu gostaria de conversar com você. — Pelo tom de voz, eu acho que estava encrencada. — Seu namorado pediu que fizessem um exame de gravidez.

Ela ergueu uma sobrancelha em minha direção e o sangue realmente parou de circular por todo meu corpo. Não acredito que o Benjamin falou isso.

Quando é que a terra se abre pra gente ser engolida mesmo?

— E... eu... n... nós... uma...

Mamãe segurou a minha mão.

— Acho que eu sempre a vi como a minha garotinha, Chiara. E você está crescendo. Fico triste que não tenha se sentindo à vontade para conversar comigo sobre a sua primeira vez, e só saber que você e Benjamin... se divertiram — mamãe balançou a cabeça de forma engraçada —, porque ele estava com medo de você ter engravidado e isso trazer algum agravamento a sua saúde.

— Não foi a minha primeira vez — confessei, olhando para nossas mãos unidas, mas se estávamos sendo sinceras, acho que era um momento propício.

— Não foi a... Você teve outro namorado aqui antes?

— Não — fiz uma careta —, foi com Hunter, nosso vizinho, lembra?

Mamãe ficou muda por alguns segundos.

— Hunter, o garoto que morava ao lado da nossa casa? Quando foi isso? Não acredito que você escondeu isso de mim e do seu pai...

— O papai sabe — confessei, mais baixo ainda.

Silêncio.

Muito silêncio.

— Você conversou com o seu pai, e não comigo? — Mamãe pareceu desapontada. Muito desapontada.

— Mãe, você nunca teria entendido. Sempre me proibiu de fazer as coisas que eu

queria, e eu estava curiosa, nós fizemos, eu me senti culpada, por fazer isso escondido, então preferi contar ao papai — falei, de uma vez.

Mamãe soltou o ar, meio decepcionada, depois passou a mão pelo rosto.

— Eu sei que nem sempre sou uma pessoa fácil e que na maior parte do tempo, sou uma péssima mãe, querida. Mas eu quero que você saiba que eu a amo, e que apoio as suas decisões. Que você é a pessoa mais importante da minha vida, e que sempre vai poder contar com o meu apoio.

Eu sorri, abraçando-a.

— Obrigada, mãe. E a senhora não foi uma mãe ruim, só protetora demais. E com motivos. — Franzi o cenho em uma careta.

Mamãe se ajeitou na cama, dividindo um pouco a cama comigo.

— E ele? Você gosta dele? — perguntou.

Nós duas olhamos para o garoto deitado no sofá enquanto dormia.

— Sim. Eu o amo, mãe — confessei. — Eu tentei me afastar dele, para não o fazer sofrer, mas não consegui.

— Então, eu espero que vocês dois possam se fazer muito felizes. — Ela beijou minha bochecha.

— Eu tenho medo. Por ele, sabe? — Ergui o rosto para olhar para ela. — Ele perdeu a mãe em um acidente. Ele estava com ela. E se me perder for demais para ele? Eu não quero que o Ben se perca.

— Amor, eu entendo que você tenha muitos receios, mas seria idiotice deixar de

viver algo bonito hoje, com alguém que você ama, e que te ama de volta, por medo do que pode acontecer amanhã. — Mamãe me puxou, aconchegando-me em seu corpo. — Não tenha medo, Chiara. Só viva esse momento.

— Eles já te contaram sobre o coração? — perguntei, confusa com sua reação positiva demais.

— Sim. — Ela beijou a minha cabeça. — Contaram. Mas nós não vamos nos concentrar nisso por enquanto. Vamos pensar no agora, é o único momento que podemos viver. E agora eu só quero ficar aqui, agarradinha com a minha filha, como nos velhos tempos.

Sorri, dando um beijo em seu braço.

Não fazia a menor ideia do que podia ter acontecido enquanto eu estava dormindo, mas eu gostava demais daquela versão da minha mãe para questionar.

Olhei para Benjamin mais uma vez.

Mamãe estava certa.

Eu só podia viver o hoje, e se ele realmente quisesse, eu gostaria de viver todos os *hojes* possíveis ao seu lado.



Lauren e Simon também vieram me ver, e eu fiquei feliz com isso. Mostrava que os laços que eu havia criado eram, de fato, verdadeiros.

E se eu achava que já havia passado por todas as dores na vida, não fazia a menor ideia de como doía a dor do constrangimento.

Meu médico – e meus pais – me deram uma leve bronca antes que eu fosse liberada. Foi a primeira vez em que tive uma crise aos seus cuidados. O doutor disse que era importante que ele soubesse que eu tinha um namorado – o que pra mim ainda era surpreendente, dadas as circunstâncias.

Ele explicou sobre os riscos de uma gravidez, e que o teste tinha dado negativo. Quase morri de vergonha por ter que passar por essa conversa com meus pais ao meu lado. Agora, eu era uma adulta que tinha livre acesso a um anticoncepcional.

— Não tenho idade para netos, filha — meu pai brincou, empurrando a cadeira de rodas em direção a saída.

— E eu não tenho o menor coração para isso. Imagina? Quero netos sim, mas na hora certa, mocinha. Você ainda tem muito o que fazer pela frente — mamãe concordou.

— A gente pode não falar sobre isso, por favor? — pedi, constrangida.

— Se você é adulta o bastante para fazer sexo, também é adulta o suficiente para lidar com as consequências de uma conversa com seus pais.

Bufei, escondendo meu rosto entre as mãos.

Mas, no fundo, eu também estava animada. Era bom finalmente poder contar coisas a minha mãe sem que ela quisesse me pôr outra vez na sua bolha.

Eu tinha certeza de que as coisas iam acabar bem. Havia pessoas que me amavam ao meu lado, e, bem, eu tinha um namorado que

estava disposto a ficar comigo, mesmo que eu mal o tivesse visto.

Talvez essa fosse, enfim, a vida normal que eu sempre quis.



Capítulo 41 – Benjamin

Infelizmente, ficou tarde demais para que eu esperasse para conversar com Chiara e eu fui posto para fora do hospital sem tê-la visto acordada.

Mas eu não achei de todo ruim.

Eu tinha um plano para quando ela acordasse, e todos os nossos amigos estavam empenhados nisso.

Nos últimos dias a minha rotina mudou bastante. Comecei com a terapia da universidade mesmo. Primeiro, nós conversamos sobre o meu conceito de que terapia era coisa de maluco, mas àquela altura, eu preferia ser considerado maluco fazendo terapia a continuar fazendo besteiras, como eu estava. Isso sim era loucura. E destrutivo.

A psicóloga com quem estava havia iniciado tratamento, explicou que os remédios que eu estava tomando nos últimos meses haviam passado por uma regulamentação, incluindo uma advertência em sua embalagem. Houve casos de pessoas que morreram em decorrência ao sonambulismo por conta do remédio, e que se colocaram em situações de perigo real. Na Geórgia, algum tempo atrás, uma mulher foi presa, dirigindo na contramão sem

nem se dar conta, e, apesar de não ter bebido, testou positivo no bafômetro.

Ela não sofreu um acidente, mas podia ter sofrido. Ela podia ter destruído a vida de uma família, como fizeram com a nossa. E eu não queria, em hipótese alguma, causar a mesma dor que causaram em nós a alguém.

Ainda estava tomando remédios, mas agora todos com prescrição médica. Minha psicóloga havia me explicado que meu tratamento seguiria a linha da terapia cognitiva-comportamental, onde o foco era direcionado aos traumas desenvolvidos na infância e adolescência. A ideia era realizar uma psicoeducação a respeito do trauma e trabalhar também nos sintomas. Parecia complexo, mas no final das contas, era simples: A TCC era uma linha que buscava reduzir as respostas emocionais negativas ao trauma. No meu caso, o acidente.

Bem, não só esse.

Ela também levantou outras possibilidades que eu nunca tinha pensado, mas que depois de ouvir, aquilo ficou em minha mente e eu me dei conta do quão certa ela podia estar, por se encaixarem perfeitamente em meu perfil, como o fato de que, mesmo tendo meu irmão como figura paterna, nós éramos todos órfãos de pai vivo. E nada podia ser uma verdade maior.

Foi a nossa mãe quem morreu fisicamente, mas ele também estava morto. Desde aquele dia.

Enterrar nossa mãe nos ensinou a lidar com o luto dela de formas diferentes. Ver nosso pai, um morto-vivo, nos deixava confu-

sos sobre a relação com ele. Era como se todos os dias o víssemos morto, mas todos os dias também ele estava lá, respirando, andando, bebendo...

Ela também disse, e me doeu um pouco ouvir, especialmente por ter quase certeza de que era verdade, era o fato de que eu evitava confrontos e tentava sempre fazer uma gracinha com as situações mais adversas, justamente por ter medo de ser abandonado novamente.

Depois de perder nossa mãe, nosso pai e a senhora Suzan, a única pessoa que se dispôs a cuidar de nós, fazia sentido mesmo isso.

A nossa única constante era o Andrew e nós mesmos.

A psicóloga apontou a importância da continuidade do tratamento. Mesmo sabendo que cada pessoa era única, assim como cada caso, a constância do tratamento seria significativo para que eu aprendesse a conviver com o trauma. Ela sugeriu também que meus irmãos fizessem tratamento.

Eu estava disposto a seguir. Queria melhorar. Queria muito.

A Terapia Cognitivo Comportamental auxiliava no tratamento de diversas questões como dificuldades de relacionamento, luto, estresse, dificuldade de aprendizagem, transtornos alimentares, psicossomáticos, traumas, fobias, dependência química, entre outros.

Eu estava confiante de que daria certo. De que conseguiria vencer meus traumas e medos. E o mais importante, eu estava disposto a fazer funcionar.

E uma boa maneira de fazer as coisas darem certo, era assumindo os meus erros. Estava sentado ao lado de Jonh na cadeira em frente à mesa do nosso treinador. Nós viemos juntos, porque eu fiz questão de estar com ele neste momento. Jonh havia me dado a mão quando eu precisei, mesmo que tenhamos feito tudo errado.

— Então você é o traficante? — o treinador repetiu a pergunta.

Meu amigo confirmou com um aceno, envergonhado, depois de ter explicado como havia entrado para esse comércio.

— Sim, senhor — respondeu, de cabeça baixa. — E eu sinto muito que as minhas atitudes tenham causado transtornos — disse, encarando-o em seguida, e depois me olhando com tristeza. — Mais ainda, que quase tenha acabado com a vida do Ben.

Jonh me olhou como se quisesse se desculpar novamente. Ele se arrependia, e eu acreditava nele.

— Eu nem uso essas porcarias, treinador. Eu só repasso pra esses filhinhos de papai que tem por aí. E eu faço isso pela grana. Não consigo me manter aqui direito. Consegui a bolsa por causa do basquete, e meu sonho era me formar antes de ir pra NBA. A carreira de jogador pode ser curta, e eu queria ter um diploma, sabe? — O senhor Reynalds tinha o queixo apoiado nas mãos que estavam juntas. Os cotovelos apoiados na mesa, e um olhar especulativo. — Minha mãe estava precisando de grana também e eu... Eu sei que eu fiz uma merda sem tamanho e estraguei a minha

vida. Mas eu quis vir contar ao senhor pessoalmente. Eu fodi com tudo, mas também preciso assumir as responsabilidades dos meus erros, ainda que eles destruam a minha vida.

O treinador ficou em silêncio novamente, o que nos deixou ainda mais tensos. Não queria que o Jonh fosse expulso.

— Treinador, se o senhor me permite, eu queria lembrar que o sistema é foda, e que são os privilegiados que conseguem sobreviver da melhor maneira, enquanto todo o resto precisa lutar sempre pra chegar a algum lugar e o Jonh chegou aqui. Por mérito dele. Não é justo que ele...

— Silêncio, Davis! — ele não gritou, mas falou de uma maneira firme. — Porra, cocaína, cara? — Ele olhou para Jonh que baixou o rosto. — Sabe o que é foda? Eu sempre disse aqui nessa porra, que esse time é como uma família. Sempre me dispus a ajudar vocês com o caralho que fosse. Se você tivesse vindo conversar comigo, não ia precisar se meter com essa gente. E vocês sabem que sair dessa porra é difícil. Tanto pra quem vende, quanto para que usa.

Ele olhou para nós dois com a decepção estampada no olhar.

— Já conseguiu falar com o seu traficante? — perguntou para Jonh.

— Sim, senhor. Ele disse que não ia aceitar que eu devolvesse nada, queria o dinheiro da mercadoria, ou... — Deixou a frase no ar, mas sabíamos como ela terminava.

O treinador passou a mão pelo rosto, indignado.

— Quanto? — perguntou. Jonh baixou o olhar outra vez. — Quanto, caralho?

— Sete e quinhentos. — A voz estava baixa e envergonhada. — Mas eu vou conseguir a grana, treinador eu...

— Gostaria de saber como você pretende arrumar a grana já que sua última ideia te trouxe esse enorme problema. — Silêncio. — Então, qual a sua brilhante ideia?

— Eu... ainda não pensei nisso — confessou.

— Vocês, jovens, acham que podem tudo e que nunca serão descobertos. São todos uns burros, filhos da puta — reclamou —, mas como eu disse, esse time é uma família. Nós vamos dar um jeito nisso.

Nós dois olhamos para o treinador com os olhos arregalados.

— Treinador, eu...

— Ainda não quero ouvir a voz de nenhum dos dois — o treinador interrompeu, e nós nos afundamos na cadeira outra vez. — Eu não quero ouvir esse assunto outra vez na minha quadra ou no caralho dessa universidade. Vocês estão ouvindo?

— Sim, senhor — falamos juntos.

— Eu não vou reportar. Você não é o único aqui dentro que faz merda, mas foi o primeiro que eu conheci que parece realmente envergonhado com o que fez. E eu também sei que uma boa educação gera oportunidades de vida. Te entregar hoje, só faria com que você saísse daqui e se fodesse mais lá na frente. Eu quero estar na minha cadeira, daqui a al-

guns anos, olhando pra vocês dois jogando na porra do Lakes, Warriors, Knicks, Bulls, porque eu sei que vocês têm capacidade pra isso. — Meu amigo assentiu com os olhos arregalados e um quase sorriso de quem não acreditava no que estava acontecendo. — Eu vou conversar com alguns contatos e a gente vai conseguir um estágio para você. Não quero corpo mole nos treinos, notas baixas e muito menos você aprontando o que não deve no trabalho que vou te arrumar.

— Caralho, treinador... — Jonh respirou aliviado e emocionado ao mesmo tempo. — Eu juro que eu... Porra! Eu juro que eu nunca não vou foder com essa chance.

— E eu quero o nome — o treinador pediu.

— O nome? — falamos ao mesmo tempo.

— Sim. O nome do filho da puta que passava informações a respeito dos testes. Isso que vocês estão fazendo é sério, é grave, e eu não vou esperar que um de vocês, estúpidos, morra pra fazer alguma coisa — declarou, irritado.

Jonh pareceu apreensivo, mas concordou.

Nós levamos mais um tempo conversando, e isso só deixou claro o quanto o treinador se importava de verdade com as chances que nós teríamos no futuro. Aquele momento fez com que, depois do Andrew, eu sentisse uma admiração quase paterna por alguém pela primeira vez na vida.

Jonh e eu podíamos ter perdido tudo. A chance de uma carreira, a nossa graduação, e aquele homem simplesmente nos acolheu. Se já estávamos com disposição para trazer o troféu para a Walker antes, agora só se intensificava.

Nós daríamos o nosso melhor, e honraríamos a chance que estávamos recebendo.

— Ah, antes que eu me esqueça — falou, quando estávamos prestes a passar pela porta da sua sala. — Banco para os dois. Até que eu julgue que vocês mereçam pisar na minha quadra outra vez.

Era triste, mas justo.

Nós merecíamos a consequência.

— Sim, senhor — concordamos, agradecendo mais uma vez pela chance e passando pela porta.

Nós íamos trazer aquele troféu.

Ou pelo menos torcer para que o time o fizesse.



Eu estava nervoso pra caralho.

Nem tinha exatamente um motivo. Já havia conhecido os pais da Chiara e, mesmo tenso, por estarmos no hospital e ela nem ao menos poder fazer o meio de campo, deu tudo certo.

E apenas por um motivo: Porque nós sabíamos que queríamos o melhor para ela. Seus pais a amavam, e devem ter notado que eu também.

Depois da morte da minha mãe, eu não sabia o que era uma preocupação paterna. Meu pai nunca foi à escola saber a respeito de nossas notas, ou perguntou se precisávamos ir ao médico, nem foi verificar se tínhamos febre em algum momento.

Ele nunca nem ao menos se dignou a sorrir para nós, ou lembrar de nosso aniversário.

Eu fiquei emocionado vendo a maneira como os pais da Chi cuidavam dela. De como simplesmente apareceram no hospital quase que instantaneamente após saberem que a filha havia sido internada. Nosso pai nem ao menos saberia, se fosse com um de nós.

Chiara tinha bons pais, e eu estava feliz por ela. Mais ainda por termos nos dado bem.

Patricinha: Tudo pronto por aqui. Vamos, já estamos com a Chi.

Li a mensagem que a Madison mandou pela terceira vez enquanto tentava dar um nó na gravata azul para combinar com o vestido da minha garota.

Eu precisava agradecer para sempre a disposição que meus amigos tinham em me ajudar. Madison topou de primeira quando sugeri a ela minha ideia, mesmo sabendo que tecnicamente o que estávamos fazendo podia ser considerado um crime, mas era por um bem maior.

Nossos amigos, e pessoas que nem conhecíamos, haviam topado também entrar nessa brincadeira maluca pela minha garota, e eu jamais cansaria de agradecer.

Eu esperava que desse tudo certo. Estava nervoso pra caralho.

Mas também disposto a realizar todos os seus sonhos e ser o namorado perfeito que a minha garota merecia.

— Precisa de ajuda? — Andrew perguntou, parado na porta, com seu paletó preto. Estava muito bonito e, claro, tudo foi escolha da Leigh e Madison.

— Eu consigo dar um nó nessa merda — respondi, tentando novamente dar um nó na gravata.

Meu irmão riu, entrando no quarto.

— Tira a mão. — Com a destreza de quem estava habituado a isso, Andrew se aproximou, segurando as duas pontas da gravata, e eu relaxei, sabendo que ele conseguiria arrumar corretamente. — Lembra quando eu te ajudei a fazer isso pela primeira vez?

Sorri com a lembrança.

— Foi no Dia dos Namorados, quando eu fui à casa da Sophia Silver no oitavo ano.

— E você estava nervoso, só por ter que levar algumas flores pra ela — falou, enquanto desfazia o trabalho, para começar novamente. Provavelmente um dos lados da borboleta devia ter ficado torto. — Imagino como não deve estar se sentindo agora.

— Muitas coisas. Tantas, que eu sem saberia por onde começar. — Suspirei, passando as mãos pelos cabelos. — Mas também sei o que eu quero. Eu gosto dela. Mesmo, sabe? E eu sei que vale a pena.

Ele assentiu.

— Eu fico feliz por você, irmão. E me sentindo um idiota por ter dificultado as coisas. Você tem o direito de gostar de qualquer pessoa, e por mais que eu possa discordar em algum momento, não devia se deixar influenciar pela minha opinião.

— Não deixei — respondi, dando de ombros. — Não sobre isso. As coisas aconteceram como tinham que acontecer, afinal.

Andrew riu.

— E eu estou feliz por você não ter me ouvido. Eu posso me intrometer demais na vida de vocês, em muitos momentos, e é sempre pensando no melhor. Acontece que nem sempre aquilo que eu considero ser o melhor, vai ser pra vocês também.

Foi a minha vez de rir.

— Você não se mete demais, Andrew. Só faz o que um pai faria: Cuida de nós. — Dei um tapa em seu ombro, e meu irmão soltou o ar, parecendo aliviado.

— Só mais uma coisa. — Meu irmão pôs a mão na gravata, como se fosse arrumar algo que ficou fora do lugar, mas apertou um pouco demais a gravata, apertando os olhos pra mim, como se fosse falar algo muito sério. — Não falei nada antes porque, caralho, aconteceram tantas coisas que eu não queria trazer mais um problema, porém, sei que expliquei *muito bem* sobre a importância da camisinha. Sem filhos por muitos anos, Davis. Sem doenças também. — Ele folgou um pouco mais a gravata me permitindo levar ar aos meus pulmões.

— Foi só uma vez. — Passei a mão pelo lugar onde ele havia apertado instantes antes. — Sem bebês e sem doenças, eu juro.

Ele anuiu.

— Acho bom. Mesmo!

Andrew deu dois tapas em meu tórax, afastando-se novamente. Eu achei graça. Um segundo antes ele estava falando sobre se meter demais, e no seguinte, uma aula de educação sexual. Esse era meu irmão, e eu o admirava ainda mais por ser exatamente assim.

Meu celular vibrou outra vez, com uma mensagem da Madison.

Patricinha: Vocês estão indo? Nosso carro vai chegar em 5 minutos.

Virei o celular para meu irmão.

— Se você estiver pronto, eu estou.

— Por ela, eu estou pronto para qualquer coisa — afirmei, seguindo para a saída.

Seria a primeira vez que nós dois nos veríamos de maneira consciente depois de tudo que aconteceu, e eu esperava que Chiara quisesse o mesmo que eu, porque eu realmente estava disposto a fazer tudo por aquela garota.



Capítulo 42 – Chiara

As meninas haviam usado uma máscara de dormir em mim, depois de um dia no salão de beleza estilo comédia romântica com direito a champagne e massagem. Leighton e Madison disseram que nós tínhamos que comemorar minha saída do hospital em grande estilo. Mesmo um pouco cansada, não rejeitei a ideia. Era a primeira crise em bastante tempo, e eu tinha que comemorar mesmo. Especialmente por estar cercada de pessoas que eu amava.

Nós estávamos indo jantar fora, em um lugar surpresa. Sabendo que nossa amiga milionária estava envolvida nisso, eu não duvidaria que simplesmente aterrissaríamos em algum lugar do outro lado do mundo em algum restaurante dez estrelas.

— Tem certeza de que está confortável? — Leigh perguntou, arrumando alguma coisa no decote do meu vestido que eu ainda não tinha tido um mísero vislumbre.

— Está com frio? Eu posso...

As meninas estavam insuportavelmente protetoras.

Cuidados com as minhas roupas, garantindo que eu estivesse confortável, nada de ar-condicionado na massagista e mil ins-

truções para evitarem a todo custo qualquer movimento que pudesse machucar as minhas pernas. Às vezes queria bater nelas com tantas recomendações, mas eu as amava ainda mais por todo o cuidado que tinham comigo, e que tiveram com a minha mãe que estava, realmente, encantada com todos os meus amigos.

— Estou bem. — Bufei, interrompendo a frase da Madison. — Se vocês forem se tornar chatas assim, vou precisar de amigas novas.

Mad riu.

— Até parece que você saberia viver sem a gente. Você nos ama, garota.

Teria rolado os olhos, se eles não estivessem tapados.

— Já posso saber onde vocês estão me levando? — perguntei outra vez, mesmo sabendo que não iria obter resposta alguma.

— Não. Mas pode nos contar como as coisas com o Benjamin vão ficar.

Soltei o ar com força. Não sabia como responder ao questionamento da Leighton.

— Também não sei. — Brinquei com os dedos, levando mais um tapinha na mão da Madison que havia reclamado quinhentas vezes de que eu estragaria a pintura perfeita. — Nós não conseguimos nos falar. Ele me mandou uma mensagem dizendo que estava animado com a minha saída, e que nós tínhamos que ter uma conversa muito séria. Mas tinha um emoji de coração. Significa que ele gosta de mim?

Logo depois de acordar e ver Ben deitado no sofá do meu quarto, não consegui vê-lo mais.

Recebi a mensagem hoje pela manhã quando saí do hospital, pouco antes do meu sequestro. As meninas tentaram convencer a mamãe a vir conosco, mas ela disse que a ocasião pedia algo com as amigas, apenas.

— Ele disse que era seu namorado — Leigh falou, conspiratória. — Pros seus pais. Se isso não é gostar, eu não sei o que ele precisa fazer para que você acredite nele.

— Benjamin não faz a menor ideia de como é namorar alguém como eu.

— Linda, inteligente, sexy e que faz sexo sem caminha? — Madison zombou, pela voz, tentava prender o riso. — Sério? Como assim nós podemos ser titias? Você sempre surpreendendo, amiga. Pegou o Davis achando que ninguém ia notar e agora quer passar à frente do lutador. Nossa!

Balancei a cabeça em negativa, rindo dela.

— Não tem bebê algum. — Eu esperava, pelo menos. — Aconteceu no dia em que contei tudo a vocês. Eu não estava aguentando a aflição de não o ver. Queria ter certeza de que não havia nada errado com ele, e as coisas saíram do controle. Na hora, ninguém pensou em camisinha nem nada. Só... aconteceu.

Sorri.

Apesar de tudo, eu gostei muito que tivesse acontecido.

— Bom, pelo menos a gente sabe que o choro não foi por falta de satisfação, sabe...

— Madison! — Leigh chamou, mas riu também. — Tá, mas então, você quer ou não quer isso com o Benjamin? — quis saber também.

Suspirei.

— Eu só não quero magoá-lo. Não quero que ele surte por minha causa. Quando ele me contou sobre o acidente da mãe, era a única coisa na qual eu conseguia pensar. Em como ele não conseguiria lidar com tudo isso outra vez. — Madison juntou as mãos com as minhas.

— Tenho certeza de que vocês irão encontrar uma maneira de fazer dar certo. Agora nós chegamos. — O carro parou e as meninas pediram que eu as aguardasse. A porta foi aberta, e eu cuidadosamente conduzida a algum lugar.

As meninas me pararam e arrumaram a minha roupa.

— Onde estamos? — indaguei, nervosa com a falta de informações.

— Em um lugar. E nós queremos que você se concentre em uma coisa, Chi. Os sonhos podem sim se tornar realidade, e você merece ter uma vida feliz, com pessoas que te amem ao seu lado — Leighton disse, beijando minha bochecha e passando as mãos para eliminar a mancha do batom que devia ter ficado.

Ansiosa, pus a mão sobre a máscara.

— Posso tirar?

Surpresas não eram exatamente o meu estilo.

Nenhuma das duas respondeu.

Soltei o ar com força, levando os braços para trás, em uma tentativa de tirar a máscara, parei quando senti um par de mãos que eu já conhecia tocar minha pele. E não foi preciso esforço algum para saber que era ele.

Seu perfume.

A respiração quente em meu pescoço, fazendo com que meu corpo arrepiasse.

A sensação de choque passando por minhas veias.

— Pode deixar que eu faço isso — disse, apenas, dando um beijo em minha nuca. Minha respiração acelerou. Não contente, ele passou a ponta do nariz pelo meu pescoço. — Estava com saudade disso. Do seu cheiro. Dos seus cabelos. Da sua pele. De você.

A voz soava baixa e sedutora, e eu senti que podia cair ali a qualquer momento. Engoli em seco, sem conseguir reagir.

— Benjamin, o que você está fazendo? — perguntei, sentindo quando seu corpo volteou o meu e ele parou à minha frente.

— Te reivindicando de volta.

Não havia a menor dúvida em sua voz. Ele apenas afirmou, fazendo meu coração tremer. Novamente, levei as mãos para trás, tentando desamarrar o laço que as meninas haviam feito.

Senti sua respiração pinicar meu nariz e seus dedos tocarem os meus, enquanto me ajudavam a desfazer o laço.

Meu coração batia forte demais. Tão forte que eu me sentia incapaz de respirar.

Quando meus olhos foram liberados, Benjamin estava à minha frente, olhando em meus olhos. Seus dedos tocaram minha bochecha, como se estivesse há muito tempo esperando para fazer isso.

Não conseguia desviar o olhar.

Lá estava ele. Encantador, as pupilas dilatadas e tão perto.

Senti uma manada de elefantes brincando em meu estômago ao notar o quão lindo ele estava na roupa social preta e uma gravata borboleta. Eu sempre soube que Benjamin era incrivelmente lindo, mas assim, vestido daquela maneira, ele estava perfeito. Como num príncipe dos filmes.

Ele olhou para meus lábios por um instante.

— Benjamin...

— Você está... perfeita. Incrível. Linda. Eu juro que não existe ninguém no planeta como você. — Agora não eram apenas elefantes, eram todos os animais existentes dançando no meu estômago. E a forma como ele me olhava fazia com que eu realmente sentisse que era tudo aquilo. E muito mais. — Você pode me pedir para ir embora quantas vezes quiser, mas eu não vou. Eu vou ficar, Chiara. Para sempre.

Benjamin usou as palavras com tanta certeza que meu coração tremeu.

Balancei a cabeça em negativa.

— Você não tem ideia do que está dizendo — falei. — Aquilo que viu foi apenas um dia. E pode se repetir mil vezes e...

— Você não precisa me dizer nada agora — interrompeu. — Eu só quero que me escute com atenção e tenha a mente aberta para uma coisa, tudo bem? — Ele sorriu um pouco, e finalmente eu pude olhá-lo com mais calma.

Olhei para baixo por um instante, percebendo o meu próprio vestido pela primeira vez. Era azul, sem alças e com uma pequena entrada no vão entre os seios e bastante justo até a cintura. A parte da saia tinha era mais bufante e formado de babadinhos e que o tornavam mais rodadinho, com alguns pontos brilhantes que se destacavam ainda mais com a luz.

Pisquei, sentindo os olhos encherem de lágrimas com a emoção. Eu estava... incrível.

— O que é...

— Eu quero que você confie em mim — pediu. — Porque eu estou aqui, gata. E eu quero tornar cada um dos seus sonhos, por mais loucos que eles possam parecer, reais. Então, eu quero que você feche os olhos, e imagine que nós estamos em junho de 2022, e que você está, finalmente, realizando seu sonho de ir ao baile, porque se você não pôde ir a 2022, nós fazemos com que ele venha até você. — Ele estendeu em minha direção um corsage. — Aceita seu meu par no baile?

Assenti, sem palavras, enquanto assistia Benjamin passar por meu braço a pulseira com uma flor azul, um pouco mais escura que meu vestido. A porta se abriu, revelando a

coisa mais louca e incrível que eu já havia visto em toda a minha vida.

A sala da fraternidade da Madison estava completamente transformada. Nem um pouco parecida com as festas que costumavam acontecer por ali. Na entrada havia dois enormes vasos com cerejeiras e varais de cortina led pendurados do teto até metade da sala formando inúmeros pontos de luz, como parreiras iluminadas.

Na última parede da sala tinha um background instagramavel com a inscrição Turma de 2022. Sorri, analisando tudo que eles tinham feito. Estava incrível. Era simplesmente a coisa mais linda que alguém já havia feito por mim, e eu mal podia entender o motivo.

Tudo milimetricamente calculado para que realmente *fosse* uma festa de formatura. Não havia palavras que seriam capazes de fazer jus a tudo que eles fizeram aqui, e eu estava impressionada. Não, mais do que isso, impactada.

— Preparada? — Benjamin ergueu o braço para que eu entrelaçasse ao dele, e o fiz. Eu não seria capaz de responder. Não sem começar a chorar e borrar toda a maquiagem que Madison havia feito.

De boca aberta, fui guiada por Benjamin pela porta e vários dos amigos deles e das meninas estavam lá. Vários dos meus amigos também. Porque agora eu sabia que tinha pessoas que se importavam de verdade comigo, que queriam meu bem e estavam dispostas a me ajudar em qualquer coisa que eu preci-

sasse. E eu tinha um cara ao meu lado, que estava disposto a fazer qualquer loucura por mim.



Tudo estava impecável.

Madison usava um vestido vermelho com um enorme rasgo até metade das coxas e os cabelos soltos com cachos modelados. Ela dançava com o Jonh, amigo do Benjamin, enquanto Leigh usava um vestido prata e longo com os cabelos soltos, e seguia envolvida pelos braços do namorado protetor que a olhava de maneira apaixonada. Exatamente da forma como Benjamin Davis me encarava enquanto eu conversava com as pessoas, dançava com ele, comia ou procurava algo para beber.

Eu podia sentir meus olhos sobre mim em qualquer lugar onde estivesse, e isso só fazia com que as borboletas no estômago me acompanhassem por todos os lugares.

A festa estava incrível, a comida maravilhosa e aproveitei muito cada momento tirando fotos e me divertindo ao lado dos meus amigos. Das pessoas que eu amava.

— Não acredito que você fez isso — falei, com o braço esquerdo apoiado em seu ombro, enquanto minha mão direita estava unida à dele. — De onde vocês tiraram essa ideia?

— Se você prometer não me denunciar à polícia, eu posso contar que cometi uma pequena violação de correspondência. Madison e eu lemos a sua carta, aquela lá da cápsula. — Arregalei os olhos para ele, que riu beijando o

topo da minha cabeça. — Mas se isso atenuar nosso crime, foi por uma boa causa. Realizar o sonho da minha garota. Os sonhos. Todos eles.

Sorri, sentindo meu coração derreter. Eram tantas informações naquelas frases.

Minha garota.

Realizar meus sonhos.

Todos eles.

As borboletas voltaram a dançar enquanto eu sentia que podia flutuar a qualquer momento.

— Acho que posso manter seu crime em segredo — sussurrei.

Benjamin beijou meus lábios rapidamente, e sorriu quando uma música começou a tocar, fazendo um gesto com a cabeça para as garotas que se aproximaram com uma tiara de prata e cheia de pedrinhas delicadas.

Uma tiara!

Emocionei-me outra vez com a cena. Eu nunca, nunca havia imaginado vivenciar um momento daqueles.

As pessoas ao redor aplaudiram o momento, e meu peito inflou quando as duas, juntas, puseram a tiara em minha cabeça. Elas me abraçaram em seguida, e Benjamin ergueu a mão para me levar para a primeira dança.

Sorri, sentindo-me uma boba por ter todos aqueles sonhos idiotas, mas, mais ainda, por saber que aquelas pessoas estavam simplesmente dispostas a realizar meus sonhos mais bobos por mim.

— Você — ele começou, ajustando a coroa em minha cabeça —, é a rainha do baile mais linda que eu já vi. Juro. E não apenas a rainha do baile, Chi. A soberana em meu coração também.

Com vergonha, encostei a testa em sua roupa.

— Você é doido — brinquei, mas adorando aquele momento. Aquela atenção. Era bobo, mas importante para mim. Benjamin queria que eu vivesse aquele momento, e aquilo era lindo e atencioso demais da parte dele.

— Sim, linda — ele disse, erguendo meu rosto com o polegar e indicador. — No dia em que jogamos beer pong, você me falou sobre essa música. Disse que eu cantaria *Don't Let Me Down* pra você. E cá estamos, dançando juntos essa música. E eu posso te dizer, Chiara, que você pode chamar o meu nome quantas vezes precisar, e eu estarei por perto. Porque eu também preciso de você. E não vou desapontá-la. E nós não ficaremos sem tempo. Eu estou ao seu lado, e você sempre me terá aqui.

Sorri, com o coração palpitando. Ele havia usado a letra da música como resposta aos questionamentos. Minhas pernas estavam bambas. E todo o meu corpo explodindo de felicidade. Eu nunca tinha sentido aquilo antes. Eu podia simplesmente derreter ali a qualquer momento.

— Você não existe, Ben. É sério.

— Eu existo. Para você, linda. — E então, ele me beijou.

Foi um beijo cálido e doce, reafirmando a sua promessa de que estaria ali. Ele estaria ali para mim. E eu estaria para ele também, não importava de onde. Sempre estaria em qualquer lugar para Benjamin Davis, depois encostei minha cabeça em seu ombro e dançamos juntos até os últimos acordes soarem.

Alguém coçou a garganta próximo a nós, nos interrompendo. Ben se afastou, fazendo uma cara feia ao notar o irmão mais velho e Leighton próximo a nós.

— Posso? — Andrew ergueu a mão em minha direção, fazendo com que eu estranhasse. Ben apertou os olhos para o irmão, como se quisesse ter certeza de que ele não faria nada errado. — É só uma dança, Benjamin. Não é como se eu fosse fugir com a sua garota.

O meu coração palpitou.

Sua garota. Eu era a garota do Benjamin. E todos pareciam saber disso.

— Eu já volto, gata. — Ben encostou nossos lábios por alguns segundos antes de se afastar e Andrew assumir seu posto.

Não fazia a menor ideia do que dizer ao Andrew. Ele me balançou no ritmo da música sem falar nada por alguns instantes e o silêncio estava me matando.

— Acho que preciso te agradecer por isso também — falei, olhando ao redor. Tudo estava absolutamente lindo. Um varal de luzes cortava a área externa, e um arco de plantas dava um toque mais charmoso ao lugar.

— Não. Eu quem tenho que te agradecer. E pedir desculpas também — ele disse,

surpreendendo-me. Franzi o cenho para ele, sem entender onde queria chegar. — Quando eu vi aquela mensagem, estranhei. Mas eu vi meu irmão triste por sua causa, eu fiquei com raiva de você. Muita. Se eu tivesse levado minhas suspeitas a sério, ou contado a Leigh... Mas, meu amor pelos meus irmãos e o senso de proteção acabaram se sobressaindo e eu fui um idiota com você. Depois, quando soube da sua doença, entendi seus motivos. E isso me fez ver que você realmente se importa com ele. Esse é o tipo de coisa que só fazemos por amor. É o tipo de coisa que eu faria pela Afrodite.

Assenti.

— Você não precisa se desculpar, Andrew — garanti. — Eu também teria tomado partido pela Leight.

— Na verdade, você não tomou partido por ela quando nós terminamos. Só a incentivou a conversar comigo.

— São situações completamente diferentes. Você não foi um babaca com ela. O medo da Leighton de se decepcionar outra vez com alguém em quem ela confiava, a levou a acreditar em quem não devia. Diferente de mim. Eu escolhi fazer coisas que o magoaria. Escolhi usar palavras que partiriam seu coração. O Ben não merece passar por isso. E eu não quero, nunca quis, que a minha doença atrapalhasse a vida do Benjamin. A vida de mais ninguém. Eu só quero que ele seja feliz, que faça aquilo que ama e...

— E ele está feliz. Aqui, agora, com você. Ele também te ama.

Sentindo o coração bater mais forte, sorri para Andrew.

— Obrigada.

Antes que ele pudesse responder, Benjamin já estava lá outra vez, tomando-me dos braços do irmão. Eles piscaram um para o outro e Andrew deu um tapinha nas costas do irmão. Benjamin rodeou minha cintura, e eu encostei a cabeça contra seu corpo quente outra vez.

— Ainda não acredito na minha sorte por estar aqui dançando com a garota mais linda de todas, que também é rainha do baile. — Benjamin fez uma cara de quem *realmente* não acreditava. Como se ele tivesse sorte. — O que meu irmão queria? — perguntou, desconfiado.

— Dizer que você me ama — respondi, erguendo um pouco a cabeça para vê-lo.

— Bom, eu achei que já tinha deixado isso claro das mais diversas maneiras. — Benjamin beijou minha bochecha, carinhoso. — E então, que tal seu baile? Como você imaginou?

Neguei, com um sorriso no rosto.

— Muito melhor. Especialmente por ser *você* aqui comigo — afirmei, ficando na ponta dos pés para colar nossos lábios outra vez, nos afastando em seguida. — Teve outra coisa que o seu irmão disse.

Benjamin riu.

— Aparentemente, meu irmão anda falando muitas coisas. O que ele disse dessa vez?

— Que eu te amo. — Seu corpo travou um pouco. — Eu já te disse isso antes, Davis. Na

quadra. Mas eu te amo. De verdade. E foi por isso que fiz de tudo para te manter distante. Por te amar. Por ter medo de que você se magoasse ainda mais, porque eu posso simplesmente...

— Shi. — Benjamin pôs o indicador em meus lábios. — Eu não me importo se vamos viver juntos dez ou vinte anos. Ou se você só vai poder me amar por trinta minutos, Chiara. Eu vou amar você por cada dia em que eu viver. E eu vou tornar cada um dos seus dias inesquecíveis, linda.

Ele me beijou outra vez.

Benjamin era a minha luz no final do túnel. E se eu acreditava que o amor tinha poder de transpor barreiras, era por sua causa. Benjamin estava mesmo disposto a encarar seus medos para estar ao meu lado, e, para mim, aquilo valia muito.

Eu podia ter uma vida longa, o meu coração podia parar aqui e agora. A minha pesquisa podia dar certo, e eu conseguir fazer com que a terapia gênica funcionasse em pessoas com falciforme.

Não pararia de lutar, porque enquanto meu coração batesse, ele pertenceria ao Benjamin Davis, e saber disso era o bastante nesse momento.



— Não acredito nisso — sussurrei, assim que abri a porta do quarto da Madison.

O lugar era uma suíte enorme, que estava completamente ornamentado para uma noite romântica. Pétalas de rosas em cima da

cama e, ao lado, em uma mesinha redonda de madeira, um balde de champanhe com duas taças, uma caixinha de chocolate em forma de coração e, espalhados pelo chão, algumas velas acesas dentro de recipientes de vidro formavam um caminho até a cama.

— Eu queria fazer algo especial pra você. Eu quero mesmo que você tenha memórias inesquecíveis, Chi. Quero que daqui a quarenta anos, você olhe pra trás e pense que você teve momentos maravilhosos, que viveu tudo aquilo que sempre quis viver. — Benjamin beijou meu pescoço. — E eu quero estar nas suas lembranças. Hoje, daqui a cinco, dez, quinze anos. Quero ter uma vida com você. — Ele beijou minha bochecha, minha testa, meu nariz. — Eu realmente quero estar aqui, sempre.

— Eu também. — Sorri. — Eu tenho milhares de primeiras vezes que gostaria de viver, Benjamin. E eu quero que sejam com você.

Ben fez um carinho em meu rosto, e eu fechei os olhos.

— Você é incrível, sabia? Perfeita. E eu não sei se já disse isso a você, mas você está linda. Demais. Tanto que faz meu coração doer.

— Você já disse. Várias vezes. Mas pra ser sincera, não vou me cansar nunca de ouvir — sussurrei em resposta.

Senti seu rosto se aproximando, sua respiração coçar minha pele, a expectativa do meu corpo. Seus lábios contra os meus.

Não era como os outros beijos.

Tesão demais. Cálidos demais.

Era um misto disso.

Havia paixão, carinho, promessas... amor. Segurei seu corpo contra o meu, enquanto Benjamin nos levava, passo por passo, até que estivéssemos na cama.

Seus lábios sedutores saboreavam os meus com gosto. Eu o provocava durante o beijo, e ele soltava pequenos gemidos. Ben me puxou para mais perto antes que nossos corpos caíssem sobre a cama, enfiando língua um pouco mais em minha boca.

Nós estávamos completamente entregues ao momento.

Havia intimidade, entrega e confiança.

Benjamin me beijou como se eu fosse tudo que ele queria e precisava. Como se ele devesse ser o único a me tocar. Benjamin explorou minha boca, minuciosamente, sempre querendo mais. E eu jamais negaria qualquer coisa que ele quisesse.

Ele desceu os lábios para meu pescoço onde se demorou deixando beijos por cada pedaço da minha pele. Apoiei minha mão sobre o seu coração, sorrindo ao sentir as batidas aceleradas.

Por minha causa.

Justo por mim. A garota que nem tinha tido a oportunidade de viver uma vida decente, tinha encantado o cara mais lindo e fofo e divertido da universidade. Era um clichê. O meu clichê.

Seus dedos encontraram o começo dos botões em minhas costas, e ele mudou de posição, caminhando lentamente para atrás de

mim. Ben beijou um pouco abaixo da minha nuca, fazendo meu corpo arrepiar e abriu um botão.

— Você é linda. Pra caralho, Chiara. Linda. — Outro beijo, antes de abrir mais um botão. E a cada botão que ele abria, um beijo novo, ou uma carícia, ou uma leve mordida. Meu corpo correspondia a cada um dos seus estímulos.

A todos eles.

Meu corpo estava com saudade do Benjamin e completamente viciado em seu gosto, em seus sons, em tudo que ele fazia comigo.

Quando os botões foram todos abertos, o vestido escorregou pelo meu corpo e, com cuidado, Benjamin me virou para ele, sorrindo enquanto me analisava de maneira tão... intensa. Reverenciadora.

— Nunca vou me acostumar com o quanto você é perfeita. Nunca. — Ele deu um passo em minha direção, passando o nariz pelo meu, e colando nossos lábios por meio segundo.

Seu peito começou a descer e subir rapidamente de ansiedade, e fiquei feliz em saber que não era apenas eu ansiando por aquele momento. Aproveitei para pôr a mão em seu tórax, subindo-a aos poucos e afastando o paletó preto que usava, até que o tecido deslizasse por seu braço.

— Eu estava pensando uma coisa — comecei, ficando na ponta dos pés e mordiscando seu lábio, afastando-me em seguida enquanto começava abrir os botões da camisa branca. — Você me disse, naquele dia da qua-

dra, que queria comer o meu cu. Que queria encher ele com o seu gozo. — Passei o indicador pela pele quente e já desnuda, aproveitando para jogar sua camisa no chão também. — E você também prometeu que quer me fazer ter primeiras vezes inesquecíveis — continuei, descendo os dedos até o cós da calça. Benjamin soltou um gemido quando comecei a abrir seu cinto. — E eu fiquei aqui pensando, é isso que eu quero. Quero que você coma o meu cu, Benjamin Davis, e cumpra todas as promessas que fez.

Enfiei minha mão por dentro de sua calça, segurando o seu pau já completamente duro. Ele gemeu em resposta, segurando minha bunda para pressionar nossos corpos ainda mais.

— Caralho, não fala uma coisa dessas, porra — pediu, mordendo meu lóbulo e fazendo com que eu me arrepiasse.

— Não falar o quê? — quis saber, sorrindo. — Que eu estou doida pra empinar a minha bunda pra você enfiar seu pau todo em mim?

Fiz um movimento de sobe e desce com as mãos em seu pau.

Benjamin tinha a respiração entrecortada, e eu sorri para ele, começando a me ajoelhar.

— Chiara, o que você...

Não dei tempo para que ele dissesse mais nada. Passando as unhas pela bunda, e sentindo um pouco a marca da cicatriz que ele havia me mostrado, desci o tecido de sua calça até o meio das pernas. Olhei para Benjamin

que tinha as mãos fechadas em punho ao lado do corpo enquanto acompanhava os meus movimentos. Passei a língua pelos lábios e enfiei seu pau na boca.

— Caralho, porra — murmurou, soltando o ar com força, quando o chupei inteiro, tirando da boca e passando a língua pela sua cabeça.

Seus olhos estavam flamejantes, e eu sentia o meu próprio corpo vibrar só de imaginar a sensação de tê-lo dentro de minha outra vez, mas agora, em minha bunda. Sentia que eu já estava molhada e pronta para que Benjamin fizesse o que quisesse comigo.

Passei a língua por sua extensão outra vez, depois pelas suas bolas, ficando cada vez mais excitada com seus gemidos. Benjamin enfiou os dedos em meus cabelos com força, e eu gostei muito. Depois, ele começou a me guiar outra vez até o membro completamente ereto.

— Abre a boca, gata, porque antes de foder a sua bunda, eu vou foder essa boquinha deliciosa.

Fiz o que ele pediu, abrindo a boca, permitindo que ele entrasse por inteiro, alcançando a minha garganta e começando os movimentos de vai e vem. De repente, ele parou, puxando minha cabeça para trás e tirando o pau da minha boca.

— Eu adoro você me chupando, gostosa. Mas, caralho, não consigo parar de pensar nessa bunda empinada pra mim — ele disse, abaixando o corpo um pouco, apenas o suficiente para morder meus lábios. — Então, agora

eu vou comer o seu cu bem gostoso, Chiara. E eu vou encher você com a minha porra, e depois você vai gozar na minha boca, porque, porra, eu sou viciado no seu gosto.

Senti uma repuxada dentro de mim. Eu podia gozar só com o vislumbre das suas promessas.

Benjamin me ajudou a levantar, aproximou-se beijando meu ombro enquanto removia o sutiã, desceu a língua quente para meus seios em seguida me fazendo gemer em aprovação. Ansiosa, eu mesma comecei a descer a calcinha de renda preta que eu vestia. Ele suspirou, sentindo nossos corpos colados sem nenhuma peça nos separando.

— Não vejo a hora de você sentar na minha cara com essa boceta melada. — Como que para comprovar seu ponto, ele desceu a mão direita por meu corpo, tocando o meio de minhas pernas completamente molhada. Gemi quando enfiou um dedo, fazendo um movimento circular.

— Benjamin. — Segurei com força seu ombro.

— Eu sei. É bom. É bom pra mim também. — Ele removeu o dedo fazendo com que eu me sentisse vazia, enfiando-o por inteiro na boca. — Deliciosa. Agora vai lá na cama, e empina bem essa bundinha pra mim, porque meu pau não vê a hora de entrar nesse cuzinho apertado.

Ansiosa, fiz o que ele pediu. Subi na cama, ficando de quatro e erguendo a bunda em sua direção. Olhei para trás e ele me observava com o pau nas mãos, masturbando-se,

enquanto admirava minha bunda. Ele sorriu, aproximando-se e eu olhei para frente outra vez, para a parede branca, sentindo meu peito subir e descer rápido em expectativa, aguardando. Surpreendendo-me, ele beijou minha bunda, abrindo minhas nádegas e lambendo-me. Ouvi quando o barulho de plástico foi rasgado indicando que ele ia pôr o preservativo.

— Sem. Sem camisinha — pedi. — Você disse que queria me encher com seu gozo, e eu quero sentir isso, Ben.

— Você tem certeza?

Assenti, olhando para trás e encarando seus olhos.

— Se doer, você tem que me avisar — pediu, brincando com o pau na entrada da minha boceta melecada.

— Você desistiu? — perguntei, desapontada. Ele riu.

— Não, amor. Seria melhor que nós tivéssemos um lubrificante, mas você está tão excitada, que vou usar a sua excitação mesmo. — Assenti, sentindo quando ele colocou a cabeça bem na entrada do meu ânus. — Desculpa — pediu, deixando um beijo no meio das minhas costas. — Pode ser que doa um pouquinho, por ser a sua primeira vez. Mas eu prometo que vou fazer de um jeito que você vai gostar tanto, que vai me pedir para comer essa bunda deliciosa, sempre.

Incapaz de usar palavras, balancei a cabeça. Eu acreditava nele. E muito.

— Eu preciso que você me ajude também. — Usou um tom baixo. — Eu quero que você se masturbe pra mim, linda. Quero que

você enfie seu dedo na sua boceta, enquanto eu me afundo em sua bunda.

Meu corpo estava prestes a pegar fogo e eu sentia meu sangue correr quente por minhas veias.

Decidido a me ajudar, Benjamin pegou uma das minhas mãos e eu precisei me apoiar usando apenas o braço esquerdo. Ele fez questão de descer nossos dedos unidos por toda minha pele. O vão entre meus seios, minha barriga, até que chegássemos ao meio das minhas pernas.

Soltei um gemido quando ele acariciou meu clitóris. Descendo os dedos ainda mais, até encontrar minha entrada. Benjamin enfiou nossos dedos indicadores juntos, e eu soltei um gemido com a invasão.

— Isso, linda. Eu adoro ouvir você gemendo pra mim — falou, realizando movimentos circulares com nossos dedos. Eu estava encharcada. — Tá gostoso assim, gata?

— S... sim — murmurei, sem fôlego.

A sensação de vibração entre minhas pernas foi ficando mais intensa. O toque dele era capaz de me fazer esquecer o mundo lá fora, todos os meus problemas.

— Agora eu quero que você continue se tocando pra mim — pediu, começando a tirar o dedo e fazendo com que eu sentisse sua falta imediatamente.

Eu queria mais. Muito mais dele.

Ouvi o som dele chupando o dedo outra vez e senti uma vontade enorme de friccionar as pernas. Eu adorava o fato de que Benjamin

apreciava meu gosto. Ele parou atrás de mim, com o corpo ereto, passando o pau firme por minha bunda, me fazendo soltar gemidos.

Ele beijou minha bunda antes de brincar com a glande em minha entrada, empurrou com um pouco de força, fazendo com que minhas pregas se alargassem para recebê-lo.

Soltei um gemido que era um misto de dor, surpresa, mas também de prazer. Empinei um pouco mais a bunda, dando uma rebolada de leve. Benjamin arfou e eu estava sedenta por mais. Ele movimentou o corpo um pouco mais e eu senti que meus braços cederiam com aquela pressão, que também era deliciosa. Balancei a bunda outra vez, e me surpreendi quando Benjamin me deu um tapa.

E mais ainda por eu ter gostado.

— Faz outra vez — pedi, enfiando e tirando os dedos da minha boceta.

Benjamin forçou o corpo contra o meu, dilatando-me ainda mais com um gemido que fez meu corpo tremer.

— Você gosta disso? — Parecia animado.

Rebolei a bunda outra vez ouvindo seu gemido rouco que fez com que eu me sentisse ainda mais melada. Um instante depois, o som de outro tapa ecoou pelas paredes. A mistura da masturbação com os tapas que ele dava me fez atingir um nível de tesão que eu jamais imaginei ser possível sentir. Meu coração podia sair do peito se eu não mantivesse a boca fechada, eu tinha certeza.

— Mais, Ben. — Balancei a bunda outra vez, no exato instante em que ele jogou o corpo

para frente e senti quando sua virilha estava tocando minha bunda. A sensação dele me preenchendo por inteiro era... muito boa. Doía, mas também dava prazer. Benjamin beijou minhas costas outra vez.

Os meus dedos, seus tapas, o pau por inteiro dentro de mim.

MINHA.NOSSA.SENHORA.

— Você está bem? — perguntou, passando a mão em meus cabelos.

Assenti.

— Caralho, se eu estava viciado em sua boceta antes, posso garantir que estou ainda mais nesse cuzinho apertado, gostosa. — Benjamin passou os dedos pelas laterais do meu corpo, fazendo meus pelos se eriçarem, apertando meus seios pesados em seguida. — Seu cu é ainda mais gostoso do que eu havia imaginado, e eu não vejo a hora de ver a minha porra saindo de você.

Então ele se moveu e, caramba, caramba mesmo!

Aquilo era muito, muito bom! E eu não fazia ideia do motivo pelo qual ele não havia tentado antes.

Meu braço que sustentava o peso do meu corpo contra a cama falhou com a sensação de preenchimento e não consegui me segurar, o que fez com que a minha bunda ficasse ainda mais para cima. Ele pareceu aprovar a nova posição, dando mais um tapa que me fez gemer.

— Rebola pra mim, mas não para de se tocar, gata — pediu. E eu fiz, revirando os olhos com a sensação.

— Mais forte. — Foi a minha vez de pedir.

E Benjamin obedeceu.

Suas estocadas foram ficando mais intensas. Mais duras. Mais ávidas. Eu acho que ele estava com medo de me machucar, mas o máximo que aconteceria aqui seria eu desmaiando de prazer.

— Benjamin — chamei. Eu nem sabia o motivo, só sabia que precisava de mais dele. Mais daquela sensação. E parecendo entender melhor que eu mesma do que meu corpo precisava, seus dedos encontraram meu clitóris.

MEU. DEUS.

Meu coração bateu mais rápido enquanto eu apertei ainda mais seu pau em meu cu, soltando um choramingo com tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo com meu corpo.

— Porra, é tão bom estar assim dentro de você. — A voz estava carregada de tesão. — Esse cuzinho é a coisa mais incrível do mundo, gostosa.

Benjamin aumentou a velocidade das estocadas, ao mesmo tempo em que as mãos massageando meu clitóris se tornaram mais ágeis. Meu corpo estava à beira de algo e queria se jogar.

A mistura frenética dos tapas, meus dedos dentro de mim, faziam com que eu me sentisse cada vez mais perto do ápice, faziam

com que eu sentisse que meu cu se abria para recebê-lo, ao mesmo tempo em que parecia querer sugá-lo e apertá-lo ainda mais.

Os pontinhos brancos começaram a surgir, indicando que a qualquer momento eu começaria a gozar. Benjamin começou a murmurar as palavras baixas que eu adorava, o que só fazia a sensação de explosão começar a se intensificar.

— Não vou mais aguentar, amor. Goza comigo.

Amor.

Eu acho que meu coração nunca tinha batido naquele ritmo até então.

Amor.

Adorava quando ele falava assim.

— Eu vou... — tentei dizer, mas não conseguia.

— Eu também. — Benjamin deu um último tapa em minha bunda no exato instante em que nós dois gozamos juntos, e eu soltei um gritinho de prazer quando outro *squirt* aconteceu.

Minha respiração falhou e meu corpo cedeu na cama, enfim.

Eu sentia seu corpo tremer junto ao meu. Ele baixou o tronco, precisando de apoio também. Beijou minhas costas, tentando recuperar a respiração. Pouco depois, saiu de dentro de mim. Eu podia sentir seu olhar ardendo em minha pele.

— Eu sabia — ele disse, depois de alguns instantes, deitando na cama e me puxando para ele.

— Sabia o quê? — Minha voz saiu fraca.

— Sabia que seu cu era a melhor coisa do mundo, e que ver minha porra saindo de sua bunda me deixaria com ainda mais vontade de você e que eu era um deus do sexo, de verdade. Dois *squirt* gata. Você pode negar o quanto quiser, mas seu corpo nasceu para ser comido pelo meu. — Sorri, quando ele me puxou para cima do seu peito, e minha perna bateu em seu pau que já estava animado outra vez. — Não vejo a hora de você empinar esse rabo pra mim novamente.

Eu suspirei quando ele passou os dois braços ao meu redor de maneira protetora.

— Você é tão convencido, Benjamin Davis — disse, mordendo seu lábio de maneira provocativa.

— Você está bem? Sentindo alguma coisa.

Neguei com a cabeça.

— Acho que nunca estive melhor. — Ergui um pouco o rosto para vê-lo.

Benjamin sorriu.

— Você tem todos os motivos para ir, mas ainda assim está aqui. Comigo.

— Sim. — Beijou meu nariz. — Com você. Com a garota que eu amo.

— Você sabe que o meu coração pode... falhar a qualquer momento, não sabe? — perguntei, querendo saber se ele entendia a dimensão do meu problema. — A minha doença evoluiu. Não é só aquilo. Agora não é só a anemia, é mais. A minha estimativa de vida é...

— Eu sei. — Benjamin beijou meus olhos, minha bochecha e minha testa. — A minha mãe era saudável e morreu em um acidente. Algumas pessoas podem só tropeçar e a mãe de um colega meu deu entrada no hospital com soluço e nunca mais voltou. O pai do Théo podia ter morrido e está aqui. Pode ser que eu caia na quadra, bata a cabeça e morra, pode ser que você viva cem anos. A vida é imprevisível, amor. Tudo pode acontecer, mas a única coisa que eu tenho certeza é de que eu estarei aqui com você, gata. A cada batida do seu coração. Já te disse. Não vou te abandonar, mesmo que você me mande ir. Eu estou aqui. Com você. E eu te amo.

Sorri para ele, emocionada.

Colei nossos lábios rapidamente, sentindo que havia encontrado o meu lugar. E dentre todos os lugares dos quais eu tinha certeza de que pertencia, ali, nos braços de Benjamin Davis, era o meu espaço preferido.

E se o destino cooperasse comigo, eu teria aquele lugar pelo máximo de tempo possível.



Capítulo 43 – Benjamin

O barulho do apito informava que nós íamos mudar o exercício. Os treinos estavam sendo realizados em dupla e eu estava com o Ash, já que minha dupla ainda não tinha aparecido.

Passei a mão pela testa, enxugando o suor, enquanto o treinador se aproximava já me sentindo exausto.

Os últimos dias vinham sendo exaustivos. Março chegou com tudo e nós seguíamos na disputa. Eu estava orgulhoso.

Do time, do treinador, de mim.

Jonh e eu ficamos no banco por três jogos. Embora estivéssemos com muita vontade de jogar, também tínhamos consciência de que o treinador estava sendo até generoso demais conosco. Jonh, estava com medo de revelar quem eram as pessoas que forneciam os remédios e as drogas para ele mesmo com todas as garantias do nosso treinador de que o protegeria. A questão era que muitos alunos usavam as mais diversas substâncias com o intuito de ficarem mais ativos nos estudos e dar uma relaxada quando precisavam também.

Na semana passada nós tivemos uma palestra a respeito do uso de entorpecentes com todos os atletas. Os treinadores se reu-

niram com o reitor da universidade e decidiram realizar uma ação conjunta. Depois, os demais professores aderiram e cada departamento teve um dia específico onde tivemos uma palestra com profissionais da saúde. E, para finalizar, foi realizado um pente fino nos dormitórios a fim de descobrir onde e com quem poderiam ser encontradas as drogas.

O filho do atual reitor tinha morrido anos antes por causa do uso de droga recreativa em uma festa. A mistura com o álcool foi fatal para o garoto que morreu pouco antes de se formar. O próprio reitor fez questão de contar essa história nas palestras, conseguindo emocionar a maior parte dos alunos.

O clima estava tenso desde então.

Todos queriam entender o que estava acontecendo e por qual motivo o tema se tornou tão importante na Walker.

Eu estava aliviado, de verdade. Aliviado por ter uma rede de apoio. Amigos que se importavam comigo e queriam meu bem. E uma namorada que me amava a ponto de terminar comigo para me proteger.

Eu tinha uma namorada.

Uma única garota que eu queria em minha cama. E era bom, de verdade. Era bom ter intimidade e cumplicidade. Não precisar ligar para garotas aleatórias apenas para não ficar sozinho. Não transar para esquecer.

Era incrível poder ter alguém ali comigo que eu gostava de verdade. Alguém para tecer comentários engraçados nos filmes e séries que víamos. Alguém para olhar nos olhos na hora do sexo e saber que havia mais ali.

Muito mais do que tesão, havia sentimento. Entrega. Carinho.

Havia amor.

E era incrível saber disso.

Era incrível estar apaixonado por alguém.

Era incrível saber que aquele alguém também estava apaixonado por você.

Acho que nada podia estragar aquele momento.

Nada.

— Davis — chamou, acenando para que eu me aproximasse. — O Jonh, sabe onde aquele moleque se meteu?

Neguei balançando a cabeça.

Desde ontem, depois da nossa vitória contra o Arkansas, ele tinha evaporado. Eu também estava preocupado com isso. Jonh não era do tipo que simplesmente desaparecia.

— Mandei mensagem, liguei e não tive retorno algum. — Senti a mão formigar e comecei a abrir e fechar, sentindo uma enorme tensão.

O treinador assentiu.

— O senhor acha que aconteceu alguma coisa por causa do... — Não fui capaz de completar a frase.

Não queria sequer pensar naquela possibilidade. Meu coração disparou no peito.

— Não sei. — Ele passou a mão pelo rosto, parecendo preocupado. O que só me apavorou ainda mais. — Eu...

O homem olhou para a entrada e eu o segui. Jonh caminhava mancando um pouco em direção à quadra. Senti um alívio, ao mesmo tempo em que meu peito apertou. Nós dois nos antecipamos indo até ele, e alguns dos colegas de time fizeram o mesmo. O senhor Reynalds apitou, mandando todo mundo continuar o treino, e nós dois fomos até ele.

— Você está bem? — o treinador quis saber, assim que o alcançou, pondo a mão em seu ombro. Meu amigo soltou um gemido, e eu fiz uma careta imaginando a sua dor. — Vem, vamos sentar um pouco.

— Não precisa, estou bem — disse, tentando voltar a caminhar, mas gemendo novamente ao fixar o pé no chão.

— Larga de ser teimoso — falei, ignorando-o e, com a ajuda do treinador, conduzindo-o até a arquibancada, alguns passos atrás de onde estávamos. — Quem bateu em você? — questionei, ao notar a pele abaixo do olho meio arroxeada.

Ah, merda!

— Ninguém me bateu — devolveu, irritado. — Saí ontem à noite, bebi um pouco demais e me meti em uma briga por causa de mulher. A garota tinha um namorado, e não me avisou. O filho da puta se juntou com alguns amigos e o resultado foi esse.

Trinquei os dentes, olhando para meu amigo.

Jonh era um filho da puta muitas vezes, mas não tipo que se envolvia em briga por causa de mulher. Nunca. Na verdade, ele não se envolvia em brigas e eu tinha certeza de que

era por causa da situação de sua mãe. Pessoas que vivem em lares repletos de brigas tendem a se manter o mais distante disso, ou reproduzi-las. Jonh as repelia.

Ele estava mentindo.

Meu coração acelerou um pouco novamente.

O treinador também sabia disso. Ele soltou o ar com força.

— Foi o seu traficante? — perguntou, irritado.

Era uma péssima ideia irritar o homem, sem dúvidas.

— Não, senhor, foi uma briga por causa de mulher. Eu juro — afirmou, com os olhos arregalados.

— Garoto — o treinador parecia se conter para não gritar. Eu mesmo queria gritar com aquele cabeça dura —, eu estou tentando te ajudar. Se você não colaborar comigo...

— Eu sei, treinador. Sei mesmo. Eu tô bem. — Ele se levantou, fingindo ignorar a dor com o movimento.

— Você sabe que não está em condições de treinar — o senhor Reynalds falou, encarando-o de cima a baixo.

— Treinador, por favor, eu só... — Havia uma enorme dose de desespero em sua voz. Eu sabia disso. Sabia porque havia usado aquele mesmo tom desesperado de medo várias vezes em minha vida.

— Ele pode ser minha dupla — interferi, disposto a ajudá-lo. — Já que ele tem disposi-

ção para brigar por uma boceta, não vai ser difícil brigar pela bola.

Seria mais fácil que ele conversasse comigo sobre o que realmente havia acontecido. Eu sabia. O treinador também.

Minha respiração ficou mais forte aguardando a resposta enquanto torcia para que ele aceitasse.

— Canto esquerdo. — Apontou para a parte da quadra que destinaria a nós dois. Jonh e eu soltamos o ar com força, aliviados.

Assentimos a seguir, dirigindo-nos para o espaço destinado a nós dois.

Deixei que Jonh fizesse alguns arremessos antes. Eu sabia como aquilo era importante para relaxar nossa mente. Enquanto ele arremessava, eu corria para buscar a bola. Sentia o olhar de nossos colegas voltados para nós dois, enquanto o treinador apitava mudando as sequências, os pares e exercícios.

— Mais tranquilo pra contar agora? — perguntei, aproximando-me para devolver a bola em suas mãos.

Jonh me ignorou, arremessando a bola e marcando ponto outra vez. Soltou um suspiro depois.

— Eu fodi com a minha vida. — Balançou a cabeça, esfregando o indicador, polegar e dedo médio nos olhos. — Eu fodi com a porra da minha vida. E nem precisei da ajuda de filho da puta nenhum pra isso. Eu sou um burro. Um idiota burro.

— Você não fodeu com porra nenhuma, caralho — falei, aproximando-me para abraçá-

lo. — Você foi corajoso em falar a verdade. E seja lá que porra estiver acontecendo, a gente vai vencer isso, juntos, certo?

Jonh balançou a cabeça em negativa.

— Eles não vão deixar barato ter acabado com o esquema, porra. Eu tenho certeza de que vou tomar no cu a qualquer instante.

— Olha só quem agora está interessado no cu de quem — tentei fazer graça, e ao menos ele sorriu um pouco. — O treinador vai te ajudar, cara. E eu tô aqui. Sou seu parceiro. A gente vai conversar com o treinador, e ele vai saber o que fazer, tá certo?

Ele estava com medo, e porra, eu também.

Eu queria poder voltar no tempo, porque não tinha dúvidas de que faria muitas escolhas diferentes. E ele também.

Mas nós não tínhamos esse poder, então, tudo que nos restava fazer era assumir as consequências das nossas atitudes e aceitar toda a ajuda que nos estava sendo oferecida.

Jamais cansaria de ser grato por isso. Sabia que nem todos tinham essa oportunidade, e eu queria aproveitá-la o máximo possível.



— Como foi a terapia hoje? — Chiara perguntou, com os dedos entrelaçados aos meus, enquanto caminhávamos pelo Central Park. Havia tirado o dia para fazer coisas bobas que se tornavam instantes memoráveis.

Tínhamos ido de moto. Andrew nos emprestou, minha garota nunca havia andado em uma, e eu prometi a ela que todas as suas primeiras vezes seriam comigo, e inesquecíveis.

Eu daria a ela um amor inesquecível.

E para a vida inteira.

Chiara estava eufórica com a experiência há algumas semanas, porém, para evitar qualquer problema com seu coração, combinamos o passeio para depois de um dos seus exames. Queria ouvir da boca do seu médico que não acarretaria problemas à sua saúde. Enquanto eu conversava com o doutor Strass, ela rolava os olhos achando ridícula as perguntas intermináveis sobre sua condição de saúde, mesmo que depois dissesse que era fofa a minha preocupação.

Eu queria estar a par de tudo por ela. Para que pudesse ajudá-la sempre.

Havia aprendido que as doenças cardiovasculares em pessoas com anemia falciforme não eram comuns, entretanto, eram graves, e causavam dores torácicas, palpitações e dispneia durante a realização de atividades físicas. E eu tinha medo de que, por conta da euforia e adrenalina, seu coração pudesse reagir. No fim das contas, não havia restrições.

Ouvir seu grito eufórico de felicidade, com os braços abertos enquanto o vento forte batia em seu rosto deixou meu dia mais feliz e me deu ainda mais certeza de que eu seria capaz de segurar as estrelas no céu, de alterar o curso da gravidade, eu seria capaz de fazer qualquer coisa por ela.

As últimas semanas tinham sido incríveis. Eu estava feliz. E estava fazendo a Chiara feliz todos os dias.

— Eu tô gostando, de verdade. — Inspirei fundo, tentando ser sincero com ela.

Era difícil para mim expor aquelas questões de vulnerabilidade, em especial, com ela. Uma pessoa que já havia passado por tantas coisas na vida, e que escolheu lutar com todas as forças pela chance de continuar vivendo, mesmo quando quis desistir. Eu me sentia meio idiota com as minhas decisões e por muitas vezes tinha medo de que ela se desse conta disso também e percebesse que eu não valia a pena. Eu sentia mesmo que não valia.

— No começo — continuei —, mesmo sabendo que seria importante para mim, eu pensei que faria apenas por causa do time, sabe? Mas não. Eu gosto. Tem me feito bem e eu me sentia meio idiota por ter levado tanto tempo para ter dado início. — Ergui sua mão dando um beijo, feliz por tê-la ali comigo. — E está sendo mais fácil lidar com meus vícios também. Mesmo ainda tomando remédios para controlar minha dificuldade em dormir, e tendo que fazer um acompanhamento para lidar com a questão da...

— Da cocaína — ela completou, pacientemente, enquanto me olhava daquela maneira que fazia meu coração disparar no peito. — Você não precisa ter vergonha disso. É uma parte da sua história, e você está se esforçando pra lidar com isso. E está indo muito bem, Benjamin.

Suas palavras me confortaram ao mesmo tempo em que fizeram meu coração sorrir. Porra, eu não sabia como tinha dado sorte por ter aquela garota ao meu lado. Talvez eu não a merecesse, mas eu tinha sorte de que ela gostava de mim. Mesmo. Mesmo com meus lados mais sombrios, ela estava disposta a estar ao meu lado, a me ajudar a melhorar. Beijei-a rapidamente, feliz.

— Sim. A cocaína. — A palavra ainda saiu ardendo por minha garganta. — Eu não sinto muita falta dela. Não usava de maneira intensa nem nada. Mas com a minha rotina de treinos, estudos e uma namorada gostosa, aliada ao TCC tem me ajudado bastante.

— Eu li um pouco sobre isso. No dia em que te acompanhei na consulta. Li em um dos folhetos que a terapia-comportamental trabalha ensinando processos que ajudem a parar com o consumo, não é?

Assenti.

— Nós listamos situaçõe que despertavam gatilhos para que eu pudesse usar. — Formei uma linha com os lábios por um instante, pensando que eu gostaria de não ter feito aquelas escolhas. De não precisar conversar sobre essas coisas com a minha namorada, nem ter um encontro romântico em uma clínica. Mas fazia parte do processo, e como Chiara apontou, também fazia parte da minha história e eu teria que lidar com isso. — Desde que comecei o tratamento, eu usei uma vez. E sei que estou suscetível a ter outra recaída, mas, mais do que isso, estou empenhado em continuar com o tratamento até que não sinta mais necessidade disso. Correr pela manhã

como forma de aumentar a minha energia para que eu sinta menos necessidade, inclusive, tem sido uma boa estratégia. Andrew também usa de atividades físicas como parte do seu tratamento e estamos trabalhando nisso juntos.

— E você vai conseguir. — Chiara parou em minha frente, abrindo as mãos em meu tórax enquanto me observava com segurança. Eu gostava da maneira como ela me via. Como se tivesse realmente fé em mim, muito mais do que eu mesmo, muitas vezes. — Os dois vão. E sua namorada pode não correr, mas sou ótima para estar na torcida por você, então, se precisar de plateia que estimule...

— Minha namorada me estimula de muitas maneiras — falei, passando a mão por sua cintura, trazendo-a para mais perto de mim dando um beijo em seus lábios macios. Eu amava beijar aquela garota. Amava demais. Alguém coçou a garganta ao nosso lado em sinal de que estávamos nos empolgando demais, o que não era mentira, já que mais dois segundos e eu seria capaz de procurar uma árvore escondida o bastante onde pudesse subir um pouco sua saia e comê-la por trás, rápido e forte da maneira que ela gostava. Afastei-me um pouco, olhando ao redor, enquanto ela parecia constrangida com a reprimenda pública. — Hoje a psicóloga falou uma coisa que me fez pensar no quanto nossa mente pode ser maluca.

Mudei de assunto, mesmo que meus pensamentos ainda estivessem em uma árvore, na minha garota e em meu pau dentro dela.

— O que? — Ela pôs as mãos em frente aos olhos para evitar o sol.

— Ela acredita que por mais que eu quisesse esquecer o acidente e tudo mais, eu também tinha medo de deixar para trás os últimos momentos com a minha mãe, de esquecer seu rosto, seu sorriso, seu cheiro. Que a sua memória desaparecesse. Então, eu aprendi a anestesiar a dor, como uma maneira de me proteger do problema, mantendo-o ali por perto. E que, na verdade, o meu pânico em ficar só, em dormir sozinho em meu quarto e a necessidade de ter alguém comigo na cama não estão necessariamente ligadas ao acidente, mas aos sentimentos que vieram junto com ele. A perda, o abandono. O que faz todo sentido — confessei. — Estamos trabalhando para que ao invés de pensar que a minha mãe morreu na minha frente, pensar que eu tive a oportunidade de estar ao seu lado até o final. Sentir o quanto que ela me amava e como cuidou de mim até seu último segundo. Essa é uma situação que sempre vai ter seu lado ruim, mas também me fez ter algo que meus irmãos não têm. A Oly não consegue lembrar quando falou com a mamãe pela última vez, ou quando foi o último beijo de boa noite. Eu sempre vou lembrar das suas últimas palavras, do seu último beijo e de como ela nos amava.

Mordisquei o lábio, querendo não finalizar os meus pensamentos, mas Chiara parecia me conhecer bem demais para deixar passar. Ela me cutucou usando o cotovelo.

— É uma forma bonita de pensar, Ben. Fico feliz mesmo que você esteja se encon-

trando com a terapia e conseguindo descobrir maneiras de lidar com o seu trauma. Mas...

Deixou a frase no ar, esperando que eu a completasse.

Balancei a cabeça em negativa.

— É só que... eu fiquei pensando esses dias. O trauma de ver a minha mãe daquele jeito, de ter vivenciado o acidente junto com ela fez com que eu me sentisse algumas vezes mais próximo do meu pai, sabe? — Suspirei. — A maneira como eu o vi naquele dia. Destruído. E eu fico pensando que talvez, se a gente tivesse tentado um pouco mais, ou se... eu não sei. Só, eu acho que entendo ele. Entendo que ele tenha dificuldade em enfrentar isso. Eu tive. Ainda tenho.

Chiara sorriu, passando o polegar por meus dedos. Ela parou, puxando-me para mais perto dela em seguida, ficando na ponta dos pés e colando nossos lábios.

— Fico feliz em te ouvir dizer isso. O seu pai errou. Muito, sabe? O que ele fez com vocês foi horrível. Mas foi um trauma pra ele também, de certa forma.

— Eu fui vê-lo. No dia em que você foi hospitalizada. — Chiara franziu o cenho em minha direção. — Eu sabia que não te abandonaria. Sabia que queria você, seu sorriso, seu coração, que queria você ao meu lado. Mas eu não conseguia imaginar como seria conviver com essa dor, sabe? Eu não sabia se você ia sair do hospital e te ver sofrendo daquele jeito dilacerou meu coração... E eu fui vê-lo. Ele me disse que a única forma de viver com aquilo era me anestesiando também. Como eu já fazia

com os remédios. — Balancei a cabeça em negativa. — Eu sabia que não queria isso. Não mais. E eu sabia que não seria como ele, porque eu queria fazer as coisas certas. Mas ele me disse uma coisa. Eu já tinha decidido isso em meu coração, mas acho que ouvir dele foi bom também.

Parei de andar, trazendo Chiara para junto do meu corpo.

— O que ele disse? — quis saber, com os olhos brilhando de curiosidade.

— Disse que se pudesse voltar no tempo, faria de tudo para que a minha mãe fosse feliz em cada minuto de vida.

Chiara sorriu, e eu podia ver algumas lágrimas nascendo em seus olhos.

— Ele a amava. Mesmo — concluiu.

Beijei seu rosto, sentindo meu coração apertar um pouco.

— Ele a amava mais do que tudo. — Não era mentira. Nós mesmos sabíamos disso. Nós éramos testemunhas do quanto eles eram felizes juntos. Passei o nariz pela linha do seu queixo, afastando-nos um pouco. — E isso me lembra sobre uma coisa que eu quero que você exercite o pensamento. — Ela assentiu. — Não quero que você ou eu fiquemos nos preocupando com quando será a sua próxima crise, ou que seu coração pode parar a qualquer momento, mas que estamos tendo uma oportunidade única de viver uma história inesquecível, Chi. De sermos felizes juntos.

Ergui o dedinho mindinho em sua direção exatamente como Olívia havia feito quando fui obrigado a prometer a ela que não

contaria ao Andrew que ela havia posto terra no sanduíche de sua colega no 5° ano.

— Sério isso?

Dei de ombros.

— Minha irmã me ensinou que promessas de mindinho não podem ser quebradas nunca. — Ergui a sobrancelha em sua direção, e Chiara aceitou o desafio.

— Bem, aparentemente, eu acabei de aceitar em ser mimada pelo melhor jogador de basquete da Walker que vai fazer de tudo para que eu seja feliz. — Ela passou os braços pelo meu pescoço, se pendurando em mim enquanto deixava um selinho em meus lábios.

Passei a mão por suas costas, pousando-as em sua bunda.

— Sim, gata. Exatamente isso. Você acabou de aceitar ser a única namorada do deus da Walker — brinquei, piscando para ela. — É pesada a sua coroa, mas eu sei que você vai aguentar.

— Benjamin Davis, você é tão convencido. — Chiara rolou os olhos.

— Sou sim. Mas eu sou todinho seu.

Ela sorriu, e eu a beijei.

O mundo estava incrível demais para nós dois.

E isso era tudo que importava.



Capítulo 44 – Chiara

Ter pessoas ao nosso lado era incrível.

Nossa, como eu amava isso.

Minha vida inteira tinha sido reduzida aos meus pais e, no máximo, ao nosso vizinho e pais dele. Agora eu tinha um namorado, amigas e amigos. Estava completamente maravilhada. Animada. Feliz.

Meus pais haviam notado isso.

Eles retornaram para casa alguns dias depois do baile, mas, embora estivessem preocupados com a insuficiência cardíaca e como isso poderia afetar minha vida, estavam animados por mim. Por eu ter encontrado pessoas que cuidavam de mim, mesmo quando eu era idiota demais para querer ser cuidada.

Minha mãe até comentou que ela havia pensado em pedir que eu retornasse para casa, contudo, percebendo como eu estava feliz aqui, com meus amigos e meu projeto, entendeu que eu realmente havia encontrado o meu lugar, e que só podia, além de falar comigo sempre, confiar de que eu seguiria me cuidado. Meus pais tiveram uma reunião com o senhor Strass e o senhor Harris que esteve presente em chamada de vídeo.

Benjamin e eu também participamos. Os médicos explicaram muitas coisas das quais eu e meus pais estávamos cientes de que poderiam acontecer. Benjamin segurava minha mão com força, como se quisesse que eu tivesse certeza de que ele não sairia do meu lado.

E eu havia compreendido que, sem dúvidas, ele não me deixaria.

O doutor Strass explicou que foi através do eletrocardiograma que percebeu que eu estava com uma possível alteração no coração, mas que por medo de me assustar, preferiu refazer os exames em minha próxima consulta. A arritmia cardíaca é uma alteração elétrica que provoca modificações no ritmo das batidas do coração. Ela pode ser taquicardica, quando o coração bate rápido demais, ou braquicardica, quando bate mais lentamente. No meu caso, havia um descompasso, quando o coração bate de maneira irregular. Isso significava que eu podia ter uma morte súbita cardíaca.

No meu caso, não houve sintoma algum, que me levasse a desconfiar, e se não fossem os exames de rotina, talvez eu levasse ainda mais tempo para descobrir.

Eu estava com medo. Medo de morrer. Medo de fechar os olhos durante a noite e simplesmente não acordar. Medo de que eu perdesse tudo isso que estava vivendo. O amor, a amizade, o carinho das pessoas. Mesmo com o tratamento, eu tinha medo. Morria de medo.

Benjamin havia dito que não devíamos nos preocupar com isso. Só seguir vivendo da

melhor maneira possível, claro, com os tratamentos. Eu estava me esforçando para conseguir isso, para disfarçar a tensão que eu sentia e para, especialmente, ajudá-lo em seu tratamento.

Se algo acontecesse comigo, eu queria que ele soubesse lidar com a dor.

A boa notícia é que não havia nenhum bebê a caminho. E agora, depois de ponderar qual o melhor anticoncepcional para mim, optamos por um DIU, uma das melhores indicações para pessoas com problemas cardíacos.

Há quase um mês Benjamin e eu estávamos juntos oficialmente. Embora não tenhamos tido um pedido oficial de namoro, era assim que ele me apresentava para todas as pessoas, era assim que ele se referia a mim, como sua namorada. E meu coração de adolescente apaixonada que costumava assistir High School Musical sorrindo como uma boba por Troy ter se apaixonado por Gabriela, a nerd, simplesmente batucava no peito todas as vezes em que ele dizia isso, como se eu vivesse meu clichê.

Eu nunca achei que fosse realmente me apaixonar, muito menos que pudesse, de fato, viver isso. E aqui estava eu, no laboratório, fazendo a coisa que mais amava, e com a minha própria camisa número 5 na bolsa, completamente pronta para o jogo do meu namorado que começaria daqui a algumas horas.

— Vocês acham que vai dar certo? — Lauren perguntou, desanimada, girando na cadeira do laboratório depois de mais uma tentativa de alteração genética. — Eu já fiz isso

duas vezes e sempre dá alguma merda — reclamou.

— Calma que o mundo não foi feito em cinco dias. — Aproximei-me, segurando sua mão. — Imagina só isso? Pesquisas requerem mesmo tempo. Algumas vezes vamos errar, outras vamos acertar e está tudo bem. — Tentei animá-la.

Minhas palavras serviam para mim também. Eu tentava manter a esperança de que meu estudo fosse um sucesso. De que a terapia gênica seguisse bloqueando os avanços da anemia falciforme, e que fosse aprovado para testes em humanos.

Em mim.

Se tudo desse certo, eu poderia, no mínimo, frear a doença. Isso já seria uma enorme vitória. Entretanto, até agora, nós conseguimos notar que os pacientes — ratinhos, no caso — apresentavam uma real melhora.

Se tudo desse certo... Suspirei, animada com a possibilidade de nunca mais sentir dor.

Nunca mais.

— Sim. O importante é não desistir. — Simon deu um beijo na testa dela seguindo seu caminho como se nada tivesse acontecido.

Lauren suspirou.

Apertei os olhos na direção da garota, meio chocada com sua reação, e o fato de ter corado dizia muita coisa.

— Vocês estão? — sussurrei, aproveitando que o Simon tinha ido nos armários para apontar de um para o outro.

— Não — ela disse desanimada. — Acho que ele ainda está sofrendo pela ex.

Outro suspiro.

Tá, por quanto tempo eu dormi?

Ela estava suspirando, e eu me sentindo meio Madison neste momento.

— Mas você está a fim dele. — Dei um tapa no braço da garota, esticando-me um pouco para pegar o meu tablet e comparar as informações de ontem e de hoje. — Tá aí uma coisa que eu jamais imaginaria.

— A gente transou. — A informação me pegou desprevenida e eu quase derrubei o aparelho no chão.

— Vocês... — continuei falando baixo.

— Sim. Aqui. E a culpa é sua — Lauren acusou com uma careta enquanto escondia o rosto vermelho com as mãos.

— Minha? — Minha voz saiu fora do tom por conta da acusação inesperada.

— É! Você contou que transou aqui com o jogador, aí ficamos até tarde um dia, começamos a imaginar como podia ter acontecido isso, porque não parecia ser confortável e quando percebemos éramos nós dois deliberadamente disponibilizando imagens para um pornô a quem quer que faça as análises da câmera. — Ao invés de choque, vergonha, ou algo do tipo, ela suspirou.

Suspirou.

— Você está apaixonada — apontei o óbvio, feliz por minha... amiga.

Dessa vez eu quem suspirei.

Amiga. Lauren era minha amiga.

E era libertador finalmente compreender que eu não devia me esconder do mundo, das pessoas, das situações, apenas por medo. E para o meu próprio conforto também. Eu me preocupei tanto em não querer ser um incômodo, que fiz enormes besteiras, não queria mais isso.

Benjamin — meu namorado — tinha razão. Eu precisava mesmo ter ciência da minha condição, me cuidar para evitar as crises e tudo mais, mas eu não devia e não podia viver apenas em função disso. Eu tinha uma vida para viver, e eu queria aproveitar isso mais do que tudo. Queria ser feliz e construir muitas memórias. Queria ter pessoas com quem compartilhar minhas vitórias e mãos para enxugar minhas lágrimas quando eu estivesse cansada. Não queria mais me esconder, e mais importante: Queria ser amada. Amada como eu me sentia nos últimos dias.

Era cientificamente comprovado que os homens costumavam abandonar as mulheres quando estavam doentes. Maridos abandonavam esposas, mas, em geral, eram as ex-esposas, as tias, as filhas, quem cuidavam dos homens doentes. Eu tive uma enorme sorte na vida. Encontrei um cara que gostava de mim. Ele gostava a ponto de estar ao meu lado nas transfusões de sangue segurando a minha mão e também de transar comigo no banheiro de uma festa.

Ele só gostava de mim.

Mesmo quando eu era a Chiara sem graça e que não chamava atenção de ninguém.

Benjamin era mesmo a realização dos seus sonhos, e eu o amava.

Sorri, inspirando o ar profundamente, completamente grata pela minha vida.

— O que foi? — Lauren perguntou, encarando-me como se eu estivesse maluca.

— Eu só tive uma epifania. — Inesperadamente, a abracei. — Sabe de uma coisa? Estou feliz por ter você aqui, e por ser sua amiga. — Afastei-me dela um pouco achando graça da sua expressão de choque. — E se quer um conselho, vai lá, e seja sincera com ele. Às vezes, a vida nos oferece uma oportunidade única de viver algo incrível. Não se deixe abater pelo medo.

Pisquei para ela, que corou um pouco mais.

— Sabe, seu namoro com o jogador fez bem mesmo. — Lauren sorriu de forma condescendente. — Você está diferente, e eu não falo pelas roupas ou pela maquiagem. Você está mais segura.

Assenti.

— Me sinto mais segura — confidenciei, fazendo um breve retrospecto de tudo que tinha vivido nos últimos meses. Acho que evoluí muito, me permiti e isso foi importante para mim. — Estava me descobrindo também. Eu ainda tinha medos e inseguranças a maior parte das vezes, mas eu entendi que não precisava me esconder, isso tinha feito diferença.

Acho que Dorothy estava certa sobre tudo.

Benjamin era mesmo a realização dos seus sonhos, e eu o amava.

Sorri, inspirando o ar profundamente, completamente grata pela minha vida.

— O que foi? — Lauren perguntou, encarando-me como se eu estivesse maluca.

— Eu só tive uma epifania. — Inesperadamente, a abracei. — Sabe de uma coisa? Estou feliz por ter você aqui, e por ser sua amiga. — Afastei-me dela um pouco achando graça da sua expressão de choque. — E se quer um conselho, vai lá, e seja sincera com ele. Às vezes, a vida nos oferece uma oportunidade única de viver algo incrível. Não se deixe abater pelo medo.

Pisquei para ela, que corou um pouco mais.

— Sabe, seu namoro com o jogador fez bem mesmo. — Lauren sorriu de forma condescendente. — Você está diferente, e eu não falo pelas roupas ou pela maquiagem. Você está mais segura.

Assenti.

— Me sinto mais segura — confidenciei, fazendo um breve retrospecto de tudo que tinha vivido nos últimos meses. Acho que evoluí muito, me permiti e isso foi importante para mim. — Estava me descobrindo também. Eu ainda tinha medos e inseguranças a maior parte das vezes, mas eu entendi que não precisava me esconder, isso tinha feito diferença.

Acho que Dorothy estava certa sobre tudo.

Esconder a minha doença sempre foi prioridade para mim, então eu decidi me alunar socialmente. Me tornar invisível para que ninguém quisesse me conhecer. Para que eu pudesse continuar a sobra de tudo. E não precisava ser assim. Eu não precisava esconder parte nenhuma de mim, muito menos para as pessoas que me queriam bem, as que me ouviriam, corrigiriam, me sacudiriam quando necessário.

Eu só precisava ser eu mesma. E estava gostando muito de descobrir quem eu era. Mais ainda, estava gostando de saber que podia contar com pessoas especiais enquanto trilhava esse caminho de milhares de descobertas atrasadas.

Nós nos assustamos quando a senhora Ball abriu a porta. Ela havia solicitado uma reunião para falar acerca dos nossos projetos e de qual de nós iria com ela para a convenção. Eu queria muito ser escolhida, mas sabia ficaria feliz por qualquer um dos meus... amigos.

Sorri que nem idiota outra vez.

Era bom ter amigos.

Lauren e Simon se dedicaram tanto quanto eu, e também mereciam isso.

— Boa tarde! — cumprimentou, parecendo não ter pressa, ou não se importar com nossos nervos, enquanto vestia o jaleco lentamente. Depois de arrumar o cabelo que havia ficado preso para dentro da roupa, ela parou em nossa frente. Nós três havíamos nos posicionado lado a lado, em frente à mesa principal com os materiais que usávamos. Estávamos tão nervosos que nosso cumprimento saiu em

um sussurro. — Como vocês sabem, nós temos um congresso para participar e a universidade escolheu quem iria me acompanhar na apresentação do nosso projeto.

Soltei o ar com força, sentindo meu coração bater rápido demais por causa do nervosismo. Simplesmente grandes nomes da ciência estariam lá, e era uma oportunidade inacreditável.

— Depois de uma análise cuidadosa levando em conta o desenvolvimento da pesquisa, finalmente chegamos a uma decisão. Entretanto, é importante salientar que o que vocês três fazem aqui tem um grande potencial e sem dúvida um enorme impacto na vida de pessoas que vão necessitar dos tratamentos que vocês estão desenvolvendo. — Ela sorriu. — O ambiente de pesquisa costuma ser amplamente competitivo, e ao longo dos meses, o que temos visto aqui são pessoas que estão, de fato, buscando um mundo onde a ciência seja mais importante, ajudando uns aos outros. E, como professora de vocês, estou orgulhosa. Especialmente por ver que temos um grupo em que as mulheres são tratadas como iguais. Coisa que, em muitos lugares, ainda não vemos. Enfim, dito isso, espero que o clima entre vocês siga o mesmo, mas quem a universidade decidiu que irá comigo, será a Chiara Roosevelt, representando sua pesquisa com a anemia falciforme.

Pisquei.

Pisquei.

Pisquei outra vez.

Eu nem sabia o que fazer.

— Chiara! — Simon e Lauren me abraçaram, animados, e eu nem tinha conseguido me dar conta do que tinha acabado de ouvir. Meu coração batia acelerado no peito e... Meu Deus, eu simplesmente não conseguia acreditar! — Parabéns, parabéns, parabéns.

Meus amigos me abraçaram, aproveitando o momento comigo e, meu Deus, eu estava explodindo de felicidade.

Uma vida inteira de dedicação estava começando a dar frutos.

— Obrigada — consegui sussurrar, com a voz um pouco embargada.

A professora sorriu para mim, enquanto os braços de Simon e Lauren me rodeavam. Devolvi o gesto, animada, enquanto abraçava meus amigos.

Eu mal vi a hora de compartilhar aquela notícia com meu namorado, com meus amigos, com meus pais e meus médicos que sempre me incentivaram e torceram por mim também.

A vida estava muito boa. E eu não podia estar mais feliz.



A gritaria no estádio estava intensa!

A Walker estava na frente por 81 a 73 e ainda estávamos no segundo tempo. Benjamin, Ash e Jonh estavam formando um trio perfeito, alinhando jogadas e marcando cestas impressionantes.

O azul e amarelo da UCLA não se comparava ao mar verde e cinza da Walker.

— Uau, você deve ter dado um chá maravilhoso no Davis antes do jogo, porque ele sempre joga bem, mas hoje o garoto está simplesmente acertando todas — Madison brincou, fazendo-me rir.

— Ou ela fez muitas promessas para mais tarde — Leigh completou.

— Escutar sobre a vida sexual dos irmãos nunca é uma coisa boa, só pra vocês saberem — Andrew reclamou, mas parecia se divertir também.

— Mês que vem começa a temporada do hóquei, Andrew Davis, eu quero ver quais promessas a Leigh vai ter que fazer pra deixar você animado no rinque — Mad piscou para ele, fazendo Malcon rir. — E a garota dos esportes também, gato. Eu estou de olho em você.

Todos os rostos se voltaram para o capitão do hóquei.

— O capitão está... como foi mesmo que ele disse? Usando uma coleira rosa? — Andrew implicou, fazendo o amigo rolar os olhos.

— Madison, você anda precisando mesmo chupar um pau — Malcon resmungou, e minha amiga mostrou o dedo do meio para ele.

Olhei para o lado observando Jackson por alguns instantes. Ele sorria, mas não parecia se sentir à vontade para interagir. Benjamin uma vez me disse que achava que Jackson e eu éramos parecidos em alguns aspectos, e eu sabia que os Davis tinham muitos problemas emocionais. Sabendo disso, eu concordava com ele. O garoto parecia estar sempre

disposto a se manter distante, mesmo quando estava entre pessoas que ele gostava de estar.

— CESTA! — Madison gritou, jogando os braços contra mim em um abraço, e me dispersando dos pensamentos.

Meu namorado havia feito outra cesta.

Três pontos.

Ele olhou para mim, fez um coração com as mãos e soltou um beijo em minha direção.

A torcida da Walker foi à loucura com o ponto, com a singela declaração, e o meu peito parecia que não aguentaria de felicidade.

Eu tinha conseguido a aprovação para o congresso.

Eu namorava o cara mais gato da Walker.

Eu tinha os melhores amigos do mundo.

Sentia que minha vida estava caminhando na direção correta. Depois do jogo nós íamos comemorar, e eu finalmente contaria a todos sobre minha conquista e seria uma comemoração dupla, já que eu tinha certeza de que o nosso time venceria.

No fim das contas, eu era mesmo uma garota de sorte.



O jogo encerrou em 115 a 97.

Nós vencemos!

Meu namorado incrível venceu e ele estava muito animado. Os últimos tempos ti-

nham sido conturbados. A descoberta do seu vício em substâncias ilegais e remédios, ficar no banco, descobrir a minha doença, passar um bom tempo no hospital comigo, planejar um baile só para que eu pudesse realizar um sonho, fazer meu coração bater em disparada. Me ensinar a confiar, a não ter medo de aceitar apoio, ajuda e amor.

Benjamin Davis e eu estávamos aprendendo muitas coisas juntos, e eu estava feliz.

— Eu consegui — deixei escapar enquanto começávamos a nos organizar na mesa do barzinho onde tínhamos vindo comemorar a vitória do time. Estávamos em uma cidade vizinha, cerca de trinta minutos de distância, mas onde faziam vista grossa para a maior idade de 21 anos para ingestão de bebidas alcoólicas.

— Você vai para o congresso? — Benjamin perguntou com um enorme sorriso, e eu apenas assenti. Ele me abraçou forte, nos girando em comemoração. — Tinha certeza de que você ia conseguir. — Ele afastou nossos corpos um segundo apenas para deixar um beijo rápido em meus lábios. — Ei, gente — gritou —, minha garota inteligente vai para um congresso com a professora dela falar sobre o projeto que ela desenvolveu. Se existe alguém mais inteligente que a minha garota... na verdade, sinto muito por todas as outras, mas não existe ninguém mais inteligente que ela.

Metade dos garotos o zoaram, metade aplaudiram.

As garotas e os meninos vieram me abraçar para comemorar também. Eu estava

tão feliz que sentia que seria impossível caber mais uma gota de felicidade em meu corpo.

Benjamin sentou, me puxando para seu colo, e eu não recusei o convite. Ele beijou meu ombro, brincando com alguns dos fios do meu cabelo. Nós fizemos nossos pedidos, Benjamin pediu água e eu também.

Nossos amigos fizeram seus pedidos e começamos a conversar entre nós. O tempo inteiro podia sentir os beijos de Benjamin através do tecido da minha camisa número 5 com um blusão de frio por baixo.

— Eu adoro ver meu nome em sua camisa — falou, passando o indicador sobre o desenho do número. — Todo mundo sabe que você é a minha garota.

Olhei em sua direção, apertando os olhos para ele.

— Eu já te disse o quanto você é convencido, Benjamin Davis? — Bati em seu nariz. — Só escolhi essa camisa, porque gosto de basquete o suficiente para saber quem é o melhor jogador.

— Sim. — Ele pôs a mão em minhas pernas, começando a subir lentamente até a borda da saia que eu usava com minha habitual meia preta. Ele não parou ali, seguiu com os dedos pela extensão da minha coxa, fazendo-me olhar para as laterais tentando ter certeza de que ninguém nos observava. — O melhor jogador, e o melhor em fazer você gozar. Aliás — falou, subindo ainda mais a mão, até estar no centro das minhas pernas mesmo e começar a, mesmo com o tecido, massagem meu clitóris, fazendo-me arfar —,

o único com permissão pra fazer isso, gata — murmurou em meu ouvido, mordiscando meu lóbulo.

— Benjamin — sussurrei, querendo mais, mas ao mesmo tempo, sabendo que não devíamos *mesmo*, continuar.

— Não se preocupe, amor. Quando estivermos em casa, você vai poder gemer assim o meu nome bem gostosinho enquanto eu te como forte, do jeito que você gosta. — Benjamin pressionou a mão contra minha entrada, e se ele não parasse logo, eu poderia gozar ali mesmo.

Ele riu, quando pus minha mão sobre a sua, tentando decidir se queria afastá-lo ou simplesmente que ele acabasse com aquela agonia ali mesmo.

— Ninguém mais além de mim vai te ouvir gozar, amor — sussurrou, retirando a mão. Soltei o ar frustrada.

— Eu te odeio — reclamei, sentindo outro beijo em meu pescoço.

— Você me ama, isso sim. — Ele me beijou outra vez.

Benjamin estava certo, eu o amava. Não ia discutir.

Ajeitei-me em seu colo sentindo o pau já duro me cutucar, enquanto o garçom trazia nossas bebidas.

— Já que concordamos que a minha garota é a mais gata, inteligente e espetacular de todas, queria propor um brinde à sua mente incrível — Ben disse, erguendo seu copo.

— Eu jurava que o Davis mais cadela de todos seria o Andrew, mas esse filho da puta consegue superar — Malcon brincou, erguendo seu copo.

— Sou um cadela domesticado e jamais negarei a minha linhagem dos caras que nasceram para ganharem um carinho da sua dona. — Ben beijou meu ombro outra vez, arrancando uma gargalhada dos amigos, e eu aproveitei para fazer um carinho mesmo em sua cabeça.

Além deles, Jackson, Malcon, Milagros a garota do hóquei, e que tinha ido com o Malcon, Ash, Madison e Jonh estavam na nossa mesa também.

— E para comprovar isso, tem uma coisa que eu quero fazer — continuou. Benjamin deu dois tapinhas na minha coxa, indicando que eu devia levantar e eu o fiz, voltando a sentar em seguida, assim que ele ficou de pé.

Não fazia ideia do que estava acontecendo, mas tinha certeza de que meu coração que batia de maneira tão forte desconfiava de que seria algo bom.

Madison começou a gravar o que quer que estava para acontecer.

Através do alto-falante do barzinho *Beginning Middle End* começou a tocar, e eu sorri. Amava essa música. Com certeza ele sabia isso. Benjamin ergueu a mão para que eu aceitasse dançar com ele, e eu sorri, aceitando-a. Ele nos balançou ao som da música, cantarolando em meu ouvido o quão ele estava cansado de tentar o amor, mas que eu me encaixava tão bem.

Então, no refrão, ao som de *"você será meu começo, meio e fim?"* os garotos do time se levantaram e formaram uma fileira de maneira que eu pudesse ver todos e Benjamin parou nossa dança, eles ergueram a camisa que vestiam mostrando outra peça por baixo onde cada um deles tinham uma letra formando a frase "namora comigo?"

Pus a mão sobre o peito que apertava a ponto de me deixar sem ar. De felicidade. Benjamin segurou minhas mãos trêmulas enquanto a música seguia tocando ao fundo.

— Eu queria ter feito isso para o baile, mas teria estragado a surpresa. Eu quero que você tenha todas as experiências bregas e lindas e incríveis do mundo, Chiara. De verdade. E tudo que estiver ao meu alcance, e mesmo que um pouco além, eu prometo que vou fazer. — Eu sorri respirando mais rápido. Meu coração estava derretendo no peito e eu sabia que viraria uma poça a qualquer momento. Benjamin beijou minhas mãos antes de se ajoelhar, abrindo uma caixinha com um anel de compromisso. — Você aceita namorar comigo?

Suspeitava que se eu sorrisse mais, meu rosto simplesmente partiria em dois de tanta felicidade.

— Sim — afirmei, com os olhos cheios de lágrimas enquanto assentia fervorosamente.

Eu aceitaria passar qualquer tempo ao seu lado, mas felizmente Benjamin Davis não queria um prazo, ele queria toda a infinidade que eu pudesse dar a ele. Benjamin levantou

com os olhos brilhando e o sorriso encantado de sempre.

Ele encostou nossos rostos lentamente, brincando com a ponta do seu nariz pelo meu, enquanto nossos amigos assobiavam, aplaudiam e gritavam chamando atenção.

Por fim, seus lábios encostaram nos meus.

Coração acelerado. Mãos suadas. E pernas bambas, exatamente como se aquele tivesse sido o nosso primeiro beijo. Subi minhas mãos por seu pescoço, enquanto ele me pressionava ainda mais contra seu corpo. Os lábios explorando minha boca. Reivindicando-me como ele havia dito alguns dias atrás.

Eu estava beijando, oficialmente, pela primeira vez, o meu namorado.

Alguém falou algo engraçado, porque ele riu durante o beijo, afastando-nos um pouco e deixando um beijinho na ponta do meu nariz.

Benjamin ia falar alguma coisa, mas antes que tivesse chance, o som de uma moto acelerando soou alto demais nos assustando.

Então, todas as outras coisas aconteceram rápido demais.

Uma arma.

O som de tiros.

Gritos.

Meu corpo tremia.

Sangue.

Pessoas caindo.

Benjamin passou o braço por cima de mim nos jogando no chão.

Sangue.

Dor.

O mundo foi ficando em silêncio.

Alguém desceu da moto, usando o capacete.

Eu vi seu tênis.

E, de repente, era como se eu estivesse de volta àquele dia na escola, em que eu era uma garotinha no chão daquela sala fria com sangue escorrendo por minha costela.

A lembrança fez com que a dor em meu peito se intensificasse ainda mais.

Dor.

Lágrimas.

Dor.

Benjamin pôs a mão em meu rosto, assustado, tentando fazer com que eu focasse apenas nele, em seus olhos.

Eu via seus lábios se moverem em um ritmo lento, mas não conseguia entender nada do que dizia.

O mundo girava e acontecia de maneira mais lenta.

Um disparo.

Meu peito ardeu.

Outro disparo.

Estava queimando muito.

Só dor.

Mais disparos.

O som ecoava e eu não conseguia respirar.

Medo.

Tentei inspirar, mas só conseguia sentir a dor.

Ouvi ao longe som de gritos.

Tentei inspirar outra vez.

Meu. Peito. Ardia.

Ar.

Eu precisava respirar, mas só doía.

Benjamin estava à minha frente em uma tentativa de me acalmar.

Dor. Dor. Dor.

Soltei o ar que ainda restava em meu pulmão com força, sentindo meu peito arder. Muito.

Meu coração estava em chamas.

Eu não conseguia ouvir a voz de Benjamin, mas podia ver o desespero em seu rosto.

O mundo estava ficando escuro, exatamente como ficou naquele dia.

Mais dor.

Muita dor.

Apertei a mão em meu peito como se pudesse conter aquela ardência.

Tudo estava escurecendo.

E eu não queria morrer. Não.

Eu queria ficar.

Tentei abrir os olhos para vê-lo.

Queria que Benjamin soubesse que eu estava tentando. Eu demorei tanto para encontrar tudo com que havia sonhado.

Não queria perder.

Não queria perder nada daquilo.

Amigos.

Pesquisa.

Pais.

Amor.

Benjamin Davis, meu amor.

Abri os olhos, uma pequena brecha.

Eu conseguia ver os olhos brilhando de sofrimento.

Pressão em meu peito.

Não conseguia respirar.

— Ben... — sussurrei.

Mais pressão. Alguém estava querendo afundar meu peito.

O ar saiu forte outra vez, mas eu não conseguia inspirar.

Eu precisava inspirar, porém meu peito ardia.

E então, a última coisa que eu conseguia ouvir enquanto meu peito queimava eram os últimos acordes da música.

Cinquenta anos depois, e ainda sou seu começo, meio e fim

Começo, meio e fim

Você será meu começo, meu meio, meu fim?

Você será meu começo, meu meio, meu fim?

Benjamin falou alguma coisa que eu não consegui entender.

Tinham lágrimas em seu rosto.

A frestinha foi se fechando mais uma vez.

Aos poucos.

Mesmo lutando para não os fechar.

Mesmo querendo manter os olhos nos olhos do meu namorado.

Meu corpo não conseguia resistir.

Dor.

Ardência.

Dor.

Não conseguia respirar.

Você será meu começo, meu meio, meu fim?

Você será meu?

Enfim, escuridão.

Meu fim.



Capítulo 45 – Benjamin

Minhas mãos suavam enquanto eu encarava a lápide à minha frente. Não sabia o que dizer, então, fiz a única coisa que consegui: Permaneci em silêncio, sentindo a dor em meu peito.

De várias formas.

Mentira.

A dor não estava só em meu peito, mas em minha alma, em minha memória, em cada um dos meus pensamentos.

Os últimos dias se transformaram em um inferno.

Aquela maldita música ecoava em minha mente.

Começo, meio e fim.

Eu queria voltar aos meus remédios, e aos meus vícios. Queria calar os gritos, as lágrimas, o som dos pneus, queria o silêncio bom novamente. Queria apagar o mundo e a dor.

Mas eu prometi, aqui mesmo, alguns dias atrás que não faria isso. E eu não cederia. Não me permitiria voltar atrás.

Eu seria um homem melhor.

Suspirei, sentindo o cansaço me tomar.

Meu corpo era um misto de exaustão, sono acumulado e dor.

A visão de Chiara à minha frente, com os olhos arregalados e a mão apertando o peito com força, me senti impotente, pequeno, inútil, outra vez. Tudo aquilo me matava.

Mas eu segui com o tratamento. Mais uma vez, estávamos seguindo com a terapia cognitivo-comportamental, me ajudando a ressignificar as minhas memórias.

Eu podia ter perdido muito naquela noite.

Podia ter perdido tudo.

Mas não perdi.

Não tudo, ao menos.

O alvo era Jonh, porém o ataque acabou machucando outras pessoas. Andrés e William do nosso time também foram atingidos, mas nada grave. A namorada de um dos nossos, Sylvia, estava ainda em estado crítico. Foi atingida na cabeça, mas tínhamos esperanças de que ela acordaria e se recuperaria.

O treinador estava certo, ele não deixaria para lá o que havia acontecido. O homem foi implacável em descobrir quem, dentro da universidade, estava ajudando com o fornecimento de drogas e qualquer outra substância ilícita. Foi por causa disso que foram atrás do Jonh, as investigações do treinador juntamente com a polícia, estavam rendendo frutos. Eles queriam eliminar o mal pela raiz, mas não conseguiriam.

O treinador sim obteve sucesso.

Era engraçado como as mesmas pessoas que diziam que a universidade precisava ser um lugar sem vícios ajudaram a fomentá-los.

Com a ajuda do reitor, o treinador conseguiu descobrir três pessoas do administrativo, dois alunos — fora o Jonh, e mais um traficante de fora que repassava tudo que eles queriam vender.

A grana que conseguiam com a venda era alta.

Altíssima.

A ganância acabava fazendo com que eles não se importassem com as nossas vidas, mas com tudo que poderiam lucrar conosco.

Além da cocaína, o crack, LSD, maconha e metanfetamina eram as principais drogas que faziam o dinheiro girar. E uma vez a pessoa se tornasse um viciado, se não tivessem um acompanhamento, rede de apoio e determinação, não conseguia abandonar o vício e se afundar ainda mais em dívidas. Felizmente, eu fui agraciado com a sorte de possuir esses três fatores.

Jonh passou por uma cirurgia de risco. Foi atingido no abdômen e seguia em observação no hospital. Eu ia vê-lo todos os dias. Ele ficou aliviado ao saber que as pessoas que tentaram matá-lo foram presas.

— Sabia que te encontraria aqui. — Olhei para trás a tempo de ver meus irmãos se aproximando. Os três, juntos. Cada um carregando um ramalhete de flores.

Eu tentei sorrir.

Olívia se aproximou, grudando o braço ao meu, e encostando a cabeça em meu ombro. Jackson deu um tapa em minhas costas, abrindo espaço para que Andrew ficasse ao meu lado. Todos tínhamos a mesma expressão de cansaço.

Noites mal dormidas. Medo. Pesadelos.

Dor.

Perdas.

Eu ainda queria acreditar que aquele dia foi um terrível engano. Que depois do pedido de namoro Chiara me beijou, que eu consegui pôr o anel em seu dedo, que fomos para casa e passamos a noite transando. Olhos nos olhos, lábios nos lábios.

Mas não.

Não foi isso que aconteceu.

Seu coração parou e eu vivi os minutos mais angustiantes da minha vida.

— Você está bem? — Oly moveu a cabeça para me encarar. Eu gostava de como nós conseguíamos nos unir nos momentos em que mais precisávamos uns dos outros.

— Sim. Estou. — Soltei o ar com força. — Só precisava vir aqui pra... Não sei. Só queria ficar perto dela um pouco.

Oly beijou meu braço, entrelaçando nossos dedos.

Ficamos em silêncio completo analisando a lápide.

— Sinto falta dela — confessei, depois de algum tempo.

— Eu também. — Andrew se aproximou, tocando o mármore frio. — Ela nunca vai deixar de fazer falta.

Olívia suspirou, se aproximando de Andrew e pondo suas flores azuis no chão, perto do nome dela, seguida de Jackson. Eu sentia um bolo na garganta. Era estranho estar aqui. Era estranho pensar em todas as possibilidades que poderiam ter acontecido se o destino não fosse tão implacável.

Dei um passo à frente, com o coração apertado. Mais outro e mais outro. Soltei o ar com força, me abaixando e deixando as flores lilás ao lado dos ramalhetes dos meus irmãos.

Meu peito ardia e eu precisei inspirar fundo com força para encontrar alguma forma de encher meus pulmões outra vez. Ressignificar memórias. Lembrei-me da minha terapeuta. Era por isso que eu estava aqui.

Inspira.

Expira.

Aos poucos.

Um passo de cada vez.

Era assim que as ressignificações aconteciam.

— Eu tô orgulhoso de você — meu irmão disse, dando um tapa em minhas costas. Depois, ele deu um beijo nas flores que carregava e as pôs ao lado dos demais ramalhetes. — Vamos pra casa. — Ele levantou, tentando desviar minha atenção da pedra de mármore. — Você precisa descansar antes de começar tudo outra vez.

Assenti, mas meus pés não se moveram quando Andrew tentou me arrastar dali.

— Vem — Jackson falou ao meu lado, passando seu braço pelo meu.

Demorou para que meus pés obedecessem ao comando da minha mente, mas quando consegui virar o corpo em direção ao carro de Malcon, vi minha irmã sorrir em uma tentativa de me encorajar.

Ter meus irmãos ali comigo era uma maneira de ter certeza de que não importava o quão ruim a vida pudesse ser, eu sempre teria com quem contar nos dias mais nublados.

Sempre.

E eu jamais cansaria de ser grato por eles.



Inspirei fundo antes de abrir a porta do quarto com o coração mais aliviado por estar aqui. Por estar de volta. Por saber que no fim, tudo tinha dado certo.

— Oi — Chiara falou, exibindo um sorriso enorme ao me ver passar pela porta. Meu coração pareceu alargar no peito, como fazia todas as vezes em que a via assim, sorrindo, feliz, com os olhos piscando, bem.

Ressignificar.

Todos os dias eu me empenhava nisso.

Não a tinha perdido. Não perdi meus irmãos. Não aconteceu nada comigo.

Nós tivemos sorte. Uma puta sorte.

Por alguma obra do destino, havia uma ambulância perto da bar onde estávamos. Assim que alguém entrou em contato com o pronto socorro, ela foi enviada para lá.

O coração da minha namorada parou por exatos 4min77seg.

Eu a perdi por aquele tempo que pareceu uma infinidade.

Vi a minha vida perder a cor. Senti o meu próprio coração parar. A gravidade deixar de existir. Eu fiz massagem cardíaca nela até que a ambulância chegasse. Nós tivemos aulas de primeiros socorros na escola, por causa da quantidade de vezes que nosso pai desmaiava depois de beber, quis realmente de dedicar a isso, para que, se acontecesse alguma coisa com alguém enquanto eu estivesse por perto, não me sentisse tão perdido e inútil quanto me senti com a minha mãe, que eu não pude fazer nada para ajudar.

E me dedicar aos primeiros socorros nunca tinha sido tão importante para mim como naquele momento. Ajudou a salvar a vida da minha garota, como se o destino estivesse me preparando para o agora, para que eu não a perdesse.

Ali era apenas o nosso começo. Não permitiria que nossa história não tivesse um meio ou fim adequados. Eu a queria. Para sempre.

Por 4 minutos e 77 segundos, eu perdi o chão. Assim que os socorristas a puseram na ambulância e começaram a realizar os procedimentos de ressuscitação.

Assim que o socorro chegou, um desfibrilador foi utilizado e quando, por fim, escu-

tamos o som de uma batida... nossa. Foi como se eu mesmo tivesse voltado à vida.

A minha garota, a minha namorada, o meu amor, ela não desistiria da vida.

Os médicos explicaram que a alta carga de estresse fez com que fosse liberado em seu organismo um aumento transitório da frequência cardíaca e pressão arterial, o que desencadeou uma descompensação, levando ao infarto agudo do miocárdio. Ou seja, um ataque cardíaco.

Nós tivemos sorte com a ambulância. Nós tivemos sorte com vários fatores. Seu coração podia ter parado, para sempre. Levando o meu junto.

— Oi, amor. — Sorri de volta, caminhando, ansioso, em sua direção, dando um beijo rápido em seus lábios. — Trouxe um lanche pra sogra mais linda do mundo.

Ergui uma pequena sacolinha da *Women's* para dona Célia, minha sogra, que passou os últimos três dias sem dormir direito, abancada no quarto da Chi. Dessa vez não teve quem convencesse a mulher a descansar em uma cama e tomar um banho quente digno para que o corpo relaxasse.

Dona Célia era realmente uma mãe dedicada, e apesar de ter tido menos contato com meu sogro, nós nos demos bem. O fato do homem gostar de esportes acabou preenchendo as lacunas de silêncio que surgiam ocasionalmente. Ele era um bom homem, e amava demais a Chiara. Os dois a amavam muito, e eu consegui entender o motivo pelo qual ela achava que tinha atrapalhado a vida

deles, mas não era isso. Era amor. E é exatamente isso que fazemos quando amamos alguém, estamos ao lado da pessoa, nos momentos bons e ruins.

Era por amor que nós estávamos aqui sempre. Madison, Chiara, meus irmãos e até Olívia estava enviando mensagens constantes para minha garota. Nós a amávamos, e estaríamos aqui por ela, sempre.

— Obrigada, querido. — Ela bocejou, depois me deu um beijo antes de pegar a sacola em minha mão. — Meu marido foi buscar um copo de café na cantina, mas acho que posso dar um pouco de privacidade a vocês, se prometerem se comportar.

— Bem, eu não posso sair daqui correndo, por mais que queira muito.

— E não sairia, porque seu namorado, barra deus da Walker jamais permitiria. — Bati o dedo na ponta do nariz da minha garota.

— Tudo bem então, deus da Walker, te proclamo o soberano dessa sala, então não tira os olhos da minha filha.

— Pode deixar, dona Célia. Tirar os olhos da coisa mais preciosa da minha vida seria impossível mesmo. — Chiara tapou o rosto com a mão.

— Mãe, ele já é convencido demais pra senhora ainda dar mais corda — reclamou.

— Você devia saber disso quando o escolheu. — A mulher deu de ombros, me fazendo sorrir. — Não posso fazer nada quanto a isso. E eu gosto do quanto ele está mesmo disposto a cuidar de você. — Nós dois assistimos

enquanto sua mãe seguia para a porta. — Já volto, crianças.

Despediu-se soltando um beijo antes de fechar a porta.

— Espero que ela vá para casa dormir um pouco hoje. — Chiara se ajeitou na cama, e eu me sentei ao seu lado, segurando sua mão. — Mamãe está morta. Madison saiu agora há pouco para um daqueles encontros com os pais, de onde ela volta completamente transtornada. A mãe dela é uma vaca.

Chiara reclamou, preocupada com a amiga.

— Um problema de cada vez, amor. — Beijei sua mão. — Acredito que sua mãe vai acabar cedendo, e a Madison sabe que pode contar conosco sempre, mesmo quando ela escolhe não falar nada. A Leigh me disse que vem depois do turno na lanchonete. Não precisa se preocupar com nada. Não vamos estressar o meu coração preferido no mundo. — Aproximei-me devagar, ouvindo o coração bater depressa no peito, e dando um beijo sobre seu coração. — Você já passou por muitas emoções, que tal dar um descanso a ele. Como você está?

— Eu tô bem. Juro. Os médicos vieram aqui e amanhã eu vou receber alta. — Sorriu, animada. — Se tudo continuar indo bem, vou poder assistir à sua final lá da quadra.

— Nada disso, linda. Como uma boa namorada, você vai assistir de casa — beijei seu nariz — com suas amigas — sua bochecha — com seus pais se eles ainda estiverem aqui.

Beijei sua boca, exatamente como queria fazer desde que havia chegado aqui. Chiara soltou um gemido com nossos lábios grudados e sua língua escorregou para dentro da minha boca. Seu ritmo cardíaco aumentou, fazendo com que as batidas ficassem mais fortes no monitor.

Eu ri, me afastando um pouco.

— Isso é uma droga — Chiara reclamou, dando um beijinho rápido em meus lábios. — E como foi lá?

— Foi bom. Fui com meus irmãos. — Peguei sua mão, entrelaçando nossos dedos. — Eu só queria que ela soubesse que eu estava cumprindo a minha promessa. Acho que quando fui lá pela primeira vez, foi como se tivesse conseguido fazer as pazes com uma parte do meu passado, sabe? E eu quero continuar caminhando em direção a estar completamente em paz com ele. — Ela assentiu, esperando que eu continuasse. — Nós levamos flores, e...

Parei, lembrando-me daquele momento.

Do seu nome escrito na lápide, dos nossos momentos juntos, e da certeza que ninguém jamais tiraria de mim: Ela nos amava. Não havia dúvidas de que aquela seria a vida que nossa mãe teria escolhido para viver outra vez.

— Ela está com vocês sempre, Ben. Bem aqui. — Chiara pousou a mão em meu coração.

— Você sabe que eu te amo, não é? — perguntei, aproximando-me e deitando um pouco com ela na cama.

Abri os braços e Chiara se aconchegou em meu corpo. Não era exatamente uma coisa que podíamos fazer, mas as pessoas já ignoravam isso. Éramos o casal jovem apaixonado, e no fim das contas, ninguém tinha coragem de pedir que, depois de todo o susto, mantivéssemos distância.

— Eu também te amo — ela disse, pousando a cabeça em meu peito.

— É sério. Eu amo você, Chiara. Quando eu vi você naquele chão, quando... — Eu não conseguia falar. Nem pensar sobre isso. Doía, ardia meu peito. — A única coisa na qual eu pensava era que eu não sabia o que ia fazer se não pudesse ver seus olhos outra vez. — Soltei o ar, acariciando a sua nuca. — Eu tinha acabado de te prometer uma vida cheia de surpresas e...

Chiara balançou a cabeça em negativa.

— Eu achei que ia morrer — disse, com a voz chorosa, fazendo meu peito comprimir outra vez. — De verdade, Benjamin. Achei que nunca mais fosse te ver. E por um instante eu fiquei triste, devastada. — Chiara se mexeu, sentando-se na cama e ficando de frente para mim. — Mas sabe qual foi a última coisa na qual eu pensei?

Balancei a cabeça em negativa.

— A última coisa que eu pensei foi que tinha valido a pena. Que talvez eu não tivesse feito todas as coisas que sempre sonhei, mas que cada segundo valeu a pena, porque todas as experiências que eu tive me trouxeram até você. — Sua voz embargou um pouco. — Quando eu vim para a Walker, eu nunca

pensei que fosse me apaixonar de verdade. Mas você apareceu. E você conseguiu tornar cada segundo que eu passei aqui, inesquecível para mim. Valioso demais. Então, mesmo que eu tivesse fechado os olhos para sempre, teria valido a pena. Você me deu momentos e sensações que eu jamais imaginei que fosse viver, mas, mais do que isso, Benjamin Davis, você me deu um amor. Um amor que nem mesmo a morte vai ser capaz de me fazer esquecer. Pode ser que na próxima crise meu coração não aguente, mas eu quero que você saiba isso. Você me deu um amor inesquecível, e eu nunca vou saber como te agradecer o bastante por me amar.

Sentindo meu coração apertado de amor, de gratidão, de esperança, eu a puxei para mais perto, colando nossas testas.

— Você sabia que você estava em minha carta também? — sussurrei, com nossos rostos, nossas lágrimas e nossas respirações se misturando.

— Como assim? — Ela se afastou um pouco, me olhando como se eu estivesse ficando maluco.

Peguei o celular do bolso, o desbloqueei, acessei minha galeria e, ao encontrar a imagem que eu queria, pus o aparelho sobre sua perna. Chiara franziu o cenho, pegando o celular.

— É a sua carta? — perguntou, olhando para mim com os olhos ainda brilhando por causa das lágrimas acumuladas em busca de confirmação. Eu assenti.

— É a minha carta. Eu tirei uma foto no dia em que Madison e eu fomos atrás da sua. Eu queria realizar seus sonhos, de verdade. Queria que você olhasse para sua vida e se sentisse realizada. O mundo já tinha tirado tantas coisas de você que eu só queria que você as tivesse de volta. Queria que você conquistasse qualquer coisa que quisesse, Chiara. Queria que eu fosse bom o bastante para construir uma máquina do tempo e te levar de volta para cada lugar importante, para viver cada pequeno momento importante — falei, passando a ponta do indicador por seu rosto. — Eu quero que você tenha tudo que sonhou, porque você merece cada pequeno detalhe dos seus sonhos. Então, eu posso ser a sua fada madrinha se você quiser.

Eu podia ouvir seu coração acelerado. A máquina de frequência cardíaca não deixava mentir os batimentos rápidos em seu peito. A forma como ela me olhava, como se eu fosse único no mundo era... incrível. Era bom me sentir assim, como se eu fosse realmente importante para alguém.

Para ela.

Voltei o olhar para meu aparelho, apontando para um lugar específico na tela. Chiara seguiu meu movimento com os olhos.

— Um coração, e... — Ela me encarou com uma interrogação nos olhos. — Aqui sou eu? — Parecia espantada. — Tipo, eu de verdade?

Eu assenti.

— Falei sério no ano passado quando disse que corria um sério risco de me apaixo-

nar por você, Chiara. Eu gostava mesmo de te ouvir, mesmo quando você não aparentava o menor interesse em me deixar me aproximar de você. E eu acho que de alguma maneira inconsciente, já estava meio apaixonado.

Eu a assisti formar uma pinça com os dedos para aumentar a imagem e conseguir se ver com clareza. Os olhos tímidos e intensos, os cabelos levemente cacheados, um casaco que a cobria, e um pequeno coração ao lado com a letra C. Chiara soltou um suspiro que me fez rir.

— Todo mundo sempre soube que você era boa demais pra mim, gata. Eu também sabia disso. Mas de alguma forma maluca, você pareceu ser meio alheia a isso.

Chiara sorriu.

O maior sorriso que eu já tinha visto habitar o rosto de alguém.

— Eu não preciso que você seja a minha fada madrinha, Benjamin Davis — sussurrou, aproximando o rosto do meu.

— Não?

— Não — respondeu, sustentando os olhos nos meus. — Eu só preciso que você seja o meu amor, sempre.

— Isso você não precisa pedir — murmurei, aproximando um pouco mais nossos lábios.

Chiara pôs a mão em minha nuca, fazendo com que meu corpo inteiro se arrepiasse.

— Agora vem aqui, e me beija — pediu, com um sussurro sensual que mexeu com cada parte do meu coração.

— Seu pedido é uma ordem. — Mordi seu lábio inferior. Chiara ia se aproximar para aprofundar o beijo, porém, me afastei. — Antes, eu preciso saber de uma coisa. — Pus a mão no bolso para pegar o anel de namoro que havia comprado para dar a ela alguns dias atrás. Eu tinha conseguido salvá-lo no meio daquela confusão. — Você me deu uma resposta, mas não tivemos tempo de concluir todo o processo, sabe? E eu queria saber, se você está disposta a ser minha namorada pra vida inteira.

Ela assentiu outra vez, com um sorriso cálido e olhar emocionado.

— Até onde o universo permitir. E até depois disso também.

Comecei a colocar o anel em seu dedo outra vez e um segundo depois, ela me beijou.

E eu a beijei.

Não precisava de mais nada, além de saber que Chiara me amava.

Eu faria de tudo para que cada segundo de sua vida fosse inesquecível.



Epílogo – Chiara

Minhas mãos estavam completamente suadas só por estar aqui, sentada, ao lado de grandes nomes da medicina. Eu queria que a minha mente fosse capaz de gravar cada fala, gesto, sorriso que recebi aqui hoje.

O congresso foi a coisa mais fantástica da medicina na qual eu já havia participado. Muitos projetos foram debatidos, conversados, analisados, e saber que a ciência era um dos melhores meios de mudar o mundo me dava a esperança de que, sim, os avanços tecnológicos poderiam seguir salvando vidas.

Podia ser que um dia pessoas como eu conseguissem parar os avanços da doença. Havia alguns indícios de que a terapia gênica de fato era funcional. Três casos apresentaram remissão através do tratamento com a terapia gênica. Dois homens, com casos de câncer e um outro teve a cegueira evitada graças ao tratamento.

Os médicos seguiam realizando ainda acompanhamento, entretanto, quase que imediatamente depois do início do tratamento, foi possível perceber a remissão da doença e, até então, eles não tiveram sinal algum de recidiva. O que aumentava a minha esperança.

Mesmo sabendo que médicos não trabalham com esperança, e sim com ciência. Estava esperançosa.

Eu queria viver.

Ainda havia muito de mim mesma para descobrir, ainda havia muito do amor para que eu vivesse, ainda havia um mundo de possibilidades para mim e incontáveis jogos do meu namorado para que eu pudesse assistir.

A ciência salva vidas, eu nunca duvidei disso.

Agora, a ciência podia salvar a minha vida. Mais algum tempo e o meu projeto poderia ser aprovado para testes em humanos também.

Não tinha como não manter a esperança.

Não enquanto ouvia tantas pessoas falando a respeito da ciência, da pesquisa, e de como ela transformou vidas.

É nisso que eu acredito.

Que a ciência, salva.



"Querida Chiara — a do passado, a do presente e a do futuro

É importante que você saiba que, sem lutas, não existiriam vitórias. É claro que em meio às dores e tristezas, não pensamos dessa maneira. Mas acredite em mim, depois de uma tempestade, sempre damos um jeitinho de ver o sol brilhando e de maneira ainda mais intensa.

Não sei por qual motivo senti vontade de falar com você. Talvez para que se recorde, todas as vezes em que quiser desistir, de tudo que conquistou. Seu projeto está indo bem, suas amigas ainda são incríveis e no meio da caminhada você tem conhecido pessoas maravilhosas. E você as conquista por ser quem você é. Então, não mude, por favor.

Ah, a nossa relação com a mamãe está incrível, quem diria? Agora é o papai quem se sente meio enciumado. Acho que compreender como te ver sofrer também foi difícil para ela, e ajudou muito no processo. E falando o processo, por tudo que há de mais sagrado, continue na terapia. Nunca nos sentimos tão leves e desafiadas como quando começamos uma nova sessão.

Estou orgulhosa de ver aonde você chegou até aqui. Confiante, positiva, animada e amada. Nós estamos felizes. Nós vamos continuar sendo.

E sabe o que mais? A gente ainda fica besta só de pensar que não apenas andamos com os caras mais lindos da Walker, como namoramos o mais especial e lindo e apaixonante deles. U A U!

Acho que nunca vamos deixar de olhar para o Benjamin e nos perguntar como conseguimos. Também não sei. Talvez nunca saibamos. Mas ele nos ama. Ele cumpre cada promessa e realiza cada um dos nossos sonhos. E o nosso coração para sempre que o vê. Mas não é nada preocupante, é lindo, na verdade.

É amor.

Você estava certa aí no passado quando disse que em um ano tudo pode mudar. Nossa, em alguns meses tudo mudou. Tudo mesmo.

E não pra pior. Pra melhor também.

Pra muito melhor.

A vida é imprevisível mesmo.

Para todos.

E aprendemos a lidar com as imprevisibilidades da melhor forma que podemos, ou melhor, da única maneira possível: arregaçando as mangas e indo à luta. Você não precisa ter medo de nada, só continue correndo atrás dos seus sonhos, você pode alcançá-los.

Nós ainda convivemos com a nossa doença, nós ainda nos cuidamos, agora, mais do que nunca. Nós ainda temos cuidados redobrados com o nosso coração, e ainda temos muito medo. Muito mesmo. Não tem sido fácil. Às vezes, eu chego, nós chegamos a paralisar de tanto medo, nós choramos à noite por causa disso, mas ao mesmo tempo, não podemos fazer nada para mudar isso. Ter nossos amigos ao nosso lado tem sido uma experiência incrível. Não existe nada melhor do que dividir a carga com pessoas que amamos.

Eu lembro de quando mamãe cantava uma canção de ninar para nós. A música era baseada no livro O Pequeno Príncipe, e ela diz que cativar é também carregar a dor que alguém tem para levar. Eu estava vendo isso na prática, todos os dias. Meus amigos carregavam a minha dor e os meus medos comigo, e isso tornou a nossa vida muito mais leve.

Por favor, não nos deixe esquecer isso.

Compartilhar, não nos torna fracas, muito pelo contrário, nos torna mais fortes.

Ah, lembre-se sempre de tirar um tempinho para apreciar as pequenas coisas da vida, para curtir com aqueles que estão ao seu lado, para sorrir só porque teve a chance de levantar da cama quando muitas pessoas não tiveram. Só sorria. Nem sempre teremos motivos, mas vale a pena.

E por tudo que há de mais sagrado: Nunca desista.

Nossa teimosia nos trouxe até aqui.

Eu pensei por um tempo em algo, nós tivemos um primeiro amor. Nós o temos, e sempre teremos. E com nosso primeiro amor, tivemos primeiras vezes lindas. Primeiros olhares, primeiros sorrisos, primeiros toques. Pode não ter sido a primeira pessoa que te tocou, mas ele foi o primeiro com quem fizemos isso pelos motivos certos. Não por medo de morrer virgem, ou nada do tipo, mas por realmente querer aquilo, e com ele.

E o nosso primeiro amor não poupa esforços para realizar tudo que queremos e não tivemos a chance.

Então, aqui do futuro — ou do passado — eu te digo, a gente não precisa voltar no tempo, ou ter certeza de como será o futuro. Só precisamos ter ao nosso lado a pessoa que está disposta a fazer todas as loucuras que nos levarão a ter as melhores memórias.

O que mais importa, é estar com a pessoa certa.

E nunca deixe de viver. Não precisa ter medo.

Viva.

Seja feliz.

Realize seus sonhos.

Você vai chegar ainda mais longe.

Enfim, de todo meu coração, espero que aí, daqui a um ano, nós estejamos felizes e realizadas. Espero que estejamos aí e bem.

Com amor, Chiara.

Sua eu do passado, do presente e do futuro."

— Você não vem? — Benjamin perguntou, aparecendo na porta do seu quarto.

— Vou, claro! — Fechei a carta, pondo-a dentro da minha bolsa.

As novidades não paravam nunca.

Ben e o time tinha ganhado o torneio e trazido a taça para a Walker e nós íamos comemorar mais tarde. Agora estávamos indo para a apresentação do trabalho da Dorothy.

Entre tristezas e alegrias, ela conseguiu me usar como exemplo. Todas as vezes em que me sentia triste ou querendo desaparecer no mundo, eu mudava minhas roupas, como se elas pudessem repelir as pessoas.

Em geral, funcionava.

Mas quando eu me sentia bem, feliz, eu usava os looks bonitos que ela havia comprado pra mim.

Isso funcionava muito.

Eu era melhor atendida, as pessoas olhavam para mim e eu conseguia transmitir segurança com a minha postura e jeito de falar.

Dorothy me convidou para assistir, e eu não deixaria de estar lá com ela.

Madison e Leigh estavam lá embaixo, ansiosas. Mas eu queria aproveitar e escrever uma carta para mim. Tinha gostado da ideia da Mad no final das contas, e resolvi aderir ao hábito de uma vez por mês, pelo menos, me escrever. Ou quando estivesse triste, cansada, ou querendo pular de alegria. Acho que seria uma experiência legal, lá na frente, reler sobre meus medos e anseios aqui do passado.

Era legal a experiência de ver como nós mudamos de um curto período de tempo para outro.

Eu já não era a Chiara de quando escrevi a carta em dezembro, mas também não era a Chiara que era há uma semana. A vida nos fazia mudar, as experiências, os medos. A terapia. Eu havia recomeçado por conta do dia do tiroteio. A junta médica ficou preocupada de que qualquer evento similar tivesse o mesmo efeito. Para evitar isso, estávamos usando o mesmo método que a terapeuta do Benjamin, o TCC, e meu psicólogo gostou da ideia da escrita, ele disse que podia me ajudar bastante.

— O que você está fazendo? — Benjamin passou pela porta meio desconfiado.

— Nada demais. — Rolei os olhos.

Ele se aproximou, beijando meus lábios e pousando a mão sobre meu coração.

— Pensei que você tinha parado com esse medo — comentei, franzindo a testa, meio preocupada com seu progresso.

— Não é medo. — Ele sorriu. — É só que eu gosto de ver como seu coração bate mais forte quando estou com você. — Rolei os olhos, não podendo negar a verdade. — E se você quer saber, o meu faz a mesma coisa, porque o meu coração aprendeu a bater num ritmo certo por você.

Eu sorri feliz.

Tinha um namorado adoravelmente brega, que me amava, e que eu amava também.

Eu não precisava viver cem anos, mas precisava viver meus dias ao seu lado. Isso seria tudo para mim.

Porque o meu coração pertencia a ele.

Cada pequena batida.

E não havia formas de negar isso.

Benjamin Davis era o meu clichê.

O meu apaixonado.

O meu amor.

A vida, ela era mesmo surpreendente. E eu estava mais do que disposta a vivenciar muitas outras surpresas, com ele ao meu lado.

Sempre.



Bônus – Chiara

A porta de madeira se abriu e a primeira coisa que eu vi foi um tórax perfeito parado à minha frente. O meu tórax perfeito.

Quase suspirei, mas não deu tempo.

Eu tinha que focar.

— Que bom que está em casa. Preciso de você agora, tira a camisa — disparei, assim que meu namorado abriu a porta.

Benjamin arregalou os olhos, abrindo passagem para mim que dei de cara com Andrew e Leighton deitados no sofá, abraçados, vendo um dos filmes da saga Velozes e Furiosos. Os preferidos do Andrew.

— Uau, espero que um dia você chegue tão a fim de transar assim, Afrodite — Andrew comentou com uma cara engraçada, ganhando um beliscão da namorada.

— A gente não vai transar — expliquei, apontando para o livro que carregava em frente ao meu corpo. — Eu tirei um B! B- para ser mais específica! Vocês sabem o que isso quer dizer?

— Que você não foi tão mal? — meu namorado perguntou, colando o corpo quente e que mais parecia esculpido pelos deuses, ao meu.

— Errado — apontei, olhando para ele rapidamente, mas voltando a encarar o casal no sofá. — Isso é uma tragédia! Eu não posso ter um B- no meu currículo. A professora permitiu que eu refizesse a prova porque eu precisei fazer algo que nunca gostei, apelar! Apelei para o infarto — Bufei, sentindo-me uma cretina por usar uma coisa ruim a meu favor. — Eu preciso de um A+. Não aceito menos que isso. Não foi pra isso — ergui a prova na direção de Leighton e Andrew que estavam deitados no sofá me assistindo como se quisessem rir —, que eu vim para a universidade. Não aceito um B. Não mesmo.

— Não sei se você escolheu a melhor companhia de estudos — Andrew disse, olhando para o irmão. — Biologia, decididamente não é a área do meu irmão.

— Ah, eu sei disso. — Dei de ombros. — Só vou precisar mesmo do corpo gostoso dele.

— Bem, isso aí eu posso ceder, sem dúvida. E, sinceramente, estou disposto a ceder um pouco mais também. — Ele beijou minha bochecha, fazendo-me rir, depois segurou minha mão, começando a subir as escadas.

Não demorou para que estivéssemos em seu quarto, à vontade. Benjamin estava deitado com a barriga para cima, enquanto eu desenhava em seu tórax todo usando canetinhas coloridas.

Eu estava sentada sobre sua virilha, concentrada, marcando o fígado de azul. Já havia marcado e estudado tanto o intestino quanto o estômago. Enquanto desenhava sobre seu corpo, explicava a ele sua função.

Benjamin aceitou bem o posto de ajudante e fazia perguntas para que eu pudesse repassar ainda mais a matéria.

— Então, entre as principais funções do fígado, estão digerir gorduras, armazenar e liberar glicose, eliminar toxinas, produzir colesterol... — Mordisquei o lábio, tentando recordar de uma das questões da prova. Era alguma coisa mais específica a respeito do fígado. — Ah, um fígado saudável produz substâncias importantes como albumina, que possui um papel importante na circulação sanguínea e no transporte de diversas substâncias, como vitaminas, enzimas, hormônios. A Albumina tem a função...

— Tenho uma pergunta pra professora gostosa que está sentada em meu pau duro — Benjamin interrompeu, passando a ponta do indicador por minha coxa. O vestido que eu usava estava bem levantado, deixando minhas coxas todas à mostra.

Bufei, imaginando que a pergunta seria quando ele poderia praticar anatomia, ao invés de estudar.

— O que, Ben?

— Nós não vamos estudar o sistema cardiovascular? — perguntou com um ar inocente. — Tenho uma dúvida importante sobre o coração.

— Na verdade, não. A prova é mais sobre o nosso sistema digestório, o que torna tudo pior, porque eu devia ter tirado A+ — reclamei, com um suspiro. — Mas você está sendo um bom modelo de estudos, então pode perguntar.

— Pode me passar a canetinha vermelha, por favor? — pediu, erguendo a mão.

— Não é mais fácil você só perguntar? — Apertei os olhos em sua direção, mas peguei a canetinha em meu estojo.

— Estou aqui como modelo há horas, sem fazer exigência alguma. Mereço um pouco mais da sua consideração.

Rolei os olhos, entregando uma canetinha vermelha, tentando não rir enquanto assistia ao meu namorado desenhar um coração sobre o lado esquerdo do peito.

— Amor, você sabe que esse não é um coração de verdade, não é? — Franzi o cenho para ele. — O coração é um órgão muscular oco, do tamanho de um punho fechado e com dois átrios e dois ventrículos, e...

— Shi.. — Benjamin pôs o indicador em meu lábio, assim que terminou de pintar o coração que havia desenhado sobre o peito. — Posso fazer a minha pergunta?

— Você sabe que está me fazendo perder tempo de estudo, não é? — perguntei, cruzando os braços em frente ao corpo.

— E você sabe que se continuar reclamando, mais vai demorar para voltar para seu estudo, não é? — Bufei, decidindo que ele estava certo.

— O que você quer saber sobre o coração, Benjamin Davis? — Apertei os olhos para ele.

Ben começou a subir os dedos por minhas coxas outra vez, mas dessa vez não consegui ignorar o fogo que começou a me consu-

mir à medida que sua pele tocava a minha. Seu pau completamente duro parecia pulsar embaixo de mim.

— Eu quero saber da minha médica preferida, o que nós podemos fazer quando perdemos o nosso coração.

— Quando perdemos o coração? — repeti, confusa, tentando associar às suas palavras. — Você sabe que não podemos perder o coração, Benjamin, porque...

— Claro que podemos — ele afirmou, interrompendo-me.

— A única maneira de alguém perder o coração, é fazendo uma doação do órgão, o que só pode ser realizado se a pessoa não estiver mais viva e...

— Então nós temos um problema — interrompeu outra vez, olhando-me como se estivesse registrando cada pequeno pedaço do meu rosto em sua mente. — Porque eu perdi o meu coração. Há muito tempo, gata.

— Davis, eu...

— Pra você — completou, interrompendo-me mais uma vez. — Meu coração é inteiramente seu, gata. E eu queria que soubesse disso. Meu coração é cheio de falhas, mas ele é todinho seu.

Inspirei fundo, sentindo uma dor gostosinha no peito, ao mesmo tempo em que borboletas dançavam em meu estômago.

Meu Deus, como eu amava aquele garoto brega e completamente romântico.

— Então, não é um problema, é uma solução — disse, aproximando-me e dando um

beijo em seus lábios. — Porque eu também perdi o meu, para você.

Benjamin sorriu, e eu brinquei resvalando nossos lábios algumas vezes.

— Eu te amo — repeti, dando início a um beijo.

Um beijo calmo e tranquilo, daqueles que só damos quando sabemos que encontramos a pessoa a quem nosso coração pertence. E o meu pertencia a Benjamin Davis.

Vivo ou morto.

Pela eternidade.





Beijei o topo da cabeça de Chiara, depois que a deitei sobre meu corpo enquanto acariciava seus cabelos. Ela estava cansada por conta dos estudos.

— Você lembra que alguns meses atrás eu te disse que estava à disposição para ser utilizado como objeto de estudos?

Senti seu rosto se mover um pouco indicando que estava sorrindo.

— Você nunca esquece de nada?

— Não quando é a seu respeito — garanti, passando uma mão de leve por seu rosto, enquanto deslizava a mão esquerda por sua perna. — Eu estava pensando aqui, e acho que a gente pode estudar anatomia de outra maneira. Aquele jeitinho que faz com que você fique molhadinha pra mim. — Sua respiração ficou pesada. — E seu eu me lembro bem, eu sei que você costuma arquear um pouco o corpo quando a toco aqui. — Pressionei, com o polegar, seu clitóris. Como eu previ, ela arqueou o corpo, soltando um gemido.

Beijei sua clavícula, afundei o rosto em seu pescoço, enchendo-a de beijos e sussurrando o quanto meu pau estava latejando para comer sua boceta.

— Você venceu, Davis. Praticar anatomia é bom — falou, mordiscando o lábio, e co-

meçando a subir o vestido quadriculado que usava.

Inspirei, assistindo enquanto ela tirava a roupa, tão ansiosa quanto eu. Jamais me acostumaria com aquilo. Com ela. Com o fato de que aquela garota gostava de mim. Com a forma como ela era perfeita.

Em seu sorriso, seu olhar, seu corpo. Na forma como ela correspondia aos meus toques, mas o melhor, em seu coração.

Eu amava o seu coração.

Baixei o rosto, beijando sua barriga. Seus dedos foram parar em meu cabelo, brincando com os fios. Toquei sua barriga com a língua enquanto minhas mãos encontravam o próprio caminho até as laterais de sua calcinha. Os beijos foram descendo até a virilha. Desci o pequeno tecido preto com cuidado, deslizando-o com delicadeza por suas pernas.

Rocei os dentes pela parte interna de sua coxa, arrancando um suspiro dela. Meu pau já pulsava, insistindo para que recebesse um pouquinho de atenção.

— Ben! — Sua voz estava repleta de tesão.

Nós estávamos indo muito devagar depois do seu acidente. Tinha medo de que a transa acabasse acelerando seu coração outra vez. Não era difícil lidar com o cuidado ou com a falta que o sexo estava fazendo. Difícil era dizer não quando minha namorada decidia que queria enfiar as mãos em minha calça para chupar meu pau.

A vida do namorado zeloso era difícil.

Usando os pés, comecei a puxar a calça cinza que vestia, liberando meu corpo do tecido também e deitando-me sobre minha garota.

— Sai de cima de mim, Benjamin, porque já tem alguns dias que eu estou doida pra chupar você — falou, puxando os fios de cabelo da nuca, forçando-me a encará-la.

— Não precisa...

— Eu quero. — Ela mordeu minha orelha de maneira sensual. — Estou com saudade do seu gosto também.

Caralho, aquela garota ia foder a minha mente.

Chiara passou a língua pelos lábios, desvencilhando-se do meu corpo e começando a aproximar-se do meu pau. Ela passou a língua por toda a extensão, brincando com a cabeça, logo depois.

— Caralho, nunca vou me acostumar com essa sua boca. — Prendi seus cabelos em meus dedos. — Eu amo essa boquinha.

Soltei um gemido quando ela fez questão de enfiar toda a extensão em sua boca.

— Eu adoro chupar você — disse, passando as unhas por minhas bolas.

Eu adorava como aquela garota simplesmente se entregava tudo que fazia. A timidez não a alcançava na hora do sexo e Chiara estava sempre disposta a tudo. A sentir tudo, a tentar tudo.

— Sabe o que eu gosto mais do que a visão de você me chupando? — perguntei, com a voz meio falha.

— Não, o quê? — Sorriu, tirando meu pau da boca.

— Quando meu pau está dentro de você. Quando ele incha e suas paredes me pressionam ainda mais, e quando você goza olhando pra mim com esses olhinhos lindos — puxei seu cabelo, trazendo-a para mais perto —, então, vem aqui, porque eu quero muito gozar junto com você, mas com meu pau completamente enterrado em sua boceta receptiva, amor.

Chiara mordiscou meu lábio.

— Que bom que nossos gostos estão bem alinhados então. — Sorriu, colando nossos lábios sem um pingo de suavidade.

Totalmente selvagem.

Eu adorava isso.

Suas mãos buscaram meu corpo com urgência, e eu necessitava dela. Estava doido para me enfiar entre suas pernas e ouvir seus sons.

Minhas mãos acariciaram seus seios até que estivessem entumecidos, os lambi em seguida, atento para captar seus gemidos. Era possível notar o quanto ela me desejava dentro dela. Meu pau inchava, apenas apreciando e provando cada pequeno pedaço da minha garota.

— Por favor — ela pediu, contorcendo o corpo, desejando ser preenchida.

— Fala pra mim o que você quer, amor — sussurrei contra sua pele, vendo-a se arrepiar.

— Quero que você me coma.

Não foi preciso mais nenhuma outra palavra para que eu vestisse a camisinha e estivesse dentro dela no instante seguinte. Ela arqueou o corpo com a invasão choramingando em seguida.

Eu a beijei, sufocando seus gemidos, enquanto sentia suas unhas sendo cravadas em minha pele. Eu amava quando ela fazia aquilo.

Aos poucos, nossos movimentos começaram a se intensificar.

Rápidos e fortes.

Cada vez mais fundo.

Ela choramingava desejando mais, e eu dava.

Sempre daria qualquer coisa que Chiara quisesse.

O mundo inteiro.

Nossos lábios se misturavam em um beijo suave, com tesão, as gotas de suor se formavam, mas não nos importávamos com isso. Com nada além daquela bolha em que estávamos.

Apenas nós dois.

O balançar de nossos corpos seguia. Uma dança única, nossa, que refletia a confiança que tínhamos e o amor um pelo outro. Entre gemidos, promessas e dois corações que escolheram se amar por cada segundo. Sem se importar com o tempo.

— Chi — murmurei, mordiscando seus lábios. — Eu vou...

— Eu também — ela disse, com a voz indicando que estava mesmo próximo.

Enquanto estocava contra minha garota com mais força, me concentrava em seus sons, nas batidas de seu coração, na maneira como sua boceta indicava que estava chegando lá.

Não demorou até gozarmos, juntos.

Nossas respirações sôfregas misturadas.

E eu sabia que jamais me arrependeria daquela decisão: A de viver todos os meus dias dando o melhor de mim, para que fosse o melhor dia da vida dela.

E não era um sacrifício, como ela achou, inicialmente. Era amor. Um amor que, sem dúvidas, seria inesquecível.



Agradecimentos

Olá a você que chegou até aqui!

Queria agradecer imensamente pela companhia.

Obrigada de todo coração.

Espero que tenha se apaixonado pela história de Benjamin e Chiara. Eles dois foram meus companheiros em uma longa jornada.

A anemia falciforme atinge pessoas de maneiras diferentes. Alguns de maneira mais intensa, outras de forma mais branda. Foi um desafio estudar mais a respeito desse assunto tão doloroso, e gostaria de reiterar algo importante: VIVA A CIÊNCIA!

Felizmente, através dela, é possível buscar formas de melhorar a condição de vida de pessoas que portam doenças como a AF, câncer, HIV, entre outros. Um país que investe em ciência e educação é um país que investe no futuro.

Automedicação é um assunto sério.

Por vezes vamos encontrar um conselho de alguém sobre uma medicação que pode ajudar em sintomas específicos. Entretanto, ao invés de um alívio imediato para algum sintoma, pode trazer graves consequências.

E, por fim, mas não menos importante: Cuidar da saúde mental é fundamental para as nossas vidas. Uma mente tranquila resulta em uma vida tranquila.

Se puder fazer apenas um pedido, por favor, por favorzinho, deixa uma avaliação pra mim? Ficarei muito grata!

E se quiser me chamar pela DM ou no WhatsApp, eu vou amar te ouvir.

Obrigada pela confiança em meu trabalho.

Beijos,

Ray.

[1] Dr. Dolittle

[2] Termo utilizado no Futebol Americano que quer dizer Descida.

[3] Termo do futebol americano que significa segunda descida

[4] Dirija através da lavagem de carro

[5] Ritalina. Medicação utilizada para o tratamento de TDAH. Usado como droga por muitas pessoas por causarem um efeito de euforia e aumenta o poder de concentração.